

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**Instituto de Educação**



**Preservando a memória e buscando novos sentidos.  
História do Colégio Notre Dame de Campinas e bases para um  
Centro de Memória Escolar**

**Isabela Cristina Salgado**

Orientador: Prof. Doutor Justino Pereira de Magalhães

**Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Educação na  
especialidade de História da Educação**

**2021**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**Instituto de Educação**



**Preservando a memória e buscando novos sentidos.  
História do Colégio Notre Dame de Campinas e bases para um  
Centro de Memória Escolar**

**Isabela Cristina Salgado**

Orientador: Prof. Doutor Justino Pereira de Magalhães

**Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Educação na  
especialidade de História da Educação.**

Júri: Presidente: Doutora Maria Natália de Carvalho Alves, Professora Associada e membro do Conselho Científico do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa;

Vogais:

- Doutor Mauro Castilho Gonçalves, Professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil;
- Doutor David Miguel de Oliveira Cabral Tavares, Professor Coordenador da Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Instituto Politécnico de Lisboa;
- Doutor Justino Pereira de Magalhães, Professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, orientador;
- Doutor Joaquim António de Sousa Pintassilgo, Professor Associado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa,
- Doutora Ana Isabel da Câmara Dias Madeira, Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.



*Se as lembranças às vezes afloram, ou emergem, é quase sempre como uma tarefa,  
uma paciente reconstituição.*

/

*A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento (...).  
Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.*

**Ecléa Bosi, Memória e Sociedade: lembranças de velhos, 1979.**

**Para Fernando Salgado, meu amado filho.**



## **AGRADECIMENTOS**

Quando me propus a realizar um Doutorado, sequer imaginei quantas pessoas cruzariam o meu caminho, e como cada uma delas traria sua colaboração neste projeto. De pequenos apontamentos até sugestões mais abrangentes, essas pessoas me ajudaram a ladrilhar o caminho. Hoje posso dizer que escrever uma Tese é seguir uma trajetória, com método, e que nunca estaremos sozinhos.

Gostaria de agradecer primeiramente ao Professor Doutor Justino Pereira de Magalhães, orientador científico desta Tese, mas não só. No primeiro ano de trabalho (2015-2016), eu estava em Lisboa e pude participar de eventos e jornadas junto com o Professor, o que me deu a oportunidade de conhecer melhor a sua forma de trabalhar. Suas considerações foram muito importantes para a construção desta narrativa e pela nova maneira como eu passei a enxergar a educação, que sim, é um projeto social, mas antes, uma construção pessoal, um percurso de responsabilização e subjetivação. Muito obrigada Professor, por sua orientação, paciência e sensibilidade.

Agradeço aos professores do curso e aos funcionários do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, que sempre me receberam com atenção e disposição. Um agradecimento especial à Professora Dra. Áurea Adão, que desde o início do projeto chamou a minha atenção para o desafio de se estabelecer uma zona de intersecção entre a Instituição Educativa e o Arquivo. Eu acredito que consegui identificar as especificidades, e os pontos em comum entre estes dois produtos da educação, e ao fazer a mediação destes com a memória, encontrar o sentido deste trabalho.

Aos que concederam entrevistas nesta pesquisa, eu gostaria de agradecer a disponibilidade e as horas que passamos juntos. Após muitos anos sem contato, falar sobre a Instituição que frequentamos nos trouxe muitas lembranças: em algumas destas memórias me reconheci, já em outras não, pois apesar de sempre buscarmos unidade na identidade, acredito que esta se faz essencialmente de diferenças. Uma das compensações em produzir entrevistas é que estas nos permitem saber, das próprias pessoas, como elas viveram e elaboraram suas experiências, seus aprendizados, o porquê de algumas escolhas e decisões, e outras não. Percorremos juntos este

caminho, entrevistadora e entrevistados, utilizando a metodologia e as técnicas da História Oral. Não tive como objetivo transformar estas narrativas num retrato fiel do passado da escola, que conheço tão bem. Para mim o importante foi compreender, através desta construção, o que é possível ocorrer em determinado grupo, sem esgotar todas as possibilidades.

Agradeço aos professores entrevistados, Ivan Lotti Craveiro (*in memoriam*), Professor de História do Colégio Notre Dame, Astrid Nilsson Sgarbieri, Professora de Inglês, João Baptista da Silva Carvalho, Professor de Matemática, Luiz Antônio Razera, Professor de Gramática, Maria Elizabeth Olmos Borges, Professora da Educação Infantil, Hernani Godoy Júnior, Professor da Educação Física, Marcos Perin, Professor da Escola de Esportes, Thiers Camargo Leite Júnior, Professor de Teatro e Sandra Manzato, Professora de Artes.

Aos alunos e alunas Alice Lobo Paes, Ângela Regina Gonçalves Tiziani, Nysten Andrade de Macedo, Cleso José Mendes de Castro Andrade, Ricardo Ribeiro Gudwin, Erica Helen Olmos Pereira, Maria Cecília Pires de Campos, Adriana Abdalla, José Zakia, Aquiles Magnani Júnior, Carolina Gorsin Cunha do Amaral e Etoile de Castro Shaw, sou muito grata pelas entrevistas. Agradeço ainda aos demais alunos e alunas que responderam ao questionário encaminhado via e-mail, que também muito contribuíram para a composição deste trabalho.

Aos funcionários do Colégio Notre Dame, principalmente ao Diretor Lorenzo Jungklaus, que também concedeu o seu depoimento para esta pesquisa, muito obrigado pelo carinho e atenção. À Iná Paula Maciel de Souza, Secretária da Direção, à Cláudia Alice Peria Saron, Secretária do Colégio, à Sônia Gomes Pereira e Helen Cristina Cardoso, Bibliotecárias e Célia Regina Candreva Mariano, da Comunicação Social, eu agradeço as inúmeras vezes que vocês abriram as portas dos arquivos, das salas e da biblioteca, pela confiança, e por me fazerem sentir, ainda hoje, uma aluna do Colégio Notre Dame de Campinas.

Aos meus amigos é muito difícil expressar o quanto vocês foram importantes neste processo. Cada um, a sua maneira, acompanhou tudo com muito carinho, torcendo sempre. Um agradecimento especial à Rosângela Gomes. Agradeço a minha sobrinha, Adriana Maria Salgado Adani, que acreditou no projeto em todos os momentos. Minha eterna gratidão a todos os meus familiares.





## RESUMO

Esta Tese teve como objetivo principal compreender em que medida um Centro de Memória escolar, a partir da reconstrução histórica da instituição, sua reescrita, da identificação, arranjo e inventário das fontes históricas localizadas nos arquivos da escola - assim como o registro dos depoimentos e memórias de professores e alunos, através da metodologia da História Oral - possibilita-nos reunir e transmitir o conhecimento acumulado, e desta forma dar novos sentidos à instituição, como um legado para as novas gerações da comunidade escolar e para a própria instituição. Partimos da premissa de que um Centro de Memória, enquanto espaço de construção de sentidos, de narrativas, de conhecimentos, de novos valores e símbolos, contribui para que a memória individual possa ser transformada em memória coletiva, e o arquivo ser reconhecido como fonte de história.

O Colégio Notre Dame é um estabelecimento particular, católico e vinculado ao sistema estadual de ensino. Motivado pelo carisma do fundador da Congregação de Santa Cruz, o Beato francês Basile Antoine Moreau, o Irmão Paulo Francis Schaefer, norte-americano, fundou o Colégio em 11 de dezembro de 1961. O objetivo dos religiosos inicialmente foi promover a instrução e a educação integral do educando. Em regime de semi-internato, além do desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos, o Colégio deu ênfase à sua formação física, artística e religiosa. A instrução tinha como meta transmitir conhecimentos específicos e habilidades; a educação almejava fomentar valores, atitudes e comportamentos que empregassem aqueles conhecimentos e aquelas habilidades adequada e produtivamente. Empenharam-se em formar “jovens líderes cristãos para um Brasil novo”, nas palavras do fundador.

Desde 1996, a direção do Notre Dame é exercida por educadores laicos, e a principal finalidade de seu projeto educativo é a excelência acadêmica nos resultados e a expansão das perspectivas e das fronteiras do processo de aprendizagem. Com esse intuito, além das aulas realizadas no período regular, os alunos contam com uma Escola de Esportes, com um Centro de Cultura e Arte (CECAND), que juntos oferecem aproximadamente 40 modalidades de cursos extracurriculares. O aluno do Notre Dame ainda tem a possibilidade de obter o diploma do Ensino Médio norte-americano, através do curso High School, oferecido pela escola.

Em termos acadêmicos, esta pesquisa é uma investigação que está no domínio da História das Instituições Educativas. Estas, que são meios de transmissão de conhecimento e de cultura, estão na base da História da Educação. Além do levantamento da bibliografia que aborda a temática, busquei reunir novas fontes de informação sobre o Colégio, que foram identificadas nos arquivos da instituição e nas entrevistas realizadas com alunos e professores. Estas ações trouxeram a instituição para uma posição de grande centralidade na compreensão dos fenômenos educativos, no entendimento dos processos de socialização das novas gerações, das mudanças ao longo do tempo, de suas transformações e adequações, o que ampliou a importância da instituição nesta investigação e fundamentou esta Tese.

**Palavras-chave:** Colégio Notre Dame de Campinas; História da Educação; Instituição Educativa; Centro de Memória; História Oral; Biografias Escolares.

## ABSTRACT

This thesis had as main objective to understand to what extent a school Memory Center, from the historical reconstruction of the institution, its rewriting, the identification, arrangement and inventory of the historical sources located in the school archives - as well as the record of the testimonies and memories of teachers and students, through the methodology of Oral History - allows us to gather and transmit the accumulated knowledge and thus give new meanings to the institution, as a legacy for the new generations of the school community and for the institution itself. We start from the premise that a Memory Center, as a space for the construction of meanings, narratives, knowledge, new values and symbols, contributes so that individual memory can be transformed into collective memory and the archive be recognized as a source of history.

Notre Dame is a private school, catholic, linked to the state education system. Motivated by the charism of the founder of the Congregation of Holy Cross, the Blessed French Basile Antoine Moreau, Brother Paul Francis Schaefer, American, founded the College on December 11, 1961. The objective of the religious was initially to promote instruction and integral education of the student. In a semi-boarding school, in addition to the students' intellectual, social and moral development, the College emphasized their physical, artistic and religious training. The instruction was aimed at imparting specific knowledge and skills; education aimed to foster values, attitudes and behaviors that used that knowledge and skills appropriately and productively. They endeavored to train “young Christian leaders for a new Brazil”, in the words of the founder.

Since 1996, the direction of Notre Dame has been carried out by secular educators, and the main use of their educational project is academic excellence in outcomes and expanding perspectives and boundaries of the learning process. For this purpose, in addition to regular classes, students have a Sports School, a Culture and Art Center (CECAND), which together offer approximately 40 classes of extracurricular courses. The student of Notre Dame still has the possibility of accomplishing the North American High School, offered by the school.

In academic terms, this research is an investigation that is in the domain of the History of Educational Institutions. These, which are means of transmitting knowledge and culture, are at the basis of the History of Education. In addition to the survey of the bibliography that addresses the theme, I sought to gather new sources of information about the College, which were identified in the institution's archives and in the production of interviews with students and teachers. These actions brought the institution to a position of great centrality in understanding the educational phenomena, the socialization processes of the new generations, the changes over time, their transformations and adaptations, which increased the importance of the institution in this investigation and justified this Thesis.

**Keywords:** Colégio Notre Dame de Campinas; Education History; Educational Institution; Memory Center; Oral History; School Biographies.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                                               |          |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                                                                       | <b>1</b> |            |
| <br><b>CAPÍTULO 1: A POSSIBILIDADE DE UMA NOVA LEITURA E A REESCRITA DA HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA</b>                                                                             |          |            |
| 1.1. OS ARQUIVOS E SUAS FONTES DOCUMENTAIS.....                                                                                                                                               | 9        |            |
| 1.2. SOBRE OS CONCEITOS E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO .....                                                                                                                              | 15       |            |
| 1.3. METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL E TRABALHO COM AS ENTREVISTAS                                                                                                                               | 21       |            |
| <br><b>CAPÍTULO 2: TRAJETÓRIA DO COLÉGIO NOTRE DAME DE CAMPINAS (1961-2018)</b>                                                                                                               |          |            |
| 2.1. SOBRE A CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ E O ESTABELECIMENTO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO NO BRASIL .....                                                                                          | 24       |            |
| 2.2. A SEDE PROVISÓRIA DO NOTRE DAME EM SOUSAS, A AQUISIÇÃO DO TERRENO EM CAMPINAS E A FUNDAÇÃO DO GINÁSIO EM 1961. ....                                                                      | 37       |            |
| 2.3. OS PRIMEIROS ANOS DE FUNCIONAMENTO DO GINÁSIO E O ESTABELECIMENTO DO COLÉGIO EM 1966.....                                                                                                | 48       |            |
| 2.4. A ENTRADA DAS MENINAS NO NOTRE DAME (1968), O ANIVERSÁRIO DE 10 ANOS DA INSTITUIÇÃO (1971) E O RECONHECIMENTO DA ESCOLA (1980).....                                                      | 56       |            |
| 2.5. O CRESCIMENTO DA INSTITUIÇÃO NAS DÉCADAS DE OITENTA E NOVENTA E A ENTRADA DOS LEIGOS NA DIREÇÃO DA ESCOLA (1996). ....                                                                   | 62       |            |
| <br><b>CAPÍTULO 3: O MODELO EDUCATIVO DO COLÉGIO NOTRE DAME DE CAMPINAS: AS CARACTERÍSTICAS ORGANIZACIONAIS E DA CULTURA ESCOLAR (ESTRUTURA FÍSICA, ADMINISTRATIVA, SOCIAL E PEDAGÓGICA).</b> |          |            |
| 3.1. A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO, A IMPLANTAÇÃO DOS CURSOS E AS DIVERSAS AMPLIAÇÕES: AS PRINCIPAIS MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA FÍSICA DO NOTRE DAME (1961-2018). ....                               | 71       |            |
| 3.2. A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA .....                                                                                                                                                         | 86       |            |
| 3.3. A ESTRUTURA SOCIAL .....                                                                                                                                                                 | 89       |            |
| 3.4. A ESTRUTURA PEDAGÓGICA .....                                                                                                                                                             | 94       |            |
| 3.5. OS FUNDAMENTOS DO PROJETO EDUCATIVO DO COLÉGIO NOTRE DAME NA ATUALIDADE .....                                                                                                            | 101      |            |
| <br><b>CAPÍTULO 4: PRESERVAR PARA HISTORiar. A CRIAÇÃO DAS BASES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM CENTRO DE MEMÓRIA ESCOLAR .....</b>                                                                 |          | <b>107</b> |
| 4.1. SOBRE OS ARQUIVOS, SEUS DOCUMENTOS E AS FONTES HISTORIOGRÁFICAS.....                                                                                                                     | 108      |            |
| 4.2. A METODOLOGIA E AS FASES DE CONSTITUIÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DO COLÉGIO NOTRE DAME.....                                                                                                 | 112      |            |

|                                                                                                                    |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 4.3. DESCRIÇÃO DAS FASES DE IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA.....                                                  | 114 |
| 4.3.1. Levantamento Histórico e Análise da Produção Documental (Fase 1) .....                                      | 114 |
| 4.3.2. Prospecção dos documentos de valor histórico/permanente (Fase 2) .....                                      | 114 |
| 4.3.3. Organização dos conjuntos documentais: cadastro, arranjo e descrição das séries documentais (Fase 3). ..... | 115 |

|                                                                                                                               |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>CAPÍTULO 5: UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL. OLHAR DOS QUE VIVERAM A INSTITUIÇÃO EDUCATIVA – BUSCANDO NOVOS SENTIDOS.....</b> | <b>122</b> |
| 5.1. AS ETAPAS DO TRABALHO E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....                                                                | 129        |
| 5.2. A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS EX-ALUNOS E EX-PROFESSORES DO COLÉGIO NOTRE DAME DE CAMPINAS.....            | 133        |
| 5.2.1. A perspectiva dos ex-alunos do Colégio Notre Dame.....                                                                 | 134        |
| 5.2.2. A perspectiva dos educadores.....                                                                                      | 140        |
| <b>CONCLUSÃO: MEMÓRIA(S) E HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA.....</b>                                                         | <b>147</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                                                                       | <b>151</b> |
| APÊNDICE A — As entrevistas na íntegra: Ex-alunos e Ex-Professores.....                                                       | 156        |

## ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

|                                                                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 — A Igreja Católica em Campinas: Obras Educacionais e as Congregações Religiosas (1892-2018). .....                             | 30  |
| Quadro 2 — Diretores / Prefeitos / Assessores. ....                                                                                      | 87  |
| Quadro 3 — Quadro Geral do Currículo - Disciplinas/Total de aulas ministradas no Curso Ginásial, 1963.....                               | 96  |
| Quadro 4 — Disciplinas ministradas no Curso de 1º Grau, a partir de 1972 .....                                                           | 97  |
| Quadro 5 — Disciplinas Ministradas no Ensino de 2ª Grau, 1984. ....                                                                      | 99  |
| Quadro 6 — Alunos e alunas do Notre Dame: as primeiras impressões sobre a vivência no Colégio registradas na planilha do GoogleDocs..... | 123 |
| Quadro 7 — Roteiro de entrevista com ex-alunos do Colégio Notre Dame (egressos).....                                                     | 129 |
| Quadro 8 — Roteiro de entrevista com ex-professores do Colégio Notre Dame.....                                                           | 130 |
| Quadro 9 — Modelo de Ficha de Identificação do Entrevistado.....                                                                         | 131 |
| Quadro 10 — Modelo de Ficha Técnica da Entrevista.....                                                                                   | 132 |
| Quadro 11 — Modelo de Carta de Cessão. Autorização para Uso da Imagem, Áudio, Dados Pessoais e Biográficos.....                          | 133 |
| Tabela 1.....                                                                                                                            | 93  |

## ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

|                                                                                                                                                                      |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Fotografia 1 — Emblema da Congregação de Santa Cruz (CSC), 2017.....                                                                                                 | 25 |
| Fotografia 2 — Os Irmãos Jaime Walter, Gerardo Green, Ricardo Grejczyk, Paulo Francis Schaefer. Santarém – Pará, 1951.....                                           | 27 |
| Fotografia 3 — Ir. Paulo Francis Schaefer. Fundador do Colégio Notre Dame. ....                                                                                      | 27 |
| Fotografia 4 — Vista aérea de Campinas, 1958.....                                                                                                                    | 29 |
| Fotografia 5 — Anúncio do Curso de Admissão, 1960. ....                                                                                                              | 40 |
| Fotografia 6 — Certificado de Aprovação do Curso de Admissão, 1962.....                                                                                              | 41 |
| Fotografia 7 — Assinatura do contrato de construção do Colégio. Ao centro Ir. Paulo Schaefer, ao lado de Alfredo Rubens Genari e João Somogyi, novembro de 1960..... | 43 |
| Fotografia 8 — Sede provisória do Ginásio Notre Dame em Sousas, 1961. ....                                                                                           | 44 |
| Fotografia 9 — Alunos da 1º Turma do Ginásio, 1961. ....                                                                                                             | 44 |
| Fotografia 10 — Alunos da 1º Turma do Ginásio, 1961. ....                                                                                                            | 45 |
| Fotografia 11 — Os primeiros alunos matriculados. Festa de São José, 19/03/1961. ....                                                                                | 45 |
| Fotografia 12 — Corte da fita inaugural do Ginásio, 1º de maio de 1962. ....                                                                                         | 47 |
| Fotografia 13 — Benção de Inauguração dos pavilhões, 1º de maio de 1962.....                                                                                         | 48 |
| Fotografia 14 — Jardineira da "Viação Lício" utilizada no transporte dos alunos, 1962. ....                                                                          | 49 |
| Fotografia 15 — Folheto de Divulgação do Colégio Notre Dame.....                                                                                                     | 50 |
| Fotografia 16 — Flâmula do Colégio "Os Cavalheiros do Futuro". ....                                                                                                  | 51 |
| Fotografia 17 — Turma de alunos em sala de aula, 1962. ....                                                                                                          | 54 |
| Fotografia 18 — Visita dos alunos e Ir. Paulo Francis Schaefer à Universidade Notre Dame em South Bend, Indiana – Estado Unidos, 1966.....                           | 55 |
| Fotografia 19 — A partir de 1968 a frequência passa a ser mista.....                                                                                                 | 57 |
| Fotografia 20 — Peça do uniforme feminino idealizado pelas mães das alunas. ....                                                                                     | 57 |
| Fotografia 21 — Ir. Pedro Celestino Maranto. Diretor do Colégio Notre Dame (1969 a 1995). ....                                                                       | 58 |
| Fotografia 22 — Ir. Paulo com alunas e professoras da Educação Física, 1976.....                                                                                     | 60 |
| Fotografia 23 — Pista de Atletismo construída entre 1974 e 1975.....                                                                                                 | 61 |
| Fotografia 24 — Ginásio de Esportes, 1984. ....                                                                                                                      | 63 |
| Fotografia 25 — Inauguração do Ginásio de Esportes com turma de formandos, 1984.....                                                                                 | 63 |
| Fotografia 26 — Retiro Espiritual de alunos na cidade de Vinhedo – São Paulo. Década de 1980. ....                                                                   | 66 |
| Fotografia 27 — Convite da Festa da Primavera "20º Aniversário" do Notre Dame, 1981. ..                                                                              | 69 |
| Fotografia 28 — Turma do curso de biológicas (2º Grau), 1984. ....                                                                                                   | 69 |
| Fotografia 29 — Vista aérea, 1962.....                                                                                                                               | 72 |
| Fotografia 30 — Vista aérea, 1973.....                                                                                                                               | 72 |
| Fotografia 31 — Vista aérea, 2017. O Colégio está situado entre a Rodovia Heitor Penteado e Rodovia Dom Pedro I.....                                                 | 73 |
| Fotografia 32 — Projeto Arquitetônico do Edifício I do Ginásio Notre Dame, 1961. ....                                                                                | 74 |
| Fotografia 33 — Obras de construção do Ginásio Notre Dame, 1961.....                                                                                                 | 74 |

|                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Fotografia 34 — Trabalhadores na construção do Ginásio Notre Dame, 1961. ....        | 75 |
| Fotografia 35 — Campo de terra onde os alunos praticavam Educação Física, 1962. .... | 76 |
| Fotografia 36 — Edifício da Administração do Colégio Notre Dame, 1973. ....          | 77 |
| Fotografia 37 — Edifício Irmão André, 1983. ....                                     | 80 |
| Fotografia 38 — Projeto de Execução do Ginásio de Esportes, novembro de 1983.....    | 80 |
| Fotografia 39 — Edifício da Pré-Escola, 1984. ....                                   | 80 |
| Fotografia 40 — Edifício do Ensino Fundamental inaugurado em 2016.....               | 82 |
| Fotografia 41 — Sala de aula da Educação Infantil, 2017. ....                        | 83 |
| Fotografia 42 — Edifício do Notre Dame Júnior, 2017.....                             | 83 |
| Fotografia 43 — Minicidade. Notre Dame Júnior, 2017.....                             | 83 |
| Fotografia 44 — Biblioteca do Colégio Notre Dame, 2017.....                          | 84 |
| Fotografia 45 — Cantina, 2017. ....                                                  | 84 |
| Fotografia 46 — Campo de futebol, 2017.....                                          | 85 |
| Fotografia 47 — Edifício do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, 2017.....          | 85 |
| Fotografia 48 — Sede da Congregação de Santa Cruz no Brasil, 2017.....               | 86 |



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|               |                                                                                           |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| ABHO          | Associação Brasileira de História Oral                                                    |
| AEC           | Associação de Educadores Católicos                                                        |
| AEXA          | Associação de Ex-Alunos do Colégio Notre Dame                                             |
| APM           | Associação de Pais e Mestres                                                              |
| CBDOC         | Centro de Biblioteca e Documentação do CRE                                                |
| CECAND        | Centro de Cultura e Arte do Colégio Notre Dame                                            |
| CECOIA        | Centro Comunitário Irmão André                                                            |
| CEMAH         | Centro de Memória e Acervo Histórico do CRE                                               |
| CME/FEUSP     | Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP                                         |
| CMEFE/UNICAMP | Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp                                     |
| CNBB          | Confederação Nacional dos Bispos do Brasil                                                |
| CND           | Colégio Notre Dame de Campinas                                                            |
| CNPq          | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico                             |
| CPDOC         | Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil                     |
| CRE           | Centro de Referência em Educação Mário Covas                                              |
| CSC           | Congregação de Santa Cruz                                                                 |
| EFAP          | Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo |
| FAPESP        | Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo                                      |
| FENEN         | Federação Nacional de Estabelecimentos de Ensino                                          |
| HISTEDBR      | Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"                   |
| JOC           | Juventude Operária Católica                                                               |
| JUC           | Juventude Universitária Católica                                                          |
| LDB           | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                                            |
| MEC           | Ministério da Educação e Cultura                                                          |
| PCN           | Parâmetros Curriculares Nacionais                                                         |
| PUC/SP        | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo                                             |
| PUCCAMP       | Pontifícia Universidade Católica de Campinas                                              |

|         |                                                  |
|---------|--------------------------------------------------|
| RMC     | Região Metropolitana de Campinas                 |
| SEE/SP  | Secretaria Estadual de Educação                  |
| SIARQ   | Arquivo Central do Sistema de Arquivos - UNICAMP |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas                |
| USP     | Universidade de São Paulo                        |

## INTRODUÇÃO

Desde a graduação no Curso de História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), que iniciei em 1987, participei de projetos que tiveram como objetivo principal a organização de arquivos históricos, ora de instituições educativas como o Centro de Documentação da PUC/SP (CEDIC) e o Arquivo Edgard Leuenroth na Unicamp (AEL), ora de organizações empresariais como a Natura Cosméticos, a Brasmotor S.A., a Multibrás Eletrodomésticos/Whirlpool Corporation (donas das marcas Brastemp, Consul, Semer e Embraco) e a Construtora Camargo Corrêa. Enquanto aluna e estagiária na PUC/SP, eu participei da microfilmagem do acervo histórico da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e ainda atuei como bolsista do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) na pesquisa sobre a atuação da Juventude Operária Católica (JOC) e da Juventude Universitária Católica (JUC) no Brasil<sup>1</sup>. Estes projetos me aproximaram da arquivologia, assim como de seus profissionais, o que não era habitual na época, pois a maioria dos estudantes de graduação buscava realizar estágios em instituições de ensino, com o objetivo de ingressar no magistério.

A experiência no trabalho com os arquivos de empresas e demais instituições, a prática de entrevistas de histórias de vida, possibilitaram que eu acompanhasse a formação de um novo campo de atuação: começavam a surgir os historiadores da memória empresarial e institucional, área que escolhi para exercer minha profissão. No início da década de 1990, vários fundadores de empresas brasileiras, preocupados com a memória de suas companhias e com a perda do conhecimento desenvolvido e acumulado por suas organizações - devido principalmente à rotatividade de seus funcionários - sentiram a necessidade de registrar este conhecimento, e assim transmitir este legado para as novas gerações de empregados e também para os seus herdeiros. Deram início então à contratação de equipes formadas por historiadores, arquivistas, bibliotecários, cientistas da informação, cientistas sociais – muitas vezes de jornalistas - para a elaboração de livros sobre a história de suas empresas, para a constituição de centros de documentação e memória, além da salvaguarda, tratamento e restauro de diversos tipos de documentos. As entrevistas com antigos funcionários e outras pessoas consideradas relevantes

---

<sup>1</sup>O projeto resultou na publicação do Inventário do Fundo JOC. Inventário Juventude Operária Católica: Acervo do Instituto Nacional de Pastoral - CNBB/ Coord. Yara A. Khoury. São Paulo: Com-Arte: PUC/CEDIC, 1991. 158p. (Coleção Memória, Documentação e Pesquisa, nº 2).

para a história das companhias foi uma prática muito valorizada e utilizada nos projetos desenvolvidos.

Em 2008, após muitos anos desenvolvendo projetos em empresas e instituições de ensino, em São Paulo e Campinas, realizei um trabalho num dos colégios particulares mais tradicionais de Campinas: o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que foi fundado em 1909 por irmãs calvarianas francesas. Era a primeira vez que eu me deparava com o arquivo de uma instituição escolar. Foram 12 meses identificando as fontes, estudando a documentação e consequentemente os cem anos da História da Educação Brasileira, trabalho que resultou em publicação sobre o centenário da escola, e ainda no meu projeto de Mestrado na Faculdade de Educação da Unicamp, no Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – o HISTEDBR. A dissertação foi realizada entre 2009 e 2011, e teve como principal objetivo compreender a necessidade e a singularidade da instalação do Coração de Jesus no contexto educacional da cidade, e sua articulação com o contexto sociopolítico e econômico no período da Primeira República brasileira (1889-1930).

Adentrar no arquivo do Coração de Jesus trouxe a possibilidade de dialogar também com as irmãs da França, e assim descobrir que estas guardavam um material muito rico sobre a escola. Entre muitos documentos que estavam em Gramat (Sede da Congregação), localizei um conjunto de fotografias da construção do Colégio em Campinas. No arquivo do Porto de Marselha, identifiquei a fotografia do navio que trouxe as primeiras irmãs ao Brasil. A descoberta destes documentos, que não eram do conhecimento das irmãs brasileiras, comprovam que as fontes sobre uma instituição estão armazenadas em vários “lugares”. Se pretendemos conhecer a fundo a história de uma instituição educativa, é necessário promover o diálogo entre estas diversas fontes de informação, entre estes diversos “lugares de memória”, assim como promover o acesso a estes acervos, sua organização e posterior divulgação para a pesquisa científica.

Em 2011, outro colégio relevante na história da educação campineira completou 50 anos: o Colégio Notre Dame (CND), que foi fundado por irmãos norte-americanos da Congregação de Santa Cruz (CSC). Para comemorar a data foram realizadas festividades e lançadas duas publicações sobre a trajetória da instituição. Reunir a documentação para a elaboração dos livros não foi uma tarefa simples: ex-professores, ex-alunos e suas famílias

foram acionados para conceder informações e também documentos sobre sua passagem pelo Colégio. A dificuldade em reunir este material para a elaboração dos livros levou o Diretor do Colégio, Lorenzo Jungklaus, e a Associação de ex-alunos (AEXA), da qual faço parte, a pensar na organização dos arquivos do Notre Dame. Desta forma, a partir de outubro de 2014, demos início à identificação e avaliação dos documentos de valor histórico localizados nos arquivos da escola. O principal objetivo desta iniciativa é, futuramente, disponibilizar este acervo à comunidade escolar, através da criação de um Centro de Memória. Portanto, foi a partir do levantamento da história do Notre Dame, sua reescrita, da identificação e avaliação de suas fontes históricas (documentos de valor permanente), que surgiu a ideia desta Tese de Doutorado.

**Justificativa.** Desde o final dos anos de 1980, os estudos sobre as instituições educativas vêm buscando superar as análises já consagradas da externalidade dos processos educativos. Gradativamente e com grande avanço nas últimas décadas, estes estudos começaram a discutir a importância das fontes históricas (primárias e secundárias), dos arquivos escolares, suas funções educativas, assim como a importância da organização e disponibilização destes acervos para as investigações realizadas em História da Educação. No Brasil, diversos grupos de pesquisadores de vários estados deram início a projetos que buscaram compreender e organizar estes arquivos, com trabalhos de qualidade, com o objetivo de preencher a lacuna de publicações no assunto. No entanto, houve um refluxo nos últimos anos nas publicações referentes a organização de acervos escolares, o que motivou-me a investigar o assunto e a realizar esta pesquisa.

O **Objetivo Principal** desta Tese consistiu em compreender em que medida a organização de um Centro de Memória escolar, a partir da reconstrução histórica da instituição, sua reescrita, da identificação, do arranjo e catalogação da documentação histórica localizada nos arquivos da escola, possibilita-nos reunir e transmitir o conhecimento acumulado pela escola, e desta forma dar novos sentidos a instituição, como um legado, uma herança para as novas gerações da comunidade escolar e para a própria instituição. Partimos da premissa de que um Centro de Memória, enquanto espaço de construção de sentidos, de narrativas, de conhecimentos, de novos valores e símbolos, contribui para que a memória individual possa ser transformada em memória coletiva, e o arquivo ser reconhecido como fonte de história. Sendo assim, definimos um Centro de Memória como o espaço institucionalizado responsável pelo

resgate, tratamento, armazenamento e disponibilização da documentação histórica de uma instituição a toda comunidade envolvida.

Ainda, todo o trabalho desenvolvido nos arquivos do Colégio comprovou, pela variedade de documentos, pela sistematicidade das séries documentais, pela densidade das informações, pelas características singulares da presença do Notre Dame na cidade de Campinas – considerando o contexto social, político, econômico e cultural, ou seja, a totalidade - que o acervo de documentos é representativo e relevante historicamente. Representativo na medida em que reflete a complexidade e a singularidade da instituição, e nos revela sua identidade e o seu movimento real na sociedade onde está inserido; significativo na medida em que permiti compreender o passado da instituição através do acesso às fontes, base da produção historiográfica.

Quando iniciei o trabalho no Colégio Notre Dame, a escola já possuía algumas publicações que contavam sua trajetória. Apesar dos livros conterem uma série de informações relevantes sobre a instituição, avalei que a documentação dos arquivos ainda merecia uma consulta minuciosa, a fim de aprofundarmos o conhecimento sobre a história da instituição. As entrevistas de história oral com ex-alunos e ex-professores trouxeram aspectos peculiares, percepções dos sujeitos que não encontramos em outros tipos de documentos. Foram fundamentais para compreendermos como a instituição influenciou na trajetória de vida dos egressos, e como permaneceu, através de valores e princípios transmitidos. Desta forma, o contato com os arquivos, suas fontes, e com as pessoas que frequentaram a instituição, possibilitou que eu elaborasse novas questões sobre a história da escola e fizesse uma nova leitura de sua trajetória. Estas questões foram definidas como os **Objetivos Gerais** desta investigação, elencados a seguir:

1) Conhecer a trajetória de uma instituição educativa, a sua cultura escolar, através da identificação e organização de sua documentação histórica, armazenada em diferentes arquivos do colégio, compreendidos enquanto espaços de memória, de saber, de conhecimento, possibilitando perceber a escola como gestora de uma cultura própria, constituída por e constituinte também da cultura social. Falar da cultura escolar é dar conta do seu espaço físico, do seu modelo educativo, de sua estrutura organizacional, pedagógica, social, que caracterizam

e qualificam esse lugar. Esta materialidade, todavia, importa para a compreensão das práticas pedagógicas e representações dos sujeitos, e não em sua substituição.

2) Compreender o sentido e a singularidade da instalação do Colégio Notre Dame em Campinas, quais eram os anseios da Congregação de Santa Cruz ao instalar colégios no Brasil. A fundação do Notre Dame coincide com o período no qual a Igreja Católica inaugurou mais escolas no Brasil, buscando se renovar pedagogicamente na esteira do conflito entre escola pública versus escolas particulares - estas principalmente católicas. Inicialmente, os irmãos de Santa Cruz buscaram “vocações” religiosas, através do estabelecimento de paróquias, e posteriormente de instituições de ensino. No início de suas atividades, o Notre Dame era a única escola católica de origem norte-americana do interior do Estado de São Paulo. Este fato atraiu a elite econômica local, que buscava uma formação diferenciada para os seus filhos. Como se deu o processo de atração e seleção de alunos e professores? Quais foram as principais diretrizes do projeto educativo no momento da fundação e quais as principais modificações ao longo dos anos?

3) No que se referem às práticas pedagógicas, as aprendizagens, o planejamento das ações, os estatutos, os currículos, qual era o *modus operandi* da instituição? Uma parte significativa deste trabalho contou com informações colhidas das entrevistas realizadas com os ex-alunos do Colégio, particularmente no que se reporta à memória sobre o cotidiano escolar e à informação sobre os destinos de vida após a saída do Colégio. Como estes indivíduos experimentaram e interpretaram os acontecimentos vividos? Qual o significado deste legado para as atuais gerações? A memória ganha significado como educação histórica. Quais os caminhos possíveis para que se cumpra este desígnio? Em relação aos depoimentos dos ex-professores do Colégio Notre Dame, busquei identificar de que forma os saberes adquiridos em suas trajetórias profissionais constituíram e foram fundamentais para a prática docente.

Esta investigação teve início no ano de 2015, quando fui selecionada para o programa de Doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Desde o início, o planejamento do trabalho previu que as tarefas, nem sempre convergentes, seriam realizadas em espaços distintos, com materiais igualmente distintos. A parte curricular e a revisão documental e bibliográfica foram cumpridas no 1º ano do curso, com presença regular e

obrigatória. A segunda fase do trabalho, que se deu a partir do 2º ano, foi praticamente realizada em Campinas, nos arquivos do Colégio Notre Dame.

Foram realizadas reuniões regulares de orientação e deslocamentos à Universidade de Lisboa, no decorrer da pesquisa. Devo dizer que foi uma Tese bastante dispendiosa em termos financeiros e em fadiga pessoal, quer pelas viagens e logísticas associadas à orientação e à frequência em Lisboa, quer pela organização e exploração dos arquivos no Colégio Notre Dame em Campinas. No entanto, se tivesse que optar, faria novamente, pois acredito que um trabalho dessa magnitude amplia os horizontes de minha trajetória profissional e de vida.

A Tese foi dividida em duas partes. Na primeira parte, no **Capítulo 1** apresento a revisão bibliográfica sobre a temática, com destaque para os projetos desenvolvidos no Estado de São Paulo, e o referencial teórico/conceitos utilizados na investigação. No **Capítulo 2** (A trajetória de uma instituição educativa: o Colégio Notre Dame de Campinas (1961-2018)) fiz o levantamento sobre a história da instituição, analisando os principais momentos de sua evolução desde a fundação. Abordei a criação da escola, as finalidades da Congregação de Santa Cruz ao estabelecer colégios no Brasil, assim como o crescimento da escola e os cursos implantados, do Curso de Admissão ao Ensino Médio High School.

No **Capítulo 3**, a fim de compreender o modelo educativo do Colégio Notre Dame examinamos as características organizacionais da instituição, com base em quatro categorias de análise: a estrutura física da escola (o espaço escolar, a arquitetura do edifício, suas remodelações, adaptações e ampliações); a estrutura administrativa (o seu modelo de gestão, competências, as funções de Diretores e funcionários); a estrutura social (a seleção de professores e alunos); e a estrutura pedagógica: a organização e o regime de ensino proposto pela escola: o *curriculum*, os programas, os equipamentos (as salas de aulas, os gabinetes, os laboratórios, etc.).

Na segunda parte da Tese, no **Capítulo 4** dediquei-me ao estudo dos arquivos escolares, suas potencialidades, seus documentos e os limites para a pesquisa em História da Educação, que têm alcançado maior visibilidade nos trabalhos referentes à história das instituições educativas. Ainda neste capítulo descrevi as etapas do trabalho de organização de um Centro de Memória Escolar, assim como identifiquei as principais séries documentais do acervo. É



muito importante destacar que as fontes documentais (textuais, fotográficas e audiovisuais) identificadas nos arquivos do Colégio Notre Dame, sua análise e cruzamento foram essenciais para a escrita dos capítulos, para a análise historiográfica.

No **Capítulo 5**, tratamos das diversas etapas do trabalho de constituição das entrevistas. Conceitualmente é importante esclarecer que a entrevista de história oral é uma fonte de pesquisa, no entanto é a interpretação que fazemos do resultado da entrevista - da transcrição - que nos dá elementos mais significativos para compreendermos nosso objeto de estudo. Os trechos selecionados dos depoimentos que foram integrados em todos os capítulos do trabalho, tiveram o objetivo de elucidar o efeito da instituição nas vidas e identidades dos educandos, percebendo assim de que forma a instituição prolonga-se e continua a influenciar pela memória.

Por fim, na Conclusão fiz considerações sobre a importância do trabalho de preservação de fontes para a história da educação, o que nos possibilita historiar uma instituição educativa, e a postura que o historiador deve assumir ao fazer este tipo de investigação, pois o arquivo fascina e pode facilmente nos desviar do propósito inicial. Ainda avaliei a relevância da criação de um Centro de Memória para os sujeitos que passaram pela instituição, os antigos alunos e professores, mas também para os novos alunos, e para a própria instituição.

Ao olhar para a história da escola, a comunidade educativa tem a possibilidade de compreender como se deu a sua evolução, os caminhos escolhidos por seus dirigentes, as estratégias traçadas para permanecer em atividade, as propostas pedagógicas adotadas, o tipo de educação que desejavam ofertar e os valores que desejavam transmitir. Dessa forma, tem a possibilidade de selecionar o que lhes parece mais significativo nesta trajetória, e assim atribuir novos sentidos à instituição, uma nova identidade, novos caminhos.



## **CAPÍTULO 1: A POSSIBILIDADE DE UMA NOVA LEITURA E A REESCRITA DA HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA**

### **1.1. OS ARQUIVOS E SUAS FONTES DOCUMENTAIS**

A temática abordada nesta pesquisa está relacionada à História das Instituições Educativas, e o objeto de investigação é o Colégio Notre Dame de Campinas e o seu acervo de documentos históricos, localizados em diversos setores da instituição. O Colégio Notre Dame é uma instituição privada, católica, fundada em 1961 por irmãos norte-americanos da Congregação de Santa Cruz. Fui aluna da instituição entre os anos de 1978 e 1984: entrei na 6ª Série do 1º Grau e me formei no 2º Grau, na área de Humanas, com habilitação em Secretariado.

Entre os anos de 1946 a 1964, a Igreja Católica fundou aproximadamente 466 escolas no Brasil, período que pode ser considerado como o mais expressivo da Igreja no país, no que se refere ao estabelecimento de apostolados de instrução e educação (Moura, 2000:251-307). Desta forma, debruçar-nos sobre a trajetória desta instituição, é uma oportunidade de conhecermos o interior de uma escola confessional, raramente aberta à pesquisa científica. Através do estudo de sua documentação temos a oportunidade de conhecer um pouco mais da história da educação privada na região de Campinas.

Revisei a bibliografia sobre o assunto, porém, no desenvolvimento do meu trabalho, relacionei projetos desenvolvidos no Estado de São Paulo, que resultaram na criação de centros de documentação e centros de memória, muitos mantidos até os dias de hoje. O contato com os pesquisadores, o conhecimento de suas experiências com os arquivos e fontes documentais – mesmo que a maioria tenha como referência a organização de acervos escolares públicos – permitiu que eu fundamentasse o meu trabalho. Desta forma, acredito que esta investigação possa aprofundar a reflexão sobre a importância e a necessidade da constituição de fundos documentais para a História da Educação, considerando que houve um refluxo nos últimos anos na organização destes acervos no Brasil.

A Universidade de São Paulo (USP) (1998) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2001) foram pioneiras no Estado, na criação de seus Centros de Memória, que estão sediados em suas Faculdades de Educação. Os estudos e os projetos realizados nestes dois

centros de pesquisa têm dentre os seus objetivos organizar os acervos documentais de instituições escolares públicas, locais e regionais. Ainda, no trabalho de orientação de seus alunos de graduação e pós-graduação, os pesquisadores promovem investigações que consideram a escola como um espaço e ambiente de cultura também no tempo presente, pois acreditam que as instituições educativas não são apenas lugares representativos do passado, mas espaços de encontro entre a produção acadêmica sobre a memória e a história, sobre educação e ensino contemporâneo, local de discussão sobre política cultural de preservação do patrimônio escolar.

O Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP (CME/FEUSP)<sup>2</sup>, através do projeto “Preservando a memória do ensino público paulista: a Escola de Aplicação/FEUSP (1959-1999)”, coordenado pelas professoras Dra. Diana Gonçalves Vidal e Dra. Carmen Sylvia Moraes, teve como objetivo promover o encontro entre pesquisa e atividade pedagógica, por meio da integração dos diferentes agentes das práticas escolares na produção do conhecimento histórico, bem como a organização do Centro de Memória da Escola de Aplicação. O projeto, que foi realizado entre 2000 e 2003, recebeu financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e contou com vários alunos bolsistas, resultando em diversos produtos: 1) Agenda com ilustrações e episódios da história da Escola de Aplicação; 2) Catálogo de correspondências e relatórios de atividades da instituição; 3) CD-ROM “Escola de Aplicação: o arquivo da escola e a memória escolar”, composto por um histórico da escola, instrumentos de trabalho, instrumentos de pesquisa, artigos e banco de imagens, que hoje servem de suporte e referência para projetos que tem como objetivo a organização e descrição de acervos escolares.

O Centro de Memória da Educação da FEUSP possui vários fundos e coleções, que podem ser consultados através de agendamento prévio, e ainda possui um Museu Escolar, constituído por mobiliário de fins do século XIX e início do XX, que contém diversos objetos como canetas, tinteiros, coleções de estojos de metal, mapas, fotografias, um quadro negro de cavalete da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, globos terrestres, microscópios, mimeógrafos e retroprojetores. O CD-ROM “Escola de Aplicação: o arquivo da escola e a memória escolar” (Zaia, Moreira: 2004) e a publicação “O Acervo Escolar:

---

<sup>2</sup><http://www2.fe.usp.br/estrutura/cme/index.htm>. Acesso em 29/01/2019.

organização e cuidados básicos” (Zaia: 2004), entre outras publicações organizadas pelo órgão, são instrumentos que auxiliam os pesquisadores no trabalho de descrição da documentação arquivística, em seus projetos de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado.

O Centro de Memória da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (CMEFE/UNICAMP)<sup>3</sup> foi criado e coordenado de 2001 a 2010 pela Professora Dra. Maria do Carmo Martins, da Área da História da Educação. Este órgão tem como principal objetivo ser uma referência no apoio à pesquisa sobre a memória da Educação Brasileira, especialmente memória da escolarização, com definição de políticas de arquivo, políticas de preservação patrimonial e documental. Entre 2005 e 2008 a pesquisadora coordenou o projeto “Memórias da Educação Escolar: Cultura Material e Organização de Arquivos Escolares”, financiado pelo CNPq, que visou contribuir para a reconstituição da história das instituições escolares da Região Metropolitana de Campinas (RMC).

Contando com um amplo conjunto documental, disperso por inúmeras instituições, em condições na maioria das vezes precárias, o projeto organizou os arquivos de duas tradicionais escolas da cidade: a Escola Estadual Orosimbo Maia (4º Grupo Escolar de Campinas, fundado em 1923) e o Colégio Progresso Campineiro (escola particular fundada em 1900). Além de um Memorial aberto à visitação do público interno e externo, o Progresso foi objeto de uma dissertação de Mestrado<sup>4</sup> e uma Tese de Doutorado<sup>5</sup>.

O levantamento de fontes e a catalogação do material de arquivo, que contou com orientação dos profissionais do Arquivo Central da Unicamp (SIARQ), disponibilizou ao público em geral e à comunidade de pesquisadores, a documentação histórica das escolas, com um acervo muito rico composto por documentos textuais, iconográficos e objetos museológicos. Além de contribuir para a preservação da documentação do patrimônio histórico escolar da cidade, o CMEFE oferece ricas potencialidades no que se refere à pesquisa na área

---

<sup>3</sup><https://www.fe.unicamp.br/institucional/centro-de-memoria-da-educacao>. Acesso em 29/01/2019.

<sup>4</sup>CORREIA, Priscila Kaufmann. O ensino religioso no Colégio Progresso Campineiro: entre prescrições e práticas (1900-1937). 2010. 252p. Dissertação (Mestrado em Educação) /Unicamp. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251454>. Acesso em 16/08/2018.

<sup>5</sup>PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. Da renovação educacional do Colégio Progresso Campineiro à gênese da Escola Comunitária de Campinas. 2010. 219p. Tese (Doutorado em Educação) /Unicamp. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251404>. Acesso em 16/08/2018.

de educação e do ensino, configurando espaço privilegiado para a formação dos professores e de educadores em geral.

Também, os projetos de Mestrado e Doutorado desenvolvidos nos últimos anos na Unicamp, sob a orientação de Maria Cristina Menezes, na Faculdade de Educação, linha de pesquisa “Filosofia e História da Educação”, tem como objetivo conhecer a História da Educação Pública Brasileira no âmbito do regime republicano, a partir da história das instituições escolares e da cultura material escolar. As investigações contemplam os acervos escolares, sobretudo aqueles de antigas instituições do município e região, como fonte potencial para esse entendimento. Em seus trabalhos a pesquisadora chama à atenção para as condições de vulnerabilidade dos arquivos, revelando o desinteresse dos poderes públicos e a carência de políticas de manutenção e salvaguarda desse patrimônio histórico<sup>6</sup>.

Em vários projetos de Mestrado e Doutorado<sup>7</sup>, orientados por Maria Cristina Menezes, os pesquisadores utilizaram o acervo da Escola Normal Carlos Gomes<sup>8</sup>, inaugurada em 1903 como Escola Complementar e também da Escola Culto à Ciência, fundada em 1896<sup>9</sup> como escola particular – ambas as escolas são estaduais e estão em funcionamento até hoje em Campinas. De acordo com as informações extraídas de suas pesquisas, os arquivos escolares destas instituições, o seu estudo e organização, possibilitaram a realização de questionamentos sobre as práticas escolares, o cotidiano e a organização política e pedagógica das instituições.

---

<sup>6</sup>MENEZES, Maria Cristina. Descrever os documentos – construir o inventário – preservar a cultura material escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, SP, v. 11 n. 1 [25], p. 93-116, 2011.

<sup>7</sup>Trabalhos orientados pela Professora, que contribuem para o estudo da memória escolar de Campinas/SP: 1) Adriano Marins Santos. O arquivo da Escola Normal 'Carlos Gomes': perfis e trajetórias dos alunos durante o Estado Novo. 2007. Mestrado em Educação/Unicamp; 2) Oscar Teixeira Júnior. Escola complementar de Campinas 1903-1911: espaço, culturas e saberes escolares. 2005. Mestrado em Educação/Unicamp/CAPES; 3) Eva Cristina Leite da Silva. Os papéis de porão na constituição da cultura escolar: Escola Normal Carlos Gomes, 1949 a 1966. 2004. Mestrado em Educação/Unicamp; 4) Maria de Lourdes Pinheiro. A Escola Normal de Campinas no período 1920 - 1936: Práticas e Representações. 2003. Mestrado em Educação/Unicamp, CNPq; 5) Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner. Práticas de leitura: a coleção biblioteca das moças no Instituto de Educação "Carlos Gomes" em Campinas (1951-1976). 2016. Tese (Doutorado em Educação) /UNICAMP, CNPq; 6) Eva Cristina Leite da Silva. Os registros da Escola Normal, Brasil e Portugal: histórias, memórias e práticas de escrituração no início do século XX. 2010. Tese (Doutorado em Educação) /Unicamp, CAPES. 7) Silvia Regina Cason. Lentes e Professores do Gymnásio de Campinas: Escola Culto à Ciência de 1896 a 1942. 2019. Tese (Doutorado em Educação) /Unicamp, CNPq; 8) Reginaldo Alberto Meloni. Saberes em ciências naturais: o ensino de física e química no Colégio Culto à Ciência de Campinas (1873-1910). 2010. Tese (Doutorado em Educação) /Unicamp, CAPES.

<sup>8</sup>[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1903-Escola\\_Complementar\\_de\\_Campinas.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1903-Escola_Complementar_de_Campinas.pdf). Acesso em 15/07/2017.

<sup>9</sup><http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portais/175/Campinas%20L%20-%20Culto%20%C3%A0%20Ciencia.pdf>. Acesso em 14/07/2017.

Uma preocupação presente nestes projetos foi a necessidade da discussão e inserção de políticas públicas em defesa do patrimônio histórico escolar.

O Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, o HISTEDBR, foi criado em 1986 na Unicamp, na Faculdade de Educação, e se constituiu como um Grupo Nacional a partir de 1991, com o início do projeto “Levantamento e Catalogação das Fontes Primárias e Secundárias da Educação Brasileira”. Em 2006, em comemoração ao aniversário de 20 anos, o grupo lançou o CD-ROM e na sequência o site “Navegando na História da Educação Brasileira”<sup>10</sup>. Este projeto, que tem um caráter coletivo, busca traçar algumas linhas básicas, tendo em vista a apresentação de um panorama geral da História da Educação. No site encontramos um acervo dos artigos publicados e um acervo de fontes sobre a história das instituições educativas e da educação em geral (fontes escritas, iconográficas, referências documentais e bibliográficas)<sup>11</sup>.

Ao analisar os artigos publicados por pesquisadores e autores vinculados ao HISTEDBR, que em sua maioria utilizam o método dialético marxista em suas investigações, encontramos diversos trabalhos que falam da importância da constituição dos fundos documentais para o estudo das instituições escolares. Para os investigadores, os arquivos podem servir como fontes para o estudo e a preservação da memória histórica das instituições, além de favorecer a compreensão da relação existente entre sociedade e educação, esta um fenômeno social que se desenvolve no tempo. De acordo com o Coordenador Geral do Grupo, o Professor Emérito da Unicamp, Dermeval Saviani, acervos documentais organizados facilitam o acesso às fontes, o que gera um impacto na qualidade das pesquisas, e também na sua quantidade, uma vez que o tempo de busca e manipulação dos documentos é fortemente reduzido<sup>12</sup>.

O referencial teórico metodológico, que norteia os pesquisadores do grupo, busca compreender as instituições educativas descrevendo as suas particularidades, porém explicitando suas relações com o contexto econômico, político, social e cultural, através da

---

<sup>10</sup><http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/index.html>. Acesso em 16/08/2017.

<sup>11</sup><http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/acervos.html>. Acesso em 16/08/2017.

<sup>12</sup>SAVIANI, Dermeval. Instituições de Memória e Organização de Acervos para a História das Instituições Escolares. IN: SILVA, João Carlos da; ORSO, Paulino José; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.). História da Educação: arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Alínea, 2013. p.15.

perspectiva dialética. Diferenciam-se de outras tendências teóricas como a positivista, a idealista, a estruturalista, e a culturalista, que de acordo com as suas concepções, não discutem em suas análises a desigualdade social, como se todas as escolas fossem iguais, com histórias semelhantes, sem importar a luta pela hegemonia social<sup>13</sup>.

Um projeto que deu suporte para diversas pesquisas realizadas sobre a história da escola e para a organização dos seus arquivos foi iniciado pelo Governo do Estado de São Paulo em 2002, e está em funcionamento até hoje, apesar de ter sofrido algumas alterações na sua concepção e também mudanças de endereço: o Centro de Referência em Educação Mário Covas (CRE)<sup>14</sup>. Na sua criação foi disponibilizada aos profissionais da área de ensino uma grande biblioteca temática, com acervo inicial de 40 mil publicações voltadas à educação e uma videoteca com 6.300 fitas de vídeo de 1.000 títulos diferentes. No espaço “Memorial da Educação” foram reunidos os acervos históricos da Educação Pública Estadual, que antes estavam espalhados pela sede da Secretaria Estadual de Educação (SEE-SP) e nas escolas. O CRE, além do espaço físico, contava com uma exposição sobre a história das escolas, composta por carteiras antigas, fotos, uniformes, cartilhas e maquetes. Possuía também um museu virtual, com informações sobre as instituições mais antigas, o que nos permitiu conhecer o processo de formação e desenvolvimento da Rede Estadual de Ensino. O projeto do CRE “Nossa Escola tem História” produziu e divulgou, entre outros trabalhos, o Manual de Trabalho em Arquivos Escolares<sup>15</sup>, que deu suporte aos profissionais da área e ainda incentivou a formação de Centros Regionais de Memória.

Hoje modificado, o CRE está estruturado em dois centros na cidade de São Paulo: 1) o CBDOC (Centro de Biblioteca e Documentação) e o setor de Atividades Culturais, localizados na EFAP (Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo); 2) o CEMAH (Centro de Memória e Acervo Histórico), localizado na Casa Caetano de Campos, atual sede da Secretaria Estadual de Educação (SEE-SP). Tem como objetivo ser um referencial pedagógico de excelência na disseminação da informação educacional e o seu

---

<sup>13</sup>NOSELLA, Paulo. As pesquisas sobre instituições escolares. O método dialético marxista. IN: SILVA, João Carlos da; ORSO, Paulino José; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.). História da Educação: arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Alínea, 2013. p.55.

<sup>14</sup><http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=7550>. Acesso em 25/11/2018.

<sup>15</sup>BAEZA, Teresa Marcela Meza. Manual de Trabalho em Arquivos Escolares. São Paulo: Secretaria da Educação, 2003. (Centro de Referência Mário Covas, IMESP).



acervo documental está aberto à visitação, que também pode ser consultado na internet. O CRE desenvolve ainda outras atividades, tais como, programas de incentivo à leitura; coordena e gerencia salas de leitura escolares; seleciona novas obras para o acervo bibliográfico das escolas; e propõe projetos de preservação da história, da memória e do patrimônio histórico das escolas<sup>16</sup>.

## 1.2. SOBRE OS CONCEITOS E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Esta tese articulou e levantou questões sobre três grandes áreas de trabalho e alguns de seus conceitos: História da Educação (história das instituições educativas), Arquivologia (organização de acervos escolares), e a Memória (história oral temática). Para analisar a história das instituições educativas partimos de pressupostos balizados nos estudos e conceitos defendidos pelos historiadores Justino Pereira de Magalhães, Dermeval Saviani, José Luís Sanfelice, Décio Gatti Jr., Paolo Nosella, entre outros pesquisadores. No plano da arquivologia, utilizei como referência os trabalhos das historiadoras - especialistas em arquivos históricos - Heloísa Liberalli Bellotto, Ana Maria de Almeida Camargo, Maria Elizabeth Totini, Silvana Goulart, Maria Cristina Menezes, Maria Lúcia Spedo Hilsdorf, Iomar Barbosa Zaia, Maria João Mogarro, Ângela de Castro Gomes, Ieda Pimenta Bernardes, Janice Gonçalves e Margarida Felgueiras.

Ainda, balizei-me nas teorias e discussões de autores que dedicaram diversos estudos às entrevistas de histórias de vida e à memória, propondo uma metodologia de trabalho que através das narrativas individuais buscam alcançar a memória coletiva do grupo: Ecléa Bosi, Verena Alberti, Marieta de Moraes Ferreira, Antônio Torres Montenegro, José Carlos Sebe Bom Meihy, Karen Worcman, Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Jacques Le Goff e Michael Pollack.

**Notre Dame, uma Instituição Educativa.** A história das instituições educativas está na base da História da Educação. A instrução e a formação do ser humano acontecem em espaços escolares e não escolares, mas a escola ainda é tradicionalmente vista como o lugar legítimo, onde se dá a transmissão do conhecimento na nossa sociedade. A escola é uma

---

<sup>16</sup><https://www.educacao.sp.gov.br/>. Acesso em 16/08/2017.

instituição que faz parte da sociedade, um espaço de vivências, portanto uma construção sócio histórica. Ao analisar a história de uma instituição educativa é preciso realizar um duplo movimento. Num primeiro momento é importante compreender a ação dos atores no processo educacional (alunos, professores, gestores), esclarecendo os papéis destes sujeitos, caracterizando os seus objetivos, o que nos permite conhecer suas formas de comunicação e de organização. No que se refere à instituição, é necessário analisar suas particularidades, as características de sua constituição dentro de um contexto mais amplo, o sistema educativo no qual está inserida.

As leis e as normas gerais estabelecidas pelo sistema educativo são tomadas de forma diversa por cada instituição. Sendo assim, as instituições, se transmitem uma cultura, a cultura escolar, não deixam de produzir culturas, cujas especificidades lhes conferem uma identidade histórica (Magalhães, 2004:125). O fato de cada instituição produzir a sua própria cultura não invalida a cultura geral, esta produzida pela sociedade como um todo. Uma sociedade se organiza de múltiplas formas, sendo assim, os grupos representam a realidade de formas diferenciadas, particulares. Também os indivíduos vivenciam suas experiências de forma particular, única, e cada uma importa para a compreensão do todo.

Partindo para uma análise crítica da instituição educativa, articulando suas particularidades com o seu contexto, foi possível identificar os “jogos de relação” que acontecem no seu interior e constituem a sua própria identidade (Magalhães, 2004:32). Ao estudarmos a história de uma instituição escolar podemos afirmar que esta é uma entidade orgânica, de permanentes tensões, síntese de múltiplas determinações, de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral, ideológica, etc.) que agem e interagem entre si, 'acomodando-se' dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade própria (Sanfelice, 2007:77).

Quando falamos no termo instituição é preciso ter em mente que este não é concebido naturalmente, não é algo pronto, estático, mas sim produzido pela ação dos sujeitos. A instituição é representada por uma estrutura material, organizada para atender uma necessidade de caráter permanente e com um propósito definido. Para necessidades transitórias não há a necessidade de se criar instituições (Saviani, 2007:4). No interior da instituição, encontra-se o arquivo escolar, repositório das fontes de informação diretamente relacionadas com o seu

funcionamento, o que lhe confere uma importância acrescida nos novos caminhos da investigação em Educação, e colocam estas instituições numa posição de grande centralidade para a compreensão dos fenômenos educativos e dos processos de socialização das novas gerações (Mogarro, 2006:71). Desta forma, as instituições educativas que foram criadas com o objetivo de permanecer, buscam preservar a sua memória, sua cultura escolar, e assim trazer uma maior identidade ao seu arquivo, cuja informação poderá ser utilizada em vários momentos da racionalidade educativa e da (re) invenção do cotidiano escolar (Magalhães, 2001:11).

Utilizando os conceitos de Heloísa Liberalli Bellotto (1991), Ana Maria de Almeida Camargo, Silvana Goulart (2015), e Viviane Tessitore (2003), é possível afirmar que as principais características do documento de arquivo (organicidade, unicidade, confiabilidade e autenticidade) são condições imprescindíveis para que os mesmos não percam sua capacidade probatória. Os documentos são produzidos em razão das atribuições que a instituição lhes confere, e em razão de seu funcionamento: inicialmente servem como prova, mas num segundo momento podem servir à investigação histórica e ser utilizados para legitimar a trajetória da instituição. Desta forma, o arquivo escolar reúne documentos onde é possível resgatar a cultura da instituição, suas estratégias, os procedimentos, os modos de fazer, as tomadas de decisões, que foram responsáveis pelos destinos de vida de alunos e alunas. É mais que um repositório, tem uma dimensão política, social, cultural, afetiva, que está repleta de histórias de pessoas que passaram pela escola e participaram de sua construção.

Em geral, a descoberta dos arquivos privados pelos historiadores está associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, onde emergem novos objetos e fontes para a pesquisa. Esta, por sua vez, busca renovar sua prática incorporando novas metodologias, o que não se faz sem uma profunda renovação teórica, marcada pelo abandono de ortodoxias e pela aceitação da pluralidade de escolhas (Gomes, 1998)<sup>17</sup>. Para Le Goff (1994:546), o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto "monumento", ou seja, enquanto uma construção, permite à memória coletiva recuperá-lo, e ao historiador usá-lo cientificamente.

---

<sup>17</sup>GOMES, Ângela de Castro. "Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados", Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº. 21, 1998/1. (CPDOC-FGV).

É preciso ter em conta que as fontes constituem somente o ponto de partida da construção historiográfica, que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. O inventário não pode constituir-se, de modo algum, como a finalidade da investigação histórica (Felgueiras, 2011:78). O inventário da documentação, a descrição e catalogação constituem-se como elementos essenciais da etnografia histórica da escola. São operações fundamentais para a definição de coleções, museus, arquivos, centros de memória, bibliotecas, mas representam apenas a fase inicial do trabalho historiográfico.

No início, quando me propus a identificar e avaliar a documentação de valor histórico do Notre Dame, não havia uma definição clara sobre o que o Colégio deveria preservar. A primeira tarefa consistiu em realizar o levantamento da história da instituição e a análise de sua produção documental. No trabalho arquivístico, essas operações antecedem e são imprescindíveis, pois orientam a identificação e ordenação dos Fundo(s) documentais<sup>18</sup> e do quadro de arranjo, e dão sentido às demais atividades de organização de um Centro de Memória. Com este objetivo, foram realizadas as seguintes atividades:

1) Levantamento, análise e sistematização dos principais momentos da trajetória da escola, de sua evolução institucional e de seu(s) organograma(s). O Colégio Notre Dame, desde o início de suas atividades em 1961, preocupou-se em registrar e documentar sua trajetória. Ao adentrar na instituição, tive o primeiro contato com um material já conhecido de todos e amplamente divulgado pelo Colégio: três publicações que num primeiro momento serviram como um fio condutor para conhecer a escola, e que também auxiliaram na análise da documentação.

A 1ª publicação “Colégio Notre de Campinas. Volume comemorativo do 25º Aniversário da Fundação (1961-1986)”<sup>19</sup> foi elaborada pelo médico e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho, Presidente do Clube dos Pais do Notre Dame no ano de 1965, sendo que seus filhos estudavam na escola. A 2ª publicação “Livro comemorativo dos 50 Anos do Colégio

---

<sup>18</sup>Fundo é o acervo arquivístico produzido, recebido e acumulado em processo natural por uma mesma instituição, entidade ou pessoa. BERNARDES, Ieda Pimenta. Como Avaliar Documentos de Arquivo. (Projeto Como Fazer 1). São Paulo: Arquivo do Estado, 1998, p. 45. Arranjo: classificação documental realizada nos arquivos permanentes ou históricos. GONÇALVES, Janice. Como classificar e ordenar Documentos de Arquivo. (Projeto Como Fazer 2). São Paulo: Arquivo do Estado, 1998, p. 14.

<sup>19</sup>SANTOS, Lycurgo de Castro, Filho. Colégio Notre de Campinas. Volume comemorativo do 25º Aniversário da fundação (1961-1986). Campinas, SP: Colégio Notre Dame, 1986.

Notre Dame de Campinas”<sup>20</sup>, elaborado pela ex-aluna Renata Podolsky e pela escritora Kátia Nunes em 2011, juntamente com a 3ª publicação “Memória dos Pioneiros: Colégio Notre Dame de Campinas (1961-1964)”<sup>21</sup>, de Thomas Charles Chady, o Irmão “Tomé”, são fruto do projeto que comemorou o Cinquentenário do Colégio, e complementam a 1ª publicação. Estes dois livros foram elaborados com a colaboração de ex-alunos, pais e ex-professores, que através de depoimentos e da cessão de documentos e fotografias participaram do projeto. Na ocasião do Cinquentenário, o Irmão Tomé veio dos Estados Unidos especialmente para realizar as entrevistas com os alunos das primeiras turmas, que ele chamou de “pioneiros”, e que estudaram no Notre Dame entre os anos de 1961 e 1964.

2) Levantamento e análise das funções e atribuições dos vários setores do Colégio; levantamento e análise de sua produção documental; verificação das normas gerais de arquivamento vigentes. Para realizar esta tarefa contei com o auxílio do Diretor do Colégio, Lorenzo Jungklaus, que solicitou aos departamentos o envio de seus relatórios de atividades, contendo as principais funções exercidas e documentos produzidos. Desta forma foi possível identificar os conjuntos documentais armazenados nas diversas unidades da escola e identificar as fontes históricas da instituição. Estes levantamentos foram realizados através dos seguintes procedimentos: A) Estudo/análise dos documentos disponibilizados para consulta e B) Através de consultas com os profissionais da escola (diretores, professores, coordenadores, orientadores, técnicos).

3) Prospeção do(s) arquivo(s) inativo(s) dos setores diretamente ligados à atividade-fim e meio da instituição, visando localizar os documentos de valor histórico. É o levantamento da história da instituição que “orienta” a busca documental, e não o oposto.

4) (a) Identificação dos Conjuntos Documentais; (b) Cadastro (Livro de Tombo), Arranjo e Descrição do Acervo de Documentos Históricos do Colégio Notre Dame (acervo textual e fotográfico). O cadastramento (individual ou em lotes) tem a finalidade de registrar os documentos, assim como saber sobre sua procedência, setor onde está armazenado. O cadastro

---

<sup>20</sup>PODOLSKY, Renata; NUNES, Kátia. Livro comemorativo 50 Anos do Colégio Notre Dame de Campinas. Campinas, São Paulo. Ki Produções, 2011. 184p.

<sup>21</sup>CHADY, Thomas Charles, C.S.C. Memória dos Pioneiros: Colégio Notre Dame de Campinas (1961-1964). Campinas, SP: E-Color, 2011.

é composto dos seguintes itens: Número de Entrada; Identificação Geral; Procedência; Quantidade; Data de Entrada, Observações (campo onde podem ser registrado os empréstimos realizados; nome de possíveis doadores; condição física do documento; etc.). O arranjo dos documentos consistiu em identificar os Fundos Documentais, ordenar esses fundos e definir o Quadro de Arranjo, ou seja, definir a forma como a documentação foi organizada.

As informações contidas nos documentos já organizados só serão efetivamente disponibilizadas quando forem elaborados instrumentos de pesquisa que permitam o rápido acesso por parte dos usuários. A elaboração desses instrumentos de pesquisa e busca, através da descrição e da indexação é o elo que liga as questões do aluno/pesquisador (usuário) às informações presentes na documentação ordenada. Alguns instrumentos de pesquisa que poderão resultar deste trabalho: Guia, Inventário, Catálogo, Catálogo Seletivo, Indexação/Índices, Edição de Documentos, Guia de Fontes.

Faz-se necessário observar que a instalação do Colégio Notre Dame coincide com o período no qual a Igreja Católica fundou mais escolas no Brasil. Sendo assim busquei autores e teóricos que pudessem elucidar esse período da história da Igreja e suas missões: Águeda Bernadete Bittencourt, Dermeval Saviani, Laércio Dias de Moura e Gersolina Antônia de Avelar. Bittencourt (2017) afirma que desde o início das missões, no período colonial, as congregações tiveram condições financeiras para manter seus empreendimentos, e o apoio da estrutura montada pela Igreja para recepcionar os seus imigrantes foi uma constante.

O estabelecimento do Notre Dame se deu num momento em que a Igreja Católica buscava também se renovar pedagogicamente sem abrir mão de sua doutrina, uma necessidade para que assim não perdesse sua clientela que integrava as elites econômica e cultural da sociedade, uma questão de sobrevivência. Saviani (2013) vai nos dizer que essa renovação manifestou-se especialmente por meio da Associação de Educadores Católicos (AEC), criada pelo Padre canadense Lionel Corbeil, que pertencia à Congregação de Santa Cruz. Corbeil fundou o Colégio Santa Cruz de São Paulo e foi uma das figuras centrais desse movimento de renovação católica no Estado. Por meio de palestras e cursos intensivos foram divulgadas nos meios católicos as novas ideias pedagógicas, principalmente as teorias da italiana Maria Montessori (1870-1952) e de sua seguidora, a polonesa Helena Lubinska de Lenval (1895-1972). Surgia assim, na esteira do predomínio da concepção humanista moderna de educação,

uma espécie de “Escola Nova Católica” (Saviani, 2013:300). Para os Padres e Irmãos da Congregação de Santa Cruz (CSC), mais importante que constituir paróquias, era edificar escolas, pois o Brasil era um país com poucas “vocações” religiosas.

### 1.3. METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL E TRABALHO COM AS ENTREVISTAS

Esta investigação utilizou fontes escritas, iconográficas, materiais, internas e externas à instituição. Utilizando a História Oral, que a historiadora Verena Alberti define como uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes, realizei entrevistas gravadas com indivíduos que participaram e/ou testemunharam os acontecimentos e conjunturas do passado/presente do Colégio Notre Dame.

A História Oral é um trabalho que se beneficia de ferramentas teóricas de várias disciplinas como a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia e a Psicologia Social (Alberti, 2005:155;156). Começou a ser utilizada nos anos de 1950, após o surgimento do gravador, primeiramente nos Estados Unidos, depois na Europa e no México, e desde então se difundiu amplamente. Hoje, é utilizada por jornalistas, historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos. No Brasil foi introduzida na década de 1970 com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, o CPDOC, da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.

A partir dos anos de 1990 o movimento em torno desta metodologia cresceu muito, principalmente com a criação da Associação Brasileira de História Oral, a ABHO, em 1994. Na apresentação do site do CPDOC as entrevistas de história oral são definidas como “fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro”. São caracterizadas por serem produzidas a partir de um estímulo: o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois que o fato aconteceu. Os conjuntos de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e de autobiografias, permitem compreender como os indivíduos vivenciaram e interpretaram os acontecimentos, tornando o

estudo da história mais concreto, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros<sup>22</sup>.

O primeiro contato com os depoentes foi realizado somente com ex-alunos da instituição, através do programa *Google Docs*. Os alunos que responderam a esta abordagem estudaram no Notre Dame entre 1969 e 2005. Como não seria possível entrevistar todos esses estudantes, selecionei aqueles que concluíram pelo menos um grau de ensino (curso) no Colégio.

Tendo como interesse específico a história da trajetória de ex-alunos, professores e funcionários do Colégio Notre Dame, as entrevistas foram organizadas em torno de uma série de procedimentos, na modalidade de história oral temática. Considerei principalmente os aspectos da vida do entrevistado enquanto aluno e professor da instituição, as memórias dessa vivência, e os seus destinos de vida após a saída do Colégio.

O resgate da memória coletiva e individual, através da oralidade, se projeta como uma possibilidade de trazer para o plano do pesquisador o registro da própria reação vivida pelos personagens, dos acontecimentos e fatos históricos (Montenegro, 1992:20). Neste processo cabe ao pesquisador compreender essa reação no jogo de relações que acontece no interior da instituição, mas que também se projeta para o seu exterior. A memória opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou indivíduo. O tempo histórico não é o tempo vivido. A história escrita e documentada distingue-se do acontecido, é uma representação. E neste hiato entre o vivido e o narrado localiza-se o próprio fazer do historiador (Montenegro, 1992:10).

A trajetória de uma instituição educativa não é linear, nem definitiva, assim como a história dos sujeitos que a frequentaram. Neste contínuo “embaralhar” de situações, imagens e sentimentos, a história oral busca compreender o significado e o lugar que a instituição teve na vida dos sujeitos, alunos e professores. Histórias que na maioria das vezes não são conhecidas da/pela instituição, que tem uma memória oficial, uniforme, e que não revelam as lembranças - muitas vezes proibidas e ignoradas - dos que viveram a instituição.

---

<sup>22</sup>Apresentação sobre o CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/sobre>. Acesso em 12/01/2016.



Escutar as falas, cruzar as informações, registrar as impressões do entrevistado, perceber como se posiciona em relação aos assuntos abordados, o que revelam, o que ocultam, suas emoções, esquecimentos, permite-nos perceber o enredo construído pelo sujeito que busca com isso uma validação para sua trajetória, um propósito, um sentido para sua história. O entrevistado pertence à um grupo, e nesta trama sincrônica da existência social, que combina diversos elementos, pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (Halbwachs, 1990:13,14).

Pollack (1989:12), assim como Halbwachs concorda que é preciso distinguir certo número de tempos coletivos, tanto quanto existem grupos separados. A existência de memórias coletivas são tão numerosas quanto as unidades que compõem a sociedade. Como lembra-nos Nora (1993:9), a memória emerge de um grupo que ela une: o que significa que há tantas memórias quantos grupos existentes. Portanto, ao escrever a história de uma instituição educativa não podemos perder de vista as principais características da memória: ela é por natureza múltipla, desacelerada, coletiva, plural e individualizada.

No **Capítulo 5** desta Tese, abordaremos as etapas do trabalho de elaboração e realização das entrevistas de História Oral.

## **CAPÍTULO 2: TRAJETÓRIA DO COLÉGIO NOTRE DAME DE CAMPINAS (1961-2018)**

O Colégio Notre Dame de Campinas é a uma instituição educativa privada, católica, fundada em 11 de dezembro de 1961 pelo Irmão Paulo Francis Schaefer, norte-americano pertencente à Congregação de Santa Cruz. A Congregação chegou ao Brasil em 1944 na cidade de São Paulo, com o objetivo de buscar vocações para a vida religiosa, através do trabalho voltado para administração de paróquias e instituições de ensino.

No trabalho de investigação sobre a história do Colégio utilizei uma série de fontes localizadas nos arquivos do Notre Dame<sup>23</sup>. Algumas publicações da própria escola foram extensivamente analisadas, sendo que consistem em relatos que tiveram o objetivo de registrar datas importantes para a instituição, enquanto representações simbólicas e materiais. Uma memória integrada nas práticas e nas representações do cotidiano, sobre as quais exerce influência, sendo que as instituições educativas tendem a produzir e a divulgar um conjunto de informações por meio das quais procuram fazer jus aos rituais e à memória que desejam perpetuar (Magalhães, 2004:127).

Neste Capítulo iremos abordar a origem da escola, sua constituição e evolução desde a chegada da Congregação de Santa Cruz ao Brasil, os seus objetivos, e o contexto no qual o Colégio Notre Dame foi estabelecido.

### **2.1. SOBRE A CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ E O ESTABELECIMENTO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO NO BRASIL**

A Congregação de Santa Cruz, fundadora e mantenedora da linha educacional do Colégio Notre Dame, é uma organização católica, que foi fundada na França em 1837, na

---

<sup>23</sup>Exemplos de documentos localizados em diversos arquivos do Colégio Notre Dame: o conjunto da correspondência da diretoria, regimentos, estatutos, prontuários dos alunos, livros de matrículas, livros dos exames finais, planejamentos pedagógicos, a coleção de álbuns fotográficos (contendo centenas de fotografias), dossiês dos eventos, comemorações, solenidades e relatórios de saídas de estudos, livros de visitas de inspetores, o conjunto de recortes de jornais da hemeroteca, plantas da mapoteca, entre diversas séries documentais.

Diocese de Le Mans<sup>24</sup>, no bairro de Santa Cruz, pelo Beato Basile Antoine Moreau<sup>25</sup>. Sua principal finalidade na atualidade é o apostolado da instrução e da educação católica formal, primeiro, segundo e terceiro graus, entre outros trabalhos do ministério católico, como as pastorais de jovens e de idosos, a educação informal para pessoas de todas as idades, a assistência às pessoas carentes, auxiliando-as na obtenção de suas necessidades básicas – alimentação, vestuário, habitação, saúde, justiça e cidadania. A presença e o ministério da Congregação em qualquer lugar têm como objetivo maior auxiliar a Igreja local.

*Fotografia 1 — Emblema da Congregação de Santa Cruz (CSC), 2017.*



Fonte: CND

A Congregação de Santa Cruz chegou aos Estados Unidos em 1841 e fundou o Colégio Notre Dame de Indiana, hoje Universidade de Notre Dame, localizada na cidade de South Bend, que possui 1.241 docentes e aproximadamente 12 mil alunos<sup>26</sup>. No ano de 1855, por determinação do Vaticano, os religiosos da Congregação deveriam atuar separadamente das

---

<sup>24</sup>No início do século XIX, a França é um País essencialmente agrícola. Dos 29 milhões de habitantes, 21 milhões viviam do trabalho realizado na agricultura. A diocese de Le Mans, que abrangia os departamentos de La Sarthe e Mayenn, era o centro de uma região agrícola e 25% da sua população sofria com a falta de alimentos, provocada pela crise agrícola (1846), com o frio e com a destruturação causada pelos conflitos revolucionários. (Brother Joel Giallanza (Editor). A Simple Tool – The Mission and Message of Father Basil Moreau. Congregação de Santa Cruz (CSC): Roma, 1998. [https://www.holycrossinstitute.org/sites/default/files/u11/simple\\_tool.pdf](https://www.holycrossinstitute.org/sites/default/files/u11/simple_tool.pdf). Acessado em 03/03/2017.

<sup>25</sup>Padre Moreau foi beatificado pelo Papa Bento XVI em 15 de setembro de 2007, Le Mans, França.

<sup>26</sup>Era mais um colégio interno em seus primeiros anos, oferecendo educação para jovens, homens e meninos de todas as idades e, em alguns casos, os alunos pagavam mensalidades por meio do trabalho para ajudar a construir o colégio. <https://175.nd.edu/timeline/> visitado e atualizado em 26 de julho de 2019.

mulheres. Sendo assim a Constituição de padres e irmãos foi aprovada pela Santa Sé em 1857, com estrutura governamental compartilhada. As irmãs tornaram-se independentes e receberam a aprovação de Roma um pouco mais tarde, no ano de 1867.

Os padres e irmãos da Congregação empenharam-se no trabalho educacional nos Estados Unidos, Canadá, onde fundaram escolas e também na França, apesar das dificuldades causadas pela supressão das ordens religiosas entre 1903 e 1918. No ano de 1945, o Capítulo Geral da Constituição da Congregação determinou que padres e irmãos atuassem como sociedades distintas, sem governos comuns nos níveis provinciais e locais. Somente no Capítulo Geral de 1986 é que os religiosos voltaram a ter um governo intersocietal.

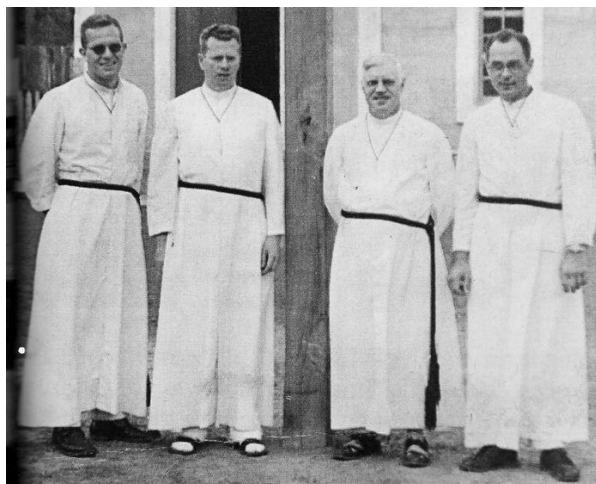
Em novembro de 1951, antes da fundação do Colégio Santa Cruz de São Paulo, quatro irmãos da Província Sudoeste da Congregação de Santa Cruz nos Estados Unidos, Jaime Walter, Gerardo Green, Ricardo Greijczyk e Paulo Francis Schaefer foram enviados ao Brasil com o objetivo de assumir a direção e administração do Colégio Dom Amando<sup>27</sup>, na região Norte, em Santarém, no Pará. Até aquele momento o Colégio Dom Amando, fundado em 1943, tinha sido administrado por frades franciscanos, de origem alemã<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup>De acordo com o documento localizado no arquivo do Colégio Notre Dame de Campinas “Herança e Missão: Um Guia à Herança e Missão Compartilhadas das Escolas na Tradição de Santa Cruz” (1996), na ocasião da vinda dos religiosos para Santarém, exercia o cargo de Bispo na cidade o Padre Anselmo Pietrulla, fundador do Dom Amando em 1943. No ano de 1950 chega dos Estados Unidos o irmão Wiliam Mang. E em novembro de 1951 são enviados os outros quatro irmãos norte-americanos para o Pará. De acordo com esse documento, atendendo à um apelo do Papa PIO XII, as congregações religiosas tinham a missão de enviar 10% dos seus religiosos para o “terceiro mundo”.

<sup>28</sup> O colégio recebeu este nome em homenagem ao 2º Prelado da Diocese de Santarém entre 1907 e 1939, pertencente à Ordem Franciscana Menor, o alemão Dom Amando Bahlmann.

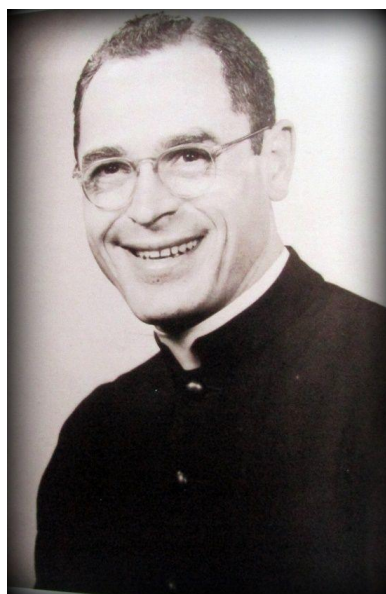
*Fotografia 2 — Os Irmãos Jaime Walter, Gerardo Green, Ricardo Grejczyk, Paulo Francis Schaefer. Santarém – Pará, 1951.*



Fonte: CND

Em 1959, após ter vivido oito anos em Santarém, Irmão Paulo, seguindo as orientações da Congregação de Santa Cruz, que tinha como principal objetivo estabelecer outras instituições de ensino no país, escolheu a cidade de Campinas para a fundação do Colégio Notre Dame. A Congregação já possuía duas instituições educativas na cidade de São Paulo: o Colégio Santa Maria, fundado em 1949 por irmãs norte-americanas e o Colégio Santa Cruz fundado em 1952 por padres canadenses.

*Fotografia 3 — Ir. Paulo Francis Schaefer. Fundador do Colégio Notre Dame.*



Fonte: CND

Os canadenses chegaram pela primeira vez ao Brasil, em São Paulo, no ano de 1944. Na cidade constituíram a paróquia do bairro Jaguaré (Paróquia São José) e também fundaram o Externato Jaguaré, que em 1975 passou a ser a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Henrique Dumont Villares. As irmãs da Congregação de Santa Cruz chegaram ao Brasil em 1947, mas fundaram o Colégio Santa Maria somente dois anos depois.

A chegada dos religiosos ao Brasil coincide com o início do período conhecido como Guerra Fria, que durou aproximadamente de 1945 a 1990, caracterizado pelo conflito ideológico que se estabeleceu entre os Estados Unidos (capitalista) e a União Soviética (socialista), as duas maiores potências do pós-guerra (1939-1945)<sup>29</sup>. A maior preocupação dos Estados Unidos após o término da guerra era manter e disseminar sua ideologia liberal-capitalista e o “American Way of Life”, e assim preservar sua hegemonia mundial. A suposta “ameaça” comunista levou os norte-americanos a consolidar alguns instrumentos de defesa continental, que também se espalharam pela América Latina. Vários programas de cooperação foram implantados nas mais diversas regiões, de modo a influenciar os países menos desenvolvidos, e assim dificultar um possível alinhamento com os interesses da União Soviética.

Esta política de “contenção do comunismo” para a América Latina estendeu-se à educação brasileira, que passava por uma série de reformas, buscando diminuir as altas taxas de analfabetismo. Alguns intelectuais brasileiros, pensando em um programa de instrução pública, tomaram como referentes os modelos da educação norte-americana. De acordo com Luís Pontes (2014, p. 150 apud Brinkley, 2009), entre outros indicadores, os Estados Unidos desde 1865, orgulhavam-se de ter alfabetizado 94% de sua população *branca* nos estados do Norte, e 86% do Sul do país. De acordo com o recenseamento brasileiro de 1920, 80% da população ainda era analfabeta e o sucesso dos norte-americanos nos programas de alfabetização era uma esperança para os educadores brasileiros.

O amplo movimento de reformas educacionais iniciado nos Estados Unidos no final da década de 1950 se estendeu a outros países, inclusive ao Brasil. Na época posterior à Segunda Guerra, o mundo estava em reconstrução, portanto era essencial qualificar a força de trabalho

---

<sup>29</sup>Ainda, durante a 2ª Guerra Mundial, várias casas da Congregação de Santa Cruz foram encerradas na Europa, o que impulsionou a vinda dos missionários para a América Latina.

para assumir um mercado repleto de novos processos e inovações tecnológicas, e isso só seria possível através da educação. Esta conjuntura traduziu-se numa excelente oportunidade para a penetração dos norte-americanos no Brasil, como porta-vozes da modernidade, da democracia, e de valores morais, que eram transmitidos através dos meios de comunicação, da cultura e das escolas. Na verdade, desde a década de 1920, o “otimismo pedagógico” dos escolanovistas difundia a ideologia de que a escolarização constituía o motor do progresso brasileiro.

No contexto interno, a constituição do Colégio Notre Dame estava inserida num período singular na história da cidade: Campinas na década de cinquenta torna-se o novo polo de desenvolvimento do Estado de São Paulo, ficando somente atrás da capital, quando se deu o maior movimento migratório que se tem registro no Brasil, proveniente do Nordeste do país. O Brasil do pós-guerra vai perdendo o seu velho perfil rural, assim como Campinas vai deixando de ser a terra do café para fazer parte da industrialização crescente, com o aumento de sua população urbana<sup>30</sup>.

*Fotografia 4 — Vista aérea de Campinas, 1958.*



Fonte: Gilberto de Biasi.

A cidade passa a ser interligada por novas estradas com a pavimentação e inauguração da Rodovia Anhanguera em 1948, o que refletiu no seu mercado de trabalho, na formação profissional e até nos costumes familiares e hábitos de consumo. Nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto se desenvolveu a mais importante agricultura de exportação e industrialização

---

<sup>30</sup>No ano de 1950, Campinas contava com 152.547 mil habitantes. E em 1960 a população era de 219.303 mil habitantes. Fonte Censo IBGE 1960.

do Estado. Essas regiões, a partir da década de 1950, passaram a liderar a produção agrícola paulista, e nelas se consolidou o mais importante eixo urbano industrial do interior (Semeghini, 1988:128).

No ano de 1958, este crescimento da cidade impulsionou a criação da Arquidiocese de Campinas<sup>31</sup> que acompanhou o movimento de renovação e abertura da doutrina educacional católica tradicional ao pensamento moderno. Assim como a Congregação de Santa Cruz almejava fundar mais instituições escolares no Brasil e expandir sua influência no campo educacional, outras congregações religiosas, principalmente europeias, vieram para o país com o mesmo propósito. Para compreendermos a dimensão deste movimento, no período entre 1946 a 1964, ou seja, do final do Estado Novo ao ano de instauração da Ditadura Militar, a Igreja Católica fundou 466 escolas no Brasil<sup>32</sup>, período que pode ser considerado como o mais expressivo da Igreja no país, no que se refere ao estabelecimento de apostolados de instrução e educação (Moura, 2000:251-307).

No **Quadro 1**, relacionamos as instituições educativas católicas que foram fundadas em Campinas desde 1892, e suas respectivas congregações religiosas, a maioria presente até hoje na cidade.

**Quadro 1. A Igreja Católica em Campinas: Obras Educacionais e as Congregações Religiosas (1892-2018).**

| Nome da Instituição                                         | Ano de Fundação/Ano de Encerramento | Cursos na atualidade       | Entidade Mantenedora/ Origem                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Liceu Nossa Senhora Auxiliadora “Liceu de Artes e Ofícios”. | 1892-                               | Infantil/Fundamental/Médio | Congregação de Padres Salesianos Dom Bosco (Itália). (Criado inicialmente para atender os meninos órfãos por ocasião da epidemia da febre amarela que atingiu a cidade no final do século XIX). |

<sup>31</sup>ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS: Subsídios para sua história. Campinas: Editora Komedi, 2004, p. 566.

<sup>32</sup>Número de escolas católicas estabelecidas no Brasil: De 1890 a 1930: 276; de 1931 a 1945: 217; de 1946 a 1964: 466; de 1965 a 1985: 240; de 1986 a 1996: 103. (MOURA, Laércio Dias de. A Educação Católica no Brasil: Passado, presente e futuro. Associação Nacional de Mantenedoras de Escolas Católicas do Brasil (ANAMEC). São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 251-307.



|                                                                                                                        |           |                                     |                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Externato São João<br>Posteriormente Centro de Acolhida e Liberdade Assistida (1993) Hoje: Obra Social São João Bosco. | 1909-     | Cursos Técnicos Profissionalizantes | Congregação de Padres Salesianos Dom Bosco (Itália). (Criado para abrigar as Oficinas Profissionalizantes do Liceu Salesiano para meninos).           |
| Colégio Sagrado Coração de Jesus                                                                                       | 1909-     | Infantil/Fundamental/Médio          | Congregação de Nossa Senhora do Calvário (França). (Até o início da década de 1970 somente para meninas).                                             |
| Seminário Diocesano Santa Maria. Depois Colégio Diocesano até 1960. Hoje, Colégio de Aplicação Pio XII (desde 1962).   | 1915-     | Infantil/Fundamental/Médio          | Arquidiocese de Campinas. Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). |
| Escola Comercial de Campinas (1921), posteriormente Academia de Comércio São Luiz (1928).                              | 1921-?    |                                     | Arquidiocese de Campinas.                                                                                                                             |
| Instituto Santa Terezinha.                                                                                             | 1929/1933 | Ensino Médio                        | Congregação Nossa Senhora do Calvário (França). Inicialmente para meninas com deficiência auditiva. Transferido para São Paulo em 18/03/1933.         |
| Lar Nossa Senhora do Calvário/Núcleo Comunitário calvariano desde 1991.                                                | 1928-     | Infantil                            | Congregação Nossa Senhora do Calvário (França). Para meninas órfãs. Obra social do Colégio Madre Cecília.                                             |
| Colégio Franciscano Ave Maria.                                                                                         | 1930-     | Infantil/Fundamental/Médio          | Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria (Brasil).                                                                                      |

|                                                                                                                                    |       |                                                              |                                                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|--------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
| Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Faculdades Campineiras.<br>Universidade Católica de Campinas (1955)<br>PUCCAMP (1972). | 1941- | Ensino Superior                                              | Diocese de Campinas. Arquidiocese de Campinas.                                  |
| Colégio Dom Barreto                                                                                                                | 1952- | Infantil/Fundamental/Médio                                   | Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado (Brasil).                     |
| Instituto Educacional Imaculada                                                                                                    | 1952- | Infantil/Fundamental/Médio                                   | Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus (Itália).                    |
| Escola Salesiana São José.                                                                                                         | 1953- | Infantil/Fundamental/Médio                                   | Congregação de Padres Salesianos Dom Bosco (Itália). Inicialmente para meninos. |
| Colégio Notre Dame de Campinas.                                                                                                    | 1961- | Infantil/Fundamental/Médio                                   | Sociedade dos Religiosos da Congregação de Santa Cruz (Estados Unidos).         |
| Externato Madre Cecília/Colégio Madre Cecília (1995).                                                                              | 1965- | Infantil/Fundamental/Médio                                   | Congregação de Nossa Senhora do Calvário (França).                              |
| Escola de Educação Infantil Nossa Senhora da Consolação.                                                                           | 1985- | Infantil                                                     | Irmãs de Nossa Senhora da Consolação (Espanha).                                 |
| CECOIA – Centro Comunitário Irmão André/Notre Dame CECOIA (2012).                                                                  | 1985- | Infantil/Fundamental/Ensino Médio Técnico Profissionalizante | Sociedade dos Religiosos da Congregação de Santa Cruz (Estados Unidos).         |
| Instituto Júlio Chevalier (1912). Posteriormente, Colégio Padre Júlio Chevalier (1996).                                            | 1912- | Infantil/Fundamental                                         | Missionários do Sagrado Coração de Jesus (França).                              |

Fonte: O autor (2020)

Conforme nos indicam os estudos de Águeda Bernadete Bittencourt<sup>33</sup>, as congregações religiosas, desde o período colonial quando se instalaram no Brasil, contaram com o apoio episcopal e de uma fração da sociedade que almejavam pelos serviços da Igreja Católica em escolas, hospitais, na sociedade de forma geral. Os religiosos tiveram condições financeiras para assegurar seus estabelecimentos, e até os dias de hoje contam com apoio da estrutura montada pela Igreja para recepcionar os seus imigrantes. No caso do Colégio Notre Dame é importante apontar que além do apoio da Igreja local, a ação dos pais dos alunos, através da APM (Associação de Pais e Mestres do Colégio) e o auxílio de empresários, industriais e comerciantes da cidade e da região - muitos tinham os filhos matriculados na escola - foram de fundamental importância para a consolidação e o sucesso da instituição.

O Irmão Tomé, professor e 1º vice-diretor do Notre Dame, em seu livro sobre os primeiros anos da instituição, nos conta que o Colégio foi inserido em duas linhas de evangelização enfatizadas pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A primeira consistiu em priorizar a instrução da juventude, através das instituições de ensino e a segunda buscava se aproximar das classes de influência da sociedade, “um lugar propício à formação dos líderes cristãos para o futuro”<sup>34</sup>.

Um fator decisivo que fez com que os irmãos da Congregação de Santa Cruz optassem por construir um Colégio em Campinas foi o fato de a cidade possuir uma universidade, a Universidade Católica de Campinas<sup>35</sup>, e ainda por ser um dos maiores núcleos populacionais e industriais do Estado de São Paulo (Santos, 1986:8). Sem um diploma universitário os religiosos não poderiam assumir cargos de direção, nem dar aulas no Colégio.

A professora Astrid Sgarbieri, que lecionou inglês de 1976 a 1987 no Notre Dame, conheceu o Diretor do Colégio, Irmão Pedro Celestino Maranto, quando foi cursar a Faculdade de Letras na Puccamp. Ela foi chamada pelo colega de classe para lecionar, convite que aceitou

---

<sup>33</sup>BITTENCOURT, Águeda Bernadete; ARDUINI, Guilherme Ramalho. Apresentação. Pro Posições, Campinas, v. 28, n. 3, p. 12-28, Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0059>. Acessado em 13/12/2017.

<sup>34</sup>CHADY, Thomas Charles, C.S.C. Memória dos Pioneiros: Colégio Notre Dame de Campinas (1961-1964). Campinas, SP: E-Color, 2011. p. 14.

<sup>35</sup>Em 07 de junho de 1941 é criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – as Faculdades Campineiras. Em 1955 foi reconhecida como Universidade Católica de Campinas, e em 1972 recebe o título de Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). A Universidade de São Paulo (USP) foi fundada em 25 de janeiro de 1934. E a Universidade Estadual de Campinas foi fundada em 05 de outubro de 1966.

posteriormente, pois o seu filho Ricardo também estudava na instituição. Em seu depoimento, a professora relembra sobre a necessidade dos irmãos em obter o diploma do MEC (Ministério da Educação e Cultura), para poder atuar no Colégio.

Eu estudava de manhã, daí eu fui para o curso noturno. E na minha classe tinha bastante gente, e como eu falava alemão, nós tínhamos alemão, não é?! E na época eu não gostava de latim, então eu tinha um trato com uma colega que, se ela me deixasse olhar na prova dela de latim, eu falava alto o resultado da prova de alemão. Então foi isso, eu falava alto. Eu falava suficientemente rápido, várias palavras de alemão. E tinha um senhor bem sério que estava na classe também, tinha aula, e uma vez ele falou se podia sentar atrás de mim para aproveitar o alemão, não é? Tudo bem. No fim do 4º ano, no 2º semestre, eu fui fazer matrícula do meu filho no Colégio Notre Dame. Quem era esse senhor? Irmão Nicolas Maranto (Irmão Pedro Celestino Maranto). O Irmão Pedro! Ele se formou comigo. Ele fez Letras na Puccamp porque precisava do reconhecimento no MEC. Nenhum dos irmãos que davam aulas no Colégio tinha reconhecimento no MEC.

O Irmão Terence Hill, que lecionou no Colégio entre 1964 a 1968, conta de sua chegada à Campinas, e o seu depoimento revela um contraponto importante na história dos fundadores do Notre Dame. O religioso esperava encontrar um Colégio onde os irmãos se dedicassem às classes mais pobres, mas se deparou com uma realidade completamente diferente. O Colégio Notre Dame, desde o início, foi um colégio idealizado para as classes de alto poder aquisitivo da sociedade campineira, mas nos Estados Unidos os religiosos divulgavam principalmente o trabalho das missões realizadas com a população carente, o que causou estranhamento ao recém-chegado missionário, num primeiro momento.

Um detalhe que não deve ser esquecido é que, nos colégios dos irmãos nos Estados Unidos, havia anualmente campanhas para as “missões”. Os alunos faziam doações tiradas de suas mesadas em prol das missões em países pobres. As fotografias mostradas durante essas campanhas eram sempre de cenas de pobreza. Mas não posso deixar de reconhecer que o Colégio Notre Dame se desenvolveu como uma excelente instituição de educação, formando gerações de profissionais em Campinas e em toda a região<sup>36</sup>.

Ainda é importante mencionar que no período que antecede a criação do Ginásio Notre Dame, no intervalo democrático entre os anos de 1945 e 1964, a sociedade brasileira presenciou um intenso debate sobre a educação nacional. Os proprietários dos estabelecimentos

---

<sup>36</sup>CHADY, Thomas Charles, C.S.C. Memória dos Pioneiros: Colégio Notre Dame de Campinas (1961-1964). Campinas, SP: E-Color, 2011. p. 137.

particulares de ensino, hegemonicamente constituído pela rede escolar católica, e o segmento empresarial, representados pelos Sindicatos de Estabelecimentos Particulares de Ensino e pela Federação Nacional de Estabelecimentos de Ensino (FENEN), reivindicavam ao Estado as garantias legais para o seu funcionamento em condições de igualdade com a rede pública.

O Governo do Presidente Getúlio Vargas, antes de 1945, implantou políticas de nacionalização da educação: organizou a reforma do ensino secundário, estabelecendo pisos orçamentários de gastos para a educação escolar, e ainda planejou o sistema de formação profissional para atender às necessidades da industrialização. Essa ampliação do papel desempenhado pelo Estado incidiu sobre a existência das instituições particulares. O Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942 instituiu o controle governamental sobre o lucro líquido das escolas privadas, determinando que os valores das anuidades fossem fixados por comissão estatal, solicitando ainda uma porcentagem de vagas gratuitas para alunos carentes e a prestação de serviços assistenciais aos mesmos<sup>37</sup>.

Na década de 1950, a Igreja Católica sentiu-se ameaçada pelo principal ideal dos renovadores da educação: a luta pela implantação e consolidação de uma escola verdadeiramente pública, universal e gratuita. Na visão da Igreja, não haveria espaço para a escola católica e privada. Juntamente com os proprietários dos estabelecimentos de ensino particular, a Igreja recorreu a uma série de argumentos doutrinários para fazer valer sua concepção humanista tradicional de ensino, os mesmos argumentos que já haviam sido invocados na década de 1930, tomando por base a Encíclica *Divini illius magistri*, do Papa Pio XI, que tratou da educação da juventude.

Para os católicos, era importante demonstrar a precedência da Igreja, e da família, na educação da juventude, esta considerada o grupo fundamental, inicial, o grupo-medida de todos os grupos (Saviani, 2013:289). Sobre esse período Dermeval Saviani ainda vai nos dizer que, se o período situado entre a Revolução de 1930 e o final do Estado Novo (1945) pode ser considerado como marcado pelo equilíbrio entre as influências das concepções humanista tradicional (representada pelos católicos) e humanista moderna (representada pelos pioneiros da Educação Nova), no momento seguinte já se delineia como nitidamente predominante a

---

<sup>37</sup>SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. Tempos de Capanema. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 216-217.

concepção humanista moderna de ensino (...). Um significativo indicador da influência da concepção humanista moderna de filosofia da educação é encontrado no empenho das próprias escolas católicas em se inserir no movimento renovador das ideias e métodos pedagógicos<sup>38</sup>.

Essa renovação educacional católica manifesta-se especialmente por meio da organização, pela Associação de Educadores Católicos (AEC), das Semanas Pedagógicas realizadas em 1955 e 1956 e das classes experimentais nos anos seguintes. Por meio de palestras e cursos intensivos foram divulgadas nos meios católicos as novas ideias pedagógicas, principalmente as de Montessori e Lubienska. Surge assim, na esteira do predomínio da concepção humanista moderna de educação, uma espécie de “Escola Nova Católica”<sup>39</sup>.

Portanto, o estabelecimento do Colégio Notre Dame se deu num momento em que a Igreja Católica buscava se renovar pedagogicamente sem abrir mão de sua doutrina. Uma necessidade para que assim não perdesse sua clientela que integrava as elites econômica e cultural da sociedade, uma questão de sobrevivência. O Padre Lionel Corbeil, fundador do Colégio Santa Cruz de São Paulo, que também pertencia à Congregação de Santa Cruz, foi uma das figuras centrais desse movimento de renovação católica no Estado de São Paulo. Em 1952 fundou a AEC, Associação dos Educadores Católicos, e esteve na presidência da instituição até o ano de 1974. Também foi membro fundador do Conselho Estadual de Educação durante 21 anos. Atendendo ao convite da AEC, o Padre Pierre Faure, fundador do Centro de Estudos Pedagógicos de Paris em 1937, e diretor da revista *Pedagogie Parents et Maitres*, ministrou a Semana Pedagógica de 1955 no Colégio Sacré Coeur do Rio de Janeiro, e a Semana Pedagógica de 1956 no Colégio Sion de São Paulo<sup>40</sup>. O mesmo Pierre Faure retornará ao país diversas vezes a partir de dezembro de 1958 para preparar grupos de professores para atuar nas classes experimentais instaladas nos colégios Santa Cruz, Sion e Madre Alix, em São Paulo.

Paralelamente ao desenvolvimento das classes experimentais foram realizadas as Semanas Pedagógicas com programação anual ininterrupta até o ano de 1965. A orientação

---

<sup>38</sup>SAVIANI, Dermeval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. p.300.

<sup>39</sup>SAVIANI, Dermeval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. p.300.

<sup>40</sup>AVELAR, Gersolina Antônia de. Renovação educacional católica: Lubienska e sua influência no Brasil. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p. 75. (Coleção Educação Universitária).

pedagógica das classes experimentais baseou-se no método Pierre Faure: uma síntese de várias teorias pedagógicas, Dalton (americana), Montessori (italiana) e Lubienska (polonesa/francesa)<sup>41</sup>.

## 2.2. A SEDE PROVISÓRIA DO NOTRE DAME EM SOUSAS, A AQUISIÇÃO DO TERRENO EM CAMPINAS E A FUNDAÇÃO DO GINÁSIO EM 1961

No início da década de 1960 o Brasil vive o espírito do Desenvolvimentismo, plataforma política de Juscelino Kubitschek, que foi eleito Presidente da República em eleições diretas no ano de 1955. Neste contexto, a escola pública deveria formar técnicos de nível médio, e assim alimentar o mercado de trabalho e o acesso à universidade ficaria restrita aos alunos que apresentassem vocação intelectual. Todas as tentativas de Juscelino Kubitschek na educação declinaram e quando entregou o governo ao seu sucessor Jânio Quadros, “apenas 23% dos alunos que ingressavam no curso primário chegavam ao quarto ano, e somente 3,5% cursavam o último ano do curso médio”<sup>42</sup>.

O político Jânio Quadros ficou sete meses na Presidência do Brasil, e quando João Goulart assumiu o poder apresentou ao público a verdadeira situação da educação brasileira: 50% da população era analfabeta. No curso primário, somente 7% das crianças chegavam à quarta série. E o ensino secundário acolhia somente 14% dos estudantes. Jango conseguiu tomar medidas importantes para a educação entre 1961 e 1964. Depois de 13 anos de acirradas discussões no Congresso Nacional foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024, em 20 de dezembro de 1961): sem a pujança do anteprojeto original, prevalecendo as reivindicações da Igreja Católica e dos donos de estabelecimentos particulares de ensino, frustrando os reformadores da educação que defendiam o monopólio estatal para a oferta da educação aos brasileiros.

---

<sup>41</sup>AVELAR, Gersolina Antônia de. Renovação educacional católica: Lubienska e sua influência no Brasil. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p. 84. (Coleção Educação Universitária).

<sup>42</sup>GHIRALDELLI JÚNIOR. Paulo. Filosofia e história da educação brasileira. Barueri/SP: Manole, 2003. p.113.

De acordo com o Plano Nacional da Educação de 1962, as metas quantitativas e qualitativas para a educação, que deveriam ser alcançadas em oito anos, eram as seguintes: a) Ensino Primário – matrícula até a quarta série de 100% da população escolar de 7 a 11 anos de idade; e matrícula nas quinta e sexta séries de 70% da população escolar de 12 a 14 anos; b) Ensino Médio – matrícula de 30% da população escolar de 11, 12 e 14 anos nas duas séries do ciclo ginásial; matrícula de 50% da população escolar de 13 a 15 nas duas últimas séries do ciclo ginásial; e matrícula de 30% da população de 15 a 18 anos nas séries do ciclo colegial; d) Ensino Superior, expansão da matrícula até a inclusão, pelo menos, de metade dos alunos que terminassem o curso colegial<sup>43</sup>.

O Ginásio Notre Dame foi fundado dez dias antes da promulgação da 1ª Lei de Diretrizes e Bases, em 11 de dezembro de 1961, que apesar de tentar ser uma lei liberalizante, humanista e crítica, referendou a vitória das forças conservadoras e privatistas (Shiroma, 2004:29). O Irmão Paulo Schaefer, fundador do Ginásio, era natural de Dayton, Ohio, Estados Unidos. Sociólogo, formado pela Universidade Notre Dame de Indiana, entrou para a Congregação de Santa Cruz em 1947. Depois de permanecer oito anos em Santarém, no Pará, como Superior da Congregação e Diretor do Colégio Dom Amando (1951-1958), e após vencer parcialmente a barreira da língua, recebeu uma nova missão: encontrar um local para o estabelecimento de mais uma instituição de ensino no Brasil.

No documento “Herança e Missão: Um Guia à Herança e Missão Compartilhadas das Escolas na Tradição de Santa Cruz”<sup>44</sup>, no momento de fundação do Colégio Notre Dame, os irmãos reconhecem que São Paulo era o Estado com maior possibilidade de oferecer vocações para a Congregação, “além de contar com universidades e excelente qualidade de vida, atendimento médico hospitalar, melhores condições de higiene e alimentação”. Após visitar algumas cidades como São José dos Campos e Bauru, além de Salvador, na Bahia, e buscar orientação dos padres canadenses do Colégio Santa Cruz, e da Congregação nos Estados Unidos, Irmão Paulo escolheu a cidade de Campinas como sede do Ginásio Notre Dame.

---

<sup>43</sup>GHIRALDELLI JÚNIOR. Paulo. Filosofia e história da educação brasileira. Barueri/SP: Manole, 2003. p.115.

<sup>44</sup>Herança e Missão: Um Guia à Herança e Missão Compartilhadas das Escolas de Santa Cruz. Congregação de Santa Cruz. Província Sul-Oeste. Austin-Texas. Maio de 1996.



No dia 22 de julho de 1960, o jornal Diário do Povo anuncia a “fundação simbólica” do Ginásio Notre Dame. Estavam presentes na reunião John Baptist Titzer, norte-americano, Provincial da Congregação de Santa Cruz, o Padre Leonel Corbeil, Diretor do Colégio Santa Cruz de São Paulo e Presidente da Associação dos Educadores Católicos (AEC), Irmão Paulo Francis Schaefer e alguns representantes da sociedade campineira. Na mesma ocasião, a Sra. Maria Amélia Bueno Vidigal, viúva de Gastão Vidigal<sup>45</sup>, ex-ministro da Fazenda, fez a doação da gleba de terras, uma área desapropriada da Fazenda Maria Amélia (Chácara Santa Hercília), onde foi construído o Ginásio.

O terreno onde foi instalado o Ginásio está localizado às margens da Rodovia Doutor Heitor Penteado (km 4,5), que liga Campinas ao distrito de Sousas. Na ocasião, o industrial Luís Alfredo de Andrade efetuou o donativo de Cr\$100.000,00 (cem mil cruzeiros) para o futuro empreendimento, e a empresa alemã 3M doou aos irmãos um automóvel *Jeep*, que foi utilizado durante as obras de construção. O industrial norte-americano John Dietrich atuou como intermediário na consecução da doação do terreno.

A efetivação da doação dos três alqueires “paulistas” (68.740 – sessenta e oito mil setecentos e quarenta m<sup>2</sup>) realizou-se através da escritura transferida no dia 3 de janeiro de 1961<sup>46</sup>. Assinaram pelos doadores os filhos de Maria Amélia, Sílvio Bueno Vidigal e Álvaro Augusto Bueno Vidigal, e pela Congregação dos Irmãos de Santa Cruz, recebendo a doação, o Irmão Paulo Francis Schaefer. A área da gleba foi avaliada em Cr\$1.800.000,00 (um milhão e oitocentos mil cruzeiros).

Irmão Paulo, após conseguir a autorização da Delegacia Regional de Ensino do Curso Primário de Campinas, deu início às inscrições dos primeiros alunos no Curso Preparatório aos Exames de Admissão ao Ginásio, a partir do dia 1º de agosto de 1960. Os alunos foram submetidos a um exame de seleção em 17 de dezembro de 1960, e os que foram considerados aptos<sup>47</sup> ingressaram no Curso de Admissão em 1º de março de 1961.

---

<sup>45</sup>Gastão Vidigal (1889-1950), advogado, político, além de Ministro da Fazenda (1946), foi fundador do Banco Mercantil, e Diretor da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro de Campinas, entre 1941 e 1950.

<sup>46</sup>Na sede do Tabelionato Veiga, 11º Ofício de Notas de São Paulo, registrada no Livro nº 1896 de Escrituras Públicas, Folha 33/ verso.

<sup>47</sup>Para ter a inscrição validada no Curso de Admissão, o aluno deveria estar de posse de suas médias escolares, e ter sido aprovado nos cursos anteriores ao Ginásio, assim como apresentar os seus documentos pessoais e estar acompanhado de seus pais.

Fotografia 5 — Anúncio do Curso de Admissão, 1960.

**Ginásio Notre Dame de Campinas**  
**ESTRADA CAMPINAS-SOUSAS**

Um novo colégio masculino, dirigido pelos Irmãos da Congregação de Santa Cruz.

Iniciará, com um Curso de Admissão de um ano completo, em março de 1961. Os alunos interessados devem inscrever-se logo para o exame de seleção, que será realizado em dezembro próximo.

**Para Inscrever-se:** Venha acompanhado por seus pais (um pelo menos) e traga suas médias escolares dos anos anteriores, mais duas fotografias 3 x 4, recentes.

**Endereço Temporário:** Rua Dr. Quirino, 1319 :: 5.º andar :: Sala 52  
Fone: 9.1833 :: Campinas.

Das 9 às 11,30 horas pela manhã ou das 14 às 17,30 horas à tarde de segunda a sexta-feira.

Agosto de 1960 — Anúncio da abertura do Ginásio Notre Dame de Campinas

Fonte: CND

As aulas do Curso de Admissão tiveram a duração de 12 meses e foram ministradas pelos irmãos e por professores leigos que trabalhavam em outras escolas da cidade e foram convidados para fazer parte do novo empreendimento. Neste curso, os alunos tinham aulas de Religião, Português, Matemática, Geografia, História, Inglês e Educação Física. A primeira turma do Curso de Admissão, composta por 27 alunos foi aprovada no Exame de Conhecimentos Gerais, que tinha provas de Português, Matemática, Geografia e História do Brasil. No entanto, 21 alunos ingressaram no Ginásio Notre Dame no início de 1962.

Após a aprovação no Exame de Admissão, cabia ao candidato apresentar a documentação exigida para o seu ingresso no curso: certidão de nascimento, correspondência de transferência das escolas onde cursou o primário, atestado de vacinação, fotografias para o seu prontuário. Para os alunos estrangeiros eram exigidos os certificados de conclusão de curso realizados no exterior e havia provas de adaptação.

Fotografia 6 — Certificado de Aprovação do Curso de Admissão, 1962.

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

*Graciano Leite da Silva de Campina*  
(NOME DO ESTABELECIMENTO)

*Campinas* (CIDADE) *São Paulo* (ESTADO)

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO No. *1*

EM EXAMES DE ADMISSÃO À 1ª SÉRIE GINASIAL

CERTIFICAMOS que *Roberto Siqueira*  
filho de *Vittório Siqueira*  
e de *Antônia Siqueira*  
natural de *Marzale, Itália*, nascido em *1º*  
de *Januário* de *1950* foi considerado aprovado em exame  
de admissão à 1ª SÉRIE GINASIAL, prestado em *1º de dezembro*  
de *1962* nos termos da LEI ORGÂNICA DE  
ENSINO SECUNDÁRIO, (Decretos-leis números 4.344, de 9 de Abril de 1942  
e 8.347, de 10 de Dezembro de 1945), tendo obtido os seguintes resultados.

Português: *8.0* Matemática: *7.0*  
Geografia: *8.0* História do Brasil: *9.5*  
Média Geral: *8.1* (8.1)  
*Campinas, 1º de dezembro de 1962*

*Antônio Roberto Siqueira, Dir.* *João Baptista da Silva Carvalho, Sec.*  
DIRETOR SECRETÁRIO

(Assento de selo, n.º do Decreto-Lei 8.029 de 2-10-45)

BRASIL 1962

Rua Dr. César, 315

Fonte: CND

O professor João Baptista da Silva Carvalho, que deu aulas de Matemática no Colégio Notre Dame, desde os Exames de Admissão em 1961, relembra sua indicação para lecionar na instituição quando ainda era professor no Colégio Santa Maria, que pertencia à Diocese de Campinas. João Baptista deu aulas no Notre Dame de 1963 até 2003, portanto ficou no Colégio durante 40 anos, e também foi Orientador Educacional.

Os irmãos de Santa Cruz. Eles precisavam de um professor de Matemática para fazer os Exames de Admissão ao Ginásio. Lá nos Estados Unidos não precisavam de nada disso, mas aqui precisavam. Então fui aconselhado pelo Professor Mário Giannini, que era o Diretor do Colégio Diocesano Santa Maria na época, ele me indicou para fazer esse trabalho. Foi o primeiro contato que eu tive com o Colégio Notre Dame de Campinas. Nessa primeira turma que eu fiz o Exame de Admissão, eu não lecionei. Mas no 2º ano, que era o Irmão Tomé (Thomas Charles Chady), que era o professor de Matemática deles, resolveu me ajudar, queria uma ajuda. Então ele ficou com a 1ª série, e eu fui dar aulas na 2ª série. E fiquei até 2003.

Os Exames de Admissão foram introduzidos em nível nacional para o ingresso no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, através do Decreto nº 4.468 (01/02/1870) e regulamentado

pelo Decreto nº 981 (08/11/1890). Por meio do Decreto nº 19.890 (18/04/1931), como parte da Reforma Francisco Campos, no governo de Getúlio Vargas, os Exames de Admissão tornaram-se obrigatórios nas escolas públicas de todo o Brasil até 1971, e também nas escolas que faziam parte do Sistema Federal de Ensino - que era o caso do Colégio Notre Dame - quando passou a pertencer ao Sistema Estadual de Ensino (1971). Os Exames de Admissão foram extintos por força da Lei nº 5692/71, que uniu o curso Primário e Ginásial, constituindo assim o Ensino de 1º Grau.

A cerimônia da “Benção da Pedra Fundamental” do Ginásio Notre Dame ocorreu em 11 de dezembro de 1960, na sede do futuro empreendimento, no quilômetro 4,5 da Estrada Campinas-Sousas<sup>48</sup>. No mesmo mês teve início a construção dos edifícios<sup>49</sup>. Para realizar a construção do Colégio os irmãos contrataram a Construtora Enir Engenharia Ltda., de São Paulo. A empresa recebeu a quantia de Cr\$1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros), dividido em cinco parcelas mensais, e estimava-se em 150 dias o prazo para entrega da obra. A Congregação de Santa Cruz ficou responsável por todas as despesas materiais, pela mão de obra e ainda por mais 41% sobre a folha de pagamento, para satisfação das leis sociais. Sobre todas as notas fiscais de despesas, a construtora recebeu 5% do total.

---

<sup>48</sup>A cerimônia foi realizada pelo Monsenhor Luís Gonzaga de Moura, Vigário Geral da Arquidiocese de Campinas, que substituiu Dom Paulo de Tarso Campos, 1º Arcebispo Metropolitano de Campinas. Irmão Paulo fez um discurso para os convidados tendo como base a súplica “Mundo Melhor”, propagada pelo Papa João XXIII. Entre os presentes estavam diversas autoridades eclesiásticas, os doadores do terreno, os arquitetos e construtores dos edifícios.

<sup>49</sup> Em dezembro de 1960, a Congregação contratou as empresas Enir Engenharia Ltda. e João Somogyi & Cia Ltda., ambas de São Paulo, para dar início à construção dos edifícios do Colégio Notre Dame. O Irmão Paulo contou com a assessoria jurídica dos advogados Manary Vasconcelos Mendes e Agostinho Toffoli Tavoraro.

*Fotografia 7 — Assinatura do contrato de construção do Colégio. Ao centro Ir. Paulo Schaefer, ao lado de Alfredo Rubens Genari e João Somogyi, novembro de 1960.*



Fonte: CND

O arquiteto responsável pelo projeto do Colégio foi o chinês Max Ouang, sócio da Construtora Marino Barros, ambos de São Paulo. Max Ouang foi indicado pelo Embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon, para projetar o Colégio. Lincoln foi um personagem importante na história do Brasil. De acordo com o historiador norte-americano James Green, Lincoln foi um dos artífices da política estadunidense para o país, no início da década de sessenta, quando teve início o governo do Presidente militar Humberto de Alencar Castelo Branco<sup>50</sup>.

Enquanto a sede definitiva do Ginásio Notre Dame de Campinas era construída, os irmãos alugaram uma casa no distrito de Sousas, para assim dar início às atividades de ensino<sup>51</sup>. No sobrado que ficava na rua principal da cidade, “onde atrás passava um riacho”, os primeiros alunos tinham aulas no andar térreo, em duas salas, enquanto o primeiro andar serviu de moradia para os Irmãos Paulo e Tomé. Em Sousas, os estudantes não tinham aulas de Educação Física, mesmo assim os alunos desenvolviam algumas atividades no pequeno distrito rural: realizavam caminhadas, acampamentos e passeios de canoa no Rio Atibaia. Sobre essa primeira sede, Luiz Visentini, ex-aluno do Ginásio vai dizer:

---

<sup>50</sup>GREEN, James N. Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos (1964-1985). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>51</sup>Sobrado de propriedade de Carlos Giometti, fazendeiro e comerciante, situada na Rua Coronel Alfredo Nascimento, nº 183.

Abriram o Colégio Notre Dame em 1961, num sobrado em Sousas. Os quartos dos irmãos ficavam no andar de cima, assim como a capela, na qual fazíamos as orações. Ir. Paulo fazia um tipo de controle, não exatamente uma cobrança. Usando uma folha de sulfite, anotávamos tudo o que ocorria durante a semana: quantas orações, quantos terços e um acompanhamento da missa. Nossas atividades físicas consistiam em explorar a mata, nadar e acampar na beira do Rio Atibaia.

*Fotografia 8 — Sede provisória do Ginásio Notre Dame em Sousas, 1961.*



Fonte: CND

*Fotografia 9 — Alunos da 1ª Turma do Ginásio, 1961.*



Fonte: CND

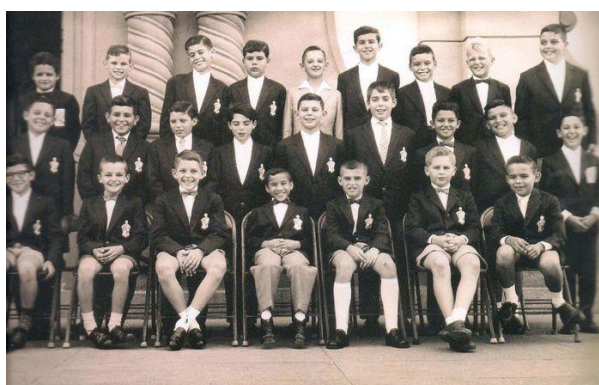
*Fotografia 10 — Alunos da 1ª Turma do Ginásio, 1961.*



Fonte: CND

Em sua missão de construir a nova escola, Irmão Paulo teve que se empenhar muito para conseguir os recursos e assim edificar a sede definitiva do Ginásio. Como saída para a situação, lançou uma campanha e passou a solicitar empréstimos da Congregação nos Estados Unidos, e das empresas estrangeiras e nacionais que tinham sede em Campinas. Através da consulta das primeiras Atas de Reunião do Conselho do Ginásio Notre Dame (1961-1964), foi possível acompanhar as negociações e as dificuldades enfrentadas no início do empreendimento.

*Fotografia 11 — Os primeiros alunos matriculados. Festa de São José, 19/03/1961.*



Fonte: CND

Entre os diversos documentos localizados no arquivo inativo da escola, encontrei uma correspondência da diretoria onde consta uma relação de nomes de comerciantes e industriais que fizeram doações para a construção do Colégio. Ali estão registrados os nomes destas pessoas, as famílias dos estudantes, o nome de seus estabelecimentos comerciais e industriais, e também os materiais doados. Foram realizados alguns eventos para obtenção de fundos em prol da obra. O Clube de Pais constituiu desde sua fundação em 1963, um fundo de reserva para cobrir as despesas realizadas em investimentos na parte predial e de equipamentos da escola. Até o ano de 2018, a cada eleição de diretoria, os representantes da Associação de Pais e Mestres (APM) decidiam como aplicar esta verba na escola.

Em Ato de 28 de março de 1962, a Diretoria do Ensino Secundário – Inspetoria Seccional de Campinas, do Ministério da Educação e Cultura, concedeu ao Ginásio Notre Dame a autorização para funcionar condicionalmente. O Ato foi ratificado em junho do mesmo ano autorizando o Ginásio a funcionar pelo espaço de 04 anos<sup>52</sup>. A inauguração da sede definitiva aconteceu no dia 1º de maio de 1962. O Superior da Congregação de Santa Cruz, o norte-americano Irmão John Baptist Titzer, veio dos Estados Unidos especialmente para o evento. Em seu discurso falou dos propósitos da Congregação ao inaugurar a instituição e dos alunos que pretendiam alcançar.

Nossa intenção desde o início foi a de oferecer um alto nível de educação que não somente despertará as potências intelectuais dos seus filhos, mas também, quanto possível, ajudá-los a alcançá-lo. Seria impossível satisfazer as necessidades e capacidades de nossos alunos, se oferecêssemos um programa inferior. Este alvo educacional, aliás, não indica que a matrícula na escola é exclusivamente reservada para os filhos de famílias que têm recursos para pagar as anuidades. Esperamos por meio de bolsas e por outras maneiras, aceitar quaisquer alunos capazes de vencer as exigências do nosso programa de seleção<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup>No início de seu funcionamento o Ginásio pertenceu ao sistema Federal de ensino, sob a jurisdição da Inspetoria Seccional do Ensino Secundário de Campinas. Autorização de Funcionamento do 1º Grau: Portaria nº 465, de 7 de junho de 1962, ratificada pela Diretoria do Ensino Secundário - Ministério da Educação e Cultura.

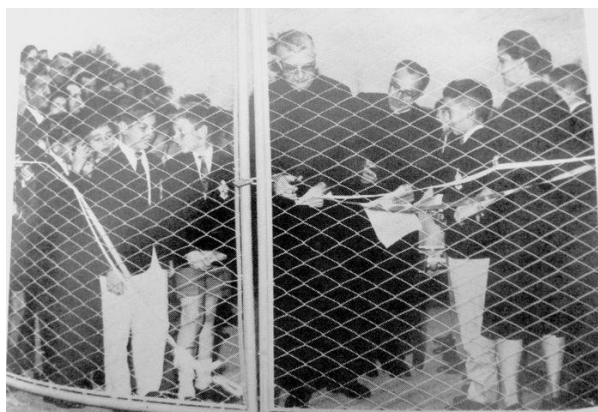
<sup>53</sup>SANTOS, Lycurgo de Castro, Filho. Colégio Notre de Campinas. Volume comemorativo do 25º Aniversário da fundação (1961-1986). Colégio Notre Dame. Campinas, SP, 1986. 15.



Ainda no seu discurso, o Provincial menciona que uma parte essencial do programa da Congregação era a educação de escolásticos que deveriam estudar na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Para o representante de Santa Cruz, a América do Norte e a América do Sul eram dois hemisférios “irmãos”, intimamente aliados, com costumes diferentes, mas com as mesmas inspirações para os seus filhos, e revela o intuito da Congregação em estabelecer o Colégio no Brasil, tendo como base os valores da política externa de seu país, que buscava frear o avanço do comunismo.

Ficamos animados neste tempo de perigos mundiais, quando o conceito de trabalho sofre ameaças de valor efêmero que o faz um simples instrumento do Estado; que nossos motivos possam transformá-lo num meio de ampliar o Reino de Cristo, e assim demonstrar nosso amor concreto para com Deus e nosso próximo<sup>54</sup>.

*Fotografia 12 — Corte da fita inaugural do Ginásio, 1º de maio de 1962.*



Fonte: CND

---

<sup>54</sup>SANTOS, Lycurgo de Castro, Filho. Colégio Notre de Campinas. Volume comemorativo do 25º Aniversário da fundação (1961-1986). Campinas, SP: Colégio Notre Dame, 1986. p. 16 e 17.

*Fotografia 13 — Benção de Inauguração dos pavilhões, 1º de maio de 1962.*



Fonte: CND

### 2.3. OS PRIMEIROS ANOS DE FUNCIONAMENTO DO GINÁSIO E O ESTABELECIMENTO DO COLÉGIO EM 1966

Durante a estadia na casa provisória em Sousas, juntamente com Irmão Paulo, os alunos do Curso de Admissão realizavam visitas ao terreno onde o Ginásio era construído em Campinas. Também acompanhavam os irmãos na visita a outras escolas, com o objetivo de divulgar o novo Ginásio, e assim convidar estudantes para ingressar na instituição. No início do empreendimento os irmãos buscaram se aproximar das famílias e de seus alunos, para que a instalação da escola fosse bem sucedida. Foram realizadas algumas viagens aos Estados Unidos, para que os alunos conhecessem de perto as obras educacionais da Congregação de Santa Cruz.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961) dividiu os cursos em Primário (com a duração de 4 anos), Ginásio (4 anos) e Colegial (Científico e Clássico) (3 anos). Ao consultar os prontuários das primeiras turmas foi possível reunir uma série de informações, como dados pessoais dos alunos, os cursos realizados, as escolas de procedência, as matérias ministradas e seus respectivos professores, os conceitos e notas, as advertências por indisciplina, e ainda outros documentos da vida estudantil: certificados, documentos de transferência, resultados de exames, boletins, fotografias.

A partir destes documentos, foi possível conhecer o funcionamento da escola no início do empreendimento. Com a inauguração do Ginásio em 1962, o regime das primeiras turmas formada somente por meninos era de semi-internato. Estudando em período integral, os alunos

entravam na escola às 8hs20min da manhã, almoçavam no refeitório junto com os irmãos, praticavam atividades físicas no período da tarde, tinham aulas de artes e trabalhos manuais, e regressavam para casa às 17hs. O Notre Dame ficava distante do centro da cidade, e muitos alunos consideravam a ida até a escola uma “viagem”. A maioria chegava de ônibus, uma “jardineira”, de empresa contratada pelo Colégio. Através do depoimento do ex-aluno Cleso José Mendes de Castro Andrade, médico oftalmologista, é possível saber um pouco mais sobre o deslocamento dos alunos até o Colégio:

Eu morava aqui na Rua Antônio Lapa, aqui no Cambuí, e no começo era um ônibus da Companhia Lício. Era uma companhia que ia de Campinas a Sousas. E depois passou para a empresa Bortolotto, mas a gente ia mais... Isso, esse micro-ônibus aí mesmo! (O entrevistado reconhece o ônibus no livro do Colégio). Eu me lembro das pessoas, mas não lembro muito dos nomes. E depois do ônibus, foi uma perua *Kombi*. A perua era do próprio Lício. Esse micro-ônibus, essa jardineira era da Viação Lício, mas era o nome dele também. E a bagunça no ônibus você não imagina! Era uma viagem para ir ao Notre Dame. Acho que 1 hora, mais ou menos. Era pista única, mas também não tinha trânsito. Ou você ia de perua ou depois, já no Científico, fazia o rodízio com os pais, cada semana era um, ou cada mês era um (pai) que levava. Almoçávamos no Colégio. O Sr. Alcides era o cozinheiro. Tinha uma cantina na escola. E cada semana ou cada mês era um ou dois (alunos) que era encarregado de limpar as mesas<sup>55</sup>.

*Fotografia 14 — Jardineira da "Viação Lício" utilizada no transporte dos alunos, 1962.*



Fonte: CND

---

<sup>55</sup>O Sr. Alcides Eugênio foi funcionário do Notre Dame. Cozinheiro, jardineiro, foi lembrado por diversos alunos em seus depoimentos.

De 1961 a 1964, 110 meninos foram matriculados no Ginásio Notre Dame, no Curso de Admissão (início em 1961); na 1ª, 2ª e 3ª séries do Ginásio (início em 1962, 1963 e 1964 respectivamente) e na 4ª série do Primário (início em 1964). Para o Irmão Tomé esses alunos foram considerados “os pioneiros” porque a escola ainda estava em construção em Campinas, “num bosque de eucaliptos ao lado de uma colina. O terreno era um mar de lama, uma nuvem de poeira por conta da terraplanagem”<sup>56</sup>. Em alguns depoimentos que realizei, ficou evidente que para alguns alunos e professores o estabelecimento desta instituição na cidade procurava trazer algo “novo”, diferente das ofertas educacionais que já existiam em Campinas. Nos anúncios veiculados na imprensa os irmãos comunicavam a criação do empreendimento como uma escola moderna, “onde todo menino gostaria de estudar”.

*Fotografia 15 — Folheto de Divulgação do Colégio Notre Dame.*



Fonte: CND

<sup>56</sup>CHADY, Thomas Charles, C.S.C. Memória dos Pioneiros: Colégio Notre Dame de Campinas (1961-1964). Campinas, SP: E-Color, 2011. p. 11.

Fotografia 16 — Flâmula do Colégio "Os Cavalheiros do Futuro".



Fonte: CND

A disciplina de Educação Moral e Cívica foi criada em setembro de 1969 (Decreto Lei nº 869), tornando-se obrigatória nas escolas brasileiras de todas as etapas e modalidades, durante o regime militar. No entanto, junto com as aulas de religião, os irmãos procuraram estabelecer a ordem e o civismo entre os alunos, através de uma série de medidas disciplinares, desde o início do Ginásio em 1961.

Aos garotos era proibido fumar cigarros nos corredores do Colégio. Todas as segundas-feiras de manhã hasteavam a bandeira e cantavam o Hino Nacional. Para frequentar a escola o uniforme tinha que estar completo: blusa branca, paletó e calça social. Os sapatos não poderiam ter solas de borracha, somente de couro, para que os estudantes aprendessem a andar sem fazer

barulho. Quando indisciplinados em sala de aula, e quando fugiam da escola, os alunos eram punidos com atividades realizadas no próprio Colégio, o que ficou conhecido como “detenções”. Três advertências em sala de aula resultavam em uma detenção, e para “quitar” essa dívida com os irmãos tinham que ajudar a organizar alguns eventos internos, como as Corridas de Santo Antônio, a Festa Junina, assim como realizar tarefas de limpeza dos corredores da escola e a cópia do livro de regras durante o intervalo, tarefas que não ultrapassavam 1 hora.

Mesmo com as advertências e a disciplina exigida em sala de aula, algumas histórias contadas pelos “pioneiros” **Paulo de Tarso Lima, Sérgio Ponciano e Washington Ferreira**, revelam que não deve ter sido fácil para os irmãos controlar as turmas formadas somente de meninos no início do empreendimento<sup>57</sup>.

Claro, também havia farras, traquinagens, brincadeiras no Colégio. Alguém soltou uma bomba na classe, uma vez. Eu toquei fogo no meu armário e terminou pegando fogo no armário do colega. Queimou o paletó dele e um pouco dos outros armários. Por causa disso, fiquei um ano com a matrícula condicionada. Aconteceu assim: na terceira série, eu ficava nos intervalos do recreio copiando o livro das regras disciplinares. Aí nos últimos dias juntei a papelada toda no armário e coloquei fogo, achando que ia ficar só ali no meu armário. Mas o fogo se espalhou todo. (**Paulo de Tarso Lima**).

Então, um colega começou a jogar o lixo dele no armário. Quando ficou cheio de tanta porcaria, ele disse que ia tacar fogo com um isqueiro. Quando ele foi fechar a porta, ela estava tão quente, ele bateu e saiu correndo. O fogo se espalhou para outros armários. O meu foi um dos atingidos, e perdi o casaco que estava dentro. (**Sérgio Ponciano**).

Lembro-me de um colega, hoje ele é médico, que precisava fazer uma apresentação sobre refração da luz dentro d’água. Para demonstrar que a luz tinha uma refração ao entrar na água, ele usou um aquário. Para ver o raio na água, ele queria colocar um pouquinho de leite na água, mas errou a quantidade e colocou leite demais, a gente não viu nada. (**Sérgio Ponciano**).

Já era a época do Irmão Terêncio, e daí uns colegas queriam nos pegar – eu e o Paulinho Ribeiro – e entramos na Secretaria para nos esconder. O Ir. Terêncio nos falou que lá ninguém podia ficar e reclamamos que eles queriam nos jogar do barranco. Irmão Terêncio ficou de segurar os meninos e contar até não sei quanto, para dar tempo de a gente correr. Fomos até a capela. Tinha um arame de uns 20

---

<sup>57</sup>CHADY, Thomas Charles, C.S.C. Memória dos Pioneiros: Colégio Notre Dame de Campinas (1961-1964). Campinas, SP: E-Color, 2011. Os depoimentos foram organizados e feitos de forma coletiva, e podem ser identificados nas seguintes páginas: 56;70;73;97;100.

centímetros, Paulinho não viu e passou por cima, caiu e cortou o lábio. Acabou a brincadeira. Não lembro quem eram, mas eram muito mais velhos do que nós. Era gostoso tudo isso, as brincadeiras. **(Washington Ferreira).**

E não dá para esquecer tantas travessuras. Houve uma professora, baixinha, uma moça bem nova que não lembro o nome porque eu não tinha aula com ela. O pessoal começou a jogar coisas no quadro, ela se irritou, pegou as coisas dela para ir embora. Ela tinha um carro tipo *Karmann Ghia*, e entrou nele, mas era um carro baixinho e quando ela foi tentar ir embora, o pessoal se juntou e levantou as rodas traseiras do carro. Ela não conseguia sair do lugar! Tenho a impressão que ela nunca mais voltou, nem lembro a matéria que lecionava. **(Washington Ferreira).**

No ano de 1963, Irmão Paulo passou a dar aulas de Inglês no Curso Ginásial, e assim Irmão Jerônimo Schwabe assumiu a direção da escola. No Ginásio, os alunos tinham aulas de Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Inglês, Trabalhos Manuais, Religião, Música, Artes e Educação Física. A avaliação dos estudantes é representada por conceitos: O (Ótimo – nota 9 a 10); B (Bom – nota 8 a 8,9); R (Regular – nota 7 a 7,90); S (Sofrível – nota 6 a 6,9); M (Mau – nota 5 a 5,9) e P (Péssimo – nota 3 a 4,9). A maioria das disciplinas era ministrada por professoras e professores leigos, mas os irmãos também faziam parte do corpo docente.

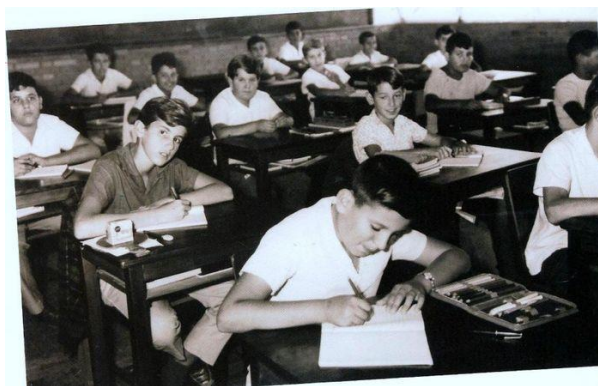
Na memória dos alunos e professores entrevistados, os religiosos tinham dificuldade em lecionar por conta da língua, o que se tornava um entrave em sala de aula. Mesmo assim, a maioria traz uma lembrança afetiva dos irmãos, como uma referência especialmente na atenção para com os alunos, à autonomia concedida aos professores, à parceria com os pais na condução do Colégio, e através dos valores morais transmitidos, principalmente pelos ideais do catolicismo.

Em 1964, além do Curso de Admissão e da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ginásio, o Colégio inaugurou o 4º ano Primário, este sob o regime de Externato, com 22 alunos matriculados na 4ª série. No ano de 1965, o Ginásio Notre Dame tem alunos matriculados em todas as séries do Primário e do Ginásio, além do Curso de Admissão, num total de 223 alunos. Em 13 de julho de 1966, o Ginásio Notre Dame, através da Portaria nº 180 do Ministério da Educação e Cultura,

recebeu a autorização para o funcionamento do 2º ciclo de estudos (1ª série) e para a mudança do nome do estabelecimento: é criado o **Colégio Notre Dame de Campinas**.

Com a ampliação dos cursos e consequentemente o aumento no número de matrículas, a Congregação investe na ampliação do Colégio. Em 1962 foram inaugurados os três primeiros edifícios, e em 1968 já são oito prédios que comportam as salas de aulas, refeitório, administração, cozinha, Juvenato, vestiários e quiosques.

*Fotografia 17 — Turma de alunos em sala de aula, 1962.*



Fonte: CND

No início do ano de 1966 (6 de março), acontece a formatura da primeira turma do Ginásio Notre Dame. Dos 23 alunos matriculados em 1962, 12 chegaram ao final do curso em 1965<sup>58</sup>. O paraninfo da turma foi o primeiro professor de português do Notre Dame, Carlos de Aquino Pereira, que lecionou no Colégio entre 1963 e 1968. O professor Carlos deu aulas no Colégio Diocesano Santa Maria até 1960, e depois passou a dar aulas no Notre Dame e no Pio XII. Muitos professores do Notre Dame davam aulas no Pio XII, em períodos alternados.

Em seu depoimento o ex-aluno Cleso José Mendes de Castro Andrade relembra o momento de sua formatura em 1966, e ainda fala do relacionamento com os irmãos de Santa Cruz:

---

<sup>58</sup>Formandos: Ricardo Franco do Amaral, Walter Nunes Baraquet Júnior, André Paes Leme Canguçu, Paulo Cardia, Renato Angelini Chaves, Luís Henrique Gonçalves (Orador da Turma), Otaviano Augusto Helene, Ademar José Godoy Jacob, Theodurus Hermanus Litjens, João Mendes Júnior, Roberto Teixeira Penteado e Antônio Fernando Ribeiro.



A formatura foi onde era o refeitório. Hoje em dia é o Ginásio de Esportes. Tradicional, entrega de diploma, e nós assistimos ao “bandeirão da Ponte Preta” ali atrás, pois foi o ano que a Ponte Preta subiu de divisão<sup>59</sup>. Então a gente assistiu ao jogo. Aí o Irmão ia com a gente. Eu gostava muito do Irmão Pedro. Ficou muito tempo no Colégio. Ele era uma máquina! Irmão Pedro Celestino Maranto, eu lembro o nome dele até hoje. Lembro do Irmão Tomé Chady, e tinha o Irmão Ricardinho (Ricardo Burgie) de física, que era muito amigo meu. Tinha o Irmão Guilherme que tinha que fazer regime, porque era diabético. Eu lembro que ele foi jantar em casa, até preparamos um jantar sem carboidrato, e quando a gente vê, ele chega com aquelas coisas de americano, cheio de doces.

*Fotografia 18 — Visita dos alunos e Ir. Paulo Francis Schaefer à Universidade Notre Dame em South Bend, Indiana – Estados Unidos, 1966.*



Fonte: CND

---

<sup>59</sup>AAPP - Associação Atlética Ponte Preta, time de futebol da cidade de Campinas.

## 2.4. A ENTRADA DAS MENINAS NO NOTRE DAME (1968), O ANIVERSÁRIO DE 10 ANOS DA INSTITUIÇÃO (1971) E O RECONHECIMENTO DA ESCOLA (1980)

No ano de 1967 tem início o funcionamento do curso Pré-Primário com 25 alunos, e a partir de 1968 a frequência passou a ser mista, com 15 alunas ingressando no curso colegial (Ato nº 1/1968, 26/06/68)<sup>60</sup>. Além de convocar estudantes para ingressar na nova escola, a Congregação persiste em seu objetivo de encontrar vocacionados para a sua obra, e assim formar irmãos brasileiros. Desta forma, organiza o seu Juvenato e inaugura sua sede em 22/06/1968. Posteriormente o Juvenato foi transferido para São Paulo, por falta de alunos dispostos a se tornarem membros da Congregação. Com 500 alunos matriculados, no ano de 1968 acontece a formatura da primeira turma do Curso Colegial.

Maria Silvia Penteado de Queiroz Martins Machado, administradora de empresas, foi aluna da primeira turma de meninas em 1968, e faz uma avaliação positiva de sua passagem pela escola.

Entrei no Notre Dame no primeiro ano que abriram vagas para mulheres, e me formei no 3º colegial. Ainda eram os irmãos que tomavam conta de tudo. Meus pais fizeram parte da Associação de Pais e Mestres (APM), e sempre tivemos um relacionamento muito próximo com os irmãos. Participava dos retiros espirituais com várias turmas, e fiz excelentes amigos, os quais mantenho até hoje. Em relação ao estudo e a disciplina, nunca tive problemas, pois não era uma aluna que só tirava dez, mas também não ficava de exames. Não sentava na primeira carteira, mas também não sentava no fundo. Era uma aluna disciplinada. Foram excelentes anos da minha vida.

---

<sup>60</sup>Inspetor Seccional do Ensino Secundário de Campinas: Antônio Raia. Relatório elaborado pela Inspetora Marina Décourt Homem de Mello. Ato nº 1/1968, 26/06/68. Arquivo da Secretaria do Colégio Notre Dame de Campinas.

*Fotografia 19 — A partir de 1968 a frequência passa a ser mista.*



Fonte: CND

*Fotografia 20 — Peça do uniforme feminino idealizado pelas mães das alunas.*



Fonte: CND

O Irmão Pedro Celestino Maranto assume a direção do Colégio em 1969. A instituição oferece todos os cursos completos e já tem os principais prédios edificadas. A partir deste ano os estudantes participam de competições esportivas com outros estabelecimentos de ensino da cidade. Através do Grêmio Santa Cruz - Órgão Associativo fundado em 1961 pelos alunos - são realizadas várias atividades sociais e esportivas, dentro e fora da escola. As diretorias do Grêmio eram eleitas e constituídas com mandatos de um ano. Os alunos assumiam os cargos de Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro, Diretor de Esportes e Moderador. Posteriormente, o Grêmio teve sua denominação alterada para Centro Cívico, em 1976. Os Centros Cívicos foram criados a partir do Decreto 68.065 de 1971, que estimulou a criação de

instituições que promovessem atividades extraclasses. O objetivo era que os jovens pudessem adquirir novos hábitos disciplinares, comunitários, artísticos, assistenciais e recreativos, e assim desenvolver uma nova perspectiva de nação. A escola deveria representar uma “sociedade em miniatura”, em todas as suas características.

*Fotografia 21 — Ir. Pedro Celestino Maranto. Diretor do Colégio Notre Dame (1969 a 1995).*



Fonte: CND

Em 1971, ao completar dez anos de funcionamento, o Notre Dame passa a fazer parte do Sistema Estadual de ensino, ficando sob a jurisdição da Divisão Regional do Ensino de Campinas, resultado da nova Lei nº 5692 de 11/08/1971. Esta lei teve como objetivo primordial profissionalizar o ensino secundário. Os cursos primário e ginásial foram agrupados no Ensino de 1º Grau, para atender jovens dos sete aos catorze anos, e assim ampliar a obrigatoriedade do ensino de quatro para oito anos. O curso colegial agora corresponderia ao Ensino de 2º Grau, com a duração de três anos. As escolas particulares com o objetivo de atender os seus alunos continuaram a oferecer o ensino propedêutico, mas as escolas públicas foram fortemente atingidas por essa lei. Também como resultado desta lei, o Ministério da Educação extinguiu os Exames de Admissão e os estudantes agora seguiam direto para a 1ª série do Ginásio, a partir da 4ª série do Primário.

Gradativamente novas disciplinas foram acrescentadas ao currículo do Notre Dame, como Educação Moral e Cívica, Integração Social, Programas de Saúde, Organização Industrial e Comércio. Devido ao aumento do número de alunos, que atingiu 800 matrículas em 1971, os estudantes do Notre Dame agora frequentam a escola nos períodos matutino e vespertino. Já não havia a opção de semi-internato. Somente os alunos que disputavam competições esportivas pelo Colégio, como veremos mais adiante, é que permaneciam na escola no período da tarde para realizar os seus treinamentos.

Em 1974, a equipe feminina de atletismo do Colégio foi vencedora do Campeonato Colegial de Atletismo, disputado entre escolas particulares da cidade e realizado no campus da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Neste mesmo ano, o Colégio dá início à construção da sua pista de atletismo, com verba arrecadada pela Associação de Pais e Mestres (APM).

A depoente Alice Lobo Paes entrou no Colégio Notre Dame em 1974. Foi uma aluna que participou intensamente das atividades proporcionadas pela escola: era aluna de teatro (Grupo “A Palavra”), e fazia parte da equipe de atletismo, além de praticar outros esportes também, como o voleibol. Alice teve um relacionamento diferenciado com a instituição, sendo que, após se formar em 1984 e se casar, os seus três filhos foram estudantes do Notre Dame. Acompanhou a instituição em vários momentos (da década de 1970 até os dias de hoje, 2017), o que torna o seu depoimento muito particular. Para Alice, as atividades realizadas no Notre Dame proporcionavam o aprendizado do trabalho em equipe, em diversas disciplinas e também na prática da Educação Física. E esta foi a maior contribuição da escola na sua formação.

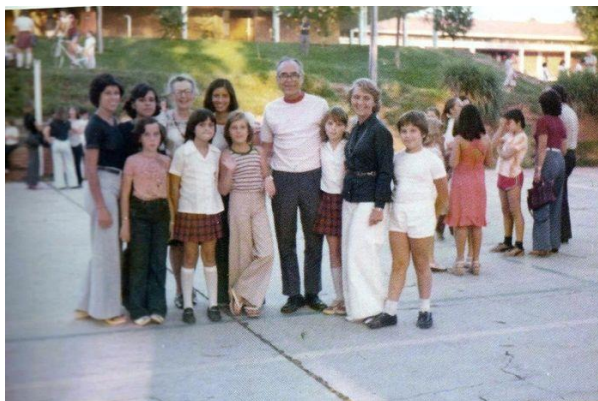
Fiquei bastante tempo, a Valdez Aranha também participou de algumas peças. E a gente montou inúmeras peças, inclusive eu me lembro de "Morte e Vida Severina" (de João Cabral de Melo Neto), por exemplo. Foi muito interessante porque foi a 1ª vez que nós fizemos um trabalho integrado com todas as disciplinas. Então eu me lembro da Dona Maria Benedita Santoro (professora de Português) falando sobre o João Cabral de Melo Neto, sobre o período e o local de onde ele vinha; o Rui (Rui Ribeiro Campos) de Geografia falou sobre a região, sobre a seca. Então culminou nesse trabalho multidisciplinar assim, com a apresentação da peça na própria escola, para todos os alunos. Esse tipo de trabalho eu achava muito enriquecedor, e isso eu sinto falta. Nós montamos a história do "Zumbi dos Palmares". Montamos histórias infantis também, "A Sapateirinha", "O Museu da Emília", "O Casamento da Dona Baratinha". Foram anos participando desse grupo. A gente ajudava na montagem do cenário. Então para mim foi muito rico, eu trabalhei muitos anos com balé. Essa parte de iluminação, cenário, tudo depois volta, acrescenta.

Em relação à convivência, Alice resgata em seu depoimento a integração com os professores, que considera um diferencial da instituição.

O Notre Dame formava o todo. E outro dia eu estava lendo a história, eles tem um livro da história da escola, e me chamou muita à atenção que o objetivo era fazer uma escola diferenciada. E ela era mesmo, porque a gente aprendia coisas para a vida, coisas práticas em relação a relacionamentos, aos esportes, que foi muito legal na escola, que eu acho que é fundamental. E hoje, estudos na área da educação física mostram a importância do esporte, da cooperação, do quanto o esporte pode ensinar. E você aceitar limites, os seus limites, o limite do próximo e perceber que a equipe trabalhando junta pode alcançar objetivos. Sem contar que hoje não se fala em qualidade de vida sem falar em atividade física.

E mais. A Lena (Professora Maria Helena Mattar), que infelizmente já não está aqui conosco, ela estava indo para Fortaleza no ano em que eu e minha irmã caçula estávamos indo também visitar minha avó, e minha mãe estava com medo porque nós íamos voltar sozinhas. Pois a Lena trocou o voo dela pra nos acompanhar de volta. Então, era além do relacionamento de professor, a gente tinha um relacionamento excelente! De amizade, de formação, em todos os sentidos. Também eu nunca vou esquecer uma competição de atletismo que nós fomos num sábado quente de sol, a Lena saiu e trouxe frutas, trouxe maçãs para todas nós.

*Fotografia 22 — Ir. Paulo com alunas e professoras da Educação Física, 1976.*



Fonte: CND

Apesar do Notre Dame ser o Colégio de Campinas que oferecia mais esportes, e um dos maiores em termos de espaço para a prática da atividade física, muitos alunos dedicaram-se mais ao estudo das Ciências, da Matemática, tornando-se muitas vezes estudantes que se destacaram nestas disciplinas, e que se tornaram referência de estudo e boas notas. É o caso do ex-aluno Ricardo Ribeiro Gudwin, que entrou no Curso Primário em 1974, se formou na

instituição em 1984, e era considerado pelos colegas e professores como um dos melhores alunos da turma:

Eu lembro que a 1º vez que a gente foi fazer Educação Física, eu me lembro de descer aquela rampa que tinha, não era uma rampa, era uma escadaria enorme para chegar ao campo de futebol lá embaixo, e aquela pista de atletismo, aquilo para mim parecia uma coisa de Jogos Olímpicos, entendeu? Aquelas raias todas, lá. Aquilo me causou um impacto muito forte! Mas por outro lado eu acho que a minha formação de Educação Física foi extremamente deficiente, extremamente deficiente no Colégio. Por quê? Porque eu não era muito apto do ponto de vista físico, eu era daqueles alunos mais “devagarzinho” para esportes e outras coisas do tipo. E eu acho assim, que eu não tive a formação básica necessária para progredir nesse ponto de vista físico.

Esteira, eu vou fazer esteira hoje, eu vou controlando com monitor cardíaco, eu consigo ficar horas na esteira, coisa que eu não conseguia lá. Lá eu dava um pique para poder... E já não estava conseguindo fazer mais nada! Então o que eu percebo é que os professores de Educação Física daquela época, talvez fosse uma coisa mais generalizada, eles davam muita atenção para aqueles que eram mais dotados do ponto de vista físico, e deixavam meio que de escanteio aqueles que eram mais “fraquinhos” que nem eu, e ficavam ali à beira da (quadra), entendeu? De escanteio mesmo, ficavam de lado. Então deveria ser ao contrário, não é?

*Fotografia 23 — Pista de Atletismo construída entre 1974 e 1975.*



Fonte: CND

O Professor Thiers Camargo Leite Junior lecionou Teatro no Colégio Notre Dame, de 1975 a 1992, e dirigiu o Grupo “A Palavra”. Os alunos do grupo reuniam-se duas vezes por semana após as aulas, das 16h30min às 18h30min, no Colégio. Através de seu depoimento é possível conhecer como estava estruturada a disciplina de Artes do Colégio Notre Dame e os desafios em ministrar esta matéria na escola:

Iniciei em 1975. Naturalmente os alunos não entendiam bem o meu método de trabalho. Achavam que iam receber o texto, decorar, ensaiar e apresentar. É o que o teatro normalmente propõe. Mas quando se viram diante da matéria - Comunicação Dramática - então eles levaram certo tempo de assimilação. O Colégio me contratou para ministrar aulas no Colegial, 1º ao 3º ano. Na época se tratava de uma turminha “brava”, nem tanto disciplinarmente, mas muito agitada, festiva. Tanto que muitos me diziam: “Professor, eu não quero fazer teatro”. E eu respondia: “Mas quem vai fazer teatro? Nossa relação é sobre a Comunicação Dramática. Você me acentuou gravemente - lembra quando disse - eu não quero - de modo imperativo. Sabia que eu podia até me ofender, tornar-me inseguro e levar para o lado pessoal?” Foi assim que eles começaram a entender o que é Comunicar pelo verbo da Dramática.

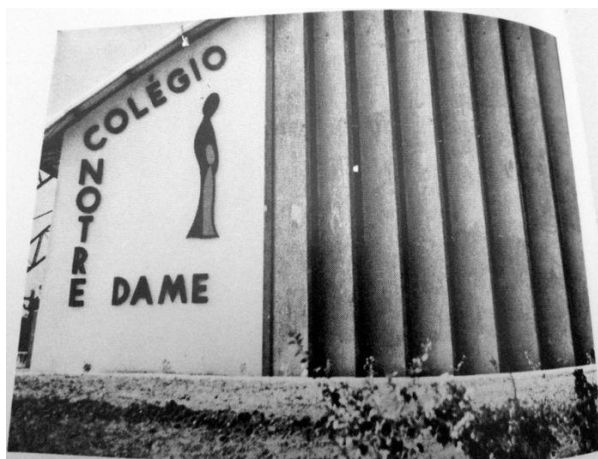
## 2.5. O CRESCIMENTO DA INSTITUIÇÃO NAS DÉCADAS DE OITENTA E NOVENTA E A ENTRADA DOS LEIGOS NA DIREÇÃO DA ESCOLA (1996)

Quase vinte anos após sua fundação, no ano de 1980, o Colégio Notre Dame obteve o seu reconhecimento definitivo e já fazia parte do Sistema Estadual de Ensino desde 1971. Neste ano, sete irmãos e 77 professores compõem o corpo docente. O Centro Cívico – Associação de alunos constituída em março de 1979, em substituição ao Grêmio Santa Cruz, extinto em 1976 – orienta e dirige as atividades sociais e esportivas da escola, organizando as equipes dos jogos esportivos e as exibições atléticas. Com os estudantes se destacando em competições realizadas fora da escola, o Centro Cívico realiza uma campanha e arrecada os fundos necessários para a construção do Ginásio de Esportes do Notre Dame.

A inauguração do Ginásio aconteceu em 11 de novembro de 1984, uma cerimônia cívico-religiosa, com demonstrações de ginástica olímpica e rítmica pelas equipes do Clube Campineiro Regatas e do Tênis Clube de Campinas. Os festejos e competições esportivas, que foram prolongadas por uma semana, contaram com a participação de equipes masculinas e femininas do Notre Dame, de clubes de Campinas, de São Paulo e de Santos.

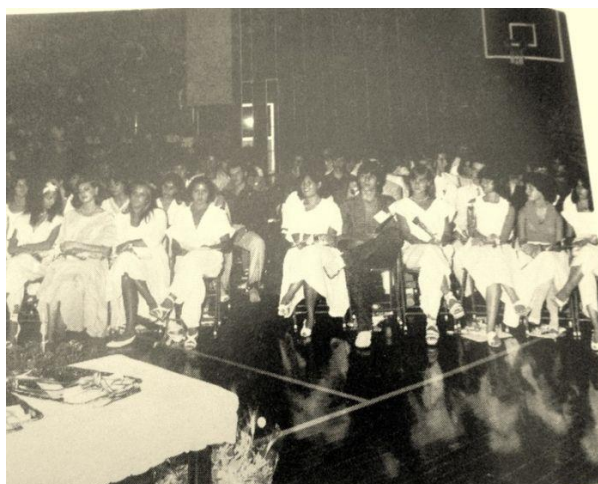


*Fotografia 24 — Ginásio de Esportes, 1984.*



Fonte: CND

*Fotografia 25 — Inauguração do Ginásio de Esportes com turma de formandos, 1984.*



Fonte: CND

Uma mudança importante, que aconteceu na educação brasileira no início da década de 1980, foi a alteração dos dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização do ensino de 2º grau. A “qualificação para o trabalho”, proposta pela antiga lei foi substituída pela “preparação para o trabalho”. Esta alteração implicou em algumas mudanças na proposta curricular, dispensando as escolas da obrigatoriedade da profissionalização, enfatizando a formação geral. O ensino de 2º grau foi dividido em áreas de conhecimento. A partir do 2º ano o aluno optava por cursar as áreas de Exatas, Biológicas ou

Humanas. Em alguns depoimentos, os alunos relembram a opção que fizeram no Colegial, já pensando no futuro.

Na minha cabeça eu queria fazer circuitos eletrônicos, queria montar coisas, e eu acabei vindo fazer Engenharia Elétrica aqui na Unicamp, um pouco por conta dessa formação, não é? Então, desde que eu fui para o colegial que eu tinha posto na minha cabeça, que eu queria fazer Engenharia Elétrica por conta do “kit” de Engenheiro que eu ganhei do meu avô lá atrás (risos). São pequenos empurrões que você vai tendo que te levam para um caminho.

É complicado. São coisas que nos marcam quando criança, como adolescente, e a gente acaba seguindo depois. Mas eu sempre gostei de quase tudo que eu estudava. Eu nunca fui de dizer "Eu tinha esse pendor aí maior para as Exatas", mas eu sempre gostei de biologia, sempre gostei de história, de geografia, eu gostava de tudo! Para mim era tudo interessante. Só educação física que realmente não foi o meu forte (risos). **Ricardo Ribeiro Gudwin (1974-1984).**

Eu tive bons professores que eu lembro bastante. Eu sempre fui da área de Humanas, então professores de Exatas não eram os meus preferidos, mas eu tive aula de Matemática com o João Baptista Carvalho, que era um excelente professor, e cada professor tinha sua característica. Então era muito legal, era muito diferente de hoje que, não sei, seguem uma linha... Eu acho que hoje eles têm um formato a seguir, eu não sei antigamente se eles tinham esse tipo de instrução da própria escola, que hoje eu vejo sendo trabalhado aqui. Então cada professor tinha sua característica muito pontual, que hoje já não acontece. **Carolina Gorsin da Cunha Amaral (1990-2003).**

Eu gostava de Geografia, graças ao professor Rui; de Matemática (exceto probabilidade), e de Física. Mas a minha disciplina predileta era Biologia, por isso optei pela área de Biológicas no 2º grau, embora o teste vocacional tenha apontado para Exatas. Na 7ª e 8ª séries, eu não gostava das aulas de língua portuguesa, pois além de livros chatos, a professora me fazia ler em voz alta. Do que eu não gostava mesmo era Educação Física. Queimada, voleibol e basquete era um suplício para mim. Eu preferia Atletismo, ao invés dos jogos. Às vezes depois das aulas, eu ia correr sozinha em volta do campo de futebol, enquanto o aviãozinho do Irmão Ricardo zunia feito pernillongo. Ele adorava aeromodelismo<sup>61</sup>. **Etoile de Castro Shaw (1976-1981).**

---

<sup>61</sup>Professores: Rui Ribeiro de Campos (Geografia) e Ricardo Burgie (Ciências)

No ano de 1986 o Colégio Notre Dame comemorou 25 anos com 12 edifícios construídos, e 2065 alunos matriculados. O professor entrevistado Luiz Antônio Razera deu aulas de Português no Notre Dame entre 1974 e 1986, e também no Colégio Pio XII. O professor Hernani Godoy Júnior lecionou Educação Física no Colégio. Entrou em 1974 e ficou até 2001. Também assumiu o cargo de Assistente de Direção entre 1998 e 2000. Através do depoimento dos professores podemos conhecer a linha educacional do Notre Dame e seus objetivos.

O Pio XII era mais acadêmico, entendeu? O resultado do Colégio Pio XII, se nós olharmos a possibilidade de aprovação em vestibulares de cursos superiores, o Pio XII aprovava mais. Havia mais estudo, havia mais rigor, havia mais conteúdo, sabe? O Notre Dame, não que não colocasse (na Faculdade). Mas, por exemplo, o meu filho foi aluno do Pio XII. Em 1986 ele entrou na Unicamp, 1987, eu não lembro bem. Eram 30 alunos na turma dele. Dezenove entraram na Unicamp! No Notre Dame não tinha isso, porque o foco do Notre Dame era mais uma formação da pessoa, a convivência familiar, muitas festas. Você se lembra das festas de final de ano com todo aquele conagração? O Pio XII era muito acadêmico, muito mais “seco”, era muito mais enxuto. **Professor Luiz Antônio Razera (1974-1986).**

Nós tivemos muito apoio pedagógico, tivemos que estudar Freinet (Célestin Freinet), nós tivemos que estudar Waldorf (Rudolf Steiner), e todas as áreas, as linhas, para depois poder trabalhar com as crianças. Então a gente também evoluía junto. As reuniões de professores eram semanais, a gente tinha que participar, era pago, coisa difícil hoje em dia. Acho que o Notre Dame continua pagando. Nós tivemos aos sábados, depois passou a ser de terça-feira, no final do período. E eu fiquei nessa função até 1992, se não me engano a data, mas acho que era 1992, quando o Irmão Pedro me chamou e pediu para que eu fosse o Diretor de Disciplina do Colégio. Nessa época eu disse para o Irmão Pedro que eu não gostaria de deixar as minhas aulas, mas ele insistiu demais e falou: “Olha, vai melhorar o seu salário e tal”, porque eu ficava das 7h da manhã até às 7h da noite na escola, praticamente. **Professor Hernani Godoy Júnior (1974-2001).**

O ápice do número de matrículas no Notre Dame ocorreu em 1994: 2.298 alunos cursando todos os níveis de ensino. O Colégio cresceu, realizou uma série de ampliações para atender sua clientela, e na opinião de seus diretores tornou-se referência em educação na cidade. Segundo os ex-alunos e professores entrevistados, desde o início do empreendimento o propósito educativo consistiu em elevar o nível intelectual e moral de seus alunos. Quando analisei essa questão, através da trajetória da escola, de seus documentos, dos depoimentos dos alunos, enfim, entretecendo uma série de fatores, foi possível concluir que o nível moral que se pretendia alcançar sempre esteve fortemente embasado nos valores calcados no catolicismo.

Mesmo sem ter obtido sucesso na busca por vocações para suas obras religiosas, os irmãos realizaram uma obra educativa fortemente sustentada nos princípios católicos. Para o fundador da Congregação de Santa Cruz, Padre Basile Antoine Moreau, “enquanto preparamos cidadãos úteis para a sociedade, também estaremos empenhados em preparar cidadãos para a eternidade”. Portanto, a educação integral proposta pela Congregação de Santa Cruz consistia na união do catecismo católico com as ciências e a filosofia.

Anualmente eram realizados no Colégio Notre Dame, retiros espirituais organizados pela Ação Pastoral da escola, com todas as turmas de alunos, que faziam parte das aulas de Religião. Muitos alunos e alunas realizavam na escola os sacramentos da Primeira Comunhão e da Crisma. A Pastoral também realizava encontros de casais com os pais dos alunos, através da Associação de Pais e Mestres (APM). Na década de 1980, o Irmão Roberto Weinmann, diretor da Pastoral e professor da disciplina de Educação Artística, organizou grupos de jovens para realizar estudos bíblicos. Os encontros aconteciam na casa dos estudantes, sempre acompanhados por um casal de pais, que orientavam o trabalho. Pelo menos uma vez ao ano, esses grupos se reuniam em locais de veraneio, faziam os retiros num final de semana inteiro, para conclusão de seus estudos.

*Fotografia 26 — Retiro Espiritual dos alunos na cidade de Vinhedo – São Paulo. Década de 1980.*



Fonte: CND

No ano de 1985, o Colégio Notre Dame criou o CECOIA em Sousas – Centro Comunitário Irmão André - sua obra social. O objetivo do Irmão Roberto Weinmann, diretor da Pastoral, e da equipe formada pelos pais de alunos era tirar crianças das ruas, do abandono, oferecendo um programa assistencial de prevenção. Em todas as festividades realizadas no Notre Dame contava-se com o auxílio dos alunos e a arrecadação de fundos para o CECOIA: Festa da Primavera, Festa Junina, Dia das Mães, Confraternização de Final de Ano. Em 2017, a renda arrecadada na Festa da Primavera e Festa Junina do Notre Dame foi revertida integralmente para o CECOIA.

Desde a fundação, os esportes foram um dos pontos fortes do Colégio Notre Dame, que participou de diversas competições, representando a cidade de Campinas e posteriormente constituiu a sua Escola de Esportes (1993), que se mantém até os dias de hoje. Mas o Colégio também buscou integrar sua comunidade através de uma série de festividades e outros eventos. A origem de sua tradicional Festa Junina vem das corridas de Santo Antônio, competições de atletismo que começaram na década de sessenta e envolviam todos os alunos. A Festa Junina do Colégio Notre Dame cresceu na década de 1980, e hoje é um dos principais eventos de confraternização da cidade, sendo que é aberta aos munícipes, mediante pagamento de ingresso.

Outro evento importante, a Festa da Primavera, acontecia em setembro e reunia a comunidade escolar através de competições esportivas, exposições artísticas e culturais. Todas as turmas do Colégio, de todos os cursos, participavam das gincanas culturais e disputavam suas colocações entre as séries dos mesmos cursos. Os alunos tinham uma semana para conseguir localizar objetos, percorrer mapas, decifrar enigmas. No final de semana realizava-se o encerramento dos festejos e acontecia a premiação das equipes vencedoras. A ex-aluna do Notre Dame, Carolina Gorsin Cunha do Amaral, que estudou no Colégio entre 1990 e 2003, e que hoje é Coordenadora de Comunicação da escola, recorda a Festa da Primavera, que ficou inativa por muitos anos, mas voltou a acontecer a partir de 2013. A aluna também relembra a Semana Padre Moreau, que acontece nos dias de hoje.

É, na verdade a Festa da Primavera ficou inativa por muitos anos, então na época que eu estava começou a Semana Padre Moreau, e não tinha mais Festa da Primavera. A Semana Padre Moreau não tinha nada a ver com festa. Você vinha, fazia os jogos, durante seu período letivo, não tinha fim de semana, não tinha festa, não tinha nada.

Já anunciava o vencedor na semana mesmo, também por cores (cada equipe representava uma cor)<sup>62</sup>. Não, não era só esporte. Começou com gincanas intelectuais, tipo perguntas, um teatrinho, a equipe que montasse o melhor hino... Tinham umas coisas assim. Depois foi mudando o formato, até cair no formato que é hoje, só esporte, e que termina na Festa da Primavera.

Eu estava aqui na escola quando voltou a Festa da Primavera. Voltou em 2013. Só que assim, a gente quis trazer de volta a festa porque era uma festa sensacional. E hoje, não é que não seja, mas o envolvimento das famílias é diferente. Então você vinha aqui e encontrava todos os pais dos seus amigos, todo mundo vinha na festa.

O ex-aluno Ricardo Ribeiro Gudwin recorda da aventura da gincana que disputou e venceu na Festa da Primavera.

Essa gincana foi muito legal. Foi bacana. Eu tinha alguns colegas, e nós montamos uma equipe, e a nossa equipe inclusive ganhou! Foi a equipe vencedora da Festa da Primavera daquele ano. Eu lembro que nós até ganhamos um prêmio, um disco que podíamos pegar numa loja de discos depois. Cada membro da equipe ganhou um disco. E eu me lembro das escolhas malucas que tínhamos que fazer! Tinha um colega meu que dirigia e a gente saiu pela cidade caçando as coisas! Se a gente for parar para pensar é até uma coisa meio perigosa. Porque naquela época o meu amigo dirigia, mas ele não tinha carta (habilitação). Ele era menor de idade, quer dizer, um bando de gente saindo de carro (risos), na cidade, buscando coisas, não é? É até perigoso se você for pensar, não é? Mas foi divertido. Eu gostei.

---

<sup>62</sup>As turmas e as equipes eram divididas por cores, para disputar as competições esportivas e culturais.

Fotografia 27 — Convite da Festa da Primavera "20º Aniversário" do Notre Dame, 1981.



Fonte: CND

Fotografia 28 — Turma do curso de biológicas (2º Grau), 1984.



Fonte: CND

Os irmãos da Congregação de Santa Cruz estiveram na direção da escola até 1996, quando este cargo passou a ser exercido por educadores leigos. Entre 1961 e 2017, aproximadamente 34 irmãos atuaram como administradores e educadores do Colégio, e dentre estes 27 eram norte-americanos. Ao longo dos 59 anos de sua trajetória, várias gerações de alunos passaram pela instituição e muitos deles se destacaram em suas profissões na cidade, em outros estados, e até mesmo no exterior. O ápice do número de matrículas na escola ocorreu nas décadas de oitenta e noventa.

Ainda em 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei N° 9.394, de 20/12/1996), divide o ensino em dois níveis: a) Educação Infantil (creches com crianças de 0 a 3 anos) e pré-escolas (crianças de 4 e 5 anos), gratuita mas não obrigatória, e de competência dos municípios; b) Ensino Fundamental - anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e anos finais (do 6º ao 9º ano), obrigatório e gratuito. A LDB estabeleceu que, gradativamente, os municípios fossem os responsáveis por todo o ensino fundamental; c) Ensino Médio – É o antigo 2º grau (do 1º ao 3º ano), de responsabilidade dos Estados, que também poderia ser técnico profissionalizante.

A entrada dos leigos na direção do Colégio, em 1996, levou a instituição a rever suas diretrizes e não foi um processo fácil, sendo que os irmãos sempre estiveram na condução da escola. Mesmo enfrentando uma série de dificuldades, com algumas mudanças na equipe diretiva e a queda do número de alunos nas últimas décadas, o Notre Dame conseguiu manter seu lugar como organização expressiva de ensino na cidade, o que pode ser observado nos resultados obtidos no Exame Nacional do Ensino Médio do Governo Federal (ENEM) de 2015. O Colégio ficou em 211º lugar, de um total de 15 mil escolas avaliadas em todo o país.

No **Capítulo 3** iremos abordar as características do modelo educativo do Notre Dame, desde a sua fundação em 1961 até os dias atuais.



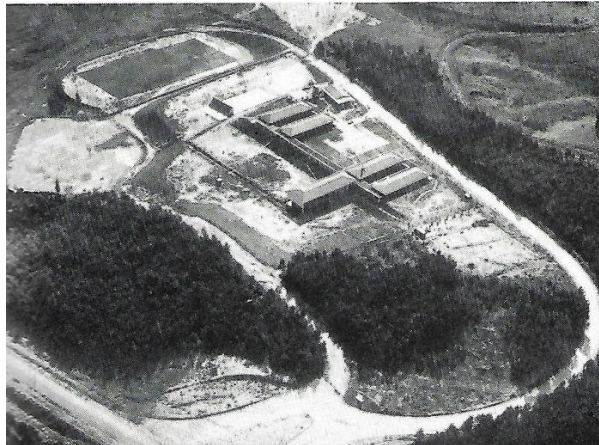
### **CAPÍTULO 3: O MODELO EDUCATIVO DO COLÉGIO NOTRE DAME DE CAMPINAS: AS CARACTERÍSTICAS ORGANIZACIONAIS E DA CULTURA ESCOLAR (ESTRUTURA FÍSICA, ADMINISTRATIVA, SOCIAL E PEDAGÓGICA)**

Neste Capítulo, a fim de compreender o modelo educativo do Colégio Notre Dame de Campinas vamos proceder a uma avaliação das características organizacionais da instituição, com base em quatro categorias de análise: a estrutura física da escola (o espaço escolar, a arquitetura dos edifícios, as ampliações realizadas); a estrutura administrativa (seu modelo de gestão, competências e funções de Diretores e outros funcionários); a estrutura social (sobre a seleção de professores e alunos); a estrutura pedagógica: a organização e o regime de ensino proposto pela escola.

#### **3.1. A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO, A IMPLANTAÇÃO DOS CURSOS E AS DIVERSAS AMPLIAÇÕES: AS PRINCIPAIS MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA FÍSICA DO NOTRE DAME (1961-2018)**

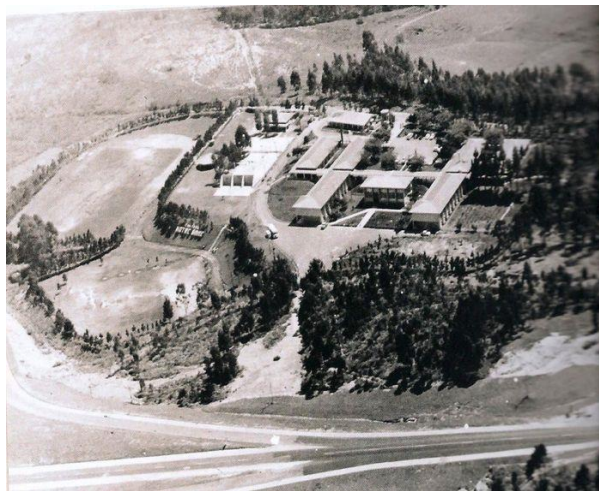
A arquitetura do Colégio Notre Dame é moderna. O conjunto de edifícios - 21 num total de 24 mil metros quadrados de área construída - está interligado por diversos corredores, e circundados por jardins, praças, áreas esportivas com quadras e parques, e estacionamentos. A área total do terreno é de 89 mil m<sup>2</sup>. O Colégio foi ampliado em diversas ocasiões nestes 59 anos, mas os edifícios mantiveram sua construção original. Nas três fotos da vista aérea da escola (a primeira do ano de 1962, a segunda de 1973 e a última de 2017), é possível ter a dimensão do espaço da área construída.

*Fotografia 29 — Vista aérea, 1962.*



Fonte: CND

*Fotografia 30 — Vista aérea, 1973.*



Fonte: CND

*Fotografia 31 — Vista aérea, 2017. O Colégio está situado entre a Rodovia Heitor Penteado e Rodovia Dom Pedro I.*



Fonte: CND

No início do empreendimento, os primeiros edifícios (Blocos 1, 2 e 3) foram aprovados pela sede da Congregação nos Estados Unidos, entre os anos de 1961 e 1962. O terreno necessitou da alteração do relevo através de vários aterros – terraplanagem - e as construções só foram finalizadas no ano de 1966. O arquiteto responsável pelos edifícios é o chinês Max Ouang. O primeiro edifício foi construído para abrigar a equipe administrativa da escola (Diretor, Vice-Diretor, Secretária, Tesoureiro e Auxiliares), onde também havia uma sala reservada à capela, e outra à residência dos irmãos.

No segundo edifício funcionavam outras salas, que foram destinadas também à administração, ao refeitório e a cozinha. No terceiro edifício havia quatro salas de aulas. No início de 1962, 33 alunos foram matriculados no Curso de Admissão ao Ginásio, e 21 alunos matriculados na 1ª série ginásial, num total de 54 alunos. Nestes prédios funcionou o curso Ginásial até 1966, somente para os meninos, e após 1968, a frequência passou a ser mista. Também em 1966 começou o funcionamento do 2º ciclo de ensino, inicialmente com uma turma para o Curso Científico. O Colégio conta em 1966 com 276 alunos matriculados.



*Fotografia 34 — Trabalhadores na construção do Ginásio Notre Dane, 1961.*



Fonte: CND

Novas salas de aula (Blocos 4 e 5) ficaram prontas em 1963. Além dos cinco edifícios havia ainda um campo de futebol, que era de terra batida, onde os estudantes disputavam partidas de futebol, beisebol, futebol americano, rúgbi e pelota, no período da tarde, orientados pelos irmãos. Desde o início o objetivo foi estabelecer uma instituição onde os alunos pudessem passar o dia estudando e praticando esportes, o que de certa forma justificava o tamanho do terreno. O regime era de semi-internato: os alunos chegavam pela manhã, passavam o dia na escola, almoçavam no refeitório, e continuavam estudando no período da tarde. De manhã e à tarde tinham um intervalo entre as aulas, onde faziam o "recreio".

*Fotografia 35 — Campo de terra onde os alunos praticavam Educação Física, 1962.*



Fonte: CND

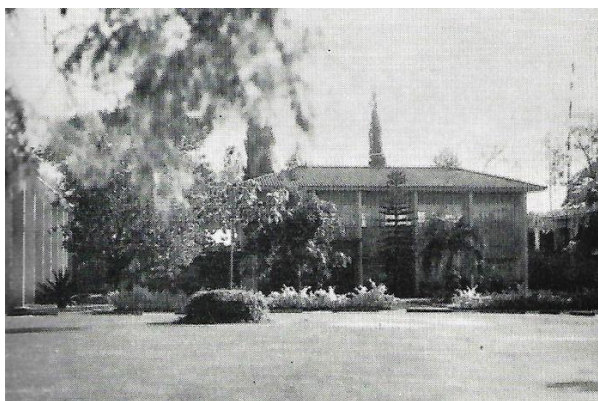
Além de convocar estudantes para ingressar no novo Ginásio da cidade, os religiosos de Santa Cruz almejavam encontrar vocacionados para a sua obra, e assim formar irmãos brasileiros. O edifício do Juvenato começou a ser construído em 1966, e foi inaugurado em 22/06/1968. Em 1966 tem início o 2º ciclo de estudos e assim é criado o Colégio Notre Dame de Campinas. Em 1967, para receber a nova demanda de alunos ingressantes, são construídas novas salas de aula (Bloco 6), e tem início o Curso Pré-Primário (que funcionava em regime de externato), com novas salas de aulas (Bloco 7).

Nos anos de 1971 e 1972 foi aprovada a construção de novos blocos de edifícios pela Prefeitura Municipal de Campinas: a nova residência dos religiosos (Bloco 9), um quarto de despejo (Bloco 10), quiosques para atividades realizadas fora da sala de aula (Bloco 11), assim como vestiários para as atividades de Educação Física (Bloco 12). Estas edificações tiveram como objetivo acompanhar a demanda crescente de novos alunos: em 1971 o Colégio tem aproximadamente 800 estudantes matriculados.

Com o aumento da equipe administrativa e a criação de novos cargos (Assessor de Diretoria, Coordenador de Séries iniciais, Auxiliar de Secretaria, Auxiliar de Tesouraria, Atendentes) em 1973 é construído um novo edifício, o “Edifício Central da Administração”

(Bloco 8), que cumpre essa função até hoje, e fica no centro do terreno da escola. Em 1974, o Curso Primário constrói um edifício próprio, num espaço separado do Curso Secundário (Ginásio + Colegial). Também na atualidade as salas da Educação Infantil estão localizadas em espaço próprio, separadas dos outros cursos que no total abrigam os 21 edifícios do Colégio Notre Dame.

*Fotografia 36 — Edifício da Administração do Colégio Notre Dame, 1973.*



Fonte: CND

Os alunos da Educação Infantil sempre tiveram que “atravessar” o Colégio para praticar esportes, pois as quadras esportivas ficavam distantes. Hoje, no espaço que abriga as salas de aulas para os menores, existem os espaços reservados às práticas esportivas exclusivas para essa faixa etária, assim como os parques. Alice Lobo Paes, que entrou no Colégio Notre Dame em 1974, recorda o edifício construído para os alunos do curso Primário e também relembra a educação diferenciada para meninos e meninas neste espaço.

Eu lembro que tinha um corredor, que agora mudou. Havia um corredor sinuoso, que passava no meio do jardim, quando eu estava no Primário, a gente olhava aquele corredor e queria ver como é que era lá embaixo, mas a gente tinha receio, eu nunca me aventurava lá, onde ficavam os mais velhos. No primário teve uma coisa que me marcou também. Tinha uma diretora antigamente que não deixava a gente correr, e não deixava a gente brincar com os meninos! Uma vez eu tive que ficar na sala da Diretoria todo o recreio porque ela viu a gente brincando junto com os meninos. Ela achava que não podia. Aquilo para mim... eu não sei se vinha “de cima”, mas era a figura dela que era uma figura repressora, que eu me lembre, da Diretora Marina (Marina Meirelles de Barros). E os meninos jogavam bola, jogavam futebol com pinha que pegavam das árvores que caíam, e nós tínhamos que ficar quietinhas, pulando elástico... (risos).

O amplo espaço reservado para as várias modalidades de esportes, como atletismo, futebol, basquete, voleibol, handebol, entre outros esportes, foi um diferencial importante, que influenciou na escolha dos pais quando chegavam no Colégio e optavam por matricular os filhos. Para os entrevistados, o esporte funcionou como uma espécie de contributo para a formação do caráter do educando, estabelecendo regras, limites e proporcionando a convivência em equipe.

Na sede provisória do Colégio em Sousas, não havia a prática da Educação Física formal. No entanto, os irmãos apostavam em atividades alternativas, como os passeios na cidade, os acampamentos da turma e as idas ao Rio Atibaia, onde nadavam e andavam de canoa juntamente com os alunos. A partir do ano 1967, com os alunos já frequentando o Ginásio em Campinas, os estudantes passaram a participar de competições esportivas com alunos de outras escolas. As vitórias nas competições, que ficaram conhecidas como Intercolegiais, incentivaram os irmãos a realizar uma série de melhorias nos espaços reservados a prática da Educação Física.

O campo de futebol, antes de terra batida, recebeu uma pista de corrida e outros espaços para a prática das atividades do atletismo, entre os anos de 1974 e 1975. Os alunos praticavam corrida, salto em extensão, salto triplo, salto com a vara, arremessos de peso, corridas de revezamento, entre outras modalidades. Esta pista de atletismo foi construída com um fundo de reserva constituído pela Associação de Pais e Mestres (APM), assim como outros edifícios da escola.

No ano de 1977, as equipes feminina e masculina de atletismo vencem o Campeonato Colegial Infantil do Interior, que foi realizado no Ginásio Ibirapuera, na capital paulista. No ano de 1978, a equipe feminina venceu o Campeonato Colegial de Atletismo, que aconteceu na Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), e a equipe masculina ficou com o vice-campeonato. Com os excelentes resultados nos esportes, os irmãos adquirem um terreno de 2 mil m<sup>2</sup> e dão início à construção do Ginásio de Esportes em 1983.

A entrevistada Erica Hellen Olmos Pereira, estudou no Colégio entre 1975 e 1981. Relembra em seu depoimento que havia muito espaço na escola para a prática de uma série de atividades físicas, e como isso foi importante para a sua formação e para sua saúde.



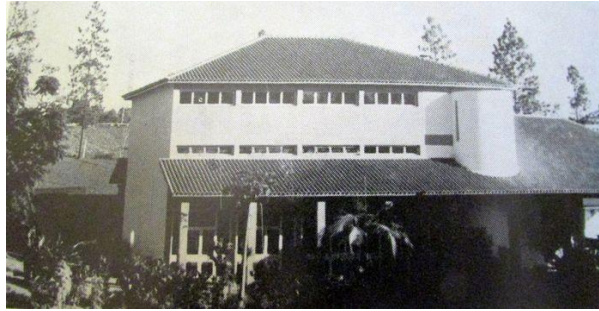
Então, esporte para mim no Colégio foi uma das coisas maravilhosas! E foi uma das coisas que os meus pais também olharam pela questão da saúde e da formação do caráter, não é? Então isso foi bem forte para mim. No começo foi difícil porque era ao contrário, eu era proibida de fazer esportes pelos médicos, entrei no Notre Dame com atestado médico que não era para fazer (atividade física). Eu só fazia o teórico, não é? E tinha que ficar sentada! Depois conversando, minha mãe de novo foi até lá e pediu, e falou: - “Olha, eu não quero, vou tirar essa autorização do médico, eu quero que minha filha participe”. E pouco a pouco eu fui fazendo as aulas e tive isso até como uma meta pessoal: eu vou melhorar! Eu fazia os esportes no período da tarde.

Os professores de Educação Física, eu lembro muito da “preta” (Maria Cristina de Figueiredo Andrade), eu me lembro da “Titinha”, elas me incentivaram muito, me apoiaram, me acolheram, e eu acabei sendo a capitã do time de vôlei do Colégio por muito tempo! Minha saúde hoje é graças ao esporte, mas esse esporte que foi dado pela escola. Talvez se eu tivesse ido para uma escola muito boa academicamente, mas que não tivesse espaço nenhum... Nós tínhamos muito verde, muita área, quadras e muitos materiais à nossa disposição.

Em 1983, o Edifício Irmão André é construído para abrigar uma capela no andar térreo, uma nova cantina, o refeitório e uma nova cozinha. No 1º andar foi inaugurada a nova biblioteca (Bloco 15). A primeira biblioteca do Colégio estava em funcionamento desde 1968, e era administrada pela bibliotecária contratada, Célia Malta Lopes.

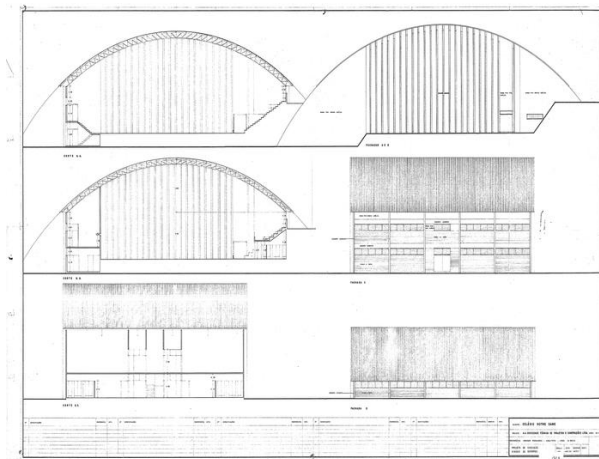
Em 1984 acontece a inauguração do Ginásio de Esportes (Bloco 19) e do Edifício da Pré-Escola, com cinco salas, banheiros e jardins próprios, que distribuiu os alunos – no curso Primário e na Pré-escola – criando espaço mais adequado para administração desse nível de ensino, com salas de professores e salas especiais para aulas de Artes (Bloco 14). No ano de 1986, no total, são 12 edifícios construídos no Colégio.

*Fotografia 37 — Edifício Irmão André, 1983.*



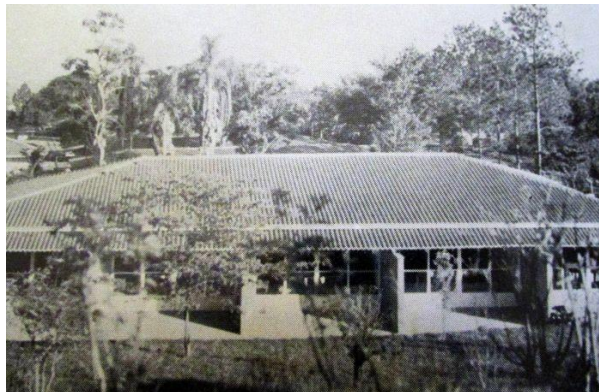
Fonte: CND

*Fotografia 38 — Projeto de Execução Ginásio de Esportes, novembro de 1983.*



Fonte: CND

*Fotografia 39 — Edifício da Pré-Escola, 1984.*



Fonte: CND

Em 1987 é inaugurada uma mini praça de esportes para as séries iniciais, e dois anos mais tarde é inaugurado o Parque da Educação Infantil. A Lei nº 7.044/1982 reformulou a Lei nº 5.692/71 e retirou a obrigatoriedade da habilitação profissional no ensino de segundo grau. Como resultado desta lei o ensino de 2º Grau foi dividido (a partir do 2º ano) em Exatas, Biológicas e Humanas. A partir de 1988, os irmãos investem na projeção, construção e instalação de salas de Laboratórios de Física, Química e Biologia (Bloco 20). Antes mesmo da construção destas salas, os alunos que se formaram alguns anos antes, se recordam das aulas de Laboratório.

Eu me lembro da gente fazer umas redes de filó, e nós fomos caçar insetos lá no fundo do Colégio, não sei em que situação, saiu o grupo inteiro para ficar caçando borboletas, um monte de coisas. Eu me lembro disso, eu achava muito legal! A gente nunca chegou a usar. Nós tínhamos um laboratório de Biologia fantástico lá no Notre Dame, e não sei o porquê, nós nunca usamos! **Ricardo Ribeiro Gudwin (1974-1984).**

Nem tinha laboratório, não é mesmo? Laboratório como eu sei que hoje tem na escola, com a experiência dos meus filhos. Era desfalcado, íamos esporadicamente, as aulas eram péssimas, eu não aprendi nada de Laboratório. **Alice Lobo Paes (1974-1984).**

No ano de 1994, a residência dos irmãos é reformada, com ampliação das salas, a construção de dormitórios (num total de 12), novos banheiros, sala de estar, escritórios. Atualmente, os irmãos não residem mais no Colégio, mas a sede administrativa da Congregação permanece na escola. No ano de 2002, a portaria da escola é modificada com o objetivo de controlar e monitorar o acesso e saída de veículos, e de pedestres. O Notre Dame está localizado entre duas rodovias: a Rodovia Heitor Penteado e a Rodovia Dom Pedro I, o que levou os engenheiros a pensar numa solução segura para facilitar o acesso às dependências da escola.

No ano de 2011 o Notre Dame inaugura o edifício do Notre Dame Júnior, onde acontecem as aulas da Educação Infantil e do curso Maternal, curso que antes deste ano não existia no Colégio. Em 2013 tem início a construção dos edifícios do Ensino Fundamental I, que foram concluídos em 2016. O edifício comportou 18 novas salas de aulas para atender a demanda crescente de alunos. De acordo com o Plano Diretor, o investimento na infraestrutura da escola teve como objetivo criar condições materiais apropriadas para o melhor aproveitamento do tempo dedicado aos estudos, de alunos e professores.

A ex-aluna Carolina Gorsin Cunha do Amaral estudou no Colégio entre 1990 e 2003. Através do seu depoimento foi possível conhecer um pouco mais sobre a estrutura física do Notre Dame nesse período. Em 2017, Carolina é a Coordenadora de Comunicação e Relacionamento do Colégio.

Em 1990, entrei na escola no período da tarde, mas depois fui estudar de manhã. O Jardim de Infância era lá em cima, onde hoje é a Mantenedora, e até um tempo atrás era a Casa dos Irmãos. Tínhamos que subir uma escada grande, e depois era o Jardim. Onde é o Notre Dame Júnior hoje, era o curso Pré-Primário. Tínhamos Laboratórios de Ciências, que hoje é uma sala do High School. Depois, usamos bastante durante o Ensino Médio as salas onde ficavam os Laboratórios de Física e Química. Eu adorava Educação Física. "Na minha época" a quadra de esportes ainda era descoberta.

*Fotografia 40 — Edifício do Ensino Fundamental inaugurado em 2016.*



Fonte: CND

*Fotografia 41 — Sala de aula da Educação Infantil, 2017.*



Fonte: CND

*Fotografia 42 — Edifício do Notre Dame Júnior, 2017.*



Fonte: CND

*Fotografia 43 — Minicidade. Notre Dame Júnior, 2017.*



Fonte: CND

*Fotografia 44 — Biblioteca do Colégio Notre Dame, 2017.*



Fonte: CND

*Fotografia 45 — Cantina, 2017.*



Fonte: CND



*Fotografia 46 — Campo de futebol, 2017.*



Fonte: CND

Em 2018, o Colégio está instalado em uma área bucólica e silenciosa de 89.000 m<sup>2</sup>. Possui 28.000 m<sup>2</sup> de área construída, com espaços distribuídos horizontalmente, amplos corredores, praças e jardins. As construções estão organizadas em blocos distintos, destinados aos diferentes níveis de ensino, totalizando 74 salas de aula, 6 laboratórios de ciências e tecnologia, biblioteca, auditório, cantina, 2 restaurantes, capela, centro de apoio pastoral e diversos espaços de apoio administrativo. A área esportiva é composta por cinco quadras, sendo 4 delas cobertas, 1 ginásio de esportes, dois campos de futebol e 3 parques infantis. O Colégio ainda abriga a sede da Congregação de Santa Cruz, Mantenedora do Notre Dame, do Colégio Santa Cruz de São Paulo e do Colégio Dom Amando de Santarém, no Pará.

*Fotografia 47 — Edifício do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, 2017.*



Fonte: CND

*Fotografia 48 — Sede da Congregação de Santa Cruz no Brasil, 2017.*



Fonte: CND

### 3.2. A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

O 1º Regimento do Colégio Notre Dame é de 1963. De acordo com o Capítulo III do documento, a administração geral do estabelecimento está a cargo do Diretor, responsável por supervisionar todas as atividades escolares, desde o trabalho dos professores e dos alunos, a orientação educacional e as demais relações da comunidade escolar com a vida exterior. O fundador do Colégio Notre Dame foi o seu primeiro Diretor “provisório”, o Irmão Paulo Schaefer, que exerceu o cargo de 1961 a junho de 1963. O Diretor é nomeado pelo Provincial da Congregação de Santa Cruz, no caso o Superior da Congregação da Província Sul Oeste dos Estados Unidos, da qual o Notre Dame fazia parte.

Com o objetivo de auxiliar o trabalho do Diretor, a escola ainda conta com um quadro de funcionários: (1) Vice-Diretor, (1) Secretária, (1) Tesoureiro e (1) Prefeito de Religião - geralmente um irmão da Congregação, responsável por organizar os retiros espirituais e as aulas de religião. A partir de 1966 é criado o cargo de Diretor do Curso Primário e Diretor do Curso de Admissão. Em 1972 é criado o cargo de Assessor de Diretor e de Coordenador das Séries Iniciais. No **Quadro 2**, a seguir, relacionei os cargos da equipe administrativa.



**Quadro 2 — Diretores / Prefeitos /Assessores**

| Ano                     | Diretor Geral                                                                                                                              | Vice-Diretor, Diretores de Curso/ Secretária                                                                                                                | Conselhos/Prefeitos/Assessores /Auxiliares                                                                                                               |
|-------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1961 – 06/1963          | Irmão Paulo Francis Schaefer (Fundador)                                                                                                    | (1) Vice-Diretor: Irmão Tomé Chady. (1) Secretária: Dirce Laroca Burnier                                                                                    | Conselho Diretor (formado pelo Diretor, Vice-Diretor, pais de alunos e professores); (1) Prefeito de Religião.                                           |
| 07/1963 – 12/1968       | Jerônimo Schwabe                                                                                                                           | (1) Vice-Diretor: Irmão Tomé Chady; (1) Secretária: Dirce Laroca Burnier – até 1964. A partir de 1966: Secretária: Maria Lúcia Souza de Oliveira.           | 1966: (1) Diretor do Curso Primário; (1) Diretor do Curso de Admissão; (2) Auxiliar de secretaria; (1) Auxiliar de Tesouraria.                           |
| 01/1969 – 1995          | Pedro Celestino Maranto (Nicholas Granger) (Sob sua administração o CND deixa de ser um semi-internato e oferece cursos em dois períodos). | (1) Vice-Diretor: Irmão Paulo Francis Schaefer; (1) Diretora do Primário: Marina Meirelles de Azevedo Barros (1) Secretária: Maria Lúcia Souza de Oliveira. | 1972: (1) Assessor de Diretoria (1) Coordenador de Séries Iniciais. 1980: (1) Orientador Religioso. 1983: É criado o Conselho Administrativo Consultivo. |
| 1996 – 1997             | Jamil Cury Sawaya – 1º Diretor Leigo                                                                                                       |                                                                                                                                                             | (1) Assessor de Diretoria                                                                                                                                |
| 1998 – 07/2000          | Maria Stella Rogê Ferreira Grieco                                                                                                          |                                                                                                                                                             | (1) Assessor de Diretoria                                                                                                                                |
| 08/2000 - 2007          | Alda Lúcia Lousada Dias                                                                                                                    |                                                                                                                                                             | (1) Assessor de Diretoria                                                                                                                                |
| 2008 – 2009             | Irmão Geraldo Lisboa Campos                                                                                                                |                                                                                                                                                             | O Irmão Geraldo Lisboa assume a direção da escola durante 1 (hum) ano.                                                                                   |
| Desde novembro de 2009. | Lorenço Jungklaus                                                                                                                          |                                                                                                                                                             | Secretária: Cláudia Alice Peria Saron. (1) Assessor de Diretoria.                                                                                        |

Fonte: CND

Desde o início de suas atividades, o Colégio constituiu um Conselho Diretor que era composto de um Presidente (Diretor do Colégio), Conselheiros (pais de alunos, professores, alunos), e ainda tinha um Diretor Executivo. Em 1963, este Conselho Diretor constituiu o Clube dos Pais, um órgão de cooperação escolar que teve como objetivo auxiliar os irmãos na condução da instituição. Os problemas referentes à construção da escola, obtenção de recursos, formação de equipes para o trabalho social, questões referentes à disciplina, métodos de estudo, promoção e organização de conferências sobre educação, competições esportivas, comemorações e festividades, excursões, assim como assuntos de natureza econômica, social e administrativa, tudo era resolvido com o auxílio do Clube de Pais. Em 1971, o Clube de Pais passou a denominar-se Associação de Pais e Mestres (APM), desenvolvendo suas atividades até 2017, quando foi descontinuada.

A partir de 1996, os irmãos da Congregação deixaram a Direção do Colégio Notre Dame, função que passou a ser exercida por educadores leigos. A redução de vocacionados para a vida religiosa, fenômeno que aconteceu não só no Brasil, mas nas congregações religiosas do mundo todo, levou a Congregação de Santa Cruz a investir na formação dos educadores leigos, para que assim transmitissem e conduzissem suas escolas na tradição de Santa Cruz.

Em 2017, o Colégio possui um Conselho Administrativo Consultivo. É o Superior do Distrito da Congregação de Santa Cruz quem nomeia o Conselho, que tem como objetivo apoiar a Mantenedora da escola (Congregação de Santa Cruz) e a equipe diretiva. O Conselho é composto por 13 membros eleitos pela Mantenedora, sendo nove leigos escolhidos entre pais, ex-funcionários, pais de ex-alunos, três irmãos da Congregação, e o Diretor Pedagógico da escola (membro nato). Também é de responsabilidade do Superior do Distrito nomear o Diretor Pedagógico – executivo responsável pela gestão da escola, e o Coordenador de Pastoral (Ação Pastoral). De 1961 até 2017, aproximadamente 34 irmãos atuaram como administradores e educadores do Colégio, e dentre estes, 27 eram norte-americanos.

**Ação Pastoral.** No início de suas atividades, o **Prefeito de Religião**, geralmente recrutado entre os irmãos da Congregação de Santa Cruz, era o responsável pela organização dos retiros espirituais (que eram anuais), pelas aulas de religião, pelos cultos que aconteciam no interior da instituição e também pelos cursos que os alunos e alunas frequentavam para a

obtenção dos sacramentos da Primeira Comunhão e Crisma. Sobre esses cursos, a ex-aluna Maria Cecília Pires Campos vai dizer:

Eu fiz a Primeira Comunhão no Notre Dame. Era um marco na escola, todo mundo queria participar. Tivemos que fazer um curso de catequese para poder nos formar. Na Crisma, estudávamos cada dia na casa de um aluno, montávamos os grupos. Infelizmente eu fiquei doente, e não pude participar, não consegui me formar com a turma da Crisma.

Com a passagem da direção da escola para os educadores leigos em 1996, a Congregação se empenhou em desenvolver ações para auxiliar estes profissionais na transmissão dos valores católicos. Desde então, um dos pilares da instituição é a consolidação da relação entre a Diretoria Pedagógica e a Ação Pastoral. Pretende-se desta forma estimular o engajamento permanente dos educadores e alunos nas ações pastorais da escola.

### 3.3. A ESTRUTURA SOCIAL

Neste tópico vamos analisar a atuação dos diversos agentes educativos no interior da instituição. Nas décadas de 1960 e 1970, o **Prefeito de Disciplina** tinha como objetivo zelar pela disciplina dos alunos no interior da escola (geralmente cargo designado a um professor, que desta forma acumulava funções), e nos seus arredores. Já o **Quadro de Disciplina** era formado pelo **Prefeito de Disciplina** e seu assistente, o **Orientador Educacional**, e mais dois membros do **Corpo Docente**. Tinham como objetivo observar as modificações no Sistema de Disciplina e também solucionar questões que não constassem no Regimento do Colégio. As faltas mais graves dos alunos eram solucionadas pelo **Quadro de Disciplina**.

No Capítulo 1, com base no depoimento de ex-alunos, fizemos referências as punições, que eram denominadas “faltas” ou “detenções”. Se o aluno tivesse mais que quatro (4) advertências disciplinares, resultava em “detenção”, e desta forma tinha que realizar atividades no Colégio, aos sábados, como a coleta de folhas no gramado, a organização das salas de aulas, a organização da Festa Junina. A maioria dos pais não se opunha às detenções, de acordo com

os entrevistados. E quando as punições não tinham resultado, os alunos poderiam ser expulsos da escola definitivamente.

O Irmão Tomé foi o 2º Diretor da escola, entre 1963 e 1968, e através do seu depoimento é possível saber das várias funções que assumiu no início do empreendimento, entre elas, o cargo de **Prefeito de Disciplina**.

Lá no novo Colégio, o meu dia era longo. Ir. Paulo e eu nos levantávamos às 5h da manhã. Orávamos juntos, às vezes com a Missa, tomávamos café e ficávamos à espera dos alunos. Para os meninos, eu dava aulas de Matemática e Ciências, atuava como Prefeito de Disciplina e fazia a contabilidade auxiliado pela Secretária, Dirce Laroca Burnier. O Sr. Osmar Gonçalves constituiu nosso sistema financeiro.

Como Prefeito de Disciplina, eu tinha que promover um comportamento aceitável entre os alunos e determinar alguma punição adequada para as ações não aceitáveis. Decidi que o aluno receberia detenções por infrações, como atrasos e deméritos por indisciplina.

O **Orientador Educacional** desenvolvia uma série de atividades e era responsável por muitas delas. Competia à este profissional organizar o programa de estudos dentro do Plano Nacional estabelecido pelo Ministério da Educação; cooperar com os professores no sentido da boa execução dos trabalhos escolares; apoiar o Diretor em suas atividades administrativas e no preparo das comemorações e solenidades da escola; pesquisar as causas do insucesso dos alunos nos estudos, anotando os dados em visitas domiciliares à família, em entendimento com os professores; auxiliar os alunos na consecução de seus objetivos educacionais e nas suas aspirações profissionais; zelar pelo estudo, recreação e o descanso dos estudantes; realizar palestras e promover reuniões de estudos em classe, principalmente na falta de professores.

**Os Professores.** Desde o início de suas atividades, o Colégio Notre Dame contou com os irmãos da Congregação de Santa Cruz enquanto professores da instituição. A maioria deles buscou a formação na sua respectiva área para conseguir atuar no Colégio. No entanto, os professores leigos, provenientes de vários colégios de Campinas, eram maioria. No ano da inauguração (1961) Irmão Paulo e Irmão Tomé contrataram a primeira professora leiga, Maria Helena Vasconcelos Cunha. Sobre os primeiros anos do Ginásio, o Irmão Tomé vai nos dizer:

Legalmente o meu bacharelado em Ciências e o meu mestrado em Matemática nos Estados Unidos não valiam nada no Brasil. Os meus conhecimentos e técnica pedagógicas tinham que ser verificados. Em janeiro de 1962, recebi a licença provisória para lecionar Ciências e Matemática na 1ª série do Ginásio. Em janeiro de 1963, passei um mês em Curitiba fazendo um curso de habilitação em Ciências. A professora, Dirce Lacombe era professora universitária no Rio de Janeiro, e também pesquisadora no Museu Nacional. Passei nos exames e recebi o certificado de habilitação do MEC para lecionar.

Os diretores do Colégio Notre Dame sempre buscaram selecionar os melhores professores da cidade para lecionar no Notre Dame. Na década de 1960, os melhores educadores lecionavam no Instituto Educacional Carlos Gomes e no Colégio Culto à Ciência de Campinas. Alguns deixaram essas instituições e ingressaram no Notre Dame a convite dos irmãos. Sobre os professores da Escola Normal, Adriano Marins Santos vai nos dizer:

Dos professores que formou, muitos se encaminharam para lecionar nas nascentes escolas de Campinas. Várias destas foram batizadas com o nome de seus professores ou dos professores por ela formados. Certamente, tais escolas “receberam” da Escola Normal “Carlos Gomes” mais do que seus nomes e gerações de professores: receberam, também, concepções sobre administração escolar, ciência, ensino, aprendizagem, visões de sociedade, valores. E também devem ter recebido uma herança não “formalizável” em conteúdo de disciplinas ou procedimentos didáticos, mas implícita e difusa em posturas, rituais, e toda a bagagem de sentidos que os acompanha.

O Livro de Orientação dos Professores do Colégio Notre Dame, do ano de 1966, elenca os pontos importantes para que o professor tivesse êxito na sua tarefa de educar: obediência aos horários, asseio pessoal, planejamento competente, constância na maneira de agir, ser justo, firme e bondoso, seguir as orientações e propostas da direção, incentivar a formação religiosa do educando, a prática dos princípios cristãos, o cumprimento das regras de cortesia para com o sexo feminino, o respeito na relação com professores e diretores. De acordo com o documento, o Diretor e o Vice-Diretor são responsáveis pela supervisão das aulas, assim como o Programa Anual e os livros didáticos de cada matéria deveriam ser entregues ao Diretor no início do ano letivo, para avaliação e aprovação.

Ainda de acordo com o Livro, o Colégio conta com o **Conselho de Professores** (todos os docentes) e com o **Quadro de Estudos**. Este realiza reuniões semanais para cuidar das

questões escolares e disciplinares. É formado por cinco membros: Orientador Educacional, assistente e três membros do corpo docente. Tinham como objetivo tratar da pedagogia do estabelecimento, desenvolver planos e executar trabalhos, acompanhar o sistema de ensino, a avaliação das notas, o aproveitamento dos estudos e emitir parecer sobre a aprovação dos alunos no final do ano letivo.

Dez anos depois, em 1971, aproximadamente 40 professores e 6 irmãos dão aulas na instituição. Em 1986, 92 professores e 2 religiosos ministravam as aulas. Nas décadas seguintes, quase uma centena de educadores leigos dão aulas no Notre Dame, desde o Maternal até o 3º Colegial.

### **Os alunos do Notre Dame e o ingresso no Colégio**

Como já mencionamos, os primeiros alunos ingressaram no Ginásio Notre Dame através dos Exames de Admissão. O curso tinha a duração de um ano completo. O processo de seleção continuou o mesmo até 1971, quando o Ministério da Educação do regime militar aboliu esses exames através da Lei nº 5.692/71: os estudantes seguiam direto para a 1ª série do Ginásio, a partir da 4ª série do Primário.

Os primeiros estudantes eram provenientes de Campinas, de cidades da região e até do exterior: São Paulo (Capital); Vinhedo (SP); Presidente Prudente (SP); Bauru (SP); Rio de Janeiro; Arapongas (PR); Curaçao (Antilhas Holandesas); Argentina; Itália, foram alguns dos locais identificados nos prontuários dos alunos. Em relação às instituições de ensino, a maioria era proveniente de escolas particulares de Campinas, mas também encontramos algumas escolas públicas nas fichas dos ingressantes: Colégio Culto à Ciência; Colégio Ateneu; Colégio Pio XII (Colégio de Aplicação da Puccamp); Colégio Rio Branco (fundado por imigrantes alemães); Colégio Dom Barreto; Colégio Técnico da Unicamp (Curso de Mecânica); Colégio Ave Maria; Colégio Maria Imaculada; Colégio Coração de Jesus; Colégio Progresso; Instituto de Educação Carlos Gomes; Grupo Escolar Francisco Glicério.

Na **Tabela 1** segue a evolução do total de alunos matriculados no Colégio Notre Dame de 1961 a 2016.

| <b>ANO</b> | <b>Total de Alunos Matriculados</b> |
|------------|-------------------------------------|
| 1961       | 27                                  |
| 1965       | 223                                 |
| 1970       | 646                                 |
| 1975       | 1341                                |
| 1980       | 1804                                |
| 1985       | 2001                                |
| 1990       | 2161                                |
| 1995       | 2282                                |
| 2000       | 1803                                |
| 2005       | 1295                                |
| 2010       | 1174                                |
| 2016       | 1651                                |

Fonte: CND

O aluno Washington Ferreira entrou no Notre Dame em 1963 e estudou até o ano de 1970. Proveniente do Colégio Progresso e Dom Barreto, uma turma de amigos, após o curso Primário, prestou os Exames de Admissão e seguiu para o Ginásio Notre Dame.

Lembro do Ir. Paulo indo ao Dom Barreto para fazer propaganda do Colégio. Ele falava que íamos estudar de manhã e praticar esportes à tarde. Ir. Paulo começou dando aulas de Inglês, antes de irmos estudar no Notre Dame, num prédio na rua General Osório. No início as nossas classes eram pequenas. Dona Jeanette era a professora de Português na admissão, quando entrei no Colégio. Tínhamos aulas de Trabalhos Manuais. Ainda devo ter comigo uma espátula de madeira, que fizemos durante uma aula. Aprendemos a fazer "espadinhas" de madeira e depois a modelar com argila. Eu adorava.

No início da década de 1970, o Colégio deixa de oferecer o semi-internato e passa a funcionar no período matutino e vespertino. Os ex-alunos Nysten Andrade de Macedo (1971-

1983) e Adriana Abdalla (1974-1982) relembram os motivos que levaram seus pais a matriculá-los na escola, no ano de 1971 e 1974, respectivamente.

Era minha mãe quem me levava no Colégio, juntamente com o meu irmão. Ela participava muito da Associação de Pais e Mestres e das atividades religiosas. E por que os meus pais escolheram o Colégio? No início ficaram na dúvida, mas o Notre Dame divulgava em suas campanhas, atraíam os alunos embasados no conceito "dos líderes do amanhã". Ou seja, projetar nos alunos os "cavalheiros" do Notre Dame. O símbolo do Colégio traz o escudo do guerreiro e uma lamparina, que representam a força e a sabedoria, além da honra, integridade e a moral. A formação cristã sempre foi presente na minha família, e apesar do Notre Dame ser ecumênico, sempre teve um viés católico muito forte. Eu tinha amigos judeus na escola, protestantes, mas os valores cristãos, o respeito ao próximo e o reconhecimento de que a sua verdade não é a única, isso prevaleceu no Colégio. O Irmão Paulo dizia, e isso eu guardo para mim até hoje, que a verdade é um diamante. Tem várias facetas, e todas estão corretas. **Nysten Andrade de Macedo.**

O Colégio Notre Dame era próximo da minha casa. Nós morávamos numa fazenda. Fui para o Colégio com os meus irmãos, foi uma escolha do meu pai, que viu uma oportunidade de estudarmos numa escola nova, de norte-americanos, o que atraiu muita gente na época. Não teve a motivação religiosa, mas sim social. Minha mãe com o tempo frequentava muito o Colégio: os cursos de artes para os pais, assim como a Associação de Pais e Mestres. Os meus pais eram muito atuantes na Associação. **Adriana Abdalla.**

### 3.4. A ESTRUTURA PEDAGÓGICA

De acordo com o 1º Regimento do Colégio (1963), o Projeto Educativo do Notre Dame tinha como objetivo principal promover a instrução e a educação integral do educando. Em regime de semi-internato (Curso de Admissão e Ginásio), além do desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos, o Colégio deu ênfase à sua formação física, artística e religiosa. A instrução tinha como meta transmitir conhecimentos específicos e habilidades, e assim preparar o jovem para a vida e para o trabalho no futuro; a educação almejava fomentar valores, atitudes e comportamentos que empregassem aqueles conhecimentos e aquelas habilidades adequada e produtivamente.

Podemos resumir as bases de uma educação de Santa Cruz, que tinha como objetivo principal formar os jovens para o futuro e assim capacitá-los para a cidadania e a liderança



competente, nos seguintes elementos: a educação proposta pela Congregação tem o objetivo de tornar os alunos informados, ativos, colaborativos dentro de sua comunidade (família, escola, sociedade); procura manter os padrões de excelência estabelecidos pelos procedimentos e requisitos de credenciais no âmbito local, estadual, federal e diocesano; o aluno deve ter uma visão global da vida, estabelecendo o diálogo entre conhecimento e fé cristã; a informação e a formação adquiridas não tem um fim em si mesmo, mas são dirigidos à transformação do mundo.

No início de suas atividades em março de 1961, o Colégio Notre Dame pertenceu ao Sistema Federal de Ensino, sob a jurisdição da Inspeção Seccional do Ensino Secundário de Campinas. Na sede provisória em Sousas, os irmãos ofereceram o Curso Preparatório aos Exames de Admissão ao Ginásio para 27 alunos. Os Exames de Admissão foram aplicados em dezembro, e no ano de 1962, 21 alunos ingressaram na 1ª Série do Curso Ginásial. No Exame o aluno era avaliado nas disciplinas de Matemática, Português, Geografia e História do Brasil. Para a aprovação ao Curso Ginásial a média do aluno deveria ser superior a nota 5.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 dividiu os cursos em Primário (4 anos), Ginásio (4 anos) e o Colegial (Científico e Clássico) (3 anos). O Curso de Admissão tinha a duração de 1 ano completo. Através da Portaria nº 465/62 da Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, o Ginásio Notre Dame obteve sua autorização de funcionamento, somente da 1ª Série. O regime dos alunos era de semi-internato, os alunos entravam na escola às 8hs, almoçavam no refeitório do Colégio e terminavam o período vespertino às 17hs.

No próximo quadro, as disciplinas ministradas no Ginásio Notre Dame no ano de 1963.

**Quadro 3 — Quadro Geral do Currículo - Disciplinas/Total de aulas ministradas no Curso Ginásial, 1963.**

| <b>Disciplinas</b>                                 | <b>Curso de Admissão</b> | <b>1º Ano</b> | <b>2º Ano</b> | <b>3º Ano</b> | <b>4º Ano</b> |
|----------------------------------------------------|--------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| I – Línguas: Português                             | 5                        | 5             | 5             | 5             | 5             |
| I – Línguas: Inglês                                | 4                        | 4             | 4             | 4             | 0             |
| II – Ciências: Matemática                          | 5                        | 5             | 5             | 5             | 5             |
| Conhecimentos Gerais de Ciências                   | -                        | 5             | -             | -             | -             |
| Conhecimentos Gerais de Física                     | -                        | -             | -             | 5             | -             |
| Conhecimentos Gerais de Química                    | -                        | -             | -             | -             | 5             |
| História do Brasil e das Américas                  | 3                        | -             | 4             | -             | 5             |
| História Mundial, Antiga e Moderna                 | -                        | -             | -             | 4             | -             |
| Geografia Geral e do Brasil                        | 5                        | -             | 4             | -             | -             |
| III – Artes: Desenho                               | -                        | -             | -             | -             | 2             |
| III – Artes: Trabalhos manuais                     | -                        | 2             | -             | -             | -             |
| III – Artes: Canto Orfeônico e Apreciação de Artes | -                        | 1             | -             | -             | 1             |
| IV – Educação Física                               | 2                        | 2             | 2             | 2             | 2             |
| V - Religião                                       | 4                        | 4             | 4             | 4             | 4             |
| VI – Orientação                                    | -                        | 1             | 1             | 1             | 1             |
| Total de horas semanais                            | 28                       | 29            | 29            | 30            | 30            |

Fonte: CND

De 1962 até o ano de 1971/1972, são administradas as seguintes disciplinas no Ginásio Notre Dame: Matemática, Português, Inglês, Religião, Ciências, Música, Trabalhos Manuais, Desenho, Educação Física, Geografia, História. As aulas de Trabalhos Manuais vão sendo gradativamente substituídas pelas aulas de Desenho e Artes Industriais. A partir de 1966 as disciplinas de Geografia e História aparecem nos documentos como Geografia do Brasil e História do Brasil, mas não é uma constante. No mesmo ano tem início os estudos de OSPB (Organização Social e Política do Brasil), disciplina que, de acordo com o Decreto Lei 869/68, tornou-se obrigatória no currículo escolar brasileiro a partir de 1969, juntamente com a

disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC). Estas matérias foram adotadas em substituição às matérias de Filosofia e Sociologia e tinham como objetivo a transmissão da ideologia do regime, que exaltava o nacionalismo e o civismo dos alunos, e privilegiava o ensino de informações factuais em detrimento da reflexão e da análise crítica. Anos mais tarde, as duas disciplinas foram reprovadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996.

**Quadro 4 — Disciplinas ministradas no Curso de 1º Grau, a partir de 1972.**

| 1ª a 4ª Série                                          | 5ª a 8ª Série                                |
|--------------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| Matemática                                             | Matemática                                   |
| Português/Comunicação e Expressão da Língua Portuguesa | Comunicação e Expressão da Língua Portuguesa |
| Geografia                                              | Estudos Sociais                              |
| História                                               | Educação Física                              |
| Educação Artística                                     | Educação Artística                           |
| Educação Moral e Cívica                                | Organização Industrial e Comércio            |
| Higiene e Saúde                                        | Inglês                                       |
| Educação Física                                        | Educação Moral e Cívica                      |
| Integração Social                                      | Organização Social e Política do Brasil      |
|                                                        | História                                     |
|                                                        | Geografia                                    |

Fonte: CND

O ex-aluno Nysten Andrade de Macedo, que entrou no Notre Dame no ano de 1971, no curso Pré-primário, foi alfabetizado no Colégio. Em seu depoimento nos conta alguns momentos de sua experiência na escola no curso Primário, onde tinha aulas com professores leigos, mas também com os religiosos de Santa Cruz:

Pelo que eu me lembro, a minha primeira professora foi a Beth e a segunda foi a Maria Eugênia Ramalho. Fui alfabetizado no Notre Dame. Mas isso foi uma tristeza para mim. Porque na 1ª e 2ª série, eu escrevia com as duas mãos, esquerda e direita. Eu também desenhava com as duas mãos. Mas no 3º ano... eu tomava "reguada" na mão esquerda, cada vez que eu ia fazer uso dela! Mas eu não lembro dessa professora, eu

consegui apagar da minha memória. A minha mão dominante hoje é a direita. Mas a minha letra da mão esquerda é mais bonita. Minha caligrafia é redondinha com a mão esquerda. E eu não reclamava com a minha mãe, não podia, essas coisas a gente não levava para os pais. Peguei aversão à escrever e a desenhar. Só fui superar isso bem mais tarde.

Na 4ª série eu descobri Ciências: eu era apaixonado pela formação dos planetas, astrologia, mudança das fases da lua, conglomerado de estrelas. Eu conseguia desenhar e localizar as estrelas no céu. O Irmão Guilherme St. Romain foi outra figura maravilhosa que me ensinou a fazer dissecação de insetos e preparação química para análise em microscópio. Eu acompanhava os irmãos nos laboratórios e através do Irmão Guilherme e Irmão Ricardo Burgie fui me aproximando das ciências naturais. O Irmão Ricardo tinha aquários marinhos e eu era um dos poucos alunos que ele confiava para alimentar a anêmona dele! Isso eu fazia enquanto era esperava minha mãe me buscar.

Eu tenho professores que me marcaram para o bem, de uma forma construtiva, outros não. Na 5ª série eu adorava as aulas da Dona Maria Benedita Santoro, professora de Português. Chegava na escola às 12 e ficava muitas vezes até 8 da noite, porque passei a fazer parte de um grupo de aeromodelismo na escola, junto com o Irmão Ricardo. Eu convivi muito com os irmãos, e considero que isso foi muito importante na minha formação.

Em março de 1980, o Colégio é reconhecido pela Coordenadoria do Ensino do Interior, da Secretaria Estadual de Educação. Uma mudança importante que aconteceu na educação brasileira no início da década foi a alteração dos dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização do ensino de 2º grau. A “qualificação para o trabalho”, proposta por esta lei, foi substituída pela “preparação para o trabalho”. Esta alteração implicou em algumas mudanças na proposta curricular, dispensando as escolas da obrigatoriedade da profissionalização, enfatizando a formação geral. O ensino de 2º grau foi dividido em áreas de conhecimento. A partir do 2º ano o aluno optava em cursar as áreas de Exatas, Biológicas ou Humanas.

**Quadro 5 — Disciplinas Ministradas no Ensino de 2ª Grau, 1984.**

| Base Comum                                | Diversificada                     |
|-------------------------------------------|-----------------------------------|
| Língua Portuguesa e Literatura Brasileira | Organização Técnica e Comercial   |
| Inglês                                    | Mecânica e Processamento de Dados |
| Educação Artística                        | Técnicas de Secretariado          |
| História                                  | Direito e Legislação              |
| Geografia                                 |                                   |
| Organização Social e Política do Brasil   |                                   |
| Educação Moral e Cívica                   |                                   |
| Matemática                                |                                   |
| Física Geral                              |                                   |
| Química                                   |                                   |
| Biologia                                  |                                   |
| Educação Física                           |                                   |
| Programa de Saúde                         |                                   |
| Ciências Físicas e Biológicas             |                                   |
|                                           |                                   |
| Total da Carga Horária: 2644              | Total da carga Horária: 326       |

Fonte: CND

**Maria Cecília Pires de Campos**, ex-aluna do Notre Dame entrou na escola com seis anos de idade em 1978 e estudou no Colégio por 10 anos. Através de seu depoimento é possível saber um pouco mais das disciplinas ministradas no Notre Dame e sobre os seus professores.

Eu ia para a escola de ônibus fretado da Capellini. Lembro muito do Rui Campos Ribeiro, professor de Geografia, que era muito politizado. Sempre fui boa aluna, prestava atenção nas aulas. Química sempre tive certa dificuldade. Tenho muito carinho pelo professor Luiz Antônio Razera, que dava aulas de Português. Um Mestre! Eu aprendi muito com ele. O professor Antônio Canto era muito bom também, de Matemática. Tive aula com o Carlos Alberto Penha de Filosofia na 5ª série, e aula de Teatro com o Edgar Rizzo. Na Educação Física eu tinha aptidão para o voleibol e handebol, e ia bem no atletismo, eu achava muito bacana as aulas teóricas, aprendíamos os fundamentos dos esportes.

Lembro das aulas de Educação Artística e os cadernos que valiam para a nota final da disciplina. Eu descobri que sabia desenhar no Notre Dame. Na 1ª série tive aulas de Inglês com o Ir. Paulo Schaefer, ex-Diretor. Tive aulas com a Dona Astrid Sgarbieri também, de Inglês. Dona Ondina dava aulas de Matemática, e era muito nervosa. Não me lembro de alunos tomando medidas disciplinares, punições. Fiz duas excursões com a Dona Maria Benedita Santoro, que dava aulas de Literatura: para as cidades históricas de Minas Gerais e depois para as Serras Gaúchas. Nas duas viagens fomos de ônibus. Para mim essas viagens foram muito importantes. Naquela época eu formei uma turma de amigos que foi assim, inesquecível! Em parte mantenho essas amizades até hoje. Minha melhor amiga, até hoje, eu conheci no Notre Dame. Eu tinha 15 anos.

No ano de 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394, de 20/12/1996), divide o ensino em dois níveis: a) Educação Infantil (creches (de 0 a 3 anos) e pré-escolas (de 4 e 5 anos), gratuita mas não obrigatória, e de competência dos municípios; b) Ensino Fundamental - anos iniciais (do 1º ao 5º ano) e anos finais (do 6º ao 9º ano), é obrigatório e gratuito. A LDB estabelece que, gradativamente, os municípios serão os responsáveis por todo o ensino fundamental; c) Ensino Médio – É o antigo 2º grau (do 1º ao 3º ano), de responsabilidade dos Estados e também pode ser técnico profissionalizante.

Na história do Brasil, essa é a segunda vez que a educação conta com uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que regulamenta todos os seus níveis. A primeira LDB foi promulgada em 1961 (LDB 4024/61). A LDB 9394/96 reafirma o direito à educação, garantido pela Constituição Federal. Estabelece os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios.

A partir desta Lei, o Ensino Médio tinha as disciplinas gerais, sendo que o aluno não precisava mais optar por uma área específica (Humanas, Exatas ou Biológicas). Quem nos conta da educação e disciplinas na escola nos anos noventa é aluna Carolina Gorsin Cunha do Amaral, que entrou no Notre Dame em 1990 e se formou em 2003.

Eu lembro pouco da época em que entrei, muito das minhas memórias vem a partir de fotos e vídeos. A minha mãe fotografava e filmava tudo! Também lembro de coisas que minha mãe contava. Eu vim da escola Pimpolho, e vários amigos vieram também. Uma turma grande. Eu estudava no período da tarde. No primário o meu uniforme era uma bermuda azul, que hoje ainda é usada, mas com outro design, e a camiseta amarela com o logotipo da escola. No Colegial, no início, usávamos uma camiseta polo branca e calça ou *short* de sarja, cor bege. Depois, mais para frente, usávamos

uma camiseta normal, que poderia ser azul ou branca, com o escudo do Colégio, que depois mudou para o ND, "um dentro do outro". E a calça poderia ser um *jeans*. Já era liberado como é hoje, com algumas restrições.

E eu sou da época que chamávamos as professoras de "Tia", e depois tivemos que trabalhar para mudar isso. A minha Orientadora Educacional foi minha Psicóloga. Eu lembro de todas as minhas professoras do primário. Tenho contato com muitas delas até hoje. O *Facebook* ajudou muito nisso, encontramos as pessoas. No Colegial tivemos os professores polivalentes, das disciplinas gerais. Tive bons professores e os meus preferidos eram da área de Humanas. Quando fui para o Colegial (Ensino Médio) em 2000, já não tínhamos que optar por áreas específicas (Humanas, Biológicas, Exatas), como na sua época. Sempre tive vontade de fazer Jornalismo, então me interessava mais por matérias da área de Humanas.

### 3.5. OS FUNDAMENTOS DO PROJETO EDUCATIVO DO COLÉGIO NOTRE DAME NA ATUALIDADE

A Revista Notre Dame em Ação, publicada em junho de 2015, traz um artigo do Diretor Pedagógico, Lorenço Jungklaus<sup>63</sup>, intitulado “Colégio Notre Dame: Obra Educativa de Santa Cruz”, que aborda os fundamentos do projeto educativo da Congregação. De acordo com Lorenço a missão da instituição é composta por dois elementos centrais: 1) A excelência no binômio ensino-aprendizagem, preservando o caráter de temporalidade que caracteriza a evolução do conhecimento; 2) A definição do escopo de todo o esforço educativo empreendido pela escola, voltado para a prática de cidadania consciente e responsável. Ainda nas palavras do diretor:

Nosso processo educativo busca alargar os horizontes da aprendizagem até o limite em que o estado atual da ciência nos permite, levando o aluno a saber tudo o que ele precisa saber, para que possa atuar no mundo, no limiar mais elevado de competências possíveis, para criar as melhores condições para a vida em sociedade, com o mais elevado respeito à dignidade da vida, o mais alto nível possível de humanização das pessoas e com a melhor forma possível de preservação de nosso meio ambiente.

Para concretizar isso na escola, esperamos que o aluno participe ativamente da vida do colégio, busque excelência em tudo o que faz, tenha disciplina e construa sua autonomia, mantenha integridade de caráter, seja aberto à diversidade, seja solidário e cooperativo, assuma liderança construtiva na comunidade, compreenda criticamente

---

<sup>63</sup> Lorenço Jungklaus é educador, economista e ex-seminarista. Começou a trabalhar no Colégio em 1999, como coordenador do Ensino Médio, e posteriormente em 2006 coordenou o Ensino Fundamental II. Assumiu a direção do Notre Dame em 2009.

sua própria realidade e a realidade social, tenha compromisso com a sustentabilidade da vida e do planeta e viva a espiritualidade e sua dimensão transcendental. O Educador de Santa Cruz (...) busca a perfeição, levando o educando a compreender o sentido do cuidado e do respeito que deve a si próprio, ao outro e ao seu meio ambiente, conduzindo-os pelos caminhos da construção da solidariedade, da justiça”.

O responsável pelo Colégio Notre Dame em 2018 é o Irmão Nilto Neres de Oliveira, brasileiro e Superior do Distrito e Presidente da Sociedade dos Irmãos da Congregação de Santa Cruz (CSC), que é a mantenedora do Colégio. A Congregação de Santa Cruz, fundada em 1837 na França, atualmente possui nove Províncias espalhadas pelo mundo. O Distrito brasileiro faz parte da Província Moreau, cuja sede está localizada em Austin, capital do estado norte-americano do Texas.

Em 2018, o Colégio está organizado em três unidades, onde oferece os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Na Unidade I - Notre Dame Júnior, com 10 salas de aulas, a Educação Infantil está organizada em duas etapas: o Maternal, com duração de dois anos para crianças a partir dos 18 meses de idade; e o Infantil, também com duração de dois anos, para crianças a partir dos 3 anos e meio (até 5 anos e meio de idade). Na Unidade II - Notre Dame Campinas, com 44 salas de aulas, funcionam os cursos do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), para crianças que completam seis anos de idade até 30 de junho do ano de ingresso (no 1º ano); o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano); e o Ensino Médio (1º ao 3º ano).

No Maternal, o processo de socialização ocorre de forma gradual, onde é considerado o tempo de adaptação da criança, de forma que ela se sinta segura no seu processo de aprendizagem. Os conteúdos estão focados no desenvolvimento motor, na exploração lúdica, na comunicação, na sociabilidade e na construção de relacionamentos saudáveis, na formação de valores e percepção das diversidades de seu contexto de vida. Já no Infantil, a criança passa a ver a escola como um espaço em que vai aprender de forma diferente, comparado ao espaço familiar. Será estimulada a desenvolver as primeiras habilidades nas diferentes áreas do conhecimento, mas de forma integrada, através de projetos de trabalho. Portanto as crianças são incentivadas a adquirir recursos variados de comunicação, a construir relacionamentos e a conviver com a adversidade. Em toda a Educação Infantil cada classe tem uma professora e uma auxiliar, além de apoio de auxiliares externos nos ambientes comuns, coordenados pela



Orientação Pedagógica e Educacional. O ensino do idioma Inglês é introduzido nesta fase: a matrícula em período integral em dois dias da semana dá acesso ao Currículo Bilíngue, com seis aulas semanais de 45 minutos.

No Ensino Fundamental I, o foco educativo está voltado para a aprendizagem de habilidades que visam o início da aquisição estruturada do conhecimento nos diversos componentes que integram a grade curricular. O tempo da lição de casa e do estudo individual vão aumentando gradativamente. Além disso, a criança passa a conviver com regras mais coletivas, sendo assim estimulada a ampliar seu repertório relacional. No 4º e 5º anos, os alunos passam a ter duas professoras, que dividem as aulas, preparando a transição das crianças para o Fundamental II. Nesta fase o foco educativo está voltado para a aprendizagem de habilidades específicas dos diversos componentes curriculares e para uma visão sistêmica do conhecimento, bem como para o aperfeiçoamento na qualidade da leitura e da escrita.

O jovem quando ingressa na adolescência vivencia grandes transformações de ordem pessoal, relacional e afetiva, portanto a inserção no grupo torna-se um desafio bem mais complexo. Nesta fase o aluno passa a ser orientado a refletir com maior profundidade sobre suas ações e atitudes, de modo que tenha condições de construir relacionamentos saudáveis, assumindo crescente responsabilidade pelo próprio desenvolvimento e com o meio em que vive. O adolescente é estimulado a participar de forma ativa em diversos projetos escolares com o propósito de fazer despertar talentos, desenvolvendo assim a criatividade e a liderança. No Notre Dame, do 6º ao 8º ano existe a opção do Middle School Global Leaders, um programa bilíngue, com carga horária de 3 horas semanais, um dia por semana. Do 9º ano em diante o aluno tem a opção do High School (Diploma do Ensino Médio norte-americano), com carga horária de 7 horas semanais, em uma tarde por semana e nas aulas regulares destinadas ao inglês.

No Ensino Médio o foco educativo está voltado para a aprendizagem de habilidades que visam à consolidação do conhecimento estruturado e especializado, o domínio amplo da linguagem própria dos diversos componentes curriculares, desenvoltura na escrita, capacidade de reflexão analítica com base em postulados científicos, e formulação de propostas e alternativas de intervenção para a solução de problemas diversos. Aprofunda o conceito e

vivência da cidadania, levando o aluno a engajar-se na construção do futuro da sociedade, com base nos valores humanistas propagados pelo Colégio Notre Dame.

Além dos cursos regulares, o Colégio Notre Dame de Campinas oferece 38 modalidades de cursos opcionais em diversas áreas, com práticas individuais ou grupais nas áreas de Arte, Música, Cultura, Esportes e Tecnologia. A Escola de Esportes nasceu em 1993 e os seus professores eram remunerados pela Associação de Pais e Mestres (APM). No ano de 1998, o Colégio Notre Dame incorporou a Escola de Esportes, assumindo os custos e também sua Coordenação, e passou a cobrar mensalidades pelas práticas esportivas. Sobre a Escola de Esportes, o seu Coordenador Marcos Perin vai nos dizer:

O objetivo principal da Escola de Esportes é a inclusão, regras, saber trabalhar com as regras, disciplina, limites. O aluno que não tem muita habilidade técnica, também participa dos eventos. Muitas vezes o aluno gosta da modalidade, mas está na aula para acompanhar o amigo. Mesmo assim damos a mesma atenção, pois de alguma forma ele foi estimulado a frequentar a modalidade, está fazendo uma atividade física, o que hoje é essencial para a qualidade de vida.

Apesar de o Colégio Notre Dame ser grande, as atividades de Educação Física ocupam muito espaço. São 490 alunos matriculados na Escola. Na Semana Padre Moreau acontecem uma série de competições esportivas envolvendo a escola toda, e não somente a Escola de Esportes. A modalidade mais procurada é o futebol, com mais de 200 alunos. Não temos a modalidade de futebol feminino, mas as meninas jogam junto com os meninos.

Hoje (2017) temos nove modalidades na Escola de Esportes: futebol, que é o carro chefe, voleibol, handebol, ginástica artística, ginástica rítmica, judô, badminton, pat pilates e tecido aéreo. Atendemos crianças desde 4 anos de idade até o Ensino Médio. Nem todas as modalidades atendem todas as faixas etárias, mas sempre tem uma prática esportiva que o aluno pode fazer. A maioria das modalidades acontecem no período pós curricular, a partir das 18:30hs. Isso para facilitar a vida dos pais, pois a maioria trabalha fora. Somente a modalidade de tecido aéreo que também acontece pela manhã.

No CECAND - Centro de Cultura e Arte do Notre Dame, além das disciplinas do currículo na área de Educação Artística, o Notre Dame oferece aulas de artes e música. Neste centro, que foi criado em 1999, o aluno tem a possibilidade de se aprofundar nessas práticas na própria escola, junto de seus colegas, em horário anterior ou após as aulas regulares e ainda é

uma facilidade para os pais concentrarem as diversas atividades dos filhos no Colégio. O centro oferece curso de formação de bandas, piano, flauta transversal, violino, saxofone, clarineta, bateria, violão, guitarra, baixo, canto, coral, orquestra, formação musical, mangá, robótica, animação digital, iniciação às Artes Plásticas, desenho de linguagem específica para vestibulares, teatro, sapateado, balé e dança flamenca.

No Notre Dame trabalhamos com as classes divididas: metade da turma faz Artes e a outra metade faz Música, isso possibilita acompanharmos o aluno bem de perto, de uma forma mais individualizada. O Colégio dá esse espaço, e desta forma o aluno tem a chance de se expressar mais, trabalhar até questões emocionais, digamos assim. Alguns cursos do CECAND são gratuitos e também abertos para os pais, ex-alunos, como a orquestra, por exemplo. É necessário ter algum conhecimento musical, não há necessidade de ser especialista em determinado instrumento. Desta forma o aluno se encaixa na função que estivermos precisando. O coral também é gratuito, que agora está voltado para as mães, para adultos. E também o ensaio de bandas. Estas são as modalidades gratuitas.

Sobre a Escola de Esportes e o CECAND, a ex-aluna Carolina Gorsin Cunha do Amaral vai nos dizer:

No CECAND, Centro de Artes, as turmas eram sempre divididas. Uma turma frequentava as aulas de música no primeiro semestre, e a outra fazia aulas de artes. Depois invertia. Tinham vários instrumentos, mas hoje essa oferta é maior, foi aumentando essa oferta. Hoje tem violino, piano. Eu tocava flauta. Fazíamos aulas de teatro também. De tudo, o que eu mais gostava era Artes e Educação Física. Artes é muito diferente do que é hoje. Hoje é mais estruturado. O professor tem um plano de aula, que ele deve seguir, tem um assessor de aula. Quando eu vim trabalhar aqui é que pude ver a dimensão do trabalho dos professores, o planejamento, o envolvimento de tanta gente até chegar na sala de aula.

Preferia os jogos em equipe, e não me interessava muito pelo atletismo. Eu, assim como você, tive aula com a "Preta" (Maria Cristina de Figueiredo Andrade). O Marcos Perin, que hoje é Coordenador da Escola de Esportes, foi o meu professor. Participei dos Jogos Intercolégiais, que eram competições entre as escolas particulares de Campinas. Você se inscrevia na sua modalidade e participava. Hoje o Notre Dame não participa desses jogos, nada externo ao Colégio. A não ser os alunos do Futebol, pela Escola de Esportes, que participam de campeonatos.

Na Unidade III do Colégio Notre Dame está sediado o CECOIA - Centro Comunitário Irmão André, que foi inaugurado em 1985. Trata-se de obra social, sem fins lucrativos e de caráter beneficente, mantida pela Congregação de Santa Cruz, destinada à Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) e Ensino Técnico em Administração, Logística e Informática. Para ingressar no Curso Técnico o aluno tem que ter concluído o 1º ano do Curso Médio. E na formatura tem que estar concluindo o 3º ano do Ensino Médio. O CECOIA faz parte do “Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos”, programa de proteção social básica da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Campinas. Atende crianças e adolescentes na faixa etária de 6 a 14 anos e 11 meses, em situação de vulnerabilidade e/ou risco pessoal e social do distrito de Sousas.

O Colégio Notre Dame concedeu bolsas de estudo aos seus alunos desde a fundação do estabelecimento. No ano de 2009, a Lei Federal nº 12.101 e sua regulamentação, determinaram que as escolas concedessem 100% de bolsa aos estudantes que comprovassem renda per capita de até 1,5 salário mínimo por integrante da família, o que corresponde a 1 (uma) bolsa integral para cada 9 (nove) alunos matriculados. Para cumprir a lei na íntegra, a escola ainda deveria conceder bolsas de 50% aos alunos que comprovassem renda per capita de até três salários mínimos por integrante da família (R\$3.000,00). No ano de 2017 foram 1.651 alunos matriculados no Colégio Notre Dame.

## **CAPÍTULO 4: PRESERVAR PARA HISTORiar. A CRIAÇÃO DAS BASES PARA A ORGANIZAÇÃO DE UM CENTRO DE MEMÓRIA ESCOLAR**

Desde a década de 1990, diversas instituições brasileiras, escolares e não escolares, tem procurado refletir sobre o seu papel no desenvolvimento do país, sobre sua história e gestão do seu conhecimento. Como resultado tem constituído seus Centros de Documentação e de Memória. Consultando publicações da área e alguns sites, encontramos uma série de justificativas para essas ações. Basicamente, a principal motivação de uma instituição quando se propõe a preservar a sua memória é preservar a sua história, seus valores muitas vezes esquecidos, os seus modos de fazer, o seu conhecimento acumulado, enfim, sua identidade.

No ano de 2014, a direção do Colégio Notre Dame, juntamente com a AEXA (Associação dos Ex-Alunos CND) e várias pessoas que sempre estiveram envolvidas com a instituição viram a necessidade de preservar o patrimônio documental da escola. O Colégio Notre Dame já possuía algumas publicações que contavam, e bem, a sua trajetória. No entanto faltava um estudo minucioso dos seus documentos de arquivo, que com certeza trariam novas fontes de informação sobre a instituição.

Ao reunir e organizar o conhecimento acumulado pela instituição, teríamos a possibilidade de disponibilizar este legado para as novas gerações da comunidade escolar e para a própria instituição. Não se trata somente de ordenar a documentação em ordem alfabética, numérica, considerando seus gêneros e tipos documentais, pois não é um trabalho meramente técnico. O objetivo consistiu em recuperar, através dos documentos, o papel desempenhado pela instituição, como se deu o seu funcionamento, o seu modelo pedagógico, os estatutos e currículos, as práticas pedagógicas e o seu ideário, assim como a identidade dos sujeitos que passaram pela instituição (ex-alunos, ex-professores, os irmãos da Congregação de Santa Cruz), e dos que continuam atuando (irmãos, diretores e professores).

Nos próximos tópicos pretendo dissertar sobre o trabalho desenvolvido no arquivo do Colégio Notre Dame, e a partir dessa imersão trazer novas reflexões sobre as fontes escolares e sobre as informações que podemos alcançar a respeito desta instituição educativa, através da análise crítica desta massa documental.

#### 4.1. SOBRE OS ARQUIVOS, SEUS DOCUMENTOS E AS FONTES HISTORIOGRÁFICAS

Na investigação histórica, o documento escrito foi privilegiado pelos pesquisadores até o final do século XIX, aproximadamente, quando novas fontes de informação passaram a fazer parte das pesquisas, com maior frequência. Com a expansão do campo da história, assim como das ciências da informação, das ciências da educação e até mesmo da própria antropologia, com a diversificação e ampliação das fontes de informação, o conceito de documento foi gradativamente sendo redimensionado. Desta forma, o trabalho com os acervos históricos e os seus diversos tipos de documentos, em diferentes suportes, vem passando por uma série de transformações.

Desde o final dos anos de 1980, os diversos estudos sobre as instituições educativas vêm buscando superar as análises já consagradas da externalidade dos processos educativos. Gradativamente e com grande avanço nas últimas décadas, estes estudos começaram a discutir a importância das fontes históricas (primárias e secundárias), dos arquivos escolares, suas funções educativas, assim como a importância da organização e disponibilização destes acervos para as investigações realizadas em História da Educação. No Brasil, diversos grupos de pesquisadores de vários estados deram início a projetos que buscaram compreender e organizar os arquivos escolares, com trabalhos de qualidade, com o objetivo de preencher a lacuna de publicações no assunto. No Capítulo 1 desta Tese fizemos uma abordagem sobre projetos relevantes desenvolvidos no Estado de São Paulo, e que serviram de referência para este trabalho.

Ao buscarmos compreender em que medida a organização de um Centro de Memória escolar possibilita-nos reunir e transmitir o conhecimento acumulado pela escola, e desta forma dar novos sentidos a instituição, partimos da premissa de que um Centro de Memória, enquanto espaço de construção de sentidos, de narrativas, de novos conhecimentos, contribui para que a memória individual possa ser transformada em memória coletiva, e o arquivo ser reconhecido como fonte de história e ainda como um legado para as novas gerações da comunidade escolar e para a própria instituição.

Desta forma, o Centro de Memória que nos propusemos a organizar pode ser definido como o espaço institucionalizado responsável pelo resgate, tratamento, armazenamento e disponibilização da documentação histórica de uma instituição a toda comunidade envolvida. Todo o trabalho desenvolvido nos arquivos do Colégio comprovou - pela variedade de documentos, pela sistematicidade das séries documentais, pela densidade das informações, pelas características singulares da presença do Notre Dame na cidade de Campinas, considerando o contexto social, político, econômico e cultural – que o acervo de documentos é representativo e relevante historicamente. Representativo na medida em que reflete a complexidade e a singularidade da instituição, e nos revela sua identidade e o seu movimento real na sociedade onde está inserido; significativo na medida em que permiti compreender o passado da instituição através do acesso às fontes, base da produção historiográfica.

Ao adentrar nos arquivos do Colégio Notre Dame busquei conhecer sua massa documental, com o objetivo de identificar as fontes históricas (primárias e secundárias), que pudessem contar a história do Colégio, objeto deste estudo. No entanto, antes de elencar as principais fontes localizadas, farei uma breve abordagem sobre alguns conceitos que historiadores e arquivistas vem debatendo, e que tem como objetivo aprimorar o trabalho com os acervos e suas fontes historiográficas. Pretendo desta maneira contribuir com as pesquisas realizadas na área de História e da História da Educação, pois acredito que o pesquisador, ao abrir mão da consulta aos acervos documentais em seus projetos, perde uma experiência única e insubstituível.

O primeiro conceito que iremos analisar é sobre o documento de arquivo. Ao analisarmos os documentos localizados no acervo, é preciso considerar que estes documentos são produzidos em um contexto específico (origem = instituição), e este contexto não pode ser desconsiderado, ou mesmo deixado em segundo plano no trabalho de análise documental. Para se chegar a um conhecimento preciso é necessário considerar as relações nas quais nasce e se produz o documento<sup>64</sup>. Conforme nos alerta Jacques Le Goff (2013:496,497) no seu texto clássico e tão atual, Documento/Monumento, o dever principal do historiador é a crítica intrínseca do documento:

---

<sup>64</sup> RAGAZZINI, D. Os estudos históricos-educativos e a história da educação. IN: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. **História da Educação**: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999, p 19-35.

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo.

Não é a condição de um documento – manuscrito ou impresso, avulso ou encadernado, papel ou disquete - que o define como um documento de arquivo, biblioteca, museu ou centro de memória, mas sim a sua origem e a sua função (Tessitore, 2003:12). Desta forma, o documento de arquivo pode ser definido por registro que, produzido ou recebido por instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitui elemento de prova ou informação. Portanto, quando nos propomos a organizar acervos documentais, é fundamental respeitar o princípio da proveniência, ou seja, os documentos devem ser mantidos reunidos, respeitando o seu conjunto, quando originários de uma mesma fonte geradora.

Os documentos de arquivo podem ser de vários gêneros (configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizados na comunicação do seu conteúdo): textual (manuscrito, datilografado ou impresso); iconográfico (fotografias, diapositivos, desenhos, gravuras); audiovisual (filmes e fitas de vídeo magnéticas); sonoros ou fonográficos (discos e fitas audiomagnéticas). Podem ainda ser configurados de diferentes formas, de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas. Essa configuração é conhecida como Espécie Documental, o aspecto formal do documento. São exemplos de espécies documentais: ata, carta, certidão, decreto, despacho, edital, ofício, relatório, etc.

O Tipo Documental refere-se a configuração que assume uma Espécie Documental de acordo com a atividade que a gerou. É a identificação do aspecto formal do documento, diretamente relacionado com a natureza jurídico-administrativa do ato que lhe deu origem. São



exemplos de tipos documentais: ata de reunião, correspondência enviada e recebida, certidão de casamento, decreto-lei, relatório de atividades, boletim informativo, certificado de conclusão de curso, carta de cessão, folheto de divulgação, programa de curso, etc.

No que se refere ao Centro de Memória que nos propusemos a organizar, podemos defini-lo como um espaço institucionalizado do Colégio Notre Dame, responsável pelo resgate, guarda e tratamento da documentação histórica – em diferentes suportes – produzida e/ou acumulada pela instituição, ao cumprir suas atividades-fim, desde sua criação até os dias atuais. Essa documentação, ainda que esteja fragmentada, com lacunas na sua sequência e dispersa pelos vários setores da organização, ainda assim reflete e fundamenta toda a sua trajetória: fundação, evolução e estabelecimento, assim como os seus projetos rumo ao futuro.

A partir da definição de seu universo, de seu recorte temático, o Centro de Memória irá consolidar sua identidade a ponto de se tornar, não raro, uma referência para os estudos em seu campo. A área de especialização deste Centro orientará a definição de linhas temáticas, em torno das quais se dará a formação e a ampliação do acervo, bem como a criação de programas de ação e a definição de atividades pedagógicas. Entretanto, é preciso salientar que essas linhas não são fixas e imutáveis. Elas sofrerão um processo de transformação à medida que a área do conhecimento à qual o centro está ligado se transforma, alterando, assim, suas perspectivas e demandas de pesquisa, pois essas modificações implicam novas demandas de informação.

Um dos maiores problemas enfrentados pelos pesquisadores em história da educação é a dificuldade de acesso a fontes documentais, condição indispensável à reconstituição do nosso passado educacional. Por essa razão a necessidade de mapear e organizar as fontes, organizar acervos e enfrentar o desafio de implantar um Centro de Memória.

Um levantamento prévio no acervo do Colégio Notre Dame permitiu identificar alguns tipos de documentos que posteriormente foram analisados: álbuns de fotografia (das formaturas de alunos, eventos e projetos realizados por professores e alunos), prontuários dos alunos, livros de matrículas, fichas de cadastro de alunos, informativos dos Grêmios Estudantis, históricos sobre a Congregação de Santa Cruz, históricos sobre o Colégio Notre Dame, regimentos, estatutos, correspondência da diretoria, correspondência enviada e recebida, históricos escolares, certificados de exames de admissão, diplomas, certificados de cursos, propostas

pedagógicas, folhetos de divulgação do Colégio, recortes de jornal, resoluções, atas, processos de alunos, regulamentos internos, listas (de professores, de alunos), relatórios anuais, boletins e revistas do Colégio, programas de eventos, estatística escolar, livros de termos de visitas; organogramas; calendários; *croquis*; projetos arquitetônicos; convites de eventos; quadros de disciplinas; horários; livros de orientação (professores), entre outros tipos de documentos.

#### 4.2. A METODOLOGIA E AS FASES DE CONSTITUIÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA DO COLÉGIO NOTRE DAME

O caráter interdisciplinar da minha pesquisa é consequência da proposição do diálogo entre as áreas da História da Educação e da Arquivologia, sem o qual não seria possível o alcance do objetivo principal desta pesquisa. Este objetivo consistiu na organização do Centro de Memória do Colégio Notre Dame, a constituição de seus arquivos, séries de documentos e dossiês. Como espaço institucionalizado o Centro de Memória tem como missão resgatar, preservar e divulgar a memória da escola, através da perenização (continuidade) de seu patrimônio documental. Neste sentido, são alguns de seus objetivos gerais:

1. Resgatar, avaliar, documentar e ordenar os conjuntos documentais produzidos e/ou acumulados pela escola, ao cumprir suas atividades-fim;
2. Desenvolver mecanismos de resgate e reconstituição da memória da escola. Esta etapa pode ser realizada com o envolvimento de professores e alunos, e outros agentes da comunidade escolar;
3. Instrumentalizar os planos de gestão e todas as ações culturais, institucionais, e estratégicas empreendidas pela escola;
4. Fornecer suporte técnico-informativo para implantação de projetos específicos de setores e unidades da escola;

5. Desenvolver pesquisas e outros produtos, que atendam às demandas especiais da escola;
6. Garantir a entrada contínua de documentos, promovendo a transferência e/ou referenciação de documentos de valor histórico.

Por ser dinâmico, capaz de racionalizar a recuperação de informações, e ao mesmo tempo, instrumentalizar as atividades culturais, gerenciais, institucionais e de divulgação empreendidas pela escola, o Centro tem como meta oferecer subsídios a uma série de subprodutos, tais como: elaboração de exposições históricas sobre a instituição; confecção de publicações institucionais e comemorativas; produção de relatórios de pesquisa histórica; publicações de divulgação do acervo: guias, catálogos, inventários; suporte para matérias de jornal e/ou revistas; projetos que tenham como objetivo o registro fotográfico e audiovisual sistemático.

Todo trabalho de organização dos conjuntos documentais do Centro de Memória foi permeado por sistemática pesquisa histórica paralela, que possibilitou reconstituir e contextualizar a memória da escola. Paralelamente ao trabalho de pesquisa foi necessário realizar a análise da produção documental da escola (**Fase 1**). Este trabalho foi realizado através da consulta e identificação dos conjuntos documentais armazenados em diversos arquivos e outros espaços identificados na escola.

#### 4.3. DESCRIÇÃO DAS FASES DE IMPLANTAÇÃO DO CENTRO DE MEMÓRIA

##### 4.3.1. **Levantamento Histórico e Análise da Produção Documental (Fase 1)**

O levantamento da história da escola e a análise de sua produção documental antecederam e foram de extrema importância para o trabalho aqui proposto, pois orientaram a identificação e ordenação do Fundo documental e quadro de arranjo, e deram sentido às demais atividades de documentação dos acervos.

Nesta etapa foram realizadas as seguintes atividades: (1) levantamento, análise e sistematização dos marcos da evolução histórica da escola, de sua evolução institucional e dos organogramas da escola; (2) levantamento e análise das funções e atribuições de várias unidades e setores; (3) levantamento e análise da produção documental de várias unidades e setores; (4) verificação das normas gerais de arquivamento vigentes.

Todos estes levantamentos foram realizados através: 1) do estudo/análise dos documentos disponibilizados pela escola para consulta; 2) através de entrevistas com os profissionais da escola (diretores, professores, coordenadores, orientadores, técnicos), alunos e ex-alunos.

##### 4.3.2. **Prospecção dos documentos de valor histórico/permanente (Fase 2)**

Para compor os acervos do Centro de Memória do Colégio Notre Dame (Acervo textual e Acervo fotográfico, Banco de Entrevistas) foi realizada a prospecção dos arquivos inativos da escola: arquivo “morto”, arquivo da secretaria, biblioteca, comunicação, ou seja, setores ligados às atividades-fim da escola, visando o levantamento de documentos que potencialmente tivessem valor histórico e assim pudessem ser transferidos ou referenciados no Centro.

#### 4.3.3. **Organização dos conjuntos documentais: cadastro, arranjo e identificação das séries documentais (Fase 3)**

Nesta etapa foi realizado o cadastramento das séries de documentos. Cada acervo tem suas fichas de cadastro que contém: número de entrada; identificação geral do documento; procedência; quantidade; data de entrada; observações relevantes. Ainda foi realizado o arranjo dos documentos que consistiu em identificar o Fundo Documental do Colégio Notre Dame, e suas subdivisões, com a definição de suas séries e dossiês.

O Fundo “Colégio Notre Dame” foi descrito de acordo com a Norma Brasileira de Descrição Arquivística, que estabelece diretrizes para a descrição no Brasil de documentos arquivísticos, compatíveis com as normas internacionais em vigor ISAD(G) e ISAAR(CPF), e tem em vista facilitar o acesso e o intercâmbio de informações em âmbito nacional e internacional (CONARQ, 2006 p.10). Este instrumento possibilita o acréscimo de novas séries que possam ser identificadas caso seja realizado um novo projeto sobre a documentação/acervo do Notre Dame.

### **ELEMENTOS DE DESCRIÇÃO DO FUNDO COLÉGIO NOTRE DAME DE CAMPINAS**

#### **1. Área de identificação**

1.1. Código de referência: **BR SP CND F001**

1.2. Título: **Colégio Notre Dame de Campinas**

1.3. Data(s) Limite: 1961-2018

1.4. Nível de descrição: Nível 1 (**FUNDO**)

1.5. Dimensão e suporte: Textuais 15 metros lineares; Iconográficos; 100 álbuns de fotografias

#### **2. Área de contextualização**

2.1. Nome (s) do produtor (es): Colégio Notre Dame de Campinas

2.2. História Administrativa: ver História do Colégio Notre Dame (**Capítulo 2 desta Tese**).

2.3. História Arquivística: acervo referente às atividades-fim do Colégio Notre Dame de Campinas.

2.4. Procedência: Colégio Notre Dame de Campinas (CND); Congregação de Santa Cruz (CSC).

### **3. Área de conteúdo e estrutura**

3.1. Âmbito e conteúdo: A documentação refere-se ao arquivo histórico do Ginásio e Colégio Notre Dame de Campinas, período de 1961 a 2018.

3.2. Avaliação, eliminação e temporalidade. De acordo com as normas da Secretaria do Colégio Notre Dame.

3.3. Incorporações: Exemplos: Algumas séries poderão receber novos acréscimos de documentos

3.4. Sistema de arranjo: O fundo encontra-se organizado em séries documentais: documentos textuais; fotográficos; peças e objetos.

### **4. Área de condições de acesso e uso**

4.1. Condições de acesso: Com autorização da Diretoria Pedagógica e Secretaria Escolar

4.2. Condições de reprodução: Sem restrição, mediante autorização e compromisso de crédito

4.3. Idioma: português; inglês; espanhol; francês.

### **5. Área de fontes relacionadas**

5.1. Cópias dos documentos armazenadas na Secretaria escolar.

### **6. Área de notas**

6.1 Notas sobre conservação: Documentos em bom estado de conservação.

### **7. Área de controle da descrição**

7.1 Nota do arquivista: Fundo organizado de acordo com as normas ISAD (G); NOBRADE.

### **8. Área de pontos de acesso e indexação de assuntos**

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Colégio Notre Dame de Campinas; Congregação de Santa Cruz; Instituições Escolares; Escolas Confessionais; Igreja Católica; Centro de Memória; Educação; História da Educação; Irmãos

de Santa Cruz; A Igreja em Campinas (Obras Educacionais); Obras Sociais (CECOIA); Patrimônio Educativo; Patrimônio Escolar; Memória Escolar de Campinas.

### **FUNDO COLÉGIO NOTRE DAME (1959-2018).**

#### **ÁREA: PEDAGÓGICA**

##### **Subárea: COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**Série:** Atas

**Subséries:** Atas do Conselho Escolar; Atas do Conselho dos Professores; Atas do Conselho Pedagógico e Disciplinar; Atas do conselho de Classes; Atas de reunião de professores; Atas de reunião do Quadro de disciplina; Documentos Diversos.

**Série:** Correspondência Enviada e Recebida

**Subsérie:** Circulares e avisos

**Série:** Estatísticas

**Série:** Ação Pastoral

**Subsérie:** Folhetos de divulgação

##### **Subárea: ATIVIDADES DE ENSINO**

**Série:** Frequência

**Subséries:** Livros de frequência; Livros de faltas; Livros de termos de frequência; Livros de ponto

**Série:** Bolsas de estudos

**Subsérie:** Relação de bolsas de estudos; Fichas de alunos

**Série:** Ano letivo

**Subsérie:** Calendários; Horários

**Série:** Exames/Provas

**Subsérie:** Pontos de exames, requerimentos de alunos, certificados de alunos, inscrições de alunos, lista de faltas, processos de alunos, atestados de alunos, termos, recursos, relatórios de exames.

**Subárea: PESSOAL DOCENTE/AUXILIARES**

**Série: Currículos de professores**

**Série: Fichas de cadastro de professores**

Subsérie: Fichas de cadastro de auxiliares de classe

**Série: Livros de orientação de professores**

**Série: Faltas e Licenças**

**Subárea: PESSOAL DISCENTE**

**Série: Prontuários de Alunos**

**Série: Fichas de cadastro de alunos (com foto)**

**Série: Livros de matrículas**

Subsérie: Termos de matrículas; Processos de matrículas; Requerimentos de matrículas; Fichas de desistência

**Série: Processos disciplinares**

Subsérie: Livros de detenções e faltas disciplinares

**Série: Diplomas (cópias)**

**Subárea: ESCOLA DE ESPORTES**

**Série: Atas de reunião**

**Série: Informes**

**Série: Anúncios**

Subsérie: folhetos de divulgação de cursos; cartazes

**Série: Fotografias (Álbuns)**

**Dossiês de eventos**

**Subárea: CENTRO DE CULTURA E ARTES - CECAND**

**Série: Atas de reunião**

**Série: Informes**

**Série: Anúncios**

Subsérie: folhetos de divulgação de cursos; cartazes

**Série: Fotografias (Álbuns)**

**Dossiês de eventos**



**Subárea: CECOIA – CENTRO COMUNITÁRIO IRMÃO ANDRÉ**

**Série: Atas de reunião**

**Série: Informes e Revista Cecoia**

**Série: Anúncios**

**Subsérie: folhetos de divulgação de cursos; cartazes**

**Série: Fotografias (Álbuns)**

**Dossiês de eventos**

**Subárea: ASSOCIAÇÕES (APM, GRÊMIO ESTUDANTIL, CENTRO CÍVICO, AEXA)**

**Série: Atas de reunião**

**Série: Programas de eventos**

**Série: Listas e relação de alunos/professores/pais de alunos**

**Série: Correspondência Enviada e Recebida**

**Série: Relatório de Atividades (anual e mensal)**

**Série: Flâmulas/Medalhas**

**Série: Boletins Informativos**

**Série: Fotografias (Álbuns)**

**Dossiês de eventos**

**ÁREA ADMINISTRATIVA (1961-2018)**

**Subárea: CONSELHO ADMINISTRATIVO CONSULTIVO**

**Série: Atas do Conselho Administrativo**

**Série: Relatórios de atividades**

**Série: Correspondência enviada e recebida**

**Série: Leis (Estaduais e Federais)**

**Série: Balanços e Balancetes**

**Subárea: JURÍDICO-ADMINISTRATIVO**

**Série: Correspondência enviada e recebida**

**Série: Estatutos**

**Série: Regimentos**

**Série: Regulamentos**

**Série: Caixa escolar**

**Subárea: CONGREGAÇÃO DE SANTA CRUZ (CSC)**

**Série: Estatuto Social**

**Série: Correspondência enviada e recebida**

**Série: Históricos da congregação**

**Série: Históricos do Colégio Notre Dame**

**Subárea: FUNCIONÁRIOS**

**Série: Currículos de funcionários**

**Série: Fichas de cadastro de funcionários**

Subsérie: Fichas de cadastro de auxiliares, pessoal de serviços gerais, manutenção

**Série: Correspondência enviada e recebida**

Subsérie: Informes e avisos

**Subárea: SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS**

**Série: Biblioteca**

**Série: Quadras Esportivas**

**Série: Laboratórios**

**Série: Saúde e Alimentação Escolar**

**Série: Controle Patrimonial**

**Série: Limpeza, manutenção, conservação, patrimônio**

**Série: Mapoteca**

Subsérie: Projetos arquitetônicos; plantas; desenhos.

**ÁREA: EVENTOS E COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**Série: Atas de reunião**

**Série: Relações Internacionais**

**Série: Informes**

**Série: Anúncios**

Subsérie: folhetos de divulgação de cursos; cartazes

**Série: Revistas Notre Dame**

**Série: Fotografias (Álbuns)**

**Dossiês de eventos**

**ÁREA: TECNOLOGIA/INFORMÁTICA**

**Série: Atas de reunião**

**Série: Informes**

**Série: Anúncios**

Subsérie: folhetos de divulgação de cursos; cartazes

**Série: Correspondência enviada e recebida**

**Série: Históricos do setor**

## **CAPÍTULO 5: UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL. OLHAR DOS QUE VIVERAM A INSTITUIÇÃO EDUCATIVA – BUSCANDO NOVOS SENTIDOS**

Porque se chamava moço  
Também se chamava estrada  
Viagem de ventania  
Nem lembra se olhou pra trás  
Ao primeiro passo, aço, aço, aço, aço...  
Porque se chamavam homens  
Também se chamavam sonhos  
*E sonhos não envelhecem*  
Em meio a tantos gases lacrimogênicos  
Ficam calmos, calmos, calmos  
E lá se vai mais um dia  
E basta contar compasso  
E basta contar consigo  
Que a chama não tem pavio  
De tudo se faz canção e o coração  
Na curva de um rio, rio  
E lá se vai mais um dia

### **Clube da Esquina II.**

Dou início à este Capítulo com uma canção de Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges (Clube da Esquina II), também interpretada por Flávio Venturini, que marcou uma geração de jovens estudantes de um colégio tradicional, católico, longe do “barulho” que acontecia do lado de fora nos “anos de chumbo”. Afastados da cidade, isolados, rodeados de muito verde, com a certeza de que ao sair do Colégio iam ganhar o mundo, estes jovens almejavam conquistar um espaço na sociedade, através do exercício das profissões escolhidas.

Neste Capítulo será abordado como se desenvolveu o processo de entrevistas com ex-alunos e ex-professores do Colégio Notre Dame, as diversas etapas do trabalho, e a visão dos sujeitos sobre a instituição.

Ao buscar os ex-alunos para a realização das entrevistas, entrei em contato com pessoas que concluíram ao menos um grau de ensino (curso) no Colégio. Este foi o principal critério para a seleção dos alunos entrevistados. No caso dos professores selecionados, além de dar aulas na instituição assumiram outros cargos, o que tornou os seus depoimentos mais abrangentes.

Através do programa *Google Docs*., antes das entrevistas, realizei uma pesquisa prévia com alguns alunos. Após o esclarecimento sobre os objetivos do projeto, elaborei uma planilha e encaminhei (via e-mail) pelo programa, com os seguintes campos para preenchimento: 1) Nome do aluno; 2) Idade; 3) Profissão; 4) Local de residência; 5) Ano de ingresso no Colégio Notre Dame/Curso; 6) Ano de Saída; 7) Breve comentário sobre a escola; 8) Indicação de outras pessoas para a realização de entrevistas; 9) Sobre documentos e fotografias da vida escolar do aluno. As pessoas que responderam esta abordagem estudaram no Notre Dame entre os anos de 1969 a 2005. No **Quadro 6** registrei as primeiras impressões dos alunos que responderam o questionário da planilha encaminhada.

**Quadro 6 — Alunos e alunas do Notre Dame: as primeiras impressões sobre a vivência no Colégio registradas na planilha do *Google Docs*.**

| Nome                      | Profissão        | Ano de Ingresso/Ano de Saída do Colégio | Sobre a vivência no Colégio                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------|------------------|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Adail Viana Santana Filho | Engenheiro Civil | 1982-1984                               | Foram os melhores dias de minha vida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Adriana Abdalla           | Arquiteta        | 1974-1981                               | Um período maravilhoso da minha vida, de conhecimento científico e pessoal. Ir para a escola que tinha uma das melhores infraestruturas da região, juntamente com os meus irmãos, foi uma escolha do meu pai. Não me formei no Notre Dame. Também por decisão do meu pai sai para estudar no Colégio Anglo, pois queria estar mais preparada para o Vestibular. Entrei em várias |

|                                    |                                             |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|------------------------------------|---------------------------------------------|-----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                    |                                             |           | faculdades quando prestei Vestibular, mas optei por estudar arquitetura na Puccamp. Considero-me uma pessoa realizada profissionalmente e atribuo esse sucesso à formação enquanto aluna do Notre Dame, que me deu uma visão global do ser humano.                                                                                                                                           |
| Alice Rego Lobo                    | Professora de Inglês                        | 1974-1984 | Inesquecível! O Notre Dame era uma escola inovadora, com conteúdo diferenciado e que se preocupava com valores. Eu tive vivências em teatro, esportes, dança, além de ter feito muitos amigos.                                                                                                                                                                                               |
| Aline Ceryno Plaza                 | Médica Dermatologista                       | 1972-1984 | Amava e amo o Colégio. Sempre gostei do espaço físico. Tinha uma boa convivência com os colegas. Ainda tenho contato com alguns mais próximos.                                                                                                                                                                                                                                               |
| Ana Rita Nascimento Rodrigues      | “Booker” de agência de atores               | 1972-1985 | Uma experiência maravilhosa, base para a minha vida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Ana Sílvia Cavalheri Beltramelli   | Pedagoga – Professora do Colégio Notre Dame | 1972-1985 | Foi e ainda é minha segunda casa! Pois sou Professora da escola.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| André Caro Salve                   | Gerente Administrativo                      | 1995-2005 | É de lá que trago as melhores memórias de minha infância.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| André Leonardo Alves Seabra Salles | Economista                                  | 1970-1982 | Entrei no Jardim de Infância e saí no 3º Colegial. O Notre Dame me propiciou uma formação muito sólida do ponto de vista intelectual, moral e social. Tive a oportunidade de fazer grandes amigos que têm me acompanhado há décadas. Aprendi com excelentes professores conceitos que jamais esqueci. Foi uma educação completa, que me dotou de uma bagagem que levo por toda a minha vida. |
| Antônio Zanaga Neto                | Engenheiro Civil                            | 1978-1984 | Só tenho boas lembranças, acho que foi uma das melhores fases da minha vida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Arley Bortoletto Júnior            | Médico                                      | 1978-1984 | A minha experiência no Colégio Notre Dame foi muito positiva, principalmente a convivência com os colegas.                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Beatriz Helena Florence Goedhart   | Gerente Financeira                          | 1977-1989 | Tenho ótimas lembranças de minha infância no colégio!                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Bruno Gobbi Schmidt                | Administrador de empresas                   | 1971-1984 | Um dos melhores períodos da vida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Carlos Eduardo Rocha               | Médico Veterinário                          | 1969-1983 | Tenho o Notre Dame como meu segundo lar. Princípios e valores foram consolidados nestes 14 anos que vivi neste maravilhoso e inesquecível ambiente, que era muito familiar.                                                                                                                                                                                                                  |
| Carlos Henrique da Silva Ximenes   | Gerente Administrativo                      | 1969-1984 | O Notre Dame era minha segunda casa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Cecília Regina Gonzaga Frazatto    | Cirurgiã dentista                           | 1975-1982 | Experiência muito feliz, com grandes amigos, carinho pela escola e pelos professores.                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

|                                           |                           |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-------------------------------------------|---------------------------|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Cristina Coutinho Marques de Pinho        | Professora                | 1980-1993 | Entrei no Notre Dame com 5 anos, no pré-primário I e saí no 3º colegial. Portanto, minha infância e adolescência foram vivenciadas nesse colégio, que para mim representa um ambiente ímpar de desenvolvimento humano. Não só a equipe docente ou gestora foram significativas para mim, como também aqueles que nem sempre são reconhecidos como grandes educadores.                                                                                                                                                                                                                           |
| Erika Maria Valente Haaland               | Artista Plástica          | 1974-1982 | Representou conhecimento de novas amizades na época de infância e adolescência, que manteve até hoje. Despertei o interesse por literatura e artes, na área de humanas em geral.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Fabiana Lois                              | Professora, bailarina     | 1980-1987 | Um lugar muito livre. Alegre. Cheio de amizades                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Fábio José de Camargo Assumpção           | Administrador de Empresas | 1976-1984 | Vivi intensamente essa fase. Adorava o Colégio, tinha uma porção de amigos. Participava ativamente dos projetos, como Centro Cívico, comunidades, Conselho de Disciplinas onde participavam alunos e professores. O Notre Dame era muito aberto a opiniões dos alunos e incentivava a participação. Eu não acredito que tinha curriculum tão forte como outros de São Paulo, mas era um dos melhores de Campinas. Preocupavam-se muito com a formação, não apenas com informação. Apesar de ser um Colégio de Irmãos, não forçava na prática religiosa. Tenho excelentes lembranças e saudades. |
| Fernando Oliva da Fonseca                 | Médico                    | 1978-1984 | Experiência excelente, tenho muitas saudades daquela época.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Francesco Maria Giuseppe Ambrogio Carotti | Produtor Rural            | 1969-1979 | Minha experiência foi boa, poderia ter sido melhor se eu morasse em Campinas, morava em Amparo, e ia e voltava todos os dias, não tinha como aproveitar melhor a convivência com os colegas. Os prédios e corredores, achava “aquilo” o suprasumo como arquitetura e também os jardins bem cuidados pelo Irmão Pedro e seu fiel escudeiro Alcides (jardineiro que trabalhava no Colégio, especialmente nos jardins e roseiras). A minha professora do 3º primário está no Facebook, chama-se Janalice Bruno, você entrou em contato com ela?                                                    |
| Francisco Paulo Jansen Filho              | Perito Sênior             | 1974-1986 | O Colégio Notre Dame foi um segundo lar em minha vida onde passei momentos muito agradáveis. Tenho boas recordações dos amigos que comigo conviveram bem como dos professores que me passaram excelente conhecimento contribuindo para minha formação e desenvolvimento profissional.                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Isa Hunovitch                             | Advogada                  | 1981-1984 | Experiência muito boa. Local muito agradável, pessoas maravilhosas, grande aprendizado.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Itamar Barros Ciochetti                   |                           | 1971-1980 | “Você quer saber quando fizemos uma greve de alunos no Colégio? Motivo da greve: o Irmão Pedro e Baldino queriam expulsar a gente- uns                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

|                                  |                                    |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|----------------------------------|------------------------------------|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                  |                                    |           | dois ou três alunos - e a gente fez um motim. Exatamente isso. Tem também o André Salles, hoje CEO da distribuidora da Coca Cola em Porto Alegre/RS e compositor.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| João Batista Mecatti             | Engenheiro                         | 1979-1984 | Excelência em aprendizado. Ajudou muito em minha formação escolar.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| João Marcos Colussi              | Advogado Trabalhista               | 1977-1984 | Positiva, com os percalços naturais do desenvolvimento da vida e sociedade, e ajustes típicos da adolescência.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| John Kendall                     | Facilities Manager (Gerente)       | 1982-1985 | Mágica. Adorei estudar lá e a convivência com alunos e professores.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| José Gonzaga Teixeira de Camargo | Médico                             | 1972-1984 | Precisaria de mais espaço para tantas recordações.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Juçara Ricci Tonelli             | Diretora de Enfermagem             | 1977-1982 | Melhor parte da minha infância                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Karla Zaghi Verri                | Fisioterapeuta                     | 1980-1985 | Foi uma época muito importante da minha vida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Kátia Gomes Facure Giaretta      | Bióloga e Professora Universitária | 1974-1984 | Foi um período que fiz muitas amizades, algumas que permanecem até hoje. Os professores e funcionários, como a bibliotecária e o jardineiro, sempre tratavam a todos com muito carinho e respeito. As atividades eram diversificadas, tínhamos aulas de artes, apresentações de teatro, filmes, campeonatos. Um fato que marcou minha vida foi assistir uma apresentação de um grupo de teatro que visitou a escola com uma peça sobre meio ambiente. Até hoje eu lembro que eles perguntaram para a classe quem sabia o que era Ecologia, e quem acertasse ganharia o ingresso para a peça. Não sei de onde eu tirei na época, porque ainda era muito nova, mas eu respondi corretamente e não precisei pagar. Hoje eu sou Bióloga com mestrado e doutorado em Ecologia, disciplina que leciono na Universidade Federal de Uberlândia. Enfim, posso dizer que o Colégio contribuiu muito para minha formação pessoal e profissional. |
| Leila Maria Reginato de Aguiar   | Professora de Inglês               | 1977-1986 | Adorava o espaço físico e o uniforme, me dava bem com todos os professores.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Liê Regina Aguirre D'Ottaviano   | Dona de casa                       | 1974-1989 | Tudo no Notre Dame era especial: o cheiro, o espaço, as turmas, o uniforme, os irmãos, os funcionários, as festas...era um espaço encantado!                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Lília Maria Reginato Gallana     | Jornalista e Professora            | 1977-1981 | Foram os melhores anos de minha vida escolar, onde aprendi a gostar de estudar, fui respeitada na minha individualidade, sem castigos, sendo valorizada nas minhas potencialidades. Isso influenciou sobremaneira meus anos seguintes, na área da educação e da pesquisa, incentivada pelo Irmão Ricardo (Ricardo Burgie) de Biologia, com quem fiz minha primeira pesquisa de campo com plantas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |



|                                        |                              |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------|------------------------------|-----------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Luciana Consolini                      | Arquiteta e cantora          | 1976-1980 | Carteirinhas e documentos. Primeira lembrança: Os retiros, o carinho dos Irmãos, a música, as aulas de biologia nos jardins, as pessoas, a rigidez humana. “Eles eram exigentes mas calorosos...eu me sentia acolhida, segura”.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Luís Roberto de Castro Rios            | Designer, diretor de Arte    | 1977-1985 | Foi sem dúvida o melhor Colégio em que estudei. Guardo lembranças carinhosas de ótimos professores, colegas que se tornaram amigos e que continuo em contato até hoje. Recordo-me com muito carinho de alguns professores, especialmente o Irmão Paulo, Dona Ruth, Dona Sônia, D. Astrid, D. Ondina, D. Maria, Zildo, Piovezanni e Irmão Ricardo. Claro que também tive experiências difíceis. Mas no geral, fui querido, aprendi muito como aluno e como "gente"! Saudades do "perfume" de chocolate que se espalhava pelos corredores quando o Irmão Pedro com seu cachimbo caminhava observando cautelosamente seus alunos! Saudades das guerras de “pinha” e de escorregar nas letras de cimento (com o nome do Colégio) que ficam num barranco de uma das quadras! Saudades das risadas e fofocas que aconteciam durante o intervalo nas mesas da cantina! A Festa da Primavera! O Sr. Alcides que sempre surgia sorridente com sua vassoura e rastelo, fazendo os intervalos mais divertidos! Lembro-me das faxineiras com muito carinho, certa vez uma delas veio até mim e me pediu para que não desenhasse mais na carteira, pois ela tinha muita pena de apagar meus desenhos, que ela achava lindos. Dá para esquecer uma coisa assim? Inclusive o Irmão Pedro, tentou negociar comigo para que eu colasse um papel na carteira e daí ele teria como guardar meus desenhos! Eram educadores! Muita saudade, mas também muito agradecido por ter tido a oportunidade de estudar nesse colégio especialmente nesta época! |
| Marcelo Geccherle Pereira              | Professor de Educação Física | 1978-1987 | Uma experiência maravilhosa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Maria Augusta Lacombe Oliva da Fonseca | Empresária                   | 1975-1986 | Uma das melhores épocas da minha vida, muitas lembranças.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Maria Eliane Boock Moretti Fávero      | Funcionária Pública Estadual | 1972-1984 | Foram 12 anos de muita alegria ao lado de amigos que tenho até hoje, professores e irmãos queridos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Maria Manuela Galvão Monteiro          | Geóloga                      | 1973-1984 | Uma das melhores fases da minha vida! No último ano, fiz o 3º colegial, e no período da tarde, o cursinho!                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Mariana Nogueira da Gama Schwartzmann  | Psicóloga                    | 1971-1979 | Os melhores anos da minha vida. Muitos amigos, um clima delicioso com os professores. Mantenho contato com os amigos e alguns professores até hoje.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Nathalia Badra Oliva                   | Arquiteta                    | 1980-1984 | Somente boas lembranças do Colégio e da vivência com alunos, professores e irmãos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                                   |                                                |           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------------|------------------------------------------------|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nazareth Moreira Sanches                          | Servidora Pública Federal                      | 1970-1978 | Estudei de 1970 a 1978, do terceiro primário ao terceiro colegial, foi o segundo ano que a escola teve mulheres em sala de aula. "Qual a primeira lembrança que você tem da escola?". As meninas da minha sala: éramos 4 meninas para 30 meninos, depois foi se equiparando. Lembro das professoras, do local, dos amigos, muita coisa.                                                                                                                           |
| Nélio Marques Abbade Júnior                       | Radialista                                     | 1972-1982 | Era especial estudar num lugar afastado da cidade, praticamente isolado, com grandes áreas verdes e pinheiros. A formação era a melhor possível na época, contávamos com aulas de filosofia, psicologia e sociologia, e atividades práticas como artes plásticas industriais. Também participei da fanfarra e fui de um time de baseball. Vários amigos do Notre Dame estão presentes na minha vida até hoje e isso é sinal que os laços são fortes e duradouros. |
| Newton Macedo                                     | Advogado                                       | 1975-1982 | Experiência incrível e marcante.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Nysten Macedo                                     | Empresário da área de Tecnologia da Informação | 1971-1984 | Fez muita diferença na minha formação como pessoa e como profissional. Foram anos excepcionais, e ainda mantemos contato e amizades.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Octavio Lima Mendes Lacombe                       | Captador de Negócios                           | 1975-1981 | O Colégio me ensinou a ter uma visão crítica sobre o mundo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Peter Traue                                       | Advogado e Empresário                          | 1971-1983 | Passei toda minha infância neste colégio. Fiz amigos que até hoje conversamos. Tive uma convivência muito forte com os irmãos do colégio. Todos os irmãos eu tive contato, mas em especial com o Ir. Paulo, que foi uma pessoa muito caridosa e bacana comigo. Amo muito as lembranças dos colegas e das aulas. Como eu queria voltar e fazer tudo de novo!                                                                                                       |
| Rainer Gauger                                     | Piloto de Aeronaves/ Empresário                | 1980-1984 | Foi muito boa, eu adoro o colégio até hoje. Foi maravilhoso estudar lá!                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Roberta Cintra Gelás                              | Médica                                         | 1978-1984 | Só tenho boas lembranças, de professores e colegas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Roberta Magalhães Homem de Mello                  | Arquiteta e Urbanista                          | 1971-1984 | O Colégio, sobretudo, nos deu valores morais, éticos e de responsabilidade que carrego por toda a vida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Silvia Ferraz Moreira                             | Pedagoga                                       | 1975-1979 | Bastante satisfatória, formação religiosa e cívica                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Sylvio Renato Mehler Eleis                        | Médico Veterinário                             | 1974-1982 | Foi um ótimo alicerce, um ótimo período da minha vida.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Valéria Maria Queiroz Guimarães Camargo de Campos | Professora de História aposentada              | 1970-1984 | Momentos importantes da minha infância e juventude. Com bons amigos e professores. Alicerçando valores e criando vínculos sociais.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

Fonte: Planilha Google Docs.

## 5.1. AS ETAPAS DO TRABALHO E A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Na primeira etapa do trabalho foram elaborados os roteiros das entrevistas. O tipo de entrevista escolhida foi a semiestruturada, que é representada por um roteiro de perguntas previamente estabelecidas, no caso em questão, com foco num assunto determinado. No entanto o processo de abordagem é semelhante à uma conversa, mais espontâneo, sendo o roteiro adaptável de acordo com os rumos do diálogo. Após a realização das perguntas, solicitei ainda um parecer sobre o contributo da escola para a vida (profissional e social) do entrevistado, e sugeri que este abordasse alguma questão que tivéssemos nos escapado. Após a escolha dos entrevistados, os roteiros (**Quadro 7 e Quadro 8**) foram previamente encaminhados, com a identificação do projeto de investigação e os objetivos da pesquisa.

### **Quadro 7 — Roteiro de entrevista com ex-alunos do Colégio Notre Dame (egressos).**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Introdução</b><br>1. Qual é o seu nome completo?<br>2. Em que ano e em que cidade você nasceu?<br>3. Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Desenvolvimento</b><br>4. Quando você começou a estudar? E quando terminou os seus estudos?<br>5. Fale-me sobre as escolas e colégios em que estudou.<br>6. Quando você ingressou no Colégio Notre Dame de Campinas? Em que ano saiu? Você se formou no Colégio?<br>7. Como você se deslocava para a escola? Como eram os seus uniformes? Em que período você estudou lá (manhã/tarde/integral)?<br>8. Você se lembra dos professores? Quais foram os mais marcantes? E quais os funcionários da escola deixaram lembranças?<br>9. Como era a relação entre professores e alunos?<br>10. Quais as características mais marcantes da classe? Manteve contato e amizade com os colegas após a saída do Colégio?<br>11. Como eram os materiais utilizados pelos professores e pelos alunos em sala de aula (cadernos, apostilas, lápis, canetas, mapas, retroprojetores, carimbos, blocos lógicos, jogos e brinquedos, etc.)?<br>12. Quais os livros, manuais e/ou cartilhas foram mais importante para você? Você ainda mantém algum exemplar ou caderno guardado?<br>13. Além dos livros e cartilhas utilizados em sala de aula, havia outros livros para ler?<br>14. Havia outras atividades fora da sala de aula (grêmio, jornal, teatro, fanfarra, coral, etc.)?<br>15. O Colégio era muito espaçoso. Como os alunos aproveitavam esses espaços?<br>16. Lembra-se de algum acontecimento marcante na escola relacionado a fatos históricos, políticos e econômicos da cidade, do estado ou do país?<br>17. O que acontecia/o que faziam os alunos no intervalo das aulas, no "recreio"?<br>18. Como era o controle da disciplina na escola? Lembra-se de algum prêmio ou privilégio concedido aos alunos mais comportados? E quais eram as punições para os indisciplinados?<br>19. Quais as matérias/disciplinas de que mais gostava? E de quais não gostava?<br>20. Como funcionava o sistema de notas e avaliações?<br>21. O Colégio sempre realizava uma série de comemorações e confraternizações: Semana Padre Moreau, |

Festa da Primavera, campeonatos esportivos, Festa Junina. Também realizava viagens com os alunos e as formaturas no final do ano. O que você se lembra dessas atividades? Poderia relatar?

#### **Conclusão**

22. Sobre as celebrações religiosas: crisma, retiros, missas, etc. Você também participou?
23. Você teve influência de algum professor ou disciplina na sua escolha profissional?
24. O que você acha que mudou na educação escolar da sua infância/adolescência para os dias atuais?
25. Quais são as suas melhores lembranças da vida no Colégio?
26. Para você, qual o significado de ter estudado no Notre Dame?
27. Há algum outro ponto ou questão que gostaria de comentar? Qual?

Fonte: O autor (2020)

### **Quadro 8 — Roteiro de entrevista com ex-professores do Colégio Notre Dame.**

#### **Introdução**

1. Eu gostaria que você começasse a entrevista se identificando: seu nome, local e data de nascimento, onde vive hoje e sua ocupação atual.
2. Fale-me sobre sua formação escolar (desde a infância até a graduação).
3. Fale-me sobre o início do seu trabalho como professor. Em quais escolas lecionou?

#### **Desenvolvimento**

4. Que ano começou a lecionar no Colégio Notre Dame?
5. Quantos anos trabalhou na instituição?
6. Teve outros cargos na instituição?
7. Qual era a filosofia educacional do Colégio Notre Dame? Como funcionava o projeto pedagógico do Colégio?
8. Como funcionava o planejamento do seu trabalho? E os programas de sua disciplina?
9. Que tipo de reuniões havia no Colégio e a frequência? Quais os temas tratados nas reuniões, como eram encaminhados os resultados?
10. Como era o relacionamento com os irmãos da Congregação de Santa Cruz?
11. Como foi a sua relação com os colegas (professores, coordenadores e direção)? Você sentia-se valorizado enquanto profissional?
12. Quando iniciou o seu trabalho como professor no Notre Dame, o que achou mais difícil na relação com os alunos? E o que surpreendeu de uma forma positiva?
13. Em geral, seus alunos eram interessados na sua disciplina? Como lidava com os alunos desinteressados?
14. Você conhecia os seus alunos pelo nome? Conhecia a família deles?
15. Em que medida sentiu que o seu trabalho interferiu efetivamente na vida da escola e no futuro dos alunos?
16. E em relação ao seu desempenho como professor, buscava complementar sua formação, realizando cursos? Era incentivado pelos irmãos?
17. Você teve ou tem dificuldades com a disciplina dos alunos em sala de aula? Que tipo de dificuldades? Como você lidou com isso?

#### **Conclusão**

18. Olhando para a sua formação inicial, qual é a avaliação de sua trajetória como professor?
19. A partir de sua experiência, como deve ser a formação do professor? O que ajudaria? O que fez falta?
20. Como vê o ensino hoje no Brasil e as novas medidas do Governo?
21. Se tivesse que passar um “segredo de sucesso” para uma futura professora? Qual seria?
22. Há algum outro ponto ou questão que gostaria de comentar? Qual?

Fonte: O autor (2020)

Com os roteiros definidos a **segunda etapa** consistiu na escolha dos entrevistados. Foram realizadas entrevistas com ex-alunos do Colégio Notre Dame, com ex-professores e professores em exercício, e também com o Diretor Geral (Pedagógico e Administrativo) da escola. Conforme já mencionado, optei por entrevistar alunos que concluíram ao menos um ciclo de estudos na instituição, o que torna os seus depoimentos significativos para este estudo. As condições de registro das entrevistas (a gravação) foram combinadas com os depoentes, assim como as datas, horários e os locais para a realização dos encontros.

A **terceira etapa** consistiu na realização das entrevistas, que tiveram início em 25/08/2016, sendo que a última aconteceu no dia 05/05/2018.

Na **quarta etapa** do trabalho foi realizado o tratamento da informação, através dos seguintes procedimentos: 1º) Elaboração do Sumário das entrevistas, preenchimento da Ficha de Identificação do Entrevistado e da Ficha Técnica da Entrevista (**Quadro 9 e Quadro 10**); 2º) Transcrição das Entrevistas (**Apêndice**): a transposição do oral para o escrito exigiu uma escuta minuciosa, muito cuidadosa. Nesse sentido, Meihy e Holanda (2007) propõem ao pesquisador a transcrição como escolha mais adequada na pesquisa em história oral. Meihy ainda recomenda atenção especial à percepção dos silêncios, interditos e lacunas presentes na oralidade, no processo de transposição de entrevistas para o código escrito, acompanhado sempre da “negociação” (do que foi dito e como foi dito) com o entrevistado.

**Quadro 9 — Modelo de Ficha de Identificação do Entrevistado.**

|                                                                     |                   |
|---------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Nome: Alice Lobo Paes                                               |                   |
| Data de nascimento: 09/12/1967                                      |                   |
| Local de nascimento: Louisville, Kentucky – Estados Unidos.         |                   |
| Endereço: Rua João Batista Geraldi, nº 61. Condomínio Barão do Café |                   |
| Bairro: Barão Geraldo                                               | CEP: 13085-020    |
| Cidade: Campinas                                                    | Estado: São Paulo |
| Telefone: (19) 3249 3136 Celular: (19) 996210912                    |                   |
| E-mail: alicelobopaes@gmail.com                                     |                   |
| Documento de Identidade: 12672492-1                                 |                   |

|                                       |
|---------------------------------------|
| Ano de entrada no Colégio: 1974       |
| Ano de saída do Colégio: 1984         |
| Profissão atual: Professora de Inglês |

Fonte: O autor (2020)

### Quadro 10 — Modelo de Ficha Técnica da Entrevista.

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Nome: Alice Lobo Paes                                      |
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                   |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Transcrição: Isabela Cristina Salgado                      |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Campinas - SP - Brasil / Residência da entrevistada |
| Data: 17 de janeiro de 2017                                |
| Duração: 57' 01"                                           |
| Páginas: 22 p.                                             |

Fonte: O autor (2020)

Na **quinta etapa**, que consiste na legitimação e conferência das entrevistas, a transcrição foi encaminhada aos entrevistados, que leram, corrigiram e aprovaram o texto final. Na **sexta etapa** foi encaminhada a Carta de Cessão (**Quadro 11**) a cada entrevistado, que nos concederam o direito de uso das informações e publicação na íntegra, como parte desta Tese de Doutorado.

**Quadro 11 — Modelo de Carta de Cessão. Autorização para Uso da Imagem, Áudio, Dados Pessoais e Biográficos.**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Autorizo a estudante Isabela Cristina Salgado, Doutoranda em História da Educação, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, a utilizar, divulgar e a reproduzir as imagens, áudio e dados pessoais e biográficos por mim relatados, incluindo todo e qualquer material fotográfico, objetos e documentos por mim apresentados, para a realização e divulgação da TESE: Preservando a memória e buscando novos sentidos. História do Colégio Notre Dame de Campinas e bases para a organização de um Centro de Memória Escolar.</p> <p>A Doutoranda ainda poderá, a qualquer momento, utilizar, divulgar e reproduzir as informações acima citadas em mídia impressa (livros, catálogos, jornais, revistas, entre outros); mídia eletrônica (internet); e demais meios de comunicação (TV, cinema e rádio); bem como em banco de dados informatizado, relatórios institucionais e eventos de divulgação acadêmicos e científicos.</p> <p>Nome / Endereço / Cidade-Estado-CEP /RG e CPF/Telefone/E-mail Local, data e assinatura do entrevistado</p> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: O autor (2020)

## 5.2. A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS EX-ALUNOS E EX-PROFESSORES DO COLÉGIO NOTRE DAME DE CAMPINAS

Na **sétima e última parte** do trabalho, realizei a análise dos depoimentos, com o apoio da literatura crítica selecionada. Tendo como interesse específico a história da trajetória de ex-alunos, ex-professores, diretores, entre outros agentes educativos do Colégio Notre Dame, foram realizadas entrevistas temáticas, ou seja, considerando principalmente os aspectos da vida do entrevistado enquanto aluno e professor da instituição, as memórias dessa vivência e seus destinos de vida (no caso dos alunos). Quando se opta por realizar entrevistas de histórias de vida, podem surgir várias temáticas, o que não era o objetivo desta pesquisa. No entanto, em ambos os tipos de entrevistas, o fio condutor é a biografia do entrevistado.

Ao analisar os depoimentos faz-se necessário evitar um erro que podemos cometer num primeiro momento: considerar o relato como a própria história, o acontecido. Ou seja, a entrevista em vez de fonte torna-se a própria revelação do real. A história narrada pelo depoente precisa ser interpretada, pois é uma representação. Neste caminho, há no mínimo dois autores em cena: o entrevistador e o entrevistado. Ambos compõem e fazem parte do relato, portanto, a entrevista é um resíduo de uma ação interativa (Alberti, 2005: 168, 169).

A leitura das entrevistas possibilitou uma inferência geral, a de que, quer para alunos, professores e diretores, a experiência que viveram no Colégio Notre Dame foi muito particular. De um modo geral, os depoimentos dos alunos convergem na ideia geral de terem se beneficiado de uma educação integrada e de uma aprendizagem que lhes trouxe grandes vantagens para a vida. A maioria considera que o seu destino de vida foi profundamente beneficiado com a experiência colegial, apesar de terem identificado algumas situações ou mesmo escolhas que poderiam ter acontecido de uma forma diferente, por parte da instituição. Nos próximos tópicos apresento um resumo das impressões dos entrevistados, suas percepções e sentimentos sobre a instituição analisada.

#### **5.2.1. A perspectiva dos ex-alunos do Colégio Notre Dame**

**Alice Lobo Paes** ingressou no Curso primário do Colégio Notre Dame em 1974 e se formou no colegial em 1984. Para ela, o Notre Dame tinha a preocupação com a formação da pessoa como um todo, o que caracteriza a educação integral ofertada pela escola. Ao relembrar as diversas atividades que exerceu no Colégio, chama a atenção para o propósito dos irmãos, que era fazer uma escola diferenciada em Campinas. Graduada em Educação Física na Unicamp, Professora de Inglês, Alice foi bailarina e desde a infância praticou esportes, dentro e fora do Colégio. Seus três filhos, Sofia, Júlia e Caio estudaram no Notre Dame, o que proporcionou uma relação muito próxima com a escola até os dias atuais.

No Capítulo 2, que conta a trajetória do Colégio, Alice faz uma série de considerações sobre sua passagem pela escola. Recorda ainda as aulas “diferenciadas” que teve no Notre Dame: as aulas de Comércio, de Artes Industriais, de Fanfarra, de Teatro (com o grupo “A Palavra”, ministradas pelo Professor Thiers Camargo). Na Semana da Criança, em outubro, o grupo apresentava as peças na periferia de Campinas, em escolas públicas, e também na própria escola. Essa experiência foi importante para sua carreira de bailarina. Já as atividades de Educação Física e os treinos fizeram de Alice uma atleta, que jogava no time de vôlei da escola, participando de campeonatos internos e externos. Essa prática influenciou a aluna a cursar Educação Física na Unicamp. Sobre as aulas de inglês, que tinha com os irmãos e outros professores, também considerou muito importantes e estimulantes, sendo que hoje atua como Professora de Inglês.



Sobre a proposta pedagógica da escola, ela vai nos dizer:

Na prática, talvez no passado o Notre Dame não tenha sido tão eficiente, se é que se pode chamar assim, em relação ao conteúdo, mas sinceramente essa é a parte que menos importa para mim. Todo o resto o Colégio teve de sobra. Os projetos integrados, entre diversas disciplinas, foi o que mais me marcou. No Colegial recebíamos um boletim informativo sobre a escola, todas as sextas-feiras. Eram interessantes porque falavam das diferentes áreas, dos jogos, ficávamos a par de tudo o que estava acontecendo.

Hoje a escola não produz mais esse boletim, não tem mais o hábito de divulgar o que está acontecendo no dia a dia. Tem uma preocupação muito grande com o Vestibular, e com o conteúdo. E isso é minha grande tristeza da Educação nesse país. Porque em vez de você focar no aluno, para que o aluno seja feliz e tenha condições de viver bem, ensinar, dar instrumentos para ele ir atrás do conhecimento, exagera no conteúdo.

Agora o stress que essas crianças passam no Colegial, é uma pressão em cima deles, uma supervalorização daquele aluno que passa na escola pública, “tem que passar” na USP ou na Unicamp! E valorizam tanto que acabam desprezando os outros que também são seres humanos, que também vão ter sucesso na vida. Porque a gente vê isso hoje. Nem sempre aquele aluno muito estudioso, é o que foi bem sucedido na vida. Então minha única mágoa hoje com a escola, com a educação no país, é essa, de você não valorizar o ser humano, só valorizar o conteúdo, se ele sabe ou não fazer a prova de física, química ou matemática.

**Ângela Regina Gonçalves Tiziani**, entrou no Notre Dame no pré-primário em 1974 e logo no início de nossa entrevista recorda o cheiro do material escolar, que os alunos juntamente com os pais, compravam, levavam para casa e encapavam com plástico xadrez azul e branco, cadernos e cartilhas. Estudou no Notre Dame até o 3º Colegial, mas não se formou na escola. Considera que a sua formação foi eficiente, no primário e ginásio, mas acredita que o Colegial poderia ter exigido mais dela. Suas lembranças trazem o cotidiano da escola, os uniformes, a afetividade pelos professores, as amizades que mantém até os dias de hoje. Sua boa relação com a escola fez com que matriculasse a única filha, Marina, no Colégio.

O Notre Dame era uma excelente escola. Eu sou a mais velha de quatro irmãos. E todos estudaram no Colégio. Eu ia para a escola com o ônibus da Capellini. Estudava no período da tarde. Eu lembro de vários professores. A que eu mais gostei foi a Dona

Ondina (Ondina de Abreu Menezes Pinto), de Matemática. Nunca fui boa aluna de Matemática, mas eu gostava das aulas. Eu gostava das aulas de Geografia, de Biologia, de Inglês com a Dona Astrid (Astrid Nilsson Sgarbieri). História eu não gostava. Artes eu estudei com o Professor Levy (João Levy Júnior), que me marcou. Eu competia nos esportes na Festa da Primavera, e as gincanas eram difíceis, umas coisas impossíveis de conseguirmos!

Eu era feliz na escola, eu me dava bem com a turma. Vejo que as pessoas tem afeto por mim, as pessoas que hoje encontro daquela época. Mas uma coisa que me incomodava eram alguns grupos, que se fechavam. E isso acontecia muito. Será que não tem uma maneira de melhorar isso? Fazer com que as crianças se conheçam? Porque, na verdade, não é que eu não gostasse dessas pessoas, na verdade eu não as conhecia! Anos mais tarde acabei encontrando alguns desses alunos, e vi que era uma impressão errada: elas só eram diferentes de mim. Por isso, hoje, acompanho de perto porque tenho minha filha estudando lá, e acho que o Colégio deve promover uma maior interação entre os jovens, para que se conheçam. Não me formei na escola, não queria repetir de ano. Fui para o Pio XII fazer DP (dependência/recuperação) e acabei me formando no Pio XII. Lá a turma era mais unida.

**Ricardo Ribeiro Gudwin** ingressou no Curso Jardim no Notre Dame no ano de 1974 e se formou em 1984. Entrou no Colégio por indicação de um amigo de seu pai, e porque sua mãe achava importante o suporte moral e religioso que o Notre Dame oferecia. Nos trechos a seguir o ex-aluno faz um resumo de sua experiência.

Tenho boas e más lembranças de meu tempo no Colégio. Foi lá que tive forjado o meu gosto pelo estudo e a vontade de superar desafios, que me levaram à minha presente carreira de professor universitário, na Unicamp. Considero que tive excelentes professores, que me prepararam adequadamente para a vida universitária que se seguiu depois que terminei o 2º grau. Tive também uma rica experiência de vida, tendo a oportunidade de conhecer diferentes pessoas, de diferentes classes sociais, e conhecer um pouco da vida de cada uma delas, tornando-as de certa forma parte de minha própria experiência de vida. Fiz diversos amigos que ainda hoje (principalmente graças ao *Facebook*), tenho a possibilidade de interagir ocasionalmente.

Mas tive também experiências ruins. Tive o infortúnio de perder meu pai muito precocemente, ao terminar a 4ª série do primário, com apenas 10 anos, o que criou certa distância social com muitos colegas. Enquanto meus colegas tinham a oportunidade de viagens de férias ao exterior, trazendo inúmeras novidades, eu era obrigado a experimentar em silêncio a diferença com as possibilidades que minha família podia me oferecer. Aliada a uma forte timidez que me acompanhou durante toda a adolescência, essa diferença social me colocava em uma situação de semi-exclusão social, onde eu não era convidado para as principais atividades sociais de meus colegas. Apesar de nunca ter experienciado diretamente o fenômeno do *bullying*,

que via acontecer com alguns colegas menos populares, sentia que grande parte de meus amigos eram na verdade somente colegas, e não realmente amigos, convivendo comigo e aceitando minha presença, mas sem uma maior afinidade ou uma relação de amizade real.

Mas acredito que todo adolescente tem histórias semelhantes para contar, de dramas existenciais particulares, únicos, que trazem de seu passado, mas que não chegam a assombrar o presente. Fazendo uma grande retrospectiva e somando os lados bons e ruins, o saldo é positivo, afinal de contas as experiências ruins as vezes são necessárias para forjar nosso caráter como cidadãos, e apesar dos maus momentos, a maioria das lembranças ainda traz saudades.

A aluna **Erica Hellen Olmos Pereira**, que estudou no Colégio entre os anos de 1975 a 1981, faz uma série de considerações sobre a educação ofertada pelo Colégio e sobre a importância das aulas de Educação Física, que ela escolheu como profissão.

Eu acho que são valores, vários, que além do acadêmico, a escola propiciava, formal ou informalmente, talvez os irmãos nem soubessem que tudo isso estava sendo desenvolvido. Mas só de eles propiciarem o espaço, o ambiente, a segurança, os profissionais que estavam à nossa disposição lá, isso fazia com que as pessoas tivessem um contato mais do que acadêmico, que complementava para a vida, não é? Então essa troca de ajuda, de experiência, esse “ficar no Colégio” e você vivenciar mais do que a aula formal, não é? Era muito rico, eu sinto que isso me ajudou a ser uma pessoa desinibida, a ser uma pessoa curiosa, uma pessoa que quer compartilhar as coisas.

E quando eu fui para o Notre Dame eu aprendi que a Educação Física era mais do que o esporte em si, do que atividade física. Ela era uma atividade onde você desenvolve a parte cognitiva, tanto que hoje os neurologistas estão dizendo que você perde muito menos conexão quando você tem uma vida de atividade física, principalmente com o esporte coletivo, você perde menos, porque tem a plasticidade do cérebro. Então o cérebro consegue fazer as funções que algumas outras células deixaram de fazer, e quem praticou esporte tem essa facilidade.

Mas eu aprendi, eu nem sabia dessa pesquisa na época, o que eu aprendi foi por experiência de vida, quer dizer, eu entrei num Colégio onde eu não praticava esportes, onde eu me sentia tímida, excluída, e a prática da Educação Física me resgatou. Eu vi na Educação Física a possibilidade de trabalhar a pessoa, mais do que músculo, mais do que tendão, mais que ossos, o todo, a pessoa holística. Foi por isso que eu fui fazer Educação Física.

**Maria Cecília Pires de Campos**, ex-aluna do Notre Dame entrou na escola com seis anos de idade em 1978 e estudou no Colégio por 10 anos.

Havia hierarquia, era tudo bem rígido na escola, tudo era muito cobrado, desde a questão dos uniformes. Eu lembro de uma amiga que não pode entrar na aula porque estava sem a meia adequada. O professor em sala de aula era a autoridade máxima! Era uma questão de geração. Nós não brigávamos com os professores! Tanto a escola como os pais davam respaldo para as atitudes dos professores. Hoje as coisas se inverteram. Os pais hoje em dia estão se ausentando de suas obrigações. Achem que a escola tem que ser responsável por tudo, por toda a educação do filho.

Um das deficiências da educação do Notre Dame é que não fomos orientados em busca de uma carreira. Optei por prestar economia na Unicamp depois que fiz o colegial integrado (colegial + cursinho) em outro colégio. Foi a primeira vez que eu tive aulas de História de verdade... com professores bons.

O aluno **Nysten Andrade de Macedo**, que estudou no Notre Dame entre 1971 e 1984, nos conta que o Notre Dame foi um período muito bom da sua vida. Teve muitos amigos e manteve essas amizades até os dias de hoje. O grupo se reunia com frequência na própria escola. No entanto, de uns anos para cá, estes encontros acontecem fora da escola. Administrador de empresas, seu bom desempenho nas aulas de Matemática desde os tempos de colégio fizeram com que desenvolvesse sua carreira profissional na área da Tecnologia de Informação. Relembra do currículo de algumas disciplinas, que para ele eram muito melhores do que hoje.

É muito bom relembrar o passado, um passado comum a todos, e vivemos bem essa época. Éramos felizes. Sou da geração que brincava na rua. Estudar. A gente ia porque era obrigado. Eu entrei no Notre Dame no Pré-primário. Antes integral, o Colégio agora atendia em dois períodos. Fiquei até o 2º Colegial, depois saí. Não me formei na escola. Briguei com os meus pais para sair porque queria uma formação técnica em informática. No Colégio Objetivo eu teria o certificado de um curso técnico.

Apreendi muito nas aulas de sociologia, economia. Eu lembro do Professor Wanderley Ferreira Pinto, na 6ª Série, que me ensinou a analisar balanços. Analisávamos balancetes publicados em jornal para fazer aferição das empresas. Na 7ª série nos ensinou como fazer uma ponderação de ações da bolsa de valores. E desde então aprendi a trabalhar com ações. Sempre trabalhei com juros compostos, pré-fixados. Isso eu aprendi no Colégio. O currículo de hoje é uma perda absurda.

Eu aprendi o que é socialismo e comunismo na 6ª série, com o professor que dava aulas de Organização Social e Política do Brasil, Carlos Alberto Penha. Excelente Professor! E nos deu aula de Filosofia depois, matéria que não faz mais parte do currículo! Rui (Rui Ribeiro de Campos) e Ivan (Ivan Lotti Craveiro), professores de

Geografia e História, iam além de suas disciplinas, eram aulas de geopolítica, coisas que ninguém aprende mais. Na realidade o adolescente não gosta de estudar, Temos hoje mais alunos do que estudantes. Ser aluno é estar matriculado na escola. Ser estudante é buscar o conhecimento.

**Carolina Gorsin da Cunha Amaral** entrou no Notre Dame em 1990, com quatro anos, no Jardim de Infância, e se formou em 2003. No momento da entrevista Carolina atua como jornalista e Coordenadora do Departamento de Comunicação e Relacionamento do Colégio. Os seus pais estudaram na escola, assim como os seus tios. A empresa da família, a Lix da Cunha, estabeleceu um vínculo estreito com a escola por ter sido responsável por boa parte da construção dos edifícios. Suas lembranças se confundem, conforme ela mesmo diz, aquilo que ela realmente lembra de ter vivido, e as memórias registradas em vídeos e fotos, por sua mãe.

Cada professor tinha sua característica, muito pontual, é muito diferente de hoje em dia. Hoje os professores são mais preparados, a escola cobra mais deles. Hoje a preocupação é muito grande com o Vestibular. Antes os professores tinham mais liberdade para ensinar. Hoje eu vejo aqui na escola que os pais são muito mais questionadores. Tive aula com dois irmãos: *Brother* Paul Schaefer, que dava aula de Inglês e Irmão Roberto Weinmann, de Artes. O que eu lembro bastante é que pegamos muito o começo da Informática. O professor ia junto com a turma para o Laboratório de Informática, que foi inaugurado em 1989. Em 1996 o Notre Dame entrou na Internet!

A minha turma era muito unida. De praticamente 60 alunos, 57 se formaram juntos. Ou seja, entraram em 1990, 1991 e só saíram em 2003, bastante tempo. Fizemos uma festa para comemorar 10 anos de formados em 2013. Também tivemos muitos pais que eram professores da escola. E os filhos desses professores eram bolsistas. Isso foi sempre assim no Notre Dame.

O Notre Dame sempre vai estar guardado para mim como um lugar especial. Hoje, como funcionária, eu analiso de forma diferente. Tem coisas que eu gosto, e tem coisas que eu faria diferente. Junto com a educação que eu recebi dos meus pais, valores e princípios morais foram transmitidos pelo Notre Dame. Na minha época o respeito pelos professores era maior. Hoje é mais difícil controlar os alunos, e os pais são mais exigentes também, a relação da escola com os pais é mais complexa. Tenho a impressão de que as crianças são colocadas numa "bolha", os pais tem dificuldade em falar "não"... é outra realidade.

### 5.2.2. A perspectiva dos Educadores

**João Baptista Carvalho** foi Professor de Matemática do Notre Dame entre 1963 e 2003. Normalista, graduou-se na Puccamp. Entrou na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras no curso de Pedagogia, e se formou no ano de 1953. Licenciou-se em Matemática, que era sua paixão, e começou dando aulas de desenho no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora. Depois deu aulas no Colégio Diocesano, no Ginásio Estadual Campineiro, na Escola de Comércio Bento Quirino, na Escola Estadual Mário Giannini, no Colégio Pio XII (da Puccamp). Em 1961, foi convidado para aplicar as provas de Matemática dos exames de Admissão do Colégio Notre Dame. A partir de 1963 assumiu as aulas de Matemática no Ginásio e ficou no Colégio por quarenta anos.

Para João Baptista, a integração dos Irmãos com os professores e as famílias dos alunos resultou na excelência da educação ofertada no Notre Dame. A estrutura da escola, a disciplina, e as inovações propostas, fez com que as vagas fossem disputadas na década de oitenta. Sua estratégia nas aulas era focar no trabalho em equipe, com o objetivo de que todos os alunos se comprometessem com os trabalhos desenvolvidos. E ao relembrar das aulas, nos conta:

Eu anotava a relação das equipes com o nome de todos os alunos. E eu chamava um de cada equipe na lousa, não deixava ninguém de fora. Se o aluno errasse qualquer coisa, eu não falava nada. Se algum aluno levantasse a mão e corrigisse, ele ganhava ponto para a equipe dele. Assim, todos sempre prestando atenção na lousa para ganhar ponto. Eu formava essas equipes baseado nas notas. Eu escolhia um ótimo aluno, um bom aluno, um aluno regular e aquele que tinha dificuldade. Para poder recuperar no fim do bimestre, todos deveriam “ganhar” nota. Se o aluno que fosse mal não melhorasse, prejudicava os colegas. Então, o que acontecia? Os bons, os alunos bons, levavam o colega para casa para poder estudar e ter bons resultados no trabalho em equipe.

Trabalhei desta forma, tive sucesso e fui muito incentivado pelos irmãos. Com o tempo esta metodologia de trabalho em equipe foi utilizada em cursos de formação de professores. Eu procurava envolver os alunos, com estas atividades em equipe e com questões que estimulassem o pensamento, o raciocínio lógico: “Até que ponto um trem entra num túnel? Até a metade, porque a outra metade já está saindo do túnel”.

**Astrid Nilsson Sgarbieri** lecionou Inglês no Notre Dame entre 1976 a 1987. Sua passagem pela escola foi marcante, pois ficou conhecida como uma das professoras mais exigentes de sua geração. Assumiu todas as turmas da 5ª série até o 2º Colegial, e o 3º Colegial ficou sob a responsabilidade do Irmão Pedro, Diretor.

Então, eu era muito exigente. Na minha época de Colégio, não sei se você se lembra, o aluno não saía da 8ª série se não soubessem falar os 3 tempos do verbo irregular. Hoje em dia, há muito tempo que eu digo, acho um gênio quem aprende uma língua sem morar no país. É muito difícil! Eu era “dura” assim porque eu queria que todo mundo aprendesse, porque era importante, entende? Foi o meu passaporte.

Quando eu comecei a trabalhar no Notre Dame o Irmão Pedro disse: “Você muda o que for necessário que a gente dá todo o apoio”. Daí eu fiquei um pouco surpresa, eu tinha janeiro e fevereiro para fazer isso, então eu fui à São Paulo procurar as editoras, que eram duas grandes. Era a *Oxford Longman* e outra. Fui à São Paulo, conversei, falei o número de alunos, falei o que eu tinha, e se eles podiam me ajudar a escolher o material didático, e tal. E embora as editoras fossem inglesas, no Colégio as aulas eram na versão americana. Então os livros todos que a gente usava, iam da 5ª série à 8ª numa série, em uma sequência. E depois entrava outra sequência, o *Main Line*, no Colegial.

A filosofia fundamental, básica do Colégio, era uma educação cristã. Eles tinham vários grupos que se reuniam para estudo. Então era sempre fundamentada no amor ao próximo, no Cristianismo e muito trabalho que ficou plantado, que eu posso ver no meu filho e na minha ex-nora. Foram coisas reais que eles faziam, os trabalhos de comunidade, tudo muito bonito. Eles marcaram. O Colégio foi, nesse aspecto humano, muito, muito bom. E o projeto pedagógico, um trabalho muito solidário.

O professor de português **Luiz Antônio Razera** lecionou no Notre Dame entre 1974 a 1986. Na sua visão o Colégio sempre foi muito organizado. As reuniões de professores eram remuneradas, inclusive em alguns sábados ficavam a manhã toda na escola para as reuniões de formação. Para ele, o Irmão Pedro, Diretor na época, era muito preocupado com a formação da consciência dos professores, da consciência dos alunos, da consciência dos funcionários. E ele valorizava tanto o mais gabaritado, o professor, como o mais humilde, o funcionário.

Eu ia sempre as reuniões no Notre Dame. Por quê? Porque era uma reunião de crescimento, era uma reunião de conhecimento, a gente convivia com os professores. Havia professores que reclamavam também entendeu? “Essa reunião para quê? Está perdendo tempo” e tal, mas sempre tinha um fundo de crescimento para os professores que acabava resultando no melhor relacionamento com os alunos. Os alunos do Notre Dame, dada a classe social deles, que era mais elevada que o pessoal do Pio XII, sem

dúvida nenhuma, normalmente era a elite financeira que acabava estudando lá, que tinha condição de pagar, era um pouco mais difícil de você trabalhar. Por quê? Porque sabe... não era, assim, gente mais simples. Então, havia necessidade e maior rigor, etc. e tal, e exigir determinadas coisas. Mas eram duas escolas, assim, sabe? De alto potencial. Eu aprendi muito no Notre Dame, aprendi muito no Pio XII, gostei muito da convivência no Notre Dame, eu adorava o Irmão Pedro, os Irmãos todos lá.

Eu costumava dizer nessas palestras que nós fizemos por aí, sempre falo que quem precisa saber gramática sou eu, professor de Português, eu sou obrigado a saber isso. Se eu não souber a gramática, eu não tenho condição de saber Português. O meu aluno, ou médico, ou engenheiro, não precisa saber gramática. Eles precisam saber manusear língua, precisam saber falar, escrever, entender, expressar-se de forma adequada. Para isso ele tem que usar a gramática como um instrumento. Mas não precisa saber o que é uma oração coordenada adjetiva subjetiva. Agora, ele precisa entender que ao identificar uma oração subjetiva ele está fazendo um raciocínio lógico que vai facilitar muito a vida dele. Então a gramática - que algum tempo foi a linha mestra da postura de muitos professores de Português, e eu estou no meio disso também, que no começo da minha profissão também fiz isso - a gramática não é mais fim, ela é meio. Está certo?

Você pegava uma prova de Português, não tinha uma questão de vocabulário, não tinha uma questão de interpretação, não tinha uma questão de expressão do aluno de redação. Era, de ponta a ponta, “Retire do texto todas as palavras proparoxítonas”. O que o aluno ganha sabendo isso? E agora, quer dizer, de repente você percebe que ensinando o aluno a pensar ele consegue falar. Se ele pensa, ele fala, ele consegue escrever. É muito mais interessante do que você saber um mundo de (regras)... Agora, eu sou obrigado a saber gramática. Os professores são obrigados a saber gramática, mas não para ensinar isso para os seus alunos. Eu tenho que saber para poder utilizar os mecanismos de raciocínio para que ele possa falar, ler, ouvir, falar, escrever.

O professor **Hernani Godoy Júnior** entrou no Colégio Notre Dame para lecionar Educação Física em 1974 e ficou até 2001. Trabalhou alguns anos na Associação Atlética Ponte Preta, como preparador físico. Por indicação do professor Zildo Ferreira, começou a dar aulas na escola.

A Educação Física foi muito forte no Colégio. Eu considero que o Irmão Pedro era de uma inteligência excepcional, ele vivia no futuro, e ele falou “nós precisamos aumentar não só a Educação Física como todas as áreas”. Ele começou a colocar coordenadores de área, e eu fiquei como coordenador nessa época da Educação Física. E os outros professores, cada um na sua área, nós tínhamos a coordenação de área, e nós nos reuníamos uma vez por semana para organizar as atividades interdisciplinares.

Foi bem gratificante trabalhar no Notre Dame. O Irmão Pedro me convidou para fazer parte de um Conselho, na época era um órgão informal, não tinha ata, nem nada, mas ele reunia alguns pais, a inflação era muito grande, era desesperadora para nós profissionais, nos anos de 1980. Ele chamou alguns pais que tinham indústrias em



Campinas, eram pessoas que lidavam muito com a economia, e ele pedia conselho. E eu fazia parte como representante dos professores. Geralmente essas reuniões eram aos sábados de manhã. Eles chamavam de Conselho Administrativo.

E daí esses pais aconselhavam o quanto aumentar, o quanto diminuir (as mensalidades). E nessa época foi feita uma reivindicação, até fui eu que levei (a sugestão) se não poderia ser pago o mês a vencer, não o mês vencido. Porque a inflação já “comia” o salário na época. Então propus que se pagasse o curso antes. Eles começaram a pagar quinzenalmente, então no dia 15 a gente já recebia não o mês todo, mas recebia em duas partes, o adiantamento. E também a introdução do quinquênio, que depois levou a escola a passar certo aperto agora no final dos anos 90, comecinho de 2000. Porque os professores passaram a ter quinquênio, tinham um ganho de 5%. Então, por exemplo, eu tinha 25 anos de casa, eu ganhava 25% a mais do salário. Porque eram cinco vezes. Então isso fez com que depois apertasse a (situação) financeira (do Colégio). Daí foi feita uma reunião e foi cortado esse benefício, que foi até 1999.

**Marcos Perin** entrou no Colégio Notre Dame em 1990, exercendo uma série de funções: recebia os alunos, trabalhava no setor de compras e na cantina. Nessa época a cantina não era terceirizada. Em 1997 passou a atuar como Coordenador de Disciplina. Na época, no Colégio havia o Clube de Esportes, que era administrado pela APM. Em 1998 o Clube de Esportes mudou sua denominação para Escola de Esportes e Marcos assumiu sua Coordenação.

No Clube de Esportes eram quatro modalidades de esportes: basquete, futebol, voleibol e handebol. O atletismo não era administrado pelo Clube. Havia os alunos matriculados no Clube, e também as equipes de destaque, que representavam o Colégio em eventos fora de Campinas ou em campeonatos na própria cidade. Em 1998 quando assumi a Coordenação junto com o Maurício, tive como meta tornar a Escola viável financeiramente. Cheguei à conclusão que todos os alunos deveriam ser pagantes na Escola de Esportes: os matriculados e os que representavam a escola nos eventos, para que tivéssemos fôlego para crescer e nos manter.

Sempre gostei de esportes, de jogar futebol, corrida e ciclismo. Gosto muito do que eu faço, aprendi muito no Colégio, são 27 anos trabalhando aqui, mais da metade da minha vida! Os irmãos me ajudaram muito e eu tenho uma ótima lembrança dos que já se foram. Não são muitos os casos, mas alguns alunos nossos saíram do Colégio e se destacaram nos esportes, principalmente no futebol. Isso é muito gratificante para mim, e para o Colégio. Para os pais nos comprometemos a formar os filhos enquanto pessoas, e não como atletas. Nosso propósito maior é trabalhar valores, formar a pessoa humana.

**Maria Elizabeth Olmos Borges** foi professora da Educação Infantil e da Pré-Escola no Notre Dame durante 36 anos (de 1976 a 2012), quando assumiu a Orientação Educacional. Para ela o Notre Dame proporcionava oportunidade para os professores crescerem em suas carreiras, o que fez com que nunca saísse da escola para lecionar em outra instituição.

Eu acho que você precisa acreditar naquele lugar que você está, tanto que eu tive propostas na minha trajetória para ir para outras escolas e eu nunca quis ir, porque eu sempre tive... Essa escola me cativou, sempre acreditei nessa escola. Então era uma escola que me abriu as portas, que eu me realizei, que eu aprendo dia a dia, que eu sou reconhecida. Tenho uma história. Entrei menina, com 17 anos, então é uma vida.

Eu acho que todos estamos conseguindo aprofundar cada vez mais, viver o carisma da Congregação, que é trabalhar assim, mente, coração, conhecimento... Tanto a parte da excelência na formação quanto na informação, mas preparar o aluno para a vida, no sentido de ele saber respeitar o outro, cuidar do outro, saber que têm regras, que tudo tem uma consequência. Logicamente que as regras vão afunilando na medida em que a criança vai crescendo, eles aprendem a trabalhar em grupo, porque hoje em dia se você não souber trabalhar em grupo - você pode ter até capacidade de liderança - você não trabalha em lugar nenhum!

**Sandra Manzato**, professora de Artes Visuais do Notre Dame e Coordenadora do CECAND entrou na escola em 1997, como professora substituta assumiu a Coordenação do Centro de Artes em 2010.

O Colégio valoriza muito a disciplina de Artes, sempre pudemos contar com os materiais necessários para realizar nossas atividades. O aluno não traz o material de casa, que é fornecido pelo Colégio, e é coletivo. Sempre fazemos uma Mostra Cultural (que coincide com a escola aberta), onde representamos algum aspecto cultural, estudando alguma civilização e manifestação artística. Do período que eu entrei no Colégio até hoje, os alunos mudaram muito. Quando eu cheguei o ensino de Artes era mais técnico, e o professor era um religioso, e o objetivo era formar um aluno-artista. Mas ao longo do tempo fomos mostrando que a função da aula de Artes era fazer com que o aluno fizesse uma leitura visual do mundo. Trabalhar a arte mais como uma expressão, uma forma do aluno se comunicar com o mundo. O aluno como um leitor de imagens, e não como um produtor de obras artísticas.

Quando eu comecei a trabalhar no Notre Dame, eu deixava alunos de exame final. Mas fui percebendo que esse não era o caminho. Acho que é importante ter uma relação mais próxima do aluno. O estudante nunca é cobrado, em Artes, em cima de alguma dificuldade motora, mas sim baseado nos conceitos. Ele precisa demonstrar se entendeu e aplicou os conceitos em suas atividades. Mesmo que tecnicamente o

desenho não esteja tão bom, como não estamos aqui para priorizar a técnica, o que realmente conta é a apropriação adequada dos conceitos.

**Ivan Lotti Craveiro** foi Professor de História do Colégio Dame entre 1965 e 1986. Indicou vários professores para atuarem na escola, sendo que entrou nos anos iniciais do Ginásio e saiu em 1986, após sua aposentadoria. Para Ivan, a estrutura do Colégio Notre Dame era ímpar, o que atraía muitos alunos de Campinas e região. Durante todo o período que lecionou no Colégio, juntamente com outros professores, se empenhou em tornar o Notre Dame referência em educação e conhecimento, criando condições para que os alunos ingressarem no nível superior. Esse empenho foi constante junto aos Irmãos de Santa Cruz, que priorizavam a formação moral e religiosa dos alunos.

Normalista da Escola Campineira graduou-se na PUC-CAMP. Entrou na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras em 1953, no curso de História e Geografia, que na época era um curso único. Formou-se em 1957 e, convidado pelo seu Professor de Geografia, Hilton Frederice, começou a lecionar História no Colégio Culto à Ciência. Foi para o Notre Dame a convite do Irmão Paulo, em 1965. De acordo com suas impressões, os professores do Notre Dame tinham autonomia em sala de aula, liberdade para coordenar as classes e debater com os alunos, o que em sua opinião, fez com que muitos professores permanecessem no Colégio, apesar de também dar aulas em outras escolas da cidade.

O depoimento do professor Ivan, que teve a duração de aproximadamente quatro horas, comprova a importância de registrarmos a história de educadores, uma das maneiras mais ricas de conhecermos suas trajetórias, sendo que muito raramente encontramos esses "saberes docentes" nos documentos. Os saberes adquiridos pelos professores, através da experiência do exercício de suas funções, constituem os fundamentos da prática docente. Ivan foi o primeiro professor entrevistado nesta investigação. Infelizmente faleceu seis meses após a entrevista. Escolhi fazer o curso de história na graduação, por influência dele. Desta forma, encerro este trabalho com o seu depoimento, uma homenagem.

Eu entrei no Notre Dame porque o meu irmão dava aulas lá, Glauco José Lotti Craveiro em 1965. Ele não ficou muito tempo. Quando eu cheguei o Diretor era o Irmão Jerônimo. Eu cheguei antes do Irmão Pedro! E só havia meninos, depois vieram

as meninas. Eu levei vários professores para o Colégio, o João Araújo, Adalberto Piovezanni, João Levy Júnior, Antônio Grando, Antônio Vettorato e David Góes Barreto Filho.

Todo ano tinham os retiros para os alunos, mas tinha para os professores também, que levavam as esposas, e esposos. Os Irmãos faziam questão que participássemos, consideravam importante para estarmos integrados com a formação que íamos transmitir. Os Irmãos eram muito exigentes nesse aspecto. No que se refere às aulas de história, não interferiam no conteúdo, tínhamos liberdade para conduzir nossas aulas. No período da Ditadura, que foi ferrenha, podíamos discutir política, mas com cautela, para não influenciar o aluno com nossa opinião.

## **CONCLUSÃO: MEMÓRIA(S) E HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA**

Ao refletir sobre esta investigação que consistiu primordialmente em criar as bases para a constituição de um Centro de Memória Escolar, reuni nesta conclusão alguns apontamentos que foram surgindo no decorrer da investigação e na sua etapa final.

Neste trabalho, a identificação dos documentos históricos nos vários arquivos do Colégio e o cruzamento de informações obtidas em vários tipos de fontes, possibilitou que reescrevêssemos a história da instituição. As publicações sobre a trajetória do Notre Dame, mesmo abordando vários aspectos de sua evolução ainda careciam de informações sobre o contexto e objetivos de sua fundação, os propósitos dos irmãos da Congregação de Santa Cruz, que só poderiam ser melhor compreendidos após a análise crítica dos seus documentos. Esta é a maior contribuição que um arquivo organizado pode proporcionar aos pesquisadores.

Durante a pesquisa sobre os trabalhos desenvolvidos sobre acervos escolares, me deparei com diversos projetos que tinham como objetivo organizar arquivos de escolas públicas. Mesmo assim esses estudos foram essenciais, pois elucidaram diversos aspectos da minha investigação. A maioria das instituições privadas não tem como prioridade a organização de seus acervos, nem a constituição de centros de memória. Desta forma esta tese buscou preencher, mesmo que de forma módica, esta lacuna.

A avaliação do acervo documental do Notre Dame foi uma oportunidade para compreendermos como se desenvolveu a educação em uma escola confessional católica de missionários norte-americanos na cidade de Campinas. Quando se adentra à uma instituição educativa, nos deparamos com os documentos considerados históricos pela própria escola, assim como os principais marcos de sua trajetória já são conhecidos pela comunidade escolar. Já existe uma memória que se deseja perpetuar. No caso do Colégio Notre Dame, existe uma identidade de escola tradicional, diferenciada, divulgada à priori, mas ao aprofundarmos nossa investigação foi possível perceber que também outras escolas da cidade concorriam para esta distinção.

Ao localizar o material acumulado nos arquivos e assim identificar as fontes históricas (primárias e secundárias), é natural que exista um material previamente selecionado, arranjado, fruto de projetos desenvolvidos por professores, coordenadores, alunos. Este material com certeza deve ser analisado e incorporado à investigação, mas sem perder de vista o objetivo que é dar um novo sentido à esta massa documental, estudando as condições de sua produção, analisando o seu real valor para a história da instituição.

Conforme enunciamos nos objetivos deste trabalho, pudemos confirmar através da reescrita da história desta instituição e através da reunião de sua documentação histórica, que um Centro de Memória tem como objetivo registrar, organizar e transmitir informações sobre a instituição, mas vai além, pois é capacitado para produzir novos conhecimentos, novos conteúdos. Na busca em preservar e manter a sua identidade histórica, uma instituição se utiliza da memória, que se torna um agente da história e um dos principais suportes desta memória é o arquivo escolar.

Outro suporte que nos permitiu conhecer mais profundamente a instituição educativa, foram as percepções extraídas dos depoimentos com os sujeitos escolares, que frequentaram a escola durante grande parte de sua infância e adolescência. Ao refletir sobre suas experiências na escola, os alunos buscaram identificar o sentido da instituição, os resultados daquela formação em suas vidas. No decorrer das entrevistas, não enalteceram somente um aspecto ou outro de suas experiências. Já não falavam mais da instituição no tempo passado, mas em como essa formação traçou os seus caminhos de vida até o tempo presente. Viram na entrevista a possibilidade de auxiliar na reconstrução histórica da escola e ficaram muito entusiasmados com a oportunidade de refletir sobre os efeitos e reflexos da instituição em seus destinos de vida.

Esta pesquisa teve início a partir de uma necessidade. O Colégio Notre Dame ao produzir um livro sobre o seu cinquentenário percebeu a importância de organizar os seus arquivos e desta forma constituir fundos documentais. Estes, essenciais para a pesquisa histórica, auxiliam na investigação que deve ter como objetivo o conhecimento sobre a escola. As fontes históricas devidamente organizadas e sistematizadas possibilitam a reconstrução da instituição educativa, contribuindo para a análise de seus modelos pedagógicos, a disposição

dos agentes encarregados de seu funcionamento, seus estatutos, o planejamento de suas atividades, ou seja, o papel desempenhado pela instituição.

Através do cruzamento das informações presentes nos documentos, localizados nos arquivos também foi possível estudar a estrutura organizacional da escola e sua estrutura física. O material ainda permitiu compreender as práticas pedagógicas, como se deram as aprendizagens pelos sujeitos, a apropriação do ideário pedagógico, e seus destinos de vida, elucidando os modos de fazer da escola. É através da análise das características particulares de uma instituição educativa e sua inserção no contexto econômico, político, social e cultural da época que temos a possibilidade de apreender como se deu a sua criação e o seu desenvolvimento.

Acredito que o registro de memórias, como aqui aconteceu, propiciou o conhecimento da instituição a partir de narrativas articuladas, que puderam ser compreendidas em sua riqueza e diversidade. O conhecimento que temos a respeito de uma instituição são provisórios e organizados constantemente. A instituição permanece no tempo, mas de forma diferenciada, e se constrói coletivamente ainda que preserve suas singularidades.

No caso dos professores do Colégio Notre Dame foi possível perceber que estes não foram meros executores de planejamentos, em busca de resultados. Refletindo sobre as práticas adotadas, sobre o relacionamento com os irmãos da Congregação e com outros professores, combinaram integração e autonomia. Essa liberdade de atuação dos professores foi uma marca da escola e está presente na memória dos alunos de forma quase unânime. Este processo de ação-reflexão, e a reformulação de suas práticas de acordo com a necessidade, caracteriza o trabalho dos professores entrevistados.

Enfim, ao investir num trabalho de memória a escola tem a possibilidade de registrar e revelar o que a torna diferente das demais instituições, já que a história de uma instituição não pode ser repetida – nem contada – por nenhuma outra. Ao realizar este trabalho me deparei com teóricos que demonstravam a seguinte preocupação: ao analisar a instituição, sua cultura escolar, poderíamos cair numa história individualista, e assim perder a compreensão da totalidade do sistema educativo e de seu contexto histórico. A meu ver, por mais que uma instituição esteja integrada num contexto, sejam elas públicas ou privadas, respondem de forma

diferenciada aos acontecimentos, às demandas, e mais ainda, a forma como produzem conhecimento diferem de instituição para instituição. Se não fosse assim, bastava fazer a história de uma única instituição, com um único conhecimento e uma única maneira de aprender. E assim, a escola perderia sua principal característica que é a capacidade de fazer com que as pessoas aprendam, e gerem novos conhecimentos.

Preservar a memória e as memórias de uma instituição, sua materialidade, seu arquivo e seus testemunhos, é assegurar fontes para a construção da história. A heurística, a hermenêutica e a narrativa históricas encontram a informação e o sentido no entretecimento e na interpretação das memórias. Criar um Centro de Memória é preservar uma identidade e assegurar novos sentidos para história de uma instituição, junto dos que a vivenciaram e junto das novas gerações. Mais do que reunir memórias e informações do passado da escola, os centros de preservação têm o objetivo de criar um novo conhecimento sobre esta mesma instituição, para transmiti-lo às novas gerações e possibilitar que as mesmas se debrucem sobre o passado, e simultaneamente possam apontar caminhos para o futuro. Um movimento constante que promove a continuidade da instituição, sua permanência e sua reinvenção.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS: **Subsídios para sua história**. Campinas: Editora Komedi, 2004.
- AVELAR, Gersolina Antônia de. **Renovação educacional católica: Lubienska e sua influência no Brasil**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p. 75. (Coleção Educação Universitária).
- BAEZA, Teresa Marcela Meza. **Manual de Trabalho em Arquivos Escolares**. São Paulo: Secretaria da Educação, 2003. (Centro de Referência Mário Covas, IMESP).
- BELLOTTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda., 1991, p. 14.
- BERNARDES, Ieda Pimenta. **Como Avaliar Documentos de Arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998, p. 24. (Projeto Como Fazer nº 1).
- BITTENCOURT, Águeda Bernardete. **A era das congregações - pensamento social, educação e catolicismo**. *Pro-Posições* [online]. 2017, vol.28, n.3, pp.29-59. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0117>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de Velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda., 1979.
- CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. Centros de Memória: uma proposta de definição. São Paulo: Edições SESC/SP, 2015. 112p.
- CASIMIRO, Ana Palmira B. S.; LOMBARDI, José C.; MAGALHÃES, Livia Diana R. (Orgs). **A Pesquisa e a Preservação de Arquivos e Fontes para a Educação, Cultura e Memória**. Campinas, SP: Alínea, 2012.
- CHADY, Thomas Charles (CSC). **Memória dos Pioneiros: Colégio Notre Dame de Campinas (1961-1964)**. Campinas/SP: E-Color, 2011.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, Porto Alegre, v. 2, p. 177-229, 1990. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/62595645/Chervel-Andre-Historia-das-disciplinasescolares>. Acesso: 24 mai. 2015.

CONARQ, Conselho Nacional de Arquivos. **Norma Brasileira de Descrição Arquivística NOBRADE**. Rio de Janeiro. 2006.

CORRÊA, Priscila Kaufmann. **O ensino religioso no Colégio Progresso Campineiro: entre prescrições e práticas (1900-1937)**. 2010. 252p. Dissertação Mestrado em Educação/Unicamp. Disponível em:

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251454>. Acessado em: 16 ago. 2018.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Herança educativa e museus: Reflexões em torno das práticas de investigação, preservação e divulgação histórica. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 67-92, jan-abr, 2011, p. 78.

GHIRALDELLI JÚNIOR. Paulo. **Filosofia e história da educação brasileira**. Barueri/SP: Manole, 2003, p.113.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº. 21, 1998/1. (CPDOC-FGV).

GONÇALVES, Janice. **Como classificar e ordenar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998, p. 14. (Projeto Como Fazer nº 2).

GREEN, James N. **Apesar de vocês: Oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos (1964-1985)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice/Revista dos Tribunais, 1990, p. 13.

HOBBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p.20.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. [et al.] – 3º Ed. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1994. (Coleção Repertórios).

\_\_\_\_\_. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. [et al.] – 7º Ed. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 2013.

LIMA, Alceu Amoroso. **Debates pedagógicos**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931, p. 302.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 16.

LUSTOSA, Oscar de Oliveira. **A presença da Igreja no Brasil**. São Paulo: Editora Giro, 1997.

LUZ, Joel Martins. **O arquivo escolar para a história das instituições educacionais**.

**Disponível em:**

[http://www.uninove.br/marketing/viii\\_coloquio/pdfs/completos/LUZ\\_Joel\\_Martins.pdf](http://www.uninove.br/marketing/viii_coloquio/pdfs/completos/LUZ_Joel_Martins.pdf).

Acessado em 26/10/2014.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2004. 178p.

\_\_\_\_\_. **Roteiro de fontes para a história da educação**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2001. (Coleção Memórias da Educação).

\_\_\_\_\_. Educação e memória. Arquivos e museus: desafios à prática educativa e à investigação histórica. In: NEPOMUCENO, M. de. A.; TIBALLI, E. F. A. (org.). **A educação e seus sujeitos na história**. Belo Horizonte: Argvmentvm; SBHE, 2007.

\_\_\_\_\_. **Contributo para a História das Instituições Educativas**: entre a memória e o arquivo. Braga: Universidade do Minho, 1996.

\_\_\_\_\_. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: CATANI, Denice B. et. al. (Orgs.) **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Da Cadeira ao Banco: Escola e Modernização (Séculos XVIII-XX)**. Educa. Unidade de I&D de Ciências da Educação: 9. 2010.

MARCÍLIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, Instituto Fernando Braudel, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MENEZES, Maria Cristina. Descrever os documentos – construir o inventário – preservar a cultura material escolar. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP, v. 11 n. 1 [25], p. 93-116, 2011. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/17>. Acessado em 26/10/2014.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930**. Campinas [SP: s.n.], 1985. Tese de livre- docência. IFCH Unicamp. 222p.

MOGARRO, Maria João. Arquivo e Educação: A construção da memória educativa. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**. Lisboa, nº 1, p. 71, set-dez, 2006.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992. 153p, p. 20. (Coleção Caminhos da História).

MOURA, Laércio Dias de. **A Educação Católica no Brasil: Passado, presente e futuro**. Associação Nacional de Mantenedoras de Escolas Católicas do Brasil (ANAMEC). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NASCIMENTO, M. I. M. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2007.

NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Q. Ribeiro (et. Al.). **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Campiniana, n. 20).

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 9, 21, 22, 1993.

\_\_\_\_\_. (dir.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Quarto Gallimard, v.2 p. 2229-2230, 1997.

NOSELLA, Paolo. As pesquisas sobre instituições escolares. O método dialético marxista. IN: SILVA, João Carlos da; ORSO, Paulino José; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Org.). **História da Educação: arquivos, instituições escolares e memória histórica**. Campinas: Alínea, 2013.p.55.

PENTEADO, Ana Elisa de Arruda. **Da renovação educacional do Colégio Progresso Campineiro à gênese da Escola Comunitária de Campinas**. 2010. 219p. Tese (Doutorado em Educação) /Unicamp. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251404>. Acessado em 16 de agosto de 2018.

PODOLSKY, Renata; NUNES, Kátia. **Livro comemorativo 50 Anos do Colégio Notre Dame de Campinas**. Campinas/SP: Ki Produções, 2011. 184p.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, p. 12, 1989.

PONTES, Luís A. Fajardo. O movimento norte-americano de reforma educacional: sinopse de sua evolução, desafios e associação com as habilidades do século 21. **Revista Pesquisa de Debate em Educação**. Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. V. 4, n. 1 (2014).

RIBEIRO, Maria Luísa S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 19ª Edição. Campinas: Autores Associados, 2005.

SALGADO, Isabela Cristina. **A Educação Católica da Elite Campineira na Primeira República: O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930)**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Faculdade de Educação, 2011.

SANFELICE, J. L. Instituições escolares no Brasil. In: NASCIMENTO, M. I. M. et al. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/SP: Autores Associados, HISTEDBR. 2007.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. **Colégio Notre de Campinas. Volume comemorativo do 25º Aniversário da fundação (1961-1986)**. Campinas/SP: Colégio Notre Dame, 1986.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. In: LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. (Orgs.) **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2004, p.5.

\_\_\_\_\_. Conferência de Abertura. In: NASCIMENTO, M. I. M. et al. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas/SP: Autores Associados, 2007. p.4.

\_\_\_\_\_. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: SP: Autores Associados, 2013.

\_\_\_\_\_. LOMBARDI, J. C., SANFELICE, J. L. (Orgs.). **História e História da educação. O debate teórico-metodológico atual**. 2º ed. Campinas/SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SEMEGHINI, Ulysses Cidade. **Campinas (1860-1980): agricultura, industrialização e urbanização**. 1988. 282 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285747>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

SHIROMA, Eneida O; MORAES, Célia M; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SILVA, João Carlos da; ORSO, Paulino José; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (Orgs.). **História da Educação: arquivos, instituições escolares e memória histórica**. Campinas: Alínea, 2013.p.15.

TESSITORE, Viviane. **Como Implantar Centros de Documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado. Imprensa Oficial, 2003. 52p. (PROJETO COMO FAZER, 09). p.12.

ZAIA, Iomar Barbosa. **O lugar do arquivo permanente dentro de um centro de memória escolar**. Revista Brasileira de História da Educação. Maringá, v. 5, n. 2 [10], 2005. <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/172>. Acessado em 25/07/2017.

\_\_\_\_\_. **O Acervo Escolar: organização e cuidados básicos**. São Paulo: Centro de Memória da Educação, FEUSP, 2004. 81p.

\_\_\_\_\_.; MOREIRA, M. C. **Escola de Aplicação: o arquivo da escola e a memória escolar**. São Paulo: FEUSP, 2004. 01 CD-ROM.

**APÊNDICE — As entrevistas na íntegra: Ex-alunos e Ex-Professores do Colégio  
Notre Dame**

### **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                              |                         |
|------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| Nome: <b>Alice Lobo Paes</b>                                                 |                         |
| Data de nascimento: 09/12/1967                                               |                         |
| Local de nascimento: Louisville, Kentucky – Estados Unidos.                  |                         |
| Endereço: Rua João Batista Geraldi, nº 61. Condomínio Barão do Café          |                         |
| Bairro: Barão Geraldo                                                        | CEP: 13085-020          |
| Cidade: Campinas                                                             | Estado: São Paulo       |
| Telefone: (19) 3249 3136                                                     | Celular: (19) 996210912 |
| E-mail: <a href="mailto:alicelobopaes@gmail.com">alicelobopaes@gmail.com</a> |                         |
| Documento de Identidade: 12672492-1                                          |                         |
| Ano de entrada no Colégio: 1974                                              |                         |
| Ano de saída do Colégio: 1984                                                |                         |
| Profissão atual: Professora de Inglês                                        |                         |

### **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                   |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Transcrição: Isabela Cristina Salgado                      |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Campinas - SP - Brasil / Residência da entrevistada |
| Data: 17 de janeiro de 2017                                |
| Duração: 57'                                               |
| Páginas: 22 p.                                             |

### **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais; atuação como professora de educação física na escola pública e como professora de inglês; sobre os filhos (Júlia, Sofia ex-alunas e o Caio, que estuda atualmente no Notre Dame); pré-escola na rede privada em São Paulo; o ingresso no Notre Dame em 1974, onde se formou no ensino médio em 1984; sobre o ônibus escolar junto com as professoras (Florinda Zuppi da Conceição); o uniforme do Notre Dame: saia xadrez e camisa branca com escudo do colégio no bolso esquerdo; uniforme das aulas de educação física: saia branca com friso azul na lateral; a lembrança dos professores: memórias boas e ruins; sobre o desejo de ser

professora; sobre a disciplina e a professora de matemática Dona Cecília Diehl Tolaine e a punição que “marcou”; sobre as músicas em inglês nas aulas do *Brother Paul* (Irmão Paulo); sobre os Irmãos-Professores: Irmão Ricardo Burgie (Biologia); as aulas esporádicas de laboratório; educação integral e a formação do ser humano: o objetivo do Colégio Notre Dame e a formação para a vida; o esporte no Notre Dame: limites e a importância do trabalho em equipe; sobre qualidade de vida e atividade física; a importância da educação física e a diminuição da oferta desta disciplina na escola ao longo dos anos; sobre as aulas de teatro, comércio e artes industriais; o relacionamento com a escola desde 1974 e o encontro com ex-professores nos dias atuais; sobre a professora de inglês, Astrid Nilsson Sgarbieri e Adalberto Piovezanni, professor de Química; as aulas de vôlei e a influência na escolha da profissão de educadora física; sobre a relação de amizade com a Professora Maria Helena Mattar (Lena) e a solidariedade nas competições de atletismo; as lembranças sobre o uso da biblioteca pelos alunos e as salas de aula; a viagem com a professora de português, Maria Benedita Ayres Santoro, para a cidade de Ouro Preto em Minas Gerais; os trabalhos enriquecedores do Grupo de Teatro *A Palavra* (dirigido por Thiers Camargo): a apresentação das peças na periferia e na escola (*Morte e Vida Severina* – do autor João Cabral de Melo Neto = trabalho integrado entre todas as disciplinas em 1983); outras peças nas quais atuou: *Zumbi dos Palmares*, *O Casamento da Dona Baratinha*, *O Museu da Emília* (1978); sobre os professores Maria Benedita Ayres Santoro, de português e Rui Ribeiro de Campos de Geografia; a participação nos desfiles cívicos e na fanfarra no centro de Sousa; as aulas de fanfarra e comércio com o Professor Wanderley Ferreira Pinto; as aulas da Professora de Português, Sônia Vaccari Ficondo, os projetos integrados e as apresentações em equipe na sala de aula; as aulas de educação artística e o manuseio com os materiais como acrílico e madeira, as aulas de pirogravura; as aulas de artes no Notre Dame atualmente: trabalho de pesquisa no centro de arte, o CECAND; sobre o Grêmio Cívico do Colégio e os boletins semanais que circulavam às sextas-feiras; sobre a memória dos acontecimentos e a perda do hábito de divulgar os acontecimentos diários; sobre o Hino no Notre Dame (elaborado pelo aluno da 8ª série, Rainer Gauger, em 1981); os espaços diferenciados no colégio para cada série; sobre o prazer de frequentar o Colégio, “vivía na escola”; disciplina e a boa convivência com os Irmãos; sobre o Diretor, Irmão Pedro Maranto e o seu hábito de fumar cachimbo; sobre suas disciplinas preferidas: matemática e educação física; a graduação em Educação Física e Matemática na UNICAMP; inovações no Colégio: o 5º período – reforço escolar; as celebrações religiosas e os valores cristãos: o respeito pela crença de cada aluno, no passado e no presente; a escolha dos pais pelo Colégio Notre Dame: indicação por uma escola nova e diferenciada; a lembrança da Guerra das Malvinas (1982) e as aulas de história do Professor Ivan Lotti Craveiro; sobre o regime militar e a repressão; sobre Ruy Rodrigues Machado, professor de Geografia; sobre a Diretora Marina Meirelles de A. Barros, Coordenadora do Primário; o recreio como espaço de brincadeiras e de socialização; sobre o horário das aulas no passado e na atualidade; sobre os três filhos que estudaram e estudam no Colégio; a pressão do Vestibular e a educação alicerçada em conteúdo; o início do curso High School no Notre Dame; sobre a filha Sofia que mora nos Estados Unidos; sobre o esposo, Roberto Paes, professor da UNICAMP na área de Pedagogia do Esporte; os benefícios de estudar no exterior e a criação dos filhos; a supervalorização do vestibular e da escola pública no Brasil; a importância de instrumentalizar os alunos e sobre a formação crítica: a importância da valorização do ser humano; sobre a reforma na educação brasileira no Governo Michel Temer: os benefícios da educação técnica-científica no Notre Dame; sobre a formação de professores; o significado de ter estudado no Notre Dame: o diferencial foi a formação integral, que instrumentalizou para a vida; sobre a doação para o Centro de Memória: os vídeos (imagens de Super-8) que o pai de Alice filmava no Colégio, com as imagens das festas juninas, dos diplomas e das apresentações de teatro.



## **Início da entrevista**

I. S. – Entrevista com Alice Lobo Paes, Campinas, 17 de janeiro de 2017. Esta entrevista faz parte do projeto de Tese “A história do Colégio Notre Dame de Campinas e a memória institucional como processo socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”, que está sendo desenvolvido na Universidade de Lisboa, no Instituto de Educação.

Bom, então a gente vai começar a entrevista. Alice, você pode começar falando o seu nome completo, o ano que você nasceu, o dia, cidade, o que você faz hoje, sua ocupação.

A. P. L. – Bom, quando eu estudava no Notre Dame o meu nome de solteira era Alice Rego Lobo, eu casei e há vinte cinco anos que eu sou Alice Lobo Paes. Eu moro em Campinas e atualmente sou professora de inglês, embora eu tenha me formado na Unicamp em Educação Física. Trabalhei na área, nos primeiros anos, mas depois com a chegada dos filhos eu acabei largando a escola em que eu trabalhava, eu trabalhava na escola pública, e passei a dar aulas de inglês. Faz dezenove anos que eu dou aula de inglês já.

I. S. – Quantos filhos você teve? Quais os nomes? Se você quiser falar.

A. P. L. – Tenho três filhos: Sofia, com vinte e dois, a Júlia, que tem dezenove, e o Caio, que está com oito anos. Os três no Notre Dame.

I. S. – Os três estudaram no Notre Dame, a vida inteira?

A. P. L. – A vida inteira. O Caio atualmente é aluno.

I. S. – Que ano ele está agora?

A. P. L. – Ele passou para o 4º ano (Ensino Fundamental I).

I. S. – Que interessante, eu vou adicionar uma pergunta aqui, você vai poder me falar o que você acha como era na nossa época, e como você vê a educação, a formação no Notre Dame hoje, porque deve ter mudado bastante.

A. P. L. – Ah, mudou bastante.

I. S. – Então, quando você começou a estudar, antes do Notre Dame, ou sempre foi lá? Você passou por alguma outra escola?

A. P. L. – Passei, eu estudei em São Paulo até os seis anos, numa pré-escola, que eu não vou saber dizer qual foi. A primeira escola que eu tenho memória é o Notre Dame. Eu entrei na 1º série em 1974 e estudei até 1984.

I. S. – 1984. Depois você foi fazer Educação Física?

A. P. L. – Depois eu fui para UNICAMP.

(O marido da entrevistada chega à residência).

I. S. – Você fez alguma pós-graduação?

A. P. L. – Não.

I. S. – Dessas escolas que você estudou, essa que você estudou em São Paulo, era privada? Você se lembra de alguma coisa?

A. P. L. – Era uma escola privada, mas eu não sei...

I. S. – Você era muito pequena. Entendi. Como você ia para a escola, você morava em que bairro?

A. P. L. – Quando (nós) mudamos para Campinas eu morava no Guanabara. E eu ia de ônibus para a escola. E até no ônibus que eu ia tinha duas professoras do Notre Dame, Dona Florinda (Florinda Zuppi da Conceição), e eu não me lembro da outra. Mas eu lembro que elas iam juntas conosco.

I. S. – No ônibus?

A. P. L. – É.

I. S. – E quando você entrou já tinha aquele uniforme com a saia, ou isso veio depois?

A. P. L. – Não, já era o uniforme com a saia, eu tenho até foto.

I. S. – O tempo todo (nós) usamos aquela saia, não é?

A. P. L. – O tempo todo, até a formatura.

I. S. – Até a formatura, não é? E eu lembro que depois tinha aquela calça, que a gente podia ir de calça comprida, não tinha uma calça bege?

A. P. L. – É, podia usar.

I. S. – E a blusa...

A. P. L. – Era a camisa branca, com o escudo no bolso esquerdo.

I. S. – Você lembra se o uniforme da Educação Física mudou? Por que eu lembro muito daquele *short* azul.

A. P. L. – Era o *short* azul e a saia plissada branca com friso azul na lateral.

I. S. – Isso, isso.

A. P. L. – Eu acho que só a camiseta mudou porque até o colegial ainda eu usei a “sainha”.

I. S. – Entendi. Então você fez todas as séries, o que você se lembra, e sempre de manhã?

A. P. L. – Sempre estudei de manhã.

I. S. – O que você se lembra dos professores? Você se lembra desde o primário ou mais do colegial? Os mais marcantes para você, que realmente você tenha alguma memória das histórias com os professores.

A. P. L. – Eu tenho memórias boas e ruins, então professores que marcaram das duas formas. Na verdade eu acho que eu sempre quis ser professora, eu sempre soube que ia ser professora. Porque eu me lembro muito claramente, de observar os professores e pensar: “Isso eu faria, ou isso eu não faria”.

I. S. – Em termos de didática?

A. P. L. – Em termos de atitudes para com os alunos. Eu acho que eu não tinha compreensão de pedagogia e de didática, mas eu percebia a maneira como eles se relacionavam com os alunos, e certas atitudes que eles tomavam que eu achava que eram legais na época, ou não. Então, eu tive uma professora, por exemplo, que eu não tenho boas lembranças dela, até hoje, do primário, Dona Cecília (Cecília Diehl Tolaine).

I. S. – Era muito rígida?

A. P. L. – Ela era, mas era uma rigidez acima do necessário.

I. S. – Entendi.

A. P. L. – Então, quando ela entrava para dar aula de matemática, eu já sabia escrever “matemática”. Então eu lembro de que eu fui, escrevi “matemática” no caderno, e ela ficou brava porque eu me antecipei, e ela bateu minha mão assim (Alice faz o gesto) e o meu cotovelo na mesa, e eu achei aquilo (super) desnecessário. Isso foi uma coisa que me marcou.

I. S. – E isso você chegou a falar para o seu pai, o seu pai foi na escola?

A. P. L. – Falei, falei para minha mãe, nessa ocasião eu lembro que minha mãe foi falar lá na escola, e depois acho que até me arrependi de ter ido falar, mas na época eu fiquei chateada porque eu achei que ela não tinha que ter encostado em mim. Mas ao mesmo tempo até hoje quando eu brinco com as crianças, que eu dou aula para criança, de inglês, eu me lembro das músicas do *brother* Paul (irmão Paulo, fundador e 1º Diretor da escola).

I. S. – Porque dava aula de inglês.

A. P. L. – Ele dava aula de inglês.

I. S. – Na nossa época no colegial, eu tive alguns irmãos que deram aula pra gente.

A. P. L. – Irmão Ricardo, irmão Guilherme.

I. S. – Eu entrei na 6º série, mas no período que você entrou, lá atrás, como eram os irmãos como professores, mesmo o relacionamento, como você via os irmãos na educação? As aulas, o que você se lembra?

A. P. L. – Então, eles não me marcaram como bons professores, nenhum.

I. S. – Como bons professores.

A. P. L. – O irmão Ricardo era um péssimo professor. Eu não aprendi nada de biologia com ele!

I. S. – Você acha que a língua também (não ajudava)?

A. P. L. – Não, eu acho que era realmente a maneira de ensinar.

I. S. – A didática?

A. P. L. – É. Eles não eram professores, não é?

I. S. – Você se lembra das aulas de laboratório? Você acha que isso fez diferença na sua formação?

A. P. L. – Nem tinha laboratório, não é? Laboratório que eu hoje sei que tem na escola. Era desfalcado, íamos esporadicamente, as aulas eram péssimas, eu não aprendi nada de laboratório. E eu não sei também se é porque a gente não respeitava muito o irmão Ricardo, não é?

I. S. – A gente era terrível, não é?

A. P. L. – Era.

I. S. – Nessa parte da formação, qual disciplina, que professores você acha... Porque isso é muito pessoal, da pessoa. Qual você acha que aprendeu mais, que te marcou em termos de formação, “eu aprendi com esta pessoa”, tem algum que se destacou?

A. P. L. – Os irmãos didaticamente eram “fraquinhos”, mas eu gostava do ambiente que eles formavam na escola, a formação como pessoa.

I. S. – A formação como pessoa.

A.P.L. – Como pessoa.

I. S. – Porque você é católica, não é? É, não é?

A. P. L. – Sou.

I. S. – Você acha que isso no Notre Dame foi uma coisa forte? Os retiros que nós tínhamos, essa formação enquanto ser humano, não só a parte da formação das disciplinas. Você acha que isso era forte no Notre Dame?

A. P. L. – Ah, eu acho que era. E não só isso, o Notre Dame formava o todo. E outro dia eu estava lendo a história, eles tem um livro da história da escola, e me chamou muita à atenção que o objetivo da criação da escola era fazer uma escola diferente, diferenciada. E ela era mesmo porque a gente aprendia coisas para a vida, coisas práticas em relação a relacionamentos, os esportes, que foi muito legal na escola, que eu acho que é fundamental. E hoje estudos na área da educação física mostram a importância do esporte, da cooperação, do quanto o esporte pode ensinar.

I. S. – A equipe, de você ver o outro. Tão fundamental isso, não é? De você sempre olhar para o outro.

A. P. L. – E você aceitar limites, os seus limites, o limite do próximo e perceber que a equipe trabalhando junta pode alcançar objetivos. Sem contar que hoje não se fala em qualidade de vida sem falar em atividade física.

I. S. – Exatamente, não tem como, não é?

A. P. L. – E hoje sabe-se inclusive que para o aprendizado ser melhor, para a criança ter mais concentração, estimular o córtex frontal do cérebro, a atividade física é fundamental. E isso é uma coisa que eu acho ruim hoje no Notre Dame. Diminuiu.

I. S. – Porque eu lembro que na época, eu acho que era o (colégio) que mais oferecia (educação física), diminuiu.

A. P. L. – Era. E hoje em dia diminuiu a oferta da educação física na escola, diminuiu a importância da educação física na escola. Estão diminuindo os espaços físicos, naturais da escola, isso eu acho sempre uma pena porque no Notre Dame eu fiz teatro. Que foi muito bom para mim!

I. S. – Tinha muita coisa... Você se lembra da fanfarra?

A. P. L. – E tinha umas aulas diferenciadas. Eu fiz aula de Comércio! A gente fazia aulas de artes industriais. Então hoje eu consigo trocar os interruptores da minha casa por um novo interruptor de três pontas, porque eu aprendi isso no Notre Dame. Então tem muitas coisas que eu trago para a minha vida, e que foram muito boas no Notre Dame.

I. S. – Inclusive como é o relacionamento? Depois que você saiu você mantém os amigos, você encontra? Ou já é mais complicado, já é mais difícil? Você manteve algum contato? Porque também o seu filho está lá, então você tem essa relação com o Colégio há muito tempo.

A. P. L. – É. A Sofia estudou lá.

I. S. – Praticamente a sua vida toda você teve um relacionamento com a escola.

A. P. L. – A Júlia estudou lá a vida inteira desde os três anos. O Caio agora está lá e eu tenho bastante contato com a escola.

I. S. – Você já fez parte da Associação de Pais e Mestres (APM)? Assim, mais atuante em algum momento?

A. P. L. – Não.

I. S. – Os seus pais faziam parte?

A. P. L. – Não.

I. S. – Então era mais a relação de estudo. (Pausa).

Você não tem muito mais contato, mas agora com o Facebook dá para encontrar as pessoas.

A. P. L. – Ex-professores que eu encontro ainda é um prazer encontrá-los. Então, a Dona Astrid (Astrid Nilsson Sgarbieri) mora aqui em Barão Geraldo, eu encontro ainda às vezes, e ela se lembra da família. Sempre tem uma palavra agradável. Sempre muito prazeroso encontrar. O Professor Piovezani (Adalberto Piovezanni).

I. S. – Professor Piovezani. Ele morava perto da minha casa no Taquaral. Mas acho que ele mudou de lá. Na rua de cima. Mas agora já faz tempo que ele mudou.

A. P. L. – E certamente a Educação Física que eu tive lá, eu jogava vôlei pela escola e a gente tinha treinamento lá, participava da equipe de voleibol.

I. S. – É eu lembro que você era (super) atuante na Educação Física.

A. P. L. – É! E com certeza isso influenciou para eu fazer Educação Física, optar por essa área de profissão.

I. S. – Entendi.

A. P. L. – E mais. A Lena (Professora Maria Helena Mattar), que infelizmente já não está aqui conosco, ela estava indo para Fortaleza (Ceará) no ano em que eu e minha irmã caçula estávamos indo também visitar minha avó, e minha mãe estava com medo porque nós íamos voltar sozinhas. Pois a Lena trocou o voo dela pra nos acompanhar de volta. Então era além do relacionamento de professor, os professores, a gente tinha um relacionamento excelente! De amizade, de formação, em todos os sentidos. Também eu nunca vou esquecer uma competição de atletismo que nós fomos num sábado quente de sol, a Lena saiu e trouxe para nós frutas, trouxe maçãs.

I. S. – Que legal! Eu lembro que elas adoravam as aulas. Lembra-se da *Tininha*?

A. P. L. – É! Lembro-me da Ida. Encontrei com ela recentemente. Então é isso. São profissionais que marcaram pela atuação não só em sala de aula, mas como seres humanos.

I. S. – De serem parceiros mesmo. Eu me lembro dessa parte, eu me lembro de vocês, lembro-me dessa parte que era muito forte. Como eu não era muito forte no esporte marcou muito para mim, os que eram (fortes). Então você, a Carla (Carla Zagui), a Ida (Ida Poltronieri), a Valderez (Valderez Aranha), tinham pessoas assim que se destacavam nos esportes, então isso ficou na

memória da gente, não é? Quando você se lembra da pessoa, você fala: esporte (risos). Isso ficou para você e para mim, pode ter certeza!

E os materiais? Como você passou muito tempo no Notre Dame, você se lembra das aulas, dos manuais, dos livros? Como era a biblioteca, as pessoas consultavam? As aulas eram incrementadas ou não? Só a lousa mesmo...como era?

A. P. L. – Não. Era lousa mesmo, lógico, não na Educação Física, mas não íamos muito à biblioteca, raramente íamos à biblioteca.

I. S. – E as saídas de estudo? Eu vejo que agora, eu fui à biblioteca, tem muito álbum de fotografias, com uma coleção enorme, desde que fundou, até hoje, e tem tudo, não é? Fotos de formatura e tem muitas saídas de estudos. Eu não me lembro de muitas saídas de estudos.

A. P. L. – Os estudos do meio, não é?

I. S. – E não me lembro de sair muito. Eu lembro que tinham viagens, que a gente fez.

A. P. L. – Com a Dona Maria Bendito (Professora Maria Benedita Ayres Santoro) para Ouro Preto.

I. S. – Com a Dona Maria para Ouro Preto.

A. P. L. – Marcante.

I. S. – Mas era de formatura. Mas de saídas de estudos você se lembra de alguma coisa?

A. P. L. – Eu saía, como eu era do grupo de teatro, algumas saídas que eu me lembro, eram com esse grupo. Porque normalmente na semana da criança a gente ia apresentar a peça que tínhamos montado ao longo do ano, a gente apresentava na periferia, apresentava em escola pública.

I. S. – Que era o grupo de teatro do Notre Dame? E tinha um nome esse grupo?

A. P. L. – “Palavra”. Sob o comando do Thiers Camargo.

I. S. – Você ficou muito tempo?

A. P. L. – Fiquei bastante tempo, a Valderez Aranha também participou de algumas peças. E a gente montou inúmeras peças, inclusive eu me lembro de *Morte e Vida Severina* (de João Cabral de Melo Neto), por exemplo.

I. S. – Eu vi no Colégio um Boletim.

A. P. L. – Foi muito interessante porque foi a 1ª vez que nós fizemos um trabalho integrado com todas as disciplinas. Então eu me lembro da Dona Benedita falando sobre o João Cabral de Melo Neto, sobre o período e o local de onde ele vinha, o Rui (Rui Ribeiro Campos) de Geografia falou sobre a região, sobre a seca...

I. S. – Vocês montaram a peça.

A. P. L. – Isso. Então culminou esse trabalho multidisciplinar assim, com a apresentação da peça na própria escola, para todos os alunos. Esse tipo de trabalho eu achava muito enriquecedor e isso eu sinto um pouco de falta.

I. S. – E foram anos participando desse grupo?

A. P. L. – Foram anos. Nós montamos a história do *Zumbi dos Palmares*. Montamos histórias infantis também, *A Sapateirinha*.

I. S. – Teatro é tão bom, não é?

A. P. L. – *O Museu da Emília*, *O Casamento da Dona Baratinha*. Foram anos participando desse grupo.

I. S. – Que legal!

A. P. L. – A gente ajudava na montagem do cenário.

I. S. – Faziam tudo, não é?

A. P. L. – É. Então para mim foi muito rico, eu trabalhei muitos anos com balé. Essa parte de iluminação, cenário, tudo depois volta, acrescenta.

I. S. – Acrescenta, não é? E as aulas de pintura com o irmão Roberto? Você se lembra dessas aulas?

A. P. L. – Eu não fiz, não cheguei a fazer.

I. S. – Eu lembro que pintávamos quadros com ele.

A. P. L. – Eu nunca tive aula com o irmão Roberto.

I. S. – E a fanfarra?

A. P. L. – Com o irmão Roberto o meu relacionamento era só dos retiros (espirituais).

I. S. – Você fez a Crisma também no Notre Dame?

A. P. L. – Não! Eu não cheguei a fazer.

I. S. – Agora essa parte de música, você chegou a participar dos desfiles em Sousas, com a fanfarra?

A. P. L. – Lembro, cheguei a participar, mas foi muito pouco, porque logo acabou.

I. S. – Eu não lembro muito, acho que fui em dois. O Professor Wanderlei (Wanderley Ferreira Pinto).



A. P. L. – O meu irmão tocava na fanfarra.

I. S. – E o Wanderlei, eu me lembro de que você falou, quando veio a Lei (*Lei nº 5692/71, que uniu o curso primário e o ginásio, constituindo assim o Ensino de 1º Grau*), que o curso era mais técnico, eu lembro que ele dava aula de comércio para nós. Aprendíamos a preencher cheques, você se lembra dessas aulas?

A. P. L. – Lembro. E achava muito interessante porque inclusive eu lembro que a gente tinha que montar um supermercado e ele nos ensinou que tínhamos que ver o público-alvo. E isso foi uma coisa que me marcou. Quem você vai atingir, o que você vai oferecer pra esta população? Onde você vai abrir esse tipo de comércio? Na prática, talvez o Notre Dame não tenha sido tão eficiente, se é que se pode chamar assim, em relação ao conteúdo, mas sinceramente essa é a parte que menos importa para mim. Todo o resto ele (o colégio) teve de sobra.

Eu me lembro da dona Sonia (Sonia Vaccari Ficondo), professora de português e inglês, até era odiada, não é? Não era muita gente que gostava dela.

I. S. – Altiva, não é?

A. P. L. – É. Mas ela tinha um projeto que tínhamos um grupo, nem me lembro agora a periodicidade, se era a cada bimestre, tínhamos que fazer uma apresentação. E nós tínhamos um grupo que se reunia então, toda semana na minha casa, e já começávamos a planejar o próximo. Era sempre interessantíssimo! Eu lembro que eu fiz, o Plínio (Plínio Florence), nós fizemos sobre drogas...

I. S. – Mas isso em inglês?

A. P. L. – Não, era em português. Porque ela era professora de português. Então a gente estudava, pesquisava e fazíamos a apresentação fazia de uma forma meio teatral. O Plínio também gostava muito dessa área.

I. S. – Nossa!

A. P. L. – Então ele era o traficante que ficava aliciando, e eu ia lá, e eu tinha conseguido na polícia as gírias que eram usadas, então fizemos um diálogo com as gírias...

I. S. – Envolviam os alunos.

A. P. L. – Envolvia. Esses projetos integrados foi o que me marcou.

I. S. – Então você sentiu que não era muito *conteúdist*, não é?

A. P. L. – É. Não tenho lembrança de nenhum material, nenhum livro que eu falo: “Nossa, esse livro me marcou...”, nenhum me marcou. Eu acho que livro é uma ferramenta. Professores e projetos foram o que realmente me marcaram.

I. S. – Eu lembro que o Levy dava muitos projetos, não me lembro como se chamava... agora “fugiu”, eram umas *laminazinhas* que a gente talhava na madeira... fazia o *telhadinho* da

madeira... O Levy (Professor João Levy Júnior) que dava essa parte de Artes Plásticas. E a Badaró (Professora Ana Maria Badaró) também, que eram muito fortes essas aulas, os cadernos.

A. P. L. – Nós mexíamos com acrílico, com madeira.

I. S. – Eu me lembro de umas colas.

A. P. L. – O acrílico para moldar tinha que ser esquentado. Tinha pirogravura que a gente fazia...

I. S. – Isso! Era forte, isso marcou para mim. Essa parte do desenho e da pintura. Lembro muito das aulas do Levy e da Badaró.

A. P. L. – Se bem que eu adoro a parte de artes hoje do Notre Dame. Os profissionais são maravilhosos.

I. S. – Você viu a exposição do final de ano?

A. P. L. – Eu fico *embasbacada* toda vez que eu vou lá e vejo...

I. S. – Você chegou a ver a exposição? Ela fez sobre azulejaria portuguesa.

A. P. L. – É um trabalho de pesquisa que os alunos...

I. S. – Nossa! Eu fiquei encantada.

A. P. L. – Eu adoro essa área de artes do Notre Dame. O CECAND (Centro de Cultura e Arte do Notre Dame) também. Às vezes eu tenho a oportunidade de assistir apresentações de música, as bandas, essa parte...

I. S. – Eles me convidaram para cantar no Coral! Eu tenho vontade... na hora que eu tiver um tempinho vou entrar.

O Grêmio, você se lembra do Centro Cívico?

A. P. L. – Eu lembro, eu me lembro da organização, eu não participei ativamente, mas eu tinha colegas que participavam. Eu lembro que eles saíam da sala e faziam a propaganda do Grêmio. Eu achava isso interessante.

I. S. – Eles tinham um *jornalzinho*?

A. P. L. – Não me lembro se o Grêmio tinha um jornal, mas eu me lembro desse boletim, boletim, boletim que a gente recebia toda semana. (A entrevista repete a palavra boletim para explicar que eram editados muitos boletins, e hoje isso não acontece mais com a mesma frequência).

I. S. – Toda semana tinha um boletim?

A. P. L. – Toda sexta-feira. E era interessante porque falava das diferentes áreas, o que cada grupo estava fazendo, como é que tinha sido o vôlei, se a gente tinha jogado, se tinha ganhado, peça de teatro. Então a gente ficava a par do que estava acontecendo na escola como um todo.

I. S. – É, o Notre Dame é um Colégio novo se for comparado com o Coração de Jesus. Então, quando eu vou lá Notre Dame, tudo está guardado, conservado, então ela tem (a bibliotecária), todos os boletins encadernados. Então quando você lê tudo está documentado, as competições, quando os meninos saíam para competir por Campinas, tem fotos, quem competiu, como foi. Ele tem esse hábito de cultivar a documentação, então isso para mim facilita, porque às vezes eu chego nas escolas, bem mais antigas, não tem nada, bem mais complicado.

A. P. L. – Mas hoje em dia nós não temos acesso, não é? Alunos do Notre Dame que saíam, que competiam, que participavam do pan-americano. Hoje em dia você tem a memória do que foi no passado, mas hoje não se tem mais o hábito de divulgar isso dentro da escola. Não tem mais esse boletim, boletim, boletim.

I. S. – Mas não tem a Revista?

A. P. L. – Tem, mas a Revista é trimestral e é mais enxuta, e não tem o dia a dia. Que era o que era gostoso! Todo dia, toda semana.

I. S. – Eu peguei uns encadernados e tinha tudo o que acontecia!

A. P. L. – E o Hino do Notre Dame. Você se lembra de como foi o Concurso do Hino? Quem venceu foi o Rainer (Rainer Gauger) que era da nossa turma (Formandos de 1984). A letra do hino é dele.

I. S. – Olha só! Eu me lembro das gincanas (gincanas culturais) que eram maravilhosas. Era a Semana Padre Moreau e depois a festa. As gincanas eram maravilhosas, tínhamos que conseguir cada coisa! Eu me lembro de que certa vez o Plínio (Plínio Florence) teve que se vestir, com aquele calor, e ele teve que vestir uma roupa de mergulhador! Ele ficou “Eu não aguento mais ficar dentro desta roupa!”. Tinha que vestir aquela roupa para se apresentar. Aí quando acabou e ele tirou, ele pingava de suor! Então tinha umas coisas que você tinha que conseguir um realejo, você tinha que *batalhar* para conseguir as coisas!

A. P. L. – É, eu me lembro. Era muito gostoso!

I. S. – Depois terminou e agora voltou essa festa porque foi a Associação dos Ex-alunos que resgatou essa festa, porque é a Festa da Primavera. Ficou um tempo sem ter a festa.

Bom, eu vou falar primeiro de você e depois quem sabe depois falamos da experiência dos seus filhos (na escola), e marcar com elas também.

Bom, sobre o espaço do colégio, nós aproveitávamos muito, não é? Porque era muito grande, tudo.

A. P. L. – Natureza, espaço, e eu sempre achei interessante o fato de ser um colégio que vai desde crianças pequenas até os grandes, do colegial, mas eles não se misturam muito. Cada um tem o seu espaço.

I. S. – É importante porque são idades diferenciadas.

A. P. L. – São idades diferentes. Eu me lembro de que tinha um corredor, que agora mudou. Havia um corredor sinuoso, que passava no meio do jardim, quando eu estava no primário, a gente olhava aquele corredor e queria ver como é que era lá embaixo, mas a gente tinha receio, eu nunca me aventurava lá, onde ficavam os mais velhos.

I. S. – Você só realmente foi...

A. P. L. – Então isso é uma coisa interessante. São vários “Notre Dame” dentro do Notre Dame.

I. S. – Até hoje é assim?

A. P. L. – Ainda tem os espaços separados. Mas hoje em dia as crianças não tem mais medo de nada!

I. S. – É, tinha aquele mistério, agora já...entendi. E a disciplina? Eu estou lendo e entrevistando o pessoal mais velho e eles tinham aquilo que eles chamam de *detenções*. Então é super engraçado, anos sessenta. Então, *por exemplo*, se eles *aprontavam* muito o professor ia marcando. Eram as *detenções*. Então se tinha quatro (*detenções*) na semana, no sábado ele tinham que ir na escola limpar o Colégio. Eles adoravam! (Risos). Eles faziam...

A. P. L. – Para poder ir aos sábados!

I. S. – Ajudava a lavar, limpavam as carteiras... Então era uma espécie de punição pelo seu mau comportamento. Então eu estou lendo alguns prontuários *que você chora de rir* porque você vê que a pessoa era um bom aluno, mas tinha uma porção de *detenções*. Eu conversei com um deles, que disse: “A gente gostava *de ser preso* porque tínhamos que **vir ao Colégio**, e a gente adorava vir!”. Porque daí não vinha no clima de aula, mas para brincar, não é?

A. P. L. – Encontrar os amigos.

I. S. – Você se lembra dos prêmios e punições? Como é que era a disciplina na sua época? Era muito rígido?

A. P. L. – Então, essa parte da *detenção* eu acho que eu já não peguei. Mas a minha mãe diz que eu às vezes preferia ir para a escola a ir para o clube. Porque como eu jogava vôlei, às vezes no final de semana íamos para a escola para jogar, ia à tarde, ficava até às seis horas da tarde para ensaiar para as peças de teatro. Então eu vivia na escola. Era muito mais do que a sala de aula, o Notre Dame para mim.

I. S. – A disciplina, você não acha que era muito rígida? Colocar alunos para fora da sala?

A. P. L. – Sempre teve aquele aluno que o Professor não consegue lidar, não sabe o que fazer com ele, e era mais fácil colocar para fora. Mas a gente tinha um respeito muito grande pelos Irmãos. O Irmão Pedro (Pedro Maranto) era o Diretor, e sabíamos se ele estava por perto por causa do *cheiro do cachimbo*. Respeitávamos mais o adulto antigamente.

I. S. – Mas eles eram muito educados.

A. P. L. – Muito, uma graça os irmãos! A convivência com eles... Uma das vezes que eu fiquei para o teatro, os meus pais estavam viajando, e o meu irmão mais velho que ia me buscar, me esqueceu na escola. Os irmãos viram que eu estava lá, me chamaram para jantar com eles (na residência que ficava no Colégio), me acolheram até o meu irmão chegar. Na época não tinha celular, não tinha nada, era outra história. O relacionamento com os irmãos sempre foi excelente.

I. S. – Eu achava os irmãos bem tranquilos. Então, das matérias, acho que você já falou um pouco, as matérias que você mais gostava, educação física, matemática. Você fez exatas? Ou você fez biológicas?

A. P. L. – Fiz Exatas. Fiz Exatas para fugir de química porque apesar de gostar do Piovezani (Professor Adalberto Piovezanni), a matéria dele eu não suportava, até hoje eu não sei química! E sempre gostei muito de matemática, sempre tive muita facilidade para Exatas. Entrei na Unicamp em Matemática, mas acabei...

I. S. – Acabou indo para Educação Física. Você fez na Unicamp?

A. P. L. – É.

I. S. – Educação Física?

A. P. L. – Os dois, Matemática e Educação Física.

I. S. – Você fez as duas faculdades?

A. P. L. – Não me formei em Matemática. Eu larguei antes e fiquei só com a Educação Física.

I. S. – E o sistema de notas e avaliações (do Colégio), você se lembra? Você estudou desde o pré.

A. P. L. – Pegamos várias inovações. Tinha a época do 5º período.

I. S. – Isso, porque se não fechava (a nota) nos quatro (períodos)...

A. P. L. – Tinha mais o 5º período que era uma espécie de um reforço.

I. S. – Isso! Às vezes eu ficava por meio ponto em uma matéria para o 5º período, e tinha que ir à escola.

A. P. L. – Aí só ia para aquela disciplina.

I. S. – Quem fechava tudo no 4º (período) não precisava mais ir à escola?

A. P. L. – Não precisava mais ir à escola É!

I. S. – Nossa, eu me lembro disso quando eu quebrei a perna, eu fiquei por meio ponto com o João Araújo (professor de desenho), no 5º período, aí ele deu. Não fui mais à escola porque eu estava engessada.

A. P. L. – Eu fiquei uma vez de 5º período, com a Dona Sonia de português também, por *pouquinho* ponto. Eu fiquei com uma raiva porque eu fechava direto, e aquele ano eu precisei ir lá, só para assistir aula de português.

I. S. – Sobre as celebrações religiosas, você falou para mim que participou dos retiros, essa parte das missas. Como era essa parte religiosa, por ser um Colégio católico? Teve gente que atuou muito, os pais inclusive. Como você sentiu a formação religiosa?

A. P. L. – Não, pelo contrário, sempre respeitaram. Eles respeitam a crença de cada um. Até hoje é assim, a formação é uma formação de valores, eles falam sobre valores cristãos, e serve na verdade para qualquer religião que você tenha ou venha a seguir. Eu não fiz nem a Primeira Comunhão no Notre Dame.

I. S. – Olha só.

A. P. L. – Os meus pais nunca foram muito atuantes, na escola e nem na comunidade.

I. S. – Você se lembra de porque os seus pais escolheram o Notre Dame quando eles chegaram aqui?

A. P. L. – Então, foi indicação. Papai foi transferido para GE (General Eletric) aqui de Campinas, e indicaram o Notre Dame como sendo uma escola nova, diferenciada, que tinha um projeto diferente.

I. S. – Na época era a que mais se destacava.

A. P. L. – Era até longe porque a gente morava no Guanabara, ir até o Notre Dame!

I. S. – Nem me fale! Você se lembra de algum acontecimento marcante na escola relacionado à algum fato histórico ou político? Lá no arquivo tem umas fotos de uma turma que foi para Brasília visitar o Presidente (Presidente Emílio Garrastazu Médici), isso nos anos 70. Teve algum *momento* histórico quando você estava no Notre Dame? Que tenha refletido no Colégio e aquilo foi comentado?

A. P. L. – Movimento político aqui no Brasil, não me lembro de nada disso. O que eu me lembro foi quando houve aquele episódio entre a Argentina e a Inglaterra (Guerra das Malvinas), eu lembro que o professor de história naquela semana...

I. S. – A Guerra das Malvinas.

A. P. L. – É, ele parou o assunto e abordou aquilo.

I. S. – Professor Ivan (Ivan Lotti Craveiro)?

A. P. L. – Professor Ivan de História (Ivan Lotti Craveiro). Ele contextualizou o que estava acontecendo, porque estava havendo o conflito. As relações do Brasil não eram muito claras ainda, não é? Era o regime militar.

I. S. – Porque nós ficamos todo o período da Ditadura (Ditadura Militar), não é? Naquela época a gente não sabia o que estava acontecendo, depois que ficamos sabemos. Éramos poupados disso, pelos pais, ou mesmo nos jornais não *saía*...

A. P. L. – Havia uma repressão, não é?

I. S. – Claro, exatamente. E os professores não iam passar *isso* para gente, os irmãos de alguma forma deviam ser avisados para não ficar comentando sobre essas coisas.

A. P. L. – Ah, certamente, certamente.

I. S. – Eu lembro das *Diretas Já!* quando eu estava no Colégio, foi em 1984... Foi uma coisa que marcou demais e eu estava nessa época, ou foi um pouco depois... Porque a gente saiu em 1984... Foi bem próximo, mas não uma coisa de sala de aula... O Rui (Rui Ribeiro de Campos de Geografia).

A. P. L. – Mais politizado!

I. S. – Mais politizado.

A. P. L. – Mas ele tinha um limite do quanto ele podia falar...

I. S. – Eu acho que sim. Ele tinha essa orientação, não é?

E do recreio, você se lembra do que a molecada gostava de fazer?

A. P. L. – No primário teve uma coisa que me marcou também. Tinha uma diretora antigamente no primário que não deixava a gente correr, e não deixava a gente brincar com os meninos! Uma vez eu tive que ficar na sala da Diretoria todo o recreio porque ela viu a gente brincando junto com os meninos e meninas. Ela achava que não podia. Aquilo para mim...

I. S. – Mas isso era ela? Os outros professores...

A. P. L. – Não, era ela. Eu não sei se vinha de cima, mas era a figura dela que era uma figura repressora, que eu me lembre, da Diretora Marina (Marina Meirelles de A. Barros). E os meninos jogavam bola, jogavam futebol com pinha que pegavam das árvores que caíam, e nós tínhamos que ficar quietinhas... pulando elástico... (risos).

I. S. – (Risos). E eles podiam destruir o Colégio!

A. P. L. – Mas mudou muito, depois que eu fui para a 5ª série, já mudou bastante. E depois o recreio já não mais uma espaço de brincar, era de socializar.

I. S. – As meninas já queriam olhar para os rapazes...

A. P. L. – *Paquerar* e conversar com os amigos que às vezes tinham caído numa outra turma.

I. S. – Você lembra que horas você entrava (na escola)?

A. P. L. – Às oito horas!

I. S. – Às oito horas não é?

A. P. L. – *Morro de dó* dessas crianças que entram hoje às sete!

I. S. – Entrava às oito horas e ficava até meio dia?

A. P. L. – Meio dia e quinze.

I. S. – Meio dia e quinze.

A. P. L. – Hoje às seis e meia (da manhã) estou saindo de casa.

I. S. – Nossa, é muita coisa! E seu filho fica até que horas na escola?

A. P. L. – Esse ano teve uma alteração, e agora ele vai entrar às sete e vinte e vai sair meio dia e vinte cinco. Mas tem um dia da semana que ele fica o dia inteiro. Na nossa época era só no 1º colegial que ficávamos na quarta-feira o dia inteiro. Que eu adorava!

I. S. – Exatamente. Ficávamos o dia inteiro.

A. P. L. – Eu tenho dó, mas eles amam! Apesar de eu sentir algumas diferenças, os meus três (filhos) vivenciaram demais a escola e amam a escola que tem. Então eu acho que essa parte de pertencer ao Notre Dame, à comunidade, os funcionários são sempre muito delicados, eles se dão muito bem com todos os níveis de funcionários, com os professores, as assistentes, os rapazes que ajudavam lá na vigilância, conhecem pelo nome, então isso é uma coisa que o Notre Dame mantém.

I. S. – Já que você está falando isso, então você acha que a parte de esportes não é mais a mesma da nossa época, mas você falou que a parte de artes é realmente excelente. O que você acha que mais se manteve e o que mudou da nossa época para os dias de hoje. Porque você tem toda essa referência: você estudou, seus filhos estudaram, quer dizer, você deu continuidade. Como foi importante o Colégio na sua vida! Porque você passou essa experiência para os seus filhos, os três, né? E você tem essa memória de tudo isso, não é? O que você acha, nós tínhamos essa preocupação com o vestibular, ou hoje eles têm mais?

A. P. L. – Não, hoje em dia é muito pior, hoje em dia é horrível! Aliás, eu culpo a educação do Brasil ser essa porcaria que é por causa do Vestibular! Porque obriga as escolas a se adequarem a esse funil, insano! E as escolas todas fazem a propaganda de que elas vão colocar os seus alunos na escola, e é uma mentira porque não tem vagas para todas as escolas que prometem! Então isso acirra a competição.



I. S. – É uma coisa, não é?!

A. P. L. – E faz ficar conteúdista demais e perde a multidisciplinaridade.

I. S. – Você acha pior agora? Antes era muito melhor?

A. P. L. – Ah, não tinha essa pressão! Acho que foi isso que piorou!

I. S. – E o High Scholl? Os seus filhos não quiseram fazer? Não tinha na época delas?

A. P. L. – Não, não. Estava começando na época da Sofia, mas ela tinha já a intenção de ir embora para os Estados Unidos, e ela está lá desde 2010. Ela fez 1 ano de High School lá, depois já ingressou na Universidade.

I. S. – Faz tempo que ela está lá?

A. P. L. – Faz tempo.

I. S. – Quantos anos ela têm?

A. P. L. – 22 anos.

I. S. – E foi com quantos anos?

A. P. L. – 16 anos.

I. S. – Nossa, que determinação!

A. P. L. – Sempre quis. E a Júlia não tinha esse interesse de fazer o High School, e hoje eu tenho esperança que o Caio queira porque acho que é muito legal hoje. Porque hoje já amadureceu o programa.

I. S. – Eu estou num país de língua portuguesa...

A. P. L. – Mas as aulas são em inglês, não?

I. S. – Em Portugal?

A. P. L. – Em Coimbra são.

I. S. – Não, no Instituto de Educação em Lisboa é tudo em português. Mas assim, eu acho que o fato de você estar fora, eu acho que é uma experiência riquíssima, mesmo para você voltar para o seu país. Porque você vê o Brasil de uma maneira diferente. Acho que sair é muito bom, não é?

A. P. L. – Expande, não é?

I. S. – Eu acho. Nossa como muda!

A. P. L. – Eu tive a oportunidade de ficar seis meses lá (Estados Unidos).

I. S. – Você sempre vai visitá-la?

A. P. L. – Sim, porque eu estava com muita vontade de ficar perto da minha filha e levei todo mundo. O Roberto “pegou” uma sabática na Unicamp.

I. S. – Ele é Professor da UNICAMP?

A. P. L. – Ele é Professor da UNICAMP, meu esposo.

I. S. – De que?

A. P. L. – Ele é da Educação Física.

I. S. – Educação Física.

A. P. L. – Pedagogia do Esporte.

I. S. – Ah! Você tinha me falado.

A. P. L. – E, vou falar uma coisa: o Caio tinha seis anos, e estava na 1º série, no Notre Dame. Uma semana depois que chegou aos Estados Unidos, ele foi para a escola sozinho com o *School Bus*, e eu fiquei querendo me transformar num “mosquito” para ver como é que ele ir ser na escola, sem falar a língua, num país diferente. Aqui no Notre Dame eu sempre levo e trago, lá ele ia de ônibus.

I. S. – Nossa, e agora? Dá aquele medo não é?

A. P. L. – Eu fui levá-lo até o ponto de ônibus às 9 horas da manhã. Isso é uma coisa que eu acho essencial. Dormia bem, acordava e dava tempo de tomar um bom café da manhã, tinha fome porque às seis horas da manhã ele não tem vontade de comer nada.

I. S. – E vai sem comer.

A. P. L. – E foi e eu pensei, ainda falei com o meu marido: “Se ele agarrar minha perna, e não quiser ir e tiver medo, eu vou levar ele hoje, primeiro dia”, e ele nem olhou para trás!

I. S. – Olha só! (Risos)

A. P. L. – Entrou decidido, feliz, me deu *tchau*. Quatro horas da tarde, ele chegou contente. E falei: “Filho, como é que foi?”, ele falou: “Ah mãe, não entendi quase nada, e esqueci como é que pedia para ir ao banheiro”. Porque eu tinha treinado com ele aquelas frases importantes, mas não adianta, na hora do “vamos ver” deu branco.

I. S. – Sim.

A. P. L. – “Mas então como é que você fez?” “Eu esperei um colega meu pedir para ir no banheiro, eu levantei a mão e imitei”.

I. S. – Quer dizer, se vira.

A. P. L. – Eu fiquei tranquila. Ele vai se virar no que precisar na vida.

I. S. – A gente tem medo de soltar!

A. P. L. – Então eu tenho muita segurança de que ele é uma criança bem resolvida, que vai se virar. Na escola ele não tem problemas. Então eu acho que todas essas experiências de sair são válidas para qualquer idade.

I. S. – As pessoas se viram, isso é muito legal! A gente acha que não, a hora que você ver, está se virando! É muito legal isso!

A. P. L. – Isso vale mais de aprendizado do que conteúdo!

I. S. – Para a vida! Porque o conteúdo, para falar a verdade, é o mais fácil. Você lê e fica sabendo, “foi assim”, agora a vivência, o que fazer, diante de uma adversidade...

A. P. L. – É mais até do que isso porque com a velocidade que hoje em dia, a informação é criada e gerada, e as tecnologias estão mudando. Não tem como você passar tudo para o aluno.

I. S. – Não, não tem.

A. P. L. – Você tem que instrumentalizar.

I. S. – Exatamente. E isso você acha que o Notre Dame... essa parte...

A. P. L. – Eu acho que “ele” tem essa preocupação, mas por causa do Vestibular, “ele soca” conteúdo. E isso pra mim é minha grande tristeza da Educação nesse país. Porque em vez de você focar no aluno, para que o aluno seja feliz e tenha condições de viver bem, ensinar, dar instrumentos para ele, para ele ir atrás do conhecimento. Se você ensina o aluno a ler, a buscar a informação que ele deseja, a ser um aluno crítico...

I. S. – O conteúdo vem, não é? O conteúdo é fato.

A. P. L. – O conteúdo está aí, ele vai atrás, ele busca.

I. S. – E vai mudando.

A. P. L. – Exatamente. Agora o stress que essas crianças passam no Colegial, No Vestibular, e é uma pressão em cima deles, uma supervalorização daquele aluno que passa na escola pública, “tem que passar” na USP ou na Unicamp!

I. S. – É um funil muito apertado.

A. P. L. – E valorizam tanto que acabam desprezando os outros que também são seres humanos, que também vão ter sucesso na vida.

I. S. – Que se esforçaram também!

A. P. L. – Porque a gente vê isso hoje. Nem sempre aquele aluno CDF (gíria para aluno muito estudioso), é o que foi bem sucedido.

I. S. – Isso, exatamente.

A. P. L. – Então minha única mágoa hoje com a escola hoje, com a educação no país, é essa, de você não valorizar o ser humano, só valorizar o conteúdo, se ele sabe ou não fazer a prova de física, química ou matemática.

I. S. – Você acha que essa mudança da PEC, que mudou o Ensino Médio (do Governo do Presidente Michel Temer – 2017), para as pessoas escolherem o Ensino Técnico – que foi uma coisa que nós tivemos – você acha que é válido? Acho que a partir do 2º ano que direciona (o estudo)?

A. P. L. – Eu acho que para nós foi ótimo! Não acho que prejudicou em nada o meu futuro, eu ter escolhido fazer Exatas, ter tido mais matérias de uma área do que de outra área.

I.S. – Porque nós tivemos isso.

A. P. L. – Pois é!

I. S. – A Educação Técnico-Científica.

A. P. L. – Mas não acho que isso vai resolver em nada nossa situação. Porque a reforma da Educação tinha que ser lá embaixo. Tinha que começar na formação dos professores, não do nível do Notre Dame porque nós só temos professores excelentes. Mas os professores do Brasil, que dão aula nas escolas por aí fora, que a gente sabe, as escolas públicas, você entendeu (...) eles não tem motivação, as escolas são... ruins.

I. S. – Ganham mal, carentes de tudo. Uma tristeza, não é? Saúde, alimentação, mas o fundamental é a Educação.

A. P. L. – Porque a saúde melhora com a Educação.

I. S. – Exatamente.

A. P. L. – A questão política melhora com a Educação boa.

I. S. – Tudo melhora. A Educação é a base. Lá embaixo, a base é a Educação, o resto vem.

A. P. L. – Mais é uma “mexida” em longo prazo. Não vejo um político que tenha um desejo de fazer alguma coisa que ele não vai colher.

I. S. – Está difícil porque não dá voto, já larga! Bom, então você já falou bastante coisa aqui, e aí tem umas perguntas, que eu estou fazendo, mas você também já falou, mas então as melhores lembranças da sua vida no Colégio realmente é essa... Pelo o que você está falando é esse ambiente dos Irmãos, o contato com o outro, de proporcionar como nas aulas de teatro... quer dizer, isso foi o que ficou de mais interessante.

A. P. L. – Mais do que só a sala de aula.

I. S. – Sim. Esse convívio, não é? Que isso era muito legal!

A. P. L. – Eu trouxe isso para minha vida!

I. S. – Ah, que legal. Então para você assim, o maior significado de ter estudado lá, se você pudesse me falar uma frase, o significado de ter tido a educação que você teve, o que mais você pode dizer?

A. P. L. – Para mim foi um diferencial. Eu acho que na época o Notre Dame era um diferencial.

I. S. – Foi importante ter....

A. P. L. – Na formação do todo. Mesmo eu tendo tido defasagem em algumas matérias, que eram “mal” dadas, e que depois eu fui estudar por conta própria. História, por exemplo, eu não gostava de História, hoje eu gosto. Eu aprendi essas coisas depois. Mas aprendi porque eu tive ferramentas.

I. S. – Ferramentas adquiridas do Colégio?

A. P. L. – Com certeza!

I. S. – A gente está tentando constituir um Centro de Memória. Quer dizer, eu estou tentando (risos), porque o Colégio sempre esbarra um pouco nessa questão de verba. Se um dia conseguirmos, você tem algum objeto que você guardou, ou somente fotografias?

A. P. L. – Tem uns vídeos porque o meu Pai fazia umas filmagens em Super 8, mas a gente passou para DVD. Eu vou ter imagens das primeiras festas, na época em que a festa do Notre Dame, a Festa Junina, era um churrasco.

I. S. – Isso já em DVD?

A. P. L. – Eu até mandei já algum material para Paula, que trabalhava lá, na Tesouraria.

I. S. – Você acha que está na Biblioteca?

A. P. L. – Eu acho que está lá.

I. S. – Porque inclusive quando eu comecei a fazer a pesquisa, na Biblioteca, eles têm muita coisa, mas essa parte de DVDs, eu perguntei se havia alguma coisa antiga, e ela falou que não tem. É a Sônia que é a Bibliotecária. Então, não sei. De repente se você tiver o título,

A. P. L. – Posso ver se minha ainda tem isso, os DVDs. Eu tenho os diplomas todos, as medalhinhas do 6º lugar no Handebol, até Festa da Primavera.

I. S. – Ai, que legal. É, os diplomas é uma coisa sua, difícil a pessoa doar, se a gente tiver um Centro de Memória, de repente reproduzir, mas os filmes dá para reproduzir. Como num Centro de Memória você tem vários arquivos (textual, museológico, audiovisual), seria uma coisa legal para a gente reproduzir caso um ex-aluno queira assistir.

A. P. L. – Eu acho que eu tenho uma colega que tem um vídeo da nossa apresentação no Centro de Convivência da peça de teatro, do *Zumbi dos Palmares*, que foi com música ao vivo. A gente fez a apresentação, e essa minha colega, que estudou também no Notre Dame até se formar, a Alexandra Lott, eu acho que ela tem acesso à esse vídeo. Eu vou perguntar para ela.

I. S. – Alexandra Lott. Mas então assim, eu acho que é isso. Eu vou ouvir, transcrever, e se eu achar durante a pesquisa “Ah, isso aqui a Alice vai saber me contar”, ainda mais essa parte que você falou agora do teatro, eu não me lembrava que você tinha feito tanta coisa. Porque o que eu estou estudando na minha tese, como a gente quer constituir um Centro de memória, porque a gente buscar essa memória e trazer isso de novo, ressignificar o que você viveu. Então eu acharia super importante fazer o Centro de Memória do Colégio para deixar tudo isso que já foi, e daqui para frente como vai ser, e os alunos utilizarem, como uma coisa didática. “Eu estudo nessa escola e vou lá consultar os documentos para ver como era, como é agora”, e fazer trabalhos com os alunos, não ficar só constituindo museu. O que é que você pode fazer com essa memória. E preservar, não deixar sumir, não é? Porque se você deixa, as coisas vão se perdendo, como essa fita que você está falando, o Notre Dame não tem. Muita coisa o aluno levou, porque os cadernos dos alunos. Tem um aluno que falou que guarda os cadernos de desenho até hoje!

A. P. L. – Do (professor) João Araújo? A gente ganhava nota pelo caderno do João Araújo.

I. S. – É! Tem gente que guardou e isso é muito legal! Eu guardei livros de inglês, mas tem gente que guardou outras coisas. Mas é isso, eu queria agradecer a entrevista, e a sua disponibilidade, super legal, emocionante estar aqui, não é? Porque às vezes eu fico pensando, eu estou super feliz de estar fazendo porque é toda uma vida da gente, é muito legal, não é?

A. P. L. – Revendo as pessoas. Está ajudando a nossa memória também, não é?

I. S. – É legal, eu fui muito amiga da Lucianinha (Luciana Walker), que infelizmente (faleceu), e eu fico pensando, a gente está tendo esta oportunidade de vida, de rever, de encontrar, de falar nisso, do que ficou para gente, e quantas pessoas já perderam essa oportunidade, não é? É a vida!

A. P. L. – A primeira lembrança que eu tenho sua é com a perna quebrada. Então você quebrou no final da 8º (oitava série), porque no primeiro...

I. S. – Ficou a cicatriz porque não tem muito como... porque eu quase perdi a perna.

A. P. L. – Foi no 1º Colegial, então você machucou na 8º.

I. S. – Foi no dia 22 de novembro. Meus pais acharam que (eu teria que cortar a perna) ... mas graças a Deus deu tudo certo.

A. P. L. – Eu me lembro de você entrando na sala de aula.

I. S. – Meu Deus do céu! Sete meses de gesso! Obrigada, agradeço muito adorei!

**FIM DA ENTREVISTA**

## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                            |                   |
|----------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Nome: <b>Ângela Regina Gonçalves Tiziani</b>                               |                   |
| Data de nascimento: 03 de setembro de 1966                                 |                   |
| Local de nascimento: Campinas, São Paulo.                                  |                   |
| Endereço: Rua Hermas Braga nº 639                                          |                   |
| Bairro: Nova Campinas                                                      | CEP: 13092-133    |
| Cidade: Campinas                                                           | Estado: São Paulo |
| E-mail: angelatiziani@gmail.com                                            |                   |
| Documento de Identidade: 141.895.61-5                                      |                   |
| Ano de entrada no Colégio: 1974                                            |                   |
| Ano de Saída do Colégio: 1982                                              |                   |
| Profissão atual: Cirurgiã Dentista – Periodontia / Celular: (19) 981487407 |                   |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistador: Isabela Cristina Salgado                    |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Campinas - SP - Brasil /Residência do entrevistado  |
| Data: 20/01/2017                                           |
| Duração: 46'07"                                            |
| Páginas: 24p.                                              |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais da entrevistada; profissão como cirurgiã dentista do CECOM (Centro de Saúde da Comunidade da Unicamp); a Pré-escola da “Tia Ebae”, no bairro Guanabara, em Campinas; o curso Primário no Colégio Notre Dame e os uniformes; o material escolar; a opção dos pais pelo Colégio Notre Dame de Campinas; a profissão dos pais; o irmão que também estudou no Colégio (Marcelo Tiziani); a repetência na 8ª série, a saída do Colégio e a transferência para o Colégio Pio XII; o anseio pelo curso de Medicina e a realização do curso de Odontologia na Unicamp, em Piracicaba; o período de estudo no Notre Dame; sobre o transporte escolar e os uniformes da escola; a lembrança dos professores e as disciplinas: “Dona” Ondina de Abreu Menezes Pinto (Matemática), irmão Ricardo Burgie (biologia), Rui Ribeiro de Campos (geografia), Ivan Lotti Craveiro (história), Dona Astrid Nilsson Sgarbieri (inglês); sobre a formação escolar e a escolha profissional; sobre os professores Antônio José Leite do Canto (matemática), João Levy Júnior (artes) e João Alves de Araújo Júnior (desenho); os esportes e as competições na Festa da Primavera; a lembrança das gincanas realizadas nas Festas Juninas; o relacionamento entre os alunos, afetividade e o problema das “panelinhas” no Colégio: grupos



de meninas que não se integravam; a responsabilidade do Colégio na interação entre os alunos; a transferência de escola e o contato com outros adolescentes “mais unidos”; sobre a cartilha de alfabetização do curso Primário e a professora “Dona” Augusta (Anna Augusta Alves Dante); a professora Daisy Hilkner (música); as aulas de laboratório; as aulas de educação física e as aulas teóricas da disciplina; o relacionamento com os irmãos da Congregação de Santa Cruz; sobre irmão Ricardo Burgie, irmão Pedro Celestino Maranto, irmão Guilherme St. Romain, irmão Roberto Weinmann (aulas de pintura e retiros espirituais); os desfiles cívicos; sobre disciplina e o bedel José Baldino da Silva Vasconcellos; repetência escolar; o aluno Gustavo Vacchiano; as aulas de comércio; a Festa da Primavera; sobre o irmão de Ângela, Marcelo Tiziani, que competia pelo Notre Dame; competições de handebol e salto em extensão na Festa da Primavera; rigidez e exigência da professora de português “Dona” Sônia Vaccari Ficondo; residência na Espanha e comparação entre o ensino brasileiro e o espanhol; a formação recebida no Colégio: base para a vida toda; sobre os grupos de meninas que não interagem e as “panelinhas”; o reencontro com os amigos do Colégio e o contato no *Facebook*; sobre a Associação de Ex-Alunos do Colégio Notre Dame (AEXA); sobre a Associação de Ex-Alunos da ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo) e André Malzoni dos Santos Dias; a socialização com os amigos dentro e fora do Colégio: as ex-alunas Graziela Pimenta, Sílvia Fraga, Marta Bertoldo, Anilda Marina Ferreira Pinto, Fabiana Lois e sobre Irineu Checchia; celebração da Primeira Comunhão na Paróquia Divino Salvador; indicação e proposta de encontro com os ex-alunos do Colégio Notre Dame, Rogério Neves e Regina Fanelli; sobre participação na A.P.M. do Notre Dame, encerramento da entrevista.

### **Início da entrevista**

I. S. – Campinas, 20 de janeiro de 2017, entrevista com Ângela Regina Gonçalves Tiziani. Essa entrevista faz parte do projeto de Tese “A História do Colégio Notre Dame de Campinas e a Memória Institucional como Processo Socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”. O projeto está em desenvolvimento no Instituto de Educação na Universidade de Lisboa.

I. S. - Bom, “Gigi”, vamos começar a entrevista, não é? Eu queria que você me falasse o seu nome completo, a sua data de nascimento, o local, onde você vive hoje e a sua ocupação. Se você esquecer alguma coisa eu posso repetir.

A.T. – O meu nome é Ângela Regina Gonçalves Tiziani. Eu nasci em 03/09/1966, em Campinas (SP), onde eu vivo atualmente, vivo em Campinas. A minha ocupação é cirurgiã-dentista.

I.S. – Certo. Onde você trabalha?

A.T. – Eu trabalho no CECOM, na Unicamp, que é um Centro de Atendimento à Comunidade da Unicamp, eu sou dentista lá. A minha especialidade é periodontia, que é gengiva, e eu também faço cirurgias em consultórios de amigos. Eu já não tenho mais o meu próprio consultório.

I.S. – Há quanto tempo você está no CECOM?

A.T. – Vinte três anos.

I.S. – Puxa, que beleza! Vamos voltar depois ao CECOM. Vamos começar de quando você era criança, voltar lá para trás. Você começou a estudar no Notre Dame, ou não? Você teve uma experiência anterior?

A.T. – Tinha uma escolinha, eu morava no Jardim Guanabara, na Rua Frei Antônio de Pádua, e tinha uma escolinha ali a duas casas da minha casa.

I.S. – Você lembra o nome?

A.T. – Era da Tia Ebaê. Nossa, eu adorava essa escolinha. Eu fui pouco tempo lá. E daí, depois no prezinho, no Pré I, que tinha no Notre Dame, que era roupa azulzinha, daí eu entrei no Notre Dame.

I.S. – Era azul clara (a roupa)?

A.T. – Então, na verdade, parece que o uniforme era xadrezinho de azul escuro ou será que era o plástico que a gente encapava o caderno, que era xadrezinho de azul?

I.S. – Porque a saia era vermelha e azul, não é? Isso mais para frente, aquela saia que a gente usou.

A.T. – É, é.

I.S. – Mas a roupa da Pré-escola quem se lembrou disso foi a Cecília (Cecília Campos).

A.T. – Então, outro dia eu vi uma foto com uma roupinha azulzinha clara... Então... Eu não sei...

I.S. – A gente pode... Essa época eu não vi fotos lá no Colégio, mas eu posso procurar para ver se a gente identifica. Eu sei que o uniforme, depois no Colegial, era aquele tradicional, não é, que todo mundo usou, mas do Primário eu preciso verificar.

A.T. – Não sei, eu vou perguntar para minha mãe.

I.S. – Tá bem.

A.T. – Porque talvez eu esteja confundindo porque eu lembro que a gente tinha que encapar os cadernos com um plástico xadrezinho de azul e branco, no Pré-I, de vermelho e branco no Pré-II (Curso Primário).

I.S. – Ah, tinha todo esse cuidado.

A.T. - Eu me lembro disso.

I.S. – Então você começou no Notre Dame na Pré-escola, você não lembra o ano?

A.T. - Ai... Não lembro o ano... Eu precisaria...

I.S. – Década de setenta, com certeza! Com certeza nos anos setenta.

A.T. – É, seis, sete anos, não é?

I.S. – Sim. Os seus pais escolheram o Notre Dame, você sabe por que eles optaram por você estudar no Notre Dame?

A.T. – Eu acho que os meus pais escolheram o Notre Dame porque parece que era a melhor escola da época.

I.S. – Vocês são católicos? Teve essa... (motivação).

A.T. – Não, não teve esta motivação. Nós somos católicos, mas não teve a motivação religiosa.

I.S. – E foi indicação de alguém, não?

A.T. – Não.

I.S. – Vocês são daqui? Os seus pais são daqui?

A.T. – Nós somos de Campinas.

I.S. – Muita gente que eu estou entrevistando veio de São Paulo, chegou aqui e recebeu como indicação estudar lá.

A.T. – É, eu acho que, não é, de conversar com outras mães, com as pessoas, não é? Porque o Notre Dame realmente era uma excelente escola. Eu acho que eles escolheram por causa disso.

I.S. – E os seus pais, eles nasceram aqui em Campinas?

A.T. – Minha mãe nasceu em Casa Branca (SP) e meu pai nasceu em Campinas.

I.S. – O que o seu pai fazia na época?

A.T. - O meu pai foi administrador de empresas, ele é aposentado. Ele foi Diretor da 3M. (3M Company é um grupo econômico multinacional americano de tecnologia diversificada).

I.S. – Eles são vivos, seus pais?

A.T. – São. Minha mãe trabalhava na Caixa Econômica.

I.S. – Que faixa de idade eles estão hoje?

A.T. – Setenta e sete (77) e setenta e seis (76).

I.S. – Olha só, os meus já são um pouquinho mais velho. É que eu sou filha “temporã”, então não dá para contar!

A.T. – É. Eu sou a mais velha.

I.S. – Quantos irmãos são?

A.T. – Tenho mais três irmãos.

I.S. – Você é a mais velha, depois tem mais três homens?

A.T. – Sou a mais velha, três homens.

I.S. – E todos estudaram no Colégio?

A.T. – Todos estudaram no Notre Dame.

I.S. – Ah, olha que joia.

A.T. – Eu tenho... O irmão depois de mim tem 45, a gente tem cinco anos de diferença. 45, daí, 44 e 43.

I.S. – Ah, que legal. E moram aqui em Campinas?

A.T. – Então, o Marcelo (Marcelo Tiziani) mora aqui em Campinas.

I.S. – Seria interessante entrevistá-lo também.

A.T. – Quem sabe você pode fazer uma entrevista.

I.S. – Muito legal. Como eu te falei, eu fui à casa da Alice (Alice Lobo Paes), ela estudou lá e depois todos os filhos, e o filho dela mais novinho agora, então ela conseguiu fazer uma comparação para mim, como era na nossa época e como é agora. Isso é muito legal, não é?

A.T. – É. Está totalmente diferente, é outra escola.

I.S. – Bem legal. Isso mesmo. Então você ficou o tempo todo no Notre Dame, mas não se formou lá?

A.T. – Fiquei o tempo inteiro no Notre Dame e aí no 2º (Colegial), eu repeti a 8ª série, e daí no 2º Colegial eu ia repetir física. Daí minha mãe falou: “Não! Não vai repetir outro ano, vai fazer...” Como se chamava naquela época?

I.S. – Cursinho? Integral (Colégio)?

A.T. – D.P. (Dependência).

I.S. – Ah, tá.

A.T. – D.P. “Vai fazer D.P. no Pio XII”. (Colégio).

I.S. – Entendi. E foi para o Pio XII.

A.T. – Fui para o Pio XII e fui fazer D.P. de física lá. E acabei me formando lá no Pio XII.

I.S. – Sim, entendi. Eu lembro mesmo que você não estava na turma de 1984.

A.T. – É.

I.S. – Entendi. E dali você prestou Puccamp e foi fazer Odontologia, é isso?

A.T. – Então, daí eu queria Medicina, eu queria Medicina, e eu fiquei prestando Medicina um tempão (Vestibular). Daí eu falei: “Vou prestar Odontologia”. Eu prestei Odontologia e entrei em tudo aí que eu prestei. Prestei Medicina também, mas não entrei em Medicina, entrei em Odontologia.

I.S. – Difícil, não é?!

A.T. – Eu fui fazer Odontologia na Unicamp, em Piracicaba (SP).

I.S. – Ah, que legal! Odontologia em Piracicaba? Que era pela Unicamp?

A.T. – Que é Unicamp. Que é a Faculdade de Odontologia de Piracicaba.

I.S. – Ah... Eu não sabia que era lá.

A.T. – O campus é lá em Piracicaba. E tem o campus da Unicamp de Limeira (SP) também, não é?

I.S. – Sim, ah olha só. Eu não sabia que naquela época o campus era lá. Aí você foi morar em Piracicaba?

A.T. – Fui morar em Piracicaba.

I.S. – Ficaram quatro anos lá?

A.T. – Fiquei quatro anos lá.

I.S. – Que legal. E por que você escolheu essa área? No Notre Dame você chegou a fazer Biológicas?

A.T. – Eu fazia Biológicas.

I.S. – Já era uma coisa que você gostava?

A.T. – Ah, eu sempre quis fazer Medicina.

I.S. – Entendi.

A. T. – Sempre quis. Mas agora *desencanei*. Agora estou feliz com Odontologia.

I.S. – O Notre Dame, “ele” formou muitos médicos.

A.T. – Ah, pois é, formou.

I.S. – Isso é inegável. Bom, então tá você entrou... Tem que relembrar aí o ano de entrada e saiu em 1982, é isso, do Notre Dame, mais ou menos, não é?

A.T. – Então, 1983 eu acho, eu não sei.

I.S. – E se formou no Pio XII?

A.T. - E me formei no Pio XII.

I.S. – Está, entendi. Quando você estudava no Notre Dame, onde você morava? No Guanabara?

A.T. – No Guanabara.

I.S. – Como você ia para escola? De ônibus da Capellini?

A.T. – De ônibus. Capellini.

I.S. – Nossa peguei muito aquele ônibus! Aí, os uniformes, você se lembra, esse da *sainha* xadrez?

A.T. – Bom esse da *sainha* xadrez... (Era) “vermelhinha”.

I.S. – É inesquecível... (risos).

A. T. – E a camisa *branquinha*.

I.S. – Sim. E de educação física?

A.T. – A o (uniforme) de educação física. A *sainha curtinha*, não é? *Branquinha* com azul. Aquele *short* “azul Royal”.

I.S. – Entendi... Inesquecível, ficou para a história. Você estudava de manhã, à tarde ou no período integral?

A.T. – Não estudava integral. Acho que eu estudei bastante à tarde e não sei no colegial eu fui para manhã. Não lembro muito.

I.S. – O que você se lembra dos professores? Assim, algum professor que te marcou, dos funcionários e também em relação às disciplinas, o que é que você se lembra da sala de aula? Como eram as aulas?

A.T. – Ah, era muito gostoso, não é? Eu me lembro de vários professores. A que eu mais me lembro, a que eu mais gostei foi a “Dona” Ondina (Ondina de Abreu Menezes Pinto).

I.S. – A “Dona Ondina”? Olha só! De matemática.

A.T. – Aquela *pequeninha*... É! Aquela *pequeninha* assim, uma gracinha!

I.S. – Em termos de didática ou da pessoa?

A.T. - De pessoa. A mais *fofinha* era “Dona” Ondina.

I.S. – Mas ela não era muito rígida? Brava, não?

A.T. – Olha, eu acho que ela até tentava... (risos).

I.S. – (Risos) E não conseguia.

A.T. – Você não se lembra da “Dona” Ondina?

I.S. – Lembro, lembro.

A.T. – Ela até tentava ser rígida, mas...

I.S. – Não conseguia.

A.T. – Engraçado, era engraçada.

I.S. – E que matéria você mais gostava de estudar?

A.T. – Gostava de biologia com o irmão Ricardo (Ricardo Burgie), gostava de geografia. Como se chamava...?

I.S. – O Rui (Rui Ribeiro de Campos).

A.T. - O Rui. História eu não gostava!

I. S. – Com o Ivan. (Ivan Lotti Craveiro)

A.T. - Não gostava de História. Gostava de inglês, da “Dona” Astrid (Astrid Nilsson Sgarbieri), não é?

I.S. – Nossa, os livros da Dona Astrid, que a gente tinha que ler! Em termos de formação você acha que o Notre Dame te ajudou?

A.T. – Nossa muito!

I.S. - Quando você foi fazer faculdade... Mesmo para sua vida você acha que a formação...

A.T. – Sim... (Olha) eu acho que o colegial foi um pouco fraco. Porque daí eu vi que eu... Quando eu fui fazer *cursinho*, daí que realmente eu comecei a aprender as coisas. Eu não sei se eles não cobravam muito no Colegial, não sei, ou se eu estava meio “em outra”, não é?

I.S. - Idade também. Uma idade difícil, não é? Uma idade muito difícil. Eu acho uma das idades mais difíceis assim, essa dos 16 aos vinte e poucos anos. Você está deixando de ser criança, aí vem os hormônios e você não sabe o que fazer com aquilo.

A.T. – É, não é? Você tendo que ter um monte de responsabilidades. Escolher o que você quer fazer na Faculdade, não é? Tem muita gente que se perde nessa hora!

I.S. – E tinha aquela coisa assim antigamente, hoje é mais flexível, você ter que saber o que você quer! Era mais rígido (isso), agora já tem uma coisa de flexibilizar mais, não é? Eu acho.

A.T. – Antigamente, por exemplo, minha mãe não quis que eu repetisse de novo. Então tinha aquela coisa do tempo.

I.S. – Sim. Muita pressão em cima.

A. T. – “Você vai perder tempo, perder tempo!”. Não é? E tinha a “Dona” Ondina, o Canto (Antônio José Leite do Canto). Eu gostava muito do Canto, que era também de matemática, mas eu nunca fui boa em matemática. Mas eu gostava dos professores de matemática. História assim, eu não gostava.

I. S. – A parte de artes e esportes?

A. T. – Artes, eu amava! O professor Levy (João Levy Júnior).

I. S. – Era ele ou João Araújo (João Alves de Araújo Júnior) que tinha que ter nota no caderno?

A. T. – Eu estudei com o professor Levy.

I. S. – João Araújo não?

A. T. – João Araújo? Eu acho que não.

I.S. – Um alto, magro, de óculos?

A.T. - Ou talvez um ano eu deva ter estudado com ele, mas quem me marcou mesmo foi o professor Levy.

I.S. – Levy. As aulas de desenho, de artes, não é, que ele dava.

A.T. – É.

I.S. – E essa parte de esportes? Você participava?

A.T. – Eu participava, eu gostava de competir na Festa da Primavera.

I. S. – As gincanas você se lembra?

A.T. – Gincanas?



I.S. – Nas Festas Juninas que tinha aquelas gincanas?

A. T. - Lembro, lembro.

I.S. - Que a gente tinha que sair correndo atrás das coisas, montava as equipes e tinha que conseguir as coisas...

A. T. – Eu me lembro disso.

I. S. – Realejo, umas coisas que demorávamos em conseguir.

A.T. – É verdade. Umas coisas impossíveis. Nossa cada coisa!

I.S. – Um sofrimento, não é?

A.T. – É.

I.S. – A relação de amizade, como era o relacionamento? Você se sentia parte do Colégio ou não? Como é que era com a turma? Isso ficou depois do Colégio? Como foi o relacionamento com os alunos, ou teve alguma coisa que te incomodou? Porque a gente sabe que tem pessoas que não se sentiram bem, que não gostam de falar sobre o Notre Dame, e tem pessoas que adoram. Teve um pouco de tudo. Como é que foi para você?

A.T. – Então, eu era feliz lá, eu me dava bem. Eu vejo que as pessoas gostam de mim, não é, daquela época.

I.S. – Tem afetividade quando encontra, não é?

A. T. – Tem afetividade quando encontra. Mas o que eu lembro que era uma coisa que me incomodava eram as “panelinhas”, sabe? “Panelinhas”. Então tinha um grupinho que não se dava bem com a gente, sabe assim?

I.S. – Tinham as “panelas”.

A. T. - Tinham as “*panelinhas*”.

I.S. – Mas eu acho que isso é em todo lugar também, não é?

A.T. – Infelizmente é, infelizmente é. Mas será que não tem uma maneira de melhorar isso? Sabe, de fazer com que as crianças se conheçam!

I. S. – Sim.

A.T. – Não é? Porque na verdade não é que eu não gostava dessas pessoas. Na verdade, eu não conhecia essas pessoas!

I.S. – Você não conhecia, exatamente.

A.T. – Você entendeu? Eu vim conhecer muito tempo depois. Porque simplesmente eram meninas diferentes de mim! Elas eram mais diferentes de mim. Elas eram mais quietinhas.

I.S. – Entendi.

A.T. – Mas depois mais para frente eu fui conhecer essas meninas.

I.S. – Viu que não tinha nada a ver.

A.T. – São pessoas normais, não tinha nada a ver.

I.S. – Exatamente.

A.T. – Então às vezes eu acho que o Colégio tem que forçar um pouco as crianças a se conhecer.

I. S. – Interagir mais.

A.T. – Ter a oportunidade de interagir.

I.S. – Porque fica aquela coisa da competição, não é?

A.T. – Claro e daí... Fofoca, não é?

I.S. – E aí não interage, exatamente. Acho que hoje melhorou. O meu filho estudou no Farroupilha e depois no São José (Colégios). Isso não era tão acentuado. Acho que na nossa época foi um pouco mais acentuado.

A.T. – Mas em todas as escolas?

I.S. – Não sei.

A.T. - Porque eu tenho amigas que não estudaram no Notre Dame, e que para elas o Notre Dame era do pessoal “*fresquinho*” da cidade.

I.S. – A gente sabe que era assim, não é?

A.T. – Do pessoal “bah” ... Sabe elas não suportavam o pessoal do Notre Dame.

I.S. – A gente sabe que tem esse estigma, não é? Teve isso a gente sabe, e até hoje quando eu falo todo mundo: “Ah, você estudou lá?” Nossa é um monte de rótulos que vem, não é? Às vezes eu tenho paciência para essas coisas, e às vezes eu falo: “hoje eu não estou a fim”, e saio, não converso porque não é todo dia que você está a fim de falar sobre isso. Mas tem, tem esses rótulos, não é? De ser “burguês”, de ser isso ou aquilo. Isso cansa um pouco.

A.T. – Então, mas eu não sei se realmente as pessoas eram muito frescas, não é? Sabe, às vezes não eram somente rótulos.

I. S. – Sim, também tinha um pouco...

A.T. – Porque como praticamente eu estudei minha vida inteira no Notre Dame, eu não tenho muito parâmetro, não é? Mas você sabe que para mim foi bom eu ter ido para o Pio XII.

I.S. – Como é que você viu isso?

A. T. – Porque daí eu vi outra coisa, eu vi outra coisa. E eu achei que no PIO XII, pelo menos ali no 3º Colegial, que eu estudei, as pessoas eram mais unidas.

I.S. – Então você acha que realmente tem um pouco... Faz sentido um pouco isso que as pessoas falavam?

A.T. – Eu acho que faz, eu acho que faz.

I.S. – O pessoal era meio altivo, achava que estava acima... É.

A.T. – É. E eu acho que talvez ali entre os próprios colegas do Notre Dame, talvez, se achassem “melhor”.

I.S. – É.

A.T. – Eu não sei, eu não sei.

I.S. – É, era o melhor Colégio da cidade.

A.T. – Isso são conjecturas.

I.S. – Quem estudava lá... Não era para todo mundo, não é? Teve essa diferenciação. Tem pessoas que hoje não querem nem saber de dar entrevistas, entendeu? A maioria quer falar, tem prazer, tem carinho pelo Colégio. Mas um ou outro, não quer. Então, porque teve as suas mágoas, mas isso é de cada um também, não é? Mas dizer que não teve isso... Teve (sim). Mas, enfim.

A.T. – É.

I.S. – Você se lembra da parte das aulas, a didática, de algum material, alguma cartilha, alguma aula que te marcou? Como o Levy, que tinha essa coisa do caderno? Essa parte pedagógica você tem alguma lembrança?

A.T. – Eu me lembro de uma cartilha, do Primário, do 1º ano, nossa eu adorava aquela cartilha!

I.S. – Olha só! Você não lembra o nome?

A.T. – Eu não lembro, eu não lembro... Tinha uma “*personagenzinha*”.

I.S. – Não é o Caminho Suave?

A.T. – Ai, eu não sei.

I.S. – Que tem duas crianças andando na capa, *coloridinha*?

A.T. – Eu não me lembro da capa, não me lembro da capa. Não sei se era uma *coelhinha*, que era o personagem, sabe, não era uma criança, parece que era um *animalzinho*. Ah, eu adorava essa cartilha.

I.S. – Isso no Pré-Primário?

A.T. – No Pré. Acho que no 1º ano porque isso já era alfabetização.

I.S. – Você foi alfabetizada lá?

A.T. – Fui.

I.S. – Você lembra quem foi a pessoa que te alfabetizou?

A.T. – Eu lembro muito de uma professora que eu gostava muito, que ela era amiga da minha mãe, Professora Augusta (Anna Augusta Alves Dante).

I.S. – Olha só.

A.T. – Augusta.

I.S. – Ela que te alfabetizou?

A.T. – Dona Augusta. Ela que me alfabetizou. Lembro também da Dona Daisy (Daisy Hilkner), que ela era de música. Mas a Dona Augusta assim, me marcou bem.

I.S. – Que legal. Então, mais para o Ginásio, já para o Colegial, os laboratórios, você se lembra?

A.T. – Lembro... Eu ia te falar dos laboratórios que eu adorava!

I.S. – A coleção de borboletas, de insetos do irmão Guilherme (irmão Guilherme St. Romain), você chegou a fazer?

A.T. – Nossa, cheguei.

I.S. – Essa é clássica.

A.T. – Verdade! Isso é muito legal!

I.S. – O que eu cacei de libélula!

A.T. – Nossa gente!

I.S. – Com aquela redinha.

A.T. – Isso! Pena que parece que não existe mais isso, não é? Porque isso tem que ter, é muito legal.

I.S. – Sim. Uma coisa que eu me lembrei, que a Alice falou, a parte de educação física. Lembra que a gente tinha um livro com a parte teórica?

A.T. – Lembro, lembro, é.

I.S. - E era raro isso porque você tinha as aulas, mas a gente tinha um livro com a parte teórica, ensinando todos os esportes.

A.T. – É, é.

I.S. – Era muito forte nessa área.

A.T. – Não. Educação física no Notre Dame era forte!

I.S. – Sim.

A.T. – (Super) boa. Das pessoas que eu converso assim, que eu pergunto, era o melhor. No Pio XII não tinha educação física.

I.S. – Salto com vara, não é? Atletismo.

A.T. – A estrutura que eles tinham lá para educação física era perfeita.

I.S. – E dos Irmãos, o que você se lembra dos irmãos, assim do relacionamento, como é que era? As pessoas tinham “medo” deles?

A.T. – Não, gente, (super) legais!

I.S. – A disciplina: eles não eram de ficar “pegando no pé”?

A.T. – Não, não. Eu lembro muito do irmão Ricardo. Ele até tentava ter uma disciplina, mas não dava. O “dedo escuro” de tanto fumar.

I.S. – A Alice (Alice Lobo Paes) falava: “1º aviso, 2º aviso”, no 3º ia para fora... (risos)” (O irmão Ricardo chamando atenção dos alunos).

A.T. – É (risos). Você se lembra disso?

I.S. – Eu não lembrava, mas quando ela falou. “1º aviso, 2º aviso”. (Risos).

A.T. – (Risos). Chamavam-no de “Baboo”, eu não sei o porquê... Ah, é.

I.S. – Por causa das orelhas (que eram grandes). Éramos felizes e não sabíamos... (risos).

A.T. – É verdade. Irmão Pedro, uma graça. (Irmão Pedro Celestino Maranto).

I.S. – Sim, com o seu cachimbo, não é?

A.T. – É. Irmão Guilherme.

I.S. – A gente tinha muito carinho pelos Irmãos.

A.T. – Irmão Roberto.

I.S. – Você teve aula com o irmão Roberto? Eu lembro que eu pintava quadros com ele. E os retiros que a gente ia. Você se lembra de alguma coisa disso, dessa parte?

A.T. – Eu me lembro desses retiros (espirituais).

I.S. – Mas aula de pintura você não teve?

A.T. - Não tive aula com o irmão Roberto.

I.S. – Eu tive (aula) de pintura. Na minha época eu tive de pintura e eu não me lembro se era uma coisa extra, agora não lembro.

A.T. – Ah, acho que era extra porque ele não dava aula.

I.S. – Então eu preciso rever isso porque eu lembro que eu tinha aulas de pintura com ele. Deve ter sido alguma coisa extra porque eu fiz, e eu também não lembro.

A.T. – Eu acho que ele nunca chegou a dar aula para mim.

I.S. – Agora nos retiros (espirituais) ele era o responsável. Você foi naqueles retiros em Vinhedo (SP)?

A.T. – Eu ia aos retiros numa chácara. Eu lembro.

I.S. – Isso, exatamente. E as viagens que a gente fazia? Aquela que a gente foi para Ouro Preto (MG)? Você chegou... Ah porque foi de formatura (a viagem) e você saiu antes, não é?

A.T. – Eu não fiz. Mas teve uma viagem enquanto eu estava lá, mas eu não fui. Acho que eu não fui a nenhuma viagem.

I.S. – E o teatro e as aulas de música, você chegou a participar de alguma coisa?

A.T. – Teatro, não.

I.S. – Não, não é? Também acho que era para quem queria (extracurricular).

A.T. – Não. Acho que era.

I.S. – Também não cheguei a participar. E da fanfarra, você se lembra?

A.T. - Lembro, lembro.

I.S. – Participou daqueles desfiles?

A.T. – Não participei (da fanfarra). Desfiles sim.

I.S. - A gente ia para Sousas (Distrito de Campinas), não é?

A. T. - Sete de Setembro. Que demais! Isso tinha que ter ainda, é muito legal!

I.S. - A gente ia bastante. O Colégio era muito espaçoso, a gente aproveitava muito o espaço do Colégio. Você se lembra dos recreios, como era a dinâmica? Era mais para brincar e socializar? Porque todo mundo adorava a hora do recreio.

A.T. – Nossa! Lembro.

I.S. – Era mais para brincar e socializar. Eu adorava quando chegava a hora do recreio.

A. T. - É. Era isso mesmo, brincar e socializar.

I.S. – Então essa parte da disciplina, do que você se lembra, do horário, de não poder ficar conversando em sala de aula, os irmãos eram mais tranquilos em relação a isso, mas os professores tinham alguns que era mais...

A.T. - Mais bravos?

I.S. - É, de não poder conversar? Ou se tivesse alguma coisa “botar pra fora”. Como é que era?

A.T. – Tinha isso, de “botar pra fora”. De ir para o Baldino (José Baldino da Silva Vasconcellos). Você se lembra do Baldino?

I.S. – Sim, era o bedel que controlava isso.

A.T. – Eu lembro que tinha isso sim.

I.S. – Eu nunca fui para a sala da Diretoria. Mas eram os meninos que iam mais, não é? A “molecada” ia mais para a sala da Diretoria.

A.T. - É, é. Mas o Baldino também era (super) legal. Lembro com carinho do Baldino.

I.S. – E esse sistema de avaliações de notas. Foi a 8ª série que você repetiu?

A.T. – Repeti, é.

I.S. - Você se lembra com quem você repetiu? Quem “te deixou”, foi o Canto?

A.T. – Acho que foram várias. Se “bobear” o Canto me deixou.

I.S. – Sim, também, não é?

A.T. - Porque eu acho que repeti em umas três matérias. Foi um ano que um monte de gente repetiu. O “Bob” repetiu, o Gustavo Vacchiano repetiu. Um monte de gente repetiu a 8ª série.

I.S. – E tinha essa preocupação já com o Vestibular naquela época? Você acha que...

A.T. – Não, não.

I.S. - Não tinha isso?

A.T. - Não. Não tinha.

I.S. – Você saiu antes também, não é? Você chegou a pegar o Ensino Técnico, que a gente tinha aula de comércio? Eu saí, o complemento da minha formação como secretariado. Você lembra que o Wanderley (Wanderley Ferreira Pinto) dava essas aulas de comércio?

A.T. – Pode ser que eu tenha saído também. Ah não, não. No Pio XII eu acho que eu saí podendo trabalhar em laboratório de análises clínicas.

I.S. – Porque eu saí com esse título de ser Auxiliar de Secretaria. Foi quando mudou a Lei nos anos 70, o curso seria técnico científico, então tínhamos aula de comércio, aprendia a preencher cheques, eram pequenas coisas.

A.T. – É, isso eu lembro. Eu lembro sim que tinha. Mas eu achei que...

A.T. – Eu me lembro disso sim, que a gente tinha essas aulas.

I.S. – Mudou a Lei. Essa lei ela foi em 1971. Tinha que ter estas disciplinas para formar esta parte mais técnica. A Lei mudou em 1971, e acho que em 1973 ou 1974, começou no Notre Dame, teve essa matéria. Então no meu diploma de Ensino Médio tem Auxiliar de Escritório. Eu saí com essa formação.

A.T. – É.

I.S. – Depois isso caiu e agora que o Temer (Presidente Michel Temer) voltou para poder escolher a área (Humanas, Exatas e Biológicas), mas também tem o Técnico, que você pode escolher.

A.T. – Ah, tá.

I. S. – Escolhe para que área queira ir. Dessa parte de comemorações, confraternizações, aqui a gente tem a Semana do Padre Moreau, Festa da Primavera.

A.T. – Eu não me lembro da Semana do Padre Moreau.

I. S. – Ela era anterior a Festa da Primavera.

A.T. – Eu achei que fosse atual a Semana do Padre Moreau.

I.S. – Você se lembra dessas Festas? Você participava?

A.T. – Lembro, participava.



I.S. – Seus pais atuavam na APM (Associação de Pais e Mestres)?

A.T. – Não, não.

I.S. – Não se envolviam muito com isso?

A.T. – Não. Mas a gente ia porque o meu irmão (Marcelo Tiziani), esse que mora aqui em Campinas, ele participava muito da parte de esportes lá, então ele sempre competia.

I.S. – Ele competia pelo Colégio também?

A.T. – Ele competia pelo Colégio.

I.S. - Nível Estadual? Dentro da cidade?

A.T. – Eu não sei. Isso eu não sei.

I.S. – Porque tinham campeonatos entre as escolas, por Campinas também. Tinham pessoas que foram bem atuantes. Eu sei que tem, mas eu não entrevistei ninguém ainda. Eu espero chegar nessas pessoas porque teve muita gente que competiu pelo Colégio, essas competições com outros colégios e que saíram. E depois por Campinas. Teve muita gente que competiu. Mas ainda não cheguei muito nessas pessoas.

A. T. - Meu irmão era (super) esportista.

I.S. – Ai, que legal. Seria bem interessante eu entrevistá-lo.

A.T. - Eu competia também na Festa da Primavera, Handebol.

I.S. – Vôlei?

A.T. - Salto à extensão. Vôlei, não.

I.S. – Mas handebol...

A.T. – Handebol e saltos. Eu sempre adorei saltos.

I.S. – Porque você é alta, então ajuda também, não é?

A.T. - É.

I. S. – Então assim, você acha que na sua escolha profissional, você saiu do Notre Dame, foi para o Pio XII, você escolheu Odontologia, você acha que teve alguma influência assim do Colégio, não?

A.T. – Do Colégio? Não, acho que já vim com essa coisa, eu também tinha realmente mais interesse por biologia, por exemplo, não é? Já tinha mais interesse por essas matérias mesmo... Química. Mas uma Professora, que para mim ela era muito rígida, era a Dona Sônia (Sônia Vaccari Ficondo).

I. S. – “Dona” Sônia.

A.T. - Ela era muito rígida a Dona Sônia. Mas ela como pessoa eu gosto dela. Mas gente, como ela era rígida! E eu lembro que uma vez eu quase repeti com ela, eu fiquei para exame, eu não sei se era exame. E olha que foi graças a isso que eu aprendi português!

I. S. – Olha só. Às vezes precisa de...

A.T. – Menina, eu tive que estudar tanto, mais tanto, que entrou na minha cabeça de uma maneira, sabe?

I. S. – Olha só!

A.T. – Que isso me serve até para hoje em dia.

I.S. – Eu tenho essa experiência com a Dona Astrid. Porque a Dona Astrid, não sei se você se lembra: ela vinha de carteira em carteira, todo mundo fazendo exercício...

A.T. – O inglês era bom no Notre Dame!

I.S. – Era bom.

A.T. – Tudo era bom no Notre Dame!

I. S. – Você gostava de tudo.

A.T. – Porque eu morei na Espanha, não é? Daí eu comparei o meu ensino, o ensino que eu tive aqui em Campinas, com o ensino que eles têm lá, na Espanha. Que supostamente “Primeiro Mundo”, entendeu?

I.S. – Sei, sei, e o que você achou?

A.T. - Não, o Notre Dame “dá de dez”! O Notre Dame “dá de dez”!

I.S. – Olha só! Agora vem essa pergunta. Você acha que em termos de educação, de formação, o que é que ficou para você, isso que você está falando, a formação mesmo de vida, intelectual, você teve essa base?

A.T. – Tive, tive.

I. S. Você acha que o Colégio te deu isso?

A.T. – Com certeza.

I. S. - Porque a gente sabe que, independente da carreira que a gente escolhe, tem que ter uma base. E você acha que você teve isso?

A.T. – Eu tive.

I.S. – De estudos e de formação de valores também?

A.T. - Tive.

I.S. - Como é que foi isso lá? Essa formação da pessoa também?

A.T. – Então, o que eu tenho para criticar é isso, sabe essa coisa da panelinha, acho que o Colégio ele pecou nisso. Eu acho que ele não atuou nisso. Sabe, impedindo essas panelinhas, unindo mais os alunos, você entendeu? Porque depois que eu saí do Notre Dame que eu tive a experiência lá no Pio XII, que eu vi que lá os alunos eram muito mais unidos, e depois sabe, indo para Faculdade, eu tive que sair de campinas, tive que me unir...

I.S. – O ambiente lá não era tão favorável a esse tipo de coletivo, não é?

A.T. – É... Você entendeu? Eu acho que só depois que eu saí do Notre Dame que eu entendi a importância da união. Que eu entendi que a união faz a força. Só depois que eu saí do Notre Dame.

I.S. – Mas mesmo assim lá você tinha o seu grupo?

A.T. – Tinha claro, tinha.

I.S. – Entendi.

A.T. – Eu me divertia, dava risada. Tinha as melhores amigas.

I. S. – Mas você sentiu que tinha essa separação?

A.T. – Mas eu senti que tinha assim umas *panelinhas*, sabe?

I.S. – Mas isso será que era por uma questão de classe social, não sei, tinha isso? Você acha que tinha isso, de um ser “mais rico do que o outro” (competição)?

A.T. – Ah, eu acho que não por classe social, não. Acho que não por classe social. Porque eu lembro assim exatamente de quem eram, entendeu? Nem sei se eu deveria falar aqui. Eu lembro exatamente quem era. Elas eram muito diferentes da gente.

I.S. – Tinham as “patotas” (turmas).

A.T. – Era mais esse grupo de meninas, entendeu? Que elas eram mais *quietinhas*. Não sei, mas acho que não existia muita afinidade, sabe?

I.S. – Entendi.

A.T. - Mas hoje em dia, “nada a ver”.

I. S. – Depois que você saiu você ficou muito tempo sem ter contato com as pessoas?

A. T. – Fiquei, fiquei muito tempo.

I.S. – Eu também fiquei muito tempo.

A.T. - Só agora com os grupos do *Facebook*.

I.S. – Com os eventos fica mais fácil rever.

A.T. – Com os eventos que eu comecei a rever o pessoal.

I.S. – Entendi.

A.T. – Porque fiquei muitos anos.

I.S. – Essa própria Festa da Primavera foi a Associação dos Ex-alunos (AEXA) que retomou, acho que foi em 2010.

A.T. – Mas não tinha ninguém lá!

I.S. – É, tinha pouca gente.

A.T. – Tinha pouca gente, eu achei.

I.S. – É, tinha pouca gente. Eu acho que essa Associação “patina” um pouco, não é?

A.T. – Acho que patina.

I.S. – É bem difícil.

A.T. – Patina.

I.S. – E eu sei de outros colégios que tem uma associação forte.

A.T. – É então!

I.S. – (Super) forte. Então isso também é uma coisa legal de se retomar. Acho que esta que está atualmente lá... Não é muito fácil.

A.T. – Porque tudo bem que é Faculdade, não é? Bom, a Associação de Ex-Alunos da minha Faculdade também não é muito ativa, mas a gente se encontra. Mas uma que é superativa é da ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Universidade de São Paulo), lá de Piracicaba.

I.S. – Sim, sim.

A.T. – Sabe? Nossa, eles são unidos! Mas desde que eles entram.

I.S. – Tem um rapaz que estudou no Notre Dame...

A.T. – Ah, eu sei! É ele deu uma palestra lá, o “RG”, o apelido dele na ESALQ é “RG”!

I.S. – É!

A.T. – É André o nome dele! (André Malzoni dos Santos Dias).

I.S. – Isso! Ele contou para mim como era e eu fiquei fascinada! É muito legal, não é?

A.T. – Gente, demais!

A.T. - Das aulas, boas, dos laboratórios, os amigos... Porque no fim, os seus amigos fora do Colégio acabam sendo os amigos do Colégio!

I.S. – Sim (risos).

A.T. – Não é? Eu nessa época eu não tinha muitas amigas fora do Colégio.

I.S. – Era mais na escola.

A.T. – Era mais na escola.

I.S. - Você gostava de ir para a escola?

A.T. – Gostava.

I.S. – Gostava. Porque eu lembro que...

A.T. – As amigas eram lá do Notre Dame. Porque inclusive até quem eu vejo muito é a Graziela Pimenta, você lembra dela?

I.S. – Claro.

A.T. – Você vai fazer entrevista com ela também?

I.S. – Com certeza! O quanto eu conseguir, eu vou fazendo. Tem muita gente. Quanto eu mais eu conseguir, para mim é melhor. Porque cada um tem uma memória, então só vai somando, não é, o material Eu tenho muita gente no *Facebook*, isso é uma coisa que ajuda muito.

A.T. – É.

I.S. – É fácil o contato, então eu vou entrar em contato.

A.T. – E a Sílvia Fraga?

I.S. – A Sílvia Fraga, ela mora na Itália, não é?

A.T. – Não, ela está aqui!

I.S. – Ela está aqui?

A.T. – Está morando aqui na casa da mãe dela, a um quarteirão daqui.

I.S. – Porque quando eu tive o contato com ela, eu estava lá em Portugal, e ela estava na Itália, e outra pessoa que também mora na Itália, eu esqueci o nome agora, mas eu cheguei a conversar porque talvez eu fosse até a Itália, e eu acabei não indo. E eu lembro que ela estava (na Itália). Ela voltou então?

A.T. – Então, eu tenho encontrado esse grupo, que é diferente desse outro grupo de 1984.

I.S. – Sim.

A.T. – É outro grupo, está a Silvinha, a Marta Bertoldo.

I.S. – Não me lembro.

A.T. – É do Notre Dame também, a Anilda (Anilda Marina Ferreira Pinto).

I.S. – Ah, sim. Anilda sim.

A.T. – Está nesse grupo. O Irineu está nesse grupo.

I.S. – Você tem encontrado essas pessoas, de vez em quando?

A.T. – E eu tenho mais contato com eles.

I.S. – Então, eu tenho que entrevistar várias dessas pessoas, não é? Ai eu vou... Ela deve estar no *Facebook*. Porque eu tenho o *Facebook* da Sílvia. Se eu não conseguir eu te peço o contato dela. Mas a minha última lembrança é que ela estava vivendo na Itália.

A.T. – É. (o áudio falha nesse momento)

I.S. – Separou? Pela conversa que eu tive... A Fabiana Lois eu também entrevistei, a gente teve uma conversa e fiquei de marcar uma entrevista.

A.T. – Tem um monte de gente.

I.S. – E você tem algum material que a gente pudesse reproduzir, as fotografias, alguma coisa?

A.T. – Tenho fotografias.

I.S. – Ah, depois num segundo momento, a gente vai ver.

A.T. – Tá joia! Vou separar tudo o que eu tenho. Eu tenho caderno dessa época. Eu tenho fotografias.

I.S. – Caderno seu?

A.T. – É. Da Primeira Comunhão.

I.S. – Ah, então, essa parte das celebrações. Eu fiz a Crisma.

A.T. – Eu não fiz Crisma. Eu fiz Primeira Comunhão. Eu me lembro da Primeira Comunhão.

I.S. – Você tem fotos disso?

A.T. – Acho que eu tenho o “santinho” da Primeira Comunhão.

I.S. – Olha só que legal! E lembra que Igreja foi? Foi aqui na Santa Rita?

A.T. – Não, como se chama aquela na Av. Júlio de Mesquita?

I.S. – A minha foi lá também.

A.T. – É.

I.S. – Mas aí já foi a Crisma, a Primeira Comunhão, não. Eu não lembro o nome daquela Igreja, não lembro (a Paróquia Divino Salvador).

A.T. – A Marina (filha) foi batizada lá.

I.S. – Olha só! Mas eu procuro, não têm importância. Isso é fácil, eu trabalho com *Google* do lado (risos).

A.T. – Nunca sei se é Sagrado Coração, se é Coração de Jesus.

I.S. – Não era Sagrado Coração? Acho que era. (Paróquia Divino Salvador).

A.T. – Eu confundo.

I.S. – Ainda bem que hoje em dia tem internet porque eu trabalho com o *Google* aberto, não é? E tudo o que eu vou tendo dúvidas... Você põe e “ele” corrige o nome, o tradutor também, então é isso é muito bom, arruma tudo!

Então hoje em dia está mais fácil com as tecnologias. Então hoje a gente não vai se estender muito, mas eu vou ver outras pessoas, essa coisa do material, vou fazer o sumário (da entrevista), a transcrição, eu mando para você dar uma lida, aí a gente vai conversando.

A.T. – Está joia. Eu falo com o meu irmão, se ele se interessar.

I.S. – Isso!

A.T. – Coloco nesse grupo que a gente tem que está a Silvinha, a Anilda, a Marta.

I.S. – Legal! Quem sabe um dia a gente faz um encontro assim, não sei se para gravar, mas para conversar sobre a escola.

A.T. – Nossa, seria legal... Vamos fazer? A gente pode fazer aqui, cabe um monte de gente.

I.S. – Sem essa preocupação da gravação, mas conversar “como é que era na sua época”. Porque assim, a gente tem experiências em comum, a gente estudou no mesmo Colégio, tem o individual, tem o coletivo, mas para cada um foi uma experiência diferenciada.

A. T. – Claro!

I. S. - Então cada um tem, sentiu e viu de uma maneira diferente. E aí juntar todo mundo para conversar sobre isso. Muito legal! Se você quiser?! Uma roda, vamos?

A.T. – Claro. Convidar mulheres, homens. Veja o que você quer. Eu posso chamar o pessoal desse grupo, daí tem a Fabiana (Fabiana Lois), a Patrícia Rezende, dá para chamá-las.

I.S. – Cada um traz uma Coca-Cola, um salgadinho, nada muito complicado para conversarmos e relembarmos isso. Eu acho que o Irineu... Tem várias pessoas que viriam.

A.T. – Tem o Rogério Neves.

I.S. - O Rogério viria com certeza, não é? Às vezes eu encontro a Regininha (Regina Fanelli), esse pessoal “curte” não é? A gente pode fazer pequenos encontros em vez de muita gente, no máximo dez pessoas para a gente conseguir conversar porque senão eu acho que fica muito disperso, depois faz outro, de repente retomar isso, e quem sabe a gente incrementar essa Associação de Ex-Alunos? Pois assim, o que eu sinto é que essa que está agora, ninguém quer participar, fica complicado.

A. T. – Eu até participaria porque eu estou lá, e eu estava até querendo começar a participar da APM (Associação de Pais e Mestres) do Notre Dame.

I.S. – Bom, eu vou encerrar, agradecer a entrevista, adorei!

A.T. – Eu adorei também!

I.S. – É legal a gente se rever! Quando eu fui à casa da Alice eu também fiquei emocionada. Nossa, é muito bacana porque para mim é trabalho, mas é a minha vida também, não é? Então vou encerrar: eu agradeço por você me receber na sua casa e da próxima vez eu vou tirar uma foto dele (o cãozinho da Ângela acompanhou a entrevista).

A. T. – Tira uma foto do “Fofó”, que ele participou, não é?

I. S. – Obrigada!

**FIM DA ENTREVISTA**



## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                                |                   |
|--------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| Nome: <b>Carolina Gorsin da Cunha Amaral</b>                                   |                   |
| Data de nascimento: 04 de novembro de 1985                                     |                   |
| Local de nascimento: Campinas, São Paulo.                                      |                   |
| Endereço: Rua Dona Presciliana Soares nº 135 ap. 101                           |                   |
| Bairro: Cambuí                                                                 | CEP: 13025-080    |
| Cidade: Campinas                                                               | Estado: São Paulo |
| Celular: (19) 99149 5757                                                       |                   |
| E-mail: ccunha@notredamecampinas.net                                           |                   |
| Documento de Identidade: 43.761.732-4                                          |                   |
| Ano de entrada no Colégio: 1990                                                |                   |
| Ano de saída do Colégio: 2003                                                  |                   |
| Profissão atual: Jornalista. Coordenadora de Comunicação do Colégio Notre Dame |                   |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Entrevistador: Isabela Cristina Salgado                    |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Campinas, São Paulo / Colégio Notre Dame            |
| Data: 14 de março 2017                                     |
| Duração: 87'48"                                            |
| Páginas: 38p.                                              |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais e profissionais; início dos estudos na Escola Infantil “Pimpolho”; início dos estudos no Jardim de Infância no Colégio Notre Dame em 1990, aos quatro anos de idade; sobre os pais que também estudaram e se conheceram no Colégio Notre Dame, os tios e tias, ex-alunos do Colégio; o destaque do Colégio na cidade de Campinas; sobre a empresa Lix da Cunha (de Construção Civil), do bisavô de Carolina, que construiu o Colégio Notre Dame; sobre a irmã, ex-aluna do Colégio, Marina Cunha Martins; a memória da escola: sobre os registros fotográficos e audiovisuais realizados por sua mãe; sobre a residência no bairro Gramado, a profissão dos pais e o transporte para o Colégio; sobre os uniformes no curso primário, a partir da 5ª Série e no Colegial; o uso da calça *jeans* no curso Colegial (Ensino

Médio); a lembrança das professoras: Alexandra (Jardim de Infância), Maria Eugênia (Pré I), “Tia” Cris (Pré II), Ana Maria (1ª série), Ana Lúcia Umbuzeiro (3ª Série), Vera Helena (4ª Série); sobre o contato com a “Tia” Cris até os dias atuais e as redes sociais; sobre o acidente de bicicleta com cinco anos de idade e o apoio dos professores; sobre a personalidade e características próprias dos professores; sobre a preparação dos professores nos dias atuais e a cobrança da escola; sobre o professor de matemática, João Baptista da Silva Carvalho; sobre o Professor Tarcísio, de Geografia e a Professora Cássia, de História; o interesse pela área de Humanas e pela carreira de jornalista; sobre o Ensino Médio, que não era dividido por áreas; sobre o período de estudo na escola e os amigos de longa data; sobre as amizades, as festas de confraternização e as redes sociais; sobre pais que eram professores do Notre Dame e filhos bolsistas; sobre as aulas de artes, música e futebol para meninas; aulas de inglês com *brother* Paul Schaefer (4ª série) e as aulas de artes com irmão Roberto Weinmann; o início das aulas de informática nos anos noventa; sobre os laboratórios de ciências, frequentados no curso primário; sobre as aulas de música (flauta) com a Professora Daisy e de Teatro (Professores Edgard e Christian); sobre o planejamento das aulas e dos professores: as transformações pedagógicas; sobre a paixão pelas aulas de Educação física e o handebol; sobre o carinho pelos professores de Educação física “Preta” (Maria Cristina Figueiredo) e Marcos Perin (Coordenador da Escola de Esportes); os campeonatos “Intercolegiais” na década de noventa: torneios esportivos entre os alunos do Colégio Notre Dame e outras escolas de Campinas; sobre as “Olimpíadas Esportivas”; a “Semana do Padre Moreau” que teve início no ano 2000: jogos esportivos, gincanas intelectuais, teatro e competição; o formato atual da “Semana Padre Moreau” que termina na Festa da Primavera (reativada em 2013); sobre as diversas festas de confraternização do Colégio e o envolvimento das famílias (piquenique); sobre o encerramento das atividades da Associação de Pais e Mestres (APM) no ano de 2017: a mudança nos ideais da APM e o Núcleo de Voluntariado (Comitê de Pais e Funcionários); sobre a morte do Prefeito Antônio da Costa Santos e sobre o atentado de 11 de Setembro (Torres Gêmeas); sobre o trabalho no jornal Correio Popular como repórter e a graduação em Jornalismo na Puccamp; sobre o estágio na EPTV (Emissoras Pioneiras de TV) em 2006; sobre o início do Departamento de Comunicação no Colégio em 2010 e o trabalho como jornalista na escola a partir de 2012; a formação dos alunos e os valores transmitidos pelo Colégio; sobre a “superproteção” das crianças na atualidade e a experiência com os pais do Colégio: a inversão de papéis; sobre aulas de inglês fora do Colégio (Centro Cultural Brasil-Estados Unidos); sobre o curso *Middle School* (7º ao 9º ano) e *High School* (Ensino Médio); as aulas diárias de inglês e as diversas modalidades de esporte: aumento da oferta e facilidade para os pais; o bom desempenho do Colégio e de seus alunos no Vestibular; sobrecarga de estudos e comparação com a época em que Carolina foi aluna do Colégio; os entraves das políticas públicas e o prejuízo para as escolas particulares; sobre o sistema de cotas e o Vestibular; sobre a Reforma do Ensino Médio do Presidente Michel Temer; sobre o Diretor do Colégio, Lorenço Jungklaus; sobre o Plano de Ação e o Plano de Metas do Colégio; sobre as aulas de espanhol e desenho; sobre os documentos e materiais preservados (filmes, fotografias, fichários e uniformes); sobre a disciplina, rigor e o controle dos alunos; sobre a geração atual, a permissividade dos pais, o respeito pelos pais e professores; sobre o avô norte-americano, Joseph Louis Gorsin, que foi Vice-Presidente da empresa Equipamentos Clark e do Centro Cultural Americano; sobre civilidade no Colégio; a vivência de Carolina como aluna e como profissional do Colégio Notre Dame.

## **Início da entrevista**

I.S. – Campinas, 14 de março de 2017. Entrevista com Carolina Gorsin da Cunha, ex-aluna do Colégio Notre Dame de Campinas, e hoje Coordenadora do setor de Comunicação e Relacionamento do Colégio. Esta entrevista faz parte do Projeto de Doutorado “A História do Colégio Notre Dame de Campinas e a Memória Institucional como Processo Socioeducativo: A Organização do Arquivo e a Constituição do Centro de Memória”, que está em desenvolvimento no Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Bom dia, Carol, tudo bem?

C.G.C. – Bom dia, tudo bom.

I.S. – Vamos começar nossa entrevista com a ex-aluna e atual coordenadora de Comunicação do Colégio. Então eu queria que você começasse falando seu nome completo, a data de nascimento, onde você nasceu, onde você vive hoje e sua principal ocupação, atualmente.

C.G.C. – O meu nome é Carolina Gorsin da Cunha Amaral, o Amaral é meu nome de casada, que eu adotei. Eu nasci aqui em Campinas mesmo, no dia 04 de Novembro de 1985, e hoje eu continuo morando aqui em Campinas, moro no Cambuí atualmente. Eu sou formada em Jornalismo pela Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), então sou jornalista, e atualmente, esse ano já vai fazer cinco anos que eu trabalho aqui no Notre Dame como Coordenadora de Comunicação e Relacionamento dentro do Colégio. Então eu cuido de toda parte de comunicação interna da escola.

I. S. – Que legal. Conta um pouquinho para mim. Quando você começou a estudar, sua vida de estudante começou aqui no Notre Dame ou você passou por alguma outra escola? Queria que você me contasse um pouquinho essa trajetória.

C.G.C. – Eu estudei em uma escolinha infantil, no Pimpolho, que é uma escolinha aqui de Campinas, que tem até hoje.

I. S. – Onde fica?

C.G.C. – Ela fica lá no Cambuí, não sei direito a rua, acho que é Barreto Leme, mas não tenho certeza. Mas é fácil de achar, ela está lá desde sempre, no mesmo lugar, não mudou nunca. E eu vim para o Notre Dame quando tinha a primeira turma do Notre Dame. Porque antigamente não tinha (explica) hoje o Notre Dame oferece Educação Infantil a partir dos dois anos, e antigamente não (não tinha). A gente começava no Jardim de Infância (que eles chamavam) com quatro anos. Então eu entrei no Colégio Notre Dame com quatro anos, no Jardim de Infância, e a Educação Infantil era constituída por três etapas: era o Jardim de Infância, o Pré I e o Pré II (Primário), que seriam as fases antes do Fundamental I, de hoje. As nomenclaturas mudaram muito, daí na época fui para a 1º série, hoje já é 1º ano. Então têm algumas mudanças nesse sentido, mas eu entrei no Colégio na primeira turma que eles ofereciam dentro da escola, que era o Jardim de Infância, em 1990.

I. S. – Vocês são daqui de Campinas. Por que seus pais optaram por você estudar no Notre Dame? Você sabe? Foi indicação?

C.G.C. – É, na verdade a minha história com o Notre Dame vem dos meus pais. Os meus pais estudaram aqui no Notre Dame, eles se conheceram aqui no Notre Dame, inclusive. Então assim, a minha mãe chegou a estudar em outras escolas aqui de Campinas no Imaculada (Instituto Educacional Imaculada), acho que ela estudou 1 ano no Pio XII (Colégio de Aplicação Pio XX). Ela “deu umas mudadas”, meu avô era americano, então ela tinha aí... Não sei por que motivos exatos, mas ela fez o Ensino Médio, o Colegial aqui no Notre Dame. O meu pai, não. Meu pai estudou a vida toda aqui, minhas tias também estudaram a vida toda, então assim, *é muito da minha família estudar no Notre Dame.*

I. S. – Sim, olha que interessante.

C.G.C. – Sempre foi um Colégio tradicional de Campinas, então não tinha tantas variações de colégios, colégios bons, referência. E o Notre Dame, por ter esse vínculo familiar e também por ser considerada uma das melhores escolas de Campinas, eles me optaram por me colocar aqui.

I. S. – Sim. Depois então, se você puder me indicar o nome do seu pai, da sua tia, para gente poder entrevistar, acho que vai ser muito interessante acompanhar a trajetória familiar dentro do Colégio.

C.G.C. – Se Deus quiser, minha filha em breve. Vamos ter grandes gerações.

I. S. – O que seu pai fazia na época?

C.G.C. – Meu pai é empresário.

I. S. – Qual é o ramo?

C.G.C. – Ele trabalhava na época na Construção Civil, que é a Lix da Cunha, que é inclusive a empresa que boa parte construiu a escola. A gente anda aí pelos prédios, você vê plaquinhas escritas. Então a empresa da minha família tem esse vínculo também com o Colégio, nesse sentido.

I. S. – Nesse sentido, ajudou a construir.

C.G.C. – Exatamente, de construir. Mas depois meu pai passou para área de aviação, ele teve por muito tempo uma empresa de taxi aéreo, de helicóptero, e retornou nos últimos tempos também para a Lix da Cunha, que é empresa da família, depois que meu avô faleceu. Então hoje ele retomou a empresa, que hoje já passa por outros processos, tem outros donos, enfim. Já não é mais como era antes na época do meu bisavô, que foi quem construiu.

I. S. – E quando você entrou no Notre Dame, você tinha quatro anos, e você tem uma irmã. Ela também veio estudar aqui?

C.G.C. – Também veio estudar aqui e fez o mesmo processo que eu: estudou no Pimpolho até onde dava e quando deu, ela veio para o Notre Dame também.

I. S. – Como é o nome da sua irmã?

C.G.C. – Marina.

I. S. – Marina Cunha, também. Claro (risos).

C.G.C. – Agora ela tem sobrenome de casada, que é Martins.

I. S. – Essa escolinha que você falou da pré-escola, o que você se lembra desta escola antes do Notre Dame?

C.G.C. – Eu lembro pouco, mas muitas das minhas memórias, inclusive de quando eu era pequena aqui no Notre, vêm a partir de fotos e vídeos. A minha mãe tinha o costume de filmar e fotografar tudo o que você pode imaginar então tudo é registrado.

I. S. – Isso é muito bom.

C.G.C. – É muito bom, exatamente. Então assim, as minhas memórias se confundem do que eu realmente lembro e do que eu vi a minha vida inteira em foto, em vídeo, em até coisas que minha mãe contava. E eu tenho muitos amigos que na época que eu vim do Pimpolho para o Notre Dame, que também vieram. Era meio que tradição, você saía do Pimpolho e vinha para o Notre Dame. Então eu pego fotos do Pimpolho de vários amigos meus, que inclusive eu tenho amizade até hoje, que estudaram comigo no Pimpolho e depois vieram para o Notre Dame. Então a gente tem uma turma que veio Pimpolho-Notre Dame. E da minha irmã, a mesma coisa. Que as mães acabavam até sendo amigas, enfim. E é engraçado que entre eu e minha irmã, a gente tem muitas amigas que têm a mais velha que é da minha idade, e a mais nova que é da idade da minha irmã, da mesma turma. Então era todo mundo ia de “bolo” junto.

I. S. – Que legal! Vocês têm quantos de diferença, você e sua irmã?

C.G.C. – Dois anos e catorze dias.

I. S. – Não é muito... Você morava no Cambuí, como você ia para a escola?

C.G.C. – Não, na verdade eu moro hoje no Cambuí, depois que eu casei. Meus pais moram no Gramado. Sempre moraram, inclusive “começaram” o Gramado. Quando eles foram para lá não tinha nada! Eu morei 26 anos na casa dos meus pais, só saí para casar. Na verdade a gente morou um tempo nas Paineiras, mas eu era bem pequena, eu não lembro, tinha 1 ano, 2. E aí depois já fomos para o condomínio que meus pais moram hoje, que foi quando minha irmã nasceu já morou direto lá, a gente tem dois anos de diferença. E é um condomínio familiar, então assim, inclusive meus primos também estudaram no Notre Dame, então ia todo mundo junto para o Colégio.

I. S. – Quem trazia vocês? Os pais que traziam? Como era essa rotina?

C.G.C. – Desde que eu sou pequena a gente sempre teve motorista. Então a minha lembrança mais fixa é vir de motorista. Raras às vezes a minha mãe trouxe. Em alguns momentos pontuais (ela trazia) porque minha mãe tinha comércio, então a agenda dela acabava sendo um pouco atribulada nesse sentido de horário, então a minha mãe também trabalhava. Hoje ela já não trabalha mais, mas ela trabalhou por muito tempo com loja de sapato, depois teve loja de CD no shopping. Então ela também trabalhava como o meu pai, então a gente tinha um motorista. Então até eu concluir o Ensino Médio eu ainda vinha de motorista para o Colégio.

I. S. – Entendi. E quando você entrou aqui com quatro anos, o que você se lembra dos uniformes? Qual era o seu uniforme, você se lembra?

C.G.C. – Lembro. Lembro também por fotos. O uniforme era a bermuda azul, que hoje eles ainda usam, mas era outro *design*, mas o tecido bem parecido, e a camiseta amarela. Só que o logo (logotipo) era aquele grande, aquela bola grande escrita “ND” dentro. Era esse uniforme, isso no Primário, que era até a 4ª série na época. Depois quando mudou para o Colegial, que a gente chamava na época, para a 5ª série, aí era a camiseta polo branca, no início e a calça de sarja bege, ou shorts ou calça. E aí um pouco mais para frente, quando eu fui chegando para o 1º Colegial, 2º Colegial, a gente começou a usar sempre a calça de sarja, e aí já tinha camiseta, não precisava mais ser a polo. A camiseta polo ficava muito calor, era bem grosso o tecido. E aí você tinha a opção de usar a camiseta azul ou a camiseta branca com o logo (logotipo) do Colégio, que daí por um tempo foi o escudo apenas, e depois mudou para o “ND”, um dentro do outro. E aí no Colegial já não precisava usar calça de sarja nem o shorts, já podia vir de calça jeans, tal.

I. S. – Já era liberado.

C.G.C. – Já era liberado como é hoje.

I. S. – Hoje também?

C.G.C. – Hoje também, só que têm algumas restrições.

I. S. – Hoje pode vir de jeans?

C.G.C. – Pode. No Colegial, no Ensino Médio. Mas têm algumas restrições. Não pode ser cor muito vibrante. Na época a gente vinha de shorts rosa choque, aí não tinha nenhum problema, agora já não pode mais, porque o pessoal começa a abusar, não é? Aí tem que cortar.

I. S. – Sim.

C.G.C. – Mas hoje continua podendo no Ensino Médio.

I. S. – E o que você se lembra das suas professoras logo que você entrou aqui? Quais as lembranças que você tem e os que foram mais marcantes, alguma coisa que você se lembra...

C.G.C. – Eu me lembro de todas as professoras que eu tive. Se você me perguntar por ano eu me lembro de todas. Quer que eu fale?

I. S. – Pode falar. Fique à vontade.

C.G.C. – Eu entrei aqui, minha mãe disse que ficou com dó de me colocar de manhã porque eu era muito pequena, eu sempre gostei de dormir.

I. S. – Você estudava de manhã?

C.G.C. – Não. Quando eu entrei no Jardim com quatro anos eu entrei à tarde. Eu mudei para a manhã no Pré I. Então estudei um ano à tarde. Porque minha mãe disse que ficou com dó. Aí quando minha irmã entrou já a colocou de manhã, porque eu já estava na manhã. Eu sempre fui mais soneca que a minha irmã, então minha mãe falou que ficava com dó de me acordar. Então eu tive uma professora que se chamava Alexandra, ou Alessandra, agora não vou (lembrar)... E a gente tinha aula, inclusive na época da minha irmã, o Jardim de Infância era hoje onde é a Mantenedora (da escola), que há um tempo era a casa dos irmãos. Nossa turma era lá, então tinha que subir aquela “escadona”, e era lá em cima o Jardim. Depois você descia onde hoje é o Junior (Notre Dame Junior), era o Pré (Pré Primário). Aí no Pré I minha professora se chamava Maria Eugênia. No Pré II, a “Tia” Cris, que das (professoras) da infância é a melhor para mim, ela e mais outra, e eu tenho contato com ela até hoje.

I. S. – Por que ela era a melhor?

C.G.C. – Ah, não sei. Acho que inclusive por a gente ter mantido esse contato, talvez.

I. S. – Amigável.

C.G.C. – É, exatamente, então a gente se vê ainda. Vê pouco, mas já encontrei com ela algumas vezes, “a gente se tem no *Facebook*”, ela sempre deixa mensagens carinhosas, lembra, e a gente não consegue deixar de chamá-la de “Tia Cris”, porque na época todo mundo chamava professor de “Tia”.

I. S. – Com muito carinho.

C.G.C. – Eu ainda sou dessa época que chamava professor de “Tia”, que você tinha que trabalhar para não chamar mais de “Tia”, depois de um tempo. E ela é muito querida, inclusive tenho amigos da época que também foram alunos dela e que todo mundo tem esse carinho especial. Eu lembro que no Pré II, que era a turma dela, eu quebrei a perna, e eu lembro que ela foi “super” solícita.

I. S. – Você tinha quantos anos?

C.G.C. – Tinha cinco anos. Cinco para seis (anos). Não sei a época, eu sei que eu quebrei (a perna) no Dia dos Pais, então agosto. Ainda não tinha seis anos, ia fazer seis anos.

I. S. – E você caiu?

C.G.C. – Eu caí andando de bicicleta no meu condomínio e quebrei a perna para cima do joelho, eu engessei. Foi uma fatura bem grave, só que eu tinha cinco anos! E assim, eu lembro que na época eu fui muito boazinha, porque a entrada de ônibus era lá atrás, próximo ali ao Pré mesmo, e aí ela me levava até a saída e minha mãe podia me pegar lá, não precisava andar até a portaria lá na frente onde era saída do Primário, eu saía pela saída de ônibus. Se eu precisava ir à biblioteca, me carregavam. Se eu precisava ir à cantina me carregavam, porque na época a gente chamava de bar. A “galera” achava bem esquisito, quando a gente cresceu, falavam “bar é lugar que vende bebida”, falavam: “Não, na escola sempre foi bar”. E foi. Então ela levava... Eu lembro bastante dessa etapa quando eu quebrei a perna e tudo mais. Mas aí tive outras professoras. Aí na 1ª série eu tive uma professora que se chamava Ana Maria, lembro pouco dela, ela não foi muito impactante. Já na 2ª série tive uma professora que chamava Maria Ângela... Mas ela também, eu tenho contato até hoje. Agora esqueci o nome, olha que vergonha!

I. S. – Depois você se lembra.

C.G.C. – Mas vejo sempre, é até engraçado. Então é muito legal.

I. S. – Você manteve o contato com as pessoas?

C.G.C. – Mantive. Aí na 3ª série eu tive uma professora que inclusive depois foi vir a ser minha Orientadora Pedagógica no Ensino Médio, a Ana Lúcia Umbuzeiro, que trabalhou bastante tempo aqui na escola e depois chegou a ser minha psicóloga fora daqui, eu tenho contato até hoje, eu fui ao casamento dela, conheço o filho dela, lembro que na época a gente ia ao cinema, ela levava os alunos. Ela foi ao meu casamento. Então assim, uma professora “super” marcante. E inclusive essas professoras da época são muito amigas até hoje. Então se eu encontro uma, eu encontro todas! Então a “Tia” Cris com a Ana Lúcia, a Daniela, que era outra professora também da 3ª série, é comadre dela, as filhas dela estudam aqui. Então assim, “é tudo um bolo só”, acho que elas ficaram amigas e levaram para a vida. Então é engraçado que a gente sempre acaba vendo.

I. S. – Claro.

C.G.C. – Na 4ª série eu tive outra professora que foi muito especial, se chamava Maria Helena, que trabalhou também bastante tempo aqui na escola, e ela foi incrível também na 4ª série. Eu adorava, tenho-a também no *Facebook* hoje. O *Facebook*, as redes sociais ajudam a gente a encontrar, muito.

I. S. – Ajudam demais.

C.G.C. – Mas eu também não tenho tanta interação com ela quanto eu tenho com a “Tia” Cris, mas está lá, ela se lembra de mim, tudo mais, então é bem bacana. Então essas foram minhas professoras do Primário, eu me lembro de todas. Aí quando muda para a 5ª série tem vários professores, você não se lembra de todos. Mas vamos continuar com professores?



I. S. – Sim, queria saber... Bom, a relação com os professores você já falou bastante e pelo visto foi bem gratificante para você.

C.G.C. – É, foi. E aí quando a gente chega ao Colegial, hoje no Fundamental II, têm os professores que são polivalentes, que são de disciplinas gerais. Eu tive bons professores que eu lembro bastante. Eu sempre fui da área de Humanas, então professores de Exatas não eram os meus preferidos, mas eu tive aula com o João Baptista (João Baptista da Silva Carvalho), que era um excelente professor, e cada professor tinha sua característica. Então era muito legal, era muito diferente de hoje, não sei, seguem uma linha. Eu acho que hoje eles têm um formato a se seguir, eu não sei antigamente se eles tinham esse tipo de instrução da própria escola que hoje eu vejo (sendo) trabalhado aqui. Então cada professor tinha sua característica muito pontual, que hoje já não acontece.

I. S. – Você acha que hoje não acontece?

C.G.C. – Eu acho que hoje os professores são mais preparados. A escola cobra mais do professor nesse sentido, eu tenho essa impressão. Porque hoje tem a preocupação muito grande com o Vestibular, têm as matérias específicas do Vestibular, os assuntos específicos, e antigamente eu tenho impressão que era um pouco mais solto. Então por exemplo, a gente tinha o João Baptista, que era um professor que trabalhou 40 anos na escola, então assim, ele deve ter seguido a carreira dele, mas não teve nenhuma mudança drástica no que ele se propunha a ensinar.

I. S. – O método dele.

C.G.C. – Então você pensa, em 40 anos... É muita diferença nesse espaço de tempo. Então eu acho que continuou igual, ele tinha “pontinho” na lousa, que na época do meu pai já tinha. E hoje se você fizer isso talvez o pai reclame que a criança está sofrendo *bullying*, de ir à lousa, se expor, ganhar mais ponto, menos ponto.

I. S. – Ele comentou um pouco isso (na entrevista), que o método dele foi muito bom, mas que tinham pessoas que se incomodavam porque achavam que estava discriminando (os alunos).

C.G.C. – Com certeza, ao longo dos anos... No começo isso era normal, todo mundo já sabia disso e não tinha o que questionar. Eu acho que hoje os pais são muito questionadores, para o bem e para o mal, a coisa boa e a coisa ruim. Antigamente não tinha. A gente teve, por exemplo, o Tarcísio, um professor de Geografia, eu acredito que ele já esteja aposentado. Era um professor de um conhecimento extraordinário, mas se fosse para cair no Vestibular talvez não servisse tanto, porque ele contava muita coisa particular, ele foi uma pessoa que sofreu de abuso na Ditadura, de tortura, então ele mostrava essa experiência. E para quem você pergunta de alunos, fala que ele era um dos melhores professores, porque ninguém esquece tudo o que ele contou. Então talvez todo mundo saiba de Ditadura (porque) foi o professor de Geografia que ensinou, não o (professor) de História.

I. S. – Sim, entendi.

C.G.C. – Sabe... Então mexia muito nesse sentido, a gente tinha adoração por ele, porque tudo que ele punha (ensinava) era muito (pessoal) dele, assim, não era uma coisa que mandavam.

I. S. – A experiência pessoal dele. Não era o que estava no livro.

C.G.C. – Hoje talvez não valha mais fazer isso, não tenha como. Porque é diferente a cobrança, a metodologia, tudo.

I. S. – Preocupa mais o resultado.

C.G.C. – É. Hoje talvez não coubesse. Se você perguntar para qualquer aluno dele, acho que não tem nenhum que vai falar “não aprendi Geografia”, porque ele também ensinava Geografia, mas ele dedicava uma boa parte do tempo para essas experiências, e o Colégio era ciente disso, obviamente. Então também um professor muito especial, sabe? A Cássia é uma professora também... Eu gostava muito de História, então eu tive a Cássia, que inclusive ainda dá aula hoje de História no Colégio, que é uma excelente professora, muito querida, muito boa professora, aquela que faz você querer estudar. E eu sempre gostei da área de Humanas, então para mim era mais fácil.

I. S. – Sempre gostou? Quando começou? Essa opção, a gente tinha que optar no Colegial, não é?

C.G.C. – Na verdade na minha época não tinha mais que optar, você fazia tudo.

I. S. – Na minha teve.

C.G.C. – Teve? Não, na nossa você fazia tudo, mas eu era muito melhor em Humanas, e você acaba gostando mais do que você é melhor, do que você tem dom, talento, enfim.

I. S. – Mas a sua opção de querer ser jornalista, essa vontade surgiu quando?

C.G.C. – Eu me lembro de falar que eu queria ser jornalista na 8ª série. Porque eu tenho o vídeo da minha festa de 15 anos, na verdade eu debutei na Hípica (Sociedade Hípica de Campinas), e lá fala “Carolina gosta de jogar tênis, gosta do filme tal, sonha em ser jornalista”. Então eu tenho esse vídeo e eu sei que daquela data (em diante) eu já queria ser jornalista, na 8ª série. Eu tinha 15 anos, então eu já tinha essa “queda”. E eu tinha certeza que eu queria fazer uma coisa que eu não precisasse fazer uma conta.

I. S. – Não gostava de matemática.

C.G.C. – Eu abominava matemática. Odiava!

I. S. – E aí como era a relação com os professores de matemática?

C.G.C. – Eram boas. Eu não era a mais querida, porque eu não era a melhor aluna. Eu era sempre aluna da média. Então assim, eu não era boa mesmo, eu estudava, mas mesmo estudando não conseguia. E eu estudava com amigos meus que eram inteligentíssimos e tiravam 10, aí estudava todo mundo junto. Os amigos tiravam 10 e eu tirava 5. Eu falava “tá bom, eu passei”.

I. S. – Você tinha mais afinidade com Humanas.

C.G.C. – É eu sempre fui... Física, também. Tudo que envolvia conta, eu não era “a pessoa”. Mas o que envolvia linguística, aí já era comigo. História, “coisa de decorar”, para mim era muito fácil.

I. S. – Então no Colegial não tinha a opção por Humanas.

C.G.C. – Não, fazia tudo. Ia ser ótimo se tivesse!

I. S. – 1º, 2º e 3º?

C.G.C. – Tudo.

I. S. – Porque na minha época o último ano era de Humanas.

C.G.C. – Não. E ainda tinha matemática I e II. Duas matemáticas.

I. S. – Quem era professor de matemática no Colegial?

C.G.C. – Nossa, eu tive... De matemática que eu lembro o nome é o João, era um professor novinho, muito bom. Ele tem um sobrenome esquisito, depois eu posso te passar. É um sobrenome do tipo alemão, assim, eu não sei pronunciar o sobrenome.

I. S. – Que ano você se formou no Colegial?

C.G.C. – Eu me formei em 2003. O Colegial você diz Ensino Médio, quando saí da escola?

I. S. – É.

C.G.C. – 2003.

I. S. – Entendi. E esse relacionamento que você tinha com os professores, que você manteve pelo que você me contou aqui, com os alunos também? Você tem a turma que era do Colégio ou hoje já está mais distante?

C.G.C. – Não. A gente inclusive também era uma turma muito unida, porque especificamente essa turma que eu me formei em 2003 era uma turma que a vida inteira estudou junta no Colégio. Então a maioria dos alunos, a gente tinha lá 60 e poucos formandos, 57 tinham estudado 13 ou 14 anos. Tinham entrado em 91 ou 90.

I. S. – Bastante tempo, não é?

C.G.C. – Bastante tempo. Então assim, ou fez do Pré I para frente, ou fez do Jardim de Infância para frente. Então ou 1990 ou 1991, a pessoa entrou. Então tinha muita gente que estudou a vida inteira junta. Às vezes você não era nem tão amigo, mas estava ali, conhecia, estavam todo dia vivendo junto, lógico que você tem as suas proximidades. E hoje nós temos grupos, a gente fez uma festa, inclusive foi aqui no Colégio, um churrasco, na verdade, de 10 anos de formados, que foi em 2013. Foi um ano depois que eu entrei aqui no Colégio (para trabalhar), que eu entrei aqui em 2012, e a gente fez uma festa com coisas da época.

Uma época a gente vendia pão de mel para a formatura, a gente conseguiu a mesma fornecedora. Então uma turma bem unida, que se fala bastante, com seus grupos, lógico, mas todo mundo sabe “meio que” da vida de todo mundo. E hoje com as redes sociais é muito fácil você saber. Então assim é muito legal, (você vê assim), alunos que eram da “pá virada” no Colégio hoje são profissionais brilhantes. É muito legal você ver esse crescimento. E fotos, você pega foto de quando você tinha cinco anos com a pessoa, e de repente você está no casamento dela, então é muito legal. A gente tem uma turma bem grande, bem boa, assim.

I. S. – Que interessante.

C.G.C. – Muita história para contar, muita bagunça.

I. S. – Depois você vai me indicar essas pessoas também, já que é uma turma tão coesa, para a gente fazer uma entrevista.

C.G.C. – Uma coisa que eu ia te falar também, que foi bem legal. Durante o processo da escola a gente teve alguns pais de colegas que eram professores, então tinha muito. Tive aula de inglês com a professora de uma amiga, tive aula de física com um professor também que o pai estudava. Então tive vários professores que também tinham esse vínculo com os alunos.

I. S. – Já que você tocou nesse assunto, que eu acho que é um assunto que eu não perguntei para ninguém. Como era quando um pai dava aula aqui, o aluno pagava integral, tem um desconto ou ele não paga o Colégio?

C.G.C. – Você diz hoje?

I. S. – Desde sempre.

C.G.C. – Eu acho que desde sempre o aluno é bolsista. Eu acho que é uma política da escola mesmo, no sentido de valorizar o professor oferecendo a bolsa para o filho. Chegou a ter uns dez professores pais, desde artes, daí em artes tinha a “Tia” de uma (aluna), o inglês que eu te falei, aí tinha de física, biologia... Então tinha bastante, assim. Era bem bacana.

I. S. – Bem entrosado.

C.G.C. – É.

I. S. – E o que você se lembra, a gente chama de equipamentos, em sala de aula? Na minha época a gente tinha laboratório. A gente usava um pouco, mas não tanto quanto a gente gostaria de usar. Eu acho que mudou da minha geração para a sua os equipamentos que vocês tinham disponíveis. Na minha época a educação física tinha todo o atletismo, o campo, tudo que a gente tinha para fazer esporte. Era considerado um dos melhores, por ser o Colégio mais equipado de Campinas. Então do que você se lembra desses instrumentos, mesmo na parte de desenho, de pintura? Alguma coisa que você realmente gostava de fazer. Tinha aula de pintura extra na sua época? Essa parte do Cecand.

C.G.C. – Essas aulas tinham eu acho que só futebol que era extra, mas você tinha tudo isso dentro da aula de educação física, no curricular, e dentro da aula de música e artes do curricular também. Então até eu sair do Ensino Médio eu tinha artes e música. Eu tive aula com dois irmãos na escola, com o irmão Paulo (Paulo Schaefer), que a gente já chamava de *brother* Paul. Eu o conheço como *brother* Paul. Eu nunca chamei de irmão Paulo, porque ele era professor de inglês. Eu lembro na 4ª série, ele era meu professor de inglês. E depois vim a ter aula com o irmão Roberto, de artes. Foram os dois irmãos que eu peguei em aula. Quem é mais antigo, meus pais, tiveram aula com outros irmãos. Eu não lembro nem, por exemplo, do irmão Pedro (Pedro Nicolas Maranto), que foi o Diretor.

I. S. – É ele saiu. Acho que um ano depois que você entrou.

C.G.C. – É, e eu não lembro. Eu não sei o rosto dele, só por foto. Mas não sei. Os que me marcaram foram esses dois que deram aula, mesmo.

I. S. – Dos materiais que você tinha...

C.G.C. – E dos materiais o que eu lembro bastante é que a gente pegou o começo da informática. Começo, não. Não sei se a informática fez em 2014 ou 2013, 25 anos de tecnologia educacional no Colégio, então mais ou menos da minha época, nasceu ali.

I. S. – Vocês tinham aula de computação.

C.G.C. – Eu me lembro de ter aula de computação. A gente era do Primário e ia para o laboratório, que hoje é no mesmo lugar.

I. S. – O professor ia junto ou deixava vocês lá?

C.G.C. – Não, acho que o professor ficava.

I. S. – Que tipo de aula vocês tinham?

C.G.C. – Eu me lembro de ter aula de logo, que é uma “tartaruginha”, você fazia uns negocinhos andando. Eram umas coisas bem básicas, porque não tinha programação. A gente chegou a ter aula quando nem era muito difundida a internet, depois veio essa (internet) discada,

que fazia aquela conexão, fazia aquele barulhinho, enfim, a gente é dessa época, pegou essa mudança. Então eu me lembro do logo, eu me lembro dessa “tartaruginha”, e a gente fazia alguns exercícios, umas coisas bem básicas. Eu me lembro de ter eleição aqui na escola e a gente vir votar também no laboratório, para Prefeito, sabe, que hoje continua tendo.

I. S. – Entendi.

C.G.C. – Mas a informática obviamente não era tão explorada quanto é hoje, não tem nem o que falar.

I. S. – Laboratório de ciências vocês usavam?

C.G.C. – A gente tinha laboratório de ciências que hoje inclusive é uma sala de aula do *High School*, uma sala pequena. Inclusive quando você era do Primário, você descia para a aula de ciências no laboratório. E a gente era louco para vir nesse laboratório dos mais velhos, quando a gente era pequeno. Depois vim a usar o laboratório de física e química, a gente usou bastante no Ensino Médio.

I. S. – O Cecand que tinha as aulas de música, os alunos optavam por algum instrumento ou não, todo mundo tinha o básico?

C.G.C. – Não, na verdade era assim, a turma era sempre dividida em duas. Uma turma ficava em música no primeiro semestre e a outra em artes, depois mudava. E geralmente era por número. Do nº 1 ao nº 15 música, do nº 16 ao nº 30 artes, e depois mudava. Não tinha escolha.

I. S. – Já tinham vários instrumentos como tem hoje?

C.G.C. – Já. Não como tem hoje. Não tinha violino, você não podia aprender piano, era uma coisa muito mais básica, inclusive de músicas.

I. S. – O que você gostava na aula de música? De flauta?

C.G.C. – Então, é engraçado, porque a gente lembra muito da flauta. Isso é básico, você entrou na escola você sabe que a primeira coisa é tocar flauta. Aquela Yamaha, no pacotinho azul.

I. S. – Já trazia o material.

C.G.C. – A gente tinha uma professora que na época que eu era aluna ela já era de idade. Não sei nem se ela está viva hoje. E a nossa aula de música no Primário era nas salas de cima do Ginásio. Quando descemos para o Colegial, para o Fundamental II e Médio, daí começaram a ser (as aulas) onde são hoje, aqui embaixo no prédio de artes. E a gente tinha teatro também. Agora, o teatro eu não sei te dizer como era a escala, porque eu sei que todo mundo fazia artes ou música e tinha aula de Teatro também, que era com o professor Edgar, depois com o Christian, que eram até professores que às vezes apareciam em comercial na TV, a gente achava engraçado.

I. S. – E de tudo isso que você fez, do que você mais gostava? De artes, de música, educação física? Qual sua aula predileta?

C.G.C. – Artes e educação física. Eu adorava artes, porque artes também é muito diferente do que é hoje. Porque eu, como trabalho aqui, sei como funciona mais ou menos, mas hoje é muito estruturada. A impressão que eu tenho é que antigamente a professora dava o que ela queria, “vamos pintar isso, aquilo, vamos fazer isso...”. Hoje é muito ligado ao pedagógico.

I. S. – Você acha que a professora tinha mais autonomia? Eles chegavam à sala de aula “a sala é minha, vou fazer do meu jeito” e hoje tem que responder muito mais?

C.G.C. – Com certeza. Hoje tem um cuidado muito maior. Ele tem um plano de aula que ele tem que seguir, ele tem um assessor de área que assessora. Ele não pode inventar. Mesmo a prova, eram provas que não “conversavam”. Hoje as provas “se conversam”, mesmo sendo de disciplinas diferentes. Parece uma prova de Vestibular, que é uma coisa só. Elas “se conversam”. Não sei se tem tema. Mas antigamente era muito diferente, cada um fazia sua prova. Eu não sei como era o contato do professor com a Coordenação, mas eu sinto na prática que era diferente. Inclusive quando eu entrei aqui eu não imaginava o quanto um professor trabalha, eu não tinha ideia, e eu fui ver que realmente eles trabalham muito! Eu não tinha ideia como era o planejamento por trás. Tudo que a gente executava dentro de sala ou fora, qualquer coisa que a gente fazia, eu não tinha dimensão da organização, do trabalho, do envolvimento de tanta gente, de tanto setor que tinha por trás, eu não tinha ideia.

I. S. – Até chegar à sala de aula.

C.G.C. – Até chegar à sala de aula, porque não chegava para gente. Não chega para eles (alunos) até hoje. Se você perguntar para qualquer um, eles também não têm ideia.

I. S. – Não têm essa dimensão.

C.G.C. – Então é engraçado isso. Como aluna eu tinha uma visão completamente diferente.

I. S. – Tudo prontinho ali para gente.

C.G.C. – Exatamente.

I. S. – Por isso que é uma profissão que eu acho assim.

C.G.C. – E eu amava educação física. Eu sempre fui boa em educação física, sempre gostei de esportes então para mim era uma aula muito boa. Lembro-me de gravar minha última aula de educação física aqui nessa quadra, que nessa época a gente chamava de quadra azul, depois ela passou a ser quadra seis e agora ela é quadra quatro, que numerou de novo. Mas essa quadra aqui, que eu cheguei a pegar ela descoberta, ela nem era coberta ainda, eu peguei a época que cobriu. E eu me lembro da minha última aula de educação física, uma aula de handebol, eu falava assim “esta é minha última aula de educação física da minha vida”, e começar a jogar. Eu lembro até hoje.

I. S. – Eu adorava handebol. Era uma das coisas que eu mais me dei bem, porque eu tinha muito problema com corrida, por causa do pulmão, não conseguia correr tanto. Então o handebol não é de tanta corrida, é mais de estratégias, de decisão do ataque...

C.G.C. – É... Eu gostava mais dos jogos em equipes. Não gostava muito de atletismo, de correr...

I. S. – Tinha atletismo na sua época?

C.G.C. – Tinha. Tinha salto... A gente tinha aula com a Preta (Maria Cristina Figueiredo), não sei se você chegou a (ter aula com ela)?

I. S. – Sim.

C.G.C. – A gente teve aula com a Preta, e assim, os professores de educação física eu também lembro bastante, tanto quando era pequena quanto depois dos mais velhos. Inclusive o Marquinhos (Marcos Perin), que é hoje o Coordenador da Escola de Esportes, ele foi meu professor aqui. Então assim, eu tenho também muito carinho pelos professores de educação física, que era uma disciplina, vamos dizer assim, que eu gostava muito.

I. S. – Sim. E você jogava bastante, mas chegou a competir pelo Colégio?

C.G.C. – Chegamos. Na época que eu estudei aqui tinha um evento que chamava Intercolegiais, que eram as escolas de Campinas competindo.

I. S. – Não tem mais hoje?

C.G.C. – Não tem. Eles não fazem nada externo hoje de competição. A não ser que seja da Escola de Esportes, que daí são os alunos de futebol que fazem os campeonatos. Mas não tem nada da escola para o externo, e antigamente tinha esse Intercolegiais, com outros colégios, e era muito legal.

I. S. – E o Notre Dame sempre se deu bem... Como é que se chamava?

C.G.C. – Intercolegiais. Que hoje nem é mais Colegial. Hoje é o Ensino Médio. E era muito legal, porque a gente ia a vários lugares.

I. S. – Pio XII, todos os outros colégios.

C.G.C. – Eu tenho a impressão de que tudo fica muito cercado por conta de segurança até. Hoje todo mundo tem medo. Imagina, na época de Intercolegiais o pessoal pegava o ônibus aqui e ia sozinho para o lugar, quem não podia o pai levava.

I. S. – Mas aí era entre os colégios particulares ou entrava tudo?



C.G.C. – Não, particulares. Eu não sei quem organizava isso. Quem pode falar melhor talvez seja o Marquinhos, porque na época ele já estava aqui, enfim. E assim, você se inscrevia na modalidade que você queria jogar e jogava.

I. S. – E circulava pela cidade.

C.G.C. – E aí você conhecia aluno do (Instituto Educacional Imaculada), do Liceu (Liceu Salesiano), do São José (Colégio São José).

I. S. – Que pena que acabou.

C.G.C. – É, e aí tinha essa rixa também, era muito legal.

I. S. – Imagino (risos).

C.G.C. – Então assim, nós com o (Instituto Educacional Imaculada), eu me lembro de musiquinha de cantar até hoje, sabe. Então era muito legal.

I. S. – “Para tirar uma onda”.

C.G.C. – Então assim, era muito legal. E a gente ia assistir aos jogos dos outros que iam jogar também, gente do Colégio que ia jogar então você ia assistir ao jogo... E hoje os alunos não têm tempo para fazer isso, porque eles estudam o dia inteiro...

I. S. – O dia todo.

C.G.C. – Então assim, não tem mais isso. E a gente pegou a época das Olimpíadas. Eu era pequena, mas eu lembro que meu sonho era jogar e ser grande para representar minha cor. Então eu peguei no Pré II e no 1º ano as Olimpíadas aqui no Colégio, eu acho que foi 1993, 1994, ou 1991, 1992. Não lembro. Tiveram dois anos de Olimpíadas, e era um negócio “surreal”, a família se envolvia, era muito legal. A gente formava a bandeira do Brasil no gramado, tinha desfile, paradas, eu tenho foto. Você vê o desfile, eram 100 pessoas por equipe desfilando com cor. Então era muito legal.

I. S. – Era por cores.

C.G.C. – Por cores. Então era muito legal. E aí hoje tem os jogos, a semana do Padre Moreau, que na minha época tinha, mas começou quando eu estava no 1º Colegial, em 2000.

I. S. – A Semana do Padre Moreau antecede a Festa da Primavera?

C.G.C. – É, na verdade a Festa da Primavera ficou inativa por muitos anos, então na época que eu estava começou a Semana do Padre Moreau, e não tinha mais a Festa da Primavera. (A Semana do Padre Moreau) não tinha nada a ver com festa, você vinha, fazia os jogos, durante seu período letivo, não tinha fim de semana, não tinha festa, não tinha nada. Já anunciava o vencedor na mesma semana também por cores (equipes).

I. S. – Era só esporte (A Semana do Padre Moreau)?

C.G.C. – Não, não era só esporte. Começou com gincanas intelectuais, tipo perguntas, um teatrinho, a equipe que montasse o melhor hino (do colégio). Tinham umas coisas assim. Depois foi mudando o formato, até cair no formato que é hoje, que é só esporte (durante a semana) e que termina na Festa da Primavera (no final de semana).

I. S. – Que voltou.

C.G.C. – Que voltou.

I. S. – A Festa da Primavera voltou em 2010, por aí?

C.G.C. – Não. Eu estava aqui na escola quando voltou. Esse ano vai ser o 4º ou 5º ano. Acho que 4º. Voltou em 2013. Eu já estava aqui na escola. Só que assim, a gente quis trazer de volta a festa porque era uma festa sensacional. E hoje, não é que não é (sensacional), mas o envolvimento das famílias é diferente. Então você vinha aqui e encontrava todos os pais dos seus amigos, todo mundo vinha na festa. E antes, eu não lembro se tinha na verdade, porque falam que a Festa da Primavera era para comemorar o aniversário do Colégio, e depois também voltou a ser assim.

Mas tinha a comemoração do aniversário, e no aniversário eu me lembro da gente fazer apresentações para os pais. Então os alunos se preparavam para fazer um show para os pais, uma dança. Minha mãe tem vídeos disso, tipo “35 anos do Notre Dame”, estou eu lá dançando com um cavalinho de madeira. Então tem isso. E aí tinha a Festa das Nações, então minha cabeça fica um pouco confusa, o que era Festa das Nações, o que era aniversário do Colégio, o que era Festa da Primavera, mas eu lembro que era muito legal.

I. S. – Era muito comemorado.

C.G.C. – Eu lembro também uma coisa que tinha no Colégio que era muito legal, que era o piquenique. Os ex-alunos querem trazer isso de volta, mas a realidade é outra hoje, é muito complicado.

I. S. – O envolvimento é outro. Falando nisso, como era a.... Porque a gente sabe da APM, que foi muito forte no Notre Dame, você pegou uma boa parte disso. Os seus pais participavam? Foram atuantes na época que você era criança e depois?

C.G.C. – Na verdade, a primeira coisa. Você sabe que a AM acabou esse ano.

I. S. – Acabou.

C.G.C. – Acabou, foi uma decisão da Mantenedora, do Colégio.

I. S. – E por quê?

C.G.C. – (Porque) a APM começou a ir por caminhos que não eram mais os ideais dela no início. Então, no início ela foi criada por pais, pais ativos do Colégio, que queriam trabalhar, pais que trabalhavam voluntariamente em benefício do Colégio. E aí começou a virar, principalmente a Festa Junina, que é a maior festa, começou a virar algo muito comercial. Então “ela” (APM) se perdeu, digamos assim. Já faz uns dois anos que a Congregação vem amadurecendo essa ideia, e esse ano acabaram tentando trazer o voluntariado de volta. Então a gente está com a proposta que foi feita pela Mantenedora e que a escola aceitou, é fazer um grupo de pais voluntários, que inclusive está sendo encabeçada pelo meu departamento, que é o Departamento de Comunicação. Então eu estou 100% envolvida com isso. A gente tem um núcleo dentro do Colégio de pessoas, cada um na sua área, que vão organizar essas festas, principalmente os cinco principais eventos do Colégio, os maiores, e junto com os pais. A gente já teve uma reunião de apresentação para os pais, para alguns pais que quiseram (participar), foram poucos, infelizmente. E agora na sexta-feira a gente vai ter uma reunião para falar dos projetos, das peças, porque a gente quer mão na massa.

I. S. – Mas aí não seria mais a Associação de Pais e Mestres, seria uma nova associação.

C.G.C. – Um comitê de pais. Na verdade um comitê voluntário, porque são pais e funcionários. A gente quer trazer de volta, resgatar essa ideia de voluntariado, essa ideia de não ser uma festa comercial, sabe? Quem vinha para cá, desde fornecedor, todo mundo queria ganhar dinheiro. Era dinheiro, dinheiro, e foi se perdendo o que (antes) era esta festa: o pai do aluno vinha trabalhar, porque ele trabalhava com pão, ele doava o pão do cachorro quente, o outro doava... E se perdeu isso. E as pessoas que vão entrando não sabem como era. Então isso virou cultural e a gente estava competindo com Festa Junina da Hípica (Sociedade Hípica de Campinas), quem tinha mais fogos, quem tinha isso, e não é a proposta da escola. A gente quer resgatar, só que para resgatar...

I. S. – Fazer alguma coisa pelo Colégio sem esperar um retorno (financeiro).

C.G.C. – Exato. E o que sobrar vai para o Cecoia (Centro Comunitário irmão André), que é nossa obra. Então assim, a gente não precisa cobrar do pai R\$30, R\$50 em um ingresso se tiverem muitos voluntários, porque a gente consegue diminuir o custo da festa. Então esse é o objetivo, fazer com que a festa fique mais barata para nosso pai, para nosso aluno. Que ele venha com a intenção de confraternizar, família. A gente não quer gente de fora, a gente quer nossa comunidade, então a Mantenedora e a Direção entendeu que se continuasse a APM, esse nome era muito marcado por uma coisa que não era mais.

I. S. – Perdeu a característica daquela APM inicial.

C.G.C. – E isso a gente está falando há vinte anos. A APM tem 40, ela vem há vinte anos mais ou menos nessa tomada “meio errada”, vamos dizer assim ou caminhando por um...

I. S. – Os pais se doavam.

C.G.C. – Eu não me lembro da APM quando eu era mais velha, no fim do curso, lá pelos anos 2000, 1999, eu não lembro. Mas eu me lembro de quando eu era mais nova de pais de amigos

em barraca. Eu lembro até hoje a mãe de um amigo meu que trabalhava no Cecoia e era voluntária, ela que fazia o melhor cachorro quente, então a gente ia lá com a “Tia” Lígia para pegar o cachorro quente, porque era o melhor. Era só cachorro quente do Cecoia. Então assim, eu me lembro de pais trabalhando na barraca. O pai de outra amiga trabalhava na barraca do chope que hoje já não tem mais, mas era voluntário. Eu lembro bastante de ver pais. Os meus pais não. Os meus pais não atuavam como voluntários, e também não sei dizer o porquê, nunca perguntei também.

I. S. – Trabalhavam muito.

C.G.C. – É. Meu pai eu não sei se ele vinha em todas as festas. Minha mãe vinha, mas ela ficava filmando. Como eu disse, eu tenho todos os vídeos, então ela filmava, porque eu tenho a festa inteira. E meu pai chegou a fazer uma vez, teve uma Festa da Primavera, que como meu pai tinha empresa de táxi aéreo ele doou. Ele sempre fazia isso com a Santa Rita (Igreja de Santa Rita de Cássia) também. Jogar pétalas de rosas.

I. S. – Que legal!

C.G.C. – Então ele fez uma vez com a empresa dele, eu lembro, eu já era um pouco mais velha, eu me lembro de ele fazer isso, dele fazer todo ano para a Santa Rita e aí fez em uma Festa da Primavera aqui no Colégio.

I. S. – Como doação.

C.G.C. – É, como doação, como trabalho voluntário. Então eu me lembro disso. Mas efetivamente na Festa Junina eu não lembro. Posso até perguntar se eles já fizeram, mas eu acredito que não. Mas é mais ou menos isso.

I. S. – Tomara que vocês tenham grande sucesso nessa empreitada.

C.G.C. – Saberemos sexta-feira, se Deus quiser. Na verdade no primeiro contato com os pais, os pais ficaram muito confusos com a ideia, porque é tudo muito novo. E a gente tem desde pai que chegou esse ano até pai que está aqui há um tempo. E a gente não quer gente para palpar, entendeu? A gente não quer organizar a festa e falar se tem que ter barraca de pastel ou não, a gente quer que alguém trabalhe na barraca de pastel, entendeu? Então esse é o grande desafio. E o grande desafio principalmente para essas pessoas que se voluntariaram de imediato é eles serem os percussores de repassarem tudo isso. Porque eu acho que os pais, quando começarem a ver que a festa está ficando mais barata porque têm voluntários, que tem esse pensamento, essa mudança de pensamento, eu acho que eles vão se engajar. É que falta um *start*. E alguém precisa se sacrificar sem saber o que é, sem o conhecimento de causa, que são esses primeiros.

I. S. – Precisa se jogar um pouco na coisa.

C.G.C. – Porque a ideia é um dia o Notre Dame não ter nem esse comitê interno do Colégio, só para coisas mais burocráticas. (A ideia) é que os pais “toquem”, como era a APM. Que o Colégio fique tranquilo de deixar na mão dos pais porque sabe que vai sair uma festa boa, uma

festa com os nossos valores, nossas características, enfim, com o que a Congregação acredita que tem que ser uma festa, uma festa familiar, uma festa para a gente, então esse é o grande desafio. Estamos num ano de mudanças. E toda mudança tem seus desafios iniciais.

I. S. – Sim, mas tomara que dê tudo certo. Desejo boa sorte.

C.G.C. – Obrigada.

I. S. – Bom você está falando um pouquinho, acho que você já falou sobre fora da sala de aula, grêmio, jornal, teatro... Acho que você já falou um pouquinho sobre isso. Você lembra, na época que você estava aqui, de algum acontecimento marcante em termos políticos que tenha acontecido no Brasil ou mesmo na cidade que você estava aqui e que isso foi discutido em sala de aula que marcou aqui na escola?

C.G.C. – Uma das coisas que mais marcaram, pelo menos para mim, de eu lembrar, eu já era mais velha, foi a morte do Toninho (Prefeito Antônio da Costa Santos), seguido das Torres Gêmeas. Porque foi assim, o Toninho morreu num dia, todo mundo ficou sabendo, aí não sei como o Colégio ligou para todo mundo e avisou que não ia ter aula no dia seguinte. Então no dia seguinte a gente estava em casa. Porque se a gente estivesse no Colégio, a gente não veria ao vivo, vamos dizer assim. Eu me lembro de ver ao vivo, e aquela sensação de você achar que era reprise quando estava entrando o segundo avião. Aquela sensação estranha... Então eu me lembro de estar em casa, e para mim marcou muito a morte do Toninho porque eu me lembro de na 3ª ou 4ª série ter ido entrevistá-lo. A gente estava fazendo alguma coisa interna, eu lembro que era no Primário, acho que na 4ª série, mais velha, 1996. Eu me lembro de ter ido à Prefeitura entrevistá-lo, a gente tinha um trabalho...

I. S. – E ele era o que? Naquela época ele não era Prefeito, acho que ele era Secretário (Secretário de Obras).

C.G.C. – Ele não era Prefeito, ele era alguma coisa que ele tinha uma salinha. Não sei se chegou a ser vereador...

I. S. – Ele era arquiteto, não é?

C.G.C. – Eu não lembro o que ele era, mas era alguma coisa de política. E eu me lembro de ter ido entrevistar ele, fazer umas perguntas. Eu lembro que ele foi “super” bonzinho, “super” solícito, enfim. E aí foi bastante chocante (o assassinato).

I. S. – E foi aqui perto.

C.G.C. – Sim. Foi aqui na Avenida Mackenzie. E para mim minha vida continuou nisso porque depois eu vim a trabalhar no Jornal Correio Popular e eu tinha colegas que tinham feito a cobertura. Então eu tenho um colega que trabalhou comigo no Correio que foi o primeiro a chegar. Ele que acionou a polícia.

I. S. – Você estudou na Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas)?

C.G.C. – Eu estudei na Puccamp.

I. S. – Como foi a sua formatura? Você se formou em 1990.

C.G.C. – Não, me formei em 2003, em 2004 eu já estava na Puccamp. Fiz Jornalismo na Puccamp. E aí em 2006 eu trabalhei na EPTV, eu fiz estágio, estágio em 2006 na EPTV (Emissoras Pioneiras de TV), em 2007 no Correio Popular, e aí 2008 fui efetivada no Correio como repórter.

I. S. – Ficou lá quanto tempo?

C.G.C. – Fiquei lá cinco anos e meio.

I. S. – Gostou de ser jornalista?

C.G.C. – Adorei. E era engraçado porque dentro do Jornalismo a gente tem as três frentes principais, que é rádio, TV e impresso, que a gente chama. E no curso você escolhe duas especializações, você tem tudo, mas tem duas especializações. Eu escolhi Rádio e TV. Eu odiava impresso, falava “eu não quero trabalhar (com isso), textos longos, não sei nem o que escrever, eu não quero...”. Meu sonho era trabalhar na TV, aí por uma questão burocrática eu não consegui fazer o segundo ano de estágio, a Puccamp não autorizou o segundo ano de estágio na TV. Aí fui procurar outro estágio, acabei encontrando no Correio, fiz no Correio e fui efetivada. Eu me apaixonei por impresso. Aí fiquei cinco anos. Rodei bastante.

I. S. – Escrevia bastante matéria?

C.G.C. – Escrevia, porque eu era do Departamento de Cidades, que eles chamam de Agência. É uma Agência que fornece para o jornal...

I. S. – Você ia para a rua fazer?

C.G.C. – Ia para a rua.

I. S. – Que legal.

C.G.C. – Eu adorava, e assim, conheci uma Campinas que eu jamais conheceria se eu não tivesse... Porque eu vivi, eu cresci no Gramado, era sócia da Hípica, e todo mundo fala, “pessoal nariz em pé da sociedade campineira” então eu era da Hípica, do Notre Dame e do Gramado. Então assim, meu círculo era aquele. Foi isso que me ofereceram no meu crescimento, então assim, não tinha opção. Que hoje o pessoal meio que mesmo aqui no Colégio fala “o pessoal da Hípica, do Notre Dame”, mas era a minha realidade. E o Jornal me proporcionou uma realidade que eu não teria.

I. S. – Você conheceu outros bairros e viu outra realidade.

C.G.C. – Eu conheci lugares em Campinas que você demora 45 minutos para chegar sem trânsito. Sabe, para lá do Ouro Verde.

I. S. – Você não ficava com medo?

C.G.C. – A minha mãe ficava com muito medo, eu não. Eu amava ser repórter! Então assim, eu cheguei a cobrir enchente no Beco do Mokarzel, onde é o Cecoia, que eu nem sabia que era o Cecoia. De bota, de galocha, para entrevistar morador, que é na frente. Então assim, eu cheguei a entrar em invasão dos Sem Terra, sem nada, sem celular, sem equipamento, só eu e Deus. E a minha mãe quase me matou quando eu cheguei em casa.

I. S. – E você não tinha medo.

C.G.C. – Não tinha. Eu só conseguia pensar depois.

I. S. – Você queria fazer seu trabalho.

C.G.C. – Eu queria. Eu gostava de entrevistar as pessoas, eu gostava de saber histórias, e na Agência Anhanguera, como eles chamam você fazia de tudo. Então um dia você estava entrevistando o Prefeito, outro dia...

I. S. – Outro dia você estava na favela.

C.G.C. – Exatamente. Era muito legal, eu adorava.

I. S. – E por que você deixou? Apareceu a oportunidade aqui do Notre Dame?

C.G.C. – Não. Na verdade, assim, eu sempre fui apaixonada pelo Colégio. É óbvio que eu não tinha a menor noção qual era a diferença de ser aluna e de ser funcionária. A minha ideia era o Notre Dame. Sempre fui “super” apegada ao Notre Dame, e passei minha vida inteira aqui. E meu sonho era trabalhar aqui, e eu tinha algumas amigas que estavam trabalhando aqui, que eu conhecia, enfim. E eu sempre falava “eu quero trabalhar no Notre Dame”, mas eu gostava muito de trabalhar no jornal, só que chega uma hora que cansa um pouco. E meu plano de vida era formar uma família, era ter filho, era casar, porque na época eu não era casada. Então assim, a vida do jornal não ia mais de encontro às minhas perspectivas, porque eu chegava a trabalhar 21 dias seguidos, sem fim de semana, não tinha feriado.

I. S. – Era puxado.

C.G.C. – Era puxado. Era assim, você entrava e não sabia a hora que você ia sair.

I. S. – E não casava com seus objetivos pessoais.

C.G.C. – Exatamente. Depois eu assumi a coluna social, trabalhava muito à noite. Era muito legal, foi uma “super” experiência, conheci muita gente em Campinas. Mas começou a.... E aí eu entrei numa lista de corte que teve no jornal e acabei saindo. Eu saí em abril e no Notre já

comecei em agosto, porque eu cheguei a vir uma época no Colégio, o Lorenzo (Lorenzo Jungklaus) já tinha assumido a direção e o Lorenzo foi meu orientador na época que eu estudei aqui, então eu já o conhecia.

I. S. – Orientador Educacional?

C.G.C. – Não, ele era Orientador Pedagógico. A Lúcia, que foi minha professora na 3ª série foi minha Orientadora na época. Eram os dois. E aí eu falei para ele que eu queria trabalhar aqui, ele falou “não tenho vaga para você aqui”, e o Departamento de Comunicação começou em 2010, então nem vaga tinha para mim. Não existia jornalista no Colégio. Aí nesse ano eu lembro que eu o procurei de novo, e ele falou que a menina que estava na Coordenação ia sair, porque o marido ia ser transferido, enfim, ela ia sair. Aí aconteceu essa mudança.

I. S. – Que legal. Então você está aqui desde...

C.G.C. – Agosto de 2012.

I. S. – E como está sendo essa experiência? Você deve estar adorando.

C.G.C. – Ah, é muito diferente. Eu comecei a ter uma visão do Colégio muito diferente, inclusive da valorização do professor que eu não imaginava que te falei.

I. S. – O trabalho que está por trás de se manter um Colégio.

C.G.C. – E assim, eu guardei num espacinho muito especial do meu coração eu como aluna. Hoje eu já consigo separar, sabe. Então hoje já tem coisa que eu não gosto, que eu gosto. Então assim, o Colégio, eu como aluna, minha vida aqui, sempre vai estar guardada num lugar especial, o Notre Dame sempre vai. Qualquer lugar que eu vou aqui eu lembro. Então assim, eu vou numa sala de aula eu sei qual eu estudei, eu sei quais são as salas que eu estudei, eu sei os lugares que eu frequentei. Óbvio que agora tem muito mais lugares, o Colégio está aumentando e tudo mais.

I. S. – Você tem uma memória afetiva muito grande.

C.G.C. – Muito grande. Mas hoje na minha posição de funcionária a minha visão é outra. Têm coisas que eu acho legal, têm coisas que eu acho nem tanto, como em qualquer lugar que você trabalhe.

I. S. – Você tem os bastidores (risos).

C.G.C. – Exatamente. E eu sou adulta. Eu acho que também quando você é criança, adolescente, você tem outra visão de mundo.

I. S. – A fantasia.



C.G.C. – Exatamente. Mas eu lembro muito das coisas, e vira e mexe tem alguma coisa que eu tiro foto e mando no grupo do Notre Dame, falo “gente, olha que legal isso, tinha na nossa época”, então assim, é engraçado isso.

I. S. – Dá para você fazer essa comparação também.

C.G.C. – Dá para fazer, mas o que eu vivi como aluna está num espacinho guardado, porque as coisas que talvez hoje eu não goste, não concorde, são poucas. Mas sempre tem alguma coisinha que você fala “ai, que chato”. Isso não influencia tudo que eu tive como aluna, sabe?

I. S. – Entendi. Da época que você entrou e todo o período que você ficou aqui, 14 anos que você falou, como aluna. Depois você voltou agora como funcionária. Em relação aos valores da Congregação, do Notre Dame, o que você acha que mudou independentemente de você estar fazendo um juízo de valor, de ser melhor ou pior, mas o que você acha que mudou nessa relação da Congregação, da formação do aluno, o que mudou? Ainda é a mesma? A Congregação ainda quer esse aluno que vai se tornar líder na sociedade?

C.G.C. – Na verdade, o que eu posso te dizer, é que tudo que a gente sabia quando era aluno era muito do que acontecia. Então assim, você não tinha tanto “esse aqui é o Padre Moreau, vamos estudar sobre ele”, você não tinha tanta informação, mas você tinha na prática. Então assim, é óbvio que juntamente com a educação que a minha família deu, a questão de valores, princípios, isso tudo veio da escola. E para todos os meus colegas, eu vejo que é isso. São pessoas de bem, pessoas honestas, então isso aqui eu não tenho dúvida que veio da escola. E acho que inclusive, se você perguntar para qualquer ex-aluno ele garante que no Colégio ele aprendeu muito disso. É óbvio que está atrelado a sua educação em casa, mas a escola tem grande porcentagem, principalmente porque eu estudei a vida inteira aqui.

I. S. – Sua família é católica?

C.G.C. – É católica. Mas eu não me lembro de ter tanto...

I. S. – Esse viés.

C.G.C. – É. Assim, se você perguntasse para um aluno “explica a história da Congregação”, ele não sabe. Eu não sabia, eu vim, a saber, depois. Muita coisa eu vim, a saber, depois. Hoje uma coisa que eu vejo muita diferença que é engraçada, os alunos aprendem o hino do Colégio na aula de música. A gente nunca aprendeu o hino, mas eu sabia, porque eu gostava da escola, então eu lembro que eu competia com um amigo meu para saber quem sabia mais do hino. Mas a gente ia atrás, ninguém ia ensinar. Tocava esporadicamente em algumas coisas, mas ninguém sabia. Eu comecei a querer saber o hino e ir atrás, então quando cheguei à escola já sabia. Mas hoje o aluno tem, então tem essa preocupação, eu acho. Com relação à Congregação eu acho que tem alguma coisa hoje mais inserida para o aluno aprender do que tinha antigamente, porque hoje eu tenho a impressão que eles pensam muito mais para falar para o aluno. Tudo que eles propõem para o aluno dentro de sala de aula é muito mais pensado do que era antigamente. Eu tenho essa impressão. Mas ao mesmo tempo hoje a gente tem gerações tanto de pais quanto de alunos completamente diferentes. Então coisas que hoje os pais questionam

aqui dentro, imagina que minha mãe iria questionar. Eu lembro que antigamente a gente tinha um respeito pelo professor que era um negócio, hoje você olha o aluno jogando papel no professor, você fala “como assim?”. Se eu fizesse isso minha mãe arrancava o braço fora.

I. S. – Então, essa questão da disciplina, eu acho que a gente pode até já perguntar, já que você está falando da época. Hoje é mais difícil controlar o aluno, eles são mais indisciplinados?

C.G.C. – Eu acho que a família responsabiliza muito a educação para a escola.

I. S. – Quer dizer, não só a instrução, mas a educação de valores.

C.G.C. – Exatamente. É tudo, pedagógico... Então coisas que eu aprendi em casa, de falar “Por favor”, “Obrigado”, quem tem que ensinar hoje é a escola. E o pai cobra, porque ele não tem tempo. É outra realidade. A gente tinha famílias que uns trabalhavam, o outro não...

I. S. – E como você vê o Colégio lidando com isso?

C.G.C. – É óbvio que o Colégio não dá conta. Não é obrigação dele de ensinar (a ter educação). É óbvio que ele tem a parte de ensinar, mas eu acho que tem que ser uma parceria, e acho que as famílias não entendem isso hoje, então acho que isso é muito difícil para o Colégio. Porque assim, não dá para o Colégio ensinar tudo, é inviável. E a família acredita que quem tem que ensinar isso é o Colégio. Sabe, então tem uma troca (inversão) um pouco. Eu acho que hoje os pais são muito mais difíceis. Eu não me lembro da minha mãe vir sempre no Colégio reclamar. Hoje eu vejo, não sei como era na época, eu era aluna, estava ali só como aluna, expectadora, mas eu não me lembro de... Hoje os pais reclamam de tudo, eles reclamam de tudo! Se o lixo está cheio eles estão reclamando. Se tiver um papel no chão eles estão reclamando. Então tudo eles questionam, sabe.

I. S. – É mais difícil essa relação.

C.G.C. – E antigamente não era assim. Eu tenho impressão que não era. Eu não me lembro da minha mãe ser “tão assim”, e nem da mãe dos meus amigos, sabe. Então eu acho que hoje está muito diferente, e eu penso muito isso por pensar na minha filha. Eu não quero ser uma “mãe mala” na escola. Hoje tem um milhão de “mães mala”. Sabe que liga e questiona. Só que ao mesmo tempo, eram outros tempos, então vamos pensar o seguinte, um exemplo básico: parque. O parque era inteiro de madeira. Se hoje se põe um parque de madeira “baixa” mãe com processo aqui. “Porque é perigoso, porque não está nas normas da ABNT”, se o filho caiu. Quantos amigos meus quebraram a perna e braço nesses brinquedos de madeira... Mas porque eles pularam, entendeu? Então hoje a criança é colocada muito numa bolha, eu tenho essa impressão. E o pai faz mais isso ainda. Então é um pai que não sabe falar “não”.

I. S. – É mais fácil delegar tudo para a escola.

C.G.C. – Exatamente... É um pai que está hoje muito mais ausente. Tem criança que chega hoje às 7h e vai embora às 19h.

I. S. – Nossa!

C.G.C. – Então assim, a situação é diferente, porque os pais trabalham muito.

I. S. – Hoje quais são os períodos? Na sua época tinha período matutino e vespertino, tinha alguma coisa de integral?

C.G.C. – Nada. Na verdade, para não falar que não tinha integral, no Ensino Médio a gente tinha uma ou duas aulas à tarde.

I. S. – Chegou a ter algum cursinho para Vestibular na sua época?

C.G.C. – Não.

I. S. – E hoje como é? Matutino, vespertino e integral, têm as três possibilidades?

C.G.C. – Tem. Na verdade o vespertino é até o 7º ano.

I. S. – E como funciona o *High School*, você chegou a participar?

C.G.C. – Não, não tinha o *High School*. Na verdade o inglês é uma coisa interessante hoje. O inglês era completamente uma coisa largada. Você tinha uma aula por semana com o irmão, que imagina se ele tinha um roteiro de trabalho... Imagino que não. Então assim, era um livrinho lá, uma coisa básica. A cobrança da sociedade também não era grande com relação ao inglês. Hoje em dia se você não fala inglês, você é um “ET”. Antigamente não, antigamente se você falava inglês, você era um diferenciado. Hoje não, hoje tem que falar até espanhol. Até espanhol na minha época não tinha. E a gente fazia aula de inglês fora, era normal.

I. S. – Cultura Inglesa, essas coisas...

C.G.C. – É. Centro Cultural, *FISK*. E meu avô era americano, então eu tinha também essa familiaridade com o americano, com o inglês e tudo mais, mas a escola era superficial em inglês. Você não aprendia inglês na escola, você tinha uma noção de falar “yes”, “no”, essas coisas muito básicas. Até pela carga horária, não tinha nem como cobrar do aluno. E hoje não, hoje o aluno tem aula todo dia de inglês.

I. S. – Todo dia?

C.G.C. – Todo dia.

I. S. – E isso desde quando?

C.G.C. – Desde que série ou desde que ano?

I. S. – Desde que ano.

C.G.C. – Não sei te dizer. Quando eu saí não tinha ainda.

I. S. – Foi agora, coisa mais recente.

C.G.C. – E aí teve a vinda do *High School*, teve a vinda agora do *Middle School*.

I. S. – Como é o *High School*? O aluno vem, está estudando e é no último ano?

C.G.C. – Não, funciona o seguinte: hoje a gente tem o *Middle* e o *High School*. O *Middle* é do 7º ano para frente, então é 7º, 8º e 9º. E o *High School* é o Colegial. Aí como funciona: é uma coisa à parte, ele é pago à parte em dólar.

I. S. – Ele vem em horários à parte também?

C.G.C. – Ele vem em horários à parte e na aula de inglês do curricular, o aluno que é de *High School* é separado da turma, porque ele é um avançado. Então as turmas de *High School* têm aulas separadas. E hoje o aluno sai daqui falando fluente. Eu arrisco dizer que ele não precisa nem fazer o *High School* para sair fluente. É óbvio que se ele faz o *Middle* e o *High School* ele sai impecável, mas hoje com tanta aula de inglês, fluente talvez não, mas ele sabe se virar muito bem.

I. S. – Maravilha.

C.G.C. – É. Isso é a parte boa da atualidade das cobranças dos pais. Os próprios pais cobram isso da escola. Então hoje, por exemplo, a escola tem todos os esportes, todas as modalidades artísticas da face da terra e os pais não precisam mais colocar para fazer aula de inglês, fazer aula de ballet, de natacão. Quer dizer, natacão não tem aqui, mas fazer aula de judô, futebol, música. Ele faz tudo no Colégio. Então para o pai é muito mais fácil, porque o pai de hoje trabalha, não dá pra ele sair, vir buscar aqui, levar ali, dois irmãos.

I. S. – E o índice de aprovação no Vestibular, como está isso no Notre Dame? Está conseguindo uma nota legal?

C.G.C. – Está. Eu estava vendo hoje um dado: nos últimos quatro anos a gente dobrou o número de aprovações em universidades públicas. Então a cada ano a gente tem mais aprovações. Então assim, está vindo uma tomada, de não sei se um projeto ou alguma coisa que eles fizeram no pedagógico, mas a gente teve a chegada de um Orientador Pedagógico novo, que é o Tobias, que veio com uma experiência de fora e trabalha muito com isso, já trabalhou muitos anos acho que com o Integral, com essas coisas de aprovação, e tal, então ele veio com ideias novas. E assim, incentivou os professores, os próprios alunos. Hoje o aluno no Colégio estuda muito. Eu olho e falo assim: se fosse à minha época, eu não sei se eu ia aguentar. Eles estudam muito. Eu tenho dó às vezes, não sei. Porque eles não têm tempo de dormir à tarde, por exemplo. Eu dormia à tarde, tinha dia que eu dormia à tarde. E para mim era importante, porque como eu disse eu gostava, mas depois acordava, ia para meu futebol, ia para minha aula de dança.

I. S. – Você fazia futebol.

C.G.C. – Eu fazia futebol na Hípica. Então assim, hoje o aluno estuda demais, ele vem um sábado sim e um não ao Colégio, os alunos do Ensino Médio, porque tem simulado. Quer dizer, para o 3º ano é obrigatório e depois eu acho que não é obrigatório, mas eles vêm, porque eles precisam. Hoje o Vestibular é muito mais concorrido. Cada ano que passa, as políticas públicas colocam mais entraves para os alunos de escola particular entrar. Então assim, o nosso crescimento é de 50% em quatro anos, mas isso seria muito mais se não tivesse tanta coisa, cota, não sei o que lá, que vai prejudicando o aluno da escola particular. Hoje o aluno é muito prejudicado. Na minha época era muito mais fácil entrar na faculdade, não tem nem o que falar. Tudo bem, eu entrei em uma particular, mas mesmo para o pessoal que entrava nas públicas eu acho que era mais fácil do que hoje.

I. S. – Você acha que tem muita coisa que acirra mais ainda, que dificulta?

C.G.C. – Isso é uma questão clara que inclusive a gente busca mostrar para os pais, entendeu? Porque às vezes o pai cobra tanto do aluno, coitado do aluno. Para você entrar em uma Medicina na Unicamp de primeira é surreal.

I. S. – E está cada vez mais afunilado. Tem menos vagas.

C.G.C. – É esse o grande problema, tem menos vaga, porque tem muita cota. Tem cota para todas as raças, todas as etnias, raças, têm para as pessoas de baixa renda.

I. S. – O funil está cada vez mais...

C.G.C. – Exatamente. E as universidades têm o mesmo número de vagas praticamente. Então para o aluno da escola particular é muito difícil. Então hoje o aluno estuda demais.

I. S. – Entendi. E o que você está achando, não é da sua área, mas você deve estar acompanhando essas mudanças agora no Ensino Médio. Não sei se afeta muito as escolas particulares.

C.G.C. – Eu acho que não, porque a escola particular... Isso é mais voltado para o ensino público, então eu não sei muito disso.

I. S. – Entendi.

C.G.C. – Mas eu não tenho nem o que falar que hoje o Colégio é muito melhor que há 10, 20 anos atrás. Isso é notável.

I. S. – A direção do Lorengo você acha...

C.G.C. – Eu acho que deu uma boa levantada, não tenho a menor dúvida. Porque assim, a escola por um tempo foi comandada pelo irmão Pedro, aí falaram que ele foi um diretor fabuloso, fantástico, ele tinha muita noção do pedagógico. Depois, começaram a vir os diretores que não tinham essa visão que o Lorengo tem. Ele foi um grande diferencial, eu acredito, para o Colégio,

que começou a fazer coisas, por exemplo, hoje a gente tem uma pesquisa interna no Colégio, eu nunca vi isso. Pais, alunos, professores, funcionários, todo mundo, para saber, para melhorar, tem plano de ação com metas, e tudo isso é registrado, é enviado para os pais. Eles têm muito mais conhecimento.

I. S. – Ah, aproveitando sua entrevista, já que você está falando sobre isso, não precisa ser desse ano, eu acho que inclusive nem do ano passado, se você tiver um exemplar desses principais documentos que vocês produzem, para eu dar uma lida.

C.G.C. – É, eu tenho um que a gente faz, que é o Plano de Ação. A gente está desenvolvendo esse ano, é bem legal.

I. S. – Tem como eu ter um desses?

C.G.C. – Sim, eu te passo. E aí desse ano se ficar pronto eu guardo para você.

I. S. – Tá legal.

C.G.C. – Mas isso é um jeito de gerir como uma empresa, porque a escola não tem fins lucrativos, que nós somos uma escola filantrópica, mas ela tem gastos, ela tem salários, tem manutenção, então ela precisa ter receita.

I. S. – Entendi.

C.G.C. – Então precisa de alguém para gerenciar, é uma empresa. Então o Lorenzo vem muito com esse olhar, inclusive como ele tem um olhar administrativo e pedagógico, foi um prato cheio para o Colégio como profissional. Então assim, muita coisa, as obras só saíram do papel porque o Lorenzo foi atrás, acredito. De melhoras, porque ele foi com um embasamento, “eu preciso disso por causa disso”, “isso vai melhorar isso”, sabe. Porque “ah, antigamente o Colégio tinha 2400 alunos”. Tinha, mas era meio período, era a turma da tarde e da manhã, mas dividia a mesma classe.

I. S. – E hoje chega a quantos alunos?

C.G.C. – Hoje a gente tem cerca de 1700.

I. S. – É bastante.

C.G.C. – É bastante, mas a meta do Lorenzo é em 2024 ter 2500 alunos. Só que hoje a gente tem estrutura para comportar isso, porque hoje a gente tem período integral. Então assim, opcional e obrigatório. Então com a estrutura que a gente tinha não comportava essa quantidade de alunos neste formato que é hoje.

I. S. – Que ampliou o Colégio.

C.G.C. – Ampliou. Ele foi um grande divisor de águas, eu acredito.

I. S. – A vinda dele para cá.

C.G.C. – A vinda do Lorenço na Direção, porque ele já vinha na Orientação Pedagógica, já era orientador, mas foi uma grande mudança, então assim, não tem nem o que falar, porque o Colégio é muito melhor hoje. Os alunos estudam muito mais? Estudam muito mais, mas eles também saem muito mais preparados.

I. S. – Sim.

C.G.C. – Então hoje um aluno daqui, por exemplo, até pela questão da tecnologia que ao passar dos anos vai melhorando, tudo mais. Então hoje, por exemplo, um aluno sai daqui mexendo no Excel, fazendo uma coisa de Power Point... Isso a gente teve que aprender na raça, na vida.

I. S. – Sim. O espanhol você disse que entrou quando a língua?

C.G.C. – Tem aula de espanhol a partir do 7º ano, mas eu não sei quando começou. Na minha época não tinha.

I. S. – Isso é uma coisa nova.

C.G.C. – Mas na minha época tinha aula de desenho, hoje não tem mais. Você comprava compasso para fazer desenho...

I. S. – Tinha transferidor, a régua... Ai, como eu amava a aula de desenho, aprendi muito.

C.G.C. – Eu também. Eu tinha um professor chamado Dênis que era fantástico.

I. S. – E a gente tinha nota no caderno e tinha que guardar o caderno.

C.G.C. – É, e você tinha aquelas folhas de papel manteiga, sei lá o que era que você fazia em cima. Eu lembro bem das aulas.

I. S. - É. Deixa eu te perguntar, voltando um pouquinho nisso, você guardou algum material?

C.G.C. – Eu tenho o meu fichário do 3º Colegial guardado.

I. S. – Ah, legal. É que deve ter coisas pessoais ali.

C.G.C. – Eu não sei se tenho, eu acho que não. Faz muito tempo que eu não vejo, mas está guardado lá na casa da minha mãe. Os uniformes também eu guardei alguns.

I. S. – Então, porque eu conversei muito com o Lorenço quando eu comecei a fazer o trabalho aqui, que depois a gente teve que dar um tempinho, ele falou para mim “quando você for entrevistar as pessoas, você (procurar) saber se elas têm materiais (da escola)”. Então assim, alguma coisa eu consegui fotografar, que nem eu te falei do João Baptista, e também reproduzir.

Ele me emprestou, em várias turmas ele foi paraninfo, então ele me emprestou os discursos, eu reproduzi. Porque aí o Lorenço queria “ah, se você conseguir alguma coisa a gente pode começar a guardar na biblioteca”, material que está com os alunos e com os professores. Mas assim, eu ainda não estou focando muito nisso.

C.G.C. – Eu sei que na biblioteca tem um material que a gente fez em sala de aula acho que no 2º Colegial que era de fotos, textos, era professora de português, redação. E era das duas turmas, porque tinha duas turmas, daí tem lá escrito, as fotos...

I. S. – Então, uma coisa que eu não consegui na biblioteca, e não sei se você tem conhecimento disso, assim, filmes antigos do Colégio, porque fotos têm, estão lá todos os álbuns. Não tem nada de filme, você que está na comunicação? Você nunca viu um DVD mais antigo?

C.G.C. – Não. Nem deve ser DVD, deve ser VHS.

I. S. – É. Isso não tem, porque eu já perguntei para a bibliotecária.

C.G.C. – Eu tenho algumas coisas, mas coisas que minha mãe gravou.

I. S. – Isso não teria como você trazer e a gente pedir para o pessoal da informática reproduzir para a gente ter um banco?

C.G.C. – Pode ser. Eu só preciso olhar porque eu não sei se tem tipo só eu dançando assim.

I. S. – Mas se a gente for juntando o pouquinho que cada um tem, porque daí o que eu vou ver é você dançando, mas eu vou ver que festa é.... Quer dizer, se todo mundo somar, o que acontece, a documentação do Colégio está aqui, aquela coisa oficial, relatório, prontuário, agora, esse cotidiano ficou com os alunos e professores, então mesmo que a gente vá agregando, porque aí as pessoas vão doando, porque tem muita gente que retém também, aí você consegue começar a formar esse acervo, porque senão nunca vai formar. Mas isso assim, se a pessoa também... Ela pode deixar reproduzir, fazer cópias se não quiser doar o original. Mas isso assim, vai falando com cada um e vai tentando fazer isso.

C.G.C. – Eu vou dar uma olhada, pode deixar.

I. S. – Então tá bom. Bom, então aqui pelo que estou vendo as perguntas, a questão da disciplina, era muito rígido na sua época? Porque na minha era assim, tinha isso que você falou, do respeito com o professor, a gente tinha maior cuidado porque tinha essa coisa de levar para a diretoria, então eu acho que o pessoal aprontava, mas morria de medo.

C.G.C. – É na minha época também. Aprontava, mas morria de medo. Hoje eu vejo que o aluno desafia mais, tanto que as regras são muito mais rígidas.

I. S. – Hoje?



C.G.C. – Hoje. Por exemplo, uma das coisas que eu achei engraçado quando eu vim para cá como funcionária é que depois de três lições de casa você leva carta para casa, como se fosse uma advertência.

I. S. – Quando você não faz?

C.G.C. – Quando não faz.

I. S. – Três lições que você não apresenta já leva uma advertência.

C.G.C. – Imagina, na minha época ia ter cartas e mais cartas na turma. E a gente não tinha tanta tarefa também, então é um negócio que ficou muito sério, eu acho. Antigamente não era tanto, não. E assim, hoje é tudo mais difícil. Eu acho que todo mundo é mais controlado. Assim, é bem mais rigoroso nesse sentido, por parte do Colégio. Mas ao mesmo tempo o aluno também é mais...

I. S. – Tenta burlar essas normas.

C.G.C. – É. Eu não vejo o aluno tão respeitoso hoje. É óbvio que têm os respeitosos, é óbvio que não dá para generalizar...

I. S. – Desafiam mais os professores...

C.G.C. – É, isso daí eu acho que é da geração.

I. S. – Quer saber mais do que os pais e dos professores.

C.G.C. – É, são pais mais permissivos.

I. S. – Mudou bastante.

C.G.C. – É. Então o aluno faz coisa errada, o pai vem aqui cobrar a escola. Se eu fizesse uma coisa errada, minha mãe me matava. Você já tinha essa impressão, então você já não fazia porque você sabia.

I. S. – Seus pais eram muito bravos?

C.G.C. – Não. Então, eu nunca fui de fazer coisa errada. Minha mãe nunca foi chamada na escola por causa de mim, só por causa da minha irmã. Minha irmã era mais da “pá virada”, mas assim, pouco.

I. S. – Coisa leve.

C.G.C. – É, coisa leve. Mas assim, eu nunca dei motivo, na verdade. Então assim, eu nunca fui para a Diretoria, nunca aconteceram essas coisas comigo. Mas os meus pais têm o respeito tanto

meu quanto da minha irmã no olhar, que é o que eu vejo com os meus amigos. Quando a gente conversa sobre isso.

I. S. – Já dá aquela “secada” ...

C.G.C. – Imagina, hoje o aluno xinga o pai. Se eu xingasse minha mãe eu não queria nem imaginar a situação. Então assim, você já sabia que era bravo, mas não queria saber como. Então eu não queria pagar para ver. Entendeu?

I. S. – Entendi. De respeito, não é?

C.G.C. – De respeito. E de medo. Aquele mesmo medo que você tinha do professor. E a minha mãe falava “se eu for chamada na escola por desrespeito com professor, vocês não sabem o que vai acontecer com vocês”. Sabe assim, você não queria nem saber?

I. S. – Entendi.

C.G.C. – Então assim, “falar palavrão lambia o sabão”. Hoje se faz isso é *bullying*, pai que maltrata criança. Eu levei palmada, quando se faz coisa errada. Minha geração é uma geração que levou palmada e ninguém morreu por causa disso.

I. S. – Perdendo o controle, não é?

C.G.C. – É, porque ficou uma coisa muito extrema “ai, o pai que bate espanca”. Meu pai me batia, não era para ficar roxa.

I. S. – Entendi. Dar o limite.

C.G.C. – É eu acho que tinha. E daí hoje você fala que você apanhava, seu pai é de outro planeta.

I. S. – Carrasco.

C.G.C. – E não é você entende. Você fala “nossa, tem razão”.

I. S. – Porque tem uma hora que não tem jeito.

C.G.C. – É. Eu sou a favor. Não posso falar que sou a favor num contexto geral, senão vão cair matando. Mas num certo limite. Eu acho que eu aprendi assim, e olha que eu apanhei pouco.

I. S. – E tem hora que a criança só aprende com um puxãozinho de orelha, porque por mais que você fala e ela não entende...

C.G.C. – Nossa! Palavrão é uma coisa que a minha mãe não admite. Minha mãe foi criada por americano... Não admite palavrão.

I. S. – O pai dela é americano?

C.G.C. – É. Já é falecido.

I. S. – E por que ele veio para o Brasil?

C.G.C. – Ele foi transferido. Ele era vice-presidente da *Clark* e presidente da América Latina da *Clark*, da antiga *Clark*.

I. S. – Olha só! Eu estou entrevistando várias pessoas que... O pai do Gudwin, que trabalhavam na *Clark*.

C.G.C. – É então. Meu avô era vice-presidente e respondia para o internacional.

I. S. – A *Clark* existe ainda até hoje?

C.G.C. – Eu acho que não.

I. S. – Não, não existe mais...

C.G.C. – Ela comprou alguma outra coisa e mudou de nome.

I. S. – É o Gudwin não soube me dizer, mas acho que não existe mais.

C.G.C. – Mas assim, o meu avô era nascido nos Estados Unidos e minha avó nascida no Rio de Janeiro, e ela era do Sion (Colégio Sion). E o Sion tinha premiação para melhores alunos para estudar fora e minha avó ganhou uma vez uma premiação. E lá ela foi recebida pelo exército americano, meu avô é veterano de guerra, foi para a Segunda Guerra e tal, e ele era um dos rapazes que recebiam as estudantes do Brasil lá. E aí lá eles se conheceram, casaram e moraram lá por muitos anos, e aí meu avô foi transferido para cá. E assim, minha avó queria morar nos Estados Unidos e meu avô queria morar no Brasil, então eles trocavam. E aí vieram para Campinas por conta da *Clark*, porque minha avó era do Rio.

I. S. – É, tem muita gente, eu tenho umas amigas que os pais trabalharam lá.

C.G.C. – É então. Aí minha mãe já nasceu aqui. Quer dizer, minha mãe nasceu em São Paulo.

I. S. – Desculpa, seu avô era engenheiro?

C.G.C. – Meu avô era administrador.

I. S. – Ah, tá. Porque muitos que eu conversei eram engenheiros que trabalhavam lá.

C.G.C. – Ele era administrador e o sonho da vida dele era ser jornalista.

I. S. – Olha, que legal.

C.G.C. – Tanto que ele escrevia muita coisa, muito artigo, e eu lembro que quando eu me formei minha mãe me deu de presente todas as coisas que ele escreveu.

I. S. – Talvez isso tenha também te (influenciado)...

C.G.C. – Ela me deu quando eu me formei.

I. S. – Ah, quando você se formou.

C.G.C. – Porque quando ele morreu eu tinha 10 anos. Então eu lembro pouco dele. Pouco assim, lembro bastante, mas é óbvio que muito mais da minha avó que eu tinha 26 quando ela morreu. Então assim, tive muito mais contato com a minha avó.

I. S. – Quantos anos você tem?

C.G.C. – Eu tenho 31. Eu faço 32 em novembro.

I. S. – E já fez tudo isso! (Risos).

C.G.C. – E já fiz tudo isso. Tá vendo, tenho história para contar.

I. S. – Tem bastante história para contar. Você é uma pessoa muito dinâmica.

C.G.C. – Você acha?

I. S. – Bastante.

C.G.C. – É que eu sou da Comunicação. Eu gosto de falar, entendeu?

I. S. – (Risos). Super dinâmica. É historiadora também.

C.G.C. – É então.

I. S. – Bom, então. Eu estou vendo as perguntas aqui... Pelo visto as melhores lembranças da sua vida, eu não sei todas, mas grande parte delas está aqui no Notre Dame, não é?

C.G.C. – Completamente. A minha história se mistura com o Notre Dame. E eu sempre fui muito “patriota do Notre Dame”. Então assim, eu me lembro de coisas, por exemplo, a gente tinha o hasteamento da bandeira, e hoje eu não sei qual é o processo, é sorteio, melhor aluno... Na nossa época quem chegasse primeiro na bandeira estava hasteando, entendeu?

I. S. – (Risos).

C.G.C. – Eu lembro no último dia de aula a gente competindo, eu e um amigo meu, que a gente queria hastear a bandeira do Brasil. A gente saía correndo da sala. Então tem essa memória,

sabe, de hastear a última... O último hasteamento da bandeira do Colégio fui eu que hasteei a bandeira do Brasil. Sempre gostei. Então assim, sempre tive muito orgulho do Colégio.

I. S. – Você vibra quando você fala do Colégio (risos).

C.G.C. – É, então, ainda mais como aluna. Porque assim, as minhas experiências foram todas aqui, desde acampamento fora...

I. S. – Amigos, isso que você está falando, o relacionamento que você tem até hoje...

C.G.C. – É, assim, eu tenho amigos... O meu marido eu não conheci aqui, mas eu tenho dois amigos que estudaram comigo desde a “Tia” Cris, que é Pré II, então cinco para seis anos, que são os padrinhos da minha filha.

I. S. – Olha só! E seu marido estudou em qual Colégio?

C.G.C. – No Instituto Educacional Imaculada. A vida inteira. Então assim, e esses dois amigos meu marido acabou conhecendo. Na minha família os padrinhos não são da família, então para mim isso era muito claro, que tio é tio, padrinho é padrinho. Porque todo mundo acha assim “nossa, mas você não chamou sua irmã?”. Não, porque ela já é tia, ela já vai ter esse cuidado, esse amor incondicional. E aí meu amigo abraçou também esses amigos, são amigões que estudaram no Colégio. A gente tem foto tocando prato, pandeiro e sei lá o que mais, de uniforme.

I. S. – Então assim, o que mais você gostaria de deixar registrado, alguma coisa que eu não tenha perguntado que tenha me escapado em relação à sua experiência aqui no Notre Dame? Você queria falar alguma coisa, como você se sentiu dando essa entrevista? Essa coisa de pertencer sempre... Porque eu estou entrevistando pessoas que já saíram daqui a muitos anos, e no seu caso é diferente, você ficou muitos anos, voltou para cá. Então alguma coisa que tenha escapado, você quer deixar registrado alguma coisa?

C.G.C. – Eu gosto de pertencer ao Colégio, como aluna e hoje como funcionária. É óbvio que a minha visão é diferente, até hoje como adulta, como profissional, é outra coisa, mas assim, eu tenho muito orgulho da escola, tenho muito orgulho de ter estudado aqui e dos meus pais terem estudado aqui e se Deus quiser minha filha estudar aqui, porque meu marido fala, porque ele estudou a vida inteira na Imaculada, e a mãe dele também, então ele tem a história dele na Imaculada. Ele fala “é a melhor escola”, e eu falei “fica tranquilo que é o Notre Dame”. Porque hoje eu também garanto que o Notre Dame é a melhor escola de Campinas. Ela passou por um momento ruim e isso ficou muito conhecido na sociedade como uma escola fraca. Hoje não é mais. Hoje eu encho a boca para falar que o Notre Dame é a melhor escola de Campinas em todos os sentidos.

I. S. – É como tudo na vida. A vida é muito assim, você não está na crista da onda o tempo todo, isso não acontece nem com empresas nem com pessoas. Então às vezes acontece, e eu acho que isso é normal. Não pode cobrar de uma pessoa, de uma empresa, de uma instituição que ela esteja 100, 150 anos... Todo mundo tem suas crises.

C.G.C. – Exatamente, e se Deus quiser minha filha vai estudar aqui, porque eu sonho com ela usando o uniforme do Notre Dame.

I. S. – Ah, que legal.

C.G.C. – Eu já tenho essa coisa na minha cabeça. Assim como eu sonhava em trabalhar aqui eu sonho em minha filha estudar aqui. Morro de vontade.

I. S. – Adorei fazer a entrevista com você, eu acho que foi muito rico para a minha pesquisa, porque você tem uma experiência realmente diferenciada e espero que a gente consiga, acho que eu vou estar aqui próxima nesses dois anos, vou estar bem próxima da escola, poder ajudar em alguma coisa também. E da gente ir conversando sobre essas pessoas que você quiser me indicar. Como você está muito próxima, mesmo pessoas que já saíram como você comentou da sua tia, da primeira aluna da turma de meninas, e pessoas que estão aqui e que você acha, na sua ótica, que valeria a pena eu entrevistar, porque você está mais próxima também.

C.G.C. – É eu acho que assim, têm algumas pessoas que trabalham aqui no Colégio há muitos anos. Eu não sei de todos, mas a Bete (Elizabeth Olmos) e a Ana Lúcia seriam primordiais porque elas estão aqui há 40 anos, vai fazer 41. E que é da minha época, professora tem a Cássia, que é professora de História, e tem o Marquinhos (Marcos Perin).

I. S. – Da Educação física...

C.G.C. – Que na verdade hoje é o Coordenador da Escola de Esportes, mas ele já foi professor de Educação física, foi meu professor. Então são professores que estão aqui desde a época... Tem o professor de Filosofia, também foi meu professor, mas ele foi meu professor no 2º Colegial, assim como a Adriana, que hoje é Orientadora Pedagógica, foi minha professora de inglês.

I. S. – Tá. Então a gente vai conversando e daí se você puder me passar, eu acho que é muito rico devido a essa experiência.

C.G.C. – No Fundamental I a gente tem muito professor antigo, muito professor que tem 25, 30, 40 anos de Notre. Aqui no Fundamental II e Médio que tem uma circulação maior, mas lá em cima a gente tem os “dinossauros” que sabem tudo do Colégio. Acho que tem um grupo bom lá.

I. S. – Então depois que a gente finalizar a gente conversa um pouquinho. Mas eu gostaria muito de agradecer, eu estou tomando seu tempo, porque você está trabalhando, mas para mim também é minha vida. É minha vida agora profissional que eu estou me especializando em História da Educação, e também eu revejo e me revejo o tempo todo quando eu estou fazendo essas entrevistas e esse trabalho. Obrigada, viu.

C.G.C. – Imagina, obrigada você. Se tiver alguma dúvida, a gente vai se falando.

I. S. – Daí eu vou transcrever, passo para você dar uma olhada, dar um apontamento do que você quiser fazer e com certeza a gente vai conversar bastante.

C.G.C. – Com certeza. Mas do que precisar estamos aí.

I. S. – Tá joia, obrigada.

C.G.C. – Obrigada você!

### **FINAL DA ENTREVISTA**

### **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                  |                         |
|------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| Nome: <b>Cleso José Mendes de Castro Andrade</b>                 |                         |
| Data de nascimento: 26 de maio 1951                              |                         |
| Local de nascimento: Campinas, São Paulo.                        |                         |
| Endereço: Rua Irene Maragno Lacerda, nº 466                      |                         |
| Bairro: Bairro das Palmeiras                                     | CEP: 13092-576          |
| Cidade: Campinas                                                 | Estado: São Paulo       |
| Telefone: (19) 3232 7996                                         | Celular: (19) 998417088 |
| E-mail: cleso.andrade@uol.com.br                                 |                         |
| Documento de Identidade: 4554830                                 |                         |
| Ano de Ingresso no Colégio Notre Dame: 1962 – 2º turma de alunos |                         |
| Ano de Saída do Colégio Notre Dame: 1966                         |                         |
| Profissão Atual: Médico Oftalmologista                           |                         |

### **FICHA TÉCNICA**

|                                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                                                                          |
| Levantamento de dados, pesquisa e elaboração do roteiro, conferência da transcrição: Isabela Salgado. |
| Entrevistadora: Isabela Salgado                                                                       |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado                                                  |
| Local: Escritório do entrevistado                                                                     |
| Data: 15 de março de 2017                                                                             |
| Duração: 60'51''                                                                                      |
| Páginas (transcrição): 31p.                                                                           |

### **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais do entrevistado; residência e estudo em Marília, São Paulo; os primeiros estudos em Campinas na Escola Cesário Motta, nos colégios Progresso e João Lourenço Rodrigues; sobre o Curso de Admissão para ingressar no Ginásio Notre Dame; sobre a rotina no semi-internato: os uniformes, os materiais, as tarefas escolares, o horário de estudos reservado na escola e a biblioteca; sobre o número de alunos; sobre a profissão dos pais; sobre o diferencial do Colégio Notre Dame; os amigos do Colégio Notre Dame que Cleso mantém contato na atualidade: Miguel Henrique Collaço, Carlos Eduardo Góes de Campos, Eduardo Trevenzolli, Paulo de Tarso Lima, Ruy Carlos Machado (Patativa), Guilherme Martinelli e Luís Alberto de Sousa; sobre a entrada das meninas e a divisão do Curso Ginásial em Científico e Clássico; sobre o irmão Paulo Schaefer (diretor, professor de inglês e de religião), irmão Jerônimo Schwabe (diretor e professor de inglês), irmão Pedro Celestino Maranto (diretor e professor de inglês), irmão Tomé (Thomas Chady) (professor de biologia); sobre a coleção de insetos nas aulas de biologia; sobre Carlos de Aquino Pereira (professor de português), Fernando Henrique



Machado (professor de educação física) e João Baptista da Silva Carvalho (professor de matemática); sobre as salas de aula e estudos em conjunto; as aulas de trabalhos manuais com o professor Silvano Lopes Castro (lima, lixa, espátula, caixa de ferramentas); sobre as aulas de educação física e de futebol; sobre os laboratórios de física, química e a dissecação e montagem de esqueletos de animais; a entrada das meninas no Colégio; sobre os alunos estrangeiros e de outras cidades da região; sobre o diretor Paulo Schaefer e a busca por futuras vocações para Congregação de Santa Cruz; a formação do Juvenato; sobre a residência dos irmãos no Colégio e a “clausura”; sobre o diretor Geraldo Lisboa Campos; religião católica e a escolha de seus pais pelo Colégio Notre Dame; sobre as viagens e expedições em conjunto com irmão José Lahare e irmão Terêncio Hill; sobre as viagens dos alunos com o irmão Paulo Schaefer para os Estados Unidos; as saídas de estudo para a Bienal de Arte Moderna em São Paulo; a dificuldade dos irmãos com a língua portuguesa; o carinho de Cleso pelo Colégio Notre Dame; sobre disciplina: a “detenção” aos sábados e a construção e ampliações da escola; as comemorações e as corridas de Santo Antônio; a Campanha das Missões realizada entre as classes; sobre o Colégio Santa Cruz de São Paulo e o padre Paul Eugène Charbonneau; sobre o irmão Roberto Weinmann e irmão Nilto Neres de Oliveira, Provinciais do Notre Dame; sobre os trabalhos em grupo e as aulas de oratória; as orientações sobre horário, disciplina e pontualidade; sobre a Primeira Comunhão com Padre Haroldo; o coral dos irmãos de Santa Cruz; as aulas de instrumentos musicais; o transporte na “jardineira” para o Colégio; as refeições realizadas no Colégio; o uniforme da escola e o hábito de cantar o hino nacional às segundas-feiras; sobre as reuniões da UNE (União Nacional dos Estudantes) realizadas no Colégio e a ida dos irmãos ao DEOPS (Departamento de Ordem e Política Social); a disputa de campeonatos esportivos com outras escolas de Campinas; os banhos frios após as aulas de educação física; a herança cultural deixada pelo Colégio: o respeito pelas pessoas, a amizade e contato com os amigos nos dias atuais; sobre o professor Terêncio Hill; a diferença das aulas de geografia na época de Cleso e posteriormente, quando os filhos estudaram no Colégio; sobre a carta do irmão Jerônimo dirigida aos pais; sobre as visitas do Provincial americano ao Colégio Notre Dame e as brincadeiras (bombas) dos meninos; sobre a “Irmã Sétima” e as aulas de religião; sobre disciplina e os poucos alunos na década de sessenta; sobre os clubes dos alunos e as competições; sobre a festa de formatura; sobre o falecimento do irmão Guilherme St. Romain; sobre as provas mimeografadas.

### **Início da entrevista**

I. S. – Campinas, 15 de março de 2017. Entrevista com Cleso Andrade, ex-aluno do Colégio Notre Dame de Campinas. Esta entrevista faz parte do Projeto de Doutorado A História do Colégio Notre Dame de Campinas e a Memória Institucional como Processo Socioeducativo, a Organização do Arquivo e a Constituição do Centro de Memória, que está em desenvolvimento no Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Boa tarde, Cleso. É um prazer estar aqui com você e eu espero que a gente possa ter uma excelente entrevista. Fica à vontade, vamos começar.

C.J.M. - Boa tarde. É um prazer conversar com você sobre um assunto tão gostoso, que é o Notre Dame.

I. S. – Obrigada, obrigada por me receber. Então a primeira coisa para gente te identificar, eu queria que você me falasse o seu nome completo, sua data de nascimento, o local também.

C.J.M. – O meu nome completo é Cleso José Mendes de Castro Andrade. Eu nasci em 26 de maio de 1951, e hoje eu sou médico, oftalmologista.

I. S. – Então você vai me contar um pouquinho como você chegou a escolher sua profissão, mas vamos falar primeiro dos seus estudos. Então você vive em Campinas, nasceu em Campinas?

C.J.M. – Nasci em Campinas, depois fiz Vestibular para Medicina, e acabei indo estudar em Marília (SP).

I. S. – Em Marília, olha só!

C.J.M. – Morei lá durante a faculdade, depois mais um ano, me casei e vim para cá. Então já tenho 40 anos de formado. Esse ano vou fazer 40 anos.

I.S. – Olha só! Que beleza. Então me conta um pouquinho quando você começou a estudar, já foi no Notre Dame ou teve alguma experiência anterior, lá na sua infância? Você começou a estudar em que escola?

C.J.M. – Bom, a primeira escola nem existe mais, é o Cesário Motta.

I. S. – Olha só! Onde ficava?

C.J.M. – Ficava ali onde é o Teatro de Arena, o Centro de Convivência.

I. S. – Sim.

C.J.M. – A piscina do Cesário Motta era onde é o Pão de Açúcar, ali no Centro de Convivência no Cambuí.

I. S. – Quantos anos você tinha quando entrou lá? Lembra?

C.J.M. – Não lembro. Depois teve o Colégio Progresso, fiquei um ou dois anos. Fui ao João Lourenço Rodrigues, que é um colégio do Estado, no Cambuí, e daí fui fazer o Ginásio Científico no Notre Dame. Sendo que entre o colégio do Estado e o Notre Dame teve um ano de Admissão ao Ginásio, que tinha aquela época lá, a professora Idalina Ignácia, era o nome dela.

I. S. – Era na casa dessa professora?

C.J.M. – Na casa dela.

I. S. – Entendi.

C.J.M. – Ali perto de onde hoje é o Liceu.

I. S. – Sim, Colégio Liceu Salesiano.

C.J.M. – Naquela região ali.

I. S. – E aí quando você entrou no Notre Dame, foi em que ano?

C.J.M. – Eu andei fazendo as contas depois que você me ligou. Foi em 1963.

I. S. – Sim, 1963. Você tinha... Você é de 1951, 12 anos.

C.J.M. – 12 anos.

I. S. – E o que você se lembra desse início no Notre Dame? Você fez o Exame de Admissão e foi para o Notre Dame?

C.J.M. – E fui para o Notre Dame. Eu só me lembro de que eu gostava muito de lá, a gente passava o dia no Colégio, era um semi-interno. Cada aluno tinha um armário, aqueles móveis de aço que antigamente tinha no clube, para que você guardasse a sua roupa. Eu não sei como é hoje. Cada um tinha o seu armário, eu sei que a gente não levava a lição, nem livro para casa.

I. S. – Fazia tudo no Colégio.

C.J.M. – Fazia tudo no Colégio e tinha o horário de estudo.

I. S. – No Colégio?

C.J.M. – No Colégio. Vamos dizer que você tinha o período da manhã inteirinho de aula, o período da tarde eram os horários de estudo. “Esse horário vai ser geografia, esse horário vai ser português, esse horário vai ser inglês”.

I. S. – Entendi. Mas vocês faziam esses estudos, já tinha biblioteca ou era na sala de aula mesmo?

C.J.M. – Tinha uma biblioteca, só que era pequena. O Colégio era pequeno ainda. Acho que tinha uma ou duas turmas, e eu comecei no prédio atual do Colégio, não fui... Começou em Sousas o Notre Dame, tinha uma escola lá?

I. S. – Isso, isso. Mas você já entrou ali onde é atualmente.

C.J.M. – Já entrei ali onde é atualmente.

I. S. – Quantos alunos mais ou menos tinha sua turma, você se lembra, tem uma ideia?

C.J.M. – Ah, devia ter uns 30, 40.

I. S. – Uns 30, só de meninos?

C.J.M. – Só de meninos.

I. S. – E por que seus pais optaram na época por te colocar lá? Você se lembra disso?

C.J.M. – Não lembro.

I. S. – Seu pai fazia o que na época?

C.J.M. – Meu pai era médico também, era muito amigo dos outros (médicos). Tinha muito médico, então vai ver que foi a partir daí, resolveram levar o filho para lá. A gente conversando eu lembro que eles comentaram que era um método novo.

I. S. – O Colégio?

C.J.M. – Isso. Que ia de manhã e só voltava à tarde, e que era para tentar criar no aluno a vontade de estudar, de fazer pesquisa. Era isso aí, que era uma escola de ensino diferente do que já tinha. O que eu os ouvia falarem.

I. S. – O seu pai era médico...

C.J.M. – Oftalmologista.

I. S. – Oftalmologista. E ele se formou aqui em Campinas também?

C.J.M. – Na escola do Rio de Janeiro, Escola Federal, na “Praia Vermelha”. Acho que é isso mesmo, na Praia Vermelha tem uma Faculdade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

I. S. – E veio para Campinas?

C.J.M. – Veio para Campinas. Ele era de Amparo (SP), ele estudou lá, depois veio aqui e se casou.

I. S. – Entendi. E a sua mãe, o que ela fazia, era dona de casa?

C.J.M. – Era formada professora, mas era dona de casa.

I. S. – Dona de casa. E esses amigos que frequentavam e que estavam na turma, fora da escola vocês tinham algum relacionamento?

C.J.M. – Depois da escola, aí começou a amizade. Antes eu não me lembro de ninguém do Primário que me acompanhou.

I. S. – Que também passaram por essas escolas e depois acompanhou. Foi depois que você chegou, criou esse vínculo.

C.J.M. – Criou esse vínculo de amizade que eu tenho até hoje com alguns.

I. S. – Até hoje. Você pode me falar o nome dessas pessoas para depois entrevistarmos?

C.J.M. – Tem o Miguel Henrique Collaço, que é chinês. Se eu não me engano ou pai ou a mãe chinesa, um dos dois, e o outro é brasileiro. Ele já me contou a história dele uma porção de vezes, precisa contar de novo. Tem o Carlos Eduardo Góes de Campos, eu lembro o nome

certinho, a mãe foi secretária no Notre Dame, a irmã foi professora. Tem o Eduardo Trevenzolli, não sei o nome inteiro, tem uma porção. Os que estão me acompanhando mais.

I. S. – Tem o Paulo de Tarso Lima também, o “Patativa” (Ruy Carlos Machado), você também falou.

C.J.M. – O Guilherme Martinelli, Luís Alberto de Sousa, todos. Pode ser que eu esqueça alguém. Agora, das meninas, tinham entrado depois, quando dividiu Científico e Clássico. Você não pegou isso?

I. S. – Não, não peguei.

C.J.M. – Agora tá querendo voltar, não é?

I. S. – Isso.

C.J.M. – Científico e Clássico direciona você para a área que você quer estudar futuramente.

I. S. – Exatamente. Mas aí me conta um pouquinho, como eram as aulas e os professores? Vocês tinham vários irmãos que davam aula para vocês?

C.J.M. – Tínhamos. Vários deles ensinaram inglês. O irmão Paulo (Paulo Francis Schaefer) deu inglês e religião, e começou como diretor. Jerônimo (Jerônimo Schwabe), inglês, que também foi diretor. O irmão Pedro (Pedro Celestino Maranto) também deu inglês. Irmão Tomé (Thomas Charles Chady), biologia.

I. S. – Não era matemática?

C.J.M. – Acho que eles faziam de tudo um pouco.

I. S. – De tudo um pouco.

C.J.M. – Era biologia, que eu até lembro que teve umas férias que eles exigiram que a gente fizesse coleção de insetos.

I. S. – O Guilherme (Guilherme St. Romain)?

C.J.M. – O irmão Tomé.

I. S. – O Tomé. Eu fiz essa coleção de borboletas com o irmão Guilherme!

C.J.M. – Foi com o irmão Tomé. Tive aula acho que com todos os irmãos. O Ricardo (Ricardo Burgie) que era física e química.

I. S. – Biologia.

C.J.M. – Biologia. Mas no começo, antes de o irmão Ricardo chegar ao Brasil era o irmão Tomé que dava biologia.

I. S. – Na sua época vocês tinham mais professores irmãos?

C.J.M. – Mais irmãos.

I. S. – Depois foi saindo.

C.J.M. – Foi saindo. Português era o professor Aquino (Carlos de Aquino Pereira).

I. S. – Carlos de Aquino Pereira.

C.J.M. – Carlos Aquino.

I. S. – E educação física quem era?

C.J.M. – Professor Fernando (Fernando Henrique Machado), que estava até pouco tempo no Colégio.

I. S. – Sim, ficou muito tempo. E o João Baptista (João Baptista da Silva Carvalho) que você se lembrou de matemática. E como era a sala de aula?

C.J.M. – A sala de aula tinha a mesa que a gente chamava de “fantasminha”.

I. S. – O que era isso? (Risos).

C.J.M. – (Risos).

I. S. – Pode contar.

C.J.M. – Você se lembra do Fantasminha?

I. S. – Sim. Daquele desenho?

C.J.M. – Isso. Era uma mesa irregular, porque o Fantasminha, o Gasparzinho tinha... Era mais ou menos isso, que um aluno sentava aqui, outro aqui, outro aqui (explica a disposição dos alunos na carteira escolar).

I. S. – Ah, sentavam-se tudo junto?

C.J.M. – Tudo junto.

I. S. – Que interessante.

C.J.M. – Em uma ou duas salas era assim.

I. S. – Quantos? Quatro meninos juntos?

C.J.M. – Quatro.

I. S. – Que interessante! Eu nunca soube dessa mesa. E ficou muito tempo assim?

C.J.M. – Ficou, ficou um ou dois anos.

I. S. – Depois mudou?

C.J.M. – Depois veio para o jeito tradicional. Também teve mesa dupla, como tinha em muitas escolas do governo.

I. S. – E o que você achava dessas mesas?

C.J.M. – Era gostoso.

I. S. – Era gostoso? E dava para se concentrar?

C.J.M. – Dava.

I. S. – Quem gostava disso era o João Baptista (João Baptista da Silva Carvalho, professor de matemática), não é? Porque tinha trabalho em grupo.

C.J.M. – Mais durante as aulas de pesquisa, era assim que eles formavam grupos.

I. S. – Sim. Você chegou a ter aula de trabalhos manuais?

C.J.M. – Tive, com o professor Silvano (Silvano Lopes Castro).

I. S. – O que você fazia na aula de trabalhos manuais?

C.J.M. – Nem queira saber!

I. S. – Nem queira saber? Eu quero saber (risos).

C.J.M. – Era obrigado a comprar todo o material, tinha que comprar. Lima, lixa, a madeira eles davam. A gente fazia espátula, fazia caixa de ferramentas, trabalhos manuais mesmo!

I. S. – Que interessante.

C.J.M. – E tinha muita bagunça também!

I. S. – Sim. Mas acontecia dentro da sala de aula, essas aulas?

C.J.M. – Tinha uma sala especial para artes, para trabalhos manuais. Não tivemos artes como o meu filho teve com o irmão Roberto (Roberto Weinmann), não.

I. S. – Pintura, essas coisas.

C.J.M. – Não, não estou lembrado disso não, mas de aulas de trabalhos manuais com o professor Silvano.

I. S. – Qual a aula que você mais gostava? Educação física, ou já a biologia?

C.J.M. – Educação física mais era jogar futebol, não é?

I. S. – Era jogar futebol. E o *baseball*? Você fazia parte daqueles grupos?

C.J.M. – Eu não fiz, o irmão Paulo queria ensinar, mas eu não era muito chegado em *baseball* não. Eu gostava mais de, é lógico, jogar futebol, mas das aulas mesmo eu gostava de geografia, com o irmão Ricardo de biologia.

I. S. – Biologia. Tinham alguns laboratórios?

C.J.M. – Tinha.

I. S. – E vocês frequentavam?

C.J.M. – Frequentávamos o laboratório de física, química, laboratórios bons. Hoje eu não sei se tem mais isso.

I. S. – Teve na minha época, mas a gente não frequentou tanto. E hoje também tem, mas o pessoal fala que não é tão frequentado.

C.J.M. – Tem, mas acho que não é. Eram mesas mais altas, até o irmão Ricardo ensinava a dissecar e montar esqueleto.

I. S. – Você chegou a fazer isso?

C.J.M. – Fizemos de cachorro. Eu não sei quem é que matava o cachorro, acho que ele não chegava a matar, já vinha morto, ou encomendavam na carrocinha, sei lá como é que chegava! Se não me engano limpava com uma soda cáustica, ou eu estou sonhando. Sei que montar o cachorro a gente tinha que montar o esqueleto, deixava “em pezinho”.

I. S. – Quando as meninas entraram você se lembra delas estudarem junto com vocês na mesma sala?

C.J.M. – Junto. Separava na classe.

I. S. – Separava na classe?

C.J.M. – Por exemplo, elas frequentavam o Clássico e nós o Científico. Português, matemática, as matérias básicas estudávamos juntos. Elas não iam, por exemplo, na aula de física nem de química.

I. S. – Por que isso?

C.J.M. – Eu acho que porque o Clássico não ia ter isso. Elas queriam ser professoras ou alguma matéria, advogado, que não precisa dessas coisas. Alguma coisa da profissão que não precisava de química, física, biologia. Então era direcionado desse jeito. Aí separavam mulher de um lado, homem do outro. Mulher não... Quem queria fazer científico, eu acho que na nossa turma que tinha uma holandesa, que o “Patativa” - Ruy Carlos Machado - vai lembrar o nome dela.



I. S. – Tinha muito estrangeiro, não é? Tinham nomes estrangeiros. Eu andei olhando os prontuários e tinham umas pessoas que vinham de fora.

C.J.M. – Tinha, tinha até que eu lembro o nome dele, eu não sei por que eu lembro. Era da Guiana Francesa, Eric Bernardella.

I. S. – Então, eu vi isso nos prontuários.

C.J.M. – Tinha um que o pai era piloto de avião da Alitalia. Não sei por que esses dois caíram lá no Notre Dame. E tinham alguns de Holambra (SP).

I. S. – Ah, de Holambra. Sempre teve pessoas da região que estudavam lá.

C.J.M. – Isso. Irmão Paulo (Paulo Francis Schaefer) saía também fazendo catequese para chamar futuros irmãos.

I. S. – Eles tinham essa intenção também, não é?

C.J.M. – Isso, tanto que tinha o Juvenato, na sua época não tinha mais.

I. S. – Não, na minha época não.

C.J.M. – Sabe onde é o primário lá em cima, o casarão, várias casas, residências, eles dormiam lá.

I. S. – Os irmãos?

C.J.M. – Os futuros irmãos.

I. S. – Os futuros irmãos.

C.J.M. – Os irmãos mesmo dormiam onde eles dormem hoje, era oficina do senhor... Tinha um moço lá que consertava tudo?

I. S. – O Sr. Alcides? (Alcides Eugênio).

C.J.M. – Sr. Alcides. E tinha a clausura, ao invés de subir lá para o Primário, era aqui embaixo, um dos prédios ali.

I. S. – Clausura? O que era isso?

C.J.M. – Clausura. Onde os irmãos moravam. Eu nunca entrei, não sei o que tinha lá dentro, mas devia ser o quarto de cada um.

I. S. – Então tinha o Juvenato porque eles queriam que os meninos se tornassem irmãos.

C.J.M. – Mas aí eles não tentavam pegar o aluno do Notre Dame para fazer isso. O irmão Paulo ia muito para Blumenau (SC), tinha aluno de Brotas (SP), tem um até que foi diretor do Colégio, antes do atual diretor...

I. S. – O Jamil (Jamil Cury Sawaya)?

C.J.M. – Não, antes do Jamil. A gente apelidava de “Padreco” (diretor Geraldo Lisboa Campos). Porque os irmãos não são padres, não é?

I. S. – Não era o Baldino? (José Baldino da Silva Vasconcellos).

C.J.M. – O Baldino largou a batina. Depois dele.

I. S. – Mas então com vocês eles tinham essa intenção?

C.J.M. – Que eu saiba os irmãos não tinha a intenção de nos levar para Juvenato, não! Não sei se era acordo com os pais ou se esperavam aparecer a “tal” vocação. Aí eu já não sei.

I. S. – Entendi. Você acha que seu pai te colocou no Notre Dame também pelo fato de ser católico? Teve alguma motivação?

C.J.M. – Pode ser, pode ser.

I. S. – Seus pais eram muito católicos?

C.J.M. – Eram.

I. S. – Entendi.

C.J.M. - O que a gente não pode esquecer, depois vou te dar o nome.

I. S. – É. Você vai lembrando os nomes. Também se hoje não lembrar todos, pode me falar depois.

C.J.M. – Esse que eu lembrei agora é meu cliente. Se não me engano ele concluiu o curso para ser irmão... Como é que chama? Para formatura, tem um nome para quando você se torna padre. E depois ele conheceu uma moça, largou, desistiu. Pelo que eu sei da história, não sei se é isso mesmo, ele comprou um terreno numa favela para ajudar os favelados, entendeu? Ele largou a batina, morou lá e está ajudando os favelados até hoje. E a esposa dá aula lá também.

I. S. – O que falam também que o irmão levava os meninos, essas saídas que você contou...

C.J.M. – A passeio?

I. S. – Para ir a outros colégios para chamar alunos. Vocês participavam?

C.J.M. – Eu não me lembro de ir para outros colégios, não. Pode ser que a primeira.

I. S. – Não, não é? E as viagens?

C.J.M. – Viagem eu cheguei a ir aqui perto de Sousas, a gente fazia uma expedição, depois chegamos a Itanhaém na casa que a gente tinha lá.

I. S. – Os irmãos tinham uma casa lá?

C.J.M. – Não, nós tínhamos: a casa do meu pai.

I. S. – Ah, entendi.

C.J.M. – Fomos com o irmão José Lahare e irmão Terêncio (Terêncio Hill), de Kombi. Era uma aventura. Estivemos também na casa do Cury, em Bertioga... Esse tipo de retiro, não era retiro de religião, não. Você ia para passar uma semana, alguma coisa assim.

I. S. – Entendi.

C.J.M. – Mas o irmão Paulo levava sempre um pessoal dos Estados Unidos. Nisso eu nunca fui. O que mais... Tinha excursão para essas exposições no Ibirapuera, como se chama? De arte moderna... (Bienal de Arte Moderna de São Paulo).

I. S. – Sim, da Bienal? Nessas coisas vocês iam? Tinha muita saída de estudo?

C.J.M. – Na Bienal. Tínhamos saídas de estudos.

I. S. – Eles promoviam essas saídas?

C.J.M. – Promoviam. Até hoje, parece que os filhos foram viajar para algum canto aí. E tinha bastante dessa, pelo menos, duas ou três viagens por ano.

I. S. – E como era o relacionamento com os irmãos, assim, e na questão da língua, eles eram tranquilos, a questão da disciplina, as detenções, você chegou a pegar?

C.J.M. – Era gostoso. A língua a gente que ensinava português para eles (risos).

I. S. – E a questão da disciplina? Como era?

C.J.M. – Eles eram amigos da gente. Não enfrentei nada.

I. S. – Eles eram rígidos?

C.J.M. – Tentava ser, mas...

I. S. – Não conseguiam (risos).

C.J.M. – Acho que não conseguiam, tanto que a gente gostava! Eu não sei... Depois eu vou ver o que você vai escrever no final, na sua Tese, saber se alguém da minha época não gostava do Colégio. Pode ser que os mais novos tenham alguma coisa que não gostem. Mas eu não estou lembrado...

I. S. – Mas você gostava do Colégio?

C.J.M. – Gostava! Principalmente quando tinha detenção, juntava todo mundo de fim de semana.

I. S. – Juntava todo mundo? Vocês faziam tudo para ser detidos?!

C.J.M. – Às vezes assim quando você estava com duas detenções, você não achava ruim de tomar a terceira. É lógico que você se assustava, porque mandava para (fora) da sala.

I. S. – E o que você fazia no Colégio de sábado? O que eles colocavam vocês para fazer?

C.J.M. – Quando estava construindo o Colégio, levar tijolo daqui para lá, ou varrer o chão. Quando tinha Festa Junina, montar a fogueira.

I. S. – Os pais não se opunham a essas detenções?

C.J.M. – Não. Eles não batiam em ninguém. Os irmãos não batiam em ninguém, mas era esse tipo de disciplina que tinha. Mas não era aquela coisa rígida que você... Não! Chamavam: “Cleso e fulano, hoje vocês vão varrer o chão do corredor daqui até o fim”. Mas a maioria, como o Colégio estava sendo construído, era para carregar tijolo.

I. S. – Você se lembra dessas construções, assim, dessas ampliações?

C.J.M. – Lembro. Nós entramos lá, tinha a clausura, onde é o refeitório, e mais um corredor. Eram três blocos. A clausura, eu acho que era onde era a capela. Não lá embaixo, lá em cima.

I. S. – Hoje está muito maior o Colégio.

C.J.M. – Eu vou lá às vezes. Primeiro eram três blocos desses paralelos, depois foram construindo outros. E nós carregávamos muita coisa.

I. S. – Carregavam muita coisa. Ajudou a construir o Colégio, então?

C.J.M. – Todo mundo, todos. Não sei se ainda você vai perguntar das festas, essas coisas.

I. S. – É, então, o que você se lembra das comemorações?

C.J.M. – O irmão Paulo fazia as Corridas de Santo Antônio.

I. S. – Sim.

C.J.M. – Então tinha isso, era como se fosse a Festa da Primavera hoje em dia. Não sei se a Festa da Primavera hoje em dia tem competição, tem?

I. S. – Na Festa é a premiação, e uma semana antes têm as competições.

C.J.M. – Eu acho que as finais eram no dia da Festa, da Corrida.

I. S. – Isso.

C.J.M. – Terminava no Dia de Santo Antônio. Depois tinha Campanha das Missões, que era por classe para arrecadar dinheiro para eles mandarem para as missões.

I. S. – Para Santarém (Pará)?

C.J.M. – Deve ser Santarém.

I. S. – Santarém é a (missão) do Brasil.

C.J.M. – Não sei.

I. S. – Na Casa de Belém, é isso?

C.J.M. – Não, a Casa de Belém veio depois. As missões, eu imaginava... Porque o Colégio não tinha nada no Rio Grande do Sul, então devia ser alguma caridade que eles faziam.

I. S. – Eles tinham um colégio em Santarém, no Pará.

C.J.M. – Isso. Tinha em Santarém e em Campinas.

I. S. – E a Congregação sempre teve missões, pode ser que seja para isso também.

C.J.M. – E tinha o Santa Cruz de São Paulo também. É da mesma Congregação, mas aí não se ligavam muito não.

I. S. – Agora a Direção é a mesma.

C.J.M. – Ah, é a mesma?

I. S. – A Direção é a mesma.

C.J.M. – O Provincial é o mesmo?

I. S. – É o Nilto (Nilto Neres de Oliveira,) aqui de Campinas, está tudo centralizado.

C.J.M. – Que Nilto?

I. S. – Nilton (Nilto Neres de Oliveira).

C.J.M. – Não é da minha época, não?

I. S. – Não. Eu acho que ele não foi aluno do Notre Dame.

C.J.M. – Naquela época o Diretor de Santa Cruz era o padre Paul Eugène Charbonneau.

I. S. – Isso, exatamente. Mas nunca foram muito ligados.

C.J.M. – Não, de jeito nenhum!

I. S. – Agora o Nilto é responsável por toda a parte administrativa, é aqui.

C.J.M. – Quem foi irmão Provincial? Eu acho que o irmão Roberto (Roberto Weinmann), não foi?

I. S. – Foi, foi chefe dele. Foi também. Teve um período que ele foi. Eles se intercalam, não é?

C.J.M. – Alguma coisa você vai ter que tirar.

I. S. – Sim.

C.J.M. – O irmão Roberto, pelo que eu sei...

I. S. – A gente pode até depois falar um pouquinho sobre isso. (Demissão do irmão Roberto Weinmann).

C.J.M. – Isso.

I. S. – E dos materiais que eram usados em sala de aula? Como eram? Vocês tinham livros, cartilhas, cadernos? Os equipamentos para fazer as pessoas estudarem, o que você se lembra? Guardou alguma coisa, ou não?

C.J.M. – Eu acho que o mais tradicional.

I. S. – Você já veio alfabetizado para o Notre Dame, não é?

C.J.M. – Já, já vim alfabetizado. Uma coisa que eu me lembro, que eu nunca tinha feito, eu não sei se ensinava isso nos anos anteriores, os cartazes, ah, hoje em dia tem! “Vamos fazer uma colagem, vamos fazer um cartaz falando dos rios brasileiros”, os trabalhos em conjunto.

I. S. – Sim. Isso foi no Notre Dame.

C.J.M. – Outra coisa que eles nos ensinaram, você falar em público. Pra quem é mais tímido, eu era mais tímido, ainda sou. Puseram-me para falar sobre respiração dos insetos para todos os pais, você imagina (risos).

I. S. – Nossa! E todos os professores...

C.J.M. – Os professores, os alunos e os pais. Era uma festa e....

I. S. – E tinha que falar em público.

C.J.M. – Tinha que falar em público. É bom isso!

I. S. – Todos?

C.J.M. – Outra coisa que eles nos ensinaram - não sei se com vocês foi assim, é outra geração, sobre horário.

I. S. – Horário.

C.J.M. – Um dia o irmão Tomé marcou uma excursão, eu não lembro bem para onde, o encontro era na escadaria do correio para cima da Avenida Francisco Glicério. Hoje não dá nem para sentar. E ele falou para os pais mais ou menos isso: “A excursão vai sair 7h27min”. Aí depois nós fomos perguntar para ele: “Mas por que 7h27min? E não 7h30min ou 7h25min?”. E ele respondeu: “Se eu dou um número mais comum é capaz de atrasar. Se você marca um número quebrado a pessoa procura”. Foi o que ele falou. E por sinal, eu sou maníaco com horário.

I. S. – Com horário. Bom, eu acho que eu descobri então porque eu sou também, porque eu sou (super) pontual.

C.J.M. – Pode ser!

I. S. – Não sabia por que, então às vezes eu devo isso ao Notre Dame.

C.J.M. – Pode ser pela educação que eles deram.

I. S. – Pode ser, porque eu não gosto também que (ninguém) atrase.

C.J.M. – Outra coisa, você é católica?

I. S. – A minha formação é católica, hoje...

C.J.M. – Não é que nós éramos obrigados a confessar. A Primeira Comunhão não foi lá, foi na Igreja das Dores (Paróquia Nossa Senhora das Dores de Campinas), devo ter feito curso de Primeira Comunhão, não lembro onde era. Mas a Primeira Comunhão foi...

I. S. – Fez no Notre Dame?

C.J.M. – A Primeira foi na Igreja. Depois você vai comungar. Era “cara a cara” com o padre.

I. S. – Quem era?

C.J.M. – O padre Haroldo.

I. S. – O padre Haroldo! O padre Haroldo do Notre Dame é o padre Haroldo Rahm?

C.J.M. – Não. O padre Haroldo (Haroldo Niero) do Notre Dame foi capelão do exército e foi diretor da Teologia da Puccamp.

I. S. – Olha só!

C.J.M. – E foi no meu casamento.

I. S. – Você lembra o sobrenome dele?

C.J.M. – Padre Haroldo...

I. S. – Mas pode deixar que eu localizo. Não é o padre Haroldo Rahm, esse atual?

C.J.M. – Não é o padre Haroldo Rahm, não.

I. S. – Entendi. Esse já está com 95 anos e parece que ele está doente.

C.J.M. – O padre Haroldo não era tão velho. Mais velho que eu ele era, lógico. Hoje ele estaria beirando uns 80 anos.

I. S. – O Haroldo Rahm que eu estou falando é bem mais velho. Está bem velhinho. Diz-me uma coisa, e as outras atividades fora da sala de aula, grêmio, teatro, fanfarra, coral, tinha alguma coisa que vocês faziam?

C.J.M. – Os irmãos tinham um coral.

I. S. – Ah, os irmãos tinham um coral? Olha só que interessante.

C.J.M. – Tinham, eles cantavam.

I. S. – Tinha nome esse coral? Você se lembra, não?

C.J.M. – Festa de fim de ano eles iam lá e cantavam.

I. S. – Eles cantavam em inglês?

C.J.M. – Cantavam muito bem.

I. S. – Cantavam em inglês?

C.J.M. – Em inglês.

I. S. – Tocavam algum instrumento ou não?

C.J.M. – Acho que não.

I. S. – E vocês, tocavam? Tinham aula de música?

C.J.M. – Tinha aula de música.

I. S. – De que instrumentos você se lembra?

C.J.M. – Aula de música eu não tocava nada. Eu não sei que aula de música tinha, mas que tinha, tinha. Tinha aula de música, mas não lembro nem quem era o professor.

I. S. – Tinha, mas não lembra muito do que acontecia...

C.J.M. – Não me lembro da aula de música, não. Já, já vai puxar “o meu computador”, aí vai funcionar.



I. S. – Isso, daqui a pouco você se lembra. Onde você morava quando você estudava no Notre Dame? Como você ia para a escola?

C.J.M. – Eu morava aqui na Rua Antônio Lapa, aqui no Cambuí e no começo era um ônibus da Companhia Lício. Era uma companhia que ia de Campinas a Sousas. E depois passou a Bortolotto, mas a gente ia mais... Isso, esse micro-ônibus aí mesmo! (O entrevistado reconhece o ônibus no livro do Colégio). Deixa-me ver se eu lembro aqui...

I. S. – E a bagunça dentro do ônibus?

C.J.M. – Nossa Senhora! Você não queira saber.

I. S. – Pode contar tudo.

C.J.M. – Eu me lembro das pessoas, mas não lembro muito o nome (o entrevistado identifica a fotografia no livro do Colégio).

I. S. – Entendi.

C.J.M. – E depois do ônibus, foi uma perua Kombi (Volkswagen).

I. S. – Isso era uma pessoa.

C.J.M. – A perua era do próprio Lício. Era Viação Lício, se eu não me engano.

I. S. – Ah, entendi.

C.J.M. – Esse micro-ônibus, essa jardineira era da Viação Lício, mas era o nome dele também. O primeiro nome eu não sei como era, mas ele era Sr. Lício. E a bagunça no ônibus você imagina, juntou... Você ficava quieto na aula, saía...

I. S. – E demorava a chegar ao Notre Dame, não é? Era uma viagem.

C.J.M. – Era uma viagem para ir para o Notre Dame. Acho que 1 hora, mais ou menos. Aí era pista única, mas também não tinha trânsito. Ou você ia de perua ou depois no Científico fazia rodízio com os pais, cada semana era um, ou cada mês era um que levava.

I. S. – E vocês almoçavam no Colégio?

C.J.M. – Almoçávamos. Sr. Alcides era o cozinheiro.

I. S. – Tinha uma cantina?

C.J.M. – Tinha cantina que vendia só Coca-Cola. Você comprava a Coca-Cola de garrafinha antes, que a gente colecionava, aquela época vinha muita Coca-Cola de fora, então as garrafinhas eram feitas nos Estados Unidos, feita ali, feita aqui, e vinha tudo escrito. E cada semana ou cada mês era um ou dois que era encarregado de limpar a mesa.

I. S. – E levavam lanche de casa também? Lembra-se de levar lanche de casa ou não?

C.J.M. – Não, acho que não.

I. S. – Podia levar brinquedo para a escola? Tinha um dia que tivesse que pudesse levar brinquedos, as suas coisas para ficar lá brincando?

C.J.M. – Não estou lembrado disso, não. Acho que não tinha. E também não era rigorosa a disciplina que você não pudesse sair correndo atrás de bola... Brincadeira de criança.

I. S. – E os uniformes?

C.J.M. – O uniforme era calça comprida cinza, camisa branca com aquele distintivo que é até hoje. E às segundas-feiras era terno, blazer.

I. S. – Blazer. Que cor era o paletó?

C.J.M. – Azul marinho.

I. S. – Azul marinho e a calça cinza. E tinha que ser de sapato.

C.J.M. – Tinha que ser de sapato. Você cantava o hino nacional ali. Todo dia.

I. S. – Cantava o hino todo dia?

C.J.M. – Às segundas-feiras.

I. S. – Onde era no Colégio, você se lembra?

C.J.M. – Lembro.

I. S. – Hasteava a bandeira...

C.J.M. – Hasteava a bandeira, escolhia um aluno para hastear. Isso eu não lembro se era um aluno, acho que era um aluno. E hasteava no pátio, não era lá embaixo não. “Faz de conta que você chegou...”. Você desce de onde eu falei do Juvenato, lá em cima, desceu tem o primeiro prédio, o segundo (edifício) era o restaurante, depois tem um espaço maior.

I. S. – Sim.

C.J.M. – E depois mais dois prédios. Era ali. Se não me engano, de frente tem uma caixa d’água onde os irmãos moravam ali, não tem?

I. S. – Isso.

C.J.M. – Em frente a um pátio muito grande. Ali que se hasteava. E as festas eram ali.

I. S. – Na época que você entrou, em 1963, a gente está a um ano de um período difícil na história do Brasil. Você se lembra? Você era um menino, você se lembra desse clima ou o Colégio e os seus pais te poupavam?

C.J.M. – Eu me lembro de alguma coisa... Teve um problema com os irmãos ou um diretor, eu não sei qual é, que recebeu o pessoal da UNE (União nacional dos Estudantes), os deixou dormirem lá (no Colégio). Alguma coisa desse tipo. Deu confusão, levaram acho que o irmão Leonardo e mais um para depor no DEOPS (Departamento de Ordem e Política Social).

I. S. – Nossa!

C.J.M. – E eu me lembro da fotografia de um deles, o repórter lá da rua tirando fotografia deles olhando da janela assim para baixo. Estadão, Correio Popular. Não me lembro de que jornal era.

I. S. – O irmão os deixou dormirem lá...

C.J.M. – É, porque não tinha nada demais, acho que era uma reunião da UNE, alguma coisa assim. Não que o irmão tivesse intenção de alguma coisa.

I. S. – Entendi. Mas aí vieram tirar satisfação.

C.J.M. – Vieram e se não me engano acabaram com a reunião da UNE e levaram dois ou três irmãos para depor, para dar depoimento do porque estava acontecendo aquilo lá.

I. S. – Dentro do Colégio?

C.J.M. – Dentro do Colégio.

I. S. – Olha que interessante isso!

C.J.M. – E tinha também alguma coisa de livro, na biblioteca, que falava da União Soviética, de Stálin, disso e daquilo... Tinha um ou outro livro. Eu lembro que os alunos ficavam “está aqui, está ali” ... Não era proibido, não.

I. S. – Não era proibido?

C.J.M. – Não, de jeito nenhum. Isso aí é o que eu sei de política, pouca coisa que eu lembro.

I. S. – Sim.

C.J.M. – Tem gente que vai lembrar mais. Não que estejam envolvidos.

I. S. – Entendi. Mas que interessante isso, não é? É raro alguém se lembrar dessa fase.

C.J.M. – Lembrando essa fase... Era fotografia do irmão Leonardo.

I. S. – Éramos muito poupados. Jovens, assim, nesse período, não deixavam chegar muitas informações.

C.J.M. – Mas também não sei se (os jovens) se interessavam muito, não.

I. S. – Complicado, não é?

C.J.M. – Eu sabia que estava tendo algum movimento, alguma coisa assim, mas não... Eu jogava bola...

I. S. – (Vocês) eram muito crianças ainda.

C.J.M. – Muito novo ainda.

I. S. – Então em relação aos acontecimentos, o que você se lembra, político, econômico, é mais em relação a isso. A gente já falou um pouquinho da disciplina. Em relação à educação física, essa coisa de fazer parte de algum time, tinham aqueles campeonatos intercolégiais?

C.J.M. – Tinha.

I. S. – Você chegou a participar disso?

C.J.M. – Eu não sei se foi campeonato, mas eu cheguei a jogar. Fizemos um time de futebol, tenho até uma fotografia, eu não sei onde está, do nosso time de futebol no Colégio Culto a Ciência.

I. S. – Olha só!

C.J.M. – Se você se interessar eu tenho em algum canto, guardadinha.

I. S. – Me interessa assim, reproduzir, eu posso tirar foto, escanear, interessa bastante.

C.J.M. – Os colegas ali eu lembro direitinho quem são.

I. S. – E disputava com os outros colégios?

C.J.M. – É. Contra a Escola de Cadete, a gente era bem “pequeninho”.

I. S. – E o Notre Dame se destacava?

C.J.M. – Que eu saiba, não.

I. S. – Não, assim, nesses campeonatos...

C.J.M. – Campeão, não. Eu não lembro se foi campeonato, mas esse jogo que a gente ia jogar contra a Escola de Cadetes, era tudo soldados e a gente era tudo estudante de Ginásio, só perdia. E aquele jogo com o Culto a Ciência não lembro o que deu, mas acho que não era campeonato.

I. S. – Já tinha a pista de atletismo lá em baixo?

C.J.M. – Já! O irmão Paulo dizia: “Vocês vão entrar aqui que nós vamos construir uma piscina”. Está devendo a piscina até hoje. Já ouviu falar?

I. S. – Já. Essa dívida da piscina é histórica (risos).

C.J.M. – Até hoje. É que ele já morreu, senão o pessoal iria cobrar ele até hoje.

I. S. – E além dos esportes do atletismo, o que vocês faziam na educação física?

C.J.M. – Quando não era futebol, era revezamento, salto à distância, pelota, a bola no paredão. Tinha o baseball, que eu não...

I. S. – Corrida de 100 metros tinha?

C.J.M. – Corrida de 100 metros, essas coisas tinham.

I. S. – E aí na educação física tinha um médico que avaliava vocês, não tinha?

C.J.M. – Não. Que eu saiba não tinha médico nenhum, não.

I. S. – Não tinha que fazer exame médico? Não tinha um exame que de vez em quando vinha um médico?

C.J.M. – Não sei se tinha médico, mas o Professor Fernando (Fernando Henrique Machado) nos colocava em fila para subirmos numa balança e medir a altura.

I. S. – Ele mesmo fazia?

C.J.M. – Eu acho que era ele mesmo, agora não me lembro de ter alguma mesa com médico.

I. S. – Entendi. Na minha época de vez em quando vinha.

C.J.M. – E outra coisa que a gente não gostava depois da aula de educação física, banho frio.

I. S. – Tinha que tomar banho frio?

C.J.M. – Nossa senhora!

I. S. – E tinha vestiários lá?

C.J.M. – Vestiário, nada. Era uma sala de aula grande, duas salas desse tamanho, cheia de cano d'água. Como servia no exército americano. E era frio, não tinha nem ducha, jogava a água dos canos, e era frio. E se você se escondesse para tomar banho o professor ia atrás e te jogava lá embaixo. Imagina no inverno aquele banho frio!

I. S. – Era para acordar mesmo.

C.J.M. – Mas era bom!

I. S. – É. O que significou para você, qual o sentido maior de ter estudado no Notre Dame? O que ficou para você desses anos que você passou lá?

C.J.M. – Ah, o que eu posso dizer. Ficou muita coisa que eu aprendi. Respeitar os outros, se bem que isso é em casa que ensinam. Os professores foram ótimos, e essa lembrança toda. Eu não sei quem gosta de ir ao Colégio. Será que o pessoal de hoje gosta de ir? Eu não sei.

I. S. – Você acha que o pessoal da sua época tem uma afetividade até hoje?

C.J.M. – Gostava de ir. Até hoje. Tanto que você viu aí na internet uma fotografia. Nós nos reunimos, não conseguimos reunir todo mundo, cada um está num canto, e a amizade continua.

I. S. – Sim.

C.J.M. – Tanto que eu sou desse tipo, se algum deles precisar de qualquer coisa eu vou ajudar. Quebrar um galho, “vamos ali com ele”, “me leva”, sabe, como se fosse amigo até hoje. Não sei se é recíproco.

I. S. – Entendi.

C.J.M. – Isso eu acho que veio de lá também.

I. S. – Então, isso que eu queria te perguntar. A formação que você teve lá...

C.J.M. – Eu acho que influenciou bem o ensino religioso, que eu acho importante você ter a fé em alguma religião, eu sou católico. E também respeito os outros, que eles ensinavam naquela época, não sei se até hoje é assim. Entrava alguém na sala, você fica em pé.

I. S. – Vocês ficavam em pé?

C.J.M. – Ficávamos em pé, não sei se hoje é assim.

I. S. – Não.

C.J.M. – Nem na sua época?

I. S. – Na minha época também não.

C.J.M. – E o Santo do dia?

I. S. – Também não.

C.J.M. – O irmão punha na lousa, bem no canto direito um retângulo, ele mesmo escrevia “o Santo do dia é tal Santo”, São José, São Pedro. Você rezava o Pai Nosso e vamos dizer: “São Pedro rogai por nós, amém”, alguma coisa assim. Então essas coisas eles ensinaram para gente. Não sei os Santos do dia, mas tem um Santo para cada dia. São esses valores que eles deixaram.

I. S. – E você traz isso até hoje para a sua vida?

C.J.M. – Trago, trago.

I. S. – Em relação à educação que você teve em termos de conhecimento, isso te ajudou, na sua escolha profissional? Por que você escolheu ser médico?

C.J.M. – Meu pai nunca me influenciou em nada, nunca me falou para ser médico, mas geralmente o menino quer seguir a profissão do pai.

I. S. – E o Notre Dame te ajudou nesse sentido? Você acha que o que você exerce hoje na sua profissão, o conhecimento que você teve no Colégio te ajudou ou você teve que buscar mais conhecimento?

C.J.M. – Para o Vestibular ajudou, sim. Depois, na Medicina, o que posso falar? Tem muito cálculo, tem muita aula de biologia. Nessas coisas ajudou também, fora o Vestibular ajudou bastante, sim. E têm mais histórias, nossa! Um professor de química que a gente tinha, no último ano.

I. S. – Pode ir lembrando e pode ir falando.

C.J.M. – Professor Teixeira, ele era professor do cursinho em Campinas e dava aula no Colégio Objetivo, em São Paulo. Sei que ele ameaçou reprovar todo mundo no 3º Científico. Tinha gente que já tinha até entrado na faculdade.

I. S. – Isso no Notre Dame?

C.J.M. – No Notre Dame!

I. S. – Ameaçou reprovar todo mundo?

C.J.M. – Todo mundo, quase todo mundo. (Os alunos disseram): “O que nós vamos fazer?”. Quem foi amigo (inaudível) foi o Irmão José, conheceu ele ou não?

I. S. – Não.

C.J.M. – Não sei quem deu a ideia: “Vamos levar bombom para a esposa do Teixeira, em São Paulo”. Sei que nós levamos. Eu não sei se ele ia reprovar todo mundo, mas foi um presente que nós demos.

I. S. – Amansou o professor.

C.J.M. – Amansou o professor.

I. S. – (Risos). Olha só, que interessante!

C.J.M. – Depois tinha a história do Cidinho, era filho do cozinheiro, mandá-lo pedir hóstia para o padre.

I. S. – Como é que foi essa história?

C.J.M. – Tinha a fila da comunhão, e o Cidinho era desse tamanho. “Cidinho, entra na fila para pedir uma bolacha”, e ele furava a fila, todo mundo o deixava entrar. Chegava à frente dele, e o Padre Aroldo: “Não, você não vai”. Toda vez mandava o Cidinho entrar... Tem umas histórias!

I. S. – Que você vai lembrando conforme vai me contando.

C.J.M. – Tem muita coisa. O dia que você entrevistar o “Patativa” (Ruy Carlos Machado), eu não sei direito, pede para ele contar as histórias de aula de inglês!

I. S. – Por quê? Vocês aprontavam muito com os irmãos?

C.J.M. – Nossa Senhora! Era com o Terêncio (Terêncio Hill). Terêncio você conheceu?

I. S. – Não, só de nome.

C.J.M. – Ele também largou a batina. Ele também dá aula. Acho que além de professor ele é psicólogo, alguma coisa assim. Ele é tradutor intérprete, tudo mais.

I. S. – Entendi. Os seus filhos estudaram no Colégio? Quantos filhos você tem?

C.J.M. – Três.

I. S. – Três.

C.J.M. – O “Clesinho” estudou. A Mariana até um ponto, depois saiu, e a Ana Maria estudou lá até o fim também. Acho que o último ano ela fez o Colégio Integral.

I. S. – E o que você se lembra, que foi muito diferente da sua época e da época deles?

C.J.M. – Do ensino?

I. S. – É.

C.J.M. – Geografia! Na minha época você estudava Geografia mesmo, depois começam a ensinar política. Você deve ter tido isso aí.

I. S. – Que era o Rui Ribeiro de Campos, não é?

C.J.M. – Que era o Rui!

I. S. – (Risos).

C.J.M. – Eu vou falar. Tinha um que se orgulhava de ser preso político. Eu não sei o nome dele, que dava aula de Geografia para os meus filhos.

I. S. – Glauco?

C.J.M. – Não.

I. S. – Então foi o Rui. Que época que os seus filhos estudaram?

C.J.M. – Meu filho está com 36, 37 anos, ele era um professor meio gordinho, baixinho. Não era Penha, não (Carlos Alberto Penha), Penha não era professor de Geografia. Era um deles que



eu estava para ir lá falar do orgulho que tinha. Tanto que eu pergunto para os meus filhos hoje, também é cultura só: “Quais são os afluentes do Rio Amazonas?”.

I. S. – Não sabem (risos).

C.J.M. – Acho que eles não ensinam mais nada disso hoje, mas naquela época era Geografia mesmo. Você sabia capital de tudo quanto é lugar. Era Geografia mesmo, quem dava era o Glauco (Glauco Lotti Craveiro) ou o Ivan (Ivan Lotti Craveiro). Eram bons professores.

I. S. – O Glauco e o Ivan não foram seus professores?

C.J.M. – Foram meus professores. Não sei se deram aula para eles, não. E de história, era a professora Geni.

I. S. – Sim, a Geni e o Ivan.

C.J.M. – É. É porque era mais o Ivan. Mas o professor de Geografia que era dava história política se orgulhava de ter sido preso político.

I. S. – Entendi (risos). Então você acha que isso mudou da sua...?

C.J.M. – Nessa parte, sim. Outra coisa que mudou...

I. S. – Você fazia parte da APM (Associação de Pais e Mestres)? Os seus pais faziam e você fazia enquanto pai?

C.J.M. – A APM, na minha época, acho que não...

I. S. – Na sua época não era tão atuante?

C.J.M. – Quando eu fui estudar... **(o entrevistado interrompe a entrevista para atender ao telefone).**

I. S. – E na época dos seus filhos? A diferença na educação na época que você foi aluno e seus filhos foram alunos.

C.J.M. – Eu acho que na época dos meus filhos a escola passou a ser mais comum.

I. S. – Entendi. Você pegou os anos mais... O Notre Dame passou por anos difíceis, não é? Porque os irmãos foram saindo e foram dando a administração para os leigos.

C.J.M. – Não peguei.

I. S. – Então foi um período meio difícil.

C.J.M. – Meus filhos pegaram. Eu não peguei.

I. S. – Você acha que caiu?

C.J.M. – Eu acho que caiu. Mas agora eu acho que não é a mesma coisa, de jeito nenhum. Eu fui lá na Festa da Primavera, pediram para que eu plantasse uma árvore lá...

I. S. – O que você sentiu quando você entrou?

C.J.M. – Não senti mais aquela união. Eu lembro que a Festa da Primavera, a Corrida de Santo Antônio, ou Festa de qualquer coisa, o colégio ficava assim (lotado). Festa Junina, essa daí estava meio vazia.

I. S. – É. O que as pessoas costumam dizer é que foi se tornando mais uma empresa e a característica de ser uma instituição, uma escola, foi se perdendo. Está se tornando mais uma empresa.

C.J.M. – É isso aí. Porque você tinha naquela época mais liberdade. Pelo menos a minha turma tinha liberdade de falar com o diretor, você chegava lá e o irmão Pedro te recebia. Era proibido fumar. Ou fumava escondido ou...

I. S. – Ele podia fumar cachimbo?

C.J.M. – Ele podia. Mas a gente ia lá e podia fumar com ele na sala dele.

I. S. – Você fumava?

C.J.M. – Eu comecei a fumar mais velho, depois. Mas eu lembro que o pessoal falava: “Ah, o irmão Pedro nos deixa fumar, vamos lá”.

I. S. – Como se chama sua esposa?

C.J.M. – Telma.

I. S. – Ela estudou no Notre Dame?

C.J.M. – Não, ela é de Marília.

I. S. – De Marília. Porque você estudou em Marília. Quantos anos você fez de Medicina lá?

C.J.M. – Seis anos de Medicina e depois dois de residência lá, e um aqui em Jundiaí.

I. S. – Desculpe você me falou. Qual é a faculdade?

C.J.M. – Faculdade de Medicina de Marília, a FAMEMA, porque lá hoje em dia têm duas.

I. S. – Então é isso. Assim, em relação à sua experiência tem mais alguma coisa que eu tenha deixado passar que você gostaria de deixar registrado, alguma coisa que por estarmos conversando veio na sua memória? Depois, se lembrar de alguma coisa, também, a gente pode conversar num outro momento.

C.J.M. – Eu sou melhor para falar do que para escrever.

I. S. – Em relação a esses documentos, objetos.

C.J.M. – Eu vou ver se eu acho a carta do irmão Jerônimo, dirigida aos pais, que se eu não me engano, tem o nome dos alunos que estavam ameaçando de fazer o protesto.

I. S. – Isso é muito interessante, porque são coisas bem únicas e essa memória do cotidiano ficou com os alunos.

C.J.M. – De bagunça a gente lembra muito.

I. S. – Sim (risos). Mas isso é a coisa mais gostosa da vida, não é?

C.J.M. – Bomba quando o irmão Provincial veio no Colégio.

I. S. – Ah, é. Como é que foi isso? O Provincial dos Estados Unidos?

C.J.M. – O americano lá, não sabia nem falar português.

I. S. – Vocês colocaram o que, uma bomba?

C.J.M. – Uma bomba no banheiro do prédio.

I. S. – Quem fazia essas bombas? Como faziam?

C.J.M. – Comprava bomba junina e juntava pólvora, tudo em uma só. Sei que uma das bombas foi muito forte, quebrou a privada, deu uma confusão, mas eu não sei te dizer quem foi.

I. S. – Você nunca vai me dizer quem foi (risos).

C.J.M. – (Risos).

I. S. – Nem com o gravador desligado?

C.J.M. – Posso imaginar quem seja, mas eu não lembro mesmo! Isso foi uma das aventuras. Depois uma foi nesses armários de cada um, que fazia um barulhão, móvel de aço, com bomba dentro, você imagina!

I. S. – Sim.

C.J.M. – Mas não era revolta de nada, era só para bagunçar.

I. S. – E o Provincial não ficava chocado com essas coisas?

C.J.M. – É! Todos eles de batina, não é? Naquela época, você não imagina quanto tempo faz. Eu não sei o que o irmão, diretor no Brasil falava para justificar!

I. S. – Para justificar esse tipo de atitude.

C.J.M. – Esse tipo de atitude. Mas não era uma revolta para nada. Quando solta bomba você acha que é terrorista, revolta, protesto de alguma coisa. Mas era mais bagunça. Bagunça mesmo.

I. S. – Coisas da idade.

C.J.M. – Isso!

I. S. – Os hormônios (risos).

C.J.M. – Depois, uma vez, puseram uma irmã, uma freira, para dar aula de religião. Os alunos se revoltaram. Chamava irmã Sétima, não sei se está viva.

I. S. – Chamava irmã Sétima?

C.J.M. – Irmã Sétima. Os irmãos não têm nenhum deles para contar que ela existiu. Um professor aqui, o Joao Batista se deve lembrar. Até o professor de educação física, professor Fernando. Sei que nós não gostávamos muito da aula dela, ou era por bagunça, sei lá eu. Na hora que terminava a aula a gente saía, ela saía, e a gente saía atrás e ao invés de cantar: “Ave Maria”, nós cantávamos: “Abre a cerveja”, a gente saía em procissão atrás dela.

I. S. – Sim.

C.J.M. – Aí ela desistiu!

I. S. – Mas chegou a dar aula muito tempo ou deu algumas aulas e desistiu?

C.J.M. – Não, acho que não aguentou.

I. S. – Não aguentou. E nessa época eram só os meninos, não é?

C.J.M. – Só os meninos.

I. S. – Nossa...

C.J.M. – Se bem que tinha outra coisa. Eu acho que a disciplina não deveria ser tão rígida, porque o Colégio era pequeno. Se comesse a expulsar, se for pensar, mandar embora os internos de lá, a coisa podia não decolar, o Colégio em Campinas.

I. S. – Por isso que eles tinham muita paciência com vocês.

C.J.M. – É. Tinha um irmão, o Leonardo. Chegou a conhecer?

I. S. – Não, mas eu já vi o nome dele.

C.J.M. – Diz que ele era professor de um correccional lá nos Estados Unidos, lutador de boxe. Ele era irmão, religioso, já lá. Mas o apelido dele era “piruzão”. Esse chegou uma vez a pegar um dos colegas, que eu não lembro qual foi, levantou pelo colarinho, mas aí ele cedeu e largou.

I. S. – Nossa!

C.J.M. – Porque ele era um jogador de basquete “daquele tamanho”.

I. S. – Sim, alto.

C.J.M. – É. Acho que aí ele lembrou que aqui não se faz isso. Aqui nem lá. Ou é porque ele veio de uma escola dessas de correccional de lá, mas não deu em nada, ficou só nisso.

I. S. – Ficou nisso, entendi. Então vocês tiveram até uma vida tranquila.

C.J.M. – Foi tranquila. Eu não sei se atualmente, mesmo no tempo dos irmãos, se num Colégio tão grande seria tranquilo assim. Não sei se o Santa Cruz, que já era grande, tinha essa disciplina mais branda.

I. S. – Pelo o que eu conversei ontem, que eu fiz uma entrevista, eles são bem rigorosos com a disciplina.

C.J.M. – Desde aquela época?

I. S. – Não, agora.

C.J.M. – Agora eu não sei como é.

I. S. – É. Então assim, não dá muita chance do aluno sair (da linha).

C.J.M. – Mas eu acho que isso é falta de educação, de ensinar desde “pequeninho”.

I. S. – Isso é complicado.

C.J.M. – Eu atendo aqui muito professor do Estado. (**Entrevista interrompida e retomada**).

Então essa coisa de uniforme eu acho que deveria ter. Acabaram com essa história de não ter uniforme no Estado. As escolas hoje em dia têm uniformes? Têm, não é?

I. S. – Têm.

C.J.M. – Tem uniforme. Eu acho importante ensinar disciplina e educação. Então isso tudo que as escolas precisam ser mais rigorosas, eu acho que não ensinou a criança desde pequenininha. Não é que meu pai era rigoroso, não. Nunca bateu em mim, não tenho nada a reclamar dele. E não sei dos outros colegas, mas nunca vi ninguém reclamando do próprio pai.

I. S. – É, o que os professores reclamam hoje em dia é que a família entrega essa responsabilidade da educação total para a escola, e a escola não dá conta.

C.J.M. – A educação do ensino é da escola. A educação, vamos dizer, no berço, os valores tem que vir de casa, e começar desde pequenininho.

I. S. – Os valores têm que vir de casa e reforçar na escola. Então o que os diretores, professores dizem, que muitas vezes eu converso, é que a família joga tudo para a escola e o professor não

dá conta. Ele não dá conta, entendeu? Da agressividade, os alunos têm mais dificuldade de respeitar.

C.J.M. – Eu não me lembro de colega meu agressivo. E hoje em dia eu sei que tem.

I. S. – Tem. É mais complicado segurar o adolescente hoje do que na época de vocês. E na minha também, eu acho que eu tinha medo dos professores.

C.J.M. – Não tinha. A gente tinha um clubinho em frente à diretoria. Hoje a diretoria é em outro prédio, um sobrado. O clube nosso ficava onde os irmãos dormiam. A gente chama de clausura. Não têm mais irmãos, então eles não dormem mais ali. Mas você sabe onde é?

I. S. – Sei.

C.J.M. – A clausura é a última, não aquela lá no prédio. A clausura onde era a oficina do Sr. Alcides.

I. S. – Antes das quadras ali, não é?

C.J.M. – Isso!

I. S. – Antes de descer, uma casa.

C.J.M. – Tinha um clube que era numa casinha de pedreiro que nós resolvemos fazer um clube, daquele tipo “Clube do Bolinha”, que menina não entra. Não tinha mulher também. Então tinha o clube da nossa classe, o clube da outra classe.

I. S. – Eram duas classes?

C.J.M. – É, mas aí já não era só duas.

I. S. – Aí tinham mais classes?

C.J.M. – Tinha mais classes. Teve esse clubinho, tinha o clube de outra classe, que eu não lembro onde era. Aí a gente fazia competição e servia nessa Campanha das Missões.

I. S. – Olha só! Você se formou no Notre Dame, como foi a sua Festa de Formatura?

C.J.M. – Com a bandeira da Ponte Preta (Associação Atlética Ponte Preta).

I. S. – Ah (risos). Olha só! E foi no Colégio?

C.J.M. – Foi. Onde era o refeitório. Hoje em dia é o ginásio de esportes. A minha festa foi onde era o refeitório dos alunos. Tradicional, entrega de diploma, e nós assistimos ao bandeirão da Ponte Preta ali atrás, que foi o ano que a Ponte Preta subiu de divisão. Então a gente assistiu ao jogo. Aí o irmão ia com a gente.

I. S. – Porque o irmão Pedro era bugrino, não é?

C.J.M. – Ah, ele fazia mais para mexer com a gente. Boa gente toda vida ele, todos eles.

I. S. – Sim, todos eles.

C.J.M. – Eu gostava muito do irmão Pedro.

I. S. – Ficou muito tempo no Colégio. Ele era a máquina de (?).

C.J.M. – Irmão Pedro Celestino Maranto, eu lembro o nome dele até hoje. Tomé Chady, e tinha o Ricardinho (Ricardo Burgie) de física que era muito amigo meu. Tinha um que tinha que fazer regime, porque era diabético. Ele morreu...

I. S. – Irmão Guilherme (Guilherme St. Romain). Foi para os Estados Unidos e queria voltar, mas ele acabou falecendo por ser diabético. Ele não conseguia emagrecer.

C.J.M. – Eu lembro que o irmão Guilherme foi jantar em casa, até preparamos um jantar sem carboidrato, fizemos as coisas, e quando a gente vê ele chega com aquelas coisas de americano, cheio de doce.

I. S. – Ele abusava também, não é?

C.J.M. – Ele era muito bonzinho, dava aula de Inglês.

I. S. – De inglês e biologia também. Eu fiz a coleção de insetos com ele. A gente teve que fazer uma redinha e caçar borboleta. Olha você me passou bastante informação, talvez a gente marque de conversar de novo. Gostaria muito de ver esses objetos que você disse que tem, e eu posso reproduzir, escanear...

C.J.M. – Eu devo achar uma caixa, essa tal da carta... Se já não tiver escorado, porque naquela época usava mimeografo. Sabe o que é mimeografo?

I. S. – Sei, sei. Quando eu estava no Primário era mimeografo. Aquele cheiro de álcool!

C.J.M. – Teve um lance, eu não lembro o que foi... Irmão Victor, esse casou com uma professora.

I. S. – Esse eu não conheci.

C.J.M. – Ele era professor de inglês também. Prova difícil.

I. S. – E era bom o inglês nessa época no Notre Dame?

C.J.M. – Era bom. Eu não sou fluente em inglês, mas era bom sim. Sei que a prova ia ser difícil. Combinamos de pegar a prova à noite. Então a desculpa que o grupo deu seria de acampar no Colégio, porque tinha um que tinha essas barraquinhas de camping. Disseram “pode vir”. A janela de lá até hoje é assim, dos prédios, aquela basculante. Eu não sei quem pulou. Estava no grupo. Mas eu lembro que ele conseguiu pular, e pegou a prova.

I. S. – Não descobriram o que vocês fizeram?

C.J.M. – Descobriram! Opa, e sabe por quê? O mimeografo, as provas originais eram todas alinhadinhas. Uma do mimeografo, ou a original do mimeografo ao invés de imprimir aqui faltou numeração.

I. S. – Aí desconfiaram!

C.J.M. – A coisa foi tão... Faltou cabeça. Nós trocamos a folha e entregamos. Ao invés de preencher na prova. Não sei se ele conseguiu descobrir quem foi o chefe.

I. S. – Não conseguiu descobrir?

C.J.M. – Não sei.

**FIM DA ENTREVISTA**



## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO**

|                                                                              |                           |
|------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| Nome: <b>Erica Hellen Olmos Pereira</b>                                      |                           |
| Data de nascimento: 01 de julho de 1967                                      |                           |
| Local de nascimento: Campinas, São Paulo.                                    |                           |
| Endereço: Rua Dr. Guilherme da Silva, nº 360 Ap. 41                          |                           |
| Bairro: Cambuí                                                               | CEP: 13.025-070           |
| Cidade: Campinas                                                             | Estado: São Paulo         |
| Telefone: (019) 3395 7478                                                    | Celular: (019) 98177 1287 |
| E-mail: <a href="mailto:erica.olmos@hotmail.com">erica.olmos@hotmail.com</a> |                           |
| Documento de Identidade: 18025118-1                                          |                           |
| Ano de ingresso no Colégio: 1975                                             |                           |
| Ano de saída do Colégio: 1981                                                |                           |
| Profissão atual: Economista e Design de Interiores                           |                           |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                                          |
|--------------------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                                             |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                                 |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado                          |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado               |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                                        |
| Transcrição: Isabela Cristina Salgado                                    |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado                     |
| Local: Residência da entrevistada - Campinas - SP - Brasil               |
| Data: 04 de outubro de 2017                                              |
| Duração: 1º Parte: 01h12min15s / 2º Parte: 31min53s / Total: 01h43min68s |
| Páginas: 42p.                                                            |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

**(1º parte da entrevista):** Dados pessoais da entrevistada; sobre a alfabetização aos cinco anos de idade; a bronquite na infância e a residência na cidade de Santos; o curso primário na Escola Normal de Campinas; curso primário na Escola Municipal Olavo Bilac, em Santos; o retorno para Campinas e a indicação para estudar no Colégio Notre Dame no final da 3º série do primário; os atrativos do Colégio: a pedagogia, o ambiente e a área esportiva; sobre a profissão dos pais; a entrevista com os irmãos do Colégio e a aquisição de bolsa de estudos; sobre a irmã Milena Olmos; a dificuldade inicial de acompanhar os estudos; sobre o apoio dos pais no acompanhamento dos estudos e as tarefas de casa; sobre os grupos de estudos; sobre o transporte escolar; a amiga Kátia Facure; as dificuldades na disciplina de inglês no curso primário; as aulas do irmão Paulo e a utilização do gravador em sala de aula; sobre os cursos de inglês extras ao currículo escolar; sobre a falta de um currículo bilíngue no Notre Dame;

sobre o curso realizado na Escola Americana de Campinas e a busca de seus pais pelo contato com outras culturas; a lembrança do “cheiro” do material escolar, do ambiente do colégio, da arquitetura dos edifícios e das salas de aula; a residência próxima ao Bosque dos Jequitibás e as caminhadas com o Pai; o contato com os alunos e o grupo que ia junto para o colégio; descrição dos uniformes utilizados pelas meninas em sala de aula e nas aulas de educação física; a participação dos pais na rotina das atividades escolares; as aulas de educação artística e a participação na peça de teatro juntamente com a amiga Cristina Dias; o ambiente do Curso primário; sobre o material escolar e os livros escolares; sobre as aulas de contabilidade na 5ª série do Ginásio, um diferencial do Colégio; a transferência para o Colégio Anglo de Campinas no 1º Colégio e o interesse pelo curso Vestibular; a escolha dos pais pelo Colégio Notre Dame: o encantamento pela estrutura curricular, valores educacionais, e a formação esportiva; os problemas de saúde e a retomada das atividades esportivas; o apoio dos professores e a dedicação ao esporte; sobre os treinos com as amigas Ângela Regina Gonçalves Tiziani (Gigi), Helga (Helga Kaiser Sanches De Maria), Stella Marcondes Martins e o apoio nos estudos; os valores transmitidos na educação do colégio: instrução e educação; sobre a preocupação com o curso Vestibular; sobre a personalidade dos professores, a “pedagogia própria” e a metodologia das aulas, a sala de reuniões dos professores; a lembrança do senhor Alcides, o jardineiro da escola; a reprodução dos valores aprendidos no Colégio com as próprias filhas; a dificuldade inicial de integração social no Colégio; a adaptação ao Colégio, “extensão da casa do aluno”; as aulas com o professor Levy (João Levy Júnior - Educação artística) no Curso Ginásial: desenho, noções de perspectiva e o contato com diversos materiais (madeira, cobre); o magistério na UNICAMP; as saídas de estudos e a pesquisa na Biblioteca Municipal de Campinas; o aprendizado em elaborar projetos em conjunto; sobre os materiais escolares; a superação da timidez e a aquisição gradativa da habilidade de comunicação com o apoio dos professores; lembrança dos professores: irmão Pedro Celestino Maranto (Diretor), irmão Guilherme St. Romain (Ciências) Astrid Nilsson Sgarbieri (Inglês), Sônia Vaccari Ficondo (Português) e irmão Paulo Schaefer (Inglês); a herança do aprendizado no Notre Dame e a relação com as filhas; sobre alguns documentos preservados da época escolar; a dedicação aos esportes e as competições pelo Colégio; sobre as companheiras de esporte e ex-alunas Alice Lobo Paes (“Peninha”) e Carla Góes Grosso; sobre o sistema de avaliação e de notas; a influência da formação recebida no Colégio e a escolha profissional: a graduação em Educação Física na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas); o medo da “nota vermelha”, educação e punição: a diferença no rigor dos irmãos x Professores; cursos na Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, na UNICAMP e casamento; o trabalho no *Bank of Boston* e na UNICAMP (Business e Marketing); sobre a experiência de residir em sete países com a família (Estados Unidos, Suécia, Colômbia, Venezuela, Brasil, Equador, Sérvia e Panamá) durante 19 anos; sobre o curso de Gestão de Alta Gerência (Venezuela); comparação entre o brasileiro, o Brasil e outros povos e suas culturas; comparação entre a educação no Brasil e nos países onde viveu; a criatividade do povo brasileiro e a falta de planejamento; a educação das filhas; a falta de valorização do professor, do educador; o programa de educação da empresária Viviane Senna (01h12min15s).

**(2ª parte da entrevista):** a experiência na construção civil e as viagens ao Brasil; o hábito de estudar com as filhas e o acompanhamento do aprendizado; a herança do Colégio Notre Dame; a educação nos dias de hoje e a importância dos pais e da família; a importância da participação do pai de Erica na APM (Associação de Pais e Mestres) do Colégio Notre Dame; a estrutura do Colégio Notre Dame e a educação recebida; a autoestima individual e coletiva do povo brasileiro; a importância dos personagens históricos; sobre Rubem Alves e Paulo Freire; sobre os brasileiros que se destacaram em diversas áreas profissionais; sobre a operação da Polícia

Federal no Brasil: a “Lava Jato”; os conceitos e os valores assimilados nas atividades de Educação Física do Colégio Notre Dame aplicados durante a vida (exemplo: Projeto Rondon no Acre); a “ilusão” das Redes Sociais, imediatismo e educação; encerramento da entrevista e agradecimentos. (31min53s).

### **Início da entrevista**

I. S. – Essa entrevista será realizada com a ex-aluna do Colégio Notre Dame, Erica Olmos, no contexto do projeto de Tese de Doutorado “A história do Colégio Notre Dame de Campinas e a memória institucional como processo socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”. Campinas, 04 de outubro de 2017. Bom dia Erica, tudo bem?

E. O. P – Bom dia, tudo ótimo!

I. S. – Fique à vontade com o gravador. Não se preocupe que “ele” está aqui gravando sua entrevista.

E. O. P – Combinado.

I. S. – Então, eu queria que você começasse falando o seu nome, local e data de nascimento, onde você vive hoje e a sua ocupação atual para darmos início.

E. O. P – O meu nome é Erica Hellen Olmos Pereira. Eu nasci aqui em Campinas dia 1º de julho de 1967, e eu sou hoje economista e designer. Então eu administro algumas coisas “nossas” e faço projetos na área de construção. Eu moro em Campinas atualmente, tenho duas filhas, sou casada, o que mais?

I. S. – Olha só. Vamos falar do Notre Dame, que é o nosso objeto de pesquisa, mas vamos voltar um pouquinho nessa história da sua formação. Então vai me contar como você começou sua formação escolar. A primeira escola que você estudou, se teve algo anterior ao Notre Dame, e me contar a sua trajetória escolar, e depois quando entrarmos no Notre Dame, vamos avançando na entrevista.

E. O. P – Na época eu lembro que a minha mãe contava que era por idade que você tinha que ter alfabetização depois de “x” idade, e como o meu aniversário é em 1º de julho, eu lembro que a primeira escola já foi algo que minha mãe procurou algum diferencial porque eu já era alfabetizada. Em casa fui alfabetizada.

I. S. – Com quantos anos você já era alfabetizada?

E. O. P – Cinco anos. E aí eu precisaria fazer o que eles chamavam de “prezinho” (Pré-Primário) na escola e esperar para depois começar o 1º ano, por questão de data mesmo, de aniversário. E aí minha mãe falou, eu não me lembro do nome agora, mas acho que era Escola Normal de Campinas que é na Anchieta (Av. Anchieta).

I. S. – Isso.

E. O. P – E foi conversar com a pedagoga e eles (a escola) falaram: - “Bom, vamos fazer um teste, se ela passar eu vou tentar ver se a gente consegue ter uma autorização para poder começar isso”. E eu comecei lá. Foi a 1ª escola, e deu certo, eu fiz o 1º ano, eu não fiz o pré (Pré-Primário).

E depois de alguns anos eu tinha muita bronquite, minha mãe queria que eu fosse fazer atividade (esportiva). Porque naquela época os médicos aconselhavam que você não fizesse esporte. Então, eu tinha crise de ficar internada mesmo, a gente acabou mudando para uma cidade de praia, que a minha mãe falou: - “Eu quero que você vá para nadar na praia”, para ver se melhorava e resolvia essa questão de saúde.

E aí nós fomos... Na época o meu Pai conseguia trabalhar no Guarujá e em Santos. E a gente ficou morando em Santos, pela logística de lá. E não era poluído, não é? Era uma coisa muito gostosa. Eu ia cedinho, às cinco e meia da manhã, eu lembro que a minha mãe não sabia nadar, ela contratou o salva-vidas, para poder ficar lá e me ajudar de manhã, antes de eu ir para a escola. E eu fui para uma escola que se chamava Olavo Bilac, que era uma escola municipal.

I. S. – Isso em Santos?

E. O. P – Em Santos. Bem forte até que depois quando morei em Santos, eu tinha de cinco para seis anos, fiquei até sete anos. A minha vó que morava também lá, que mudou também para lá, ela faleceu. E minha mãe quis voltar. Quando ela estava para voltar para Campinas, falaram do Colégio Notre Dame, que era inclusive uma professora de natação do Clube Caiçara, que a tia dela era diretora do Primário, na época.

I. S. – No Notre Dame?

E. O. P – No Notre Dame. E ela falava: - “Olha, minha tia conta sobre a parte pedagógica”, e começou...

Colocou minha mãe em contato, para minha mãe entender como era, e falou inclusive essa parte do esporte que era muito valorizada, fora a questão do ambiente (que era) muito gostoso de estudar lá. Ela falou muita coisa, tanto da pedagogia quanto do ambiente físico e emocional do lugar. E como eu tinha perdido a minha avó, que eu era muito ligada, com ela, tudo, minha mãe achou que era um bom “casamento”, tudo isso não é?

I. S. – Sim.

E. O. P – A questão do esporte, do acolhimento, que ela contou. E nós viemos para cá, minha mãe entrou em contato com a escola, e isso eu estava na 3º série primária.

I. S. – Lá em Santos.

E. O. P – É. Mas quando eu cheguei em Campinas, como eu tinha uma experiência muito boa na perspectiva da minha mãe, em escola municipal lá, até conseguir falar e ter condições de entrar no Notre Dame, eu fiquei numa escola... essa eu não me lembro o nome porque foi bem pouco tempo e eu era pequena.

I. S. – Aqui em Campinas?

E. O. P – Em Campinas, mas eu acho que era uma escola estadual. E eu brincava o dia inteiro na rua, não é? Porque eu sabia tudo, eu tirava dez, não precisava estudar, ou seja, com o estudo que eu tive antes, eu estava adiantada.

E minha mãe começou a achar isso muito ruim. Falou: - “Não, alguma coisa não está bem”, foi acompanhar e ver que realmente eu já sabia tudo aquilo, estava defasado em relação à outra escola, e insistiu muito no Notre Dame. Só que eu venho de uma família que minha mãe era professora de Música e o meu pai era Capitão da Polícia Militar trabalhando no Corpo de Bombeiros, na parte administrativa.

I. S. – Sim.

E. O. P – Então minha mãe foi, e foi pedir bolsa de estudos no Notre Dame. Eu estudei no Notre Dame com bolsa de estudos.

I. S. – Olha só!

E. O. P – E passada a entrevista minha mãe foi... Eu lembro que ela saiu de casa às cinco da manhã, porque tinha uma fila de entrevista para conversar com os irmãos.

I. S. – Puxa vida!

E. O. P – Conversou com o meu Pai, conversou com a minha mãe, viu a estrutura familiar. Conversou comigo depois num outro dia.

I. S. – Você era filha única?

E. O. P – Não, tinha a minha irmã. Mas aí a minha irmã, por problemas de desenvolvimento dela, precisaria ser uma escola a princípio particular, porque ela tem um retardo mental. Aí, conversando...

I. S. – Como é o nome da sua irmã?

E. O. P – Milena. Ela acabou indo para lá, para o Notre Dame, mas não teve condições de ficar.

I. S. – De ficar.

E. O. P – A escola não tinha...

I. S. – Estrutura.

E. O. P – Estrutura para esse caso. E eu fiquei com bolsa, e entrei no final da 3º série. E eu lembro, aí sim, como eu peguei o final do ano, eu nunca tinha tido inglês, nunca tinha tido algumas matérias assim, como eles davam lá, foi muito difícil para mim, bastante difícil. E eu não queria ficar para recuperação de jeito nenhum!

Aí eu tenho uma lembrança muito forte, como na época não existia computador, não é? O meu pai foi conversar com o irmão Paulo (Paulo Schaefer), ele orientou alguns alunos de algumas matérias, que ele achava que eram os alunos melhores de cada matéria, meu pai foi falar com os pais de cada um desses alunos, uma delas eu lembro muito, que é a Kátia Facure.

I. S. – Olha só!

E. O. P – E pediu se ele poderia ter o caderno para transcrever e copiar, para me ajudar na matéria.

I. S. – Isso o seu Pai?

E. O. P – O meu pai e minha mãe estudavam comigo no período da tarde. Eu era da manhã.

I. S. – Ah, sim.

E. O. P – E eles davam reforço para mim à tarde com base nesse material.

I. S. – Entendi. E você se lembra do ano que entrou no Notre Dame?

E. O. P – Na 3º série eu acho que era por volta de 1975, 1976. Deixa-me ver. Eu nasci em 1967, devia ter uns nove anos, três, cinco... É isso mesmo 1975.

I. S. – 1975.

E. O. P – É. Eu sei que eu consegui passar, sem ficar para recuperação. A minha maior dificuldade era o Inglês. Na época usava aquele gravador grandão com fita cassete.

I. S. – Sim.

E. O. P – E o irmão Paulo (Paulo Schaefer) dava aula de Inglês, e ele ajudou, deu autorização para minha mãe para eu levar o gravador. Eu gravava a aula inteirinha para chegar a casa e refazer.

I. S. – E essa aula de Inglês com ele já era no ginásio?

E. O. P – 3º série. Eles tinham desde o 1º ano. No ginásio não, no primário.

I. S. – No primário! Entendi.

E. O. P – Já existia. Na 3º série era uma ou duas vezes. Eu lembro que a maioria fazia Inglês fora, em outros cursos de Campinas.

I. S. – Muita gente.

E. O. P – Então era muito na Cultura Inglesa, tinham vários cursos extras, o pessoal fazia à tarde.

I. S. – Sim.

E. O. P – Mas eu não tinha condições de fazer porque eu estudava com bolsa lá. Então ele me ajudava assim, eu gravava a aula e revia tudo isso. Inclusive esse é um ponto que hoje eu vejo que foi um recurso mal utilizado pela escola, eu acho. O fato de ter irmãos que falavam Inglês, não é? Eu acho que a escola poderia ter um currículo bilíngue, poderia ter isso já naquela época.

I. S. – Sim, hoje tem, mas naquela época não aconteceu.

E. O. P – Então, porque a minha mãe até foi antes em outra escola, eu cheguei a estudar alguns meses na Escola Americana de Campinas.

I. S. – Antes do Notre Dame?

E. O. P – Eu tinha cinco anos de idade. Foi antes. Foi antes de eu ir até para Santos. E até minha mãe buscava isso, eu ter uma experiência de outra cultura, de uma outra vivência de idioma, e cultura mesmo, não só idioma, não é? E eu cheguei a estudar na Escola Americana, e dali a gente mudou para Santos, não é?

I. S. – Por causa da saúde?

E. O. P – Eu fiquei alguns meses... por causa da saúde, é.

I. S. – Entendi.

E. O. P – E quando eu voltei para o Notre Dame, o impacto do 1º ano que eu lembro foi isso, não é? Lembro-me do “cheiro” do material escolar, do local...

I. S. – Olha só, que legal!

E. O. P – Do estacionamento, do tijolinho à vista, de todas as salas.

I. S. – Com certeza. Então, a gente vai falar de tudo isso, não é? Quando você voltou de Santos, você morava aonde, em que bairro, e como você ia para a escola?

E. O. P – Eu morava ali perto do Bosque (Bosque dos Jequitibás), na Rua Coronel Quirino, numa casa, ali era tudo casa, a uma quadra do Bosque, porque também o meu pai ia caminhando comigo. Todo dia a gente andava no Bosque porque diziam que era bom para a saúde também.

I.S. – Dos Jequitibás?

E. O. P - Eu ia primeiro, porque uma grande parte do tempo, eu estudei da 3º série primária até o começo do 1º colegial. Eu lembro que os cinco, não, os três primeiros anos os meus pais me levavam. Depois o meu Pai construiu (residência) na Cidade Universitária (bairro), onde nós moramos até eu me casar sempre morei na Cidade Universitária.

E lá tinha um grupo que estudava no Notre Dame, nós fizemos um transporte de ônibus, era um ônibus privado. Primeiro começou com uma Kombi (VW), de transporte escolar, e depois aumentou tanto o número de pessoas que aí nós íamos com o ônibus escolar.

I. S. – Que era o Capellini, não é?

E. O. P – Não era o Capellini. Era um grupo particular que começou com essa Kombi e depois fez isso.

I. S. – Certo. Então primeiro os seus pais te levavam e depois você ia com esse ônibus, que ia todo mundo junto, não é?

E. O. P – Isso.

I. S. – E você estudava de manhã? Sempre estudou de manhã?

E. O. P – Sempre no período da manhã.

I. S. – E desde o começo já tinha uniforme? Você já usava uniforme do Notre Dame?

E. O. P – Já! Eu lembro que foi um dos primeiros eventos, comprar o material e o uniforme. Eu lembro que tinha que “pregar” aquele escudo, não é? Que era o símbolo do Notre Dame com a camisa branca, a saia xadrez com duas pregas na frente, que era vinho e azul.

I. S. – Era tão bonita a saia, não é?

E. O. P – Eu lembro que tinha que usar uma meia  $\frac{3}{4}$  branca.

I. S. – Nossa, e era um rigor com o tamanho dessa meia!

E. O. P – Tinha que ficar até o joelho, não é? Lembro que era um mocassim preto. Foi a 1º vez que eu fui procurar um mocassim com a minha mãe, achei o máximo tudo isso!

I. S. – Era a época da loja *Top's*.

E. O. P – Isso, exatamente!

I. S. – Todo mundo tinha um mocassim da *Top's*.

E. O. P – Todo mundo comprava o mocassim da moda, *Top's*. E depois o (uniforme) de Educação Física, na época, primeiro era uma “sainha” branca de prega, com uma camiseta normal *Hering* assim, que tinha o logo “deles”. Depois eu lembro que mudou e eu achei o máximo, quando passou a ter o uniforme da Educação Física, que era um azul Royal com amarelo. E tinha a camiseta, que eu achei linda porque as meninas podiam usar com a “manga japonesa”.

I. S. – Sim!

E. O. P – E tinham os frisos na lateral. Nossa, eu achava o máximo! (Risos). E a gente podia usar a calça, que era uma calça caqui (cor caqui), calça de brim.

I. S. – Isso, exatamente!



E. O. P – Com a camisa branca.

I. S. – Eu achei interessante quando você falou do “cheiro” do material. Você se lembra disso, dessa coisa de encapar os cadernos, era isso?

E. O. P – Lembro isso me traz recordações boas da união com a família. Porque era o meu pai e minha mãe encapando, eu e minha irmã perto e a gente tinha que usar... Eu lembro o meu pai escrevendo o nome.

I. S. – Ai, que graça!

E. O. P – Lembro-me disso. E lembro-me do cheiro do material que eu me lembro de Educação Artística. E nós fomos comprar e o Colégio, logo no começo já, ali, entrando pelo primário, tinha um lugar, onde era, que a gente até fez uma peça de teatro, eu fiz com a Cristina Dias, até. A gente fez... Ali vendia material no começo.

I. S. – Você entrou e o Primário já era lá em cima ou era lá embaixo?

E. O. P – Era lá em cima.

I. S. - Ah, tá.

E. O. P – Eu lembro que quase no meio tinha esse lugar, um galpão fechado, onde a gente fazia algumas atividades.

I. S. – Entendi. Porque o primário foi inaugurado nesse período, lá em cima, quando você entrou porque antes ele era lá embaixo.

E. O. P – Não, eu não peguei a parte de baixo.

I. S. – É.

E. O. P – Embaixo a gente nem podia descer ali. Tinha um corredor, aquela passarela que descia, não podia! A gente tinha que ficar lá em cima!

I. S. – Era outro mundo, não é?

E. O. P – É! E eu lembro que minha sala era de frente porque a gente hasteava a bandeira (do Brasil) na frente, onde desciam os carros, e eu de costas para o mastro, a primeira sala do lado direito, era a terceira.

Depois a gente foi para o lado esquerdo, a quarta série que eu achei importantíssimo ir para a 4º série. Mas o material eu lembro que a gente podia comprar na escola e vinha em uns pacotes separados já.

I. S. – Eles iam lá vender.

E. O. P – É! E nossa, para mim era uma delícia, chegar a casa... Tinham vários livros, que a gente olhava, folheava os livros com o meu pai, do que era cada matéria. Eu lembro também do material, quando passou para 5º série, a gente ia ter contabilidade.

I. S. – Isso!

E. O. P – E tinha o livro de “razonetes” (Livro Razão).

I. S. – Professor Wanderley (Wanderley Ferreira Pinto)?

E. O. P. - Engraçado, eu não me lembro do professor, mas eu me lembro das aulas em si, e me lembro do material, me lembro da capa do livro, e a gente fazia toda essa questão, de entrada e saída, questão de crédito e débito, que também meu pais...

I. S. – Preencher cheque.

E. O. P – Preencher tudo! Que nenhuma escola tinha! Eu lembro que isso a gente conversava.

I. S. – Essas primeiras noções.

E. O. P – É. Então era bem interessante isso.

I. S. – Que legal. Bom, você está falando dos anos iniciais, o que você se lembra dos professores, porque você estudou o primário, o ginásio e o colegial? Você se formou no Notre Dame?

E. O. P – Não, eu parei no 1º colegial.

I. S. – No 1º colegial. E foi para qual instituição?

E. O. P – Então, na época estava abrindo o Colégio Anglo de Campinas. E eles estavam indo em todos os colégios, “pegando” alunos que tinham de nota 8 (oito) para cima, para oferecer bolsa porque eles queriam fazer uma turma, porque eles falavam que era para entrar direto no Vestibular.

I. S. – No Vestibular.

E. O. P – E aí falaram do meu nome, e minha mãe acabou me levando até lá e conversando, era uma preocupação grande, no Notre Dame naquela época...

I. S. – Era ali no Castelo (bairro)?

E. O. P – No Castelo. Nem existe mais, lá. Mas foi lá no Castelo, bem embaixo.

I. S. – Em cima da padaria Nico, não é? Foi ali? Eu estudei lá 1 (um) ano.

E. O. P – Não era padaria. Eu fui da 1º turma lá. Então eu mudei no final do 1º colegial.

I. S. – Ali era Colégio?

E. O. P – Não, na frente era o Cursinho deles, e eles fizeram o Colégio atrás!

I. S. – Entendi.

E. O. P – Eram poucos salas.

I. S. – Eu só estudei lá no Cursinho. Eu me formei no Notre Dame, mas o cursinho eu fiz (um) ano lá.

E. O. P – Eu fiz o colegial, como a gente era da primeira turma, a gente podia assistir às aulas do cursinho que quisesse. Qualquer período, qualquer horário.

I. S. – Foi a 1º turma?

E. O. P – E era período integral. De manhã e à tarde, que a gente tinha aula. Então eu só saí do Notre Dame também direcionada pelos meus pais que falaram: - “Não porque agora vem Vestibular, você foca nisso daí”, e apareceu essa oportunidade, acabei indo para lá, mas eu tenho muita saudade do Notre Dame.

I. S. – Entendi. Então, você até comentou aqui que os seus pais escolheram o Notre Dame, porque tinha uma pessoa que você conhecia que indicou, mas teve alguma motivação por ser uma escola católica? Sua família tem essa tradição? Como é que funciona isso?

E. O. P – Então, a minha família, a gente acredita em Deus, não é? A formação dos meus pais... São católicos, mas eu sempre tive uma busca para entender várias religiões. E não acho que foi o determinante, não foi. Porque a gente tinha esse questionamento em casa, não é? Os princípios católicos sempre foram falados e mais do que falados...

I. S. – Vocês praticavam?

E. O. P – Efetivados, não é? Mas não tinha essa relação direta não. Eu acho que o que encantou muito os meus pais foi assim uma proposta de... Uma estruturação de currículo, eu acho, muito boa, com várias matérias diferentes, onde você tinha vários itens que não eram cobertos normalmente por uma escola, e que eu acho que é importante na formação de um ser humano.

Então essa questão de você ter a questão religiosa, mas que eu sinto que era muito aberta no Colégio, pelo menos a minha leitura, não tinha uma obrigação, você tem que ser católico para estar lá.

Então era assim, você fazer o bem, ser justo, você ser honesto, você ser trabalhador, que tem várias outras coisas que também eram estimuladas através de outras matérias.

Então, esporte para mim lá foi uma das coisas maravilhosas! E foi uma das coisas que os meus pais também olharam pela questão da saúde e da formação do caráter, não é? Então isso foi bem forte para mim. No começo foi difícil porque era ao contrário, eu era proibida de fazer esporte pelos médicos, entrei no Notre Dame com atestado médico que não era para fazer (atividade física).

I. S. – Puxa!

E. O. P – Foi triste, difícil para mim, porque eu lembro que nas aulas de Educação Física eu tinha que ficar sentada na escada, olhando todo mundo fazer. Eu lembro que nós tínhamos um livro de Educação Física.

I. S. – Eu adorava porque explicava todos os esportes. E você nunca fez educação Física, ou só depois de um tempo...?

E. O. P – Eu só fazia o teórico, não é? E tinha que ficar sentada! Depois conversando, minha mãe de novo foi até lá e pediu, e falou: - “Olha, eu não quero, vou tirar essa autorização do médico, eu quero que minha filha participe”. E pouco a pouco eu fui fazendo as aulas e tive até como uma meta pessoal: eu vou começar melhorar tanto que eu comecei entrar... À tarde eu fazia os esportes.

E aí os professores de Educação Física, que eu lembro muito da “preta” (Maria Cristina de Figueiredo Andrade), eu me lembro da “Titinha”, elas me incentivaram muito, me apoiaram, me acolheram e eu acabei sendo a capitã do time de vôlei do Colégio por muito tempo!

I. S. – Olha só!

E. O. P – Eu participei em corrida, eu...

I. S. – Aquilo foi um desafio para você.

E. O. P – Foi, e eu lembro que eu participava, amava a Festa da Primavera, que a gente tinha a competição das cores.

I. S. – As gincanas!

E. O. P – As gincanas! Jogava e ficava o dia inteiro no Colégio. Estudava, almoçava no Colégio, que eu levava (o almoço), a gente tinha um grupo, a Helga (Helga Kaiser Sanches De Maria), a Stelinha (Stella Marcondes Martins), a Gigi (Ângela Regina Gonçalves Tiziani), a gente ficava junta, nós almoçávamos lá, aí a gente treinava, fazia lição, uma ajudava a outra. E é até engraçado, ainda lembro assim, outro dia a Stelinha falou: - “Ah, você me ajudava com matemática”, cada uma ajudava...

I. S. – Naquilo que era melhor!

E. O. P – É! Então era muito bacana isso, também, não é?! Eu lembro que as vezes a gente ficava para treinar dança, para poder competir, que a gente fez uma dança uma vez com apresentação. O nosso grupo era da cor amarela, então era toda...

I. S. – É, a gincana dividia-se por cores, não é?

E. O. P – Por cores. E cada ano a gente era sorteado com uma cor, não é? Então eu acho assim, voltando ao começo da pergunta, e te dizendo, eu acho que são valores vários que, além do acadêmico, que a escola propiciava, formal ou informalmente, talvez os irmãos nem *soubessem* que tudo isso estava sendo desenvolvido. Mas só de eles propiciarem o espaço, o ambiente, a segurança, os profissionais que estavam à nossa disposição lá, isso fazia com que as pessoas

tivessem um contato mais do que o acadêmico, e que complementavam você para sua vida, não é?

Então essa troca de ajuda, de experiência, esse “ficar no Colégio” e você vivenciar mais do que dentro da aula formal, não é? Era muito rico, eu sinto assim que isso me ajudou a ser uma pessoa desinibida, a ser uma pessoa curiosa, a ser uma pessoa que quer compartilhar as coisas.

I. S. – A questão coletiva.

E. O. P – É, e isso veio além da sala de aula, não é?

I. S. – Entendi. É, essa parte do Vestibular que você falou, eles tiveram um cursinho, não é, o Intergraus, você chegou a fazer no Notre Dame?

E. O. P – Não.

I. S. – Eles tiveram uma proposta. Os alunos ficavam para fazer o cursinho. Mas acho que isso foi a partir do 3º ano, acho que você saiu antes.

E. O. P – É porque acho que estava tendo uma discussão na época porque justamente eles começaram a perceber que muita gente estava ou deixando a escola, ou indo complementar fora.

I. S. – Sim.

E. O. P – Porque essa visão talvez não fosse discutida ali, a preocupação com o Vestibular, então eu acho que isso é uma coisa muito brasileira também, não é? É muito pontual.

I. S. – Muito pontual, é.

E. O. P – Eu acho que isso veio e eles tentaram de certa maneira direcionar, assim, o que surgiu na época foi oferecer essa complementação, mas eu não cheguei a pegar não.

I. S. – Entendi. Você está falando dos professores, não é? Que te acolheram na Educação Física. E a relação com os professores de uma maneira geral, do que você se lembra, como é que era, os mais marcantes, e outras pessoas também da escola, os funcionários, como é que era essa relação, quem é que te deixou *marcas* aí?

E. O. P – Muito boa! Então, eu acho que na época, e até eu acho que isso tem a ver com a maneira como era discutida a educação, não é? Cada professor tinha a sua metodologia, muito ligada (atrelada) à sua personalidade. Eu acho que hoje é diferente.

I. S. – Bem diferente, exatamente.

E. O. P – Agora, isso eu não estou dizendo que não é nem bom, nem ruim. Era a característica da época.

I. S. – Sim.

E. O. P – E, eu sentia que o Colégio tinha uma preocupação muito grande em manter certa coerência de aulas, tanto que eu me lembro das reuniões dos professores entre eles, que tinha uma sala deles de reunião.

I. S. – Isso!

E. O. P – Não é? E eu sinto que mesmo pequena, que isso chegava à nossa sala de aula, isso era discutido, isso era complementado. Me lembro da aula de português, que tinha um professor que, eu nunca esqueci, ele viu numa redação, que muita gente errou a palavra de repente. Escreviam (a palavra) de repente “junto”.

Ele entrou, ele era muito quieto, ficou “quietinho”, em silêncio, ele era magro, alto, ele olhou para todo mundo, e deu “Bom Dia”, e era um quadro verde, que usava giz ainda naquela época, grande, muito grande, ele foi bem ao extremo esquerdo (do quadro) escreveu “de”, aí ele caminhou toda a sala e foi do outro lado, no canto direito em cima, e escreveu “repente”. E falou: - “Dá pra todo mundo ler comigo?” (Risos). Aí todo mundo leu.

- “Vocês entenderam a distância que tem entre as palavras?”.

Ou seja, eu acho que cada professor buscava marcar e ter uma pedagogia própria. Eu nunca mais esqueci e tiveram várias outras coisas que eu fui aprendendo que cada um colocava ali na sua matéria, a sua característica, sua maneira de se expressar.

Lembro o professor de matemática, que eu adorava o irmão de Biologia, que a gente saía pela escola para tentar vivenciar o que a gente via no livro, naquele Colégio que era riquíssimo em verde.

I. S. – Sim, o espaço estava a favor de todas as disciplinas.

E. O. P – A fauna e a flora...

I. S. – Estava à favor...

E. O. P – De tudo isso. E admiro eles virem isso. Toda essa oportunidade de poder explorar. Então nós saíamos com uma lista, não sei se você se lembra disso, eram sobre plantas, então angiospermas, gimnospermas...

I. S. – Sim, caçar as borboletas.

E. O. P – É, e da parte, se era semente, nós íamos... e eu lembro muito de um jardineiro muito querido, o Sr. Alcides (Alcides Eugênio).

I. S. – Sr. Alcides.

E. O. P – Que ia de bicicleta.

I. S. – Todo mundo recorda ele.

E. O. P – Gente, ele era uma pessoa maravilhosa! E todo recreio meu, que a gente chamava de recreio, os intervalos.

I. S. – Os intervalos, não é?

E. O. P – Eu ia conversar com ele, não é? E ele lá trabalhando por que...

I. S. – As rosas que ele cuidava.

E. O. P – É. Vem da minha avó que eu sempre gostei muito de plantas também, e ele mostrava, ensinava do jeito dele, não é? E eu lembro que ele me deu uma muda de pinheiro, porque tinha muito pinheiro lá, não é?

I. S. – Tinha muito. Tem até hoje.

E. O. P – Até hoje e eu levei para casa essa muda. O meu pai plantou para mim porque eu fiquei tão... e eu falei: “Eu quero que plante...” (a depoente chora e eu interrompo a gravação, pois se lembra do pai já falecido).

I. S. – Ah, fique à vontade.

E. O. P – Então... depois desse “período de emoção aí”. Você está falando que é uma fase que a gente tem o DNA marcado, não é?

I. S. – Ah, eu acho.

E. O. P – E eu concordo plenamente porque eu acho que tudo o que eu vivi nesse Colégio (a depoente se emociona, e chora), eu reproduzi para as minhas filhas, entende? Eu vejo claramente!

I. S. – Entendi. A herança... Tem uma herança de vida, de história.

E. O. P – Eu carreguei coisas que eu vivi, e eu aprendi lá, que estão estampadas no meu trabalho, no meu dia a dia...

I. S. – Nos seus valores. São os valores, não é?

E. O. P – Exatamente. Isso eu acho que essa escola fez quando eu digo que ela excedeu o processo educacional, só acadêmico. Acho que excedeu.

I. S. – A formação. Formar o ser humano.

E. O. P – Eu acho, para mim foi. Tive momentos lá difíceis, como eu te falei na minha adaptação de entrada, assim, era uma escola rígida, não é? Apesar que isso, pelo meu pai ser militar eu já vivenciava isso, a questão da disciplina.

I. S. – O que é que você chama de rígido? A questão da disciplina, não é?

E. O. P – Não, o difícil para mim foi me integrar mesmo com as pessoas porque eu estava vindo de outra cidade, num outro contexto econômico e social, porque sempre foi considerado... Hoje nem tanto, mas era uma escola naquela época, muito de elite! Não é?

I. S. – Exatamente!

E. O. P – Onde as pessoas... e tanto que os meus pais conversavam comigo: “Erica...”, hoje as pessoas viajam muito, mas naquela época ir para o exterior era algo impossível!

I. S. – Nossa só realmente quem tinha muito dinheiro, exatamente.

E. O. P – É, então assim, era uma coisa muito conversada. - “Então, você vai para uma escola, onde você talvez não possa frequentar (determinadas) coisas e locais, que as outras pessoas estão fazendo”. Então eu fui com receio, não é?! Eu entrei ali, mas com o passar do tempo, meses, tudo isso ficou nada, sabe? Foi assim, a integração com as pessoas foi muito bacana, vencido esses primeiros meses, não é? Nos três, quatro primeiros meses, porque depois já começou o outro ano, os professores foram muito abertos, como eu te falei, me acolheram e eu tive essa formação, consegui ter uma atualização, trazer o meu nível de aprendizado para onde eu precisava, e depois eu me senti muito em casa. O Colégio era uma extensão da minha casa, não é? De passar muitas horas lá.

E em cada matéria, eu lembro, nós tínhamos o professor Levy (João Levy Júnior) fez a parte de Artes, as experiências que a gente ia tendo com cada material e desenhar a perspectiva do Colégio, que a gente saía, ficava no estacionamento, por exemplo, avaliando e fazendo o desenho do prédio, que daí isso já era no ginásio, pra desenhar. Hoje eu uso, eu faço desenho arquitetônico, eu me lembro de toda a minha formação lá!

I. S. – Que te deu essa base.

E. O. P – Essa base, e essa motivação de estudar isso, de ver, essa curiosidade.

I. S. – Essa parte de artes, nas aulas tinha muita coisa, muitas noções de espaço, não é?

E. O. P – De espaço, de materiais. Eu lembro que nós fizemos esculturas em sabão. Que eu ia com o meu pai na “Casa do Arquiteto” que se chamava “Casa do Engenheiro”, no começo, comprar as espátulas...

I. S. – As espátulas. A madeira, você se lembra daquela parte da madeira?

E. O. P – Cobre.

I. S. – Cobre. Você teve aula com o irmão Roberto, de Artes? De Pintura?

E. O. P – Não, eu tive com o professor Levy sempre (João Levy Júnior).

I. S. – Mas eu tive também porque o irmão Roberto (Roberto Weinmann) fazia os Retiros, mas ele também deu extra, aulas de pinturas em quadros, e eu cheguei a fazer. Tinha... Como é que chama aquela estrutura que você põe o quadro?

E. O. P – Cavalete!



I. S. – O cavalete. E eu fiz algumas pinturas.

E. O. P – Olha só! Eu lembro sabe que a gente fez, que isso também interferiu na minha vida profissional porque depois uma das coisas que eu estudei foi *Business*, não é? E eu dei aula na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) a noite, de marketing.

I. S. – Olha só!

E. O. P – E uma das coisas foi aguçada na aula de Artes. Nós tínhamos um grupo que ia apresentar alguma coisa, e você tinha que desenvolver logo (logotipo), escolher, fazer opção de cores, com a mensagem que você ia dar.

I. S. – Do que iria transmitir.

E. O. P – E eu lembro que o meu grupo, que também estava a Stella (Stella Marcondes Martins), Helga (Helga Kaiser Sanches De Maria), Gigi (Ângela Regina Gonçalves Tiziani), sempre juntas, nós fizemos sobre produto de beleza. E nós discutimos na casa de uma de nós, sempre tinha isso também que era muito bacana, as reuniões que nós fazíamos, ou na Prefeitura porque não existia *Google*. Nós íamos até a Prefeitura de Campinas, ali descendo, atrás do *Rotary* (Rotary Club de Campinas).

I. S. – Sim.

E. O. P – Na própria Biblioteca para fazer pesquisa para a escola, além de que a escola motivava usar a Biblioteca, que era ótima (do Notre Dame), mas eles queriam que a gente tivesse essa experiência do saber pesquisar numa biblioteca grande. Então nós íamos, e eu lembro que tinha que buscar por autor, pelo nome do livro, naquelas “fichinhas”, das gavetas.

I. S. – Sim.

E. O. P – E eu lembro que quando eu comecei a faculdade na UNICAMP era o mesmo sistema, não era digitalizado.

I. S. – Exatamente.

E. O. P – E nós fazíamos essas reuniões tanto em biblioteca quanto em casa, e nas casas os pais participavam, pelo menos do pessoal que eu tive contato. Então, eu lembro da mãe da Gigi (Ângela Regina Gonçalves Tiziani) ensinando a importância real de estar discutindo o logo (logotipo) estar adequado com as cores porque você vai passar uma imagem. Então como a gente queria produto de beleza feminino, nós escolhemos o branco e o azul claro, o símbolo era uma nuvem, num céu todo azul, bem clarinho, para passar suavidade, para passar... o creme era algo para te deixar com uma luz jovial.

I. S. – Olha só!

E. O. P – (Risos). Nós tínhamos 11 anos, entendeu?

I. S. – Puxa vida!

E. O. P – Eu lembro que nós preparávamos, assim: - “Ah, então vamos ver como é que a gente vai expor”. Então tudo isso era discutido na aula, não é?

I. S. – Todo esse trabalho em equipe era motivado pelos professores...

E. O. P – Na apresentação... Então o medo cênico, a organização que você ia falar, eu vejo que isso é importante, não é?

I. S. – Você chegou a fazer teatro?

E. O. P – Não cheguei a fazer.

I. S. – Porque a Alice (Alice Lobo Paes) tem toda uma experiência de teatro também, que tinha umas apresentações, isso você não chegou a fazer?

E. O. P – Não, apresentação que eu digo é dos trabalhos, eu me sentia muito motivada porque quando eu entrei na escola eu era muito tímida, muito envergonhada, e eu lembro que foi quando começou a ter aquela mochila, que era para você colocar, eles tinham toda aquela campanha, de por (a mochila) nos dois ombros, não é? Então, não existia mochila, antes era bolsa normal. Lançaram uma mochila e ela era dura, e tinha um refletor atrás.

I. S. – Isso eu não me lembro.

E. O. P – Que foi um lançamento, eu levei, e eu lembro eu chegando na escola com aquela mochila, muito tímida, eu queria me esconder atrás da mochila (risos).

I. S. – Entendi.

E. O. P – E nas aulas eu tinha muita vergonha de falar, mas ao longo do processo, isso tudo foi sendo quebrado, por experiências que a gente foi vivendo, e que os professores em sala de aula, amparavam. Não me sinto em nenhum momento coagida: se você está gaguejando e não está falando, vai sentar ou foi punida, não, isso eu vivi numa outra escola! Mas não lá.

I. S. – No Notre Dame, não?

E. O. P – Não.

I. S. – Teve todo esse acolhimento, você sentiu isso?

E. O. P – Eu senti isso, essa quebra comportamental até, para você se sentir melhor, e acho que para poder transitar melhor em comunicação, que eu acho que é uma das coisas fundamentais hoje em dia mais ainda, mas é o cerne do ser humano. Uma das coisas...

I. S. – Saber se comunicar para se relacionar.

E. O. P – É, isso vinha ali.

I. S. – Está na base do relacionamento a comunicação, não é?

E. O. P – E essa comunicação dos professores, eu lembro muito o irmão, por exemplo, Pedro (Pedro Celestino Maranto), que ficava com a caneca tomando café. Tinha o irmão Guilherme (Guilherme St. Romain), ali no corredor, então a gente saía para o nosso intervalo, e além da comunicação entre os alunos, eles estavam ali entre a gente.

I. S. – Sempre presentes, não é?

E. O. P – Eu lembro também da professora Astrid (Astrid Nilsson Sgarbieri), da professora Sonia (Sonia Vaccari Ficondo), com o Inglês, que para mim era um desafio que começou com o irmão Paulo Francis Schaefer, isso foi tendo continuidade.

E aula que eu te falei de Biologia, lembro pouco de Geografia, não é? Engraçado como tem algumas matérias que...

I. S. – Que somem assim, ficam mais distantes.

E. O. P – É, mas eu lembro também que era uma coisa assim, que me fez entender a importância, que a maioria achava chato, nós achávamos chato, num geral. A minha turma: - “Ai, ter que aprender algumas coisas...” Mas isso era discutido na escola como uma coisa para você agregar. A pessoa viajou, pra onde ela foi? Qual característica tinha lá? Isso eu fiz muito com as minhas filhas, sabe, tentar unir o que você tá vendo na teoria com o dia a dia.

I. S. – É, porque as viagens te proporcionam conhecer outras realidades.

E. O. P – É, e também como eu te falei, se você está estudando Biologia e vai olhar uma planta você entende porque tem a semente, porque é assim, porque o formato, porque uma está na luz e a outra não. E o que você está estudando ali no papel, você vê que isso é aplicado, coisa que não era muito analisada na nossa época de estudo, não é? Pela pedagogia em geral, eu acho.

I. S. – Sim. E desse relacionamento com os professores, com as alunas, você chegou a guardar algum material daquela época?

E. O. P – Eu tinha guardado por bastante tempo um caderno que eu até devo ter, mas como eu mudei muito de um país para outro, está em alguma caixa. Eu acho que tenho um caderno da 3º série que eu entrei.

I. S. – É, isso assim, eu estou perguntando para as pessoas...

E. O. P. – Porque tem uma questão afetiva.

I. S. – É afetiva, e de repente a gente reproduzir alguma coisa. Eu entrevistei o Professor João Baptista (João Baptista da Silva Carvalho) e ele tem uma caixa que ele guardou com os bilhetes que os alunos mandavam para ele, ele guardou tudo e hoje ele tem 85 anos.

E. O. P – Olha só!

I. S. – Então algumas coisas eu consegui reproduzir, “xerocar”, mas depois a gente pode ver isso, até alguma fotografia, que eu acho que é importante para o gérmen, a semente aí do Centro de Memória, não é?

E. O. P – É.

I. S. – Tentar reunir algum material, mas isso depois a gente pode conversar. Então dessas atividades todas, grêmio, jornal, teatro, o que mais você se lembra de é dessa parte do esporte que você falou que chegou a ser capitã do time, não é?

E. O. P – É, eu participava de atletismo, eu corria 100 metros e 400 (metros) e cheguei a competir pela escola, a gente chegou a viajar...

I. S. – Então, isso que eu ia perguntar, você chegou a fazer alguma coisa assim, pela escola?

E. O. P – Cheguei, e a gente também com o próprio vôlei chegou a jogar no Taquaral (Parque Portugal em Campinas) para representar perante outras escolas, nos clubes, não é? E também iam escolas lá no nosso colégio.

I. S. – Isso... Tinham os campeonatos.

E. O. P – Tinham os campeonatos.

I. S. – Que era na cidade e pegava as outras escolas da cidade.

E. O. P – Isso, então eu participei e fui capitã do time, eu era levantadora e fui capitã do time todo o tempo que eu fiquei lá. Depois no atletismo eu lembro que eu fui treinando várias coisas, mas onde eu me identifiquei foi na corrida de explosão, eu cheguei a fazer, a gente fazia aquela corrida com obstáculos também.

I. S. – Sei, tem aquela... de revezamento.

E. O. P – O *Track and Field* e de revezamento. Mas o revezamento na pista, isso eu também participei. Nós tínhamos um grupo, eram 4.

I. S. – Você lembra quem era o grupo?

E. O. P – No começo estava a “Peninha”, a Alice Lobo Paes, a Carla Góes eu acho que correu um pouco, mas depois ela ficou no vôlei, e tinham duas outras meninas mais velhas, que não eram da minha turma, que eu não consigo lembrar. Eu fiquei pouco no atletismo no revezamento, depois eu fiquei com 100 metros, sozinha e mais com o vôlei, e a gente jogava muito handball, lembro muito.

I. S. – Eu era defesa no handball.

E. O. P – (Risos).

I. S. – Uma vez eu tomei uma bolada que eu fiquei desnorteada, mas quase quebrei o nariz, mas sobrevivi.

E. O. P – Nossa você defendeu!

I. S. – Eu era terrível. Não passava. E aí eu acho que certa vez a pessoa:

- “Ah, não passa. Vou acertar em você”.

E. O. P – É, porque é um contato grande, não é?

I. S. – Eu lembro a Lena (Maria Helena Mattar), não é? Que segurou assim. Eu falei: - “Quebrou o nariz!”.

E. O. P – Que sangrava.

I. S. – Mas menina... não quebrou. Mas eu lembro até hoje assim ela com a mão no meu rosto, então eu era a melhor defesa do handball, era assim, não passava. Quando eu estava na defesa, assim, as meninas faziam gol, mas tinham muita dificuldade.

E. O. P – Tinha que passar por você... Eu era atacante, mas cheguei a ser goleira também, numa época que eu...

I. S. – Puxa vida! Goleira tinha que ser um pouquinho mais alta, não é?

E. O. P – Aí a gente amava quem era boa defesa, não é? Porque (risos) amenizava a bola que vinha com tudo.

I. S. – Exatamente. Eu não lembro se a gente estudou na mesma classe, porque você saiu, você fez o primeiro colegial e saiu, e ali que definia Exatas, Humanas, não é?

E. O. P – É, eu era de Biológicas, eu sempre gostei de Biológicas.

I. S. – É, eu fui para Humanas, não é, então a gente acabou não...

E. O. P – Eu acabei depois prestando as três áreas, não é? E lá no Anglo (Colégio Anglo) não era separado, era uma coisa só, não tinha essa divisão.

I. S. – Sim. Bom, você falou um pouquinho das matérias, não é? Você se lembra do sistema de avaliações e de notas? Como que era, assim, que matéria, você até já falou as matérias que você se identificou, mas você teve dificuldade em alguma matéria? Você se lembra disso, das notas para passar de ano, do 5º período?

E. O. P – Como eu era bolsista eu me preocupava muito com nota.

I. S. – Você foi bolsista...

E. O. P – O tempo todo.

I. S. – O tempo todo.

E. O. P – Mas eu tive fases com preocupação mesmo de alguma coisa...

**(Toca o telefone e interrompemos a entrevista).**

I. S. – Bom, Erica, eu queria saber um pouquinho então como que foi, você ficou até o primeiro colegial, depois foi para o Anglo e escolheu fazer Educação Física, então eu queria saber essa escolha sua, se teve alguma influência do Colégio, e como foi a sua vida depois daí, sua escolha profissional.

E. O. P – Eu não tenho dúvidas que teve influência, principalmente por essa história que eu te digo. Começou tudo com uma questão de problema de saúde, que o esporte que me ajudou a sair dele, não é?

E quando eu fui para o Notre Dame eu aprendi que a Educação Física era mais do que o esporte em si, do que atividade física. Ela era uma atividade onde você desenvolve a parte cognitiva, tanto que hoje os neurologistas mostram que as pessoas, você pode ver qualquer coisa no TED (Technology, Entertainment and Design), por exemplo, os neurologistas estão dizendo que você consegue as sinapses, toda a conexão que você tem é muito maior em quem sempre praticou algum esporte.

E as pessoas, com o passar do tempo, não é? Com os anos de vida, vão perdendo essas sinapses, e têm pesquisas mostrando que você perde muito menos conexão quando você tem uma vida de atividade física, principalmente com o esporte coletivo, você perde menos, porque tem a plasticidade do cérebro. Então o cérebro consegue fazer as funções que algumas outras células deixaram de fazer, e quem praticou esporte tem isso mais fácil.

Mas eu aprendi, eu nem sabia dessa pesquisa na época, o que eu aprendi foi por experiência de vida, quer dizer, eu entrei num colégio onde eu não praticava esporte, onde eu me sentia tímida e excluída até, vamos dizer, e isso me resgatou. Eu vi na Educação Física a possibilidade de trabalhar a pessoa, mais do que músculo, mais do que tendão, mais que ossos, o todo, a pessoa holística.

E dali eu lembro, nem se falava nisso, mas eu já discutia com a “Titinha” e com a “Preta” (Maria Cristina Figueiredo) que você tem. Você desenvolve quem é líder num jogo, quem é apoiador, porque um time não tem só “Neymar”, você tem que ter várias funções, a sociedade é a mesma coisa.

I. S. – Exatamente.

E. O. P – Não é só uma função, só um tipo, só uma característica que é valorizada, é um todo, então eu aprendi isso lá, eu vivi isso, essa questão de você se superar, eu vivi muito isso com o apoio deles.

I. S. – Foi a sua história, não é?

E. O. P – É. Então para mim isso, poxa, se eu pudesse ter como profissão essa parte, que eu vou poder fazer diferença na vida das pessoas, não é? Agregando, e assim, eu trago isso para a minha casa, minhas filhas, todas elas adoram esporte, adoram atividade física, são pessoas que se destacam, não é? Assim, modéstia parte, eu tenho uma história onde minhas filhas gostam

de estudar, gostam de esporte, têm uma relação boa com as pessoas, e vem daí, eu acho que o esporte você também aprende, quando é coletivo. Como eu fui capitã de um time, poxa, eu posso (falar): - “Aquela lá é boa em tal coisa, ela pode ajudar o time aqui, vamos motivar, vamos mostrar para o time que ela contribui para aquilo”.

E às vezes tinha briga, tinha desavença, mas aí a gente sentava e conversava, e isso também é importante. E quando a gente perdia, a gente discutia porque perdeu, não é? O que a gente aprende com a perda?

Você perguntou do sistema de avaliação da escola. Eu lembro que eu tinha muito medo da nota vermelha, até o que corrigiam até com a caneta vermelha. Mas isso me fez pensar e eu sempre discuto com as minhas filhas que a nota e o sistema de correção não é para te punir, é para te dizer onde você tem que melhorar, não é?

I. S. – Exatamente.

E. O. P – Então alguns professores, principalmente os irmãos, eu acho que eles sabiam fazer isso. Já os professores mais brasileiros eu lembro de alguns que era meio punição aquilo, não é? Então eu vi as duas coisas lá dentro, mas eu vi muito mais essa questão de você... Onde você pode aprender, onde está e porque você errou. Não é errou, “Ah, tá errado e ponto”.

Então na educação que eu dou para as minhas filhas, que eu adoro a área de educação, foi por isso que eu fui fazer Educação Física, e isso foi um debate grande na UNICAMP. Por que “Educação Física”, não é só o físico, você está abordando várias coisas, toda a parte holística disso. A questão de você ter uma inteligência emocional, não é, no esporte você tem que ter, de você ter determinação, de você ter planejamento, de como eu falei, de saber perder, e quando ganha, saber manter o “ganhar”, que também é difícil, não é fácil, e você entender que têm ciclos. Tanto que eu fui trabalhar depois com crianças deficientes.

I. S. – Onde você fez Faculdade?

E. O. P – Na UNICAMP, fiz os 4 anos.

I. S. – Na UNICAMP. Em que ano você entrou?

E. O. P – O meu RA (Registro Acadêmico) era de 85 (1985), eu terminei o colegial e fui direto para a faculdade.

I. S. – Entrou na UNICAMP, em Educação Física, e se formou em que ano?

E. O. P – Quatro anos depois, não é? 1989, aí eu fiquei um ano trabalhando, quis prestar de novo, aí eu entrei na Getúlio Vargas (FGV) em Administração, cheguei a fazer três meses.

I. S. – Em São Paulo?

E. O. P – Em São Paulo. Mas ao mesmo tempo eu tinha entrado na Economia.

I. S. – Da UNICAMP?

E. O. P – Da UNICAMP. E aí eu decidi fazer, eu queria casar, porque eu já namorava há sete anos.

I. S. – Conheceu no colégio?

E. O. P – Conheci no colégio, mas no Anglo. A gente fez colegial juntos, e a gente estudava juntos para a faculdade, e tudo. E aí ele fazia Getúlio Vargas (FGV).

I. S. – Ele é administrador?

E. O. P – É. E eu acabei falando “Não, eu vou fazer Economia porque eu vou ter uma visão maior, macro, e depois eu faço na área de *Business*, eu vou fazer a Pós”. E aí eu entrei no Mestrado lá na FGV, depois da Economia, eu me formei, fui trabalhar no *Bank Boston*. Do *Bank Boston* eu que saí de banco e fui para a *Champion*, que faz o papel, só que hoje é da *International Paper*, não é? E também dei aula na UNICAMP, porque os professores lá me convidaram para formar o curso de Marketing de especialização, que não existia Administração na...

I. S. – Isso o Marketing dentro da Administração?

E. O. P – Não. A Economia da UNICAMP, antes do campus que eles inauguraram agora, há poucos anos, não tinha Administração, só tinha Economia. Então tudo que era de *Business*, de Negócios, de Administração, era dado pela Economia.

I. S. – Porque não tinha Administração na UNICAMP.

E. O. P – Não, não. E a Economia da UNICAMP, diferente da USP (Universidade de São Paulo), porque eu também entrei lá, lá é Exatas, na USP, e na UNICAMP é de humanas, tanto que ela pertencia ao IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas).

I. S. – Agora não mais, né?

E. O. P – Não, quando eu entrei já não era mais, já era separado. Mas o fato é, tinha a Economia separada, mas não tinha a Administração. Então tudo que era matéria de Administração era a Economia ou alguma Engenharia que “dava” como eletiva.

Então nós... que foi uma professora minha, que era Doutora lá, e coordenava várias pesquisas e o próprio curso, quis formar à noite o Curso de Especialização, de dois anos, e de *Business*, então ela tinha que ter algumas matérias como, por exemplo, o Marketing. Então como ela sabia que eu estava estudando o Mestrado, que eu estava fazendo, ela pediu para eu montar com ela o curso. E eu cheguei a dar aula de Introdução de Marketing, de Gestão de Marcas, de Projetos que a gente fazia Desenvolvimento de Negócios, não é?

I. S. – Você ficou um período grande na UNICAMP, hein?

E. O. P – Mas o que aconteceu, “Belinha”, a minha vida que você perguntou. Eu me formei, comecei a trabalhar, fiz Economia. Depois quando eu me formei na Economia e estava trabalhando no banco meu marido teve a opção de fazer um treinamento, ele era *trainee* da empresa, em Atlanta, nos Estados Unidos.



I. S. – Isso em que ano?

E. O. P – Minha filha nasceu há vinte anos... 1997. Em 1997 a gente foi para Atlanta, e eu falei: - “Ah, tudo bem, vou ficar pouco tempo, eu melhora o meu inglês, faço o curso”, porque eu sempre gostei de *Business*. E Atlanta era considerada, por causa da Coca-Cola e tudo, a cidade... Porque tem a Emory University, a Universidade de *Business* e de Pequenos Negócios, porque eles incentivavam muito o pequeno empreendedor.

Então eu fiz um curso de *Entrepreneur* lá e falei. “Ótimo, eu faço isso e venho embora para o Brasil”. Só que esse “venho embora” eu fiquei 17 anos viajando. (Risos). Mudando...

I. S. – Essa história seria uma segunda entrevista, mas vamos manter a primeira (risos).

E. O. P – Então, e eu acabei viajando, morando em sete países.

I. S. – Você morou em sete países durante quantos anos?

E. O. P – Dezenove anos.

I. S. – Puxa vida! Dá para falar todos? Estados Unidos...

E. O. P – Estados Unidos em Atlanta... Acabei voltando para o Brasil, achei que eu ia ficar, foi quando eu trabalhei. Aí a gente saiu, foi pra Suécia, onde eu morei no sul, em Lund. Da Suécia nós íamos para a Suíça, mas acabou tendo uma oportunidade em Bogotá, na Colômbia. E a gente foi, porque eu achei que para o meu marido era onde ele estaria mais feliz na carreira, não é? Com “Las Farc” e tudo a gente foi. De lá apareceu a oportunidade de ir para Caracas, na Venezuela. Caracas a gente estava tendo todo aquele problema com o Hugo Chávez, eu acabei ficando três anos e meio lá... Greve da PDVSA, foi tudo bem um aprendizado também, não é?

E. O. P – Saímos de lá, a gente teve uma fase no Brasil de novo, depois, de lá, teve um momento bem curto em Quito, Equador.

I. S. – Ah, você tinha comentado comigo.

E. O. P – É. Mas saímos, a gente foi para a Sérvia.

I. S. – Nossa!

E. O. P – (Risos). Moramos no leste Europeu, porque aí lá tinha que cuidar de sete países, que era a antiga Iugoslávia, então “acabou pegando” a Romênia, Bulgária, vários países ali, não é? Macedônia. Mas a gente morava mesmo em Belgrado, ficava lá na Sérvia. Da Sérvia a gente foi para o Panamá, que foi o último país.

I. S. – Sim, e depois você veio para cá.

E. O. P – Eu vim para cá, tem dois anos que eu estou aqui.

I. S. – E isso por conta do trabalho do seu marido?

E. O. P – Foi o trabalho do meu marido. Aí o que eu acabei fazendo. Eu trabalhava online com as pesquisas e com os cursos da UNICAMP. Eu fazia, eu montava aulas...

I. S. – Durante esse tempo todo?

E. O. P – Fiz, por um bom tempo. No começo que não, não é? No começo eu estava estudando, fiz lá, também foi especialização... Tentei duas vezes terminar meu Mestrado, mas cada país que eu ia, eu tinha que fazer proficiência de língua, então quando eu fui para a Colômbia eu estudei na melhor Universidade deles lá, mas eu fiquei seis meses tendo que fazer várias matérias em espanhol para poder fazer o Mestrado. Aí eu cheguei à conclusão que eu tinha que fazer um curso que não fosse acadêmico mesmo, não é? Então eu acabei fazendo especialização só, porque senão eu não conseguia terminar. A gente mudava muito, e eu nunca sabia quando eu ia mudar (risos).

Aí eu acabei fazendo uma pós que é ligada à parte também de Negócios, que eles chamam de *Gestión de Alta Gerencia*, então eram de diretores para cima que faziam. Eu não tinha um cargo na época em nenhuma empresa, mas como eu tinha passado por empresa, por banco e dado aula, eu consegui fazer esse curso. Foram dois anos e meio. Então eu acabei fazendo, conseguindo fazer porque ele tinha convênio com a FGV. Eu comecei na IESA (Instituto de Estudios Superiores de Administración) lá da Venezuela, mas ele tinha convênio com a FGV, e daí deu para eu terminar algumas matérias, em São Paulo.

I. S. – Entendi.

E. O. P – Mas... O que tudo isso tem a ver, essa minha história de vida, quando eu olho a minha primeira fase. Concorro plenamente com todos os livros que dizem que a primeira infância, e essa primeira fase educacional é importantíssima para a tua vida, não é?

E eu acho que como eu fui, no Colégio, eu acabei de certa maneira, escutando coisas que os irmãos contavam... Coisas de outros países que eu tinha curiosidade, para mim... E era uma coisa que para mim era difícil pensar: - “Eu não vou sair do país tão cedo, não é?”, por questões econômicas, e porque antigamente não se falava tanto...

I. S. – Em sair. E durante tanto tempo.

E. O. P – Em sair, durante tanto tempo, e viver fora, não é? Talvez também aguçado pelos meus pais, que também já falavam disso, que já tinham me colocada na Escola Americana. Mas naquele colégio eu me lembro de que tinha um amigo meu, João, que o pai dele trabalhava na *Pan Am* (*Pan American World Airways*), que existia a *Pan Am*, e ele chegava contando histórias do pai, das coisas que eram, e eu achava o máximo. Pessoas que viajavam e falavam de outras culturas.

Então eu, como fui muito, desde essa fase, curiosa com isso, eu me adaptava fácil nos países, e consegui adaptar fácil minhas filhas também, não é? Elas foram mudando, nunca tive nenhum problema assim: - “Ah, não, elas não vão se adaptar”. Não, eu sempre vendia a história de que, eu acredito, na verdade, de que você não está perdendo nada quando você sai de um país para o outro, você só tem a ganhar. Porque você vai olhar como as outras pessoas pensam, como elas resolvem aquelas questões, porque aquela sociedade tem aquela dinâmica, porque alguns

valores são mantidos numa sociedade e na outra, não. Porque às vezes culturas tão diferentes como a nossa e a do Leste Europeu têm coisas idênticas. Isso é do ser humano, ou isso é da cultura? De onde vem isso, não é?

I. S. – Nossa, deve ser uma riqueza todas as histórias que você tem para contar, hein! Tardes e tardes de café (risos).

E. O. P – (Risos). Mas eu acho que teve muito a ver assim, de ter uma estrutura para aguentar, porque todo mundo acha que é muito glamoroso e fácil mudar, não é? Não é bem assim, você tem seus preços. Deixar a família foi um custo alto para mim, família que eu digo meu pai, minha mãe, minha irmã, não é? Por outro lado eu tentava ver isso com outros olhos. Falava “Olha, nós vamos ganhar, porque vocês em cada país que eu estiver vocês vêm...”.

I. S. – Visitar, conhecer.

E. O. P – Eu sempre, sempre tive isso. Sempre formei muitos amigos, amigos que são egípcios e que eu vinha a encontrar com eles na França, e que eles vieram trabalhar no Rio de Janeiro.

I. S. – Que legal! Todo esse relacionamento. Você é uma mulher do futuro, porque hoje falam que a grande carreira, apesar de existir muito preconceito, que o Marketing de Relacionamento, de você se relacionar, eu acho assim que é muito bacana essa área, que é uma área nova, nos Estados Unidos já é uma área bem forte, não é?

E. O. P – É.

I. S. – E das pessoas trabalharem se relacionando cada vez mais. O mundo está ficando menor.

E. O. P – É, o mundo globalizado realmente tem há muito tempo, não é? Apesar de que eu acho que existe, quando se tem isso também, tem alguns países que estão buscando por barreiras já, não é? Tem esse outro pêndulo. Mas de qualquer maneira quando você já teve essa experiência você já é mais aberto a entender isso também.

I. S. - Isso, exatamente.

E. O. P – Entender porque algumas culturas querem muito preservar só aquela raiz e eu acho que tem a ver.

I. S. – É, não dá pra perder tudo, não é?

E. O. P – Não. Acho que nem deve, acho que tem que saber...

I. S. – Sua identidade, não é? Mas você não se fechar para o novo, para o outro. Isso é muito legal.

E. O. P – É. Então eu acho que isso a parte educacional tem muito a ver e eu acho que isso é uma coisa que tem que ser refeita, reanalisada nos currículos escolares. Quando fala do todo, o que é esse todo de verdade? O que é ser globalizado e ao mesmo tempo o que é ser diferenciado, não é?

Então assim, eu vivi nos países nórdicos, foi uma experiência maravilhosa. Eles pensam de outra maneira, eles têm valores que estão ali no dia a dia, que a gente tem muito para aprender com eles.

Por outro lado, eles olham para a gente, latinos: - “Nossa, como vocês são alegres, como vocês são unidos, como vocês enfrentam as coisas com bom humor, a gente tem um terço do problema de vocês, mas vocês enfrentam de outra maneira”. Então isso é rico, e ao mesmo tempo eu olhava, como pode um país como a Suécia ser riquíssimo, não ter problemas sociais básicos, mas ter um dos maiores índices de suicídio? Por quê?

I. S. – Exatamente. As suas filhas nasceram no exterior?

E. O. P – Não, a mais velha nasceu no Brasil e quando eu fui para Atlanta ela tinha dois meses de idade, eu tinha acabado de ter. E a mais nova sim nasceu na Venezuela.

I. S. – Olha só! E toda essa experiência que você teve aqui no Brasil na educação, isso eu estou te perguntando, nem estava no meu roteiro, mas como você tem uma experiência de vida diferenciada, não é?

Você morou dezenove anos em sete países, é bastante coisa, como que você, em poucas palavras, para a gente não se estender muito, como que você vê a educação que as suas filhas tiveram nesses países assim, e o que a gente tem pra trocar, assim, o que você achou bom, onde você achou que foi melhor, o que o Brasil fica devendo? (Risos).

E. O. P – Então, aí é que está um ponto interessante. Eu acho que as pessoas tiveram a sorte que nós tivemos de ter uma boa educação, que o que eu gostaria é que todo brasileiro tivesse, não fica devendo nada, nada.

Eu assim, graças a Deus, eu e meu marido, a gente pôde conversar sobre qualquer assunto sempre com qualquer cultura em qualquer situação. Nós saímos do Brasil, meu marido era um *trainee*, eu era uma recém-formada, e a gente ia em reunião com presidentes de grandes empresas de multinacionais, com muitas e muitas vezes, eu tinha reunião dentro de embaixadas, não é? E acho que a gente, com humildade, tudo, se consegue entender, ler e se expressar e participar de tudo sem faltar nada.

I. S. – Hum, hum.

E. O. P – E eu lembro que me chamou atenção isso porque na época meu marido teve a chance que a empresa pagou um curso no IMD (International Institute for Management Development), que era uma das Universidades em Lausanne, na Suíça, que até hoje é muito respeitada em *Business*, ele teve a oportunidade de fazer curso lá. E lá eles falaram que a maioria dos CEO de grandes empresas eram brasileiros.

I. S. – Olha só!

E. O. P – Nossa, ele chegou em casa contando...

I. S. – Isso é bom para levantar a nossa autoestima de achar que a gente é *cucaracha*, não é? (Risos).

E. O. P – É, e não somos.

I. S. – Não somos.

E. O. P – Eu acho assim, que nós temos uma coisa assim talvez até pelas dificuldades que nós passamos. O brasileiro, ele é criativo, como ele é desprovido de muitos recursos, ele aprende a fazer mais com menos, não é?

Só a gente precisa ter essa outra “pitada” que eu te falei. Então o país nórdico, eles planejam tudo... a primeira palavra que eu aprendi lá...

I. S. – A gente vai mais no improviso, não é?

E. O. P – Vamos. Mas se a gente conseguir manter essa “ginga do improviso”.

I. S. – A criatividade mais o planejamento...

E. O. P – E mais o planejamento...

I. S. – Ninguém pega a gente!

E. O. P – Com certeza, com certeza. Então eu lembro que os nórdicos, eles planejam, então eles têm “veka”, que é a semana, não é? Então tudo vem veka, 1, veka 2, então o que ele vai estar fazendo na semana 10 ele sabe, mas isso limitava, não é? Porque quando chegava “nossa, não aconteceu o que eu planejei, o que eu faço agora?”, dava desespero.

I. S. – Tudo muito “quadrado”, não é?

E. O. P – É. O brasileiro, como ele vive administrando crise, nós somos ótimos administradores de crises, não é?

I. S. – (Risos).

E. O. P – A gente aprende, e até isso nos faz até um pouco acomodar, porque a gente fala “Ah, na hora “H” eu dou um jeito”.

I. S. – Exatamente.

E. O. P – E a gente acaba perdendo até um pouco isso, a competitividade.

I. S. – Claro.

E. O. P – Mas, eu volto a falar: quem tem a chance de ter uma boa educação e viver nesse nosso país, não fica atrás de nada, nada!

I. S. – Olha só!

E. O. P – As minhas filhas, eu acho que elas aprenderam que, lógico que ganham muita coisa, óbvio, são culturas e culturas, idiomas, elas falam quatro idiomas fluente, não é? Porque nas escolas lá também ensinam, então além do inglês, do português que eu ensinei em casa, do espanhol elas têm também, alemão, e básico do francês. Então na verdade quase cinco, não é? Então... Agora idioma você pode pegar numa escola, e eu sempre tentei pegar o idioma com toda a carga cultural (...).

I. S. – Da vivência.

E. O. P – Da vivência. E o brasileiro, a gente é aberto a isso, nós somos abertos às outras culturas, porque nós somos uma mescla, não é?

I. S. – Uma mescla, exatamente.

E. O. P – E o brasileiro sempre foi receptivo à outra cultura, não é? Então eu acho que isso é muito bacana. Falavam para mim “Defina o brasileiro”, e isso eu tinha dificuldade em definir o brasileiro, e isso eu acho até bom.

I. S. – Senão fica aquele protótipo. Não, o brasileiro é isso... Modelo, não, não é isso.

E. O. P – É, eu acho, eu acho assim, é. A nossa educação, se você for olhar, mesmo nas favelas, todo mundo fala, tem muita gente com vontade de fazer diferença, de ensinar. Têm projetos maravilhosos acontecendo...

I. S. – De dança... que inclui. Se você for ver têm gênios na música.

E. O. P – Na música... Eu não sabia, nós temos harpistas maravilhosos, eu não conhecia... Uma senhora já, a melhor harpista do mundo, ela fez em Belgrado um show. Aí o pessoal, como eram oito famílias só, brasileiras, estavam tentando, poxa, pelo menos as famílias brasileiras têm que ir para prestigiar.

I. S. – Ah, você me contou que foram algumas famílias que vivem lá, não é?

E. O. P – É, mas isso é aberto, ao público não é? Você não paga quase nada, muitas vezes é de graça, a música. E nosso país tem uma musicalidade invejável, ele é respeitado em todo lugar.

I. S. – Nossa, é maravilhoso.

E. O. P – Que vem dessa criatividade, dessa mistura...

I. S. – Música no Brasil é tudo praticamente.

E. O. P – É tudo. E eu acho que essa criatividade, essa vontade de ter diferentes sons, você põe na sua profissão, seja ela qual for. Então o médico brasileiro lá fora é muito respeitado, o engenheiro é muito respeitado. Me dá dó que o professor não seja muito respeitado... aqui dentro.

I. S. – Aqui dentro, não é?

E. O. P – Então você, quando você vê, eu não tenho certeza agora de qual país nórdico, se é Finlândia ou se é Noruega. A profissão mais bem paga é a de professor. Por quê? Porque eles falam: - “Essa pessoa vai formar outras”.

I. S. – Hum, hum

E. O. P – E aqui no Brasil a gente chegou à tristeza de ver que o professor não é valorizado por ninguém!

I. S. – Por ninguém!

E. O. P – Nem por quem está lá sendo ensinado por ele, entendeu? Então eu acho assim uma tristeza isso. Uma coisa eu ensinei para as minhas filhas: respeito pra todos. E profissionalmente, professor, é uma das coisas chaves.

I. S. – Ele está fazendo de tudo para te passar alguma coisa, e é muito difícil isso.

E. O. P – Eu lembro assim, quando eu fazia Economia a gente discutia Planos Econômicos, não é? E na minha cabeça como eu vinha da Educação Física, eu tive essa formação na área da Educação, eu falava: - “Gente, pode ter o Plano Econômico que for, se você não tiver educação no país, você não vai mudar nada”.

I. S. – É a base.

E. O. P – E hoje estão discutindo isso. Eu falo poxa, até que eu fico feliz que eu consegui ver isso quando eu era nova, não é? Só tenho dó que isso ainda não mudou, mas eu tenho esperança que isso vai mudar, então assim, é possível, não é?

Eu tive o prazer de conhecer o programa, por exemplo, da irmã do Ayrton Senna (Viviane Senna), ela tem um projeto maravilhoso de Educação, que o Ministério de Educação foi até atrás para tentar colocar isso em prática.

E você ouve relatos de pessoas que fizeram, que foram pessoas resgatadas, e eu digo resgatadas porque pela educação você muda tudo, a vida da pessoa... E são experiências maravilhosas e que deram certo mesmo com todos os problemas que a gente está vivendo de corrupção, de valores alterados... Isso aconteceu no Brasil. Imagina se você tiver vontade política mesmo para isso. Então assim, Brasil, eu te digo, não fica atrás.

**(O telefone interrompe a entrevista). (01h12mim13s).**

## **ENTREVISTA - PARTE II**

E. O. P – Não, isso que a gente estava conversando do que esse passado na educação te leva, em que parte isso altera no teu futuro. Como eu estava falando no começo, isso está marcado em tudo, não tem como você separar, está ali, é presente.

I. S. – Está no DNA.

E. O. P – É, então. E o que eu vivi no Notre Dame, por todas as circunstâncias, eu vejo uma coisa que eu faço muito lembrando de cada coisa que tem um apego também emocional. Eu, como eu morei em vários países, eu tive oportunidade de estar muito presente com as minhas filhas, não é?

Porque eu não tinha visto de trabalho, então como eu trabalhava como eu te disse, era online, e outra coisa que eu ia fazendo era investindo aqui no Brasil, porque eu também aprendi com o meu pai a gostar muito de construção. Então eu fiz esse apartamento, eu fiz casa, eu ia tocando.

I. S. – Esse aqui?

E. O. P – É, gerindo de lá.

I. S. – Ah, que legal!

E. O. P – É, então eu vinha... até graças a Deus quando veio o *Skype* eu instalava no lugar e, a empreiteira...

I. S. – O projeto desse edifício é seu?

E. O. P – É.

I. S. – Que legal! Parabéns!

E. O. P – E aí o empreiteiro ia me mostrando, não é, como que estava...

I. S. – Que bacana!

E. O. P – E eu separava quando eu tinha que vir para decidir algumas coisas, vinha para o Brasil, fazia isso, deixava tudo em ordem lá, andando tudo para as minhas filhas. Mas o que eu queria dizer é que eu pude ficar muito tempo com elas e como era muita informação de muita cultura diferente, eu estudava muito com elas, eu tinha o hábito de sentar e estudar com elas.

I. S. – Para aprender mesmo, não é?

E. O. P – Para acompanhar essa aventura delas, que é o aprender, não é? Não estudar por elas, estudar com elas.

I. S. – Claro.

E. O. P – Isso no Notre Dame foi uma coisa que aconteceu na minha vida. Eu acho que, como eu te contei a história que eu entrei e eu tive ainda que correr atrás das matérias para aprender, meus pais fizeram isso comigo, de sentar, de discutir comigo os assuntos, de ver onde eu tinha dificuldade... se eles não sabiam explicar, buscar alguém para me ajudar. Isso gerava mais do que aprender o tema, não é? Gerava esse laço. Então eu acho que a educação hoje além de ter que ser muito bem reformulada nas escolas, tem que ter um espaço para agregar os pais, porque



os pais estão cada vez com menos tempo, menos condições até emocionais, não é? Estão cansados... De estar presente com o filho, isso faz uma diferença enorme.

I. S. – Enorme.

E. O. P – Então o processo educacional, se ele puder *linkar* isso com a família, com a situação. Óbvio que cada pai tem um jeito, uns têm pedagogia para ensinar, outros, não. Uns têm vontade, outros, não. Mas só o tempo de você estar lá e ver “O que você tá estudando? O que você está fazendo?”. Acompanhar, isso já dá uma diferença enorme.

I. S. – Os seus pais participavam da APM (Associação de Pais e Mestres) no Notre Dame?

E. O. P – Meu pai. E essa questão de estar junto, de estar lá, de ver, de acompanhar.

I. S. – Acompanhar.

E. O. P – Isso eu sentia, não é? Meus amigos sentiam, eu lembro que...

I. S. – A importância que ele dava, isso era importante para você.

E. O. P – A gente tinha muito essa coisa de passar a tarde, às vezes, juntas, não é? Reunir na casa, isso também que se perdeu muito pelo que eu vejo. Tento manter isso com as minhas filhas, trago gente para cá. Mas muitas vezes eu vejo assim, a reunião delas é online, não é? Pelo celular!

I. S. – Isso, nossa, esse contato tá bem prejudicado.

E. O. P – Eu tento ter o contato físico, vem aqui, olho no olho, não é?

I. S. – Importante, não é?

E. O. P – Não é? Você ter isso. Então isso faz parte da educação, esse contato, eu acho que tem que ter.

I. S. – Eu acho que é fundamental.

E. O. P – E acompanhamento... Então eu vivi isso também. Que nem a minha história, eu não tive desenvolvimento de uma profissão linearmente, não é? Eu comecei, fiz uma coisa, aí o mundo me empurrou para outro lado, eu fui, e tentei... Eu falo, nossa, às vezes tenho a sensação de que eu fiz muita coisa e ao mesmo tempo não fiz nada. Assim, nada, quando eu penso, linearmente...

I. S. – Uma única coisa.

E. O. P – É. Mas isso por outro lado me fez viver algo que é muito rico, justamente por isso, porque eu sinto que eu posso fazer muitas coisas, que nós somos capazes, nós seres humanos, nós somos capaz de fazer muitas coisas. E é óbvio que eu identifiquei coisas que eu jamais faria, não gosto, não sou capaz, não tenho habilidade para aquilo.

I. S. – Hum, hum.

E. O. P – E esse conhecimento também acho que a Educação devia cuidar, que é uma coisa que eu falo muito, que eu vi isso sim, que você me perguntou o que eu vi lá fora o que tem de diferente. Muitas escolas lá de fora têm matérias que a matéria é o autoconhecimento.

I. S. – Entendi.

E. O. P – Isso eu agregaria no currículo do Brasil. Então se você é um... Eles têm até os termos em inglês... Um *good listener*, ou se você é a pessoa que mais “*do*”, ou se você é a pessoa que mais decide... Você se entender, você ver quais as suas habilidades, independentemente de que matéria é.

I. S. – Sei.

E. O. P – Essa divisão: História, Biologia, Exatas... Nem acho que tem que existir mais, porque as coisas são muito integradas, muito.

I. S. – Você acha então que o Notre Dame... Você tá me falando aqui, porque eu também sou uma pessoa que fiz várias coisas, transitei por várias áreas. Então você acha que o Notre Dame, existia isso na educação, a pessoa integral... Tinha uma preocupação com isso, não é?

E. O. P – Como eu te falei no começo. Eu não sei se isso era algo formalizado, se eles tinham até consciência, vamos dizer, se isso estava estruturado, mas o todo do Colégio...

I. S. – Proporcionou isso.

E. O. P – Proporcionou isso. E eu acho que isso é um ganho a ser cuidado, lapidado, já que existiu, “Pera aí, vamos aprender, poxa, aconteceu uma coisa boa”.

Você vai poder decidir isso porque você está ouvindo todo mundo, pessoas que tiveram boas experiências ruins, e o que foi. Mas na minha história de vida, o fato de eu estar num Colégio, pode parecer até “Ah, imagina, ficar falando disso”, mas o fato de você ter uma sala de aula onde tudo funciona, boa iluminação, boa ventilação, onde é bonito, onde se tem higiene no banheiro, não é frescura, como muita gente diz no Brasil. Porque infelizmente nós, brasileiros, a gente acha que a maioria das escolas estaduais tem goteira, tem vidro quebrado, porque eu também já estudei em escola assim, no começo, peguei escola assim, era boa, o ensino. Hoje nem o ensino tá bom.

I. S. – Hum, hum.

E. O. P – E a estrutura você não tem, você vê uma coisa pichada, você vê... Aí você anda em São Paulo e você vê monumentos pichados, coisa que um alemão jamais vai entender!

I. S. – Exato.

E. O. P – Como uma pessoa vem e picha uma coisa que é pública!

I. S. – Histórica, não é?

E. O. P – Histórica e sabe, é respeito, não é? Então assim, o fato da gente estar num colégio onde você aprendia... Você não podia quebrar uma planta, passar... Não tinha lá uma placa: - “Não pise na grama”, mas o Sr. Alcides, ele ensinava a importância para gente.

I. S. – Exatamente.

E. O. P – Ou quando você via tudo tão cuidado, tão... Eu trazia isso para a minha casa, por mais simples que pudesse ser meu começo de vida quando eu casei, eu queria ter tudo arrumado, organizado, um ambiente gostoso onde você vai produzir melhor. Desde coisa física, assim, que parece materialista demais, mas eu estou vendo sobre outra ótica, espero que você consiga entender.

I. S. – Não, estou entendendo.

E. O. P – Isso você transfere na rua, você transfere para a sua cidade, para o seu país, não é? Por que nós brasileiros, a gente gosta tanto de ir para uma Europa e ver uma cidade: - “Nossa, que cidade linda, que cartão postal”? Nós temos condições de ter cidades maravilhosas aqui que sejam cartões postais!

I. S. – É, exatamente. Mas o que é bom para fora, não é? A gente pensa isso.

E. O. P – E a gente se comporta diferente lá fora, por quê?

I. S. – É a nossa autoestima que eu acho que tem que ser trabalhada mesmo, valorizada.

E. O. P – Trabalhada e eu acho assim, outra coisa que eu sempre falei para o Nelson, para o meu marido, não é? Quando eu me mudei para os Estados Unidos me chamou atenção que todos os noticiários de lá falavam as coisas boas dos Estados Unidos, e eu falo “gente, esse país não tem problema, não tem defeito?”. Porque você não vê!

Aí eu ouço há décadas, não é? Porque eu tenho 50 anos de idade, tenho meio século, se eu for pensar, eu ouço no Jornal Nacional, que traz... A nossa imprensa é boa, ela é, ela muda muita coisa historicamente, mas ela tem um lado que é vender o fatalismo, é vender coisa negativa!

I. S. – As desgraças.

E. O. P – As desgraças... O que é isso? Você tem que mostrar a coisa ruim para ela ser concertada, não é? Agora, você também tem que dizer “O Brasil é bom em quê?”. Eu te garanto que muito mais que em futebol e samba!

I. S. – Exatamente!

E. O. P – Isso é uma das coisas que toda vez que minhas filhas em colégio internacional, tinham que falar do país, isso existe, eu falava: - “Vocês podem falar de tudo, menos de futebol e de carnaval.”, a não ser que a gente veja... Eu fui aprender o que era o carnaval, a história do carnaval, e não só a história em si.

I. S. – Claro.

E. O. P – Não o samba... O samba como música eu acho maravilhosa... Eu estou dizendo, o lado do *sex appeal*, da coisa, só isso, não é? O futebol também, ótimo, mas poxa vida, nós temos um time de vôlei que há quantos anos ele é campeão mundial?

I. S. – Exatamente.

E. O. P – Quantos profissionais de outros... E a gente vê nas Olimpíadas...

I. S. – As culturas de cada estado, são riquíssimas, não é?

E. O. P – Então!

I. S. – As influências, não é?

E. O. P – Então, a gente viu aquele moço, a minha própria ignorância, ele ganhou medalha de ouro na canoagem, com um sacrifício enorme. Eu não lembro o nome dele! (Isaquias Queiroz). Gostaria muito de ter isso na minha mente, porque é um jeito de até reverenciar a pessoa que com pouco recurso ele ficou subnutrido e ele ganhou uma medalha Olímpica! É muito fácil um país com toda a infraestrutura fazer campeões Olímpicos.

I. S. – Exatamente.

E. O. P – Então a gente precisa exaltar isso, que a gente tem gente boa, a gente tem gente que colabora, criadores de coisas...

I. S. – Tem um rapaz agora que ele tá com um projeto no Rio, ele tá cotado, esqueci o nome, mas daqui a pouco vou me lembrar... Para ser o Nobel da Paz.

E. O. P – Tá vendo. Isso tá precisando ser divulgado, mostrado, nós precisamos... Você estava falando da autoestima, nós precisamos da autoestima individual e coletiva.

I. S. – E coletiva, principalmente.

E. O. P – E assim, mostrar que o país não é feito por só traficantes. Tem, tem violência, mas você tem gente construindo com pouco.

I. S. – Mas não é isso que é a nossa identidade, eu acho. Eu acho que infelizmente a questão política, econômica aparece bastante.

E. O. P – Isso deveria ser discutido nas escolas...

I. S. – Exatamente.

E. O. P – Quem são os nossos heróis? Quais as pessoas que estão fazendo a diferença hoje? Como elas estão fazendo?

I. S. – Pois é.

E. O. P – Então isso é importante, tem que ser discutido, tem que ser abordado, e também acho que tinha que estar no currículo escolar.

I. S. – Com certeza.

E. O. P – É uma coisa assim. Isso os estrangeiros fazem. Para você ter ideia, eles têm uma feira que é para a criança escolher um personagem do mundo que ela gostaria de ser.

I. S. – Olha só! E aí trabalha...

E. O. P – E aí vai discutir o que ele fez, por que ele fez, como ele fez e que impacto ele gerou nisso para as outras pessoas. E vai expor tudo isso.

I. S. – Olha que legal!

E. O. P – É muito legal. Agora, a minha filha mesma falou “Mãe, eu queria ser alguém do Brasil, mas eu não consigo lembrar de ninguém.”.

I. S. – Olha só!

E. O. P – E isso mexeu comigo, porque eu falei: - “Poxa, e aí?”.

I. S. – É, ela passou muito tempo fora, não é?

E. O. P – Então, mas assim, não veio, o que eu quero dizer, que nem você tem pesquisa de *top mind brands*, que você fala uma marca e lembra na hora...

I. S. – Esse orgulho de ter uma pessoa...

E. O. P – Então eu queria que ela se lembrasse de alguém rápido, não é? A nossa geração, se você perguntar, ela vai lembrar, “Ayrton Senna”, não é? Vai lembrar... Aí você fica pensando “O que mais?”, não é? “Quais as outras pessoas?”.

I. S. – Exatamente.

E. O. P – Nós temos hoje...

I. S. – E principalmente na história, a gente tem vários personagens e que é muito pouco valorizado...

E. O. P – Não é?

I. S. – Muito pouco valorizado... Que nem, tem um filme da Nise da Silveira, que foi a psiquiatra, que inseriu, acabou com o sistema de manicômio no Brasil. O filme é lindíssimo, poucas pessoas sabem a importância que essa mulher teve, porque as pessoas já iam para o choque elétrico, e ela pega e se mistura com esses “loucos”, entre aspas, e ela faz esse trabalho de aproximar, e eles melhoram!

E. O. P – Está vendo.

I. S. – Então foi uma pessoa fundamental na psiquiatria no Brasil, mudou toda a psiquiatria, não é? E pouquíssimas pessoas conhecem, às vezes através dos filmes vão passar a conhecer.

E. O. P – E mesmo pessoas na Educação, não é? Você vê um Rubem Alves, o próprio Freire (Paulo Freire), a maneira de alfabetizar, de deixar aquele significado para a pessoa, não é?

I. S. – Exatamente.

E. O. P – E você tem pessoas e pessoas que fazem. E quantos professores agora começaram a falar, que estão ganhando prêmio fora, porque, de novo, com pouco recurso, com crianças cansadas, com crianças que não têm o que comer, muitas desidratadas, não é? Tão aprendendo... Você imagina se tivesse tudo esse básico coberto.

Então o que me marcou muito, e que você fala: - “Ah, o Brasil.”, é essa polarização, porque nós somos vários “Brasis”, não é? E também somos muito polarizados não só econômica e politicamente, óbvio que na Educação. Então você tem pessoas que não ficam atrás para nada lá fora, que têm um destaque enorme em MBA, em Mestrados, em Doutorados. Agora mesmo o neurologista mais famoso é brasileiro (Miguel Nicolelis), que tá revolucionando, que até foi muito estranho, pois o colocaram na abertura dos jogos, ninguém nem percebeu que ele estava fazendo, que era o chute inicial.

I. S. – Ah, sim.

E. O. P – Que era pelo comando cerebral... Foi tão rápido e tão mal colocado aquilo que ninguém nem soube o que era, falou “O que tem aquilo?”.

I. S. – Se concentrar no que estava sendo dito.

E. O. P – E assim, ao mesmo tempo você tem pessoas que caminham quilômetros descalços para tentar estudar alguma coisa e quando consegue é pouco, porque não consegue nem ficar acordado para ouvir o que a pessoa tá falando.

Mas eu não desacredito, eu não sou pessimista com o nosso país, não sou, nunca fui. Todo mundo me diz: - “Todo mundo está saindo do Brasil, por que você quis voltar?” Eu quis voltar, nós voltamos por vontade própria, por opção própria, essa opção dada por questões até, meus pais com mais idade, os pais do meu marido, a família precisando da gente, não é? Precisando assim, não que pediram, a gente viu, enxergou que era um bom momento de estar aqui. Mas também porque eu quero que minhas filhas vivam e saibam o que é o país delas, com todos os problemas que tem.

I. S. – Com todos os problemas é o seu país.

E. O. P – Estão sendo superados, é que a gente não olha, mas tem muita coisa sendo superada... Quando que a gente ia imaginar? Eu fico feliz de estar vendo uma Lava Jato, com todos os problemas que tem, com todas as tentativas... Mas é algo... É uma mudança.

I. S. – É um exercício, tem que acontecer. Ia ter que acontecer.

E. O. P – Então, e isso daí vai com certeza refletir em outras coisas, não é? Então pode ser que seja devagar aqui, mas tá andando. E cabe a nós, que tivemos, quando você fala: - “Ah, o que você tá mudando?” Sabe Isabela, eu não tive condições, às vezes eu penso em montar um grupo, ou sei lá, uma pequena ONG, sei lá, qualquer coisa para mudar. Mas eu penso que eu não preciso ter uma instituição. No meu dia a dia, no meu relacionamento com outras pessoas, que seja com a funcionária que trabalha na minha casa, quando eu posso ensinar alguma coisa, quando eu posso colaborar com alguma coisa, quando eu posso dividir com ela um conhecimento, quando eu posso me sentir aberta para aprender com ela, não é? Porque a gente tem que tomar cuidado de achar que a gente sabe tudo, a gente não sabe nada!

I. S. – Exatamente. Quando você acha que você sabe tudo, pronto, vem outra coisa.

E. O. P – É. Quando eu começo a fazer isso, eu acho que eu estou ajudando, eu ajudo as minhas filhas a entenderem certos valores que eu estou carregando lá de quando eu era pequena e eu entrei no Notre Dame, lá do meu berço, não é? Eu lembro que na entrevista da bolsa lá no Colégio, minha mãe ficou toda feliz porque o irmão falou para ela: - “A sua filha tem índole”, e ela ficou feliz: - “Olha, ele falou que você tem índole”, ela achou a coisa mais legal. Uma boa índole, não é? Então assim, você vê que um elogio, uma análise de alguém...

I. S. – Como é importante!

E. O. P – Como é importante e marca.

I. S. – Uma coisa que você lembra 40 anos atrás, não é?

E. O. P – Então, da minha mãe chegando e falando isso e a pessoa percebendo isso num contexto, e por isso que eu digo que o Colégio ia além das informações em aula, não é? Porque você vê, até numa própria entrevista para entrar no lugar, várias coisas foram observadas.

I. S. – Exatamente.

E. O. P – E é isso que eu volto a fechar, assim, eu acho que o sistema de Educação, ele tem que ser reformulado, mas não é só qual matéria você vai manter no currículo ou não. É a forma como isso vai ser ensinado, não é? A pedagogia que você vai ensinar ali, e vai usar, não é? Vêm junto com a valorização do professor, com a valorização de você, assim, as pessoas, as mães, os pais, muitas vezes falam “vai para a escola” como uma punição, e as férias que é legal. As duas coisas têm coisa boa, não é? “Então assim, ir para a escola sempre foi, poxa, você tinha que falar é um lugar onde você vai descobrir coisas, você vai fazer amigos...”.

I. S. – Aprender, crescer. Exatamente.

E. O. P – E não aquele lugar chato onde você vai ser punido, onde é um castigo estar lá, aonde o alívio só vem quando bate o sinal para você ir embora.

I. S. – Pelo que eu estou percebendo, não é, porque tem uma pergunta quase no final que fala “Qual é o significado de você ter estudado lá?”. Acho que para você, teve um significado assim, que foi você não teve esse travamento, esse medo, foi uma coisa muito significativa na sua vida, essa formação, não é?

E. O. P – Foi, pela minha história de superação, não é? Minha saúde hoje graças ao esporte, mas esse esporte que foi dado por aquela escola. Talvez se eu tivesse ido talvez para uma escola muito boa academicamente, mas que não tivesse espaço nenhum. Nós tínhamos muito verde, muita área, a gente tinha quadras e quadras, materiais. Que quando eu me formei na Educação Física, quando eu estava lá existe o Projeto Rondon, que acho que não tem mais na UNICAMP, que a gente foi para o Acre, fui como voluntária para o Acre, pelas notas eles faziam um grupo e você ficava1 (um) ano.

I. S. – É, teve muitos anos esse projeto.

E. O. P – É, eu fiquei um mês no Acre trabalhando. Chegou lá, poxa, me chamaram, está sendo gasto dinheiro para eu estar aqui, ficar um mês aqui, o que eu posso fazer para mudar? Então se eu fosse dar aula de educação Física para as crianças de lá eu ia embora e aquilo ia acabar. Então eu fiz um projeto, porque lá tem também muitos missionários, a maioria da Alemanha, eu fui até eles, até as instituições, para ver como eles trabalhavam a Educação Física, e tentar colaborar com alguma coisa do que eu estava estudando, entendeu?

Assim, eu ouvia, fazia um relatório de como eles estudavam, como a maioria eram freiras e padres tinha uma certa restrição com a questão corporal, elas com aquele calor insuportável ficavam na quadra com toda a roupa que elas tinham que usar. Então elas nem aguentavam fazer muita atividade.

Então eu tentei adequar a situação delas, respeitando os valores delas, não é? O fato de elas terem que estar com as vestimentas que teoricamente não é adequada, coitadas, tinha umas que até desmaiavam do calor, desidratada, e as crianças acabavam não tendo um bom reflexo de tudo isso, não é?

Junto com elas a gente montou várias coisas, várias, de vários jogos que era interativo, então a criança, quando eu estudei Piaget, terceiro ano se ensina fração, ela não consegue entender muito bem o que é dois terços. Então se você mostra numa quadra, nós vamos jogar agora usando a quadra inteira, quem fizer 2 pontos fica na quadra inteira, quem perder vai ter que reduzir o espaço.

Sei lá, se o jogo tivesse que ser com uma regra, que era importante ter mais espaço, e a criança vai ter que demarcar quanto é a metade da quadra, quanto é dois terços da quadra, quanto ela visualiza aquilo. Então a gente inventava jogos, vem aí a criatividade, não é?

I.S. - Com certeza!

E. O. P. - E inventava coisas junto com o professor de Matemática. Professor de História: - “Ah, o Acre, professor, você tá ensinando que o Acre foi agregado ao Brasil?” “Estou”. “Então vamos fazer um jogo, vamos fazer alguma coisa?”. E a gente inventava e fazia aquilo.

Então assim, muita coisa a gente foi mudando, e de novo, acho que tem a ver com experiências anteriores do que eu vivi ali naquele colégio, que me permitiu... Eu estou te falando isso porque eu lembrei agora falando... Uma vez a Titinha pediu no jogo que a gente ia, campeonato, jogo da Primavera, faltava árbitro, porque a Lena (Maria Helena Mattar) já estava numa quadra... Nossa, a gente tinha muita quadra...



I. S. – Sim, o espaço era maravilhoso.

E. O. P – Aconteciam vários jogos. Então já tinha uma quadra sendo um jogo que a Preta (Maria Cristina de Figueiredo Andrade) estava apitando outro jogo que a Titinha estava, outro que a Lena (Maria Helena Mattar) estava, mas os professores estavam lá no atletismo, tudo acontecendo, e precisava por causa do horário acontecer mais jogos. Então ela pediu: - “Erica, você é a capitã do time, e já jogou, você pode ser a árbitra? Tá todo mundo achando que você pode, tantos jogos, porque você sabe as regras”. Eu fui ser árbitra.

Aí a gente, o que aconteceu? Começou uma coisa estranha, eu estava super nervosa, porque (você) imagina, eu era jovem de tudo, para mim era uma responsabilidade... e eu percebi que tinha algo estranho, achei que eles estavam achando algo estranho porque eu era árbitra.

Mas aí eu comecei a prestar atenção no que as meninas estavam falando em quadra e eu percebi que eles puseram um time que estava jogando, que era do Notre Dame mesmo, colocou uma menina mais velha que era muito boa e muito forte, para representar outra que tinha faltado.

I. S. – Isso no time do Colégio?

E. O. P – É, e falando: “A gente vai colocar essa menina...” e o time oposto descobriu, lógico, não era justo você por uma pessoa mais velha, com mais habilidade, e aí começaram...

I. S. – Claro, porque daí não dá... a competição fica desigual.

E. O. P – Fica desigual... não era justo, e nem era permitido pela regra, não é? Aí eu fiquei ali olhando, mas ninguém veio até mim falar, e eu escutei e entendi, aí eu desci, porque a gente ficava no alto, não é? No pódio assim, era uma cadeira alta mesmo, para poder visualizar bem, não é? Desci e fui falar: - “O que tá acontecendo?”, aí o time que estava se sentindo penalizado falou: - “Olha, não é justo porque esse time tem tal, tal, tal”, e a gente não fazia conferência mesmo, não é? Aí eu chamei todo mundo, a gente sentou...

I. S. – Era mais assim, escola, não é?

E. O. P – E eu falei “O que eu vou fazer?”, aí eu falei: - “Olha, na minha opinião nós temos que tirar essa pessoa do time, obviamente, agora, têm pessoas aqui no próprio time que eu percebi que nem estava acontecendo, essa pessoa não pode ser penalizada porque a outra fez coisa errada. Então a gente vai tirar essa pessoa do time, e o time oposto, que estava se sentindo prejudicado, queria ganhar por W.O. Eu falei: - “Mas eu também não acho justo vocês terem um ganho fácil.”.

I. S. – Claro! Corrige e continua. (Risos)

E. O. P – Entre aspas era fácil. Eu falei: - “A gente vai corrigir, eu vou dar um ponto de vantagem para vocês, para ser a outra penalizada, porque ela fez coisa errada, o time fez coisa errada”.

I. S. – E continuar, não é?

E. O. P – “E vamos sair daí, vocês já saem com uma vantagem. Tudo bem?”, aí eles aceitaram.

I. S. – Ainda bem que aceitaram. (Risos).

E. O. P – E conversamos, assim, eu fui até dura mesmo com aquele time, porque é um princípio que você tá passando, vai além do esporte.

I. S. – Claro!

E. O. P – Isso aconteceu foi, tal... Eu lembro que dois dias depois as professoras de Educação Física vieram falar comigo, isso repercutiu no Colégio inteiro! Que teve uma situação e que foi vista de tal e tal maneira.

I. S. – Hum, hum.

E. O. P – Então assim, esse *feedback* dos professores foi muito legal para mim, porque eu falei: - “Poxa, eu nem percebi que uma ação minha, uma decisão minha estava impactando...”.

I. S. – É incrível, não é? O efeito dominó...

E. O. P – É. Então assim, essa, de novo, o que eu estou te falando, por isso eu falei disso e falei lá do Acre (risos).

I. S. – Não, fica à vontade.

E. O. P – Você está levando, você vai levando isso para a sua vida. E eu espero assim, a sua entrevista, você veja coisas que podem ser utilizadas. Coisas boas... óbvio que o Colégio também tinha coisas que não eram tão perfeitas e legais, todo lugar tem, mas que a gente possa realmente acreditar na Educação do Brasil e melhorar, porque eu acredito, eu acho que tem plenas condições disso.

I. S. – Eu sou uma pessoa assim, que também tenho, sou de uma esperança, eu não sei, até da... Às vezes coisas até que acontecem na minha vida que eu tiro forças, assim, eu tenho um pouco isso, também. Sabe, de uma situação, eu vou lá, pego. Eu acredito muito que sempre é possível, mesmo dentro de uma dificuldade. E isso eu acho que é uma coisa que veio do meu pai, da minha mãe, assim, muito do meu pai, que ele tirava água de pedra em várias situações da vida que eu acompanhei, eu sou a mais nova, então eu vi muita coisa acontecer. E ele, independente da dificuldade, ele fazia.

E. O. P – É.

I. S. – Vinha e tinha uma solução. Então isso eu aprendi muito com meu pai, mas também acho que foi bastante formação, porque eu vivi várias coisas naquele Colégio. Coisas boas, coisas não tão boas... E eu acho que mesmo essa força de: - “Não, não tá legal, mas eu vou fazer”.

E. O. P – É interessante isso que você tá falando.

I. S. – Acho que esse espírito, assim, sabe... Foi da minha educação e característica do meu pai.

E. O. P – Isso é uma coisa forte. Mas isso aí que você tá falando é uma coisa muito importante, porque hoje eu sinto que essa nova geração, talvez por viver muito essas coisas das redes sociais.

I. S. – Imediatista, não é?

E. O. P – Primeiro que é imediatista, não avalia nada, não analisa nada, quer saber o que é aquilo... Isso eu fazia muito no meu curso à noite, falava: - “A gente tem que analisar, porque informação você aperta lá as teclas e você pode ter várias, e rápido, agora, o que você faz com essas informações é que é o diferencial.”.

I. S. – É. Dados são dados, mas tá, e a análise, não é?

E. O. P – E realmente a inteligência artificial, se for assim, ela vai nos substituir, e muito melhor. Então onde é que está a diferença, não é?

I. S. – Você tem a condição de fazer toda essa avaliação, as conexões, não é?

E. O. P – De avaliar... Que essa geração, eu acho que ela tá perdendo... isso que você falou, de imediatista, e outra coisa que você estava dizendo: as pessoas têm a sensação que tá todo mundo muito bem, tudo é perfeito para todo mundo, ninguém tem tombos, ninguém cai, porque tá todo mundo sorrindo, todo mundo tirando fotos de tudo legal, tudo ótimo, e não é assim a vida!

I. S. – É uma ilusão, não é?

E. O. P – Então assim, a pessoa que tá sendo formada, que na formação ela tem esse autoconhecimento que eu te falei que eu incluiria esses exercícios no nosso currículo brasileiro, e que ela também entenda que todo mundo cai, que ela vai cair várias vezes, isso é estar vivo, e o importante é saber como levantar, que também não é fácil, é fácil falar, eu também estou aqui falando, é ótimo, fácil falar. O negócio é você realmente...

I. S. – É uma eterna reconstrução, não é?

E. O. P – Isso, de novo, faz parte da formação. Então eu volto a dizer, talvez a discussão seja muito no conteúdo só, não só... Tem que falar aqui e ter muito cuidado, não é? Mas eu quero expressar bem. Conteúdo é importante, agora, como você também avalia essas outras questões da formação...

I. S. – Só sabendo não adianta, tem que saber e saber o que fazer com isso.

E. O. P – E saber isso...

I. S. – E fazer essas conexões, não é? Bom, Erica, eu queria agradecer pela entrevista, foi maravilhosa, você falou vários pontos aí que ajudaram a esclarecer a ideia que eu tenho do Colégio e outras coisas que eu também não fazia ideia. E te agradecer, todo esse tempo que você dedicou para falar com carinho da escola que você estudou. Quantos anos foram, uns 7, 8 anos?

E. O. P – É... Foi... São 11 no total, de 3, não é? Do total que tem... 9 anos... 8 anos, oito.

I. S. – É, eu estou entrevistando pessoas que no mínimo ficaram 5 anos na escola. Eu acho que daí dá para pegar bastante informação. Menos que isso até já entrevistei, mas estou querendo entrevistar pessoas que ficaram 7, 8, 10 anos, para ter uma visão geral.

E. O. P – Eu que te agradeço, porque nem eu tinha percebido o quanto a gente viveu e quanto isso foi significativo, não é? O quanto... quantidade de situações ricas que a gente passou lá.

I. S. – E que você até trouxe para os dias de hoje.

E. O. P – É. Boa sorte no seu trabalho.

I. S. – Obrigada! (Risos).

E. O. P – Que a gente possa ver a conclusão, hein?

I. S. – Isso! Eu vou transcrever, mostrar para você e aí a gente, quem sabe, fazer uma segunda entrevista, tá bom?

E. O. P – Combinado! Obrigada você.

I. S. – Um beijo.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                                                      |                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| Nome: <b>Lorenço Jungklaus</b>                                                                       |                          |
| Data de nascimento: 23/02/1965                                                                       |                          |
| Local de nascimento: Ituporanga/Santa Catarina                                                       |                          |
| Endereço: Av. Nelson Noronha Gustavo Filho, 190, Apto. 32B                                           |                          |
| Bairro: Vila Brandina                                                                                | CEP: 13092-526           |
| Cidade: Campinas                                                                                     | Estado: São Paulo        |
| Telefone: (19) 3236 1065                                                                             | Celular: (19) 98182 2400 |
| E-mail: <a href="mailto:ljungklaus@notredamecampinas.net.br">ljungklaus@notredamecampinas.net.br</a> |                          |
| Documento de Identidade: 36.439.211-3 - SP                                                           |                          |
| Ano de entrada no Colégio: 1999                                                                      |                          |
| Profissão atual: Diretor Pedagógico Geral do Colégio Notre Dame de Campinas                          |                          |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                   |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
|                                                            |
| Transcrição: Isabela Cristina Salgado                      |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Campinas - SP - Brasil                              |
| Data: 21 de março de 2017                                  |
| Duração: <b>42'43"</b>                                     |
| Páginas: 14p.                                              |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados biográficos do entrevistado; os estudos e a formação nos seminários franciscanos; a formação na graduação (Economia e Pedagogia) e a Pós-Graduação em Finanças e Controladoria; a chegada em Campinas em 1991 e os seminários franciscanos onde estudou em várias cidades do Brasil; os estudos na UNICAMP; o trabalho como professor de Ensino Religioso e como assistente de Coordenação Pedagógica no Liceu Salesiano (Colégio Nossa Senhora Auxiliadora); o trabalho como professor no Cursinho Oswaldo Cruz (C.O.C.); a ida para o Colégio Notre Dame de Campinas em 1999, como coordenador do Ensino Médio e posteriormente (2006) como coordenador do curso fundamental II; o convite em 2009 para assumir a coordenação pedagógica do Colégio Notre Dame, função que exerce até hoje; o aprendizado adquirido nos seminários e o trabalho em colégios católicos; a missão do Colégio Notre Dame, e os dois pilares fundamentais: formação acadêmica de excelência e formação humana e cristã que está no mesmo patamar; as dificuldades das escolas da Congregação de

Santa Cruz no mundo e a formação dos leigos; a criação do Instituto Santa Cruz em Austin, no Texas; o significado de uma escola de Santa Cruz; a presença de religiosos no Brasil (John Page, irmão Joel Giallanza, Padre Michael Dellaney) que ajudaram a introduzir os valores do Instituto Santa Cruz no Notre Dame; o aluno do Notre Dame hoje: o conceito de liderança no passado e na atualidade, as características ideais do aluno de hoje; a cumplicidade em torno da missão do Colégio: relações construtivas: alunos, pais e professores do Colégio em torno de um mesmo objetivo; o aprender fazendo; o compromisso do Notre Dame com a sua gestão e com as exigências do processo acelerado de mudanças no mundo moderno; clareza, princípios e missão: o desenvolvimento permanente de estratégias de gestão que respondão aos desafios do mundo moderno; os planejamentos de curto, médio e longo prazo: instrumentos de gestão estratégica; os planos anuais elaborados desde o ano de 2011, e as avaliações institucionais; planos anuais, metas e ações visando transformações na estrutura escolar e objetivos atingidos; sobre a preocupação em entregar um serviço de qualidade, satisfazendo alunos e famílias, assim como cumprir a missão fundamental do Colégio, que está baseada em dois pilares: formação acadêmica de excelência e formação humana e cristã de excelência; as grandes transformações ocorridas no Colégio nos últimos anos devido ao novo formato de gestão; as avaliações institucionais anuais: todos os setores contemplados; as avaliações de desempenho profissional anuais; metas de melhorias e; a capacitação dos profissionais da escola; os diversos cursos proporcionados: a avaliação do aprendizado dos alunos, o impacto da tecnologia em sala de aula; as reuniões de análise dos planos de gestão: uma construção coletiva; os documentos produzidos na elaboração dos planos e planejamentos; a Revista do Colégio Notre Dame: todos os setores contemplados; a preocupação do Colégio com os seus documentos históricos; o desafio da construção do Centro de Memória.

### **Início da entrevista**

I. S. – Campinas, 21 de março de 2017, entrevista com o Diretor Pedagógico do Colégio Notre Dame de Campinas, Lorenzo Jungklaus. Esta entrevista faz parte do projeto de Doutorado “A história do Colégio Notre Dame de Campinas e a memória institucional como processo socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”, que está em desenvolvimento no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Lorenzo, bom dia! Obrigada por você me receber aqui, não é? Com tantos afazeres, e eu aqui lhe importunando!

L. J. – Bom dia Isabela. Eu que agradeço a oportunidade, viu Isabela!

I. S. – Eu queria que você falasse um pouco, quem é o Lorenzo, sua idade, o local de nascimento, a sua profissão, o que você estudou. E a gente vai começar conversando e eu vou te fazendo as perguntas sobre o Notre Dame e sobre a sua experiência aqui.

L. J. – Está ótimo, Isabela. Então, o meu nome é Lorenzo Jungklaus. Eu tenho 52 anos, e estou aqui no Notre Dame desde janeiro de 2000. Eu sou catarinense de nascimento, de uma cidadezinha pequena do interior chamada Ituporanga, e aos 12 anos eu deixei a família e comecei os estudos num Seminário Franciscano, a partir do 6º ano, antigamente 5º ano, hoje 6º ano. Eu tive toda a minha formação em Seminário Franciscano, inclusive Filosofia e depois uma parte do Curso de Teologia. E aí eu deixei o Seminário aos 22 ou 23 anos de idade, e me

formei ainda em Economia, e depois fiz Pedagogia. E recentemente, uma pós-graduação em Finanças e Controladoria.

I. S. – Você estudou em Santa Catarina e veio para Campinas quando?

L. J. – Eu vim para Campinas em 1991, dois anos depois de deixar o Seminário.

I. S. – O Seminário, que era em Santa Catarina?

L. J. – Os Seminários na verdade foram vários, não é?

I. S. – Vários?

L. J. – Cada fase da educação foi em um Seminário diferente.

I. S. – Entendi.

L. J. – O fundamental II foi na minha cidade, Ituporanga, depois o Ensino Médio foi aqui em São Paulo, na cidade de Agudos. Depois o Noviciado de novo em Santa Catarina, em Rodeio, aí a Filosofia em Curitiba (PR) e uma parte da Teologia em Petrópolis (RJ).

I. S. – E sempre com os Franciscanos?

L. J. – Sempre com os Franciscanos.

I. S. – Entendi.

L. J. – E quando eu deixei o Seminário em 1991, eu vim morar em Campinas, vim fazer faculdade de Economia na UNICAMP, e comecei já naquela época a trabalhar com educação, e me tornei professor de Ensino Religioso no Liceu Salesiano (Colégio Nossa Senhora Auxiliadora).

I. S. – Olha só!

L. J. – Onde eu trabalhei por cinco anos, como professor e assistente de Coordenação Pedagógica. Depois de cinco anos eu recebi um convite de uma escola, num cursinho que estava abrindo em Campinas, o cursinho Oswaldo Cruz, conhecido como COC, que depois abriu o Colégio.

I. S. – Era forte o COC, não é?

L. J. – Era. Fiquei lá mais cinco anos, e aí no final de 1999, eu recebi o convite para integrar a equipe do Colégio Notre Dame, na época como coordenador do Ensino Médio. Então comecei no ano 2000, em janeiro de 2000, já como coordenador do Ensino Médio, e fiquei com essa responsabilidade do Ensino Médio de 2000 até 2005.

Em 2006 eu fui convidado para assumir também a coordenação do Fundamental II. Então fiquei de 2006 até 2009 acumulando a função de coordenador do Médio, mais coordenador do Fundamental II.

E aí no final de 2009 eu recebi o convite da Congregação (Congregação de Santa Cruz) para assumir a direção pedagógica do Colégio, que eu exerço até hoje. Então já são sete anos agora com essa responsabilidade.

I. S. – Final de 2009?

L. J. – Final de 2009.

I. S. – Entendi. E a UNICAMP, a Economia, foram quatro ou cinco anos?

L. J. – Quatro anos.

I. S. – Quatro anos.

L. J. – Eu fazia isso simultaneamente, ao mesmo tempo, que eu era estudante de Economia na UNICAMP, eu era professor no Liceu Salesiano.

I. S. – No Liceu Salesiano foram quantos anos mesmo?

L. J. – Foram cinco anos no Liceu e depois cinco anos no COC, e agora dezessete aqui no Colégio Notre Dame.

I. S. – Entendi. Quando a pessoa faz Seminário ela pode optar por ser um religioso, não é? Você não quis fazer essa opção, ou não necessariamente?

L. J. – É, no meu caso, eu entrei no Seminário com a intenção de me tornar Padre.

I. S. – Sim. E o que é que mudou?

L. J. – Dentro de uma Congregação religiosa. E obviamente, quando eu entrei eu tinha 12 anos de idade!

I. S. – Era muito novo, não é?

L. J. – E quando eu deixei o Seminário eu tinha 22 anos, não é? Então essa decisão obviamente foi sendo tomada a partir do momento em que eu fui amadurecendo como pessoa.

I. S. – Sim, sim.

L. J. – E entendi que essa não era a escolha que de fato eu queria para a minha vida.

I. S. – Entendi.

L. J. – Mas, independentemente dessa decisão, não impactou no sentido de me afastar da Igreja, da religião, ao contrário.

I. S. – Ao contrário.



L. J. – Eu acho que hoje eu tenho uma proximidade, e um compromisso com minha fé católica, a partir de tudo aquilo que eu desenvolvi e aprendi no Seminário.

I. S. – Sim, com certeza, uma base enorme.

L. J. – Com certeza.

I. S. – Porque dos 12 aos 22 são dez anos de estudo. E é uma base bem sedimentada, digamos assim, que acho que inclusive ajuda a trabalhar com colégios que tenham essa base também.

L. J. – Sem dúvida! Sem dúvida eu acho que essa base é que sustenta todo o meu trabalho aqui no Colégio Notre Dame hoje. Pelo fato de ser uma escola católica.

I. S. – Com certeza.

L. J. – Uma escola que “ela” entende a sua missão, como uma escola católica. Uma escola preocupada com dois pilares fundamentais, não é? Que são: uma formação acadêmica de excelência, de alto nível, e uma formação humana e cristã, que está no mesmo patamar.

I. S. – Exatamente. Que corre paralelo.

L. J. – Que corre de forma paralela. Não há uma hierarquia entre esses dois grandes pilares, que sustentam a Instituição. Ao contrário, eles estão no mesmo nível de importância, no sentido de a gente conferir de fato um programa de desenvolvimento educacional para o Colégio Notre Dame, enquanto uma escola católica.

I. S. – Entendi, porque assim, eu estou entrevistando pessoas, também lendo muito sobre a história do Colégio, e isso era muito forte no Colégio desde a fundação até os anos oitenta. E a gente sabe que teve uma modificação.

Quando você chegou aqui, e depois assumindo a direção, não só como professor, mas como coordenador, teve alguma mudança em relação a essa proposta? Em algum momento isso deixou de ser a missão do Notre Dame, e aí você ajudou a resgatar isso? Como foi essa trajetória no período que você está aqui e no período que, eu acredito que você também conheça bastante a história. Porque isso era muito forte na minha época, ou mesmo até antes quando o Notre Dame foi inaugurado, toda a proposta e depois a gente sabe que mudou um pouco. Ou não...?

L. J. – Isabela, a minha interpretação hoje, olhando para trás, ela seria assim: o Colégio Notre Dame foi fundado e dirigido pelos irmãos da Congregação até 1996. Então nos primeiros trinta e cinco anos, toda a condução dos trabalhos na escola estava centrada nos religiosos.

E aí em 1996, quando os religiosos deixaram a direção da escola, e ela passou a ser assumida por educadores leigos, era natural que houvesse alguma dificuldade nessa questão. Mas essa não foi uma dificuldade do Notre Dame em si, essa foi uma dificuldade presente nas escolas da Congregação no mundo.

I. S. – No mundo, mudou a concepção, não é?

L. J. – A gente vê, nos Estados Unidos, em outros países em que a Congregação tem obras educacionais, a partir de meados dos anos noventa, começa uma preocupação muito grande com a formação dos leigos, para que os leigos sejam de fato pessoas que compreendam a missão da Congregação, compreendam a missão das obras educacionais da Congregação e deem continuidade a esse legado.

Então nós temos hoje a Congregação profundamente preocupada com a formação dos educadores leigos, que junto com os religiosos assumem a responsabilidade pelas obras da Congregação no mundo. Então a Congregação inclusive criou há cerca de uns dez anos o Instituto Santa Cruz. O Instituto Santa Cruz tem sede em Austin (Texas) nos Estados Unidos, e ele tem como responsabilidade principal, fazer a difusão dos princípios e dos valores da educação de Santa Cruz entre os educadores da Congregação no mundo inteiro.

I. S. – No mundo inteiro.

L. J. – E naturalmente o Colégio Notre Dame, ele se inseriu nesse processo, e dentro desse contexto, o Colégio vem com uma grande preocupação e um grande compromisso de compreender de forma mais intensa e profunda, o que é ser uma escola de Santa Cruz. O que significa ser uma escola de Santa Cruz? O que era fácil lá atrás para os religiosos pelo fato de ao (eles) conduzirem uma obra como o Notre Dame, eles eram os representantes natos dessa...

I. S. – Natos. Estava incorporado.

L. J. – Estava incorporado. Nós, educadores leigos, tivemos que aprender, estamos tendo que aprender cada vez mais o que significa fazer educação de Santa Cruz. Então, de fato, eu imagino que as pessoas, eu diria, os pais, os educadores, os alunos, todos aqueles que compõem a nossa comunidade educativa hoje, percebam de fato que há uma movimentação, por parte da equipe dirigente da escola, de um desejo de retorno mais intenso, ao entendimento daquilo que seja fazer uma escola de Santa Cruz.

I. S. – Dessa missão inicial.

L. J. – Dessa missão.

I. S. – Claro que “ela” foi sendo transformada (...) mas esse eixo mesmo, tentar manter isso.

L. J. – Perfeitamente.

I. S. – Eu, entrevistando as pessoas e “indo” nos documentos, eu estou tentando entender também, claro, já estou entendendo um pouco, qual era essa proposta e como ela se manteve e hoje mesmo com as mudanças como que ela ainda pode se manter, que é a característica básica (do Colégio). Esse Instituto (Instituto Santa Cruz), eles têm reuniões anuais, as pessoas se reúnem?

L. J. – Sim, eles têm algumas frentes de trabalho, trabalham com os religiosos, mas basicamente trabalham com leigos que exercem funções de liderança dentro das instituições educacionais, com professores que atuam nas diversas obras, no mundo inteiro, e com alunos também.

Então eles atuam em todas as frentes, no sentido de fazer com que todas as comunidades educativas, através de todos os seus membros, os integrantes, tenham oportunidades de aprofundar. É claro que nós aqui no Brasil temos dificuldades de levar professores e alunos até lá, mas só que nós estamos invertendo, nós estamos trazendo religiosos dos Estados Unidos para vir conversar com os nossos professores e conversar com os nossos alunos aqui.

Então cada vez mais a gente tem procurado trazer religiosos que estejam envolvidos em todo esse processo para o Brasil, nós já tivemos vários deles aqui. Tivemos o John Page, tivemos o irmão Joel Giallanza, o Padre Michael Dellaney. E outros religiosos para nos ajudar a formar esses valores na nossa comunidade aqui no Notre Dame. E tem sido muito bom!

I. S. – Olha só que interessante. Então, vendo os livros, os documentos, o Notre Dame tinha a missão de formar os “líderes do amanhã”, os “líderes do futuro”, as lideranças, e isso se manteve na minha época também, eu pego os documentos e tenho esse lema de quem são esses líderes.

Hoje para vocês essa missão, quem seria esse líder hoje, como vocês veem, qual aluno que vocês realmente querem formar? Se você até conseguir fazer até uma comparação, porque como você conhece a história do Colégio, não é? Quem era aquele líder naquela época que eles tinham esse lema “Os cavaleiros do Notre Dame” e hoje quem é o aluno do Notre Dame? O que vocês têm como ideal desse aluno que sai daqui, o que ele tem que realmente levar para a vida dele? Se você puder falar um pouco sobre isso.

L. J. – Quando a gente fala de formar líderes, a gente precisa, primeiro, desmistificar um equívoco que às vezes as pessoas têm. Quando a gente fala de liderança, eu acho que modernamente, eu acho que é muito interessante a gente falar desse conceito de liderança, que hoje inclusive num ambiente de gestão de empresas, quando se fala em liderança se fala em liderança serviço. Não se fala em liderança domínio, não é?

Então formar um líder é formar uma pessoa que caminha à frente do seu tempo, mostrando os melhores caminhos. Isso que é uma liderança correta. Não é formar alguém que exerça poder ou domínio sobre alguém ou sobre uma situação, mas sim formar uma pessoa que ajude, de forma aberta, transparente.

I. S. – Criativa.

L. J. – De forma criativa a buscar novas alternativas para a humanidade, de modo que as pessoas se tornem mais humanas.

I. S. – E aí pega esse objetivo do Notre Dame da humanização...

L. J. – Exatamente!

I. S. - Que são valores muito cristãos também, não é? Aí juntam essas duas coisas.

L. J. – Perfeitamente. Formar líderes significa acima de tudo formar pessoas com um caráter adequado, com princípios e valores corretos, baseados no Evangelho. Nós enquanto escola católica, temos como princípios fundamentais os princípios evangélicos, que são: a preservação da vida, a valorização da vida, o cuidado com as pessoas, com o outro, consigo mesmo num primeiro momento, com o ambiente em que nós estamos inseridos. De modo que a gente possa,

através dos nossos conhecimentos, que devem ser conhecimentos... O ser humano ele nasceu e ele cresce nesse mundo para aperfeiçoar o seu “estar” no mundo.

Então toda a parte de formação, educação, ela tem esse propósito de aperfeiçoar o nosso “ser”, o nosso “estar” no mundo, tanto do ponto de vista individual, quanto do ponto de vista grupal, do ponto de vista coletivo. Criar melhores condições de vida para nós mesmos e no nosso entorno. Esse é o sentido de nós estarmos no mundo. E a educação do Notre Dame é uma educação que tem esse fim. Formar líderes, para nós, significa formar pessoas que estejam à frente do seu tempo em conhecimento, à frente do seu tempo em valores, à frente do seu tempo em respeito e responsabilidade para com a vida.

I. S. – O comprometimento, não é?

L. J. – Comprometimento. É isso que nós buscamos formar no nosso aluno. Isso é histórico no Notre Dame. Isso foi assim desde que o Colégio nasceu, com o irmão Paulo, e é assim até hoje.

I. S. – Exatamente, até hoje.

L. J. – Cada vez mais nós temos clareza de que o mundo atual, o mundo moderno precisa cada vez mais de pessoas com caráter, pessoas com valores corretos, pessoas que acreditem em si, que acreditem no outro, que acreditem no futuro.

I. S. – Que aí vão realmente conseguir fazer alguma coisa, não é? E se essa base esmorecer o projeto fica comprometido.

L. J. – Perfeitamente.

I. S. – Eu acho que o Notre Dame, o que eu estou vendo nas entrevistas que eu faço, que as pessoas falam, na maioria das vezes, isso foi o que mais ficou para elas, essa formação da pessoa. Não que elas não tenham aprendido, que elas não tenham tido conteúdo, não. Mas o mais forte foi para elas foi essa vivência com as pessoas, o carinho dos professores, mesmo quem tem filho hoje aqui fala do comprometimento dos professores. Acho que isso realmente sempre foi muito forte.

L. J. – Essa é uma marca muito forte do Colégio, a questão do ambiente interno, do ambiente de vida, o clima do Colégio. O nosso educador, a nossa família, o nosso aluno, há uma corresponsabilidade que chega ao ponto de uma cumplicidade em torno da missão, onde todos buscam a mesma coisa. Então há um ambiente aqui muito agradável, um ambiente onde todos unidos estão em busca de um mesmo objetivo. Estão em busca do mesmo fim do trabalho educativo.

Então a família é muito bem acolhida, o aluno é muito bem acolhido, e o aluno acolhe muito bem o seu professor. Então as relações humanas que a gente estabelece no ambiente educacional do Colégio são relações muito positivas, relações muito construtivas, porque a escola não é um espaço que prepara para o futuro, a escola é um espaço onde a gente vive hoje aquilo que a gente quer viver no futuro.

I. S. – Exatamente. O presente ali sendo trabalhado para que não fique só pensando no que pode vir a ser, mas já trabalhar sua própria realidade construindo porque o futuro acaba chegando, se você trabalha o presente, não é?

L. J. – Exatamente. O futuro na verdade é o hoje. (Risos). Não existe futuro, existe hoje. Então eu acho que a gente tem que viver bem hoje, fazer bem as coisas hoje. Se a gente fizer e trabalhar para fazer as coisas bem hoje, nós faremos bem amanhã. Não há dúvida em relação a isso.

I. S. – Ficar só esperando o que pode vir a ser.

L. J. – Exatamente, então assim, a esperança não é uma esperança utópica, é uma esperança que se conquista no fazer.

I. S. – É exatamente, aprender fazendo.

L. J. – Aprender fazendo.

I. S. – Eu estava lendo algumas revistas, os planejamentos estratégicos anuais. Isso está incorporado nos planejamentos, lógico, não é? Como são esses planejamentos? Vocês têm até uma assessoria que fazem junto esses planejamentos com vocês? Como que é realizado isso hoje?

L. J. – Então, Isabela, esse é um capítulo novo realmente, que nós inauguramos a partir do momento em que eu fui convidado para assumir essa responsabilidade pela direção pedagógica do Colégio, de fazer com que a escola responda aos desafios do momento histórico em que nós estamos.

A realidade do mundo de hoje, de um mundo globalizado, de um mundo em que o conhecimento é o motor do mundo, em que você precisa fazer com que esses jovens mais do que adquirir conhecimento, sejam jovens que saibam utilizar o conhecimento. Então uma sociedade altamente tecnológica, onde os processos de construção tanto do conhecimento quanto da produção dos meios de vida, eles se alteram de uma forma extremamente rápida, nós precisamos de uma escola altamente comprometida com a sua gestão. Uma escola altamente comprometida com as exigências de um processo acelerado de mudanças, como nós vivemos hoje no mundo moderno, no mundo pós-moderno.

I. S. – Sim. Tudo muito rápido, não é?

L. J. – A escola, ela precisa, uma vez tendo clareza dos seus fundamentos, dos seus princípios e da sua missão - que reúne tudo isso - desenvolver permanentemente estratégias de gestão que respondam a todos esses desafios.

I. S. – Sim.

L. J. – E aí é necessário que a gente tenha conhecimento dos mecanismos de gestão modernos. E foi isso que nós fizemos e buscamos implementar, de 2010 para cá, na escola.

Hoje o Colégio Notre Dame é um Colégio que trabalha com planejamento de curto, médio e longo prazo. Nós temos de fato um planejamento estratégico para a escola, onde a gente procura olhar para o futuro, uma linha de tempo de pelo menos 10 anos.

I. S. – Se antecipar.

L. J. – Antecipando algumas tendências. Outro plano de médio prazo que hoje o prazo para nós são quatro anos, e no curto prazo que é um planejamento anual. Então nós temos um planejamento hoje estruturado de longo prazo, um de médio prazo e um de curto prazo.

Na prática esses planejamentos de mais longo prazo, eles acabam se traduzindo em planos de curto prazo, porque são os planos anuais. Então a escola desenvolve desde 2011 planos anuais, que incorporam avaliações institucionais que são feitas todos os anos, e incorporam essas avaliações, a partir das quais se desenvolve esses planos de médio e longo prazo.

A questão do planejamento para nós hoje é um princípio de gestão fundamental. Então todo início de ano nós desenvolvemos um plano anual, esse plano anual tem uma série de prioridades que são definidas por setores e por segmentos para aquele ano. A partir dessas prioridades são definidas metas e um conjunto de ações a serem executadas no decorrer do ano, que visam fazer com que a gente busque transformações na estrutura escolar, de modo que as metas possam ser atingidas. E aqueles aspectos eleitos como prioridade sejam aspectos que possam ser transformados e melhorados no ambiente, no espaço escolar.

E com isso a gente assume o compromisso de realmente entregar na ponta um serviço com uma qualidade cada vez maior, visando uma satisfação do aluno cada vez maior, e uma satisfação da família cada vez maior. Isso obviamente sempre no intuito de que a gente consiga de uma forma mais intensa cumprir a nossa missão fundamental que está como a gente já falou aqui, assentada sobre dois pilares, que é uma formação acadêmica de excelência e uma formação humana e cristã de excelência.

I. S. – Sim.

L. J. – Então todo esse movimento está em cima dessa visão. E de fato a gente tem notado que durante esse período, de 2010, 2011, para cá, a escola passou por grandes transformações em função desse novo formato de gestão. Isso tem sido muito salutar para a escola.

I. S. – Sim, exatamente. Todo mundo participa, vocês fazem reuniões, toda a escola participa, e inclusive essas avaliações institucionais todo mundo é questionado? Como que são feitas (as avaliações)? Pais também? Alunos?

L. J. – Essas avaliações institucionais são avaliações globais. Então nós ouvimos os pais, anualmente. Nós ouvimos os alunos, do 5º ano em diante, anualmente. Nós ouvimos toda nossa equipe de educadores uma vez por ano. Então essas avaliações são formais, e a partir dessas avaliações, tudo isso é tabulado, e nós analisamos os dados e os setores todos são avaliados, cada setor é avaliado.

Então a partir dessas avaliações cada setor estabelece aqueles aspectos dentro das avaliações que se mostram aspectos que necessitam intervenção, necessitam de um cuidado. Então esses aspectos são eleitos a cada ano, para que a gente possa trabalhar em cima deles, e promover

melhorias em cima de aspectos, que eventualmente estejam com algum elo frágil dentro da estrutura. Então todos são ouvidos e a partir disso se estabelece uma estratégia.

Além disso, nós temos também uma avaliação de desempenho profissional formalizada dentro da escola. Hoje, todo educador do Colégio, ele é avaliado formalmente uma vez por ano, ele é avaliado por si próprio, ele é avaliado pelo seu superior, e ele é avaliado também pelos tomadores do serviço, pelos usuários.

Então, por exemplo, os professores são avaliados pelos alunos, do 5º ano em diante os alunos avaliam seus professores. Todos os gestores internos, os diversos setores, diversos departamentos, são avaliados por aqueles que utilizam os serviços de cada um desses setores. E, sobretudo os gestores de diversos departamentos são avaliados por aquelas pessoas que são usuárias do serviço dele.

Então cada profissional, a partir dessas avaliações, ele também estabelece metas de melhoria e estabelece um plano de ação individual para que ele possa melhorar aqueles aspectos que eventualmente aparecem como aspectos frágeis.

I. S. – Sim. E esses profissionais, quando isso acontece, de você achar que um professor é bom, mas realmente precisa ainda melhorar, o Colégio ajuda nesse sentido? Como que é isso, vocês capacitam?

L. J. – A partir dessas avaliações a instituição identifica pontos em que há necessidade de capacitação. Seja essa capacitação individual, ou seja, coletiva.

Aqueles aspectos que a gente percebe que são aspectos mais gerais, globais, são aspectos que são trabalhados em capacitação dentro da própria organização. Então o Colégio mantém programas anuais de capacitação, especialmente na área docente, com objetivo de trabalhar determinados aspectos que são essenciais.

Vou dar alguns exemplos. Nos últimos anos nós trabalhamos, por exemplo, com professores, a temática de gestão em sala de aula, processo de gestão de uma sala de aula. Nós trabalhamos o planejamento de ensino, como trabalhar o desenvolvimento de um plano de curso a partir de competências e habilidades, que é o grande foco da educação hoje.

Os impactos dessa missão do trabalho a partir de habilidades na questão metodológica, na questão da condução da estruturação de uma aula, ou seja, como estruturar o andamento de uma aula, a avaliação de desempenho dos alunos, a avaliação da aprendizagem, é um aspecto também que nós trabalhamos. E nesse momento nós estamos desenvolvendo uma capacitação em inovação e tecnologia, como essas questões da tecnologia e da inovação impactam a sala de aula dentro da realidade de hoje.

Então são cursos que a gente desenvolve para a coletividade, por exemplo, dos professores. Estamos nesse ano com um curso, por exemplo, que a gente está pretendendo fazer, que é um curso que vai ter uma duração provavelmente de umas 10 horas, sobre fundamentos da educação de Santa Cruz, para toda nossa comunidade.

E do ponto de vista mais individual, sempre que se identifica alguma necessidade específica de capacitação, o superior de cada profissional, ele orienta esse profissional para fazer essa capacitação, e muitas vezes a escola subsidia. Geralmente quando são cursos de curta duração,

de um dia, dois dias, a escola subsidia determinadas formações específicas, com intuito de promover melhorias localizadas, individuais.

I. S. – Entendi. Isso vocês irão implementar esse ano ou já está acontecendo?

L. J. – Isso já está acontecendo. Essas formações individuais acontecem todos os anos.

I. S. – Mas aí é individual, mas funciona de forma coletiva?

L. J. – Não. É individual e ela é feita fora da escola.

I. S. – Ah, fora da escola.

L. J. – Normalmente em escolas especializadas, em espaços especializados, e a escola subsidia.

I. S. – Entendi. Lorenço, já que você está falando nisso, me passou pela cabeça. Tem algum evento que vocês fazem em termo desses planejamentos que eu pudesse assistir alguma coisa, quando vocês se reúnem, ou não? Isso é uma coisa que você já não vê essa possibilidade? Para eu ver como vocês se organizam, como vocês encaminham isso que você está falando dos planejamentos, tem algum evento que eu pudesse assistir só?

L. J. – No ano passado que a gente desenvolveu nosso terceiro plano quadrienal, nós tínhamos reuniões quase que semanais. Havia o comitê que trabalhou na montagem desse plano. No final de cada ano, a gente mantém muitas reuniões, nos diversos setores e segmentos da escola para a montagem dos planos anuais. Então se você quiser, por exemplo, entender como que a gente administra esses planos, todas as segundas-feiras à tarde nós temos reunião aqui na escola de uma determinada equipe.

I. S. – E eu posso participar?

L. J. – Você pode participar, por exemplo, na primeira segunda-feira do mês, a reunião da equipe pedagógica, na 2ª segunda-feira do mês da reunião da equipe administrativa. E nessas reuniões nós basicamente trabalhamos com a análise do andamento dos planos de gestão, de cada uma das grandes áreas da escola.

I. S. – Eu acho que seria muito interessante, se não for atrapalhar, para ver como que seria esse planejamento, porque nossa eu fico imaginando que deve ser muito trabalhoso.

L. J. – É. Cada plano se concretiza no calendário de ações que é mensal, e que é revisto mensalmente.

I. S. – Está certo, então eu participo para ver como vocês discutem. É uma construção coletiva, e não tem como ser de outra maneira.

L. J. – É uma construção coletiva. Não tem.

I. S. – E inclusive essas que você disse, desde 2010 que vocês estão fazendo, esses documentos que são resultado disso eu poderia ler, também, se você tivesse alguma coisa para me passar.



L. J. – Nós temos todos eles disponíveis.

I. S. – Porque também é uma coisa que me ajuda a ver como foi sendo construindo (os planejamentos), as adaptações, porque é toda uma mudança que eu tenho que saber também. Eu estou estudando a história do Colégio, então me interessa saber como era no começo e agora. Não só a fundação do Notre Dame, a inauguração, “os tempos históricos”, digamos assim. História é todo dia, então me interessa saber hoje também como vocês estão pensando o Colégio, o que é o Notre Dame hoje. Então esses documentos ajudam bastante. Eu posso começar lendo esses documentos, se depois você tiver alguma coisa para me dar. Isso fica com a Carolina (Carolina Cunha)?

L. J. – Ela tem. Uma coisa que talvez te ajude muito a entender o pensamento do Colégio hoje são os nossos informativos, nossas revistas.

I. S. – Sim, eu tenho algumas.

L. J. – Nós temos pelo menos uns quatro anos já que a nossa revista é uma revista que não é informativa do ponto de vista factual. Ela é uma revista que procura levar para a comunidade o significado dos diversos processos e das diversas propostas que são colocadas em prática até hoje dentro do Colégio.

I. S. – Eu vi que ela é muito consistente, e inclusive por áreas.

L. J. – Ela é muito conceitual.

I. S. – Exatamente. E todas as áreas, não em todas, mas se você pegar uma sequência da revista, sempre todos os setores contemplados.

L. J. – Exatamente. Porque como o Colégio tem uma vida muito intensa. E as propostas hoje de funcionamento do Colégio são extremamente diversificadas.

I. S. – Nossa, o CECAND, eu fico muito impressionada com os projetos, essa parte de artes.

L. J. – Então é muita coisa que acontece. E a revista ela tem como um dos papeis dela contar para a comunidade, tudo aquilo que a escola é e faz.

I. S. – Essa parte tecnológica, os alunos, com as inovações, está realmente bem feita, bem documentada. E tem até a parte dos ex-alunos, as entrevistas.

L. J. – Tem.

I. S. – Isso é uma coisa que eu observei. Na biblioteca tem o conjunto de boletins que vêm desde 1982. O Notre Dame tem essa preocupação de preservação da memória. Às vezes eu ando em alguns colégios, eu vejo a parte das fotografias, está muito bem documentado isso, não é? A gente só não estuda, não descobre se não quiser. Mas a documentação é muito rica. Mesmo o arquivo que a gente chama de “morto” também tem muita documentação, planejamentos. Então assim, os prontuários trazem também muita informação dos alunos. Então essa documentação é muito rica!

L. J. – É. A documentação é muito rica. O que eu acho que falta ser feito é o que você já sabe, não é? A disponibilização disso num formato que seja acessível para a comunidade. Que a comunidade consiga visualizar, que a comunidade consiga de forma organizada ter acesso a esse acervo todo, e que a gente possa usar isso para contar nossa história hoje, para os nossos alunos de hoje, para os pais de hoje. Então esse é um desafio que nós temos pela frente. A gente já vem trabalhando a ideia a bastante tempo, que é a construção do Centro de Memória, e juntar tudo isso de uma forma organizada e acessível ao público.

I. S. – O que eu estou fazendo é minha tese, e quando eu vim no Colégio, às vezes que eu fico lá no arquivo, eu estou procurando identificar os tipos documentais, que tipos de documento a gente tem, porque não é tudo que está lá. Ali é o acervo da secretaria. Têm os prontuários, as cartas do irmão Paulo, tem bastante coisa. Eu fui outro dia no Gilberto que ele tem essa parte dos mapas das construções, das ampliações. Eu pedi e ele vai me mostrar um pouquinho para saber assim, como o Colégio foi organizado. Eu entrevisto os alunos; - “Ah, o primário era lá embaixo, o primário agora é lá em cima a partir dos anos 70”, então todas essas modificações também, quer dizer, os acervos estão distribuídos. Então eu estou tentando fazer a identificação. É que isso é um trabalho enorme.

L. J. – Com certeza.

I. S. – O que eu conseguir fazer desse levantamento é como se fosse um anexo da minha tese, eu vou fazer esse levantamento e vou passar para você, para que você vislumbre assim; - “Olha, é mais ou menos isso que o Notre Dame tem de conjuntos históricos”, porque aí tem muito documento que está setorizado, e aí eu não estou tendo acesso a tudo isso. Mas o que eu conseguir levantar. Inclusive o que está com os alunos, porque às vezes eu descubro coisas que estão com eles e aí também estou tentando identificar. Tentar fazer esse anexo e te mostrar, ver se a gente consegue fazer alguma coisa.

L. J. – Eu recebi Isabela, semana passada ou retrasada, cinco ou seis fotos que foram doadas por uma família de ex-alunos que são fotos lá dos anos sessenta, setenta. Vão passar a integrar aí esse acervo.

I. S. – Eu entrevistei um ex-aluno dos anos sessenta, o Cleso Andrade, ele é oftalmologista. E assim, só entrevistando. Porque tem coisas que só conversando com as pessoas. Você não acha nos documentos. Então aquela coisa bem “a gente tinha tal coisa no Colégio”. São eles falando, não achei isso em documento nenhum. Então esse cotidiano da escola, às vezes algumas coisas que aconteciam na escola, não está em documento nenhum. Está na memória dos alunos.

I. S. – Então que nem o João Baptista que já tem seus 87 anos, eu entrevistei, ele ficou quarenta anos aqui. Ele tem uma caixinha inteirinha com bilhetes que os alunos mandavam para ele, e ele guardou.

Eu falei: - “Professor, você não quer doar isso para o Notre Dame?” (Risos). E ficou maravilhado com a entrevista, mas enfim.

Bom, eu acho que você está com o tempo esgotado, mas a gente pode ir fazendo outras entrevistas. Eu acho que essa é a primeira de muitas que eu vou te importar.

L. J. – Risos. Tá bom.

I. S. – Obrigada por hoje.

L. J. – Imagina, eu que agradeço.

I. S. – Ainda mais pelo seu horário, mas a gente continua.

L. J. – Está ótimo.

I. S. – Obrigada.

**FIM DA ENTREVISTA**

### **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                            |                          |
|----------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| Nome: <b>Astrid Karin Elizabeth Lilly Nilsson Sgarbieri</b>                |                          |
| Data de nascimento: 05 de março de 1938                                    |                          |
| Local de nascimento: Porto Feliz, SP - Brasil                              |                          |
| Endereço: Rua Aristides Lobo nº 615                                        |                          |
| Bairro: Barão Geraldo                                                      | CEP: 13083-060           |
| Cidade: Campinas                                                           | Estado: São Paulo        |
| Telefone: (19) 3287 7400                                                   | Celular: (19) 99741 4272 |
| E-mail: astrid.sgarbieri@gmail.com                                         |                          |
| Documento de Identidade: 2169405                                           |                          |
| Ano de Ingresso do Colégio: Março de 1976                                  |                          |
| Ano de Saída do Colégio: Março de 1987                                     |                          |
| Profissão atual: Aposentada e voluntária no Instituto Boldrini de Campinas |                          |

### **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistador (es): Isabela Cristina Salgado               |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Residência da entrevistada - Campinas - SP - Brasil |
| Data: 22 de fevereiro de 2017                              |
| Duração: <b>83'15"</b>                                     |
| Páginas: 39p.                                              |

### **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais da entrevistada; sobre a língua materna, o alemão; o início dos estudos (primário, ginásio e curso Normal) em Piracicaba; sobre o curso de graduação em Letras na Universidade de São Paulo (USP); o divórcio de seus pais, abandono do curso de Letras e início da vida profissional; o trabalho como professora de Inglês em São Paulo; o trabalho como recepcionista e secretária em empresas multinacionais; sobre os cursos de taquigrafia e datilografia; o casamento e residência nos Estados Unidos (1961); o trabalho em bancos e multinacionais em Campinas; a vocação para o magistério; as aulas de inglês no centro da cidade de Campinas; sobre Domingos Aldemar Boldrini; sobre o curso de Letras na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp); a residência na Cidade Universitária; a criação do filho nos Estados Unidos; o primeiro contato com o irmão do Notre Dame, Pedro Celestino Maranto; sobre o filho Ricardo Sgarbieri; o trabalho como professora no Colégio Notre Dame e as exigências dos irmãos; o magistério na Puccamp durante 30 anos; o Mestrado e Doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); a diferença entre os alunos do Colégio Notre Dame e da Puccamp; as aulas no cursinho do Cescon (Centro Estudantil Social de Convivência); o trabalho voluntário no Centro Infantil Boldrini; a trajetória dos pais, que eram europeus; a perda de um filho nos Estados Unidos e a fé em Deus; sobre o auxílio e ensino no

Centro Infantil Boldrini; sobre a capelania que participa há três anos e a necessidade de apoiar e ouvir as pessoas; sobre a coordenação e o planejamento das aulas de inglês no Notre Dame; o apoio dos irmãos no Notre Dame e as editoras do material didático (Oxford Lougman); a sequência do material didático; os problemas de indisciplina e sua exigência como professora; os valores e a filosofia do Colégio Notre Dame; o bom relacionamento e a proximidade dos irmãos com os alunos e as famílias; o apoio dos irmãos aos professores e a qualificação dos mestres; o cursinho pré-vestibular organizado pelos professores do Notre Dame; sobre sua didática e objetivos nas aulas de inglês; a comparação entre a filosofia da Puccamp e do Notre Dame; o trabalho dentro da Puccamp em uma creche em frente ao Sindicato dos Professores; sobre os valores atuais das instituições de ensino; sobre reprovação e recuperação em sua disciplina; o prazer e gratidão em ver os alunos aprovados em universidades renomadas; sobre a boa relação com os irmãos e professores no colégio; a seleção dos professores do Notre Dame; o bom relacionamento com os alunos e algumas histórias; o apoio dos pais e a disciplina dos alunos diante do professor; sobre como prendia a atenção dos alunos; a criação do “carômetro”; as exigências e cobranças que fazia a si mesmo como professora; a formação inicial e a vontade de ensinar; a formação do professor e principais características para exercer a profissão; mudanças na legislação e escolha profissional entre os jovens; sobre a necessidade de amor, dedicação e constante aprendizagem na profissão docente; sobre suas experiências e sobre repensar a vida ao ficar mais velha; sobre a aluna Sandy Lima, que se tornou uma cantora famosa; sobre sua rigidez para evitar desrespeito dos alunos.

### **Início da entrevista**

I.S. – Campinas, 22 de fevereiro de 2017, entrevista com a ex-professora do Colégio Notre Dame, Astrid Sgarbieri. Esta entrevista faz parte do projeto de Doutorado “A história do Colégio Notre Dame e a memória institucional como processo socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”, que está em desenvolvimento no Instituto de Educação na Universidade de Lisboa.

Oi, Dona Astrid, tudo bom?

A.N.S. - Tudo bem!

I. S. – A gente vai fazer uma entrevista. Um prazer estar aqui com você. E a gente fica à vontade se tiver que voltar alguma questão, não se preocupa, fica tranquila que a gente volta, tá bom? Coloca um pouquinho aqui pra mim, é só o microfone. Então, eu gostaria que a senhora comesse a entrevista se identificando, nome, local e data de nascimento, onde a senhora vive hoje e sua ocupação atual.

A.N.S. – Eu nasci em Porto Feliz, que é uma cidade bem pequenininha aqui no estado de São Paulo, perto de Itu, no dia 5 de março de 1938, e eu fiquei lá até os quatro para cinco anos. Depois eu mudei para Piracicaba, onde eu estudei, a minha primeira escola foi lá. E o meu problema de trabalhar com preconceito foi de quando eu era bem pequena, porque nós não falávamos português, só alemão. Então na época da Guerra a gente não podia falar na rua porque era preconceito. Daí quando eu fui para Piracicaba, eu fui a um Jardim de Infância de freiras, mais para eu brincar com as crianças e aprender português, para eu poder ir para a escola. Daí eu fiz o curso primário em Piracicaba, no Grupo Escolar José Romão. E fiz depois o ginásio e

o colégio também em Piracicaba, o colégio eu fiz no Colégio Piracicabano, era um colégio Metodista, e eu me formei professora no Instituto de Educação Sud Mennucci, em Piracicaba.

I.S. – Escola Normal?

A.N.S. - Escola Normal. E daí com 17 anos eu fui a São Paulo porque eu queria estudar Letras. Eu sempre gostei muito de inglês, e como eu já falava alemão, então eu também estudei inglês em Piracicaba, meio a contragosto dos meus pais, que eles queriam que eu ficasse só com o alemão. E entrei na USP e fiz o primeiro e até metade do segundo ano. Por uns problemas de família, meus pais se separaram, meu pai cortou minha mesada, eu tinha duas opções: voltar para Piracicaba, morar com meu pai, onde eu tinha um namorado, que atualmente é meu marido há 56 anos, ou então ficar em São Paulo e me sustentar. E eu optei por essa segunda alternativa.

I.S. – Ficou em São Paulo.

A.N.S. - Fiquei em São Paulo. Naquela época você não trancava matrícula, não se falava nisso. Então eu deixei a faculdade no segundo ano, lá na USP, na Rua Maria Antônia, e eu fui procurar emprego. Eu era professora e todo mundo mais. Eu adorava dar aula, mas isso não poderia me sustentar.

I. S. – Dava aula de alemão e de inglês?

A.N.S. – Não, eu dava aula num colégio de freiras para crianças, de inglês. Brincadeiras, assim, historinhas, essas coisas.

I. S. – Isso em São Paulo?

A.N.S. - Em São Paulo. No *Sacré Coeur*, lá embaixo, é. Daí eu vi que esse dinheiro não dava, não é, para me sustentar, então o que eu podia realmente vender era o alemão e um tanto de inglês, mas não tanto. E eu fui trabalhar como secretária, na realidade recepcionista da *Switzerihe Bankwerein* (hoje *Swiss Bank Corporation*), era uma organização suíça que os investidores iam lá, eram três diretores, para investir na Suíça, já era daquele tempo. E a maior parte, eles falavam alemão, os suíços. E daí graças a Deus eu tive ajuda de uma senhora, que me explicou que se eu quisesse ficar trabalhando para ganhar dinheiro realmente, eu tinha que estudar taquigrafia, ou seja, *shorthand*, e eu fui estudar taquigrafia à noite. E eu treinava, um dos diretores era um senhor de mais idade.

I. S. – Morava onde?

A.N.S. – Eu morava em um pensionato de freiras na Alameda Itu, três quartos para baixo da Avenida Paulista. E uma das pessoas que foi fazer investimento, quando eu já estava bem com a taquigrafia, tive que aprender datilografia, tudo isso. E eu fazia isso nas horas de almoço, foi um período muito duro da minha vida.

I. S. – Eu imagino. Quantos anos a senhora tinha?

A.N.S. – Dezenove. De 18 para 19 anos.

I. S. - Puxa, que guerreira, não é?!

A.N.S. – É, não foi fácil! Foi um período bem duro, o pensionato era muito rígido, eu não era católica, mas tinha que ir à reza, se não rezasse o terço não ganhava correspondência, umas histórias assim de vida. E esse senhor presidente da 3M foi conversar sobre investimento e tudo mais, e na conversa mencionou que ele precisava de uma secretária que soubesse *shorthand*, que soubesse um tanto de inglês e de preferência também um pouco de alemão. E ele me indicou. Então eu fui, fiz o teste, e imagine só, o escritório da 3M era no Conjunto Nacional, eu ia a pé trabalhar!

I. S – Ia a pé porque era próximo da Alameda.

A.N.S. - É! E lá eu fiquei até me casar, com 23 anos eu me casei, que já era meu namorado fazia tempo, quando ele se formou na Agronomia em Piracicaba.

I. S. – Na Esalq (Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da USP)?

A.N.S. - Na Esalq, e nós viemos para Campinas. Mas a gente já sabia, como ele se formou em primeiro lugar na Esalq ganhou uma bolsa do Governo do Estado, para fazer Mestrado fora do país.

I. S. – Em que ano?

A.N.S. - Então nós fomos em 1961, quando eu casei, fomos para os Estados Unidos, para a Califórnia, e meu único filho nasceu na Califórnia em 1962, um ano e pouco depois que a gente se casou. Daí voltamos para o Brasil, ele terminou o Mestrado, voltamos para Campinas, porque ele já estava trabalhando. Além disso, ele foi contratado para trabalhar no Itai (Instituto de Tecnologia de Alimentos), que estava começando o Itai com Dr. André Tosello. E ficamos no Brasil até, meu filho fez um ano aqui, e quando ele completou quatro, logo depois... Ah, e nesse período eu também trabalhei como secretária do presidente do City Bank, aqui em Campinas, e também fiquei só um pouco de tempo, fui para a Gessy Lever, em Valinhos. Lá na Presidência tive um cargo maravilhoso, muito bom, trabalhei com um inglês.

I. S. – A língua salvou a senhora

A.N.S. – Inglês! É. Eu sempre gostei, mas eu sempre gostaria de dar aula.

I. S. – De dar aula. E essa vocação a senhora acha que veio de onde?

A.N.S. – **Você quer mesmo saber?**

I. S. – Quero!

A.N.S. - Quando eu era bem pequena e morava em Piracicaba e nós tínhamos cachorros, tínhamos pastor alemão e basset.

I. S. – Sempre gostou de cachorro, não é?!

A.N.S. – Sim, muito!

I. S. – Eu também!

A.N.S. – **Os meus primeiros alunos foram meus cachorros.**

I. S. – (Risos) Treinava com eles, não é?!

A.N.S. – **A minha mãe ficava brava porque eu sentava os filhotinhos encostados e eu queria que eles ficassem sentados...**

I. S. – Quietinhos! (Risos)

A.N.S. -...**para eu explicar para eles!**

I. S. – Alguém tem que prestar atenção, não é?!

A.N.S. - **...ou cantar com eles, entende? E eles não ficavam.**

I. S. – Não... (risos).

A.N.S. – Pois, durante a época que eu morava em Piracicaba eu ajudava as crianças da vizinhança com lição, essas coisas. E daí a gente voltou para os Estados Unidos, eu saí da Gessy Lever e voltamos para os Estados Unidos, meu filho fez cinco anos lá, quando começou a Ditadura (Ditadura Militar) aqui no Brasil. E voltamos dos EUA em 1971, 1972. Então “eu não vi” a Ditadura realmente. Daí eu sempre dei aula paralelo na época que eu trabalhava na Gessy Lever e no City Bank, eu dava aula de inglês na Escola *Cristmi*. Era uma escola de línguas, bem no centro da cidade onde é a Catedral, no Edifício Banco Segurança.

I. S. – Depois eu vou anotar o nome certinho.

A.N.S. - E imagina lá, quem foi meu aluno, um senhor de idade, de cabelo branco, que vinha sempre de branco e que nunca fazia lição. E eu era muito enérgica!

I. S. – Era. (Risos).

A.N.S. - E eu falava que se ele não fizesse lição, que ele tinha que fazer. Eu falei: “Então na próxima aula, se o senhor não fizer a lição, o senhor vai ter que sair da sala de aula”. Ele saiu da sala de aula, e pasmem, era o Dr. Boldrini.

I. S. – Nossa!

A.N.S. - Domingos Aldemar Boldrini. Eu não sabia! Quando acabou a aula eu fui à sala do dono da escola, do Prof. Jorge Behrard, e ele estava lá, aquele senhor. Eu falei “pronto, vão me mandar embora”. E ele veio agradecer por eu ter sido assim, e da importância de fazer as coisas, e tinha uma caixa de chocolate da Copenhagen.

I. S. – Olha só!

A.N.S. - Depois disso toda vez que ele ia fazer palestra fora do país eu ajudava com pronúncia e inglês.



I. S. – Redação, essas coisas.

A.N.S. – É. Bom, daí fui para os Estados Unidos. Quando eu voltei, eu voltei a dar aula lá na Escola *Cristmi*, e o Prof. Jorge Behrard e a esposa dele, a Glória, falaram, como eu tinha o conhecimento de inglês, que ao todo eu fiquei oito anos fora do país, que eu tinha o conhecimento de inglês, por que eu não ia reconhecer isso. Daí eu resolvi fazer vestibular na Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

I. S. – Para fazer a graduação.

A.N.S. – É. E meu filho estava inscrito no Colégio Notre Dame, na 6ª série. Então eu fiz vestibular, passei e fui cursar.

I. S. – Na Puccamp?

A.N.S. - Na Puccamp. Daí nós compramos uma casa aqui na Cidade Universitária, a 5ª casa do bairro.

I. S. – Nossa!

A.N.S. - É em 1973.

I. S. – Foi quando começou mesmo. Foram os anos que eu comentei do meu pai.

A.N.S. – É. Compramos a casa do Dr. Ademar de Almeida Prado, que era dono da Fazenda Rio das Pedras, ele que construiu as primeiras casas aqui.

I. S. – O loteamento era dele?

A.N.S. – Era, aqui era uma fazenda dele.

I. S. – Era uma fazenda, não é?!

A.N.S. - A Unicamp era fazenda dele. Toda a parte da Unicamp até lá em cima.

I. S. – Devia ser enorme essa propriedade, não é?!

A.N.S. - Ele doou tudo. Ele doou à Unicamp, todo o terreno da Faculdade de Medicina, tudo, tudo.

I. S. – Doação dele, não é?!

A.N.S. - Com a ideia de que ele faria o bairro aqui.

I. S. - Hum, então foi um acordo.

A.N.S. - Por isso se chama Cidade Universitária, porque é do lado da Universidade. Foi na época do Zeferino Vaz. (Professor Dr. Zeferino Vaz).

I. S. – Entendi. Foi bem nessa época mesmo que começou o bairro

A.N.S. – Isso. E daí meu marido veio para a Unicamp porque ele também gostava muito de dar aula, mas numa outra área, bioquímica e nutrição, na Engenharia de Alimentos. E eu fui, quando nós mudamos da cidade para cá, eu não podia ir para a cidade dar aula de inglês.

I. S. – A senhora morava onde na cidade?

A.N.S. – Em frente à Praça Carlos Gomes, na Rua Conceição.

I. S. – Ah, sim. Ah, então era ali.

A.N.S. – No Edifício Dona Amélia. E nós compramos esse apartamento enquanto a gente estava no exterior.

I. S. – Ali era bom também, não é?! Até hoje é ótimo lugar para morar.

A.N.S. – Muito! Mas nós viemos aqui para o bairro porque meu filho foi criado nos Estados Unidos, então ele não tinha a ideia de um contexto de país. Por exemplo, um dia eu falei para ele: “Ricardo, vai lá embaixo, pega o leite, está vendo? Lá na padaria, que a mamãe sempre vai”. E ele voltou depois de um tempo chorando, sem nada, porque não conseguiu atravessar a rua. Isso aconteceu várias vezes porque ele estava acostumado que você colocava o pé na rua, o carro parava. Então muitas coisinhas assim, daí a gente resolveu vir para cá, principalmente também meu marido estava aqui na Unicamp. E daí eu não podia mais ir para a cidade dar aula porque não valia a pena, eu fui trabalhar numa indústria multinacional, a Chicago Brigde & Iron.

I. S. – Puxa, quantas empresas você já trabalhou, hein?!

A.N.S. - Eles faziam os tanques para a Petrobrás. Estava começando a coisa toda da Petrobrás.

I. S. – Aqueles tanques enormes.

A.N.S. – Enormes!

I. S. – Quando eu era criança meu pai me levava lá em cima.

A.N.S. – Eles faziam para a Petrobrás lá pra cima, para lugares bem longe.

I. S. – Bem distante.

A.N.S. - Não me lembro se era Salvador, onde tem refinarias.

I. S. – Tem refinaria, Salvador, e o Rio de Janeiro, não é?!

A.N.S. - Então eu fiquei lá. E eu estudava de manhã, daí eu fui para o curso noturno. E na minha classe tinha bastante gente, e como eu falava alemão, nós tínhamos alemão, não é?! E na época eu não gostava de latim, então eu tinha um trato com uma colega que se ela me deixasse olhar na prova dela de latim, eu falava alto o resultado da prova de alemão.

I. S. – Nossa! (Risos).

A.N.S. – Então foi isso, eu falava alto. E tinha um senhor na minha classe que também sentava assim, atrás, para escutar.

I. S. – Mas o professor deixava?

A.N.S. – Bom, não. Eu também não falava gritando, não é?!

I. S. – Hum, o suficiente pra ela escutar.

A.N.S. - Eu falava o suficiente, rápido, várias palavras de alemão. E tinha um senhor bem sério que estava na classe também, tinha aula, e ele uma vez falou se ele podia sentar atrás para ele aproveitar o alemão, não é? Tudo bem. No fim do 4º ano, no 2º semestre eu fui fazer matrícula no Colégio Notre Dame. Quem era esse senhor? **Irmão Nicolas Maranto (Nicolas Pedro Maranto).**

I. S. – Hum... O irmão Pedro!

A.N.S. – O irmão Pedro. Ele se formou comigo.

I. S. – Estava de olho já! Foi fazer letras.

A.N.S. - Ele fez Letras...

I. S. – Para aprender o Português?

A.N.S. – **Não, ele foi fazer Letras porque precisava de reconhecimento no MEC (Ministério da Educação e Cultura).**

I. S. – Reconhecimento... eles não tinham.

A.N.S. - Nenhum dos irmãos que davam aula tinha reconhecimento no MEC.

I. S. – E precisava, não é? Eles corriam atrás disso.

A.N.S. – Precisava! É. Ele foi e eu fui fazer a matrícula, ele falou: “Astrid, você não quer vir dar aula aqui?”.

I. S. – Ele foi reconhecer o Inglês e o Português?

A.N.S. – **Ele foi ter autorização no MEC, você tem que fazer uma faculdade para ter licença no MEC.**

I. S. – E você não pode abrir escola, não é, se você não tiver?

A.N.S. – Não, não. **Os irmãos todos estavam dando aulas irregulares.** Daí ele falou: “Você não quer vir dar aula aqui?”, eu falei: “Adoraria, mas não sei, não é?! fica difícil...”. Ele me

falou bastante sobre meu filho estando na escola, Ricardo estava na 8ª série... Ia para a 8ª. Aí eu falei: “Ah, não...” e ele falou: “É tanto, depois vai ter desconto, não vai ter que pagar a escola...”. **Quando ele falou quanto era o salário, até naquela época eu sempre vendia meus conhecimentos, e era um preço alto! Então eu ganhava o dobro na indústria.** Eu falei: “Irmão Pedro, eu não venho”. Daí ele não era mais o meu colega de classe, não é? Era o diretor do colégio que eu estava fazendo matrícula. E nós não tínhamos nos formado ainda, mas daí ele falou: “Volta amanhã para fazer os papéis”. **Daí eu voltei e ele falou: “Astrid, eu dou o Colégio inteiro para você, da 5ª série ao 2º colegial, e eu fico com o 3º, tudo bem?”.**

I. S. – Você queria muito dar aula, não é?!

A.N.S. - Ele me convenceu porque eu teria as férias na mesma época que meu filho, então eu estaria em contato. Isso foi mesmo, se eu olho para trás isso foi uma bênção.

I. S. – Ficar mais próximo.

A.N.S. – É. Eu passei a época da faculdade que eu trabalhava na indústria...

I. S. – Muito longe dele.

A.N.S. – Sim.

I. S. – Como é o nome do seu filho?

A.N.S. – Ricardo (Ricardo Sgarbieri).

I. S. – Ricardo.

A.N.S. – Ele é médico hoje lá em Ribeirão Preto. **E ele aprendeu muito no Notre Dame, muito.** Ele fez até o 3º colegial e depois entrou em Ribeirão Preto e ficou.

I. S. – Ele fez USP (Universidade de São Paulo)?

A.N.S. – É, USP.

I. S. – Ele ficou lá? Casou lá?

A.N.S. – Ficou. Não, ele se casou com uma moça aqui de Campinas que estava na 7ª série e ele estava na 8ª. Começaram a namorar ainda na época de Colégio, mas recentemente não deu muito certo e eles se divorciaram.

I. S. – Ficaram bastante tempo.

A.N.S. – Sim, 26 anos, 27 anos. Ele faz cirurgia cardíaca lá em Ribeirão Preto, Uberaba e Passos.

I. S. – Olha só!

A.N.S. - Então, daí eu fiquei no Colégio, só que no mesmo ano que eu entrei no Colégio em março a Puccamp me convidou para dar aula lá. Porque na realidade de inglês eu não aprendi nada na Universidade, porque eu já tinha feito curso nos Estados Unidos, oito anos.

I. S. – Tinha vivência, não é?!

A.N.S. – É! Então eu fui convidada para dar aula de conversação, Prática Oral que se chamava. Foi meio desagradável porque eu dava aula para as pessoas que estavam no ano anterior, que eram minhas colegas de faculdade do ano anterior (risos).

I. S. – Mas é porque você viveu muito tempo...

A.N.S. – É, não, tudo bem. Eu sempre me dei bem. E daí eu comecei a dar aula, e percebi que se eu quisesse fazer um futuro profissional na universidade também, eu teria que fazer Mestrado e Doutorado.

I. S. – Continuar a caminhada.

A.N.S. – Daí eu fiz Mestrado e Doutorado na Unicamp, na área de Linguística.

I. S. – Então dava aula no Notre Dame durante o dia...

A.N.S. – De manhã.

I. S. – De manhã.

A.N.S. - Daí fui diminuindo as aulas porque eu entrei com um projeto para o Mestrado usando dados dos meus alunos do Colégio. **A dificuldade que eu tinha de ensinar para os alunos que os verbos anômalos não levavam “S” na terceira pessoa do singular, e que não conjugava.**

I. S. – E o pessoal não aprendia? Era super difícil.

A.N.S. – Não. **Era muito difícil. Então eu tinha uma proposta de você poder ensinar comparativamente.**

I. S. – Dai eles conseguiam aprender.

A.N.S. - Conseguir visualizar e que eram só esses tantos *can, may, might, must*, entende?

I. S. – Nossa... isso é *complicadinho*, não é?!

A.N.S. – É. Então, eu era muito exigente. Na minha época de colégio, não sei se você se lembra...

I. S. – Eu sou traumatizada com as aulas da dona Astrid! (Risos)

A.N.S. - Não saíam da 8ª série os alunos que não soubessem falar os três tempos do verbo irregular.

I. S. – Mas eu contei a história, não é? No churrasco. Que tudo que eu sei de inglês e a paixão que eu tenho por inglês, daqueles livrinhos que eu guardo até hoje...

A.N.S. – Aham...

I. S. – É por causa da sua aula!

A.N.S. – Uma das perguntas aí...

I. S. – Por que eu aprendi no “Vai aprender.”.

A.N.S. – É. Eu gostava muito do que eu fazia.

I. S. – Mas eu acho que isso é, a gente reclama, mas tem que ser assim. Porque é difícil aprender, então tudo que eu sei de inglês eu devo ao Notre Dame.

A.N.S. – É. **Hoje em dia, há muito tempo eu digo que eu acho um gênio quem aprende uma língua sem morar no país.**

I. S. – É difícil.

A.N.S. – Muito difícil!

I. S. – Eu adoro inglês. Eu adoro porquê e eu acho que...você, não é?! que me ensinou isso. Porque assim, o inglês é tão mais simples que as outras línguas. As línguas são lindas, todas.

A.N.S. – É! É!

I. S. – ...inglês, espanhol, francês, é lindo, mas são tão complicadas de você falar alguma coisa...

A.N.S. – É!

I. S. – ...o inglês é tão objetivo.

A.N.S. – Pois é!

I. S. – Eu acho o máximo!

A.N.S. - E como, por exemplo, o alemão tem declinação, que nem latim. É um horror! Agora, como eu aprendi como primeira língua...

I. S. – O inglês ficou mais tranquilo.

A.N.S. -... ficou bem mais fácil.

I. S. – Ai... porque é objetivo, não é?!

**A.N.S. - E sempre a fachada que eu fazia de colégio de “dura” assim é porque eu queria que todo mundo aprendesse porque era importante, entende? Foi meu passaporte.**

I. S. – Mas, eu encontro com as pessoas, eu já conversei com várias pessoas, eu acho que as pessoas entenderam. Na época talvez, o adolescente, tudo ele se traumatiza, não é?!

A.N.S. – É! É!

I. S. - Tudo, tudo ele é traumatizado. Cabelo nunca está bom ele é traumatizado... Tudo é traumático.

A.N.S. – É! É!

I. S. - Mas depois que passa a gente fala “Gente... tinha que ser assim”.

A.N.S. – Você tem uma visão de mundo diferente.

I. S. – Completamente.

A.N.S. - Você fica mais velha, vai vendo...

I. S. – Eu acho que tinha que ser. No fundo a exigência é interesse do professor.

A.N.S. – Pois é, se ele não é exigente nessa faixa etária...

I. S. – Quando que ele vai ser, não é? Isso fica pra vida inteira.

**A.N.S. – Eu sempre falava para os alunos; “Aprenda aqui conosco, com os professores, porque senão você vai aprender lá fora, com um mundo enorme lá para te ensinar, e é difícil”.**

I. S. – Muito mais complicado e é muito mais duro.

A.N.S. – Foi muito gratificante no Colégio, por que... acho que estava em uma das perguntas aqui...

I. S. – A senhora lembra o ano exato que a senhora começou a dar aula lá?

A.N.S. – Sim, eu comecei em 1976. Março de 1976 e fiquei até março de 1987.

I. S. – E era o ginásio e o colegial?

A.N.S. – Pois é. Daí quando eu entrei na Unicamp para o Mestrado eu não podia mais dar tantas aulas no Colégio, então eu fiquei só no período da manhã com o colegial, e deixei os menores, de 5ª série adiante, depois não dava mais.

I. S. – Por quê?

A.N.S. - Porque eu só podia fazer curso na Unicamp no período da tarde, porque à noite eu dava aula na Puccamp. Então eu saí do Colégio.

I. S. – E muito tempo a senhora deu aula na Puccamp?

A.N.S. – 30 anos.

I. S. – 30? Parabéns! Uma pergunta assim, de curiosidade, que não está aqui. Gosto de entrevista por isso, porque a gente vai construindo o texto. O que é mais difícil, dar aula em colégio ou na universidade? Assim, qual é a grande diferença, no aprendizado, principalmente?

A.N.S. – Hoje em dia eu não daria mais aula. Eu só dou aula no Boldrini (Centro Infantil Boldrini).

I. S. – Nem colégio, nem faculdade?

A.N.S. – **Não. Porque não existe mais respeito.**

I. S. – Consideração pelo saber daquela pessoa.

A.N.S. – **Consideração. Eu sempre falei na universidade, não no colégio, mas na universidade eu sempre dizia para os alunos: “Nós vamos construir o conhecimento juntos, porque eu não sei tudo, mas nós vamos construir”. Hoje em dia você não... Quando eu saí da Puccamp em 1997, a instituição já era... o aluno era um cliente! Então a abordagem era completamente diferente.**

I. S. – A Puccamp foi se tornando cada vez mais uma empresa.

A.N.S. – **É uma necessidade, sobrevivência. Não acho que é certo, nada. Mas é assim que é.**

I. S. – É assim com todas.

A.N.S. – E eu fiquei muito triste uns anos antes de eu sair, quando eu vi que os meus alunos, eu dava aula no último ano, daí eu comecei a dar aula de língua, de conversação, de inglês.

I. S. – Entrou na Puccamp em que ano para dar aula? Porque o Notre Dame foi 1976?

A.N.S. – 1976.

I. S. – Antes no Notre Dame ou depois?

A.N.S. – 1976, no mesmo ano.

I. S. – Mesmo ano? Ah, sim.

A.N.S. - Só que em julho. Eu entrei em março no Notre Dame e em julho na Puccamp. Tinha uma pessoa que saiu ou ficou doente, e eu peguei as aulas de conversação. Depois eu passei,



quando eu tive o tempo integral, que eu acabei o meu Doutorado, daí eu peguei a parte de língua.

I. S. – Eu cortei você, porque a senhora ficou triste? O que aconteceu?

A.N.S. – **Pelo seguinte. Eu comparava, às vezes eu fico emocionada. Os meus alunos de 8ª série, não saindo para ir para o colegial se não soubessem os três tempos do verbo, e eu tinha alunos de 3º ano da universidade que não sabiam os três tempos. E se eu insistisse que eu dava aula de língua, eu era vista como ridícula: “Absurdo, porque eu posso pegar no dicionário, eu pego na internet” (dizia o aluno).**

I. S. – Pouco caso, chocava o pouco caso.

A.N.S. – **É, e a falta de compreensão dos jovens da importância para a vida!**

I.S. – Para carreira, por que eles estavam fazendo aquilo como profissão já na universidade.

A.N.S. - Para a vida! Muitos adultos...

I. S. – O aluno no colégio poderia não seguir isso, mas ali era carreira, não é?!

A.N.S. – **É, não queriam aprender nada. Tentei, mas não insisti, não fiquei brava.**

I. S. – Não tinha, assim, como ensinar, não é?!

A.N.S. - **Daí comecei a olhar na minha consciência que eu estava compactuando com um diploma de professor de português e inglês, com o qual eu não concordava. E daí saí em julho de 1997, numa forma de acordo muito boa feita com os padres e com o meu diretor. Eu tinha projeto de pesquisa no CNPq e na FAPESP.**

I. S. – E continuou fazendo.

A.N.S. – Não. Eu decidi naquela época, eu orei muito com meu pastor, e pedi muito a Deus que eu não precisasse mais trabalhar por dinheiro. E desde então, Deus tem cuidado, e eu nunca mais trabalhei por dinheiro. Eu coordenei um cursinho para pré-Vestibulinho aqui junto da igreja, que é coordenado pela Unicamp agora, e a gente começou o cursinho.

I. S. – Como é o nome?

A.N.S. – Cescon (Centro Estudantil Social de Convivência).

I. S. – Cescon.

A.N.S. – **É! Nós fizemos uma parceria com a Precoltec que dava material, enfim, uma história toda, e eu coordenei e dei aula, mas de graça, é tudo de graça. Daí eu dei aula um tempo para...**

I. S. – Desde 1997 até hoje?

A.N.S. – Não, não. Daí ficou muito, porque aumentou o número de alunos. Nós tínhamos no começo só quinze e poucos alunos, os professores eram alunos da graduação da Unicamp. Eu assinava, servia como supervisão de estágio para eles, e ficamos sozinhos. Então era difícil, tinha que lutar por tudo e às vezes eu pensava: “Meu Deus, eu fiz Doutorado na Unicamp para ser inspetora de aluno”. Porque eu tinha que ficar lá, no período da aula, para eles não saírem e ficarem na rua, uma série de coisas. Era uma coisa menor. É aqui em frente à Igreja Presbiteriana.

I. S. – Sim.

A.N.S. – Nós temos um prédio lá, e tal. E depois então fizemos uma parceria com a Unicamp, e a Unicamp dá os bolsistas do SAE, que são os professores, a Prefeitura, fizemos um convênio com a Prefeitura, ela dá a segurança, guarda, perdão... lanche.

I. S. – É aqui mesmo, não é?!

A.N.S. – É, em Barão (Barão Geraldo). Em frente da Igreja Presbiteriana.

I. S. – Quantos alunos mais ou menos têm?

A.N.S. – Sim, pois é.... atualmente, eu fiquei muito feliz, porque o ano passado nós tínhamos 120 alunos. Começamos com uma classe pequena, não tinha carteira, etc. Hoje em dia nós temos duas classes com 30 e 30, no período da manhã e à tarde. Dos 120, 50% entraram no Cotuca (Colégio Técnico de Limeira), Etecap (Escola Técnica Estadual Conselheiro Antônio Prado), Cotil (Escola Técnica de Limeira), então é muito bom. Então agora está há uns três anos... a parceria da Unicamp, Prefeitura, Ceasa, o Ceasa (Centrais de Abastecimento) dá os lanches.

I. S. – Nossa, que bacana, não é?!

A.N.S. – É. Então a gente só dá o prédio. Quando começou eu escrevia os projetos, porque eu precisava de um professor da Unicamp ativo, o meu marido não podia, porque ele já estava aposentado. Então nós tínhamos um membro da igreja da área de matemática aplicada que assinava o projeto do cursinho, e com isso a gente conseguia verba do Estado para comprar computador, essas coisas todas.

I. S. – Cresceu, não é?

A.N.S. – E tinha que administrar o dinheiro.

I. S. - Quantos anos têm o cursinho? Estamos em 2017, então ...

A.N.S. – 10 anos, pelo menos.

I. S. – Que beleza de trabalho!

A.N.S. – Começou como uma sementinha pequena.

I. S. – Mas tudo é assim, a gente tem que acreditar.

A.N.S. – É, eu saí porque ficou grande, tinha toda essa administração, tudo mais, então eles podiam caminhar sozinhos. E eu ao mesmo tempo eu saí da Puccamp, eu vim aqui para o Boldrini, mas entrei na área de acompanhamento escolar. Eu dava aula para as crianças com câncer.

I. S. – As crianças doentes que precisam.

A.N.S. - É muito bem organizado o Boldrini. Nós recebemos, através da pedagogia do Boldrini, o material escolar. Se a criança está aqui, a escola é obrigada por lei a mandar todo o material. A FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular), a Unicamp e outras instituições de ensino são também obrigadas a vir fazer o vestibular aqui.

I. S. – Olha só! Depois eu queria que a senhora me falasse sobre esse trabalho no Boldrini, tenho muito interesse em conhecer.

A.N.S. – Ah, sim. Eu estou aí há nove anos já.

I. S. – Olha só!

A.N.S. – Eu entrei no acompanhamento escolar e eu gostava muito, eu tinha muito contato com as crianças, porque eu ia fazer muita lição. Ou você fazia lá na sala de pedagogia ou você ia para os quartos onde as crianças estavam internadas. E foi um aprendizado muito grande para mim, lidar com essas crianças que falam: **“Não quero fazer lição, eu estou doente”, e explicar para eles que é só um momento da vida, e que vai passar, ele vai voltar para a escola.**

I. S. – Difícil, não é?!

A.N.S. - A gente recebe as provas, faz. O Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) vem aqui fazer prova.

I. S. – Olha só! É um trabalho maravilhoso.

A.N.S. – É. Eu admiro muito! Hoje de manhã eu estava lá.

I. S. – Maravilhoso!

A.N.S. – Eu ficava na Coordenação...

I. S. – Todos os dias ou não?

A.N.S. – Não. É assim: é pra ir um dia por semana, 4 horas, mas como eu estava na Coordenação, eu ia todo dia, e ficou muito, muito!

I. S. – É.

A.N.S. - Daí eu comecei a dar aula de inglês para os pastores de três igrejas, daí ficou muita coisa!

I. S. – Muita coisa.

A.N.S. - Daí a gente desenvolveu um trabalho também no HC (Hospital das Clínicas, Unicamp), na porta do pronto-socorro.

I. S. – Nossa, mas ela é uma máquina! (Risos).

A.N.S. - E essa semana eu deixei esse trabalho, porque ficava demais. Principalmente às quartas-feiras que eu fico no Boldrini.

I. S. – Que pique você tem, hein?! Eu fico impressionada, sempre da mesma maneira... que energia, que energia!

A.N.S. – Eu gosto muito do que eu faço!

I. S. – Voltar só numa coisinha... seu pai, a descendência, qual é?

A.N.S. – Meu pai era sueco, estudou na Suécia, veio para o Brasil a passeio.

I. S. – Nasceu lá?

A.N.S. – Sim, meu pai estudou, ele era engenheiro químico, veio para o Brasil a passeio. E a minha mãe era austríaca, era radiologista, e a Cruz Vermelha mandou minha mãe para o Brasil para ensinar e trabalhar um tempo no Hospital Oswaldo Cruz, que se chamava Hospital Alemão antigamente, certo? Em São Paulo. E meu pai ficou doente e eles se conheceram lá no hospital, e casaram, e deu a gente aqui (risos). Minha irmã e eu.

I. S. – Poxa vida! São duas irmãs?

A.N.S. – São minha irmã, que já faleceu, morou a vida inteira, se casou...

I. S. – E essa garra pelo trabalho de querer fazer tanta coisa e voltada para a educação, para as pessoas, os pais também tinham um pouco dos pais?

A.N.S. – Sim, sim. Meus pais sempre falaram. Minha mãe passou guerra, mas a Primeira Guerra Mundial. Eu nunca conheci meus tios que morreram na Guerra, os irmãos dela. Agora, meu pai, como sueco, não teve essa coisa. **Mas a minha mãe sempre dizia que você pode perder tudo, tudo na vida, mas ninguém pode tirar o que você tem dentro da cabeça. Que isso você leva.**

I. S. – E isso ficou.

A.N.S. – É. Ficou muito marcado.

I. S. – Conhecimento.

A.N.S. - **E que a gente nunca deve guardar o que tem dentro da cabeça para si.**

I. S. – Tem que transmitir.

A.N.S. – **É! Repartir com o próximo.**

I. S. – Porque é nosso, mas é do outro também, porque se é só nosso do que adianta, não é?!

A.N.S. – **Sim. Não adianta você acumular o conhecimento, ele vai morrer com você.**

I. S. – Não adianta, não é? Exatamente! É, porque eu vejo em tudo que a senhora está me contando, você tem vários trabalhos, mas sempre ligado a transmitir o conhecimento, e com uma vontade, assim, que eu vejo.

A.N.S. – É! Eu acho que isso tudo vem muito, muito não, vem tudo de Deus. Eu tenho uma fé inabalável.

I. S. – Olha, que bonito.

A.N.S. – **Passei por períodos difíceis na minha vida, perdi um filho, que era uns anos depois do Ricardo, uns anos depois e sempre consegui... Nos Estados Unidos, passei por pedaços difíceis, ele nasceu e faleceu lá. O que você ia fazer com o corpo? A gente não podia enterrar lá porque a gente não era de lá, não dava para nada. Então a gente deixou cremar e jogou no Oceano Pacífico.**

I. S. – Quantos anos ele tinha?

A.N.S. – Ele viveu só uns meses. Seis meses.

I. S. – É, são coisas que não tem como não marcar, não é?!

A.N.S. - Foi muito difícil, mas eu acho que a fé que eu tinha, que Deus estava sempre no controle, isso era muito importante.

I. S. – Não perder a esperança, não é?!

A.N.S. - Eu tenho usado muito dessa fé e da esperança aqui no Boldrini.

I. S. – Porque é fundamental, não tem como. Você dar força para uma pessoa que está ali: “Eu não quero aprender, estou doente”, ele está desistindo. E se ela acreditar isso pode salvá-la.

A.N.S. – Sim, sim.

I. S. – O conhecimento salva, eu acho, de várias coisas.

A.N.S. – Sim, e depois, outra. Você tirar o foco da doença e colocar esse foco numa outra coisa, que é estudar, entende?

I. S. – Exatamente.

A.N.S. – Claro, elas estão debilitadas, etc. Mas se você deixá-las debilitadas, elas vão ficar mais e mais, vai demorar muito mais. Então eles têm que compreender que isso é só um momento da vida. E daí quando você voltar para a escola e vai encontrar seus mesmos colegas?

I. S. – E você parou de aprender.

A.N.S. – Você tem que saber a mesma coisa, senão você não vai ter mais os seus colegas.

I. S. – Ninguém vai querer saber: “Ai, eu estava doente”, não, você vai ter que enfrentar.

A.N.S. – É. A gente manda as provas.

I. S. – Não tem desculpas, não é?

A.N.S. – Não, não. E eu acho que isso é importante para as crianças, sabe?

I. S. – Na vida, de uma forma geral, porque a gente, com as nossas desculpas, a gente acaba pegando atalhos e não fazendo o que a gente tem que fazer.

A.N.S. – É, e assim, “Ai, coitado”, não é um coitado!

I. S. – Não. É uma prova, não é?

A.N.S. – É muito difícil quando a gente perde uma criança. Eu sofri muito com várias, às vezes cheguei a pensar que eu não ia aguentar e não ia mais voltar, porque eu me apeguei. Às vezes têm crianças que eu acompanhei cinco anos, e depois Deus levou e ficou muito difícil. Então vários momentos, assim, a gente quando entra no Boldrini você assina um documento quanto ao seu trabalho, uma série de coisas e dentre essas coisas, um dos itens é você não se envolver com a família. Porque nós não podemos, como voluntários, resolver o problema da família. Para isso existe médico, assistente social, tudo, tem uma estrutura maravilhosa, as casas de apoio.

I. S. – Esse é o papel deles, não é?!

A.N.S. – É! Cada um tem seu papel. Na capelania que eu faço atualmente, já faz 2, 3 anos, você dá um apoio espiritual. A gente tem culto uma vez por semana, e conversa com as pessoas. Na realidade, você chega lá, você usa os seus ouvidos. As pessoas têm uma necessidade imensa de falar. E é incrível ver como as pessoas ficam completamente desorientadas, fora do espaço do mundo quando são pegadas de surpresa. E geralmente filhos de 12, 13 anos que não tinham nada, só ficou cansado, não era capaz de brincar, faz um exame só...

I. S. – Nossa! De rotina não é e vai ver.... nossa!

A.N.S. -... para ver se precisa tomar vitamina, (e descobre que tem) leucemia mielóide aguda. Entende? Então a pessoa fica tão fora que ela quer, por exemplo, a mãe quer ir fazer cabelo... ela: “Você fica aqui para eu ir ao cinema”, quer dizer, ela desliga de tudo!

I. S. – É muito difícil!

A.N.S. – É. Então essa hora que a gente tem que apoiar.

I. S. – Apoiar, tentar ajudar. É o apoio, não é?!

A.N.S. - E é isso que a gente faz, a gente ora e muito para as pessoas. Os que não querem, a gente só ouve mesmo.

I. S. – Mas o ouvir é tão maravilhoso.

A.N.S. – É. Você deixa todos os seus problemas, as suas dúvidas lá fora e ouve.

I. S. – E ouve... a dor do outro, não é?! Porque ele precisa disso.

A.N.S. - A dúvida tenta resolver os...

I. S. – Porque ele precisa de auxílio. A dor se você não põe pra fora, aquilo implode dentro de você, é pior! É muito pior!

A.N.S. – É, exatamente! Então tem esse processo de negação... (Telefone interrompe a entrevista e a conversa não é relatada aqui).

I. S. – É, isso é maravilhoso, a gente pode conversar bastante depois... Na instituição, no Notre Dame a senhora foi professora de inglês. Teve algum outro cargo?

A.N.S. – Não. **Eu coordenei a área de inglês por um tempo depois da Sônia (Sônia Vaccari Ficondo), mas só.**

I. S. – Era de inglês, no período que você deu aula lá, era você, a Sônia...

A.N.S. – A Sônia e eu. Porque quando eu entrei, na realidade, tinha o irmão João (João Juno) que dava aula ainda, e ele depois já saiu.

I. S. – Já saiu... vocês assumiram, você e a Sônia.

A.N.S. - Por causa da licença, junto ao MEC, essas coisas.

I. S. – Tiveram que correr atrás disso, não é?! **Como funcionava o planejamento das aulas de inglês?** Que nem, a vivência nos Estados Unidos, na hora de planejar, os irmãos determinavam como seria ou não?

A.N.S. – Não. **Quando eu comecei a trabalhar no Notre Dame o irmão Pedro disse: “Você muda o que for necessário que a gente dá todo o apoio”. Daí eu fiquei um pouco surpresa, eu tinha janeiro e fevereiro para fazer isso, então eu fui à São Paulo procurar as editoras, que eram duas grandes. Era a Oxford Longman e uma outra. Fui à São Paulo, conversei, falei do número de alunos, falei o que eu tinha e se eles podiam me ajudar a escolher material didático, e tal. Foi daí que eu comecei a escolher esse material didático do Colégio.**

I. S. – **O nosso inglês era o americano, não é?**

A.N.S. – **Right! É! Embora as editoras fossem inglesas. Mas não era *British English*, era *American English*, era a versão americana. Então os livros todos que a gente usava, não sei se você se lembra, eles iam da 5ª série à 8ª numa série, em uma sequência.**

I. S. – Sim!

A.N.S. - **E depois entrava a sequência, o *Main Line*, no colegial.**

I. S. – **Eu adorava aqueles livros complementares, de leitura.**

A.N.S. – **Right! É, os livrinhos...(risos).**

I. S. – Eu tenho até hoje os livrinhos.

A.N.S. – Pois é, aqueles livrinhos foi assim uma ideia...

I. S. – Eu não tive coragem de dar meus livrinhos.

A.N.S. - **Você vê que eu tinha sonho para os alunos, eu queria que eles lessem nas férias!**

I. S. – Eu adorava aqueles livrinhos.

A.N.S. – Pois é.

I. S. – Aprendi a ler, assim, mesmo naqueles livrinhos. (Risos).

A.N.S. – **Naqueles livrinhos tinha gente que ia viajar e alguém da família fazia o resumo, etc., do livrinho, falava que leu e não leu.**

I. S. – Ai, eu lia, adorava. Eu comecei em um bem simples e depois foi para um que era bem mais complexo, claro fui não é fazendo o ginásio, o colegial e fui. Os do ginásio eram assim (gesto com a mão), na horizontal, pequenininho e eram histórias simples, depois já tinha os mais...

A.N.S. – É! Daí era normal.

I. S. – Isso! E já era mais grossinho o capítulo, aí já exigia mais. Até hoje eu tenho encapadinho, tudo em casa.

A.N.S. – Nossa! Eu doei todo meu material.

I. S. – Eu tenho os livros de inglês. Foi uma das poucas coisas que eu guardei. Olha só!

A.N.S. – **Pois é, eu acabei doando para instituições que precisavam, de crianças carentes que precisavam, então eu doei.**

I. S. – Então, o meu trabalho, quando eu converso com o Professor Justino Magalhães sobre a história oral de estar entrevistando as pessoas, é também tentar chegar um pouco em algum material, porque no Colégio a gente tem aquela documentação mais oficial.



A.N.S. – É!

I. S. – E essa parte da memória dos alunos, por exemplo, professor João Baptista da Silva Carvalho, ele tem uma caixa com os bilhetes que os alunos mandavam para ele, um monte de bilhete. Isso eu nunca vou achar. Então se eu não conversar com um professor... A Alice tem, o pai dela fez uma filmagem com Super oito dela, fazendo ginástica. Não tem isso no Colégio!

A.N.S. – Sei! Exatamente.

I. S. – Está na casa do pai dela não é, que tem uma fita. Então é isso também, esse contato com os ex-alunos, os ex-professores, é para tentar chegar nesse material que é mais particular.

A.N.S. – É!

I. S. - Diferente de um relatório, de um planejamento, que é importante também na história da educação, mas esse cotidiano...

**A.N.S. – É, inglês a gente não tinha muitas reuniões de planejamento.**

I. S. – Não tinham...

**A.N.S. - Porque a Sônia dava sempre a 7ª série. Depois ela deixou, inclusive, a 7ª série, ela ficou com português, e eu...**

I. S. – Não dava as duas.

**A.N.S. – É. Um tempo ela deu as duas numa série e eu dava todo o resto. Daí ela se dedicou mais só ao português, ela, Razera (Luís Antônio Razera) e a Dona Maria Benedita Ayres Santoro.**

I. S. – Eu acho que eu tive aula com ela só de português.

A.N.S. – É!

I. S. - Eu não me lembro de ter tido aula de inglês com ela.

**A.N.S. – Ela, se eu não estou enganada, ela dava aula na época dos irmãos, certo? Porque ela era a única pessoa que tinha licença para dar aula perante o MEC. Então não tinha muito para planejar.**

I. S. – Entendi! Eles confiavam. Eu sentia muito isso, não é?! No depoimento de alguns professores que eu fiz e eles (os irmãos) davam certa carta branca assim, não é?!

**A.N.S. – Sim, eu tive muitos problemas de disciplina, assim, com pessoas.**

I. S. – Alunos?

**A.N.S. – É! Não era assim nada muito sério, mas eu era exigente. Era um menino no colegial, adolescente, que entrava na sala de aula pulando as carteiras e o apelido dele era Guto.**

I. S. – Guto?

A.N.S. – Guto! (cochicho) E hoje em dia ele adulto, profissional, e na reunião, eu mandei ele embora para casa, e o irmão Edwin (Edwin Nix) mandava embora para casa, de Bortolotto (transporte escolar). O menino foi para casa, na reunião de pais e mestres...

I. S. – Lá vêm os pais...

**A.N.S. -... a mãe veio na escola e falou como que eu fiz isso, eu falei: “Mas a senhora é mãe de quem?”, eu não conhecia as pessoas. Eu tinha um “carômetro” (espécie de ficha com foto dos alunos), mas não sei se você lembra, a gente tinha “carômetro” na escola.**

I. S. – Sim!

**A.N.S. - Foi quando a gente não sabia, eram muitos alunos e tal. E ela falou: “Eu sou mãe de tal”, e eu olhei na lista e falei, isso eu falei para o menino também, falei: “Não tem ninguém aqui com seu nome na classe, então vai embora, vai para casa”. E a mãe veio e disse: “Eu sou mãe de...”, eu olhei a lista e falei a mesma coisa. Ela falou: “Você sabe com quem está falando?”. (Risos).**

I. S. – Ai meu Deus...

A.N.S. - Coisas desse tipo.

**I. S. – Tinha muito disso no Notre Dame?**

**A.N.S. – Não, eu tive três casos de pessoas que falaram isso, e eu falei: “Não, eu não sei”, porque como eu não tinha um passado de Campinas...**

I. S. – Sim.

A.N.S. - Por exemplo, eu não conhecia Dr. Boldrini, para mim ele poderia ser barbeiro, qualquer coisa.

I. S. – Sim... (risos).

**(A campanha interrompe a entrevista, e em seguida é retomada).**

**A.N.S. - A Filosofia fundamental básica do Colégio era uma educação Cristã, eles tinham vários grupos que se reuniam para estudo.**

I. S. – Tinham!

A.N.S. – O Dr. Izolino que depois era aqui da Unicamp, o Emílio Olmos, tinham reuniões em casa com os moleques...

I. S. – Os pais atuavam... a APM (Associação de Pais e Mestres) era fortíssima, não é?

A.N.S. – **Sim! Então era sempre fundamentada no amor ao próximo, no Cristianismo e muito trabalho que ficou plantado, que eu posso ver no meu filho e na minha ex-nora. Foram coisas reais que eles faziam os trabalhos de comunidade, tudo mais, muito bonito. Eles marcaram, o Colégio foi, nesse aspecto humano, Cristão, muito, muito bom. E o projeto pedagógico, um trabalho muito solidário.**

I. S. – Muito solidário.

A.N.S. – **Muito! Então muita coisa a gente aprendeu e eles viviam essa maneira. Por exemplo, o irmão Guilherme (Guilherme St. Romain) às vezes vinha lá em casa para conversar com o Ricardo, conosco, entende?**

I. S. – Eles se inteiraram com as pessoas, com as famílias? Muito, não é?! Eles gostavam!

A.N.S. – **Sim. O irmão Pedro era mais reservado, bem mais reservado.**

I. S. – Bem mais, não é?!

A.N.S. - **Mas eles davam todo, todo o apoio aos professores, eles escolhiam os professores a dedo, tanto é, eu não sei se você lembra, pouquíssimos professores saíram do Colégio.**

I. S. – Bom, eu acho que o tempo que eu fiquei...

A.N.S. – Eram sempre os mesmos e....

I. S. – Helena (Maria Helena Mattar.). Nossa, que lembrança carinhosa dela.

A.N.S. – O Hernani. (Hernani Godoy Júnior).

I. S. – O próprio Razera (Luís Antônio Razera), que era alegre.

A.N.S. – Muito, muito. Cheio de vida.

I. S. – Cheio de vida! Eu me lembro dele com uma moto, a moto dele, ele chegava de moto.

A.N.S. – Ele até hoje brinca.

I. S. – Era muito agradável.

A.N.S. – **Então eu acho que todos eram bem qualificados, tanto é que quando eu saí do Colégio para terminar meu Mestrado e continuar fazendo isso, eu tive todo apoio do irmão Pedro, por que...**

I. S. – Se aquilo era bom para você, ele apoiava.

A.N.S. – Sim, é.

I. S. – E isso é uma Filosofia que eu acho que é difícil ter.

A.N.S. – **Uma época, eu não sei se você estava no Colégio, numa época que os professores se uniram para fazer um... os alunos da manhã que eram do colegial ficavam à tarde para fazer, não era um cursinho, mas...**

I. S. – Uma preparação para o vestibular.

A.N.S. – Right!

I. S. – Acho que falaram o nome, o Razera falou, acho que era Intergraus, não é?

A.N.S. – Ah, acho que é. **Intergraus**, alguma coisa assim.

I. S. – É, ele falou. O Gudwin (Ricardo Ribeiro Gudwin) falou.

A.N.S. – É! Era no andar de baixo, a gente dava aula.

I. S. – Todos os dias, não é?!

A.N.S. – **Todos os dias. Nós ficávamos, almoçávamos, no dia que a gente dava aula. Às vezes era meio constrangedor para mim na Puccamp, porque eu dava aula na Instituição, entende? E na época a Nair Fobe, eu e mais uma professora preparávamos o vestibular da Puccamp, de inglês, então tinha que ser com muito cuidado.**

I. S. – Olha só!

A.N.S. - **E a gente fazia e os alunos não pagavam extras, eles só tomavam lanche no Colégio e a gente dava como um reforço. Naquela época era muito...**

I. S. – Então será que foi por isso que eu entrei na PUC? Só que era de São Paulo.

A.N.S. – Não.

I. S. - Eu quase gabaritei a prova de inglês. Se tinham 30 questões eu acertei 29. Foi a maior nota que eu tive no vestibular, foi inglês (risos).

A.N.S. – **Não, sabe por quê? Porque a gente sempre procurava mostrar para os alunos que havia aspectos importantes da língua, e que não prestavam atenção. E sempre falando também da importância de entender o enunciado, sabe? Não fazer mais ou menos no chute.**

I. S. – Ah, sim! Exatamente!

A.N.S. - **Coisa que hoje em dia eles não fazem, entende? Então o resultado, não durou muito tempo esse cursinho, foram só uns anos. E uma das coisas que a gente chamava bem a atenção, porque sempre tinha a alternativa, não é?! Então olhe direito, veja o que está escrito nas alternativas para responder e tudo mais.**

I. S. – Porque você vai muito por eliminatória também.

A.N.S. – Right!

I. S. – E ficam sempre duas e ali você... porque têm três que são sempre absurdas, aí sobram duas e daquelas duas...

A.N.S. – **Você tem que escolher. É, então, eu acho que o fato da gente gostar do que nós fazíamos. Todos os professores gostavam muito do que faziam!**

I. S. – Gostavam muito das suas disciplinas.

A.N.S. - **Muito. Nenhum reclamava. Eu não me lembro de alguém no Colégio, no período que eu estive lá, de falar: “Ai, que droga!”, a gente ficava e almoçava lá.**

I. S. – Muito interessante que tem alguns professores que davam aula não só no Notre Dame, que nem o Razera.

A.N.S. – É! Uhum!

I. S. - Ele fez toda essa comparação para mim, como era o PIO XII.

A.N.S. – É!

I. S. - Como era... E nossa, é interessante, porque assim, como eu estou fazendo a História da Educação...

A.N.S. – É!

I. S. - Eu estou estudando o Notre Dame e percebendo como é que eram os outros colégios.

A.N.S. – **É! Eu podia só comparar com a Puccamp.**

I. S. – Com a Puccamp.

A.N.S. - **E era uma Filosofia bem diferente.**

I. S. – Era bem diferente?

A.N.S. – É.

I. S. – **Mesmo sendo Cristão (Católica)?**

A.N.S. – É. A Puccamp, eu trabalhei os 30 anos lá, mas ela foi se tornando cada vez mais...

I. S. – Capitalista (risos).

A.N.S. – Right!

I. S. – “Falando o português claro”.

A.N.S. – **Exatamente. Ela, eu não entendo porque que ela ainda tem todos os benefícios de ser uma instituição benemerita, etc.**

I. S. – Trabalho social?

A.N.S. – Quando eu entrei na Puccamp tinha uma série de coisas, inclusive quando a gente veio aqui para o campus a gente fazia um trabalho junto àquela creche que tem de crianças na frente do sindicato dos professores, saindo da Puccamp aqui no campus I.

I. S. – Sei...

A.N.S. - Tem lá, eu não me lembro como chama, mas tem uma creche de criança, e a gente fazia o trabalho de convidar os alunos para irem lá pra brincar com as crianças, pintar as unhas, pintar, alguma coisa assim. E havia sim uma resposta, mas com o passar do tempo a sociedade foi mudando, isso não apareceu mais. Eu fiquei muito surpresa de ver quando a minha neta...

I. S. – Apesar do outro se dedicar, hoje é mais... O “eu, eu”, sociedade do “eu”.

A.N.S. – **Sim. É, eu fiquei surpresa quando minha neta entrou agora, que não existia isso.**

I. S. – Bom, vamos ver um pouquinho então... Pode continuar falando.

A.N.S. – **“Que tipos de reuniões havia no Colégio?”.**

I. S. – A senhora comentou um pouco que não eram tantas reuniões.

A.N.S. – **Não, não! Nós tínhamos reunião de fim de ano, que era uma avaliação entre os professores. Então se havia algum problema que poderia ser resolvido no conjunto era feito lá, e era uma coisa de portas fechadas, todos os professores daquela classe, daquele ano, e a gente falava, e sei lá, se a criança tinha tido problemas na família, etc., que a gente poderia fazer alguma coisa por eles.**

I. S. – **Tinha muita reprovação na sua disciplina ou não?**

A.N.S. – **Não. Eu ficava lá para a recuperação, mas tudo bem.**

I. S. – E tinha bastante gente que ficava em inglês?

A.N.S. – Não, não.

I. S. – O pessoal acabava dando um gás, e era mais a matemática, a física, que eu acho que era...

A.N.S. – **No Colégio, especialmente, de jeito nenhum! Porque eles caminhavam bem e eu acho que o que trazia um prazer muito grande para nós era quando, não sei se o Razera ou algum outro professor falou, era quando em fevereiro voltavam às aulas e vinham os alunos e perguntavam para os professores, principalmente matemática, biologia, etc.:**

**“Olha, eu entrei na Poli e na USP, na Poli e no ITA, o que o senhor acha que eu deveria fazer, escolher o que?”**

I. S. – Nossa!

**A.N.S. – Ou: “Eu entrei na USP”. E era uma época em que se o aluno voltava e falava “Eu entrei só na Puccamp” a gente não achava bom.**

I. S. – Sim, sim.

**A.N.S. - Eu falava muito para os alunos que o diferencial... Porque matemática, biologia, todo mundo sabia, mas que se eles soubessem bem inglês esse ia ser o diferencial. E realmente era o diferencial. E era muito gratificante quando eles voltavam: “Olha, eu entrei, mas estou, assim, meio na dúvida”.**

I. S. – Nossa.

**A.N.S. - Então para nós, depois na sala dos professores, a gente ficava emocionada.**

I. S. – Ah, com certeza.

**A.N.S. – Muito, muito.**

**I. S. – Poxa, tanta coisa, era uma luta para chegar até ai! É o resultado, não é?!**

**A.N.S. - Era aquilo que a gente plantou, que estava colhendo. Hoje meus médicos foram meus alunos de Colégio.**

**I. S. – O Notre Dame formou muitos médicos. Eram boas as turmas de biológicas, não é?!**

**A.N.S. – O meu ortopedista é formado no Colégio, e ele tem um lado humano tão bonito, ele opera as crianças no Boldrini.**

**I. S. – Qual o nome dele?**

**A.N.S. – Alejandro Enzo Cassone. Ele é o ortopedista do Boldrini. As crianças, mesmo se ele amputa a perna, elas adoram o Alejandro!**

**I. S. – Olha só!**

**A.N.S. - E às vezes eu brinco: “Pois é, ele foi meu aluno”, “Ai, nossa!” (Risos).**

**I. S. – Quantos anos mais ou menos ele tem?**

**A.N.S. – Ele tem a idade do meu filho, 50 e pouco. Ele deve ser da sua turma.**

**I. S. – Deve ser do meu ano...**

**A.N.S. - Ele era um menino muito reservado. Ele e o meu oftalmologista, ele tem uma clínica lá na Nova Campinas, em frente à Igreja da Nova Campinas, Ivan Vallim Brisola.**

I. S. – Sim! Também era do Notre Dame. Eram muitos médicos, muito médicos.

A.N.S. – **Era. A família toda Brisola era do Notre Dame. Tem os Affonso Ferreira, que foram nossos alunos, hoje todos foram meus ex-alunos, menos o ginecologista, certo?**

I. S. – (Risos). **Então acho que a gente já falou um pouquinho do relacionamento com os irmãos.**

A.N.S. – **Excelente! Eles sempre davam apoio à gente e sempre falavam da importância de nós trabalharmos juntos, como uma estrutura junta.**

I. S. – E essa coisa de darem certa carta branca para vocês trabalharem.

A.N.S. – **Sim, sim! Eles tinham bastante cuidado, sempre estavam andando, conversando com os alunos.**

I. S. – **É, eu lembro muito disso.**

A.N.S. – **Os colegas e professores, muito bons. E com a Direção, eu me sentia valorizada sim!**

I. S. – Se sentia valorizada?

A.N.S. - **Sim. Não sei se é porque eu ensinava a língua que eles falavam.**

I. S. – Sim, sim.

A.N.S. - E a língua para mim, eu era fluente, entende? Oito anos de vivência fora.

I. S. – **Sim, exatamente! Então tinha todo um respeito, assim. Eu sinto que eles iam atrás dos professores, pra ver quem que era bom...**

A.N.S. – **Sim. Meu filho (Ricardo Nilson Sgarbieri) se formou médico, dois anos depois se casou e os irmãos foram no casamento dele.**

I. S. – Olha só!

A.N.S. – Entende? Então foram três irmãos.

I. S. – Que era o Pedro.

A.N.S. – O Pedro, o “gordinho” ...

I. S. – O Guilherme St. Romain.

A.N.S. – O Guilherme, e o Irmão Ricardo Burgie.

I. S. – O Irmão Ricardo! Ai olha que graça. A memória afetiva...



**A.N.S. – Eu falei “Não vai falar pra ele se pode fazer interurbano” (brincavam com irmão Ricardo Burgie porque estes tinha orelhas grandes”).**

I. S. – Ah, no casamento você falou isso?

A.N.S. – É.

I. S. – A senhora lembrou-se disso, e eu sempre me lembrei disso também.

A.N.S. – Na relação com os alunos foi muito assim, quando era problema, algumas crianças eram mais levadas, eu estranhei muito quando entrei no Colégio porque os meninos da 5ª série falavam “Tia” para mim, porque vinham do primário com “Tia”. Chamavam de “Tia”.

I. S. – De Tia, é ...

**A.N.S. - E eu nunca vou esquecer de um que é médico hoje, uma pessoa muito simpática, lá do Penido (Hospital Penido Burnier).**

I. S. – Sim.

A.N.S. - E eu sempre exigia muito da 5ª série que eles pronunciassem bem as palavras como *this*, *that*, e eu fazia careta, lógico, para exagerar.

I. S. – Sim...

A.N.S. – Lógico, para exagerar. Um dia ele olhou para mim e falou: “Tia, você já trabalhou no circo?”. Nunca eu vou esquecer da *vozinha* dele, porque eu fazia tanta careta: “Tia, você já trabalhou no circo?”. Na 5ª série, eu achei tão bonitinho!

I. S. – Nossa! E era esse menino?

A.N.S. – Esse menino “Mais” (família) que hoje é médico lá da família do Hospital Penido Burnier, uma gracinha, educado!

I. S. – Foi por causa das caretas...

**A.N.S. - É! Eu fazia tantas caretas para explicar para eles na 5ª série.**

I. S. – Uma coisa performática, não é?! E aí ele não deixou passar.

A.N.S. – Ele perguntou tão bonitinho se eu tinha trabalhado no circo.

I. S. – “Tirou uma”.

**A.N.S. – É. Os alunos tinham liberdade.**

**I. S. – Tinham, não é?! Eu me lembro da sua aula que assim, enquanto eu não acertava aquilo eu demorava. No começo foi um trauma, aí até: “Ah, conseguiu!”, aí passava. Às vezes ficava lá na carteira... (estalos de dedos para indicação temporal).**

A.N.S. – Mas é assim, eu acho que gostavam muito.

I. S. – Aham! Com certeza!

**A.N.S. – “O que me surpreendeu de uma forma positiva?” A disciplina, os meninos, 90% dos pais davam todo o apoio também para o que a gente fazia. Isso era muito importante. Não ficavam como hoje em dia.**

I. S. – Ah, que é muito mais complicado.

**A.N.S. – É! Hoje em dia as crianças criticam os professores e os pais também.**

I. S. – Batem nos professores.

**A.N.S. – É. Uns absurdos assim.**

I. S. – Os alunos eram...

A.N.S. – Disciplinados?

I. S. - ... interessados na matéria?

A.N.S. – Nem todos.

**I. S. – Como é que você prendia a atenção? Isso de passar em cada carteira fazendo exercício, todo mundo tinha que ficar...**

**A.N.S. – É, eu achava que todos, e até hoje eu acho, que se você tem uma classe, todos têm que estar prestando atenção. Não dá pra ficar como hoje.**

I. S. – E dessa maneira ficavam, porque ia chegar sua vez, todo mundo ficava ligado.

A.N.S. – Claro!

**I. S. – Eu lembro que eu ficava quietinha.**

**A.N.S. – Então isso eu percebia depois na universidade que não era assim. Então isso também me aborrecia.**

I. S. – Sim.

**A.N.S. - Porque elas estavam perdendo um tempo da vida que poderia ser aproveitado.**

I. S. – Sem estar aprendendo, não é?!

**A.N.S. – Não é? Mas de um modo geral eu acho que os alunos eram interessados, porque inglês era também uma disciplina que estava no filme, estava em várias coisas, certo?**

**I. S. – Sim, todo mundo queria saber.**

**A.N.S. – Aprender um tanto, não é?**

**I. S. – Você lembra de conhecer as famílias, de conhecer o aluno pelo nome?**

**A.N.S. – Sim! No comecinho eu não conhecia.**

**I. S. – Não.**

**A.N.S. – Mas depois eu sabia bem!**

**I. S. – Sabia quem era quem. (Risos)**

**A.N.S. - Especialmente depois que criaram o carômetro. Daí ficava bem fácil, a gente tinha o carômetro dentro da... Quando eu comecei eu não sabia nem o que fazer com aqueles diários de classe. Se levava pra casa, não levava. Então uma das coisas que os alunos achavam sempre assim: “Poxa, professora, você não esquece onde a gente tinha parado na lição anterior”.**

**I. S. – Sim! A questão certinha.**

**A.N.S. – Mas porque estava marcado e porque para dar aula no Notre Dame eu preparei um semestre de aulas. Eu levava tão a sério o que eu fiz que eu preparei com provas e tudo, tinha que chegar até ali, certo? Porque eu tinha medo de ir dar aula um dia e não saber onde eu tinha parado. Eu tinha traumas da faculdade quando o professor falava “Onde mesmo que a gente ficou na última aula?”, aí eu me sentia tão mal.**

**I. S. – Então era uma exigência sua, não é?!**

**A.N.S. - Eu cobrava de mim mesma bastante isso. “Em que medida sentiu que seu trabalho interferiu...”, isso nós falamos.**

**I. S – Isso.**

**A.N.S. - Na aprovação nas melhores universidades, e muitos falavam: “É mesmo, o inglês fez a diferença, eu lembrei que você falou”.**

**I. S. – De puxar mesmo, foi puxar também, não é ?!**

**A.N.S. – Ah, sei lá, eu acreditava tanto naquilo que eu fazia!**

**I. S. – Exatamente. Em relação ao seu desempenho como professora, buscava complementar a formação, realizava cursos, era incentivada pelos irmãos?**

A.N.S. – Eu sempre fazia na época que eu estava só no Colégio, eu tinha muito contato com as editoras, então o que tinha de mais novo, o que eles... era a maneira de nós podermos melhorar a ideia daqueles livros de ler. Foi quando eles começaram a editar esses livros simplificados e tudo.

I. S. – Nossa, você se lembra.

**A.N.S. – E foi uma coisa maravilhosa. Para você ver, foi dado para todos os alunos. Uns aproveitaram. É que nem a história do semeador, quando Deus semeou, nem tudo...**

I. S. – Eu guardo até hoje. Eu nunca tive coragem de dar (os livros de inglês embora), e olha que eu já doe livro pra sebo, mas esses, eu não sei, porque foi tão importante para mim que eu não tinha coragem.

A.N.S. – É, e tinha gente que pedia para alguém ou outro ler e contar (a história), umas coisas assim, entende? É jogar a semente que caiu na pedra.

I. S. – Eu acho que as dificuldades com as disciplinas a gente já conversou um pouquinho.

A.N.S. – É.

**I. S. – Como a senhora olha para a formação inicial, qual é a avaliação da trajetória? Voltar um pouquinho e fazer... e que acho que já falamos, não é?!**

**A.N.S. – É o que a gente falou. Acho que foi muito assim, eu tinha uma vontade muito grande de ensinar, de transmitir alguma coisa que eu sabia. Uma coisa que não é como professora, é que eu faço mantas de crochê para adultos e para crianças, para dar em creche, essas coisas, e eu faço isso à noite, enquanto... eu não assisto televisão, eu ouço a televisão. Então eu sempre achei que você pode produzir alguma coisa para o outro. Aquele pacote lá (aponta para pacote) é uma manta para uma criancinha, que eu faço uma atrás da outra, a outra está lá que eu estou fazendo agora. Elas são sempre iguais, porque eu não sei mudar. Foi minha irmã que me ensinou lá nos Estados Unidos, é típica de lá.**

I. S. – Olha só!

A.N.S. – E sei lá, é importante. Às vezes eu não tenho a criança para dar, na época que eu estou fazendo, mas eu sempre “oro” pelas crianças que vão usar enquanto eu faço isso.

I. S. – E aí aparece a criança.

A.N.S. – Ya!

I. S. – Olha só, que legal!

A.N.S. – Ou então se alguém que eu conheço ficou grávida, então eu faço, certo?

**I. S. – A questão da doação que sempre foi a sua vida.**

A.N.S. – **Me traz muita alegria poder fazer isso.** E eu acho que Deus fez coisas muito boas.

I. S. – Sim! Eu acho que você até já falou um pouquinho, mas a partir da sua experiência, como você acha que deve ser a formação do professor hoje? Assim, com tanta dificuldade que o professor tem hoje, não é?!

A.N.S. – **Você nunca deve procurar ser professor procurando dinheiro, quanto paga, quanto você vai ganhar. Isso você faz na indústria. Você vende seu conhecimento numa indústria, mas você não vende seu conhecimento numa escola.**

I. S. – Não é mercadoria.

A.N.S. – Não. É um dom que Deus deu para você.

I. S. – E são valores, eu acho. Não tem preço.

A.N.S. – **Valores! O “vender” você vai à instituição fora, nunca na educação, nunca. “Se eu ganho mais, eu faço mais”. Então não vá ser professor.**

I. S. – Porque são valores principalmente, não é?!

A.N.S. – São!

I. S. - **E você tem que acreditar e viver aquilo. É de uma responsabilidade muito grande ser um educador.**

A.N.S. – **É! Sim! Quando eu saí da indústria eu falei para o meu chefe. Ele sabia que eu ia para o Notre Dame e que eu ia ganhar menos. Era um americano. E eu falava: “Mas eu quero estar lá fora, eu quero deixar um pouco de mim para alguém. O dia em que eu morrer...”.**

I. S. – Interferir um pouco na criação daquela pessoa.

A.N.S. – **Ajudar de alguma forma. Pelo menos tentar. E ele dizia para mim: “Mas Astrid, a gente tem um escritório todo aberto, você vê tudo lá fora, e tem todo mundo aqui no escritório”. Eu falei: “Mas no fim do ano, eu escrevi tantas cartas, transcrevi, fiz tantas cópias. Essas coisas ficaram dentro de um arquivo, tá?!”**

I. S. – Não passou...

A.N.S. – **“Eu não quero isso”. Então eu fiquei muito feliz, e eu acho que a insistência do irmão Pedro foi uma coisa muito boa, porque na indústria é dinheiro.**

I. S. – Olha só! Que interessante isso, não é?!

A.N.S. - É triste você falar “vender o conhecimento”, mas é assim mesmo.

I. S. – Mas é assim mesmo. E o ensino hoje no Brasil com essas medidas, não sei se você acompanha essa nova PEC (Proposta de Emenda Constitucional), essas coisas...

A.N.S. – Sim! Eu não sei se isso vai dar certo.

I. S. – Por quê?

A.N.S. - **Primeiro lugar porque você tem que valorizar o professor, dar as ferramentas que ele precisa para ser um bom professor, e ele tem que querer ser um bom professor. A escolha hoje em dia... Eu tenho acompanhado um tanto a escolha que as crianças podem fazer muito cedo na vida. Eu não sei se elas estão preparadas para isso.**

I. S. – De escolher muito cedo a profissão? Aos 15 ou 16 anos.

A.N.S. – “Eu quero ser professora, eu quero ser não sei o quê”. Eu não sei se isso é influência da mídia, porque na minha época os alunos chegavam ao colegial, eles não tinham bem certeza às vezes. A gente sentava e conversava com eles, principalmente os professores das matérias de biológicas, de exatas, que os alunos não tinham bem certeza, eles procuravam esclarecer. Então isso já era terminando o colegial. Hoje em dia já é bem mais cedo. Eu não sei se isso tem a ver com a mudança no mundo, com a tecnologia, o acesso que eles têm à internet. E outra coisa, hoje em dia você tem uma escolha tão grande, tão grande de profissões.

I. S. – De profissões, não é?!

A.N.S. - **Você tinha o engenheiro, hoje em dia tem mecatrônica, engenheiro mecânico...**

I. S. – **Sim, muito mais diversificado.**

A.N.S. – **Muito. Então não sei se é ...**

I. S. – **E mesmo assim, eu acho que hoje você faz a graduação, você pode fazer um Mestrado. É muito interdisciplinar.**

A.N.S. – **Oh, Ya. Sim, muito. Eu não sei se as crianças nessa faixa etária têm maturidade...**

I. S. – Para definir aquela coisa, não é?!

A.N.S. – **Claro que pode mudar lá na frente, mas *I don't know*, precisa pensar um pouco. Eu não sei, vamos ver como isso vai caminhar.**

I. S. – **Por exemplo, para mim, uma futura professora, espero, de uma universidade, se você tivesse que passar um segredo de sucesso como professor, qual seria? Da dedicação?**

A.N.S. – **Dedicação, amor. Acima de tudo amor. Amor e dedicação, atualização.**

I. S. – Que é muito importante.

A.N.S. – Constante.

I. S. – **Nunca parar de aprender?**

A.N.S. – **Não, não. E construir o conhecimento com os alunos, porque ninguém detém...**

I. S. – Porque eles já trazem muitas coisas.

A.N.S. – **É! Quando eu estava terminando meu Mestrado eu perguntei na classe na universidade se tinha alguém que poderia digitar algumas coisas para mim, que eu pagaria e tudo mais, e uma aluna veio e disse: “Eu não vou digitar para a senhora, eu vou ensinar a senhora a usar o computador”.**

I. S. – Olha só!

A.N.S. - **Foi uma lição de vida! E ela trabalhava na Unicamp, aos sábados ela vinha. Era uma boa aluna da PUCCAMP e tudo.**

I. S. – Que ensinou?

A.N.S. - Foi ela que me ensinou.

I. S. – E é muito importante, nunca parar de aprender.

A.N.S. – **Exatamente. Então (se referindo ao questionário), “O que você gostaria de comentar...”. Eu acho que o seu trabalho é lindo!**

I. S. – A gente tá quase encerrando, não é?! Obrigada! Quando eu quis fazer, claro que é por uma questão acadêmica, eu gosto muito dessa área de arquivo, e os arquivos escolares...

A.N.S. – Mas você faz isso por amor, bem!

I. S. – É, eu acho que tem mais coisa aí nessa história. Acho que foi também para rever a minha história.

A.N.S. – Sim!

I. S. - Eu estou revendo tudo isso e estou me repensando enquanto pessoa. Estou me desconstruindo para construir uma nova Isabela. (Risos). E o tempo todo.

A.N.S. – É, Isabela, você vai quer, quando você fica mais velha isso acontece com muita frequência.

I. S. – E como é bom, porque a gente tira aquelas amarras de algumas ideias que você fica sustentando ali. Você fala “para que isso?”.

A.N.S. – Às vezes eu levo umas crianças da igreja para visitar pessoas mais doentes, mais idosas da igreja, eu sempre falo para eles: “Não perguntem para ele o que ele vai fazer amanhã, porque o idoso não está pensando tanto no amanhã, semana que vem, o que vai fazer”. Pergunte para ele o que ele fez ontem, isso é importante!

I. S. – Isso é importante.

A.N.S. - **Porque ele tem isso, ele tem uma memória.**

I. S. – Por que ele tem essa memória, não é?! E a vivência dele.

A.N.S. - **Pergunte para um adolescente de uns 13 anos: “O que você fez ano passado?” “Ah, sei lá”.**

I. S. – É!

A.N.S. - **Agora, pergunta para um idoso o que ele fez. Isso é o referencial, isso a criança tem que sentir.**

I. S. – E ele já pensou sobre aquilo também.

A.N.S. – Exatamente.

I. S. – **Então quando ele fala também, ele já viveu, ele já pensou sobre aquilo, ele já repensou sobre aquilo, ele resignificou, então é mais interessante ainda, porque ele já analisou...**

A.N.S. – **É! Porque você pega uma pessoa de 80 anos, por exemplo, fala para ele: “O que o senhor vai fazer semana que vem, mês que vem?”. É uma incógnita, poucos têm muitos planos assim em longo prazo.**

I. S. – Sim! Mas o que foi feito, não!

A.N.S. – É a diferença.

I. S. – É o diferencial!

A.N.S. - **Você fala para uma criança, ela fala: “Vou jogar futebol”, “Vou fazer não sei o que”. O idoso não. Ele tem outras referências.**

I. S. – Eu acho que também tem essa coisa de como viveu, experienciou, e muito tempo, talvez, uma mesma situação, eu acho que depurou mais.

A.N.S. – É!

I. S. - **É que nem o azeite, o vinho, vai ficando cada vez melhor.**

A.N.S. – **É. Tem sempre o lado do sofrimento, não é?! As pessoas sofrem. Quem passou pela vida e não sofreu, só passou pela vida, não viveu.**

I. S. – Só passou pela vida, não viveu de jeito nenhum.

A.N.S. – **Eu acho seu trabalho maravilhoso! Desde o primeiro dia que você falou para mim.**

I. S. – Ah, então, e eu, agora que estou entrevistando as pessoas, estou ficando cada vez mais maravilhada com esse cotidiano, que eu não vou achar isso em outros documentos, não é?!



Então... E a reação das pessoas também, que eu acho que está sendo muito importante também revisitar essas pessoas. Todo mundo está gostando de ser entrevistado.

A.N.S. – Você fez o Razera, você fez o Piovezani já? (Adalberto Piovezanni)

I. S. – Não. Não cheguei nele, mas quero fazer todo mundo

A.N.S. – É, o Piovezanni é uma pessoa interessante, ele é muito reservado, **ele dava aula na PUCCAMP e no Notre Dame também.**

I. S. – É! Isso de vocês falarem de vários colégios, de toda essa comparação, para mim é muito rico, porque aí eu já estou pensando em outras coisas. (Risos). Eu já estou aqui, mas fico pensando em outras coisas.

A.N.S. – É, a gente pode fazer... **Têm parâmetros para medir o Colégio, por exemplo. Eu às vezes não me conformava que a Puccamp tinha umas atitudes, sabe?** Se a gente pensa em humildade, de uma das alunas que eu tive que foi muito humilde na Puccamp foi a Sandy (cantora famosa e atriz). Ela foi minha aluna na Puccamp.

I. S. – Ela fez Letras, não é?

A.N.S. – Fez.

I. S. – E ela estudou no Notre Dame, era ex-aluna.

A.N.S. – Ela eu encontrei na Puccamp. Ela nunca pediu nada especial, nunca falou em nenhum momento: “Não fiz isso, não pude vir para a prova porque estava num show”, qualquer coisa assim. Então foi uma boa lição, sabe.

I. S. – É, porque tinha tudo para ser estrela.

A.N.S. – Sim, poderia ser assim. Então ela não fez uns exames, umas provas, não podia vir, ela falava, pedia pelos caminhos normais, documentação para fazer outra prova, e se você perguntasse, então ela poderia falar para você. Mas assim, uma menina muito meiga e humilde.

I. S. – Então, e eles foram alunos do Notre Dame.

A.N.S. – Foram, os dois.

I. S. – Mas não foram alunos seus.

A.N.S. – Não, eu encontrei na universidade, eu já estava só na universidade, não faz tanto tempo. É, foi na época que o curso de Letras veio aqui para o campus, e ela foi minha aluna lá em Letras na Cidade.

I. S. – Entendi. Ali no centro, não é?

A.N.S. – No Centro. Na Rua Barreto Leme. Ela era uma das meninas que trazia lanche de casa e sentava na escada para comer.

I. S. – Olha só!

A.N.S. – Porque não dava pra ir lá pra baixo. Ela foi muito bonita, ela ajudou um pessoal numa formatura.

I. S. – Tem um rosto muito bonito.

A.N.S. – Muito.

I. S. – Um rosto muito bem feitinho. Maior bonequinha, não é?!

A.N.S. – E ela é assim por dentro também.

I. S. – Olha só! Que graça, bom saber isso. **Astrid, então em relação a algum documento, isso não foi guardado?**

A.N.S. – **Eu não tenho.**

I. S. – Mas tudo bem!

A.N.S. - Eu tinha fotografia do Colégio, mas eu não tenho nem o livro do Colégio. Porque eu sai...

I. S. – Isso tem lá, viu?! Eu vou conversar com o....

A.N.S. – Quem que a gente poderia procurar?

I. S. – Eu converso com ele, o Frederico Almeida. Porque eu lembro que alguns professores tem o livro.

A.N.S. – Agora, se você quiser conversar com o professor Fernando (Fernando Henrique Machado).

I. S. – Eu vou anotar.

A.N.S. – Eu acho que eu até tenho o e-mail dele.

I. S. – Bom, eu vou encerrar, para poder desligar e depois a gente conversa. Eu queria agradecer muito a entrevista.

A.N.S. – **Eu é que agradeço. Que eu achei muito bom!**

I. S. – Eu fico emocionada também, porque você foi muito importante na minha vida profissional, porque o inglês sempre me ajudou muito, e eu sempre gostei muito. Entrei na faculdade, no vestibular foi a minha melhor nota, então ficou assim, você tinha essa coisa de ser uma professora enérgica, mas tenho um carinho muito grande e agora refazendo o trabalho. Então queria agradecer a entrevista, agradecer de ficar todo esse tempo comigo...

A.N.S. – Foi muito bom!

I. S. - Dar o seu tempo para mim, que é uma preciosidade.

**A.N.S. – Acho que antigamente eu tinha medo de mostrar os meus sentimentos, abraçar os alunos, tudo porque eu achava que isso depois eles não iriam mais respeitar e tudo mais...**

I. S. – Eu sou muito chorona. Eu sou a chorona, então obrigada, agradeço muito.

A.N.S. – Foi muito bom.

I. S. – Vou encerrar e a gente dá um abraço (Risos).

**FIM DA ENTREVISTA**

## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                                                                                                                                                                                                     |                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| <b>Nome: João Baptista da Silva Carvalho</b>                                                                                                                                                                                                        |                          |
| Data de nascimento: 05 de abril de 1931                                                                                                                                                                                                             |                          |
| Local de nascimento: São Manuel, São Paulo.                                                                                                                                                                                                         |                          |
| Endereço: Av. Andrade de Neves nº 292, apto. 201                                                                                                                                                                                                    |                          |
| Bairro: Centro                                                                                                                                                                                                                                      | CEP: 13030-160           |
| Cidade: Campinas                                                                                                                                                                                                                                    | Estado: São Paulo        |
| Telefone: (19) 3236-5082                                                                                                                                                                                                                            | Celular: (19) 99735 2667 |
| Documento de Identidade: 2071590-0                                                                                                                                                                                                                  |                          |
| Profissão atual: Professor aposentado                                                                                                                                                                                                               |                          |
| Profissões anteriores: Orientador Educacional. Entre 1979 e 1981 exerceu o cargo de Diretor do Sindicato dos Professores de Campinas/SP. Atua como contador na Sociedade São Vicente de Paulo (Associação Beneficente) desde 1982, sem remuneração. |                          |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                   |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Conferência da transcrição:                                |
| Local: Campinas - SP - Brasil /Residência do entrevistado  |
| Data: 12/01/2017                                           |
| Duração: 48'                                               |
| Páginas: 19p.                                              |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Identificação do entrevistado: dados pessoais; a aposentadoria definitiva como professor em 2003; sobre sua formação escolar: Curso Normal em Agudos/SP (Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração); a graduação em Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Puccamp (Campinas, SP) (1950-1953); o Cônego Agnelo Rossi: Cardeal em Roma, professor de Filosofia, e a motivação para cursar Pedagogia na Puccamp; os cursos de matemática e a licenciatura para lecionar no curso colegial; primeiro colégio onde atuou como professor normalista, na alfabetização de alunos no curso primário: Liceu Nossa Senhora Auxiliadora em Campinas/SP; outras instituições onde lecionou em Campinas: Colégio Diocesano Santa Maria, da Arquidiocese de Campinas - atual Pio XII, Ginásio Estadual Campineiro (Colégio Batista)? e Escola de Comércio Bento Quirino; as aulas de matemática comercial no Bento Quirino, logaritmos, problemas de juros compostos e o trabalho como orientador educacional; as escolas

técnicas na atualidade; a Escola Estadual Professor Mário Giannini e a diretora Enéa Caldato Raphaelli (vice-prefeita de Campinas); o início das atividades no Colégio Notre Dame de Campinas; a indicação do Professor Mário Giannini e a aplicação dos Exames de Admissão (1961); as aulas no 2º ano do Ginásio Notre Dame junto com irmão Tomé (Thomas Charles Chady), professor de matemática; a atuação como orientador educacional: Colégio Notre Dame e Escola de Comércio Bento Quirino; o trabalho como professor substituto na Escola Normal Livre Campineira (disciplina: Filosofia da Educação); aulas de desenho e matemática até “o fim da vida”; o encerramento do Colégio Diocesano Santa Maria e a constituição do Colégio Pio XII: colégio de complementação para os alunos cumprirem o estágio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Puccamp; os professores do Colégio Diocesano Santa Maria que seguiram para o Pio XII (Carlos de Aquino Pereira); as aulas de matemática, desenho (e história) no Ginásio Pio XII até o ano de 1999; os irmãos da Congregação de Santa Cruz e as dificuldades com a língua portuguesa; sobre a primeira turma do Ginásio Notre Dame; a propaganda no comércio na cidade para divulgar o novo Ginásio: “O Cavalheiro do Notre Dame”; o planejamento das aulas; inovações e viagens dos alunos para o exterior; o orgulho de trabalhar no Colégio Notre Dame; a remuneração diferenciada; outros professores do Notre Dame: Ivan Lotti Craveiro, João Alves de Araújo Júnior; a licença para trabalhar como Diretor no Sindicato dos Professores de Campinas em 1979; os conflitos no Sindicato dos Professores; a filosofia educacional do Colégio Notre Dame e a formação pessoal dos alunos; o professor de ciências, o irmão Ricardo Burgie e as saídas de estudos; a disciplina no Colégio Notre Dame: detenções e a “limpeza” da escola; o crescimento do Colégio: o aumento no número de alunos entre anos de 1980 e 1990; sobre o relacionamento com os irmãos da Congregação de Santa Cruz: Guilherme St. Romain, irmão Edwin, irmão Pedro Celestino Maranto e irmão Jerônimo Schwabe; as reuniões semanais de planejamento com o Diretor, orientadores e professores; a atuação da Associação de Pais e Mestres (APM); a valorização profissional; as particularidades do Colégio Notre Dame e a comparação com outros colégios; a saída dos irmãos do Colégio; os métodos utilizados nas aulas de matemática; o estímulo do aluno e os trabalhos realizados em equipe; as atividades extras de matemática na sala de aula; as “curiosidades matemáticas” e a intenção de escrever um livro; o trabalho em equipe dos alunos e a classificação individual por pontos; a influência do professor na vida e formação dos alunos; as reuniões com os pais sobre o desempenho escolar dos alunos; sobre realização profissional; a divulgação dos métodos de trabalho e didática para alunos de Bragança Paulista (SP); a chegada em Campinas, os primeiros anos na cidade e o vestibular; o contato com o Professor Antônio Raia (Pedagogia); o descuido com a educação nos dias de hoje: críticas à progressão continuada; as outras escolas onde lecionou: aulas de trabalhos manuais; reprovação de alunos: comparação entre o Notre Dame e outros colégios; o segredo do sucesso profissional; o empenho profissional; aulas no período noturno na Academia de Comércio São Luiz; as saudades dos anos em que atuou como professor e os sonhos com as aulas; as aulas particulares de matemática após a aposentadoria; o encontro com os ex-alunos: Carlos Sampaio, vereadores, médicos da família Morelli; os problemas de saúde na atualidade; o encontro com outros professores do Colégio Notre Dame nos dias de hoje: Carlos Aquino Pereira, Jamil Cury Sawaya (ex-diretor do Notre Dame e atualmente orientador educacional), Hernani Godoy Júnior e Antônio Grando; finalização da entrevista e agradecimentos.

## **Início da entrevista**

I. S. – Entrevista com o Professor João Baptista da Silva Carvalho, Campinas, 12 de janeiro de 2017. Entrevistadora, Isabela Cristina Salgado. Essa entrevista faz parte do projeto de Doutorado “A História do Colégio Notre Dame de Campinas e a Memória Institucional como Processo Socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”, que está em desenvolvimento no Instituto de Educação na Universidade de Lisboa.

Bom Professor, eu gostaria que o senhor começasse a entrevista se identificando, que o senhor falasse o seu nome, o local onde estamos, a sua data de nascimento, onde o Sr. vive hoje e sua ocupação atual.

J.B. – Eu sou João Baptista da Silva Carvalho, nascido em São Manuel (SP), perto de Bauru, Agudos, e vim para Campinas em 1949, para poder fazer aqui a Faculdade, por que por lá não existia Faculdade naquela época.

I.S. – Que ano que o senhor nasceu, a data?

J.B. – 5 de abril de 1931. Tenho hoje 86 anos, “mais ou menos”.

I.S. – E atualmente o senhor está aposentado?

J.B. – Estou aposentado desde 2003, que eu aposentei de tudo. Aposentadoria mesmo do INSS eu consegui em 1981, mas continuei dando aula principalmente no Notre Dame, e em outros colégios, mas me aposentei deixando a cátedra de uma vez em 2003, passando então simplesmente a fazer trabalhos particulares.

I.S. – Certo, a sua formação se o senhor puder me contar um pouquinho sobre os seus estudos, onde o senhor estudou, a faculdade para ser professor de Matemática, contar um pouquinho da sua formação.

J.B. – Eu comecei o ginásio lá em Agudos (SP), no Instituto Nossa Senhora do Sagrado Coração. Naquele tempo o ginásio era de quatro anos, e depois como não existia curso colegial, curso científico em Agudos, só existia em outras cidades, e eu não tinha poder de fazer isso, então eu fiz lá o curso Normal. Porque minha vontade mesmo já era fazer qualquer coisa baseada em Matemática, porque eu sempre gostei de Matemática. E o Normal, quer dizer, eu seria professor normalista, eu queria ser professor de ginásio. E lá depois que me formei vim para Campinas com a ajuda de meus parentes, e entrei aqui na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje a Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas). Existiam cursos para profissionalização, só que entre eles, para fazer o curso de Matemática, eu teria que ter o curso científico, e eu não tinha.

I.S. – Sim.

J.B. – Inclusive, então o Diretor naquele tempo, Monsenhor Salim (Monsenhor Emílio José Salim), ou até o Diretor Geral que era o Cônego Agnelo Rossi, que chegou a ser Cardeal lá em Roma, nosso Professor de Filosofia. Ele que me instruiu para que eu fizesse o curso de Pedagogia porque no curso de Pedagogia eu poderia lecionar Matemática até para o ginásio. Então eu resolvi fazer. Terminei o curso...

I.S. – Que ano?

J.B. – Eu vim para cá em 1950 até 1953. Formei-me em 1953. E realmente durante o curso de Pedagogia eu fugia muitas vezes para poder assistir as aulas de Matemática, num outro curso que eu tinha amigos lá, sempre gostei de Matemática. Então depois de formado eu fiz vários cursos de Matemática, inclusive na rede estadual para poder chegar a ter o meu cartão de identidade, naquele tempo chamado nosso “cartão de ensino”, não é? Feito pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura). Então eu tive que fazer tudo isso daqui para poder receber depois a minha Licenciatura, para poder lecionar também no Colegial. Eu tive licenciamento para lecionar Matemática, Desenho, História e todas as matérias do Curso Normal, não é? Psicologia, Sociologia, Filosofia.

I.S. – Mas escolheu a Matemática.

J.B. - Escolhi a Matemática de tudo isso. Comecei dando aulas de Desenho.

I.S. – E qual foi a 1ª escola que o senhor deu aula?

J.B. – A primeira escola que eu lecionei foi o Liceu Nossa Senhora Auxiliadora (Salesianos). Comecei dando aula no Primário, ainda não tinha terminado a faculdade, mas como eu já era normalista, e tinha direito, eu comecei lá dando aula no Primário, alfabetizando.

I.S. – Olha só!

J.B. – Eu alfabetizei muitos (alunos) que hoje são grandes pessoas por aí.

I.S. – Puxa vida. E quais outras escolas que o senhor deu aula?

J.B. – Daí do Liceu eu fui para o Colégio Diocesano Santa Maria, na época, que era o Colégio da Arquidiocese de Campinas. Depois eu lecionei no Ginásio Estadual Campineiro, que era, não sei se é hoje, o Colégio Batista de Campinas. Lecionei na Escola de Comércio Bento Quirino, ali no centro da cidade, fiz um curso muito grande lá com eles. Eles precisavam de um Orientador Educacional. Fui também Orientador Educacional deles lá, mas foi por conta da Matemática Comercial que eu fiz e participei. Mas mais foi por conta do que eu fiz e participei de muitas coisas porque dava aulas de toda a parte de Matemática Comercial, não é? Inclusive com trabalhos feitos através de logaritmos, que não existia calculadora naquela época, não existia nada disso. Então a gente fazia tabelas com logaritmos para eles poderem resolver problemas de juros compostos. E isso muito me ajudou, inclusive eu fiquei lá até o fim da minha vida quase. Saí de lá também em 2000 e pouco. Acabou a escola, não é? Porque hoje já não há escola técnica, uma escola profissional só (somente) de Comércio.

I.S. – Entendi.

J.B. – Então hoje nós temos escolas técnicas em que eles escolhem a parte comercial se quiser. Mas eu lecionei também depois na Escola Estadual Mário... Como é que se chamava, lá? (Mário Giannini) escola lá na Nova Campinas (bairro), tinha começado a Diretora lá Dona Enéa Caldato Raphaelli, não se você conhece? Ela foi Vice-Prefeita aqui em Campinas. Ela era

Diretora, me conhecia, me chamou para ir lá. E lá fiquei dois ou três anos lecionando. Nesse tempo todo chegou aqui em Campinas, o Colégio Notre Dame...

I.S. – Os irmãos...

J.B. – Os irmãos de Santa Cruz. E eles precisavam de um professor de Matemática para fazer os Exames de Admissão ao Ginásio. Lá nos Estados Unidos não precisava nada disso, mas aqui precisava. Então aconselhado pelo Professor Mário Giannini, que era o Diretor do Colégio Diocesano Santa Maria na época, ele me indicou para fazer esse exame. Foi o primeiro contato que eu tive com o Colégio Notre Dame de Campinas.

I.S. – 1960 ou 1961?

J.B. – 1961.

I.S. – Sim.

J.B. – Foi a primeira admissão (Exame de Admissão do Colégio Notre Dame). Depois, nessa primeira turma que eu fiz o Exame de Admissão, eu não lecionei, mas no 2º ano, que era o irmão Tomé (Thomas Charles Chady), que era o professor de Matemática deles, resolveu me ajudar, queria uma ajuda. Então ele ficou com a 1ª série, e eu fui para lá para dar aula na 2ª série. E lá fiquei até 2003.

I.S. – 2003, bastante tempo. Quais os outros cargos que o senhor teve no Notre Dame, que nós estávamos conversando?

J.B. – No Notre Dame o irmão uma vez me colocou como Orientador, porque eu tive curso de Orientador Educacional. Não gostei. Fiquei lá dois anos, fizemos muita coisa também, mas eu preferia sempre dar aula, quer dizer, estar dentro da sala de aula. Sempre gostei demais. Fui orientador no curso do Bento Quirino, no curso de Comércio, que eles precisavam de Orientador, e dei aula também durante seis meses substituindo uma professora na Escola Normal Livre Campineira, formação de professores normalistas, que era Formação de Professores Normalistas.

I.S. – Sim.

J.B. – E fui dar aula lá substituindo a professora de Filosofia da Educação, porque ela ficou grávida. Ela precisou pedir licença e eu dei dois meses de aula lá. Eu gostei, não queriam que eu saísse mais, mas eu saí. Falava muito das crianças, ela estava dando justamente a parte da iniciação da educação da criança. Então eu brincava muito, eu tinha meus filhos, muita brincadeira lá. Mas depois deixei também e nunca mais voltei com o estudo Normal, continuei com minhas aulas de Matemática e Desenho, e fui até o fim da vida. Depois acabou o Colégio Diocesano, e a Arquidiocese de Campinas fundou outro colégio, o Colégio Pio XII. Era o colégio de complementação para os alunos que terminavam o curso (Puccamp), para fazerem o estágio da Faculdade. E nesse caso a Arquidiocese não poderia ficar com dois colégios, que era o Diocesano e agora o Pio XII. Então nesse caso precisou fazer um reajuste na coisa e foi resolvido que acabaria o Diocesano, e o Pio XII ficaria no lugar. Mas eu já estava dando aula no Pio XII e lá (Notre Dame).



I.S. – O senhor sempre deu aula nos dois colégios?

J.B. – Não. Eu comecei no Diocesano, e depois só o Pio XII. E depois que eu fui para o Notre Dame, não é?

I.S. – Ah, sim.

J.B. – Depois que o Diocesano acabou, a Arquidiocese acabou (?) precisava ficar só com o Colégio Pio XII. Porque o Colégio Pio XII era no centro ali. Hoje é na Barreto Leme, por ali. (2ª sede do Pio XII: Rua Barreto Leme, Instituto de Letras/Puccamp).

I.S. – Próximo da Avenida Aquidabã. (Sede atual: Rua Boaventura do Amaral, nº 354. Prédio que sediou o Colégio Arquidiocesano Santa Maria. No mesmo prédio funcionou a Academia de Comércio São Luiz, no período noturno).

J.B. – É, por ali. Então, ali que tínhamos aula. Depois eles mudaram para o Colégio Diocesano Santa Maria, que até hoje tem lá o nome “dele”.

I.S. – Sim, sim.

J.B. – Então acabou o Colégio Diocesano Santa Maria. Então foi feito, e o Dr. Mário Giannini ainda era o Diretor, foi feita lá uma verificação pela Puccamp, para ver quais os professores do Colégio Diocesano que poderiam continuar no Pio XII. E foi escolhido eu, o Carlos Aquino (Carlos de Aquino Pereira), e mais duas professoras lá. Só nós quatro que continuamos no Pio XII, o resto foi tudo embora.

I.S. – Saíram.

J.B. – Eu fiquei no Pio XII nessa época, e eu continuei lá até 1999.

I.S. – Como professor de Matemática?

J.B. – Professor de Matemática e de Desenho, no Pio XII. Uma vez não tinha professor de história, precisavam de um professor de história.

I.S. – Olha só!

J.B. – Fui dar aula de História na 1ª série do ginásio.

I.S. – Puxa vida, bastante coisa. Como foi esse primeiro contato lá no Notre Dame? O irmão Tomé chamou... Porque eram só os irmãos que davam aula...

J.B. – Não... Eles já começaram chamando gente, por exemplo, eles davam aulas de inglês, de matemática, tinham a dificuldade da língua, não é?

I.S. – Tinham dificuldade?

J.B. – Eles tinham, não é? Porque era diferente. Por exemplo, o irmão Tomé tinha muita dificuldade. Ele trouxe um livro dele de lá que era todo em inglês, precisou traduzir, uma coisa

assim. Então quando foi no 2º ano resolveram abrir para os professores também porque só tinha 12 alunos a primeira turma...

I.S. – Eram poucos... Só meninos?

J.B. – Só de meninos. Daí então eles abriram para a 2ª turma, foi a grande propaganda “danada”, que inclusive no comércio colocavam cartazes nas ruas, dizendo que o lema do Notre Dame era: “Venha ser o Cavaleiro da Vida”, pode ver que o “negócio” lá é, como é que se chama aquilo que se põe na cabeça?

I.S. – Um elmo?

J.B. – Um elmo. Que era o “Cavaleiro do Notre Dame”.

I.S. – Sim.

J.B. – Era chamado “Cavaleiro do Notre Dame”, os alunos que estudavam lá. Então nós fomos para lá, para dar aula na 2ª série do ginásio. E lá eu fiquei até agora.

I.S. – Sim. Como era o planejamento com os irmãos? Como o senhor planejava suas aulas? Eles direcionavam isso?

J.B. – O conteúdo era igual aos dos colégios, normais, aqui do Brasil. Eles não poderiam seguir a ordem das coisas de lá. Tinha que ser daqui. Então a ordem tinha que ser feita daquela maneira que era feita aqui. Então eu dava as aulas normais de Matemática, só que tinha muita coisa nova, que foi o que chamou à atenção, não é? Por exemplo, colocavam “coisas eletrônicas” na sala de aula, para mostrar para os alunos; faziam passeios com eles (os alunos) para a Europa (?), tudo isso chamava à atenção, então o Colégio ficou sendo um colégio especial em Campinas.

I.S. – Inovador?

J.B. – Inovador de tudo, entende? E inclusive professor quando era chamado, ele sentia-se orgulhoso de dar aula no Notre Dame, não é? Porque era um colégio que era um “item lá de cima”, pagava melhor. Quer dizer, enquanto o Estado, por exemplo, pagava cinco reais a aula, vamos supor, “ele” (o Colégio) pagava vinte (reais).

I.S. – Nossa!

J.B. - Então os professores por esse motivo também gostariam de dar aula lá, não é? Daí foram aparecendo outros, nessa época o Carlos Aquino, o Fernando, (Fernando Henrique Machado) de Educação Física. Depois apareceram os outros: o Ivan (Ivan Lotti Craveiro), o João Araújo (João Alves de Araújo Júnior), e foi aumentando. E lá fiquei até hoje. Dei aula lá de Matemática, depois saí em 1979, por aí e fui eleito no Sindicato dos Professores, como Tesoureiro lá, então eu tive licença dos outros colégios que eu dava aula. Era por lei isso: eu poderia ir recebendo o ordenado (salário), que eu recebia no colégio. E deu até “encrenca” comigo, porque eu recebia bem, eu ganhava bem e lá no Sindicato os outros professores dos outros colégios ganhavam muito pouco. Então eu era tido como o Diretor do Sindicato “que ganhava demais”.

I.S. – Sim.

J.B. – Então, quando foi feita a eleição lá, uma das coisas da chapa anterior dizia isso: “Pode um Diretor de Sindicato ganhar tanto?”. Saiu até no jornal. “A roubalheira que está lá”! “Eles pagam tudo isso para ele!”.

I.S. – Nossa.

J.B. – Eu tive que me explicar para o jornal que era lei: eu tinha que receber o que eu estava recebendo nos colégios! Senão não poderia ir para lá, nem eu ia querer ir. Não ia ficar lá, sem ganhar dinheiro, sem ganhar nada! Então houve uma encrenca, fui Diretor do Sindicato nessa época, tiveram umas brigas “danadas” no Sindicato nessa época, nós ficamos lá muitos anos. Depois mais tarde nós fizemos a eleição lá, e outra turma, essa turma que está agora lá ainda, no Sindicato, veio de lá ainda. Era uma turma “dos contras”, brigavam dentro da Faculdade, brigavam em todo lugar. E conseguiram!

I.S. – Como o senhor vê a filosofia educacional do Notre Dame? Qual era a principal preocupação dos irmãos?

J.B. – A formação pessoal do aluno, não só saber, mas conhecimento de tudo, tanto é que eles levavam os alunos para passear, faziam excursões para isso e aquilo. O professor de Ciências, o irmão Ricardo (Ricardo Burgie), saía com eles para o meio do mato para caçar os bichos, passarinho, tudo, trazia, trabalhavam com coisas bem assim “bem típicas”, faziam visitas. Iam visitar os outros colégios para saber como é que era e levavam os alunos para ver, mostrando ao aluno a realidade da vida. E muito rigoroso no sentido de disciplina.

I.S. – Disciplina?

J.B. – Não rigoroso de brigas não, mas era uma disciplina diferente. Por exemplo, aluno que durante a semana criava problema lá, e era colocado para fora da aula, qualquer coisa, esse aluno recebia uma “detenção”.

I.S. – Sim.

J. B. – A detenção seria no sábado no Colégio, porque não havia aula, para fazer limpeza no Colégio. Então eram umas coisas assim. Era tudo diferente. Todos os outros colégios eram “abalados” por causa dessas coisas. Tanto é que o Colégio “subiu tanto” que, de 12 alunos, depois dez anos no máximo, tinha dois mil alunos!

I.S. – Sim, na década de 1980 e 1990.

J.B. – Já tinha isso, e daí foi para frente, não é? Os irmãos muito atenciosos procuravam dar tudo o que a gente queria, e ajudavam naquilo que precisava... Os alunos ajudavam muito.

I.S. – O relacionamento com os irmãos...

J.B. – Era muito bom.

I.S. – Essa parte profissional era...

J.B. – Eles têm o “tratamento” deles, quer dizer, o irmão Guilherme, por exemplo, era uma belíssima pessoa, o irmão Edwin...

I.S. – Amigos?

J.B. – É, é. Irmão Edwin, eu não sei se você conheceu?

I.S. – Sim.

J. B. – O irmão Edwin era “ponte-pretano” roxo! (Associação Atlética Ponte Preta = Time de Futebol da Cidade). Então, o que ele fazia? Ele levou lá (no Colégio), uma vez, um macaco (mascote do time).

I.S. – Ah, eu vi na foto.

J.B. – Um macaco junto com um jogador da Ponte Preta, para passear por lá (no Colégio). Isso tudo porque o irmão Pedro (Pedro Celestino Maranto) era bugrino (torcedor do Guarani Futebol Clube, o outro time da cidade). Então...

I.S. – Eles procuraram se integrar na sociedade.

J.B. - É! Iam para os campos (de futebol), assistiam aos jogos. Quantas vezes eu encontrei com o irmão Pedro, irmão Jerônimo (Jerônimo Dever) lá no campo de futebol, assistindo o futebol com a gente, e tinha... Eles faziam reunião toda semana, não é?

I.S. – Como eram as reuniões no Colégio, a frequência, e quais eram os temas tratados nessas reuniões, e como eram encaminhados esses resultados? As coisas fluíam, o relacionamento com os seus colegas também? O que o senhor lembra a respeito?

J.B. – Nós fazíamos reunião, tinha dia marcado, era separada do ginásio, outra do colegial. E cada professor levava as “coisas” que durante a semana houve com ele, sentiu, as preocupações, o que precisava ser feito. O Diretor também, a Orientadora, mostrava os casos no geral e comentavam-se particularmente as situações. Então tínhamos a explanação geral do que foi feito e do que seria feito. Então havia alguns problemas com os alunos, trazia para lá, para comunicar com os pais. “Quer que fale com os pais? Nós vamos conversar juntos”.

I.S. - A Associação de Pais e Mestres (APM) foi muito atuante no Colégio, não é?

J.B. – Foi bastante, bastante. Qualquer coisa que acontecia o irmão Diretor chamava primeiro a parte dos professores e a deles (APM), para conversar como é que iria resolver. Eles não tomavam a solução assim: “Vou fazer isso!”. Então era sempre assim: “O que vocês acham?”. Resolvia tudo ali. Era toda semana isso.

I.S. – E o senhor sentia-se valorizado enquanto Professor do Notre Dame?

J.B. – Sempre me achei.

I.S. – Sempre?

J.B. – Aliás, eles me valorizavam até demais! Pelo amor de Deus.

I.S. – Certo.

J.B. – Porque a gente fazia tudo o que podia. Era um Colégio que dava orgulho para a gente trabalhar. Os outros colégios era aquela coisa... Ali não, era um espaço, tinha jogos de um lado, campo de futebol, basquete...

I.S. – Tinha muita atividade!

J.B. – É, “Nossa Senhora”! Então todo mundo que pudesse fazer, traziam os alunos para assistir um filme, quando o filme era bom, eles traziam... Saíam da sala de aula, passavam um filme. Era diferente dos outros (colégios).

I.S. – Sim.

J.B. – Mesmo na maneira de dar nota, de dar aula, não havia intenção nenhuma. Nenhum irmão chegava e dizia: “Escuta, dê nota para ele”. Nunca aconteceu isso, por exemplo.

I.S. – Exigia-se do aluno, não é?

J.B. – É, é claro. Então era a formação do aluno. Quer dizer, hoje, por exemplo, eu encontro um aluno que vem de lá e eles falam: “Nossa senhora! Aprendi tudo da minha vida foi lá!”.

I.S. – Olha só!

J.B. – Não, porque realmente era um colégio... Não sei como é que está depois que eu sai de lá, parece que houve uma queda, não sei?

I.S. – Mudanças de direção.

J.B. – É porque a direção... Não tem mais irmãos, não é? Inclusive agora.

I.S. – É, tem poucos.

J.B. – É, acho que tem 1 ou 2, brasileiros, se não me engano.

I.S. – Exatamente. Aqui eu tenho mais uma pergunta. Quando o senhor iniciou o trabalho como professor, que foi lá em 1961 até 2003, não é? O que o senhor achou mais difícil na relação com os alunos e o que o senhor achou mais positivo, que hoje o senhor pudesse lembrar? Porque professor de Matemática, tudo mundo tem certo receio. E o que foi mais positivo na sua experiência?

J. B. – Justamente eu tive impressão, que por graça de Deus, os métodos que eu inventei deram muito certo. Então os alunos sentiam-se na minha classe, por exemplo, não como uma aula, eles sentiam que estavam numa partida, num jogo, um “negócio” assim, entendeu?

I.S. – O senhor tinha essa liberdade?

J.B. – Tinha essa liberdade de fazer o que eu quisesse. Então, por exemplo, eu trabalhava com os alunos, eles já sabiam todos eles ficavam naquelas filas únicas, não é? Quando eu ia dar aulas eles já se reuniam nas carteiras de quatro em quatro (alunos), porque eles trabalhavam em equipe desde o começo.

I.S. – Isso era uma característica do Notre Dame, não era?

J.B. – Começou... A maioria dos professores não fazia... (trabalho em equipe). Agora eu usava inclusive para as minhas aulas. Eu trabalhava com isso.

I.S. – Sempre em equipes.

J.B. – Em equipes. Chamada para lousa, por exemplo, eu tinha exemplo, um papel que, eles diziam que eu era louco de fazer essas coisas. Mas eu tinha um papel que eu tinha a relação das equipes com todos os alunos. E eu chamava um de cada equipe na minha aula, não deixava só um (..) agora poderia corrigir a lousa, se o aluno errasse qualquer coisa, eu não falava nada. Se algum aluno levantasse a mão e corrigisse, ele ganhava ponto para a equipe dele. Quer diz ele estava sempre prestando atenção na lousa para ganhar ponto. E eu formava essas equipes baseado nas notas. Eu pegava um ótimo aluno, um bom aluno, um aluno regular e aquele que tinha dificuldade. Agora para poder recuperar no fim do bimestre, todos deveriam ganhar aquela nota, então se esse aluno mal continuasse mal, ia prejudicar os outros. Então o que acontecia, os bons, os alunos bons, o melhor levava o colega para casa para poder ajudar!

I.S. – Puxava!

J.B. – Puxava porque precisava, não é?

I.S. – Entendi. Olha que interessante. Então era dessa forma que o senhor estimulava aquele aluno que tinha mais dificuldade, inclusive mais desinteressado...

J.B. – Isso! Muitas vezes eu chamava por equipe: “Equipe tal, vai para a lousa”. Eles escolhiam 1 (um) para ir na lousa. Só que aquele que foi na lousa, não iria mais até os outros irem. Na outra vez que eu chamasse aquela equipe, aquela primeira não poderia ir.

I.S. – Todos participavam.

J.B. – Tinha que ir o outro. Então quando chegavam a vez daquele que estava com dificuldade, eles preparavam o menino para poder ir à lousa. Depois eu fui combatido, fui combatido não, fui chamado à atenção porque achavam que eu estava fazendo isso e criando inimizade entre os alunos. Porque o aluno achava que tinha dificuldade era prejudicado, tinha que ir à lousa. Mas tudo isso eu “tirava” com conversa, falando, mostrando tudo o que acontecia, não é? E eu dava minha aula assim, tudo era em equipe. Isso desde a quinta série até o colegial.

I.S. – Até no Colegial?

J.B. – Fiz isso no Colegial. Não dei aula no colegial no Notre Dame, mas no Liceu eu trabalhava desse jeito com eles, e eles gostavam demais.

I.S. – Sim.

J.B. – Depois eu fazia esses trabalhos, que você viu aí agora de trazer coisas extras. Eles procuravam, por exemplo, “coisas” de curiosidades matemáticas, não é? Tipo assim, perguntas lógicas...

I.S. – Sim. Raciocínio lógico.

J.B. – Até que ponto um trem entra num túnel. Você conhece essa?

I.S. – Não.

J.B. – Até que ponto um trem entra num túnel?

I.S. – Não, não conheço.

J.B. – Você não sabe?

I.S. – Não (risos).

J.B. – Até a metade!

I.S. – Até a metade... Porque depois “ele” (o trem) está saindo (risos).

J.B. – Porque depois “ele” está saindo.

I.S. – Que ótimo isso! Muito bom!

J.B. – Coisas assim entende. Tem um monte dessas coisas. Eu queria juntar e fazer um livro hoje.

I.S. – Vamos fazer!

J.B. – Eu os fazia ter obrigação. Os pais traziam os colegas...

I.S. – Se comprometer.

J.B. – É! Traziam para casa os outros colegas da equipe para poder resolver...

I.S. – Envolvia os alunos!

J.B. – Envolvia, porque toda a aula eu passava a tarefa, eu não deixava um dia de passar pelas carteiras e ver a tarefa de cada um feita do caderno. Então o que acontece, dava visto em tudo. Quando um não fazia ou deixava de fazer, eu tirava ponto da equipe. Então, o que acontece (...) tinha vezes lá que tinha uns dois ou três do outro copiando, olhando no caderno.

I.S. – Mas isso despertou o sentimento de equipe e preocupação com o próximo.

J.B. – Pois é, então!

I.S. – Se você sabe mais, você tem que ajudar quem sabe menos.

J.B. – Tem que ajudar, então é! Eles chamavam atenção muito disso daí. Foi nisso daí que eu fiquei assim conhecido lá, não é?

I.S. – E o senhor conhecia os alunos pelo nome, a família, ou era difícil porque tinha muita gente?

J.B. – Tinha muita gente, quer dizer, a maioria eu conhecia mais por chamar pelo número. Então eu chamava pelo número.

I. S. – Sim. Era nome e número.

J.B. - Eu tinha na minha mão quando eu dava aula, a relação de todos eles (...) e os números. Porque depois no fim do ano, além da equipe no fim do mês, o bimestre, além desse ponto da equipe, eu fazia uma classificação individual da classe toda. Então qualquer coisa, eu dava mais meio ponto para metade da classe, pontos, individuais. Então eu também estava vendo a parte individual, não é?

I.S. – Sim, claro.

J.B. – Então era uma luta dos dois lados. Isso ajudava. Isso repercutiu muito entre os professores. “Pelo amor de Deus, eu não faço isso de jeito nenhum!” (Outros professores). Precisa fazer “ué”!

I.S. – Mas isso que eu ia perguntar. Em que medida o senhor sentiu que o seu trabalho interferiu efetivamente na vida dos alunos, da escola? Como o senhor me disse que encontra as pessoas...

J.B. – Nossa Senhora!

I.S. – Em que medida o senhor acha que interferiu na vida das pessoas?

J.B. - Eu acho que muito. Nunca me lembro, por exemplo, de ter xingado um aluno, uma aluna. Quer dizer, quando um aluno deixava de fazer muito tarefa, eu ficava bravo e tal, e continuava o que eu ia fazer, eu falava: “Por favor, você vai conversar com a Diretora, agora com o Orientador, você está deixando muito de fazer tarefa, está prejudicando”. O menino mesmo ia lá, e conversava e tal. Era um ou outro que criava (confusão), como sempre tem...

I.S. – Isso sempre acontece.

J.B. – Acontece. E eu não achava mal porque os pais me elogiavam muito. Nós tínhamos lá uma vez por bimestre, no fim, acho que ainda tem hoje, tinha reunião com os pais. Então ficava um (professor) em cada classe. A fila da minha classe (...) porque eles não vinham conversar comigo para reclamar. Vinham para saber como é que era e como é que o filho estava indo. Então chegava lá formava aquela fila “danada”, não é?

I.S. – Sim.



J.B. – E eu falava: “Está acontecendo isso, ele não faz isso, não faz aquilo”. Porque eu sabia tudo, não é? “Ele está prejudicando a equipe porque ele não ajuda, ele não faz”. Os pais: “Ah, pode deixar!”.

I.S. – Educava mesmo! (Risos).

J.B. – Mas então eu acho que particularmente, não sei se é orgulho da gente, mas eu acho que realmente eu cumpri o meu papel de professor, não há dúvida nenhuma que dentro do Notre Dame eu tinha muita, vamos dizer assim maneiras, método e ajuda deles, do próprio Colégio.

I.S. – Era muito incentivado?

J.B. – É, por todos, para fazer isso.

I.S. – Nesses incentivos, eles (os irmãos) incentivavam também o senhor fazer cursos para se aperfeiçoar? Como era isso?

J.B. – Sim, sim.

I.S. – O senhor buscava fazer?

J.B. – Fazia muitos cursos, inclusive dei cursos de formação de matemática. Uma vez uns alunos (de uma faculdade), não sei se foi de Bragança (Bragança Paulista/SP), foram lá pedir para eu fazer uma palestra sobre como eu dava as minhas aulas. E eu fui a Bragança para poder dar as aulas e mostrar (o método) para eles como é que era.

I.S. – Como era a sua didática.

J.B. – Como era a minha didática, para poder dar para eles.

I.S. – Foi um sucesso, não é? Porque quarenta anos no Notre Dame, deu certo!

J.B. – (...) eles iam falar com o irmão que sabiam disso, os pais tinham dito se poderia dar um curso lá. Teve aluno, professor, depois que eu encontrei e falou (sobre o método): “Estou usando e estou gostando hoje por causa de você”. Eu falei: “Tá bom! (Risos).

I.S. – Isso o senhor acabou de falar, não é? Olhando para a sua formação inicial, qual a avaliação da sua trajetória? O senhor acabou de me dizer que realmente cumpriu o seu papel.

J.B. – Eu acho, não é? E depois você vê, eu estava sozinho aqui, sem família, ninguém, eu não conhecia Campinas, quer dizer, conhecia...

I.S. – Não era daqui. A sociedade era fechada e o senhor se fez aqui.

J.B. – É. Eu vim com um bilhete do meu Tio para um Padre lá da Vila Industrial, no Colégio São José para me orientar. Ele me colocou num bonde e me trouxe para a cidade, para mostrar onde era a Faculdade, para arrumar pensão. A minha primeira pensão aqui não tinha lugar, mas como era o Padre que tinha pedido a dona da pensão, na sala de refeição, colocou um lençol

separando e arrumou um quartinho para mim. Ali eu fiquei uns 15 dias naquele quartinho (risos).

I.S. – O senhor lutou muito, não é? Lutou bastante. Não tinha recomendações, mas lutou bastante, não é?

J.B. – Para fazer o Vestibular. A gente foi arrumando, quer dizer, tinha um Professor, o Antônio Raia, que veio de Agudos também, era um professor orientador aqui. Eu trabalhei no SENAC, eu dei muitas aulas no SENAC. No SENAC eu também comecei dando aula no primário.

I.S. – O Antônio Raia era de Matemática também?

J.B. – Não, ele era de Pedagogia.

I.S. – Pedagogia.

J.B. – Ele foi Diretor muitas vezes da Secretaria da Educação, essas coisas todas.

I.S. – A partir da sua experiência, como o senhor acha que deve ser a formação do professor hoje? O que é que faz falta hoje na formação dos professores?

J.B. – Aí é que está! Porque eu estou fora agora.

I.S. – Mas do que o senhor acompanha?

J.B. – Faz 13 anos que estou fora. Eu acompanho por jornal, essas coisas todas.

I.S. – Sobre as medidas novas, o que é que o senhor acha?

J.B. – Eu acho que está havendo assim, mais descuido do que a época anterior, não é? Então quer dizer, querem mudar, uma mudança do Estado, acho um absurdo. Teve uma mudança que passava (o aluno) automaticamente. Aquilo é um absurdo!

I.S. – Sim!

J.B. – Como é que você vai passar um aluno automaticamente se ele não tem capacidade para chegar lá? Vai chegar lá em cima, ele não sabe nada! Vai fazer Vestibular e tem outros problemas aí, matemática e Português era reprovação, porque era um negócio assim. Então os particulares sempre foram mais firmes nisso, não passava por essas coisas, mas assim mesmo havia esse sentido de que precisava ser aprovado.

I.S. – Sim.

J.B. – Quer dizer, dentro do colégio particular o professor que reprovava muito era mandado embora, não é?

I.S. – E isso no Notre Dame, como foi?

J.B. – Não, não teve isso. O Notre Dame segurava. Eu por exemplo, dizer para você, sem ser no Notre Dame, eu dei aula lá no Liceu, quando eu comecei dei aula de Trabalhos Manuais.

I.S. – Olha só! Os meninos... Eu achei interessante porque os rapazes tinham aula de Trabalhos Manuais também no Notre Dame!

J.B. – Lá tinha aulas de Trabalhos Manuais (Liceu), e eu tinha que fazer alguma coisa porque eu estava começando. Então me disseram para fazer dobradura, aquelas “coisas de japonês”, como é que se chama?

I.S. – Origamis.

J.B. – É! E eu fiz. Pois você acredita que eu reprovei um aluno lá porque ele não conseguiu fazer um *sapinho* daquilo?! Com o Padre do meu lado! Padre Diretor do Colégio do meu lado: “Sr. João, o senhor que sabe”. Porque era sorteado, não é? Colocava todos os nomes das matérias nos saquinhos, o aluno tirava um e tinha que falar sobre aquilo, como o exame oral.

I.S. – Sim.

J.B. - Então, caiu para ele fazer o sapinho. E ele não soube fazer.

I.S. – Não conseguia?

J.B. – E ele estava precisando de nota porque ele tinha nota baixa (...).

I.S. – Foi reprovado porque não conseguiu?

J.B. – Foi reprovado porque não fez o sapinho. Quer dizer: é um absurdo! Agora eu acho, não é?!

I.S. – Mas na época era rígido!

J.B. – Era rígido e tinha que ser! Então são coisas...

I.S. – Agora o senhor acha muito... livre?

J.B. – Eu tive um caso, não foi com o Notre Dame também, foi com outro colégio, em que o aluno ficou reprovado no exame assim também, isso já na 8ª série, já. E a família foi lá inteira falar com o Diretor. O Diretor, um conhecido meu, muito amigo meu, um Padre, ele disse: “Mas eu nunca tive “coisa” com o professor, o professor sempre reprovou, e foi sempre assim. Porque ele falava antes e preparava a família, “se ele passar, ele não vai aguentar, (sobre a aprovação do aluno). Então é melhor fazer mais uma vez aqui, e ir bem depois”.

I.S. – Do que deixar ir para frente.

J.B. – Mas a mulher não se conformou e foi lá em Agudos, nas férias de janeiro, eu estava lá, e inclusive eu tinha ido pescar com o meu sogro lá na casa da Laís (esposa), e eles me esperaram lá, ficaram lá, a mulher, querendo que mudasse a nota dele. E uma carta do Diretor dizendo “Olha, eu deixei na sua mão, e o que você fizer está certo”. E eu disse: “Olha, foi feito isso, não

vou mudar nada”. E não mudei. Poderiam ter mandado embora, não é? Eu fui e continuei e dei aula no Diocesano porque acabou (o Colégio), senão eu estava lá

I.S. – Era mais exigente, não é?

J.B. – Pois é! Mas tinha colégio aqui em campinas que tinha fama disso. Não sei de você deve saber, mas tem uns colégios aí que o aluno ia lá para passar.

I.S. – Ia para passar. O Ateneu.

J.B. – É (risos).

I.S. – Bom, se o senhor tivesse que passar um segredo de sucesso para um futuro professor ou professora como eu, qual seria? O que o senhor acha que... É difícil falar isso, não é? Um professor hoje, o principal para que ele tenha sucesso no trabalho dele?

J.B. – Gostar de dar aula.

I.S. – Tem que gostar! Primeira coisa!

J.B. – Gostar de dar aula e gostar de ser professor. Se não gostar, se faz por causa do dinheiro é melhor parar.

I.S. – Porque é trabalhoso?

J.B. – Muito trabalhoso. E é uma classe, vamos dizer assim, que não tem aquele “olhar para cima” porque não sobe a questão monetária. Então, quer dizer, muito mal pago. Você não tem de onde tirar, você tem que procurar colégios que deem isso para você. Você não vive! Eu cheguei a dar 75 aulas por semana!

I.S. – Nossa!

J.B. – Você dava aula de manhã, cinco aulas, de tarde cinco aulas e de noite, quatro aulas.

I.S. – A noite dava aula onde?

J.B. – No São Luiz (Academia de Comércio São Luiz).

I.S. – Nunca deu aula em Faculdade?

J.B. – Faculdade, não. Não. Eu dei em Curso de Formação de Professores de faculdade para Matemática, que queriam justamente saber o meu método essas coisas, então..., mas eu nunca me importei com isso, viu? Eu achava que eu ia lá e não ia gostar. Gostava mesmo daquela meninada. Mesmo no colegial, nunca gostei muito de dar aula. Eu gostava de dar aula no ginásio.

I.S. – No ginásio. Que interessante! Tem mais algum assunto que ficou faltando na nossa entrevista que o senhor gostaria de comentar e também desse material que o Sr. está me

mostrando aqui, eu já tirei foto de alguns documentos, vou “xerocar” outros para levar para o Notre Dame. Gostaria de doar alguma coisa para o Centro de Memória?

J.B. – Da sua imaginação, veja o que você acha que serviria para colocar lá. Mas é aquele negócio que eu digo para você, a gente tem muitas saudades.

I.S. – Tem muitas saudades?

J.B. – Tem. Sonho demais!

I.S. – Sonha demais?

J.B. – Ih! Sonho que estou dando aula e de repente chega um Diretor e me manda embora (risos).

I.S. – (Risos), olha só! Mas foi uma experiência muito rica?

J.B. – É depois eu dei aulas em colégios aqui muito bons, não é? O Liceu como é até hoje na Nossa Senhora Auxiliadora, dei aula no Notre Dame, dei aula no Pio XII e dei aula no Colégio Santa Maria Diocesano, que era da Faculdade e depois dei nos outros aí, não é? Porque me pediam para dar aulas. O (Colégio) Bandeirantes era do Professor Messias Gonçalves Teixeira. Então ele queria que desse aula. O Paulino mesmo queria que desse aula no Ateneu, mas não fui, eu achei que lá eu não deveria ir (risos).

I.S. – Lá era para passar.

J.B. – Realmente isso... Minha vida foi essa. Quando parei, senti muito. Aí comecei a juntar essas “coisaradas” todas (documentos em cima da mesa). Daí eu não fiz mais nada, dei um pouco de aula particular, mas não aceitei também porque na aula particular vinha só alunos que realmente não sabiam nada, não é?

I.S. – Sim.

J.B. – E vinham aqui porque era para fazer passar.

I.S. – Sim.

J.B. – E eu não gostava disso! Tinha um aluno aqui, aliás era neto de um grande amigo meu aqui. Estava com as notas horríveis, precisava de 8, 9, veio aqui, eu comecei dar aula para ele, um dia ele foi embora, e deixava-o fazendo exercício, eu ia tomar um cafezinho, quando foi no outro dia que a empregada veio estava cheio de chiclete em baixo da mesa! Foi desmotivando. Dei algumas aulas, eu ia aos colégios dar aulas, no Sagrado Coração de Jesus, que era lá em cima. Dei aula para os alunos do Colégio Porto Seguro.

I.S. – Puxa vida! Tudo aula particular?

J.B. – Particular. Mas foi assim, eu ia à casa deles, mas também achei ruim porque eu ia de carro, voltava, e no fim me convidavam para a formatura mais tarde. Ficava chateado porque

tinha os professores de Português, de História, e colocavam o professor de Matemática para ser Paraninfo!

I.S. – Sim. E o senhor sempre encontra os alunos?

J.B. – Nossa! Para você ver: eu tinha uma base de 500 alunos por ano, quarenta anos, você o quanto é que dá!

I.S. – Nossa! Sempre encontra?

J.B. – Tudo! O Sampaio foi meu aluno, Carlos Sampaio (Político), o prefeito aí anterior foi meu aluno, aquele médico que está com um processo nele (Roger Abdelmassih), que fez “mal” para as mulheres, foi meu aluno.

I.S. – Ele estudou em qual Colégio?

J.B. – No Pio XII. Vários vereadores que foram todos meus alunos. E médicos. Eu vou no Vera Cruz (Hospital), é um tal de achar médico que foi meu aluno! Teve uma que eu fui operado há pouco tempo porque eu tive um problema no fêmur, estava incomodando, então eu fui lá, e fui atendido por ele. Lá da turma dos Morelli (Família Morelli).

I.S. – Sim, sim, sim.

J.B. – Morelli (...). Então, sentado lá, ele me mandou esperar, foi examinar a chapa que fizeram da radiografia, daí veio uma moça lá com uma cadeira de rodas. “Sr. João Baptista”. Eu falei: “Tem outro João Baptista?”, “É o Sr. mesmo!”, “O médico não quer que o Sr. ande mais!”. Falou que o meu fêmur estava separando da bacia! Um pouco a mais, ia abrir!

I.S. – Nossa, ia abrir!

J.B. – Daí eu teria que colocar uma prótese. Então eu fui operado e tenho três pinos aqui segurando (mostra o local). Então na hora que ele estava me operando lá ele falou: “O senhor lembra aquele dia que me colocou para fora (da sala de aula) e me deu zero”? (Risos).

I.S. – (Risos). E aí?

J.B. – Na hora da operação! Eu falei: “Tá bom, já não dou mais!”.

I.S. – Nossa, ficou na mão dele (risos).

J.B. – Mas tem uma porção de alunos!

I.S. – São as situações da vida! Mas ele reconheceu.

J.B. – Claro, eu levei um tombo no Natal, me arreventou com tudo, na casa da neta, da filha, na escada, eu não vi que tinha mais um degrau, achei que era o chão e fui.

I.S. – É difícil, minha mãe caiu também.

J.B. – E na perna pegou justamente desse lado. Eu tenho esses pinos, não é? Eu fiquei preocupado com isso daí, mas graças a Deus, tem até uma mancha roxa, porque foi no Natal...

I.S. – Está muito recente, não é?

J.B. – Mas agora vou ter de ir lá porque eles querem fazer uma avaliação para ver se não mexeu. A Laís falou para você, não é? Fomos ao restaurante, e volta e meia eu encontro. Para o carro: “O senhor não é o professor João Batista?”, “Eu sou, por quê?”, “O senhor foi meu aluno em 1946” ... (risos).

I.S. – (Risos). Bastante tempo! Olha, eu queria agradecer muito a entrevista que o senhor me concedeu, e esse carinho também de separar todo esse material, é fantástico, porque é uma vida como professor, quarenta anos de Notre Dame, é uma vida realmente, é toda uma história, não é? E isso é muito importante!

J.B. – De Professor eu tenho de 1952 até 2003, não é? São 48 mais 3, são 51 anos!

I.S. – Nossa, a minha idade! (Risos). Nossa, que maravilha!

J.B. – Porque em 1952 eu estava na Faculdade ainda fazendo curso quando eu fui dar aula lá para o SENAC e Liceu.

I.S. – E quando encontra os professores do Notre Dame, encontra alguns?

J.B. – Ah, difícil!

I.S. – Difícil?

J.B. – Porque muitos morreram. Encontro o Grando, por exemplo, sempre vou na Chácara dele lá em Paulínia, o Carlos Aquino telefona de vez em quando, a gente fala, ele já era meio “fechadão”, não gostava muito de conversar. Às vezes encontro o Hernani (Hernani Godoy Júnior) nas festas (do colégio).

I.S. – Na semana que vem eu vou entrevistá-lo.

J.B. – O Jamil, que foi professor também, colega meu, e agora é Padre.

I.S. – O Jamil foi professor de qual disciplina?

J.B. – Ele foi orientador.

I.S. – Ah, sei.

J.B. – Ele foi Diretor do Notre Dame até! Agora ele é orientador lá.

I.S. – Ele é Orientador da Pastoral. Bom então assim, essa é a nossa 1ª entrevista, eu acho que não vai ser só essa, então eu vou encerrar essa...

J.B. – Você precisando você fala com a gente, você telefona a gente marca aí, e vê o dia que a gente pode fazer.

I.S. – Está certo!

J. B. – E vamos pensando de (escrever o livro sobre os documentos do Professor João Baptista). A Minha filha é que vai ficar contente!

I.S. – Isso, o senhor pode começar colocando uma ordem cronológica, vai começando, aí eu ajudo. Mas muito obrigada mesmo, eu vou encerrar a 1ª, muito obrigada, muito obrigada!

J. B. – É uma entrevistadora de mão cheia!

I.S. – Muito Obrigada!

**FIM DA ENTREVISTA**



## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                            |                   |
|--------------------------------------------|-------------------|
| <b>Nome: Luiz Antônio Razera</b>           |                   |
| Data de nascimento: 17/03/1944             |                   |
| Local de nascimento: Campinas, São Paulo.  |                   |
| Endereço: Rua Presciliana Soares nº 123    |                   |
| Bairro: Cambuí                             | CEP: 13025-080    |
| Cidade: Campinas                           | Estado: São Paulo |
| Telefone: (19) 3252-2612                   | Celular: -        |
| E-mail:                                    |                   |
| Documento de Identidade:                   |                   |
| Ano de entrada no Colégio Notre Dame: 1974 |                   |
| Ano de saída do Colégio Notre Dame: 1986   |                   |
| Profissão atual: Professor de Português    |                   |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                   |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Campinas - SP - Brasil                              |
| Data: 20 de fevereiro de 2017                              |
| Duração: 74'                                               |
| Páginas: 24p.                                              |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais do entrevistado; sobre a família e o estudo no Colégio Dom Bosco de Piracicaba; o trabalho como catequista (oratório) no Colégio Dom Bosco e a descoberta da vocação para o magistério; a graduação em Letras na Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas); Padre João Baldan e a residência no Colégio Liceu Salesiano em Campinas; o convite do professor Carlos de Aquino Pereira para ser professor de português do Seminário da Imaculada; sobre Monsenhor José Machado Couto; a formatura na Puccamp e a entrada no Colégio Pio XII em 1966; a preferência pelas aulas de gramática e o acompanhamento do estágio dos alunos da Puccamp; as aulas no cursinho preparatório da Faculdade de Direito da Puccamp; sobre a rotina de trabalho; sobre os filhos; sobre o relacionamento com irmão Pedro Celestino Maranto do Colégio Notre Dame; sobre as aulas numa escola de Comércio em Valinhos; A Escola de Química e a entrada no Colégio Notre Dame em 1974, a convite de Ivan Lotti Craveiro (professor de história); a saída do Colégio

Notre Dame em 1986; a amizade com os alunos do Notre Dame, Maria Luiza Gregório, “Aldariquinho”; a experiência com o aluno Aldarico, do Colégio Notre Dame; histórias sobre suas turmas e o relacionamento fora da sala de aula; sobre as reuniões de professores; sobre o jardineiro do Colégio, Alcides Eugênio; a comparação entre o Colégio Notre Dame e o Colégio Pio XII, da Puccamp; a coordenação pedagógica no Notre Dame e a interação com as outras disciplinas; a coordenação pedagógica no Notre Dame e a interação entre professores: irmão Guilherme St. Romain, irmão Pedro Celestino Maranto e irmão Haroldo Niero); a coordenação da disciplina de Português e as reuniões de planejamento; as atividades desenvolvidas e o material utilizado em sala de aula; a aquisição do seu apartamento devido ao relacionamento com os professores do Notre Dame; a saída do Colégio Notre Dame; a dificuldade na relação com os alunos e as grandes amizades estabelecidas no Colégio: Guilherme Meireles, Flávio Meireles, Maria Meireles, Aldariquinho; o apoio ao aluno Laércio, na Escola de Química e o apoio que recebeu de Monsenhor Couto e o Diretor da Escola de Química, Maurício; sobre os seus sobrinhos; sobre o apoio do professor Carlos de Aquino e o Monsenhor Couto; o incentivo na formação profissional com financiamento de palestras e o compartilhamento de ideais e materiais; satisfação com a carreira; os relacionamentos que criou ao longo de sua jornada profissional (Beto Galo, Dr Luís de Castro, Flávio, Willian Campagnolli; a parceria com outro professor que conheceu na Escola de Química e as palestras em cidades de Minas Gerais; evolução profissional: de uma vertente mais tecnicista da gramática, para uma mais flexível, onde o que conta é a expressão do aluno; a necessidade da reformulação da escola hoje; a necessidade da utilização de ferramentas disponíveis e que são muito utilizadas, por exemplo, o celular; sobre as recentes reformas do ensino ia aproximação do aluno com a disciplina pela qual se interessa e com o professor; a necessidade de investimento na área da educação; conselhos para uma boa educação; a necessidade de uma proximidade maior do aluno, afim de entendê-lo melhor e o compara seus alunos com filhos, que é necessária muita dedicação para cumprir seu objetivo; sobre os presentes e recordações que ganhou no Colégio Pio XII e o rádio relógio que ganhou dos alunos no Colégio Notre Dame.

### **Início da entrevista**

I. S. – Campinas, 20 de fevereiro de 2017. Entrevista com o ex-professor do Colégio Notre Dame, Luiz Antônio Razera. Esta entrevista faz parte do Projeto de Tese de Doutorado “A História do Colégio Notre Dame de Campinas e a Memória Institucional como Processo Socioeducativo: A Organização do Arquivo e a Constituição do Centro de Memória”, que está em desenvolvimento no Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Bom, professor, é um prazer estar aqui com o senhor, agradeço a disponibilidade de estar concedendo esta entrevista para minha pesquisa. A primeira coisa que eu queria que o senhor falasse é o seu nome completo, data e local de nascimento, onde o senhor vive hoje e a sua ocupação atual.

L.A.R. – Eu sou Luiz Antônio Razera, nasci em Piracicaba, no estado de São Paulo, no dia 17 de março de 1944. Vivo em Campinas e atualmente eu sou professor aposentado e atuo de forma terceirizada junto à Reitoria da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp) na revisão de livros, de textos, conforme determinação da Magnífica Reitora.

I. S. – Nossa, que beleza! Até hoje? A sua formação, como o senhor se tornou um professor de Português? Conta um pouquinho para mim.

L.A.R. – Você quer que eu conte desde a infância até a graduação?

I. S. – Pode ser! É bem interessante o histórico, não é?

L.A.R. – Eu sou originário de uma família muito humilde. Meu pai e minha mãe tiveram seis filhos e sou o 5º dessa família. Pessoas simples que trabalharam na roça, na criação de gado, na ordenha, na lavoura, e minhas três irmãs, as três primeiras, elas só fizeram até o 4º ano do Grupo Escolar. Porém meu pai e minha mãe conseguiram recursos, trabalho e batalharam bastante para que os três filhos homens tivessem estudo. Nós todos estudamos em Piracicaba. O meu irmão mais velho hoje é falecido, ele foi padre salesiano e atuou aqui em Campinas. Foi Provincial da província do Amazonas e faleceu em 1999, com 60 anos.

Eu estudei no Colégio Dom Bosco de Piracicaba e possivelmente nessa escola nasceu a minha vocação para ser professor. O meu professor de português era um padre, falecido hoje, e ele desenvolvia além das atividades normais do colégio, que era um colégio regular e existe até hoje, ele desenvolvia uma atividade salesiana chamada oratório, que era um ponto de encontro de crianças, de jovens, de adolescentes, que depois das aulas, no final do dia, das 17h da tarde até às 20h30min, às vezes até 21h da noite, nós ficávamos no colégio, com assistência dos salesianos basicamente para prática de esportes.

Mas no fundo havia lá uma catequese, havia uma evangelização que era própria dos salesianos. E eu frequentava essa atividade, e logo de início, juvenzinho ainda, talvez com 13 ou 14 anos, eu me lembro de que esse meu professor de português me chamou para o trabalho de catequista com crianças que estavam se preparando para a Primeira Eucaristia. Então ele me deu todo o material, eu estudei, eu pesquisei, eu errei muito e acertei também, mas eu comecei a dar aula para essas crianças. Então, todos os dias, nesse período lá do oratório, havia meia hora, 40 minutos e tinha uma classe com 10, 12 crianças. Então isso, sabe?

I. S. – Estimulou.

L.A.R. – Me incentivou, gostei, achei interessante, prossegui nisso durante todo tempo que eu fiquei por lá. Até que em 1962, tendo concluído a Educação Básica, que é o Ensino Médio (hoje), eu vim para Campinas para fazer Letras. Ele era meu professor de português, esse padre. Ele me abriu essa possibilidade de atuar com essas crianças, e de ter gosto por isso. Então eu, dentre as profissões, na época, em 1962, era uma situação muito diferente de hoje. Piracicaba, por exemplo, só tinha duas grandes escolas superiores, Odontologia e a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ).

L.A.R. – Sim. ESALQ. Eram as duas que tinham lá. Nenhuma das duas me cativou, embora fossem escolas lá dentro da minha cidade, eu não tinha vocação para isso.

I. S. – Não era sua vocação.

L.A.R. - E vim para cá, vim aqui, fiquei um ano no Liceu Salesiano. Eu acho que é uma história bonita, eu me orgulho de ter vivido essa história. O ano de 1962 eu fiquei aqui no Liceu. Meu pai, muito ciente de tudo, sabendo que eu queria vir para Campinas, ele já falou: “Olha, eu tenho poucos recursos, eu não tenho como manter você lá, mas eu faço o que estiver ao meu alcance para isso, mas eu quero que você more no colégio”. Agora ele colocou isso porque o

meu irmão, que era salesiano, já tinha ficado no Liceu, então conhecia todo o círculo do Liceu e etc.

E aí meu pai veio aqui, conversou com o diretor, padre João Baldan, que hoje é falecido, e conseguiu que eu ficasse no Liceu (como) interno, porque naquela época era um colégio interno. Eu ficava interno, sábado e domingo eu podia ir para casa, mas durante a semana eu vivia dentro do Liceu junto com os alunos internos. E a minha rotina era essa: de manhã eles ficavam estudando lá e eu vinha para a faculdade. Pegava o bonde, no Guanabara, descia no prédio central, voltava, almoçava lá, aí eu ficava atuando com eles, ficava a tarde toda com eles (alunos do Liceu).

Quando eles estavam em aula, eu ficava fazendo as minhas lições, minhas tarefas, e à noite esportes, à tarde, jantar e etc. No fim do dia a rotina de estudante interno, estuda até às nove horas da noite, depois num salão muito grande todas as caminhas dos internos. Eu atuava na divisão dos Médios. Eram os Menores, os Médios e os Maiores, e havia um assistente salesiano que ficava de um lado desse salão. O assistente era um salesiano que ainda não era padre, ele fazia mais um serviço assim de prática, de ficar tomando conta de 90, 100 jovens.

I. S. – Eram somente meninos?

L.A.R. – Só meninos! Só meninos! Mulher era proibida! Depois eles abriram. E eu ficava do outro lado do salão. Então quando algum menino chorava ou se sentia mal, qualquer coisa, quem estivesse mais próximo acudia.

I. S. – Atendia.

L.A.R. - E eu ficava lá a noite toda com eles e etc. E no final de semana eu podia ir para a minha casa.

I. S. – Para Piracicaba.

L.A.R. – É. Nesse meio tempo, nesse primeiro ano de faculdade eu tive a felicidade de encontrar com as aulas do professor Carlos José de Aquino Pereira.

I. S. – Sim.

L.A.R. – Que dava aula aqui na Puccamp. Ele era nosso professor de literatura. E ele me conhecia aqui da faculdade e me conhecia do Liceu, porque ele dava aula lá para os alunos regulares. Muito bem. Quando começou o segundo ano em 1963, logo na primeira semana, esse é um dado extremamente significativo na minha profissão, esse professor Carlos José de Aquino Pereira me chamou na sala de aula e queria falar comigo no intervalo. Eu esperei, ele falou: “Professor Razera, eu preciso de um favor seu. Eu preciso de um professor que dê aulas no Seminário da Imaculada”. O Seminário da Imaculada na época era lá na saída de Valinhos, na diocese de Campinas, e havia praticamente 200, 300 seminaristas lá, que faziam o Ensino Médio, Ginásio e o Colegial. E continuou: “Eu preciso de um professor de Português, só que eles não têm como pagar isso, eles vão pagar você com a sua estadia lá. Você vai ter um quarto para ficar, vai ter comida...”.

I. S. – Em troca da aula?

L.A.R. – “Você vai ter esporte, vai ter assistência, você vai ter tudo, só que o seu salário talvez seja lá uma gratificação qualquer em termos de dinheiro, mas irrisória”. Daí eu lembro muito bem, eu falei: “Mas professor Aquino, eu? Dar aula? Eu estou no segundo ano de faculdade. O que eu vou fazer lá?”. E ele voltou a insistir: “Você não quer ser professor? Aproveite a chance! Você vai ser professor não com o que a faculdade te ensinar. A faculdade vai te dar base para isso, mas você vai ser professor dentro da sala de aula, então vá lá e veja”. Daí eu falei: “Mas e se eu aceitar aquilo, como eu faço? Que ponto de apoio eu tenho?”. O professor Aquino respondeu: “A mim! Pode recorrer a mim todas as vezes que você quiser”.

I. S. – Olha só!

L.A.R. – Bom, foi uma abertura que eu tive para isso, sem dúvida! Aí naquele mesmo dia eu fui até o Seminário que ele me indicou o contato. Quem me recebeu lá foi uma pessoa que foi muito querida nossa, foi um verdadeiro pai para mim, assim como o Carlos de Aquino, que foi Monsenhor José Machado Couto, que foi diretor do Pio XII durante muito tempo, a quem eu sucedi na direção depois. Hoje já é falecido também. E conversei com ele, ele ainda nem era padre, mas era um educador, e ele controlava as coisas lá do Colégio. Acertei com ele, fiquei lá, passei a ter um quatinho para mim, comida, roupa lavada. Afinal, toda a estrutura de uma escola pequena.

I. S. – Que você precisava.

L.A.R. – Entendeu? Que eu precisava e aquilo foi a alavanca para minha vida profissional.

I. S. – Olha, que beleza!

L.A.R. – Dezenas de vezes, dezenas de vezes eu preparava uma prova. E falava: “Professor Aquino, eu ensinei isso para os alunos e eu queria...”. Ele corrigia, ele acertava, ele melhorava.

I. S. – Apoio, não é? Ele deu o todo apoio.

L.A.R. - Ele perdia o tempo dele de intervalo para poder me orientar na escola. Ia à casa dele, quando necessário. Conclusão, Isabela, eu fiquei lá no Seminário, vivi lá durante quatro anos, foram os anos mais bonitos que eu tive na minha vida, entendeu? 1963, 1964, 1965, eu me formei. E em 1966, embora os alunos... Porque o Seminário foi reduzindo o número de alunos também ao longo do tempo. Então em 1966, os alunos do Seminário não ficavam mais no Seminário, eles vieram estudar no Pio XII. Mas Monsenhor Bruno Nardini, ele quis que eu ficasse lá mais um ano. Não tinha aula lá, mas eu dava aula para os meninos aqui no Pio XII. Formado em 1965, eu fui convidado pelo próprio Monsenhor Couto, que era vice-diretor do Pio XII, a assumir aulas no Pio XII. Então eu terminei a minha graduação em Letras em dezembro de 1965, e no dia 1º de março de 1966 eu estava contratado na universidade como professor do Pio XII.

I. S. – Poxa!

L.A.R. – Claro que isso foi um prêmio que eu consegui do professor Aquino, do próprio Monsenhor Couto que me ajudou, e no fim eu acabei conhecendo minha esposa por intermédio do Monsenhor Couto, e continuei a trabalhar com ele, fui 30 anos diretor do Colégio Pio XII,

fiz tudo lá com ele. Depois quando ele deixou o Colégio Pio XII ele fez tudo o que era possível lá na universidade para que eu assumisse a direção. Fiz Pedagogia, fiquei diretor durante três anos e aí, cansado, porque era muito desgastante.

I. S. – Muita coisa, não é?

L.A.R. - Eu resolvi ficar só meio período, e aí pedi minha transferência para a universidade e fiquei lá de 2002 até 2014. Então a minha história de vida, porque eu sou professor? Sou professor porque foi isso o que apareceu pela frente. Então não só foi esse padre lá em Piracicaba que pediu que eu desse as aulas de catecismo. Eu acho que começou por aí.

I. S. – Sim. Criou a vocação.

L.A.R. - Mas depois aqui em Campinas, o auxílio do professor Aquino e a confiança dele para comigo.

I. S. – Que apoio, não é?

L.A.R. – “Razera, se tiver qualquer dificuldade, eu estou aqui.”, entendeu? Então... Certamente eu fiz um mundo de coisas absurdas, mas eu fui sendo corrigido. E essa correção é que foi pautando o meu caminho. E Isabela, eu posso falar para você que eu acredito que se eu tivesse qualquer outro tipo de profissão, eu não seria tão realizado quanto eu sou como professor.

I. S. – Que beleza, não é? E a gente vê também na trajetória da vida das pessoas, quantas pessoas nos ajudam e que são importantes na nossa trajetória.

L.A.R. – Sim. No magistério eu acabei me identificando muito mais com a parte de linguagem, de redação, sabe? Estrutura da língua, embora também tivesse atuado como professor de literatura, mas não era muito o meu forte. Mas eu gostava muito de línguas, entendeu? Gostava muito da gramática, gostava muito da redação, e vibrava com os alunos nesse sentido.

E um dado interessante é que os alunos de Letras da Puccamp, da graduação, que ficavam aqui no Instituto de Letras, via de regra faziam aquele estágio obrigatório no quarto ano e tinham que fazer numa escola. Muitos deles iam para o Pio XII. E esse estágio obrigatório demandava que os alunos da faculdade, no máximo três em cada sala, fizessem 20 horas de observação. Observação, eles não podiam fazer nada, não podiam dar aula, não podiam corrigir prova. Eles tinham que ficar dentro da sala de aula vendo como o professor agia. E muito outros professores de português não gostavam desse tipo de coisa, por “n” razões.

I. S. – E o senhor gostava?

L.A.R. – Eu nunca me preocupei com isso. Ao contrário, eu abria a possibilidade, às vezes eu colocava mais do que três, e eu interagia com eles também. Eles sabiam disso, os alunos da faculdade sabiam disso. Às vezes estavam em uma sala, e eu não mudava nunca meu plano de aula por causa da presença dos alunos, dos alunos da universidade, mas eu aproveitava o tempo deles lá, e às vezes eu fazia uma exposição, etc. E falava:

“Bom gente, passado meia hora, temos 20 minutos de aula ainda, agora nós somos aqui quatro professores de português, temos três alunos do 4º ano de Letras que no ano que vem vão ser

professores, e estarão em uma sala de aula, e eu. Então vamos dividir a nossa classe em quatro grupos e cada um de nós quatro fica num grupo, e nós vamos orientar vocês”.

É claro que os alunos da faculdade me olhavam assim (risos), mas eles entravam no grupo. E, sabe, de repente vinha alguém e dizia: “Professor, venha cá um pouquinho. Eu tenho uma dúvida lá e tal...”. Mas os meninos, os meus alunos do colégio estavam acostumados com isso, eles sabiam que esse pessoal rodava por lá.

I. S. – Eu acho que quanto mais a gente treina, melhor a gente fica. Não é?

L.A.R. – Claro! Sem dúvida. É.

I. S. – Em tudo.

L.A.R. – Uma experiência interessante também, quando eu estava no 3º ano da Faculdade de Letras, um cursinho de Direito, o Diretório Acadêmico (DA) de Direito promoveu um cursinho preparatório para o Vestibular. E pagavam, pagavam super bem, inclusive. E eu comecei a dar aula para 60, 70 alunos.

I. S. – Isso em que ano?

L.A.R. – 1964. Então no ano de 1964 tinha algumas noites que eu tinha que descer aqui para o ponto central, que tinha um auditório lá, tinha 60, 70, 80, às vezes 100 alunos de cursinho preparatório que pagavam para DA (Diretório Acadêmico) de Direito, e eles nos pagavam como professores. Então, eu me organizava, fazia as apostilas, etc. e tal. Sempre com ajuda do professor Aquino, entendeu? Então para mim foi uma maravilha.

Aí em 1966 eu comecei a atuar no Pio XII. O meu primeiro ano foi só com seis classes do antigo Ginásio, 1ª até a 4ª série, hoje mudou a nomenclatura. No segundo ano que eu estava no Pio XII, portanto 1967, eu já passei para o 2º grau, para o Colegial, e fiquei no Colegial até o fim. Eu dei aulas até 1993 – inteirinho - quando me aposentei, aí deixei a sala de aula.

Isabela, eu penso assim, a gente precisa saber qual é a hora que a gente atua, e qual é hora que a gente para. Eu trabalhei muito! Eu costumo dizer que eu não vi minhas crianças crescerem, porque eu trabalhava de manhã, trabalhava à tarde e trabalhava à noite. Minha vida toda, nesse período, até 1994, 1995 era assim. Todas as manhãs no Colégio Pio XII, todas as tardes no Colégio Notre Dame, todas as noites no Ginásio Hildebrando Siqueira, do Estado. E eu chegava em casa 22h30min, 23h da noite.

I. S. – Nossa! Você dava aula o dia inteiro. Nossa!

L.A.R. – Sábado e domingo era corrigir prova, era preparar aula, era organizar apostila, preparar provas, etc. e tal. Isso demandou muito esforço, da minha esposa, das minhas crianças.

I. S. – Quantos filhos vocês tiveram?

L.A.R. – Dois. Um menino, que hoje é Engenheiro Eletricista da Unicamp e está trabalhando no Vale do Silício (Califórnia), faz 20 anos já. Temos uma netinha de 12 anos. E a outra filha

é uma menina, Renata, que fez Pedagogia na Unicamp, fez Medicina na Puccamp, hoje é médica. E tem duas crianças, a Mayara e o Lucas, de 10 e de oito anos.

I. S. – Essa mora em Campinas?

L.A.R. – Mora aqui em Campinas. Então a nossa vida sempre assim foi muito voltada para o trabalho, com seriedade, não brincava em serviço, era difícil, mas fiz sempre com muito gosto, com muita disposição.

I. S. – Ai, que bom!

L.A.R. - Sempre me dei muito bem com os diretores das escolas, tinha adoração pelo irmão Pedro lá no Notre Dame, entendeu? O irmão Pedro era alguém que vinha até minha casa, era alguém com quem eu tinha liberdade de falar assim: “Irmão Pedro, o senhor vai para os Estados Unidos, o senhor me traz uma caneta *Cross*?”, que na época era uma coqueluche!

I. S – É. Quem é que não queria?

L.A.R. - Ele trazia e tal. Então sempre foi uma coisa extremamente interessante. Mas aí eu fiquei no Pio XII.

I. S. – Entrou primeiro no Pio XII em 1966.

L.A.R. – Em 1966, olha... Em 1963 eu fui trabalhar no Seminário (Seminário da Imaculada), em 1964 eu entrei em uma escola particular em Valinhos, uma escola de Comércio. Dois anos, 1964 e 1965. Aí eu deixei, porque em 1966 eu entrei no Pio XII e também peguei as aulas no Hildebrando Siqueira, fiquei um tempo lá como contratado no Hildebrando Siqueira.

Em 1973 eu estava na Escola de Química e o professor Ivan Lotti Craveiro, que você entrevistou, disse assim: “Razera, eu queria que você fosse para o Notre Dame”. Então eu fiquei na Escola de Química em 1973, saí da Escola de Química para ir para o Colégio Notre Dame, que para mim era mais interessante. E fiquei no Notre Dame de 1974 até 1986. O Ivan e eu saímos no mesmo dia do Colégio.

O Ivan já estava aposentado, etc. e tal... Eu queria parar, e eu recebi de novo uma proposta da Escola de Química, que no momento era mais interessante, para ser Coordenador de Área lá, e tudo mais, aí eu acabei fazendo um concurso na Escola de Química, voltei para lá. Então 1986 eu voltei para a Escola de Química e deixei o Notre Dame.

I. S. – Deixou o Notre Dame.

L.A.R. – Mas eu fiquei 12 anos no Colégio Notre Dame, eu fiz muitas amizades. Conheço uma porção de gente que estudou lá, até hoje lembro bem, mora aqui pertinho de mim a Mariana Schwartz, não sei se você chegou a conhecer, psicóloga.

I. S. – Eu acho que eu vi esse nome no *Facebook*. Acho que ela é....

L.A.R. – Ela se encontrou comigo, procurou, viu no *Facebook* da Renata, minha filha, quis meu telefone, veio aqui em casa, fui à casa dela, sabe. Guarda as lembranças. A Maria Luiza



Gregório também é outra menina que “vira e mexe liga para mim... Que ano você estudou no Notre Dame?”.

I. S. – De 1978 a 1984. Oito anos.

L.A.R. – Então você foi contemporânea do “Aldariquinho” Montaldi (Aldarico Montaldi Filho). Aldariquinho era um filho meu. Aquele moleque eu falo dele e fico emocionado.

I. S. – Infelizmente, não é?

L.A.R. – É. Eu vou contar um bem rapidinho, porque eu sei que o foco não é esse.

I. S. – Imagina.

L.A.R. – Mas eu tive uma experiência com o Aldariquinho que foi de arrepiar. Eu sempre gostei de movimentar muitas aulas, e o Aldariquinho estava na 6ª série. Tinha aquela primeira ala de salas, depois a segunda, depois aquele pátio, depois a cozinha... Naquela segunda fileira, assim, de salas, fazendo aula de leitura. Então o livro aberto: “Vamos ler esse texto”. Então eu lia primeiro, etc. e tal, agora: “Fulano, Isabela, leia! Mariazinha, leia! Não sei o que, leia”, como qualquer professor faz. E sabe assim? “Aldariquinho, continue a leitura!”. O Aldariquinho era um menino muito tímido, ele tinha 12 anos, estava na 6ª série, muito tímido, assim, retraído. Ele se levantou, pegou o livro na mão e começou a gaguejar, a classe caiu em uma gargalhada federal, ele se debruçou em cima da carteira dele, chorou, chorou, chorou. E eu não sabia o que fazer. Eu não sabia que ele não conseguia ler, era o começo do ano.

I. S. – Nossa, que judiação, hein?!

L.A.R. - Eu fiquei assim.... Pedindo a Deus que acabasse logo aquela aula para poder desaparecer. O pessoal ficou quieto, porque eles perceberam que não podiam ter vaiado o menino. Quando bateu o sinal era hora do intervalo. Aí eu fiz um sinal para ele ficar, todo mundo saiu e eu fiquei com ele na sala, daí conversei com ele: “O que aconteceu Aldariquinho?”. “Professor, eu tenho medo de ler, eu não gosto de ler em público...” e chorava, chorava. “Não chora Aldariquinho, isso é o de menos Aldariquinho, nós tiramos isso de letra. Pode ficar sossegado que eu vou fazer o possível para gente eliminar esse medo seu” etc. e tal. “Mas como eu faço?”, e eu falei: “Fique tranquilo, você vai perceber que eu vou mudar minhas aulas aqui de leitura com você e o dia que você estiver dentro do contexto e achar que você consegue ler, você faz um sinalzinho para mim. Combinado?”. “Combinado”. Nunca mais eu o chamei. Então: “Fulano, leia! Ciclano, leia”, e criei uma estratégia de confiança diferente...

I. S. – De confiança. De fazê-lo confiar.

L.A.R. - De fazer leitura coletiva, ou então de fila por fila, então eu inventava conforme a hora, mil coisas. Então: “Vamos ler o texto”, eu lia um pedaço. “Agora só os meninos”, todos os meninos liam. “Agora só as meninas”, todas as meninas liam. “Só os bonitos”, todo mundo lia.

I. S. – (Risos).

L.A.R. – “Só os feios”. Só eu lia! Entendeu? E foi assim. “Só a fila do lado da lousa”, “Só a fila do lado da janela”, “Só os últimos lá da carteira”. Isso foram meses, foram meses, além da

leitura individual também. Era uma atividade entre outras tantas. E a coisa foi e ele nunca mais tocou nesse assunto comigo, sobre essa vergonha dele, e eu esperando um sinal dele. Aí um belo dia então, aula de leitura, texto tal, não sei o que, eu começava, o outro lia, ele fez um sinal para mim. “Aldariquinho”. Ele leu tranquilamente, perfeitamente, ninguém percebeu que ele poderia titubear ninguém falou nada, ele leu maravilhosamente bem, esqueceu o problema. Percebe?

I. S. – Precisou desse tempo, não é?

L.A.R. – Precisou desse tempo adequado. Passado uma semana, foi no comecinho do ano, estava no mês de junho, era aniversário dele. Eu vi um belo dia, que tinha uma senhora que passava na frente da porta. Ia de um lado, ia do outro, e voltava. Ia de um lado, ia do outro, e voltava. Eu falei: “Meu Deus, quem será que é?”. Bateu o sinal, na mesma aula que ele tinha chorado antes do intervalo, todo mundo saiu e ele: “Razera, por favor, eu preciso que você fique um pouco aqui”. Eu esperei e todo mundo saiu, ele pediu que a mãe entrasse. Era a mãe dele que estava lá.

I. S. – Sim.

L.A.R. – “Pois não”. “Essa aqui é minha mãe, entendeu? Dona Vera”. “Ah... Tudo bem? Como vai a senhora?”. “Então, minha mãe veio aqui para fazer um convite para você. Eu vou fazer aniversário dia 29 de junho”. Sei até a data... “E a sua presença é obrigatória lá na nossa casa. Quero que você leve seus filhos, sua esposa, e vai toda a minha classe lá e vamos jogar bola o dia inteiro, no sábado”. E eu fui. Ficamos tão amigos. Depois dessa tragédia toda que aconteceu aí...

I. S. – Foi um acidente de carro, não é?

L.A.R. – Ele estava fazendo a FAAP (Fundação Armando Alvares Penteado), e ele já fez tanta coisa bonita. E ele saiu com o carro do lugar que ele morava para ir... Acabou colidindo na Marginal de Pinheiros e morreu.

I. S. – Capotou o carro, não é?

L.A.R. – Capotou. E no dia que ele morreu o avô soube e morreu também

I. S. – Quem?

L.A.R. – O avô dele.

I. S. – Mas porque ficou muito...

L.A.R. – Foi uma tragédia!

I. S. – Ficou muito abalado e....

L.A.R. – Ah! Foi um caos. Eu me lembro de que... O meu filho, que era muito amigo dele foi até o velório, estava lá o caixão do Aldariquinho, do avô, meu filho se debruçou em cima dele, do Aldariquinho, nossa e chorou, chorou, chorou... Até hoje ele se lembra disso. Mas chega...

I. S. – Mas eu acho que faz parte, não é Razera?! Você contar isso pra mim... Você ou senhor?

L.A.R. – Você!

I. S. – É a sua história.

L.A.R. - Ele criou uma confiança em mim, tudo que acontecia na vida dele, ele me ligava. “Razera, está acontecendo assim, assim, assim.... Eu vou aí conversar com você”. Moço até... O pai dele deu-lhe uma moto: “Razera, não saia da aula do Notre Dame hoje que eu quero falar com você”. Eu esperava, ele chegava com a moto lá: “Você é o primeiro a dar uma volta nessa moto aqui”. Então são recordações do Notre Dame que meu Deus do céu!

I. S. – Claro. Não precisa se preocupar comigo, hein?! Mas isso é a sua didática, e digamos que é mais do que didática, você colocou a sua alma aí, não é? E eu acho que o verdadeiro professor é esse. Que não trabalha por nota, por eficiência. É chegar à pessoa, no que ela tem de melhor, e você conseguiu fazer isso. Tanto é que ele conseguiu ler. Então isso é muito lindo, não é? É muito bonito isso! Eu acho que esse é o trabalho do mestre, não é?

L.A.R. – Então só outro exemplo aí e ela (Eidil, a esposa) tem muita parte nisso. No Pio XII, algum tempo depois, no Primeiro Colegial tinham dois 1º anos no Ensino Médio. Eu estava analisando um texto do, se eu não me engano, Carlos Drummond de Andrade, que falava do menino que queria lasanha, o pai queria comer camarão. Aí quando acabou a aula eu disse assim: “Esses dois brigaram no texto, porque um queria comer lasanha, o outro camarão, lasanha vocês precisam ver a que a minha esposa faz”. (Os alunos disseram): “Nós queremos ir lá”. Levei a classe inteira. Eu morava em uma casa lá no São Bernardo, eram 30 alunos, ela fez lasanha para os 30. Foram de ônibus, comigo.

I. S. – Eram alunos de que Colégio?

L.A.R. – Do Pio XII.

I. S. – Professor, eu lembro muito, claro, quantos anos atrás, mas eu lembro muito que o senhor era um professor muito alegre.

L.A.R. – Eu era muito sério. Eu era muito sério.

I. S. – Não, era sério, mas assim, alegria que eu digo assim, de gostar de dar aula, muito presente em sala de aula e muito alegre. Eu achava a sua aula muito gostosa, não era uma coisa impositiva. Tenho muitas boas lembranças das suas aulas.

L.A.R. – Que bom! Depois dessa ida lá em casa para comer lasanha, ficaram a tarde toda lá, conversando, brincando e tal. Aí a outra classe soube, não é? Óbvio (e falaram): “Escuta, a outra turma foi comer lasanha, o que nós vamos comer?”. Eu falei: “O que vocês querem comer?”. “Feijoada”. “Beleza, vamos marcar!”. E foram também.

I. S. – Meu Deus, que maravilha! (Risos).

L.A.R. – É bom. Nesse contato você vai criando convivência. Realmente muito bom.

I. S. – Confiança, as crianças se soltam e gostam de aprender. Bom, eu sempre fui uma aluna boa de português e de literatura, até porque também tive professores ótimos, não é? O senhor e a Dona Benedita que eu amava também. Maravilhosas essas histórias!

Diz-me uma coisa: como funcionava o planejamento do seu trabalho? Pegando um pouco mais assim, como o senhor preparava as aulas? O senhor está falando aqui como era sua didática, mas como era esse planejamento, assim, em relação ao Notre Dame, com os irmãos, como era essa organização?

L.A.R. – O Notre Dame sempre era muito organizado. Nós tínhamos reuniões remuneradas, a gente era paga para ir lá no sábado. Não me lembro de bem quantos sábados do mês, mas seguramente um ou dois sábados no mês a gente ficava a manhã toda lá, ganhava para isso, e tinha reuniões de formação. Eu próprio, um dia, atendendo pedido do irmão Pedro acabei usando a reunião, ele pediu para falar um pouco de religião, da minha vivência católica, etc. Eu tinha um irmão padre, entendeu? Então, se eu pudesse expor alguma coisa. O irmão Pedro era muito preocupado com a formação da consciência dos professores, da consciência dos alunos, da consciência dos funcionários. E ele valorizava tanto o mais gabaritado professor, como o mais humilde, simples funcionário. Você lembra-se daquele jardineiro que morreu?

I. S. – Sim, Seu Alcides (Alcides Eugênio).

L.A.R. – Seu Alcides entendeu? Eu lembro que o irmão Pedro, sabe? Às vezes citava o exemplo de humildade dele, do carinho dele para com as plantas, com os animais.

I. S. – E com os alunos.

L.A.R. – E com os alunos.

I. S. – “Bom dia, como vai à senhora?”. Ele cumprimentava todos os alunos.

L.A.R. – É. Isso era a tônica do Colégio. O Colégio era desse jeito.

I. S. – O Pio XII era diferente?

L.A.R. – O Pio XII era diferente.

I. S. – Já que eu estou entrevistando professores que, a maioria deu aula no Pio XII e no Notre Dame.

L.A.R. – O Pio XII era mais acadêmico, entendeu? O resultado do Colégio Pio XII, se nós olharmos a possibilidade de aprovação em vestibulares de cursos superiores, o Pio XII aprovava mais. Havia mais estudo, havia mais rigor, havia mais conteúdo, sabe? O Notre Dame, não que não colocasse (colocação na faculdade). Mas, por exemplo, o meu filho foi aluno do Pio XII. Em 1986 ele entrou na Unicamp, 1987, eu não me lembro bem. Eram 30 alunos na turma dele. Dezenove entraram na Unicamp!

I. S. – Nossa! Acho que no Notre Dame já não tinha isso.

L.A.R. – Já não tinha isso, porque o foco do Notre Dame era mais uma formação das pessoas, a convivência familiar, muitas festas. Você se lembra das festas de final de ano com todo aquele conagraamento. O Pio XII era muito acadêmico, muito mais seco, era muito mais enxuto.

I. S. – Ah, sim. Porque o Pio XII era da Puccamp, que também é católica, e o Notre Dame é católico, mas o senhor acha...

L.A.R. – O Notre Dame cuidava mais.

I. S. – Cuidava mais dessa parte?

L.A.R. – Mais dessa parte, da humanização das pessoas e tal. Pio XII era mais voltado para, assim: “Olha, nós temos que colocar a molecada dentro da faculdade”, entendeu? E conseguia! E conseguia! A gente teve, assim, grandes resultados, gente muito...

Agora, lógico que você tinha que trabalhar, eu ia sempre as reuniões do Notre Dame. Por quê? Porque era uma reunião de crescimento, era uma reunião de conhecimento, a gente convivia com os professores. Havia professores que reclamavam também entendeu? Que achavam que aquilo... “Essa reunião para quê? Está perdendo tempo”. E tal. Mas sempre tinha um fundo de crescimento para os professores que acabavam resultando no melhor relacionamento com os alunos, entendeu?

Os alunos do Notre Dame, dada a classe social deles, que era mais elevada que o pessoal do Pio XII, sem dúvida nenhuma, normalmente era a elite financeira que acabava estudando lá, que tinha condição de pagar, era um pouco mais difícil de você trabalhar. Por quê? Porque sabe, não era, assim, gente mais simples. Então, havia necessidade de maior rigor, etc. e tal, e exigir determinadas coisas. Mas eram duas escolas, assim, sabe? De alto potencial. Eu aprendi muito no Notre Dame, aprendi muito no Pio XII, e gostei muito da convivência no Notre Dame, eu adorava o irmão Pedro, os irmãos todos lá.

I. S. – Como era a convivência com os irmãos em termos do projeto pedagógico, vocês tinham autonomia, mas eles também exigiam. Como era?

L.A.R. – Havia uma Coordenação Pedagógica que em alguns momentos era questionada pelos professores, em outros momentos era elogiada, como acontece em qualquer lugar.

I. S. – Como acontece, não é?

L.A.R. - Todos os trabalhos nossos eram interligados, entendeu? Então a gente nessas reuniões de sábado era comum a gente partilhar experiências de tal maneira que o professor de português pudesse, de vez em quando, utilizar matemática, também do professor de matemática, de história, de geografia, para facilitar a leitura de livros, era um dado importante.

I. S. – Isso era muito bom no Notre Dame.

L.A.R. – Sem dúvida nenhuma! Sem dúvida nenhuma! E aula de fala em que os alunos podiam falar das coisas que eles gostavam, então tinha uma experiência na química que eles gostavam muito, eles aproveitavam a química. Eu sempre possibilitava isso. Eu posso dizer para você,

Isabela, que esses 12 anos que eu fiquei dentro do Notre Dame eu senti muito isso, sabe? Muito apoio, muita integração. Os irmãos davam aula, irmão Guilherme, entendeu? Entendeu?

I. S. – Sim, tive várias aulas com eles.

L.A.R. - Outros mais, o próprio irmão Pedro... Você não percebia o irmão Pedro fora da sala de aula, era comum ele passar ao lado da sua sala, ele entrar na sua sala.

I. S. – Sim.

L.A.R. - Sentar na carteira, ouvir o que você estava fazendo. Isso tudo era muito bem-vindo. Quantas, e quantas e quantas vezes o irmão Pedro, outros todos ali, em conversa, no café, etc. e tal. Eu quando saí do Notre Dame, eu saí na metade do ano, foi triste, entendeu? Porque os alunos quiseram muito que eu ficasse, outros professores, irmão Pedro e tal, só que eu tinha a chance de crescer mais lá. Eu estava no Notre Dame eu atuava da 5ª a 8ª série, no Pio XII, colegial, lá na Escola de Química, colegial. Então eu acabei uniformizando, a minha atuação passou a ser simplesmente no Ensino Médio, então essa foi uma das razões pelas quais eu fui lá. Não sei hoje como é, mas no nosso tempo era um Colégio que se organizava e que tinha valores comuns, que tinha celebrações de missa frequentes.

I. S. – Você é católico?

L.A.R. – Sou! Quando o Haroldo Niero morava lá no Notre Dame...

I. S. – Haroldo?

L.A.R. – Niero. Hoje falecido. Ele foi professor na Puccamp, morreu faz uns 10 anos. Ele era capelão. Ele era capelão militar na Escola de Cadetes e atuava lá, era orientador dos irmãos.

I. S. – Está certo. Então aqui, das reuniões que havia no Colégio, então havia essas reuniões de sábado e tinha mais alguma outra reunião que vocês faziam?

L.A.R. – Nós tínhamos áreas de disciplinas, quer dizer, vários anos eu fui coordenador da área de português. Então nessa reunião de sábado, a gente ficava das 8h às 12h, então havia vários trabalhos. Um dos trabalhos era a reunião de todos os professores de português.

I. S. – Para fazer o planejamento?

L.A.R. – Não só para fazer o planejamento. Também para fazer o planejamento, mas para ver o andamento do planejamento, as dificuldades, os livros que seriam lidos. A organização do ensino de português em nível de Colégio. Quer dizer, muitas vezes as professoras lá das séries iniciais também participavam disso conosco, porque elas também vinham. Então a gente tinha noção de uma criança que estava na 1ª série, depois na 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª e tal, até que saísse do Colegial. Eu atuei normalmente na 6ª e 7ª série, um ano que eu trabalhei no 1º ano do Ensino Médio, mas eu sabia os livros que todos os alunos estavam usando.

I. S. – Olha só!

L.A.R. – Entendeu? Até para que não se repetisse. Mas eram temas que, no meu entender, faziam com que todo mundo crescesse, sem dúvida nenhuma.

I. S. – E como era o relacionamento com os professores? Acho que até você já falou um pouco, não é?

L.A.R. – Olha, via de regra, tanto no Pio XII quanto no Notre Dame, o corpo docente era um pouco assim, bastante coeso.

I. S. – Eram pessoas muito sérias, não é?

L.A.R. - Um exemplo típico que não tem nada a ver com isso que a gente está falando aqui agora. Esse prédio aqui onde estamos hoje nasceu dentro do Notre Dame. A Rute Moreira lembra-se dela?

I. S. – Sim.

L.A.R. – De ciências. A sogra dela morava aqui, era uma casa, um sobrado. Isso em 1990 eu acho, nem coloque isso. Essa casa estava vazia. Uma casa sobradada como das muitas que tem aqui. E um dia a Rute, tomando café de manhã, falou assim: “Pessoal, a casa da minha sogra está vazia e ela quer alugar”. O Ivan falou assim para ela: “Rute, nós, professores, vamos alugar uma casa lá no miolo do Cambuí? Ninguém de nós tem condições para isso. Agora, nós podemos reunir um grupo e fazer um prédio”.

I. S. – Olha só! O Ivan e o tino comercial imobiliário (risos).

L.A.R. – Bom, e ficou aquela conversa, bateu o sinal, cada um foi para seu canto e tal, mas foi amadurecendo a ideia. Reunimos nove pessoas, compramos nove décimos da casa, a proprietária segurou um décimo para ela, arrumamos uma construtora, que também comprou um décimo disso aqui, o Veiga foi o nosso engenheiro, e nasceu esse prédio (Edifício Atenas).

I. S. – Aqui você já respondeu se vocês se davam bem. Davam-se super bem (risos). E você se sentia valorizado profissionalmente no Notre Dame?

L.A.R. – Sim. Pelos alunos até hoje eu vejo.

I. S. – E pelos irmãos também?

L.A.R. – Pelos irmãos também, sem dúvida. O irmão Pedro fez tudo o que ele podia fazer para eu não sair do Colégio! Mas ele não me pediu que isso ocorresse se fosse para o meu bem.

I. S. – Olha só! Então que respeito que ele tinha.

L.A.R. – Ele falou: “Eu quero que você fique, mas se você tem lá chance de crescer profissionalmente, então vá, embora eu não queira que você saia”. Então ele não me impediu.

I. S. – Ele foi uma figura muito singular no Notre Dame, não é? Tanto é que ele ficou muito tempo lá. Nessa relação, que até você já deu um exemplo aqui, o exemplo do Aldarico (Aldarico Montaldi Filho), mas assim, na relação com os alunos teve muita coisa boa, mas o que você considerava no Notre Dame especificamente, mais difícil na relação com os alunos?

L.A.R. – O mais difícil na relação com os alunos era exatamente o seguinte, e hoje ainda está mil vezes mais difícil. Naquela época não tinha celular, não tinha videogame, não tinha coisa nenhuma. Você tinha que dançar miudinho para conseguir que os alunos fizessem as tarefas, que eles se concentrassem para fazer um bom texto, que eles se debruçassem para fazer o rascunho adequado.

I. S. – A cobrança. Como cobrar.

L.A.R. – É. Então você tinha que ser muito criativo para poder entusiasmar-los a fazer alguma coisa. Então você tinha que variar muito. Às vezes eu propunha umas coisas que, assim, eram até interessantes. “Vocês vão falar, eu vou chamando pessoas que queiram primeiro, etc....”, porque eu nunca fui impositivo, “eu quero que você venha”. “Vamos lá, quem quer falar hoje sobre o assunto que preparou?”. E às vezes bolava alguma coisa assim: “Você vai falar sobre um copo, um suco. Mas você não vai falar que você vai falar sobre o copo, ou o suco, você vai dizer como é o formato dele, como é que ele é feito”.

I. S. – Para atrair o aluno, a hora que ele vê, ele está pensando naquilo.

L.A.R. – Isso. E certa vez um menino foi falar sobre um cachorrinho, aquele *basset*, comprido, e aí: “O ser de quem eu estou falando é comprido, como uma salsicha e tal...” A criança vibrava, entendeu? Porque cada um ia pensando em uma coisa, até bobagem às vezes saía, entendeu?

I. S. – (Risos).

L.A.R. - Isso eles gostavam. E quando se pedia alguma coisa, e eles sabiam que você entrava nessa comunhão com eles, entendeu? Eles liam, faziam. Às vezes havia algum problema de disciplina, entendeu? Eu me lembro de algumas vezes...

I. S. – Como era a relação com os pais quando tinha reunião de pais?

L.A.R. – Eu nunca tive problema.

I. S. – Nunca teve? Nunca foi complicado?

L.A.R. – Não, ao contrário.

I. S. – Já que dá para comparar, o aluno do Notre Dame era mais difícil que o aluno do Pio XII? Tinha isso, era mais rebelde?

L.A.R. – Também, não é Isabela, precisa entender. No Pio XII eu estava com uma classe um pouco mais avançada, que era o Ensino Médio. Lá era...

I. S. – O Ginásio.

L.A.R. – Exatamente. Lá (no Notre Dame) era 7ª e 8ª série, adolescente, então era difícil. Eu me lembro bem de três irmãos que foram nossos alunos no Notre Dame, da família Meirelles, Guilherme Meirelles, o Flávio Meirelles e Maria Meirelles. Não sei se você chegou a conhecer?



I. S. – Não.

L.A.R. - Eles moram até hoje naquele condomínio depois do cemitério ali...

I. S. – Gramado.

L.A.R. – Isso mesmo! A mãe deles, falecida já, foi muito amiga nossa. Quantas e quantas vezes eu fui a casa deles, quantas vezes eles vieram para cá também. Esse menino, Guilherme, é médico angiologista da minha esposa, cuida dela até hoje. Essa semana que passou ela foi lá fazer uma consulta com ele. E é uma relação que ficou e nasceu lá dentro do Notre Dame, entendeu? A mãe tinha algum receio de que o filho fosse disléxico, ela vinha conversar muito comigo, sabe? O Aldariquinho é outro. E inúmeros outros.

Eu não tive grandes problemas assim de disciplina, nunca absolutamente deixei uma sala de aula. Problemas pontuais de alguma indisciplina, de uma falta de tarefa, uma conversa daqui, dali e tal, assim, mas nada assim que atrapalhasse o andamento do trabalho, não. Até porque eu sempre fui muito seguro, assim, em termos de avaliação, eu levava em conta o esforço do aluno. Ele podia até não ter uma prova perfeita, mas a prova, a prova é casual ali.

I. S. – O esforço e o crescimento dele.

L.A.R. – Exatamente. Exatamente.

I. S. – Porque as pessoas vão dando o que elas têm.

L.A.R. – O que você vai exigir de um aluno que tirou 4,9? Aliás, eu sou literalmente contra isso, 4,9. Eu fiz isso, porque houve época que era assim, entendeu? Agora, o importante é a pessoa mostrar que está procurando, está buscando, está fazendo.

I. S. – E crescendo, não é? O crescimento que era importante.

L.A.R. – Sim, sim.

I. S. – Então aqui acho que já responde essa pergunta. Você conhecia os alunos pelo nome, a família, conhecia, não é?

L.A.R. – Conhecia, frequentava a casa deles, eles frequentavam a casa da gente.

I. S. – Olha só, que interessante, não é? Bom, em que medida o senhor sentiu que o seu trabalho interferiu efetivamente na vida da escola e dos seus alunos? Eu acho que esses exemplos, que você deu não são?

L.A.R. – Eu penso que se eu fizer uma retrospectiva da minha atuação tanto no Pio XII quanto no Notre Dame. Eu trabalhei no Liceu também, trabalhei no colégio do Estado, na Escola de Química. Eu penso que todos nós ganhamos, entendeu? Todos nós ganhamos. Lá na Escola de Química, eu tenho um exemplo curioso já que você colocou esse tipo de coisa.

Em 1973, quando eu estava dando aula lá, na Escola de Química a gente só tinha duas aulas de português por semana, porque era uma escola técnica. Então português era somente para saber

fazer relatório, sabe? Ter uma noção de redação, de fala, mas não tinha nenhuma possibilidade de aprofundamento, essas coisas, porque eram só duas aulas na semana, de 50 minutos. E um belo dia eu fui dar aula e senti falta de um menino, no 1º ano. Eu falei: “Cadê o Laércio? (Laércio Betarelli)”, “Professor, o Laércio se acidentou, está no hospital”.

Passaram uns 15, 20 dias, o menino voltou de cabeça raspada, um corte. E eu sabia que era um menino extremamente pobre que morava em Elias Fausto, e que vinha à escola graças ajuda de uma professora que era diretora dele lá, e ele era órfão de pai, a mãe era paupérrima, tinha mais cinco irmãos. Esse menino, eu vi que ele estava lá, eu fui conversar com ele e tal, na hora do intervalo, terminada as minhas duas aulas com ele, eu fiquei na sala e conversei um pouco com ele, ele começou a chorar.

Eu falei assim: “Você não está passando bem?”. “Não, eu estou bem professor, só que nesse acidente a diretora morreu”. Aqui na Bosch. E ele teve traumatismo craniano, mas sobreviveu. Eu falei: “Mas por que você está assim?”. “Porque acabou a minha proteção. Eu não tenho recurso, eu vou parar de estudar, não tenho condição”.

Muito bem. Eu fiquei tão penalizado com aquilo que eu vim em casa e falei para Eidil assim, isso foi em 1973. Eu falei: “Eidil, tem um menino que é aluno meu lá...”, contei toda a história. “Vamos trazer esse menino para morar na nossa casa? Se ele conseguir morar aqui, dá-se um jeito, fala na escola, também”. E Monsenhor Couto era vigário lá.

I. S. – Quis ajudar? O senhor quis ajudar?

L.A.R. - Conclusão, o Maurício, que era diretor lá na Escola de Química, eu pela APM (Associação de Pais e Mestres) (arrumamos) o almoço para ele lá, e ele ia dormir em casa. No fundo da minha casa tinha uma casinha no fundo, daí ele ficava se hospedando lá. Então ele tomava café da manhã conosco. Isso foi quando nasceu a nossa filha, ele a carregou no colo muitas vezes. Ele tomava café conosco, descia comigo até a cidade, pegava o ônibus e ia para a Escola de Química, ficava o dia todo lá, que era período integral, voltava com o vale refeição da Puccamp. Ele jantava aqui no restaurante universitário onde era o Centro de Letras, e voltava para casa para dormir.

Ele ficou dois anos lá. Formou-se na Escola de Química, entrou na Puccamp, Monsenhor arrumou serviço para ele, ele foi Secretário Geral lá no Pio XII, na minha gestão, foi Prefeito de Elias Fausto. Esse cara foi barbaramente assassinado (não é possível ouvir o áudio). Por que aconteceu isso? Convivência da escola. Ele acaba... Eu senti: “Não vai continuar”. Agora, eu tinha condição. O que custou para mim isso? Nada.

I. S. – Ajudou, não é?

L.A.R. – Ao contrário, ele nos ajudou. Quem mais ganhou com a vinda dele em casa fomos nós, entendeu?

I. S. – Claro. Há sempre uma troca, não é?

L.A.R. – A Renata era bebê, ele cuidava, ia fazer compra com Eidil, ia à padaria, ia ao mercado.

I. S. – Ele tinha quantos anos?

L.A.R. – 15 anos.

I. S. – Puxa! São umas coisas que acontecem, não é? Que pena, não é?

L.A.R. – Então eu sempre, Isabela, procurei pautar por isso. Muita gente morou lá em casa, sobrinhos nossos e outros mais, entendeu?

I. S. – Ajudavam!

L.A.R. - Eu também fui ajudado.

I. S. – Todo mundo, não é?

L.A.R. - Quando eu vim aqui para o Liceu, Carlos Aquino, Monsenhor Couto e tal, só ganhei.

I. S. – Carlos Aquino também deu aula no Notre Dame? Deu não é?

L.A.R. – Carlos Aquino, eu acho que não. Deu aula no Pio XII, deu aula no Macpoli, e está na Puccamp até hoje. É Ouvidor hoje lá da Puccamp. Então eu não sei se eu respondo isso aí, mas eu acho que essa interferência na vida, sabe? Essa convivência foi muito boa.

I. S. – Tá. Em relação ao seu desempenho como professor, o senhor buscava complementar sua formação com cursos? Era incentivado nisso pelos irmãos? Como era isso?

L.A.R. – Eles incentivavam muito, eles pagavam palestras para formação dos professores. E eu digo isso porque como Coordenador, várias vezes eu levei pessoas lá para...

I. S. – Crescer, não é?

L.A.R. - Poder trazer outras ideias, comprava o material que a gente pedia, nunca eles se negaram. Não só para nós, para todas as disciplinas, entendeu? Era uma escola, assim, muito participativa. Eu diria que, salvo excepcionalidades muito raras, era uma escola que todo mundo gostava de estar lá.

I. S. – Entendi. Bom, eu acho que já perguntei isso, não é? Você teve alguma dificuldade com os alunos em sala de aula, tipos de dificuldade? Mas eu acho que o senhor já respondeu.

L.A.R. – Essa dificuldade de alguma indisciplina, nessa “meninadinha” de 13, 14 anos, era normal. Você tinha que saber também, sabe? Driblar isso, encontrar caminhos.

I. S. – Acho que o professor tem que saber, senão ele não fica em sala de aula.

L.A.R. – Sem dúvida.

I. S. – Bom, olhando para a sua formação inicial, qual é a avaliação da sua trajetória? Acho que o senhor também já falou um pouco no início.

L.A.R. – Eu acho que se eu tivesse que, não sei se isso responde, mas se eu tivesse que começar tudo novamente, eu não mudaria nada na minha formação.

I. S. - Ai que lindo!

L.A.R. - Quer dizer, seria professor, trabalharia de manhã, à tarde e à noite, sabe? Batalharia bastante e tal...

I. S. – Valeu super a pena, não é?

L.A.R. – Valeu, sem dúvida.

I. S. – Que ótimo.

L.A.R. – E sabe o crescimento que isso traz para gente, entendeu? Não só o crescimento, a alegria que isso traz para gente!

I. S. – Satisfação.

L.A.R. – Quer dizer... Hoje, veja bem, decorrência natural das coisas, o meu oftalmologista é o Beto Galo, que foi meu aluno no Notre Dame, e foi meu aluno no Pio XII. Ele fez o Notre Dame até a 8ª série e depois foi para o Pio XII. Beto Galo é meu oftalmologista. Meu urologista é o Dr. Luiz Murgel de Castro, que foi meu aluno no Notre Dame. O meu cardiologista, Flávio Pozzuto, que foi meu aluno no Pio XII, entendeu? Então, a maioria das pessoas. Encontro com o William Campagnolli, do meu primeiro cartório, ele me vê e diz: “Professor!”, entendeu? Então, meu Deus do céu, eu querer mudar as coisas? Não! Deixa do jeito que tá que...

I. S. – Não. E a partir da sua experiência. Hoje, a formação dos professores, o que ajudaria hoje aos professores conseguirem, hoje, o senhor mesmo falou, está muito mais difícil por causa da atenção, *Facebook*, celular.

L.A.R. – Então, veja bem. Não sei precisar muito a época, mas deve ter sido depois que eu saí do Notre Dame. Isso, 1986 eu fui para a Escola de Química e lá eu conheci um professor muito amigo nosso, e ele e eu fizemos uma parceria com um professor de português amigo nosso. Fizemos várias palestras em Minas Gerais, em lugares bem distantes. Ele era muito ligado nessas coisas. Para poder discutir com professores, principalmente de cidades pequenas, assim, tecnologias diferentes, metodologias diferentes. O que pautava esse nosso comportamento era sempre assim: “Você, professor, você não sabe tudo. Não vá você imaginar que você é dono da bola, dono da verdade, você é o único que tem razão. Você tem que ser igual aos seus alunos, e que possa orientar os seus alunos na busca daquilo que você pretende”. Está certo?

I. S. – É um orientador.

L.A.R. – Claro, claro. Imagina, que alguém imaginar que eu sei mais. Eu não sei. Hoje os meninos, com internet, sabem muito mais coisa do que nós sabemos. Agora, é preciso cultivar valores, cultivar momentos especiais, seriedade no trabalho, honestidade, convivência e tal. E também, Isabela, eu acho que, o que é um professor de português? É aquele que ensina gramática? Durante muitos e muitos anos o professor de português era aquele que ensinava gramática.

I. S. – Era isso!

L.A.R. - Eu costumava dizer nessas palestras que nós fizemos por aí, sempre falo que quem precisa saber gramática sou eu, professor de português, eu sou obrigado a saber isso. Se eu não souber a gramática, eu não tenho condição de saber português. O meu aluno, ou médico, ou engenheiro, não precisa saber gramática. Eles precisam saber manusear a língua, precisam saber falar, escrever, entender, expressar-se de forma adequada. Para isso ele tem que usar a gramática como um instrumento. Mas não precisa saber o que é uma oração coordenada adjetiva subjetiva.

I. S. – Que era uma chatice... (risos).

L.A.R. – Entendeu? Agora, ele precisa entender que ao identificar uma oração subjetiva ele estava fazendo um raciocínio lógico que iria facilitar muito a vida dele.

I. S. – Lógico! Com certeza.

L.A.R. – Então a gramática - que algum tempo foi a linha mestra da postura de muitos professores de português, e eu estou no meio disso também, que no começo da minha profissão também fiz isso - a gramática não é mais fim, ela é meio. Está certo?

I. S. – E era assim antes?

L.A.R. – Antes era assim!

I. S. – Que interessante, não é?

L.A.R. - Você pegava uma prova de português, não tinha uma questão de vocabulário, não tinha uma questão de interpretação, não tinha uma questão de expressão do aluno de redação. Era, de ponta a ponta: “Retire do texto todas as palavras proparoxítonas”. O que o aluno ganha sabendo isso? Entendeu?

I. S. – É. Não é esse o fundamento, não é? E o senhor demorou a descobrir isso?

L.A.R. – Então, olha, foi a prática, foi curso, foi leitura.

I. S. – A vivência.

L.A.R. – A vivência. E ver o resultado, não é? E agora, quer dizer, de repente você percebe que ensinando o aluno a pensar ele consegue falar. Se ele pensa, ele fala, ele consegue escrever. É muito mais interessante do que você saber um mundo de (regras). Agora, eu sou obrigado a saber gramática. Os professores são obrigados a saber gramática, mas não para ensinar isso para os seus alunos, tá certo? Eu tenho que saber para poder utilizar os mecanismos de raciocínio, para que ele possa falar, ler, ouvir, falar, escrever.

I. S. – Inclusive para conseguir ensinar.

L.A.R. – Claro.

I. S. – Olha só! Que interessante isso, não é?

L.A.R. – Então a gente percebe, não é? Eu disse para você. O tempo que eu estava dando aula no Seminário que era essa a tônica da coisa, era a gramática, ensino da gramática, entendeu? E eu aprendi. Depois você vai vendo, “vou mudando aqui, vou mudando para lá”.

I. S. – Não é bem assim. Entendi.

L.A.R. - Eu acho que eu mudei muito do professor que eu comecei e do professor que eu saí.

I. S – Construiu esse professor.

L.A.R. - Por que... Entender bem as coisas... Nossa... Tem tantos casos na vida da gente, e essa interação com os alunos... Meu dentista é meu aluno. Até hoje!

I. S. – Olha só!

L.A.R. - Vira e mexe ele vem aqui em casa.

I. S. – Como o senhor vê o ensino hoje no Brasil, na atualidade, com essas novas medidas, essa PEC (Proposta de Emenda à Constituição) que saiu agora, essa coisa mais tecnicista. Como o senhor vê isso? Tiraram história e geografia, não é?

L.A.R. – Olha, Isabela, eu vou falar uma coisa para você. Eu estou afastado da sala de aula desde 1993, então já faz muito tempo. Eu tenho a impressão de que se eu tivesse a necessidade de voltar a dar aula, eu não saberia o que fazer. Por quê? Porque houve um distanciamento tão grande. Você viu na televisão esses dias aí, um garoto, eu não sei de que escola, ele saiu até na UOL. Um garoto de uma escola aqui da periferia. Foi ele com a mãe, foram reclamar de alguma coisa, bateram na diretora da escola.

I. S – Ah, bateram na professora... Na diretora.

L.A.R. – O que isso?! Então eu acho que a gente tem momentos que tem que saber, agora tem que ser outro pessoal, outra formação. Não que eu não soubesse dar aula. Até faria, mas teria muita dificuldade, entendeu? Teria muita dificuldade!

I. S. – Aquele respeito que a gente tinha com os professores é uma coisa (super) difícil.

L.A.R. – E veja. Talvez isso aconteça porque nós professores, hoje, não sabemos usar essas coisas todas bonitas que estão nas mãos das crianças em benefício delas. Por que não usar o celular para você escrever alguma coisa?

I. S. – E não reprimir, não é?

L.A.R. – Exato! Por que não: “Está todo mundo aí com o celular? Tá bom, tudo bem... então vamos fazer um texto aí, você passa no *whatsapp* para mim, eu passo para o outro”. Quer dizer, pegar uma coisa que a escola sempre foi muito distanciada da vida dos alunos. A escola era uma realidade, a vida dos alunos era outra. A gente tentou aproximar isso, tal. Hoje, não sei, a escola está atrasada, entendeu? Eu acho. Não sei como andam as coisas por aí. Eu procuro ver,

eu procuro ler, vejo meus netinhos, e tal, mas eu vejo, assim, sabe? Coisas boas que: “As crianças estão ajudando, que legal, as crianças estão fazendo, tal”, e outras coisas assim completamente distanciadas da vida real que eles levam.

A escola não pode ser divorciada da família, a escola não pode ser divorciada da vida real das pessoas. Nós temos hoje que falar desse tipo de... Acho que essa PEC do Ensino Médio, penso eu, eu li uma coisa e não tenho opinião formada sobre isso ainda, mas eu penso que essa ideia talvez faça com que os professores e os alunos acabem se entendendo um pouco mais, até porque algumas dessas disciplinas podem ser eletivas, ele pode escolher o que ele quer fazer e tal. Agora, o fruto disso a gente só vai ver daqui algum tempo, não é?

I. S. – Exatamente.

L.A.R. – Entendeu? Tenho um pouco de desconfiança de que um currículo único para o Brasil inteiro entendeu? Como é que é o aluno nosso aqui e o aluno lá de Manaus? A realidade é completamente diferente.

I. S. – Outra realidade, não é?

L.A.R. - Aqui é outra coisa completamente diferente. Entendeu?

I. S. – Um ensino interessante seria um que considerasse a realidade do aluno.

L.A.R. – Exato, porque senão... Agora, eu acho que a família está com dificuldade, entendeu? Muito desemprego, muito problema de distanciamento, muita separação. A escola está com dificuldade, entendeu? Então realmente é um momento, assim, meio crítico. Eu espero que essa reforma do Ensino Médio, aumentando a carga horária, aumentando o estudo. Vai ter dinheiro para pagar o estudo? Vai ter estrutura? A escola vai ter estrutura para ter o menino o dia inteiro lá dentro? Vai ter comida, vai ter dinheiro? Entendeu?

I. S. – É bem complicado, não é? Bom, se o senhor tivesse que passar um segredo de sucesso para uma futura professora como eu, o que você diria?

L.A.R. – Eu diria que se você se aproximar do seu aluno como você se aproxima do seu filho, você tem tudo na frente para conseguir o que você quer.

I. S. – Atenção, carinho e o interesse do aluno.

L.A.R. – Agora, enquanto você não sentir que esse que está aí na sua frente vai ser aquilo que você quer que ele seja desde que você se dedique a ele, você não consegue. Então se eu pudesse...

I. S. – Então o senhor teve vários filhos, não é?

L.A.R. – Sim, sim. Todos eles eram!

I. S. – Todos, na verdade (risos).

L.A.R. – E sabe. O aluno quando percebe que o professor é alguém que dedica sua vida em benefício dele, ele não dá o retorno.

I. S. – Ele se abre...

L.A.R. – Ele aconchega, ele acompanha, ele vai. O exemplo do Aldarico. Talvez o Aldarico passasse despercebido na minha vida.

I. S. – A amizade que ele criou, não é?

L.A.R. - Graças a Deus surgiu aquele problema na sala de aula. Ele, Nossa Senhora... O que esse menino fazia! O que esse menino vinha em casa, o que ele fazia... Se eu falasse para ele “Aldarico Estou sonhando com um bombom”. “Está aí”. Por quê? Porque ele se sentiu assim. “Esse cara me quer bem”. Entendeu?

I. S. – Se aproximou. É pela via do afeto que a gente consegue muita coisa.

L.A.R. – Ele podia... “Não gosta, não quer, não leia”, não, eu fui buscar caminhos, conversei.

I. S. – Eu acho que afetividade na relação do professor-aluno é (super) importante.

L.A.R. – Sem dúvida alguma.

I. S. – A amizade, a criatividade. Bom, tem mais alguma outra questão que o senhor acha que ficou faltando, que o senhor gostaria de perguntar, que eu não perguntei?

L.A.R. – Olha, Isabela, eu acho que a Educação é sempre um desafio, como a família também é um desafio. Hoje não é fácil, não, você ter seus filhos, você ter seus netos. Nós temos os dois aqui, que a gente acompanha mais do que lá dos Estados Unidos. Está na escola, a gente vê, às vezes vou buscá-los, às vezes eles ficam aqui fazendo tarefa, e às vezes: “Vamos fazer tarefa?” “Não quero fazer tarefa, é muito chato”, falo, entendeu? “Vamos sentar, eu quero ver pelo menos”. Aí você vê, ele percebe que você está (interessado), aí ele vem. Então você tem que ter uma doação muito grande, tem que ter um vínculo bastante forte, sabe? Que eles sintam isso. Agora, nem sempre a vontade da gente é essa. Às vezes você tem que ceder e esperar outro momento.

I. S. – Ah sim... Isso. Não é o momento que a gente quer. Exatamente. Então, professor, como eu falei, isso faz parte da minha Tese de Doutorado, não é? O senhor me perguntou e eu expliquei.

L.A.R. – Pode falar “você”.

I. S. – Você. Está bom. Mas a gente também tem muita vontade de, com o levantamento desse material, fazer um Centro de Memória no Notre Dame. Assim, temos essa pretensão, não sei se vamos conseguir. Eu gostaria de saber, tem algum material que você guardou desse período todo do Notre Dame que eu pudesse reproduzir, ou mesmo doar alguma coisa? Tem alguma coisa?



L.A.R. – Olha, Isabela, do Pio XII eu tenho bastante coisa, porque o Pio XII eu sempre tive tempo total lá, entendeu? Do Notre Dame, eu tenho um presente que os alunos me deram lá, um rádio relógio que tenho até hoje. Mas é uma coisa. Quando eu saí em 1986, uma das classes lá se juntou, e está aí no nosso quarto. Vejo e na hora lembro-me do Notre Dame. Mas assim, especificamente em relação ao colégio eu não tenho nada. Porque eu tinha poucas aulas, meu tempo era bastante restrito, ia lá, participava de tudo, mas como tinha duas ou três classes eu dava duas, três aulas e ia embora, entendeu?

I. S. – Entendi!

L.A.R. - E não tenho documentos, essas coisas. Uma pena.

I. S. – Ah não nossa, só esse documento que nós estamos construindo, que é o seu depoimento, já é bastante coisa. Professor, eu queria agradecer a entrevista, foi maravilhosa. Eu vou transcrever essa entrevista e volto a falar com você, não é?

L.A.R. – À vontade!

I. S. - Para alguma coisa que eu ainda queira aprofundar, alguma coisa que eu não tenha entendido, e aí a gente volta a conversar.

L.A.R. – Tá. Você já fez com quais outros professores?

I. S. – Eu entrevistei o Ivan Lotti Craveiro, o João Baptista da Silva Carvalho. Na quarta-feira irei entrevistar a Dona Astrid Nilsson Sgarbieri, o Hernani Godoy Junior a gente marcou, mas ele desmarcou, e entrevistei alguns alunos também. Então ainda estou no começo das entrevistas. Eu demorei um pouquinho para começar, já vou explicar o porquê. Mas estou caminhando, estou fazendo.

L.A.R. – Tá bom. Estou às ordens, o que precisar da gente, ligue, venha.

I. S. – Mas muito obrigada mesmo, eu adorei a entrevista e foi muito bom.

L.A.R. – Eu vivi um tempo áureo no Notre Dame, e saí como eu disse, porque eu tinha chance de uniformizar meu tipo de trabalho e de poder crescer, lá eu fui Coordenador, e inclusive cheguei a ser Coordenador na época quando o Estado colocou, eram 14 escolas técnicas, depois ficaram 100 e não sei quantas. Eu fui Coordenador do Vestibulinho em São Paulo e eu percorria todas as escolas da rede para Paula Souza para poder fazer treinamento, correção de redação,

etc. Nós chegamos a fazer um Vestibulinho - que a gente chamava - com 100 mil candidatos. Todas as cidades do estado de São Paulo. Quer dizer, a grande parte das cidades do estado São Paulo. E eu que preparava as provas de português, eu que orientava. Foi muito legal! E eu cresci lá.

I. S. – Eu vou agradecer, vou encerrar, daí a gente conversa um pouquinho, está bem? Obrigada.

L.A.R. – Fique à vontade.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                            |                         |
|----------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| Nome: <b>Hernani Godoy Júnior</b>                                          |                         |
| Data de nascimento: 02 de junho de 1944                                    |                         |
| Local de nascimento: Campinas, São Paulo.                                  |                         |
| Endereço: Rua Presidente Prudente nº 272                                   |                         |
| Bairro: Flamboyant                                                         | CEP: 13090-820          |
| Cidade: Campinas                                                           | Estado: São Paulo       |
| Telefone: (19) 32551120                                                    | Celular: (19) 998133310 |
| E-mail: <a href="mailto:hernanigodoy@gmail.com">hernanigodoy@gmail.com</a> |                         |
| Ano de Ingresso no Colégio: 1974                                           |                         |
| Ano de Saída do Colégio: 2001                                              |                         |
| Documento de Identidade: 2907224                                           |                         |
| Profissão atual: Educador educacional/profissional do Pio XII              |                         |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                            |
|------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                               |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                   |
| Levantamento de dados: Isabela Cristina Salgado            |
| Pesquisa e elaboração do roteiro: Isabela Cristina Salgado |
| Sumário: Isabela Cristina Salgado                          |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado       |
| Local: Campinas - SP - Brasil                              |
| Data: 23 de fevereiro de 2017                              |
| Duração: 66'                                               |
| Páginas: 28p.                                              |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais e profissão; o início da vida escolar na escola Castorina Cavalheiro, Colégio Ateneu e Cesário Motta; a graduação em Educação Física e Fisioterapia na Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas); o trabalho na Associação Atlética Ponte Preta (AAPP); a indicação do professor Zildo Amaral para lecionar no Notre Dame; o contato com o professor Fernando Henrique Machado, com os irmãos Pedro Nicolas Maranto e Edwin, e a entrada no Colégio em 1974; o número de alunos do Colégio; o trabalho como professor de educação física na Pré-Escola com os professores Elizabeth Malafaia, Cláudio e Elizeth Malafaia; as professoras Maria Helena Mattar (Lena) e Maria Cristina Figueiredo (Preta), que vieram para integrar a equipe de professores da educação física; as coordenações das diversas áreas no Colégio sob a direção do irmão Pedro; as reuniões semanais de professores, que eram remuneradas; o cargo de Diretor de Disciplina; o apoio e respaldo dos irmãos e a autonomia dos professores; o Conselho Administrativo “informal” da escola na década de 1980 e o problema da inflação; remuneração antecipada, quinquênio e dificuldades financeiras da escola;

a administração “leiga” da escola; advertências e suspensões de alunos; sobre os alunos trabalhadores no passado e bem sucedidos na atualidade; a esperança na educação brasileira; sobre a comunidade de Santa Rita de Cássia e a relação com o Colégio Notre Dame; o Grupo de Oração idealizado pelo irmão Roberto Weinmann; o cargo de Assistente de Direção na gestão de Maria Stella Rogê Ferreira Grieco; sobre as festas de fim de ano no Colégio; sobre o relacionamento com outros professores; o aumento do número de alunos em 1989; sobre os professores do Colégio Pio XII e do Notre Dame; o trabalho na Unicamp em 1986, na Faculdade de Educação Física; o curso de complementação pedagógica na cidade de Amparo; lembranças dos professores e as viagens com o Colégio; lembranças do irmão Roberto Weinmann; o relacionamento com os irmãos da Congregação de Santa Cruz; a avaliação da trajetória profissional, um professor movido por desafios; a necessidade dos professores de estarem sempre atualizados e realizando cursos; as mudanças que a internet causou na educação; os efeitos da interdisciplinaridade na formação do aluno; a formação do professor hoje; a inclusão de alunos especiais e a adaptação das escolas e faculdades na atualidade; sobre o Conselho Administrativo do Colégio; sobre a nova PEC (Proposta de Emenda Constitucional) do Governo; o segredo para uma futura professora: necessidade de carinho e dedicação ao aluno; a necessidade de impor limites aos educandos; os campeonatos esportivos do Colégio Notre Dame; reunião em Austin (Texas) e a representação do Colégio; sobre as doações ao Colégio Notre Dame e a Associação de Pais e Mestres (APM).

### **Início da entrevista**

I. S. – Campinas, 23 de fevereiro de 2017, entrevista com o Professor Hernani Godoy Junior, ex-professor do Colégio Notre Dame de Campinas. Esta entrevista faz parte do projeto de Doutorado “A história do Colégio Notre Dame de Campinas e a memória institucional como processo socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”, que está em desenvolvimento no Instituto de Educação na Universidade de Lisboa. Hernani, boa tarde, tudo bom?

H.G.J. – Tudo bem. Boa tarde.

I. S. – Obrigada por conceder a entrevista. Já agradeço desde o início.

H.G.J. – Não, é um prazer poder falar sobre a escola.

I. S. – Então, para começar eu gostaria que você me falasse o seu nome, local e data de nascimento, onde você vive hoje e sua ocupação atual.

H.G.J. – Eu nasci aqui em Campinas em 2 de junho de 1944, e minha ocupação atual é como orientador educacional/profissional, ligado ao Colégio Pio XII, que é o Colégio da PUC Campinas (Puccamp), é um colégio de experimento da Puccamp. Eu estou lá para trabalhar com os alunos do Ensino Médio, numa orientação de escolha profissional no final do 3º ano do Ensino Médio.

I. S. – Que legal! Eu não sabia. Então, eu queria que você contasse um pouquinho, antes da gente entrar no Notre Dame, você que foi professor no Notre Dame, como foi a sua escolaridade.

H.G.J. – Eu comecei em colégio público, uma escola aqui em Campinas, fiz até a 4ª série, no Castorina Cavalheiro, e depois eu fui para um colégio particular, o Ateneu Paulista, um colégio antigo de Campinas. E também passei pelo Cesário Motta onde me formei. Na época não era Ensino Médio, não me lembro do nome.

I. S. – Normal?

H.G.J. – Não, não era Normal. Era Clássico e o Científico.

I. S. – Está certo. Onde ficava o Ateneu?

H.G.J. – O Ateneu ficava onde é o SESI ali na... É SESI, atrás da Igreja do Rosário, como se chama aquela rua ali? É SESI ou SESC? Não tenho certeza agora...

I. S. – Atrás da Igreja do Rosário...

H.G.J. – Aquela rua que desce.

I. S. – É SESI ali.

H.G.J. – Então ele pegava toda aquela quadra até a Rua Orosimbo Maia, era um colégio enorme. E tinha uma atividade física muito grande na época, depois mudei para o Cesário Motta, onde é atualmente o Pão de Açúcar (Supermercado), e o Centro de Convivência, ali era um colégio.

I. S. – Ali era o Cesário Motta? Ali o prédio não existe mais.

H.G.J. – Nem o do colégio, o do Ateneu também não. Então foi o início da minha escolaridade. Daí eu fiquei sem estudar durante sete anos. Algumas coisas que me complicaram em termos de escolha profissional, na realidade. Meu pai... Eram em 10 irmãos, seis agrônomos.

I. S. – Nascidos aqui em Campinas?

H.G.J. – Não, eram todos de Piracicaba. Eu nasci em Piracicaba. E ficou esse negócio, eles queriam que eu fizesse fazer agronomia, eu não queria, acabei deixando de estudar. Quando voltei a estudar, um pouco por influência da minha esposa atual, que na época era namorada, voltei a estudar e fui fazer Educação Física.

I. S. – Onde?

H.G.J. – Na Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas). Na época a Puccamp, o Vestibular era... Só tinha inglês, biologia e português, as outras eram práticas esportivas.

I. S. – Que ano você entrou na Puccamp?

H.G.J. – 1970. 1969 para 1970, isso mesmo.

I. S. – E aí no centro?

H.G.J. – Não, Campus I. Não tinha (atual) Campus I, não. Ela começou no atual Colégio Pio XII, onde eu trabalho, depois foi para o Seminário, depois fui para o Campus I. Inaugurei o Campus I em 1973. Foi no meu último ano a inauguração do Campus I (da Puccamp).

I. S. – Olha só!

H.G.J. – Terminando a Educação Física, a Faculdade da Puccamp abriu (o curso) de Fisioterapia, então eu fiz também o curso de Fisioterapia.

I. S. – Poxa!

H.G.J. – Sou da primeira turma.

I. S. – (Você) fez as duas faculdades?

H.G.J. – As duas faculdades. E me formei em 1975.

I. S. – Que legal!

H.G.J. – Nessa época, antes de me formar eu já trabalhava na Ponte Preta (Associação Atlética Ponte Preta) como preparador físico.

I. S. – Poxa vida! É pontepretano?

H.G.J. – Sou pontepretano. Conforme o namoro foi crescendo e a Susana falou que se eu continuasse trabalhando com futebol não casaria, porque eu ficava a semana inteira fora. Então eu comecei a procurar um local para trabalhar, eu queria dar aula. E na época a escolha era feita no Ginásio Alberto Krum, onde os professores sentavam, e quem tinha mais pontuação ia pegando as escolas. E eu encontrei com o Zildo (Zildo Amaral), que é um ex-professor já falecido do Notre Dame.

I. S. – Pai da Anilda (Anilda Amaral)?

H.G.J. – Pai da Anilda. E (Ele) falou: “Hernani, vão sobrar 12 aulas no Notre Dame, vai lá, se inscreva lá.”.

I. S. – Ele já dava aula lá?

H.G.J. – Ele já dava aula lá. Porque o professor Fernando (Fernando Henrique Machado) estava deixando as aulas para ser Assistente de Direção do irmão Pedro (Pedro Nicolas Maranto). Então eu fui fazer entrevista e eu não sabia que era o professor Fernando, ele tinha sido meu técnico de basquete, e ele falou assim: “Então eu te indico, faça uma entrevista com o irmão Pedro”. Fui fazer a entrevista com o irmão Pedro. Ele (irmão Pedro) olhou o meu currículo e falou assim: “Você só trabalhou na Ponte Preta?”, falei “Só trabalhei na Ponte.” Ele falou “Justamente na Ponte Preta?”, porque ele era bugrino roxo.

I. S. – Ah, era? O irmão Pedro?

H.G.J. – O irmão Pedro era. E ao lado dele, tinha outro professor, que eu vim saber depois que era o irmão Edwin, que era pontepretano. Então os dois começaram a falar “É por isso que ele fica, é por isso que ele não fica”, e eu olhando, não é? Isso era 28 de fevereiro de 1974.

I. S. – Você lembra a data! Memória boa.

H.G.J. – Daí ele me disse o seguinte: “Eu lhe dou uma resposta até amanhã”. Eu fui para casa, meio desiludido, porque achei que não ia ser contratado. Quando foi no dia seguinte, logo cedo ele falou: “As aulas são suas, pode vir.”.

I. S. – Olha só! Ele tinha essa confiança, quando ele gostava da pessoa.

H.G.J. – Daí eu fui para o Notre, fui contratado no dia 1º de março em 1974, e comecei a trabalhar com Educação Física, o Colégio na época tinha 550 alunos mais ou menos.

I. S. – Tinha muito mais menina do que menino?

H.G.J. – Não.

I. S. – Não... Desculpe. Mais menino do que menina.

H.G.J. – Estavam começando a entrar as meninas.

I. S. – Foi em 1968.

H.G.J. – Mas já tinha menina. Tinham mais homens. Daí o Colégio começou a crescer, então construíram o atual Fundamental I, que era Primário na época, e começaram a ter muitas matrículas. Então eu passei a trabalhar com o Fundamental II. Passei a trabalhar só com os menores. Trabalhei durante 15 anos, o meu aluno mais velho tinha oito anos.

I. S. – Era Primário.

H.G.J. – Era só Pré-escola.

I. S. – Quem trabalhava com os outros anos?

H.G.J. – Quem trabalhava na minha época junto comigo, eu trabalhei muito tempo com a Elizabeth Malafaia que era casada com Abdelmassih, o Cláudio, que é médico, e a irmã dela, que era a Elizeth Malafaia casada com um diretor da Swissair. Nós três, depois foi chamada a Maria Helena Mattar, a Lena, e depois foi chamada a Maria Cristina Figueiredo, a Preta. E a Educação Física começou a ter um corpo docente muito grande. Porque veio depois o Hélio, já tinha eu e o Zildo Amaral, depois veio o Hélio, e foi crescendo a Educação Física, junto com a escola.

Mas é interessante lembrar que no segundo ano que eu trabalhava lá, eu falei para o irmão Pedro que a Educação Física era muito importante de três até 12 anos, uma idade em que a

coordenação motora, o equilíbrio é adquirido para nunca mais ser esquecido. E falei que precisaria de três aulas semanais.

I. S. – E não era comum.

H.G.J. – E não era comum.

I. S. – No colégio eram duas aulas.

H.G.J. – Eram duas aulas. E ele falou “Está bom, vamos colocar três aulas então, principalmente até 12 anos”, mas depois ele estendeu até o Ensino Médio.

I. S. – Então, eu me lembro de que era muito forte a Educação Física no Notre Dame.

H.G.J. – A Educação Física foi muito forte. Durante um bom tempo ele começou a reestruturar a escola. Eu considero que o irmão Pedro era de uma inteligência excepcional, ele vivia no futuro, e ele falou: “Nós precisamos aumentar não só a Educação Física como todas as áreas”. **(O telefone interrompe a entrevista).**

Ele começou a colocar coordenadores de área, e eu fiquei como coordenador nessa época da Educação Física. E os outros professores, cada um na sua área, nós tínhamos a coordenação de área e nos reuníamos uma vez por semana para fazer uma interdisciplinaridade.

I. S. – Você era o Coordenador.

H.G.J. – Era Coordenador da Educação Física, mas trabalhava junto das outras áreas. O irmão Pedro conseguiu fazer então uma união das áreas através dessas coordenações, isso lá em 1978, por aí.

I. S. – Você só dava aula no Notre Dame?

H.G.J. – Sim. Só no Notre Dame.

I. S. – Porque também era tempo. O dia todo tinha aula de Educação Física.

H.G.J. – Só no Notre Dame. É, tinham muitas aulas. Então eu dava aula quase que tempo integral.

I. S. – Mas você ficava sabendo do que acontecia nos outros colégios? Porque a sensação que eu tenho é que o Notre Dame, em termos de Educação Física, no período que eu estudei, eu acho que era imbatível.

H.G.J. – Teve um período de 12 anos que era imbatível.

I. S. – Será que nos outros colégios tinha todas aquelas modalidades de atletismo que a gente tinha?

H.G.J. – Não, acho que não. Nós dividíamos...

I. S. – A gente fazia tudo.



H.G.J. – É. Passavam por todos os esportes, não é? E na época que eu trabalhei com os menores, a gente dava suporte para chegar lá no Ensino Médio com mais coordenação motora, com mais equilíbrio, tal.

I. S. – Sim.

H.G.J. – Então um trabalho muito intenso nesse sentido, um trabalho junto com as professoras. Nós tivemos um apoio pedagógico, tivemos que estudar Freinet (Célestin Freinet), nós tivemos que estudar Waldorf, e todas as áreas, as linhas, para depois poder trabalhar com as crianças. Então a gente também evoluía junto.

I. S. – Dava para perceber que era uma coisa muito forte a parte da Educação Física. Era diferenciado, e em relação aos outros colégios, porque a gente conversava com alunos...

H.G.J. – As reuniões eram semanais, a gente tinha que participar, era pago, coisa difícil hoje em dia. Acho que o Notre Dame continua pagando.

I. S. – Era aos sábados?

H.G.J. – É. Nós tivemos aos sábados, depois passou a ser de terça-feira, no final do período. E eu fiquei nessa função até 1992, se não me engano a data, mas acho que era 1992, quando o irmão Pedro me chamou e pediu para que eu fosse o Diretor de Disciplina do Colégio. Porque estava tendo uma dificuldade com o Jorge, que era o professor de Educação Física, ele não estava sabendo lidar direito com a situação. Nessa época eu disse para o irmão Pedro que eu não gostaria de deixar as minhas aulas, mas ele insistiu demais e falou: “Olha, vai melhorar seu salário e tal”, porque eu ficava das 7h da manhã até às 7h da noite, praticamente.

I. S. – Todo dia.

H.G.J. – Todo dia. E eu pegava da 5ª série até o 3º ano do Ensino Médio tomando conta da parte disciplinar, que era no início difícil, mas depois, eu acho que eu tinha uma empatia com os alunos, que foram meus alunos quando pequenos, então tinham um respeito muito grande.

I. S. – Mas aí você ficou nas duas coisas, tanto como professor quanto...?

H.G.J. – Não. Tive que deixar as aulas. Fiz um contrato verbal com o irmão Pedro, que se algum dia eu fosse sair do cargo eu voltaria com as minhas aulas. E ele era aquele do “fio de bigode”, falou, cumpriu.

I. S. – Antigamente era mais normal.

H.G.J. – E falou: “Hernani, pode ficar tranquilo que as aulas, se não der certo e você quiser voltar, as aulas são suas”.

I. S. – Como era...?

H.G.J. – Ser Diretor de Disciplina?

I. S. – Colocar disciplina nessa garotada. Não era complicado?

H.G.J. – Não, eu acho que não. Eu acho que existia muita brincadeira, mas sadia. Hoje há maldade nas brincadeiras. Acho que o *bullying* hoje está muito explícito.

I. S. – É muito mais duro. Lá (naquela época) era um pouco mais ingênuo.

H.G.J. – Mais suave. É. Era o apelido porque tinha cabelo vermelho, chamava de vermelho, o gordinho era gordinho. Hoje é maldoso, naquela época não era. Então não foi tão difícil, porque eu comecei a montar as regras junto com os alunos. Então tinha o representante de classe, e a gente sentava para montar as normas, e aí ficava mais fácil, porque era montada por eles.

I. S. – Eles também construíam junto.

H.G.J. – Sabiam como ia funcionar.

I. S. – E os irmãos eu acho que nessa parte eles davam muito apoio.

H.G.J. – Eles davam muito apoio. Nossa! O irmão Pedro falava, inclusive: “Eu só quero assinar quando você mandar algum aluno que tenha se despedido da escola, que for mandado embora, eu sou obrigado a assinar. Mas você manda e vem falar comigo”. Então ele dava autonomia total, e isso dava muita força para gente trabalhar.

I. S. – Porque tinha reconhecimento.

H.G.J. – E tinha respaldo, não é? Eu tinha certeza que ele ia cumprir com aquilo que eu estava falando para o pai. Então foi muito gratificante trabalhar, porque passei a trabalhar com todas as faixas etárias.

I. S. – Poxa, que legal!

H.G.J. – Foi bem gratificante. Daí ele me convidou para fazer parte de um Conselho, na época era um Conselho informal, não tinha ata, nem nada, mas ele reunia alguns pais, a inflação era muito grande, era desesperadora para nós profissionais, nos anos 80. Ele chamou alguns pais que tinham indústrias em Campinas, eram pessoas que lidavam muito com a economia, e ele pedia conselho. E eu fazia parte como representante dos professores. Geralmente essas reuniões eram aos sábados de manhã.

I. S. – Tinha nome esse Conselho ou não?

H.G.J. – Eles chamavam de Conselho Administrativo.

I. S. – É porque às vezes em um documento para a gente ver, é interessante.

H.G.J. – É. E daí esses pais aconselhavam o quanto aumentar, o quanto diminuir. E nessa época foi feita uma reivindicação, até fui eu que levei (a sugestão) se não poderia ser pago o mês a vencer, não o mês vencido. Porque a inflação já “comia” o salário na época. Então propus que se pagasse o curso antes. Eles começaram a pagar quinzenalmente, então no dia 15 a gente já recebia não o mês todo, mas recebia em duas partes, o adiantamento. E também a introdução

do quinquênio, que depois levou a escola a passar certo aperto agora no final dos anos 90, comecinho de 2000. Porque os professores passaram a ter quinquênio, tinham um ganho de 5%. Então, por exemplo, eu tinha 25 anos de casa, eu ganhava 25% a mais do salário. Porque eram cinco vezes. Então isso fez com que depois apertasse a (situação) financeira.

I. S. – E conseguiram votar isso ou não?

H.G.J. – Daí foi feita uma reunião e foi cortado esse benefício.

I. S. – Isso do quinquênio foi em que período?

H.G.J. – Foi até 1990 e....

I. S. – Ah, então ficou um bom tempo.

H.G.J. – Um bom tempo. Muita gente recebeu. Mas era a irmandade que tomava conta. Então eles sabiam lidar com isso, porque se houvesse necessidade de trazer gente de fora... Então era bem tranquilo. Mas depois quando passou para os leigos acabou caindo, teve que cair. Eles não tinham mais condições.

I. S. – Entendi. Nessa questão da disciplina, por ser.... Até a gente estava conversando aqui que você falou que hoje o Colégio é mais elitizado do que naquela época, mas quando você ia colocar disciplina, de repente para um aluno mais complicado, tinha essa coisa do pai vir e falar...

H.G.J. – Tinha. Não, contestar.

I. S. – Como você lidou bem com isso?

H.G.J. – Eu lidei bem assim. Nós tínhamos alguns caminhos até chegar a uma situação mais difícil, mais crítica, de ter que mandar embora. Então inicialmente a gente fazia uma advertência verbal, depois uma advertência por escrito, depois uma suspensão, e depois pedindo para que o pai retirasse o aluno. Então era bem avaliado.

I. S. – Expulsava da aula ou chegou a expulsar do Colégio?

H.G.J. – É, chegou a sair aluno da escola.

I. S. – Nossa! Porque era muito indisciplinado?

H.G.J. – Porque era muita coisa. Mas isso foi rara as vezes que aconteceram. Era muito mais conversar com os pais, os pais geralmente apoiavam. Um ou outro contestava alguma coisa, mas não era nada muito grave. Porque se saísse da minha pessoa e fosse procurar a Direção, o irmão Pedro sabia lidar com isso, muito bem. Então ele conseguia convencer o pai que era importante, que era para o crescimento do aluno.

I. S. – Se ele (o aluno) tinha salvação. E ele conseguia (o irmão Pedro), ele tinha esse talento.

H.G.J. – É. Ele tinha um talento muito grande para lidar (com a situação).

I. S. – Tem algum caso específico que você se lembre, de uma criança “difícil”, mas que você lembre que você conseguiu superar aquilo e falar: “Poxa, consegui.”.

H.G.J. – Sim. Eu tenho alunos que deram muito trabalho, mas que hoje são médicos, são advogados, e que eu encontro com muito prazer, que passaram por situações... E eles mesmos falam: “Nossa, eu dei trabalho para você.”.

I. S. – (Risos).

H.G.J. – Eu falo: “Deu”. Mas isso eu acho que é uma coisa que valoriza. Uma coisa que me faz crescer demais e acreditar na Educação é encontrar esses profissionais.

I. S. – Isso é legal.

H.G.J. – Porque a gente não é uma linha de montagem, a gente não sabe o que vai acontecer no futuro.

I. S. – Exatamente.

H.G.J. – A gente trabalha com (alunos) até 17, 18 anos e espera que dê certo. Então quando você vai fazer uma consulta e vê que o médico que vai te atender... Eu tenho dois médicos que são meus ex-alunos, então tenho meu urologista e ortopedista, os dois são meus ex-alunos. Até brinco com eles: “Ainda bem que vocês deram certo”. E tem muita gente que deu certo.

I. S. – Tem muita gente.

H.G.J. – Tem muita gente que deu certo.

I. S. – Que bom!

H.G.J. – É, que bom! E a gente comentava muito isso, a gente não sabe o que vai sair lá (na frente), daí tem que fazer o melhor possível. Não só ensinar a matéria, mas ensinar que ele tenha um curso de vida, que ele saiba daqui para frente lidar com as situações de vida.

I. S. – E isso era o diferencial do Notre Dame.

H.G.J. – Esse era o diferencial. Eu falo isso com orgulho, porque eu vejo que hoje ficou muito “tem que entrar na faculdade, vamos estudar, racha o dia inteiro”, e perdeu um pouquinho retiro (retiro espiritual), os valores, que lá trabalhavam muitos os valores... O Colégio, eu acho que ainda trata bastante essa parte de valores. Tem lá uma Pastoral, que o Jamil (Jamil Cury Sawaya) está tomando conta, eu acho que ainda tem a Primeira Eucaristia, tem a Crisma. Naquela época nós tínhamos também, mas eram feitos na Santa Rita (Paróquia), porque a Comunidade Notre Dame é ligada à Santa Rita, então eram feitas lá.

Agora, eu devo tudo à escola. Isso eu falo com maior orgulho, porque eu me casei lá, por causa do Colégio.

I. S. – Ela dava aula lá também?

H.G.J. – Não. A Susana (esposa) era professora, mas não dava aula lá.

I. S. – Do que ela dava aula?

H.G.J. – Estudos Sociais. Mas quando nasceu a minha primeira filha ela parou de dar aula. Foi cuidar das crianças só. Mas antes de termos os filhos, ela fazia parte do grupo. Nós tínhamos o grupo de jovens, que era do irmão Roberto (Roberto Weinmann), ele montou esse grupo de jovens na escola, e nós participávamos dos retiros.

I. S. – Esse grupo se reunia em que momento?

H.G.J. – Depois que nós fizemos um trabalho com o irmão Roberto de como lidar com os jovens, ele lidou com a gente como a gente teria que lidar com os jovens. Então era um grupo de casais, que também fizemos muita amizade.

I. S. – Tinha nome esse grupo?

H.G.J. – Não. Chamava-se Grupo de Oração, na verdade. A gente tinha uma oração espontânea no início da reunião, era uma vez por semana com os jovens. O meu grupo era na quarta-feira à noite, na minha casa e depois...

I. S. – Não era no Colégio?

H.G.J. – Não, era fora. E cada semana na casa de um componente do grupo. Então a gente rodava, conhecia os pais.

I. S. – Isso aproximava também.

H.G.J. – Ficava conhecendo os pais.

I. S. – Eu acho que os irmãos do Notre Dame se aproximaram muito das pessoas.

H.G.J. – Das famílias. As famílias faziam parte da escola, não é? Porque quando íamos a casa desses jovens, éramos apresentados aos pais, eles ficavam conhecendo, sabiam como funcionava, e até mudava às vezes a (nossa) relação com o aluno em função de conhecer a família. Porque o jovem é muito reflexo da família.

I. S. – Se ele tem uma dificuldade pode ter certeza que começa lá dentro de casa.

H.G.J. – Lá dentro de casa. Então conhecendo a família a gente até às vezes (melhorava) a maneira de lidar com o jovem. Isso a escola tinha de bom, porque daí você passava para os professores, e falava: “Tem que tomar cuidado, não podemos ser muito bravos, já tem a família muito em cima”. Isso me ajudou bastante dentro da Orientação Educacional, me ajudou bastante.

Então, daí em 1994 eu passei a fazer parte como Diretor até 1999. Quando o irmão sai (irmão Pedro Nicolas Maranto), assume o Jamil (Jamil Cury Sawaya), e eu ainda continuo com o Jamil como Diretor de Disciplina, e quando a Stella (Maria Stella Rogê Ferreira Grieco) assume (a

Direção do Colégio), eu passo a ser Assistente da Direção. Eu fiquei do ano de 1974 até 2001. Vinte e seis anos dentro da escola. Mas a escola tem um componente, não só de união com as famílias, mas também entre os professores.

I. S. – Isso que eu ia perguntar. Como era o relacionamento entre os professores?

H.G.J. – O relacionamento nosso com os professores era muito bom.

I. S. – Muito amigo não é?

H.G.J. – Nós éramos amigos.

I. S. – A gente percebia isso, e olha que eu era adolescente que não presta atenção.

H.G.J. – É, mas você sabe que as reuniões semanais traziam essa proximidade, e as festas do Colégio.

I. S. – As festas! Porque tinham atividades de todas as disciplinas, não tinha?

H.G.J. – Tinha atividades de todas as disciplinas, tinha. Então nós sempre estávamos juntos, para montar a festa. “O que nós vamos fazer?”, montar junto com os professores. Encerramento de pré-escola era uma festa enorme.

Eu me lembro da Sandy e do Júnior (artistas e ex-alunos do Notre Dame), por exemplo, que eram da pré-escola. E quando esses alunos passaram para o 1º ano do Ensino Fundamental tinha uma festa sendo montada pelas (disciplinas) de educação física, música e educação artística, feita no ginásio de esportes. E o Chitão e Xororó (músicos parentes de Sandy e Júnior) estavam estourando com a música “Rancho Fundo”. Eu lembro que conversei com o Chitão, você vê como era a proximidade com as famílias. (Estou explicando isso por causa disso). Eu telefonei para o Chitão e falei: “Não dá para você entrar e cantar a música que está dentro do tema que vai ser a festa?”. Ele falou “Hernani, como é que você vai fazer? Você vai falar isso aí?”. Daí eu falei: “Nós vamos fazer o seguinte, só fica sabendo eu e a Diretora (que era a Stella)”.

I. S. – Não conta para ninguém.

H.G.J. – “(Não conta) nem para seus filhos. Daí você traz um playback, eu apago a luz do ginásio”, eu disse.

I. S. – Seus filhos estudavam no Colégio?

H.G.J. – Os meus também, e os deles. Daí eu apaguei a luz do ginásio, coloquei o playback, e eles entraram cantando.

I. S. – Nossa!

H.G.J. – E depois eles saíram, foi um negócio!

I. S. – Eles eram pequeninhos, não eram?

H.G.J. – A Sandy tinha seis anos.

I. S. – Eu acho que eu vi, tem essa foto desse momento no Colégio.

H.G.J. – Desse momento? Tem?

I. S. – Tem. Tem um álbum sobre isso. Porque o arquivo do Notre Dame, como não é (super) antigo.

H.G.J. – É jovem, tem 50 e poucos anos.

I. S. – É. O arquivo fotográfico é totalmente preservado, e tem desse evento.

H.G.J. – Quem tem, até você está aqui, você pode depois procurar, a Cristina, é uma professora do primário, ela tem tudo isso documentado, todas as festas de encerramento.

I. S. – Ah, que legal! Que são sempre várias matérias combinadas.

H.G.J. – Sempre trabalhando em conjunto. Isso fazia com que nosso relacionamento, entre nós, os professores...

I. S. – Fluía...

H.G.J. – Fluía. Nós tínhamos no meio do ano o almoço festivo de encerramento, no final do ano o jantar festivo. E essas festas que aconteciam, a Festa da Primavera, a Festa das Nações.

I. S. – Esses momentos assim todo mundo participava. Eu aproveitei muito quando estudava no Colégio.

H.G.J. – A escola foi crescendo, até chegar em 2000 alunos em 1988, 1989, foi o pico maior.

I. S. – Chegou a 2300 (alunos).

H.G.J. – Chegou a 2300. E na época as duas escolas eram o Pio XII, onde eu estou atualmente, e o Notre Dame. Nós tínhamos muitos professores em comum.

I. S. – Sim. E disputava um pouco.

H.G.J. – Sim, era bem disputado.

I. S. – O Luiz Antônio Razera me falou isso, que o Pio XII tinha muito mais aluno e o Notre Dame chegava uma hora que parava.

H.G.J. – Até aqui dá. Ponto. Depois não dá mais.

I. S. – E o Pio XII era muito mais. Também uma coisa bem voltada para o Vestibular.

H.G.J. – Tinha o Razera, o João Baptista (João Baptista da Silva Carvalho), o Dênis, todos eles davam aula lá no Pio XII e no Notre Dame.

I. S. – A Astrid (Astrid Nilsson Sgarbieri) também?

H.G.J. – A Astrid não, inglês não.

I. S. – Ela dava aula lá na Puccamp. Ela deu aula, muitos anos, na Puccamp.

H.G.J. – Então, depois em 1986, antes de eu passar para Diretor de Disciplina, eu fui trabalhar na Unicamp na Faculdade de Educação Física na cadeira de terceira idade adaptada, por ter (curso) de Fisioterapia. Fiquei dois anos e daí eu resolvi fazer Pedagogia.

I. S. – Na Unicamp?

H.G.J. – Eu fiz uma complementação pedagógica.

I. S. – Isso na Unicamp?

H.G.J. – Não. É um curso que você faz durante dois anos, todo sábado, o dia inteiro, para poder ser Orientador Educacional e Diretor de Escola ou Coordenação. Por isso que eu continuo como Orientador.

I. S. – Entendi.

H.G.J. – Então eu passei a fazer parte da Orientação.

I. S. – Isso você fez onde, esse curso?

H.G.J. – Em Amparo.

I. S. – Ah, em Amparo!

H.G.J. – O Glauco (Glauco Craveiro) foi meu professor lá.

I. S. – Olha só. O Ivan (Ivan Lotti Craveiro) está lá, o Glauco é vivo ainda?

H.G.J. – É vivo.

I. S. – E mora em Amparo?

H.G.J. – Mora em Amparo também.

I. S. – Ah. Eu não me lembro dele, eu me lembro do Rui (Rui Ribeiro de Campos), que infelizmente eu não vou conseguir entrevistar. Uma pena.

H.G.J. – Eu tenho uma foto bonita dele.

I.S. – Eu gostava demais assim, dá aula dele, porque eu fui para Humanas, então de Humanas era ele, geografia... E história.



H.G.J. – E o Tarcísio, Geografia? Não...

I. S. – Era o Rui de Geografia.

H.G.J. – E quem era História? O Ivan?

I. S. – O Ivan. Eram os dois. Eu escolhi fazer História na faculdade muito por conta dessas aulas. Eu adorava essa parte. O Carlos Alberto Penha me deu Filosofia depois no fim.

H.G.J. – Penha! O Penha tem até livro editado, se não me engano.

I. S. – Ah, tem?

H.G.J. – Tem livro editado por ele, de Filosofia. O Penha é uma pessoa especial, não é?

I. S. – Ele é. Eu acho que ele é uma pessoa... O gosto por essa disciplina de filosofia, começar a pensar nisso foi com ele. Ele tinha, ele conseguia, porque não era fácil, com 15, 16 anos e ele conseguia fazer a gente... Eu me lembro desse momento. A Dona Benedita (Maria Benedita Ayres Santoro) também, eu acho que os professores tinham isso de reter, a gente conseguia prestar atenção. A Dona Astrid sempre...

H.G.J. – E vários alunos foram fazer Educação Física (Faculdade), principalmente meninas, por causa da Preta (Maria Cristina Figueiredo) e da Lena (Maria Helena Mattar).

I. S. – Sim. Nossa, era uma parceria ali fantástica! E tinha outra que veio depois...

H.G.J. – Titinha. A Titinha hoje é Coordenadora de Educação Física na UNAERP, em Piracicaba.

I. S. – Olha só! Está lá em Piracicaba.

H.G.J. – Está lá em Piracicaba. Você vê que como a gente tinha tanta amizade, que a gente continua com contatos até hoje.

I. S. – Continua até hoje.

H.G.J. – Com os professores, ex-professores, ex-alunos. Esse grupo de ex-alunos que eu faço parte é fabuloso! A gente sai para jantar, não é?

I. S. – Poxa, que legal! É. O Razera falou também que têm vários, falou que tem sempre alguém... Que tem uma proximidade.

H.G.J. – E isso significa o que? Que a gente conviveu, de fato. Foi uma convivência, tinha esse elo, que a escola conseguia fazer. Porque isso, eu acho difícil de acontecer em outra escola, porque éramos unidos mesmo. Viajávamos junto, almoçávamos junto.

I. S. – E as viagens? Eu lembro que a eu fiz a viagem de Ouro Preto com a professora de Português...

H.G.J. – Ouro Preto, Brasília... Você foi ou não?

I. S. – Não, Brasília eu não fui. Eu fui a Ouro preto...

H.G.J. – Fazia muito estudo do meio. A gente saía bastante.

I. S. – Nossa, achei lindo Ouro Preto, fiquei encantada. Aquela viagem foi um encanto, tirei muita foto.

H.G.J. – Fazia Itu, Capivari, para ver as monções, e Varvito.

I. S. – Você participava dos retiros que tinham na chácara em Penedo?

H.G.J. – Sim.

I. S. – Essa chácara era do Colégio?

H.G.J. – Não. Essa chácara se chama Siloé, pertence ao Mosteiro de São Bento, de Vinhedo, SP. Eles alugam para atividades.

I. S. – A gente ficava acho que dois ou três dias lá.

H.G.J. – É, a gente ia sexta, depois do almoço e voltava domingo no almoço.

I. S. – Isso, exatamente, aí levava violão...

H.G.J. – Tinham as atividades...

I. S. – Eu me lembro do irmão Roberto.

H.G.J. – É... O irmão Roberto... Eu fui a todos.

I. S. – Então eu acho que você foi ao que eu fui.

H.G.J. – Eu tenho uma foto que está todo mundo sentado no gramado, eu estou de um lado, irmão Roberto do outro, minha esposa, e a Lena acompanhava.

I. S. – Isso eu não lembro, eu lembro muito do irmão Roberto.

H.G.J. – Porque tinha a casa... Ficava a casa das meninas e a casa dos meninos. Lembra?

I. S. – Isso era separado.

H.G.J. – Minha esposa dormia com vocês e eu dormia com os meninos.

I.S. – Isso que eu ia perguntar, assim, porque como eu estou há muito tempo trabalhando essa questão da documentação que eu adoro essa parte documental, e vai entrar muito no meu Doutorado, você guardou alguma coisa como essa foto? O que você guardou?

H.G.J. – Eu tenho foto, eu tenho uma Bíblia que foi... Os alunos escreveram cada um na Bíblia, eu tenho guardada. Eu acho que ainda tenho alguns folders que o irmão Roberto fazia. Eu posso tentar achar para você.

I. S. – Isso seria interessante reproduzir isso, (escanear), então isso é para um segundo momento.

H.G.J. – É. Eu vou ver se eu consigo encontrar,

I. S. – Hoje tem scanner.

H.G.J. – Eu tenho uma foto que está no grupo do Notre, uma sala dos professores, estamos sentados a Astrid, Piovezanni, eu e o Wanderley, que dava aula de Datilografia.

I. S. – Ah, aula de Comércio! E a fanfarra também.

H.G.J. – E a fanfarra também.

I. S. – Ele eu encontrei há um tempo.

H.G.J. – Ele fez advocacia, hoje ele é advogado.

I. S. – Mas ele está bem?

H.G.J. – Está bem.

I. S. – Porque eu o encontrei e nossa, foi muito legal, ele é muito alegre, muito simpático. Achei que ele estava muito bem.

H.G.J. - Eu acho que daquela época quem faleceu foi a Rute (Rute Moreira), de Física...

I. S. – Ela é tia da Miriam (ex-aluna Miriam Moreira).

H.G.J. – Isso. O professor João Baptista (João Baptista da Silva Carvalho), que dava desenho.

I. S. – O João Baptista eu entrevistei.

H.G.J. – Não. O João Araújo (João Alves de Araújo Júnior) desculpe. E também o de matemática, o....

I. S. – O Grando?

H.G.J. – Não, o Grando era de Português.

I. S. – Qual dava matemática, o que faleceu? O Canto (Antônio José Leite do Canto) não.

H.G.J. – Antes do Canto. Eu vou lembrar o nome dele, depois eu vou te falar.

I. S. – Porque eu tive matemática com a Dona Ondina e depois com o Canto.

H.G.J. – Dona Ondina, depois com o Canto? É. Mas teve outro que faleceu, o filho dele faz parte desse grupo meu, está com 58 anos.

I.S. – O filho?

H.G.J. – O filho.

I. S. – O Valdir e o Borges eram...

H.G.J. – O Valdir faleceu faz 3, 4 anos. O Borges faleceu faz tempo já. O Charles faleceu.

I. S. – E qual (deles) foi salvar o filho?

H.G.J. – O Charles. O Charles trabalhava com a parte de informática.

I. S. – Foi salvar a criança... E faleceu.

H.G.J. – Foi salvar a filha... É. O Borges faleceu com infarto, o Valdir ficou doente, faleceu, teve câncer.

Mas teve um acidente automobilístico em 1998, onde faleceu um professor que vinha de Limeira para cá, ele e mais três professores, vinham de Rio Claro, vinha pegando um e outro, num acidente... Ele faleceu. Mas eu tenho o nome dele, depois eu posso te passar. E o irmão Guilherme (Guilherme St. Romain).

I. S. – Que ficou doente.

H.G.J. – Ficou doente.

I. S. – Foi para os Estados Unidos e....

H.G.J. – Faleceu lá.

I. S. – Ele tinha diabetes, não é?

H.G.J. – Tinha. Eu fui visitar o túmulo dele lá em Austin (Texas). O colégio tem um cemitério em Austin, onde é a sede. Eles têm uma universidade lá que chama St. Edwards University. O Notre Dame é em outra cidade. E ficamos alojados lá, e eles têm uma doação, um terreno que foi doado, que tem o cemitério dos irmãos.

I. S. – Esse relacionamento com os irmãos era excelente. O Ricardo (Ricardo Burgie) também, você pegou a fase do Ricardo?

H.G.J. – Sim. O Ricardo faleceu dentro do laboratório lá em Santarém (Pará).

I. S. – Depois daqui...

H.G.J. – Daqui ele foi para Santarém, no Dom Amando (Colégio Dom Amando). Foi o primeiro colégio no Brasil. Vieram para cá, quem veio foi o irmão Paulo (Paulo Schaefer), na verdade,

e depois ele veio para Campinas, conseguiu a doação do terreno onde está o Notre Dame. E eles tinham uma visão, ele e o irmão Pedro, mas o irmão Paulo sempre ficava muito mais quieto, mas com uma visão muito grande. Junto com o irmão Pedro, onde é o atual ginásio, não era da escola, e o irmão sempre falava: “Precisamos comprar esse terreno, porque aí pode virar motel, pode virar posto de gasolina, nós precisamos comprar”, foram atrás e compraram. E depois compraram essa área de cima, onde atualmente fica o estacionamento, da mesma maneira: “Precisamos comprar senão alguém vai fazer alguma coisa”. Tanto é que aquela parte de baixo ficou as casas ali, ficou um condomínio, tudo bem. Mas, aquela parte de cima, mais uns 20 mil metros, foram comprados. Pertencia ao Sírio Libanês (Hospital), se não me engano. E, logo depois que compraram - por fazer parte do Conselho Administrativo, eu sabia de tudo isso - a Igreja que foi construída do outro lado da rua (A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias), queria comprar ali, mas aí eles compraram lá (do outro lado da Rodovia em frente ao Notre Dame). Mas a visão dos irmãos (tinham a visão) de se precaverem com essas coisas.

I. S. – Para não ter problema.

H.G.J. – Para não ter problema no futuro.

I. S. – Antes o colégio era bem isolado, agora ele está numa avenida.

H.G.J. – Nossa, eu ia para o colégio... Depois que passava a Hípica (Sociedade Hípica de Campinas) para frente era terra (estrada de terra).

I. S. – Era terra, exatamente. Era uma viagem ir para o Notre Dame. Bom, olhando para sua formação inicial, na Educação Física, como você avalia sua trajetória na Educação Física e de vida?

H.G.J. – Então, eu estava comentando com você. Eu resumo um pouco no seguinte sentido: eu vejo que o aluno, eu posso comparar ele com um livro, por exemplo. Você tem que ler até o fim para poder avaliar. E isso faz com que eu tenha tido uma passagem (super) entusiasmante com os alunos, porque na verdade eu crescia junto com eles. O jovem tem uma grande vantagem, você aprende muito com ele. Você sabendo conduzi-lo, ele vai te ensinar. Então eu não deixo de trabalhar até hoje, trabalho com jovem até hoje, porque eu vejo que me renova, e essa passagem que eu tive como educador até agora fez com que eu fosse “num” crescendo através deles, porque eles me entusiasmam a voltar, a me reciclar, a ler, a estudar novamente.

I. S. – Não para nunca.

H.G.J. – Não para nunca.

I. S. – E são desafios. Fazer com que eles aprendam. A gente é movida por desafio.

H.G.J. – E agora que a novidade é a neurociência, que está entrando em sala de aula, você tem que saber como o cérebro atualmente funciona, do adolescente, tudo mais, isso faz com que a gente vá se aprimorando.

I. S. – Cada vez mais, descobrindo.

H.G.J. – Então, eu estou fazendo curso, estou lendo livros em cima da neurociência para poder acompanhar, trabalhando com os professores também nesse sentido, que o aluno mudou, não é mais o mesmo aluno.

I. S. – Não é bem “fica quieto”, fica quieto.

H.G.J. – Não. E hoje você tem uma facilidade muito grande com a internet. Você dava aula, o aluno escutava, aprendeu. Hoje você fala, ele fala “espera um pouquinho, vou ver se isso é verdade ou se têm mais coisas”. Então ampliou demais. Hoje você precisa ter essa maleabilidade para lidar com isso, você tem que estar sempre se atualizando.

I. S. – Você acha que hoje você é mais questionado?

H.G.J. – Eu sou mais questionado, então eu preciso estar atualizado para poder ter um “empate” com ele. Eu começo agora em março a dar aula para os alunos sobre orientação profissional, mais aprofundada para o 3º ano, e eu pergunto a eles quantas profissões eles conhecem. Primeira aula eu falo, eles escrevem no máximo 20. E eu digo que hoje nós temos mais de 120 cursos, e todo ano está abrindo curso. A USP abre curso novo, a Unicamp abre curso novo.

I. S. – E eu acho que é a interdisciplinaridade.

H.G.J. – Isso.

I. S. – Porque antes era aquela coisa: “Eu vou ser médico”, o cara tinha que ser. Como o meu filho que está fazendo biologia, mas ele já olha aqui e ali, faz um “cruzamento” e de repente ele acha a profissão dele. Acho que hoje é mais criativo o processo (de escolha da profissão).

H.G.J. – Eu acho que as faculdades particulares ainda estão atrasadas nesse sentido, de dar liberdade para você assistir outros cursos, mais na pública. Você vê, na USP, Unicamp, você pode fazer uma seletiva. Na minha aula de Educação Física eu tive um médico, porque eu trabalhava com a terceira idade e ele queria ser geriatra, então ele vinha assistir minha aula. Então, isso faz com que o jovem hoje perpassasse por várias áreas fazendo um curso dentro de uma universidade federal. Na particular a tendência é essa, eu acho, a tendência vai ser essa. O aluno tem que ser multidisciplinar, não adianta mais: “vou fazer tal coisa”. E é o principal hoje saber trabalhar em equipe, não tem como. Tem que saber pelo menos uma língua, no mínimo, e fazer com que esses alunos se concentrem um pouco mais, sair um pouco desse virtual que existe hoje em dia, que atrapalha muito.

I. S. – É, é bom ter como ferramenta, mas não ficar só nisso.

H.G.J. – Saber utilizar... Então eu acho que o trabalho maior hoje em dia é nesse sentido, de você fazer com que o aluno foque um pouco mais em leitura, em filmes que... Não dá para deixar de fazer

I. S. – Que também não dá para deixar de fazer. A leitura, não dá para abandonar os livros. Bom, a partir da experiência que você teve, eu acho que você até já falou um pouco aqui, como você acha que deve ser a formação do professor hoje. Eu acho que até a gente já conversou um pouquinho.

H.G.J. – Sim. Eu acho que o professor deve ser muito atualizado, e ele tem que ganhar o aluno, essa que é a verdade. Ele não entra mais na sala de aula e fala... Não fica um curso de “cuspe e giz”, uma maneira de eu falar. Vai para a lousa e.... Não existe mais isso. Ele tem que interagir.

I. S. – O que você acha dessa coisa da aula expositiva? Eu estava conversando com o Ricardo Gudwin e ele falou que a filha dele está fazendo um curso que é totalmente, não tem aula expositiva. O professor dá o tema e ela tem que pesquisar tudo sozinha, então acaba ficando uma tensão muito grande.

H.G.J. – Faz, falta (a aula expositiva). Eu acho que não. Eu acho que assim, o professor é fundamental na Educação. Podem inventar mil e uma coisas, mas o papel do professor em classe, ele é o espelho, a ética.

I. S. – Não é só conhecimento informacional.

H.G.J. – Não só informacional. Como eu disse, precisa conhecer o aluno. Hoje você precisa conhecer mais o aluno. Aquele está dormindo, por que ele está dormindo? Ele não está dormindo porque está com vontade de dormir. Alguma coisa... Hoje há necessidade de você conhecer melhor o aluno, e você tem que ganhar o aluno através da conversa. E o professor faz falta numa sala de aula, faz muita falta, não só no transmitir a matéria, mas faz falta também essa proximidade, de ser um espelho para ele.

I. S. – Ter uma referência.

H.G.J. – Ter uma referência. Atualmente a maioria das escolas fazem projeções, têm cursos já programados, já está no tablete do professor, ele só projeta, mas ele precisa explicar aquilo para que o aluno entenda, algumas vezes.

I. S. – Tem que ter uma troca.

H.G.J. – Tem que ter uma troca. E alguns vão acompanhar mais facilmente. E hoje nós temos um problema sério que eu ando vendo, é que nós andamos tendo uma inclusão de alunos com algumas dificuldades que a escola tem que acatar, tem que recolher, eu acho justo, e daí tem que ter um trabalho especial.

I. S. – E o professor tem que estar pronto para isso.

H.G.J. – Tem que estar preparado. Então, eu tenho alunos especiais no Ensino Médio, que tem síndrome de Down, tem autismo. Mas a Puccamp dá um apoio muito grande. Ela manda um profissional junto, então o aluno tem na classe um profissional. Mas o professor tem que fazer uma prova especial, esse funcionário da Puccamp tem que fazer uma adaptação da aula.

I. S. – Tem que ter todo um preparo para receber esse aluno.

H.G.J. – Tem que ter todo um preparo para receber.

I. S. – E antigamente as escolas não tinham isso.

H.G.J. – Mesmo as famílias não eram de demonstrar muito os filhos que tinham problema, não é? Hoje não. Hoje se aceita mais. E é interessante como é importante um aluno desses dentro da sala de aula, porque ele faz a diferença.

I. S. – No que você acha que ele faz a diferença?

H.G.J. – Eu acho assim, os alunos que não têm nenhum problema veem qual é a dificuldade desses alunos para poder acompanhar uma escola, e isso melhora muito a postura deles. Então inclusão, quando bem feita, ela é muito boa dentro da sala de aula.

I. S. – Ela é educativa.

H.G.J. – É educativa.

I. S. – Olha só que interessante isso. Eu tenho uma amiga que trabalha com crianças especiais e ela não fala “deficiente”, ela fala “suficiente”.

H.G.J. – É. Todos nós temos uma deficiência.

I. S. – Eu achei tão fantástico. Eu achei isso maravilhoso, porque todos nós temos, só que essas mais aparentes, digamos assim, mais...

H.G.J. – O Colégio Notre Dame tem uns 10 alunos assim, mais até. Desde o Fundamental I até o Ensino Médio. Eles se mantêm na escola... Paralisia Cerebral, o aluno não mexe nada, só a cabeça, mas o cérebro é bom!

I. S. – Teve ou tem?

H.G.J. – Tem. Tem um aluno no 9º ano que ele não tem nenhum movimento.

I. S. – No Notre Dame ou no Pio XII?

H.G.J. – No Pio XII. Mas o Notre Dame, por exemplo, eu saí em 2001...

I. S. – Teve alguma experiência dessas?

H.G.J. – Não, no Notre, não. Tive agora lá no Pio XII. E o que aconteceu em 2009, 2010 eu fui chamado novamente pelo Colégio Notre Dame, pelo diretor, no início foi o Lorenzo Jungklaus que me chamou dizendo que o irmão Nilto (Nilto Neres de Oliveira) gostaria que eu participasse de uma reformulação do Conselho que ia recomeçar. Ia formar novamente o Conselho que está atuando atualmente.

I. S. – Conselho Administrativo.

H.G.J. – Já tem um Conselho Administrativo que está atuando desde 2009. (Perguntaram) se eu gostaria de fazer parte, por toda a vivência que eu tinha na escola, tal. E eu fui participar, participei durante três anos, de 2009 a 2012 eu participei do Conselho. Eu gosto da escola, eu gosto do Notre Dame.



I. S. – Poxa, 26 anos, não tem como não gostar.

H.G.J. – Às vezes eu vou lá, vou visitar.

I. S. – A gente se encontrou na Festa (Festa da Primavera)

H.G.J. – Mas eu vou fora de época também, fora de festa. Às vezes eu vou lá, estou passando para ir à Sousas e na volta eu entro. Entro lá, vou cumprimentar o pessoal.

I. S. – Tomar um café.

H.G.J. – Vou tomar um café, converso com o Lorenzo, com o Jamil, com o pessoal. É uma escola de vida aquilo lá para mim. Foi uma escola de vida.

I. S. – É sua vida. Fez grande parte dela. Então, em relação ao ensino hoje no Brasil, com essas novas medidas que está tendo, querem cortar agora história e geografia e também ir para essa parte mais, já escolher o que você quer fazer. O que você acha dessas medidas? Agora, recente, essa PEC (Proposta de Emenda Constitucional) que passou.

H.G.J. – Eu acabei de ler essa medida, que por sinal está muito explicada, porque não conseguiram formar o núcleo básico que eles querem. Eles só falam que a arte vai ser obrigatória, mas não falam em que ano, não sei se são nos três anos, que o inglês tem que ser desde o 6º ano. Mas o que acontece, eu acho que a escola precisa se modificar, ela precisa se reciclar, mas junto com ela tem que reciclar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), tem que reciclar a entrada na universidade. Nós não podemos começar...

I. S. – Esse funil não dá.

H.G.J. – Esse funil não dá. Então eu acho que ela tem que se modificar, mas foi muito pouco ouvido quem trabalha (na escola).

I. S. – Você acha que foi imposto isso?

H.G.J. – Foi imposto. Então há uma falta de diálogo com quem...

I. S. – De respeito também.

H.G.J. – De respeito com quem está trabalhando com a Educação.

I. S. – Que é o próprio professor!

H.G.J. – Exatamente, o professor tem que participar.

I. S. – Criam uma medida e não tem diálogo com o professor.

H.G.J. – O que acontece, eu vejo que vai ser uma dificuldade muito grande essa adaptação.

I. S. – Vai ter uma resistência!

H.G.J. – Eu acho que vai ter uma resistência grande, não vejo condições de o Estado fazer essa modificação, não vejo. Na escola particular é tranquilo.

I. S. – Sim, porque eu acho que é mais livre.

H.G.J. – É mais livre. Inclusive ela já tem laboratórios, ela tem uma série de coisas que o Estado não tem.

I. S. – É. Eu li um post no *Facebook* de um amigo meu, falando que assim, se é tão boa essa reforma, por que as escolas particulares não vão seguir? Porque vai pegar mais na pública.

H.G.J. – Sim.

I. S. – Nas particulares... Elas não vão mudar.

H.G.J. – Já está correndo. O que eles querem já... Eles mudam o nome, mas vai ser história e geografia. O Notre parece que tem Empreendedorismo, não é? Na verdade você muda, mas você está trabalhando a história, geografia. Você muda o campo, a visão diferente que tem hoje, você não precisa trabalhar a história como era trabalhada antigamente, você pode modernizar. Mas não tirar. Você não pode tirar.

I. S. – Agora vão ter que ter as adaptações.

H.G.J. – Eu sou contra, eu acho muito difícil.

I. S. – Você acha que os professores, que nem agora história e geografia, nossos os professores de História e Geografia ficam loucos! Eles acabam resistindo.

H.G.J. – Como você pode tirar sociologia e filosofia, da cabeça de um aluno, deixar um aluno ir para a universidade sem ter passado por isso. É muito difícil, eu não vejo...

I. S. – Porque são muito importantes essas disciplinas.

H.G.J. – Porque na verdade eles querem voltar a ter Curso Técnico, essa é que é a verdade, eles querem mão de obra, barata.

I. S. – Exatamente!

H.G.J. – Eu sou totalmente contra. Da maneira que está sendo feita, de jeito nenhum.

I. S. – Não dá, não é? Se você tivesse que passar um segredo para uma futura professora, qual seria?

H.G.J. – Trate o eu aluno como você trata o seu filho.

I. S. – Nossa... Carinho, dedicação.

H.G.J. – Não é ser libertino, mas você tem que impor limites, mas com palavras, com exemplos, com amizade. Eu vejo que hoje se você tem o aluno do seu lado, você tem que tê-lo como se fosse um filho seu.

I. S. – Um amigo. Porque o distanciamento pode atrapalhar ainda mais os problemas que aparecem.

H.G.J. – Sim, principalmente porque hoje em dia a família trabalha fora o dia inteiro. E fica mais na escola do que com seus pais. E você passa a ser essa referência, e você tem que saber lidar com isso. Então acho que você tem que ter carinho e amor por cada aluno seu.

I. S. – Você pelo visto teve muito (risos). Teve bastante. Porque você fala com um carinho do Colégio, da sua experiência.

H.G.J. – É a única maneira! Eu falo. Até hoje em dia, que eu trabalho com esses jovens, eu falo: “Se fosse o meu filho, eu ia te dar um tapa na bunda”.

I. S. – (Risos) que bom!

H.G.J. – “Não vou te dar, mas vou te dar exemplo para você ver o limite que você tem que ser”.

I. S. – É. Acho que limite é amor. Porque assim, eu fui muito rebelde, e hoje eu vejo: “Poxa, por que eu não aceitei tantas coisas que meu pai me falou?”.

H.G.J. – Porque faltava diálogo, não é?

I. S. – Ah, faltava. Ele era na base da imposição.

H.G.J. – “Não pode”, explica por que não pode.

I. S. – Eu saía correndo, não fazia... Era terrível!

H.G.J. Minhas filhas estudaram no Notre Dame todo o período, desde a pré-escola.

I. S. – Quantos filhos você teve?

H.G.J. – Tenho duas meninas. Uma é formada em Desenho Industrial pela (Faculdade) de Belas Artes e a outra é Dentista, formada aqui em Campinas.

I. S. – São duas meninas, homens não.

H.G.J. – Não. E tenho uma neta. Mulher também, neta.

I. S. - Tem alguma outra questão que ficou faltando, que você acha que...

H.G.J. – Para a história do Colégio? Eu acho assim, que a história do Colégio é muito rica, e eu acho que isso não foi valorizado. Essa entrevista que você está fazendo, você está percebendo que era muito mais por de trás o que acontecia, que os alunos nem percebiam, não é? Então eu vejo que ela (a história) precisa vir à tona.

I. S. – É um patrimônio.

H.G.J. – É um patrimônio. O trabalho que esses irmãos fizeram aqui em Campinas, os americanos... **(telefone interrompe a entrevista)**. Então esse trabalho desenvolvido pelos irmãos aqui em Campinas, eu vejo que... Desde a fundação em 1961 eles vieram formando de fato com educação esses alunos, mostrando que a educação faz parte de um todo. O trabalho junto com a família, junto com o aluno, junto com professores. Isso ficou meio escondido, eu vejo, só você fazendo as entrevistas vai conseguiu perceber isso. Eu acho que isso tinha que vir à tona, porque foi um trabalho muito grande desses irmãos aqui no Colégio. E continua até hoje, com nós todos.

I. S. – Uma coisa que eu não perguntei que eu lembrei agora é porque assim, o Notre Dame tem um lema assim, fazer dessa pessoa um líder na sociedade em que ele vai atuar na sociedade, cada um na sua profissão. Em relação à educação física, como era muito forte, que isso era nítido para mim, eu era meio devagar na educação física, mas eu via as pessoas que eram esportistas... Tinha muito campeonato fora, disputava com outros colégios, isso era super forte também.

H.G.J. – Existiam mais campeonatos também, hoje existe muito pouco.

I. S. – Tinha mais na época?

H.G.J. – Tinha muito mais na época. Os colégios tinham o Intercolegial, era muito forte.

I. S. – E o Notre Dame levava bastante troféu.

H.G.J. – Lá tem um monte de troféu, da nossa época, principalmente na década de 80, 90.

I. S. – Nossa, eram várias equipes.

H.G.J. – Isso. Depois a escola, ao crescer, você vê que ela formou escolinhas, hoje você tem escolinhas dentro do Notre Dame. Tem escolinha de futebol, escolinha de vôlei, de tudo, de ballet, de tudo quanto é modalidade.

I. S. – Você acha que ainda é forte?

H.G.J. – Eu acho que ainda é forte. A educação Física ainda é forte.

I. S. – E Artes também. Que eu reparei também o CECAND.

H.G.J. – O CECAND, música, não é? Você vê ex-alunos nossos formados, maestro, veio para Campinas, formado nos Estados Unidos. Veio para Campinas, tocou com a Orquestra Sinfônica Municipal, com a Sinfônica da Unicamp.

I. S. – O Piccolotto (Rafael Piccolotto)?

H.G.J. – É. O Piccolotto era um aluno que começou por causa da música no Colégio.

I. S. – Ele é filho do Marcelo Piccolotto?

H.G.J. – Não, é sobrinho. Ele é filho... Ela que é Piccolotto. O pai é arquiteto. E ele começou tocando, quis aprender a tocar saxofone. Dali para frente, hoje é real, um *expert*. Está no topo da música.

I. S. – O Notre Dame ainda tem essa motivação.

H.G.J. – Ainda tem. Continua hoje, ainda tem música, tem artes, educação física forte, que eu acho que são fundamentais, porque alguns alunos têm facilidade nessas áreas e muita dificuldade nas outras, mas eles vão se entrosar e se comparar.

I. S. – Elas se ligam, não dá para viver hoje uma separada da outra...

H.G.J. – Justamente. Por isso que a reforma, eu acho, não vai dar certo.

I. S. – Essa coisa estanque. Isso eu acho que o Notre Dame fazia essa união.

H.G.J. – Essa união, essa conjugação. Os irmãos sempre participaram disso.

I. S. – Sim, o *baseball*... Era da sua época?

H.G.J. – Sim, o *baseball*, o irmão Paulo, nossa, totalmente.

I. S. – Jogava bastante?

H.G.J. – O irmão Paulo, o *baseball* era... Engraçado que o irmão Paulo falava assim no começo: “Nós vamos formar *cheerleaders*”. E eu falei: “Isso não pega aqui, irmão Paulo, vai ficar com pompom, com saínda curta lá na frente, não vai dar certo”. Ele falou: “Não?”. E eu falei: “Não”. Ai ele (afalou): “Mas nos Estados Unidos tem tanto”. Falei: “Aqui não...”.

I. S. – E você chegou a ir para os Estados Unidos para alguma coisa alguma vez?

H.G.J. – Eu fui representar a escola.

I. S. – É aquele ano que você...

H.G.J. – No ano de 2000. Nós fomos representar o Notre Dame. É uma reunião que acontece de dois em dois anos e a sede é Austin, Texas. Mas existem outras atividades correlatas. Por exemplo, nós fomos para New Orleans onde tem a primeira escola da Congregação na beira do Mississippi (Holy Cross School). É uma maravilha! A escola é de 1880. Está lá, firme, trabalhando forte. Nos Estados Unidos não tem clube, Tênis Clube, Hípica, é tudo na escola. Então Dia dos Pais é na escola, Dia da Família na escola. E a doação também é muito grande, eles doam muita coisa. Então fomos para New Orleans, fomos para Austin e para San Antônio, no Texas.

I. S. – Doação você diz...

H.G.J. – Doação de terreno, doação financeira... A escola ganha muito com isso, a irmandade ganha muito. Ganhava, na época.

I. S. – Eu acho que a própria constituição do Notre Dame, eu encontrei umas cartas do irmão Paulo, todos os empresários, comerciantes de Campinas, assim, um projetor de slides, terreno, um *Jeep*, faziam eventos e as pessoas ajudavam.

H.G.J. – Na construção da pista de atletismo do Colégio, na época da Associação de Pais e Mestres (APM), o presidente era o Emílio Olmos, ele tinha representação da Chevrolet em Campinas, e foi lançado o Chevette naquele ano. Ele doou o preço de custo um Chevette para gente fazer uma rifa e construir a pista de atletismo no Colégio, e a arquibancada.

I. S. – Sempre com doações.

H.G.J. – Sempre com doações. E nós tivemos sempre presidentes na APM voltados para fazer angariações para a escola. Tudo que era arrecadado era reproduzido dentro da própria escola. O dinheiro voltava para a escola. Então a APM do colégio sempre foi girando nesse sentido. E sempre teve famílias de posse, tradicionais da cidade, dá para citar inúmeras aqui.

I. S. – Você acha que hoje é mais do que naquela época?

H.G.J. – Não.

I. S. – Naquela época foi mais alta.

H.G.J. – Nós tínhamos aí o Norberto Paschoal, o Otsubo, o dono da Campneus, a família Rezende, Bierrenbach de Castro, os médicos (da família) Afonso Ferreira Esse pessoal lutava muito pela escola.

I. S. – Tem toda essa tradição.

H.G.J. – Tem uma tradição. E o que acontece: hoje o Colégio tem filhos de ex-alunos, netos de ex-alunos, que procuram a escola em função de terem (estudado) lá.

I. S. – Eu acho que é isso. A gente conseguiu fazer uma batida... Repassar bastante coisa... Eu vou transcrever a entrevista e a gente vê se tem algum assunto que...

H.G.J. – Ficou de fora.

I. S. – É. Eu queria aprofundar mais, a gente vai conversando. Não sei ainda quando eu vou mandar.

H.G.J. – Não tem problema, estou à disposição.

I. S. – Eu queria agradecer a sua disponibilidade de me receber aqui.

H.G.J. – Imagina. Tenho o maior prazer.

I. S. – Muito obrigada mesmo, é (super) importante para o meu trabalho, e estou revendo a minha vida. (Risos).

H.G.J. – Vamos poder complementar. A gente revive mesmo.

I. S. – A gente se refaz o tempo todo. Então têm coisas que eu me lembro, e têm coisas que eu não me lembro, aí nas entrevistas a pessoa faz uma citação, por exemplo, a mulher do Razera falou que ele ia de moto para o Colégio. Veio na hora à imagem. Falei: “Gente, ele tinha um capacete enorme”. Eu lembrei. Eu também vou construindo a entrevista.

H.G.J. – Engraçado que eu fui alugar uma chácara para fazer uma saída com os alunos do Pio XII e vi lá um anúncio em Paulínia. Aluguei a chácara e a pessoa falou: “Eu passo para receber lá”. E eu nem sabia quem era a pessoa. Quanto eu estou lá chega de moto o Grando, era o dono da chácara.

I. S. – Que mundo pequeno. Mas isso é muito gratificante.

H.G.J. – É que você fez a área de Humanas, você vai lembrar mais da área de Humanas, mas nós tivemos o Piovezani de química, o Mário de química também, um japonês de Física, o Oswaldo, que eram excelentes profissionais... E estão trabalhando até hoje.

I. S. – Então eu encerro aqui, agradeço. Obrigada professor!

H.G.J. – Vamos voltar a nos falar. Obrigada, às ordens.

**FIM DA ENTREVISTA**

## **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

|                                                                      |                           |
|----------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| Nome: <b>Ricardo Ribeiro Gudwin</b>                                  |                           |
| Data de nascimento: 24 de abril de 1967                              |                           |
| Local de nascimento: Campinas, São Paulo.                            |                           |
| Endereço: Rua Nazaré Paulista, 1061 - Casa 15                        |                           |
| Bairro: Chácara da Barra                                             | CEP: 13090-610            |
| Cidade: Campinas                                                     | Estado: São Paulo         |
| Telefone: (19) 3368 0184                                             | Celular: (19) 9 9701 7522 |
| E-mail: <a href="mailto:gudwin@g.unicamp.br">gudwin@g.unicamp.br</a> |                           |
| Documento de Identidade: 17.760.558-3                                |                           |
| Ano de Ingresso no Colégio: 1974                                     |                           |
| Ano de Saída do Colégio: 1984                                        |                           |
| Profissão atual: Professor Universitário                             |                           |

## **FICHA TÉCNICA**

|                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tipo de entrevista: Temática                                                                                   |
| Levantamento de dados, pesquisa e elaboração do roteiro, conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado. |
| Entrevistadora: Isabela Cristina Salgado                                                                       |
| Conferência da transcrição: Isabela Cristina Salgado                                                           |
| Local: Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo  |
| Data: 21 de fevereiro de 2017                                                                                  |
| Duração: 53'                                                                                                   |
| Páginas: 22p.                                                                                                  |

## **SUMÁRIO DA ENTREVISTA**

Dados pessoais do entrevistado; sobre o início dos estudos na escola infantil Gurilândia (Jardim de Infância e Pré-primário); o início dos estudos no Colégio Notre Dame de 1974 até a saída em 1984; sobre o falecimento do pai; sobre a profissão dos pais e a escolha do Colégio Notre Dame; a residência em São Paulo, a chegada em Campinas e o trabalho do pai como engenheiro na empresa *Equipamentos Clark*, em Valinhos/SP; sobre o amigo e ex-aluno Marcelo Abreu; a importância da base religiosa na opção dos pais pelo Colégio Notre Dame; sobre os irmãos que estudaram no Colégio, Artur e Alexandre, e o transporte no ônibus da Capellini; o impacto dos primeiros dias de aula e a sensação de desamparo: o medo de “ser esquecido” pelo ônibus escolar; a inauguração dos edifícios do curso primário; a lembrança das professoras do curso primário: “Dona Lali” na 3ª série, e da Diretora Marina (Marina Meirelles de A. Barros); sobre a principal mudança a partir da 4ª série do primário: duas professoras responsáveis pela turma - Maria Alice Conceição (matemática e ciências) e Maria Augusta (português e estudos sociais); a fascinação pelas aulas de educação física e pelo espaço do Colégio; sobre a formação



extremamente deficiente das aulas de educação física: a frustração de não conseguir acompanhar as aulas; a primeira experiência de realizar uma avaliação (prova) na 4ª série do primário; o sistema de avaliação (as notas “em espelho”, onde ficavam registradas em uma planilha as notas de *todos* os alunos); sobre os vários anos como o primeiro aluno da classe e a compensação pela perda do pai aos 10 anos de idade; timidez e a dificuldade de sociabilização com a turma; sobre a Associação de Pais e Mestres (APM); sobre a influência do avô em sua formação: a apreciação pela cultura e o interesse pela engenharia; a coleção de borboletas, os laboratórios do colégio e as aulas de biologia; sobre as noções de perspectiva nas aulas de educação artística com professor João Levy Júnior; os ensinamentos no Colégio, na adolescência, que Ricardo trouxe para a vida; a experiência no vestibular do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e o ingresso na Unicamp; sobre a participação nos desfiles cívicos e as festividades do dia 7 de setembro; a experiência de um vendaval no Colégio, que assustou os pais; sobre o Intergraus: o Cursinho preparatório para o Vestibular, que acontecia no Colégio; os aspectos positivos e negativos de ter estudado no Colégio; sociabilização: sobre a dificuldade e o desejo de interagir com os alunos do Notre Dame, ontem e hoje; sobre as viagens culturais e marcantes realizadas no final do 2º e 3º Colegial; sobre os filhos, que foram alunos da Escola Comunitária de Campinas; sobre as gincanas realizadas na Festa da Primavera e as premiações; sobre a disciplina exercida pelos professores em sala de aula e um episódio relacionado às drogas; sobre o gosto pelos uniformes e a questão da diferença social no Colégio; sobre as fotografias de viagens realizadas com a escola e outros documentos preservados; a lembrança do Sr. Alcides, o jardineiro do Colégio e o acidente de bicicleta; a mostra de robótica e a visita realizada na escola juntamente com o filho, anos mais tarde; sobre o elitismo presente no Colégio Notre Dame.

### **Início da entrevista**

I. S. – Campinas, 21 de fevereiro de 2017, entrevista com Ricardo Gudwin, ex-aluno do Colégio Notre Dame de Campinas. Esta entrevista faz parte do projeto de Doutorado “A História do Colégio Notre Dame de Campinas e a Memória Institucional como Processo Socioeducativo: a organização do arquivo e a constituição do Centro de Memória”, que está em desenvolvimento no Instituto de Educação na Universidade de Lisboa.

I.S. - Bom Gudwin, boa tarde.

R.G. – Boa tarde.

I.S. – Tudo bom?

R.G. – Tudo bem.

I.S. – Vamos começar a sua entrevista.

R.G. – Deixa só eu colocar aqui (o entrevistado ajeita o microfone).

I.S. - Eu queria que você começasse falando o seu nome completo, sua data de nascimento, o local onde você nasceu, onde você vive hoje e qual a sua atual ocupação.

R.G. – Perfeito! Bom, o meu nome é Ricardo Ribeiro Gudwin, e eu nasci aqui em Campinas mesmo, 1967. Trabalho atualmente aqui na Unicamp, na Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação. Sou Professor aqui já desde 1997. Então estou fazendo 20 anos agora, esse comecinho de janeiro fez 20 anos aqui como Professor.

I.S. – Vinte anos, já? Bom, a gente vai voltar na sua história da Unicamp, mas vamos começar desde o início dos seus estudos.

R.G. – Perfeito.

I.S. – Então, quando você começou a estudar, foi no Notre Dame? Ou você teve alguma experiência anterior?

R.G. – Então, eu estudei, eu fiz o Jardim e o Pré-Primário numa escola infantil que ficava próximo da minha casa, não é? Eu morava ali na região do Botafogo (Bairro), perto da antiga Rodoviária e tinha uma escola infantil ali próxima daquela igreja do Coração de Jesus, que ficava bem próxima da Rodoviária mesmo. Era uma escola infantil que se chamava Gurilândia. Eu fiz lá o Jardim e o Pré-primário. Foram dois anos lá. E logo em seguida eu já fui para o Notre Dame para fazer a 1ª série do Primário e fiquei no Notre Dame até me formar no 3º Colegial. Então foi todo o ciclo completo desde a 1ª série do Primário até o 3º Colegial, eu fiz lá no Notre Dame.

I.S. – Você lembra o ano de entrada no Notre Dame? Porque o ano de saída foi 1984.

R.G. – Eu entrei no Notre Dame, se não me engano em 1974, no 1º ano do Primário.

I.S. – Depois se você puder verificar.

R.G. – Eu acho que é isso mesmo porque o meu pai faleceu em 1977, e eu tinha acabado de concluir a 4ª Série. Então, 1974, 1975, 1976, 1977, são quatro anos, acho que é isso mesmo, é isso mesmo. Entrei em 1974. E me formei em 1984.

I.S. – Você fez (área) de Exatas.

R.G. – Fiz Exatas. Fiz a turma de Exatas.

I.S. – Então, essa sua primeira escola, como você falou, ali no Botafogo era uma Pré-Escola, não é?

R.G. – Isso. Era uma escolinha infantil. Era uma casa. A minha tia, ela era professora Primária na Escola Carlos Gomes, ali no centro da cidade, e ela tinha algumas amigas que tinham aberto essa escolinha, perto da minha casa, eram pessoas de “muito” boa referência, e aí minha mãe decidiu, não fui só eu, não é? Fui eu, meus irmãos, meus primos, todos nós passamos por essa escola, escola bem familiar, um número pequeno de pessoas, e foi lá inclusive que eu comecei a ser alfabetizado no Pré-Primário. Então eu me lembro daquela cartilha que a gente aprendia as primeiras sílabas para fazer a leitura. Foi nessa escolinha.

I.S. – Foi na escolinha.

R.G. - Quando eu entrei no Notre Dame já estava alfabetizado, já tinha até elementos de tabuada, essas coisas todas, já tinha...

I.S. – Você foi alfabetizado lá. Por que os seus pais escolheram, optaram por você estudar no Notre Dame? O que os seus pais faziam na época?

R.G. – O meu pai ele era Engenheiro Mecânico, não é? E a minha mãe naquela época, ela não trabalhava ainda. Ela era formada em Letras pela Puccamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), mas ela era... Naquela época as mulheres ficavam cuidando da família, então não trabalhavam ainda. E aí o meu pai, ele era Engenheiro Mecânico especializado em petróleo. Ele trabalhou um tempo na Texaco, em outras empresas da área de petróleo e quando ele veio para Campinas, ele veio para trabalhar naquela antiga empresa *Equipamentos Clark*, que ficava ali na saída para Valinhos (São Paulo), e o chefe dele tinha o filho, tinha acabado de colocar o filho no Notre Dame. E ele estava trocando ideias com o chefe dele, e o chefe: “O meu filho está indo para o Notre Dame, 1º ano e tal...”. E eu acabei indo para o Notre Dame por conta disso.

I.S. – Foi uma indicação.

R.G. – Foi uma indicação que o chefe dele deu e que...

I.S. – Então o seu pai não era daqui? Veio de São Paulo?

R.G. – Não, não, é assim. O meu pai era nascido em Campinas também, mas a vida profissional das pessoas às vezes as leva para lugares distantes. Então o primeiro emprego dele foi (na cidade de) São Paulo, a gente morou em São Paulo, me lembro de morar em São Paulo, bem pequenininho, “flashes” basicamente, porque eu tinha cinco, seis anos, alguma coisa assim, não dá para a gente ter uma memória tão forte. Mas...

I.S. – Ele voltou para cá?

R.G. – Ele voltou para cá, e talvez ele tenha voltado... Como eu fiz esses dois anos lá na Gurilândia, eu acho que foi quando a gente voltou. Então, se nós entramos em 1974 no Notre Dame, 1973, 1972, eu acho que foi quando a gente veio para Campinas. E aí ele foi trabalhar na empresa *Equipamentos Clark*, e talvez aí, talvez nesse instante que...

I.S. – A *Equipamentos Clark*, não é? Nossa naquela época era muito famosa. Ainda existe?

R.G. – Então, parece que “ela” foi vendida, “ela” mudou de nome. Não tem mais esse nome, mas parece que fisicamente ainda existe a empresa lá, que cuida daquelas coisas que cuidava, mas não sei mais... Com certeza não é mais *Equipamentos Clark*.

I.S. – Olha que coincidência. Eu também morei ali no Botafoço, na Rua Luiz Gama. Estudei no Chapeuzinho Vermelho ali, e eu tinha uma amiga, que morava por ali e que o pai também trabalhava na empresa *Equipamentos Clark* (risos).

R.G. – E é interessante porque esse filho do chefe do meu pai foi meu colega! Talvez você conheça o Marcelo Abreu, não é? Foi minha primeira referência no Notre Dame porque ele era filho do chefe do meu pai.

I.S. – Sim! Olha só (...).

R.G. – Sim, sim. Não sei de nada, a gente perdeu o contato assim ao longo do tempo, não tenho mais contato.

I.S. – Ele se formou também com a gente?

R.G. – Formou, formou junto com a gente. É da mesma turma.

I.S. – Agora que você está falando, eu estou lembrando aquela lista da turma tem o nome dele. Então, teve essa indicação do amigo, mas enfim teve alguma motivação católica também, vocês são católicos, ou não?

R.G. – Atualmente eu não sou mais católico, mas eu fui católico durante muito tempo (risos), não é? Atualmente eu sou espírita. Então a vida nos levou para outros caminhos. Mas durante todo o tempo que eu estive no Colégio, eu... A minha família é de origem católica, minha mãe é católica, mas não foi por isso que nós fomos... Até onde eu saiba, não é? Pode ser que por questões intangíveis isso tenha feito alguma diferença, não é? Eu me lembro que minha mãe sempre falou que tinha uma preocupação grande de ser uma escola que tivesse uma base religiosa por trás. Não importava muito qual base, ela não queria uma escola que fosse “ateia”, vamos assim dizer. Porque achava importante ter uma base religiosa.

I.S. – E teve essa base.

R.G. – Teve, com certeza!

I.S. – Como você ia para a escola? Você se lembra? Você ia de ônibus?

R.G. – Eu me lembro, lembro até de algumas coisas muito interessantes. Porque essa escolinha infantil que eu participava, minha mãe levava a gente de carro, era do lado ali, não dava três minutos para chegar à escolinha. E daí quando a gente entrou no Notre Dame, quando eu entrei não é? Porque eu entrei primeiro, porque os meus irmãos eram mais novos, eles ainda continuaram na escolinha.

I.S. – Quantos filhos são?

R.G. – Somos três.

I.S. – Três.

R.G. - Eu e mais dois. E um ano de diferença cada um. Então, eu sou de 1967, o Artur é de 1968, e o Alexandre é de 1969. Então é escadinha.

I.S. - É escadinha.

R.G. - Então eu fui o primeiro. Eu me lembro de exatamente, isso está na minha mente até hoje, a gente ia com aquele ônibus da Capellini. E eu me lembro do primeiro dia de aula, que para

mim foi um verdadeiro pavor! Porque, imagina uma criança, primeira série do Primário, deveria ter quanto, sete anos?

I.S. – Sete anos.

R.G. – Você entrar no ônibus, num mundo completamente novo, sozinho.

I.S. – Enorme.

R.G. – Mas até aí tudo bem. Foi tranquilo, o ônibus parou em frente de casa, eu entrei e fomos. O problema foi na hora que chegou lá. Quando o ônibus chegou, 1º dia de aula, todo mundo desceu, e eu desci. E aí eu comecei a andar pelo Colégio, eu não sabia para onde ir! Imagina uma criança de sete anos, sozinha, sem ninguém, não é? Ninguém me acompanhou, nem nada, o ônibus deixou a gente lá e eu fiquei andando, fiquei andando. “Bateu o sinal”, todo mundo entrou e eu fiquei andando, andando, e eu não sabia para onde ir! Eu estava andando nos corredores e aí veio, acho que uma orientadora, alguma coisa assim, e falou: “Você está perdido?”, “Não sei para onde ir!”. “Qual é o seu nome? Onde você está?”, “Estou no primeiro ano.” “Ah, tá bom, vamos achar sua classe”. Aí ela andou comigo e achou qual era a minha classe, e eu entrei. Então foi o meu primeiro susto.

I.S. – Susto!

R.G. - Mas isso, o maior susto, isso até que me deu certo trauma por algum tempo, foi na volta. Por quê? Porque acabou a aula e eu sabia que os ônibus ficavam em determinado lugar e eu voltei para o mesmo lugar onde tinham me deixado, que era naquela parte de cima ainda. Lembra que tinha uma entrada que fazia um balão, que depois saía, e depois...

I.S. - Que era por cima, não é?

R.G. - Que era por cima é! Porque depois eles mudaram várias vezes, mas naquela época era lá por cima. Então tinha aquela rua, que naquela época “ela” era uma rua sem saída, e ainda não tinha aquela conexão que vai para ali para a Comunitária (Escola Comunitária de Campinas), ela acabava no Colégio.

I.S. - É.

R.G. - Eu cheguei lá e tinha uma fila de uns dez ônibus estacionados lá. E eu para saber qual era o meu ônibus? Eu entrei em desespero, eu entrei em desespero! Eu comecei a entrar um a um nos ônibus para ver se eu via alguma “cara” conhecida para eu achar o ônibus que eu tinha que ir.

I.S. – Não se lembrou do motorista.

R.G. – Então, eu não lembrava direito e aí o tempo ia passando, os ônibus começaram a sair, e eu falei: “Meu Deus do céu! Como é que faço agora!”. Mas tudo se resolveu, não é? Eu acabei achando o ônibus e fomos embora. Não teve problema. Mas isso foi uma coisa que me traumatizou profundamente. Tão profundamente... Eu me lembro de que até 3ª ou 4ª série, mais ou menos, tocava o sinal, eu começava ficar ansioso. Eu saía correndo disparado porque eu queria chegar ao ônibus antes “dele” sair... Aquela imagem do ônibus saindo e me deixando

para trás era um pesadelo que me atormentou durante pelo menos uns quatro, cinco anos ali na minha infância.

I.S. – Você lembra isso até hoje!

R.G. – Lembro, lembro. E era engraçado porque a minha mãe falava assim: “Mas Ricardo, não precisa ficar preocupado! Se por algum acaso o ônibus for embora e te deixar lá, um dos irmãos liga pra gente aqui, ele põe você na “pick up” e traz você em casa”. E eu ficava atormentado de me imaginar sentado na “pick up”, com o irmão (risos) me levando pra casa!

I.S. – Você não queria passar por isso de novo!

R.G. – Era coisa de criança mesmo, não é? Porque se você for ver não necessariamente ia acontecer isso. Muito mais provavelmente eles iriam chamar e minha mãe iria lá buscar, não é? O máximo que poderia acontecer era ficar um tempo sozinho lá, esperando, mas não iria acontecer. Mas na minha cabeça isso gerou todo um processo que me traumatizou um bom tempo lá. E eu ficava... Na iminência do sinal bater, era cinco para meio-dia, eu ficava olhando ali para sair correndo para não ter problema.

I.S. – Nessa época, você comentou que você ainda tinha o seu pai?

R.G. – Sim, sim. Ainda sim. Ele faleceu eu estava com 10 anos, foi em 1977, foi no final da 4ª série. Foi quando a gente saiu do Primário e foi para o Ginásio. E aí também tem outras histórias que acompanham.

I.S. – Sim, com certeza.

R.G. – Outra coisa que eu me lembro dessa época. Foi assim, no primeiro ano a gente ainda estudou naquela parte de baixo, nos prédios que hoje tem o Ginásio e o Colegial. Não existia ainda o Primário lá em cima. O Primário foi inaugurado quando eu fui para o 2º ano. O 2º ano já foi lá em cima. O 1º ano foi lá embaixo, e o 2º ano já foi naquela parte nova.

I.S. – Parte nova.

R.G. – A gente basicamente inaugurou aquela parte do Primário.

I.S. – Você se lembra dos seus professores? Tem alguma lembrança?

R.G. – Eu me lembro, vagamente. Lembro, por exemplo, na 2ª série, tinha uma professora que se chamava... Ah, não vou me lembrar do 2º ano. Na 3ª série eu me lembro de que tinha a “Dona Lali”, que foi a nossa professora. Na 2ª série, não me lembro. Lembro-me da Dona Marina (Marina Meirelles de Azevedo Barros) que era Diretora lá do Primário.

I.S. – Primário.

R.G. - E me lembro de que na 4ª série teve uma diferença muito grande, porque nós não tínhamos mais uma única professora. Eram duas: então era Dona Maria Alice (Maria Alice Zuppi da Conceição) de matemática e ciências, e Dona Maria Augusta (Anna Augusta Alves Dante), de português e de estudos sociais, e outras coisas mais para o lado de humanas.

I.S. - Lembra-se dos irmãos? Os irmãos não davam aulas?

R.G. - No Primário não, no Primário não. Os irmãos começaram a partir da 5ª série (Ginásio).

I.S. - Mas eles circulavam ali no prédio...

R.G. - Então, eu não me lembro muito deles nessa época.

I.S. - Nessa época, lembra mais das professoras?

R.G. - Mais das professoras. Outra coisa também que eu me lembro dessa época e que foi bem interessante era a educação física. Porque a educação física a gente saía do Primário, descia uma escadaria e aí atravessava o pátio para chegar lá embaixo, onde tinha o campo de futebol, não é? Tinha a pista de corrida. Então também isso para mim, eu lembro que era uma coisa assim, aquelas coisas meio miraculosas que as crianças têm de ambientes grandes.

I.S. – É!

R.G. - Porque a escolinha que eu frequentava antes de ir para o Notre Dame era uma casa! Então assim, você ficava dentro duma casa o tempo todo. E essa história da educação física para mim era uma coisa muito interessante porque envolvia você andar, algo que na minha cabeça era uma distância enorme! Porque você saía da sala de aula do Primário para ir até embaixo. Parecia que você fazia uma verdadeira viagem para poder chegar à Educação Física.

I.S. - O espaço do Colégio era fascinante, e acho que ir para o mundo dos adultos também, vocês queriam estar lá.

R.G. - Eu me lembro de também assim, que a 1ª vez que a gente foi fazer educação física, eu me lembro de descer aquela rampa que tinha, não era uma rampa, era uma escadaria enorme para chegar no campo de futebol lá embaixo, e aquela pista de atletismo, aquilo para mim parecia uma coisa de Jogos Olímpicos, entendeu? Aquelas raias todas, lá. Aquilo lá me causou um impacto muito forte!

I.S. - Acho que comparando com outros colégios, o atletismo no Notre Dame... Será que outros colégios tinham isso? A gente tinha todos os esportes! Salto em extensão. Talvez seja o colégio mais completo nesta parte.

R.G. - Eu acho que assim: de certo modo sim, por causa dessas modalidades que a gente tinha... Eu lembro realmente da gente estar pulando em salto com vara, o salto em extensão, não era vara...

I.S. – Que caia no colchão?

R.G. – Que caia no colchão do outro lado, isso eu me lembro disso daí. Mas por outro lado eu acho assim, que a minha formação de educação física foi extremamente deficiente, extremamente deficiente no Colégio. Por quê? Porque eu não era muito apto do ponto de vista físico, eu era daqueles alunos mais “devagarzinho” para esportes e outras coisas do tipo. E eu

acho assim, que eu não tive a formação básica necessária para progredir nesse ponto de vista físico.

I.S. – Não foi estimulado.

R.G. – Por exemplo, um negócio que hoje é básico em educação física é você trabalhar dentro daquela zona de batimento cardíaco, que é a sua zona de trabalho. Então, você ter uma zona de trabalho, e não deixar extrapolar a zona de trabalho que você está fazendo mal, ou não chegar até o mínimo da zona de trabalho, porque também não serve para nada.

I.S. – Fazer no seu ritmo.

R.G. - Isso daí foi uma coisa que me atrasou muito do ponto de vista de esportes. Tanto que mais pra frente quando eu fui aprender essas coisas, nossa como é que eu não aprendi isso que é tão básico, tão elementar, e eu percebo assim que, por não ser assim tão esportivo, eu era forçado a ir além da zona que eu poderia fazer alguma coisa. Então o resultado disso era a frustração porque eu não conseguia. Eu não conseguia correr tão rápido quanto os outros, eu não conseguia, o meu coração ficava muito forte, eu me cansava muito. E isso daí eu acho que foi extremamente deficiente porque depois que eu aprendi como deveria ser, eu percebi que eu fazendo, dentro das minhas capacidades, eu consigo ficar um tempo enorme. Esteira, eu vou fazer esteira hoje, eu vou controlando com monitor cardíaco, eu consigo “ficar” horas na esteira, coisa que eu não conseguia lá. Lá eu dava um pique para poder... E já não estava conseguindo fazer mais nada! Então o que eu percebo é que os professores de educação física daquela época, talvez fosse uma coisa mais generalizada, eles davam muita atenção para aqueles que eram mais dotados do ponto de vista físico, e deixavam meio que de escanteio aqueles que eram mais “fraquinhos” que nem eu, e ficavam ali à beira... Entendeu? De escanteio mesmo, ficavam de lado. Então deveria ser ao contrário, não é?

I.S. – Se (isso) te conforta, eu tinha a mesma sensação!

R.G. – Essa mesma sensação. Tanto que eu me lembro das minhas notas. Era assim: dez, dez, dez, dez e sete de educação física. Sempre ficava com sete, sete e meio, entendeu? Eu nunca consegui nada muito melhor. Era o mínimo ali para não ser reprovado na educação física. Porque eu não tinha esse estímulo para me aprimorar, uma coisa que depois eu aprendi a ter, mas assim, fora da escola, por outros meios.

I.S. – Fora da escola, sim. E lembro assim, pessoas que eram muito boas na educação física do Notre Dame, que eu me lembro de várias pessoas, elas já tinham um talento natural. Ainda ficavam na escola à tarde e ainda faziam cursos fora.

R.G. – É, é!

I.S. – Ficavam na escola à tarde para fazer (educação física).

R.G. – Exatamente, exatamente.

I.S. – Essas, eu sentia que os professores davam mais atenção.



R.G. – Davam mais atenção. Isso assim, em todas as modalidades, não é? Tanto no atletismo, quanto nos esportes de grupo, tipo futebol, handebol, vôlei, eu era meio marginalizado nessa área esportiva por conta disso.

I.S. – Então, a relação com os professores, já que você está falando, bom você falou um pouquinho agora...

R.G. – Falei mais do Primário, nessa parte inicial, não é?

I.S. – Mas dessa relação com os professores, tanto o Primário, o Ginásio, bom você tem todo o período no Notre Dame, o que é que você se lembra de como é que era esse relacionamento?

R.G. – Eu sempre tive um relacionamento muito bom com os professores porque eu tinha muita facilidade com as matérias não esportivas (risos). E os professores gostavam de mim. Eles me tratavam até de maneira...

I.S. – Eu lembro que você era um excelente aluno.

R.G. – Diferenciada com relação a outros. Mas eu me lembro de algumas situações muito engraçadas, não é? Lembro-me na 4ª série, Dona Maria Augusta dando aula de português. E pela primeira vez, ela deu uma prova. Eu não me lembro de fazer prova na 3ª série. Mas na 4ª série eu lembro bem. Era uma prova: “Agora nós vamos fazer uma prova, vocês vão fazer a prova”. Aí eu sentei na carteira, ela me deu as coisas da prova, e aí alguém atrás de mim, me perguntou qualquer coisa, e eu levantei e fui do lado da pessoa para ajudar (risos). Aí a professora chegou assim: “Não Ricardo, não pode, é prova, cada um tem que fazer o seu”. Eu falei: “Ah!”. Era um conceito (prova) que para mim era novo. Eu nunca tinha passado por isso, não é?

I.S. – Era “cola”!

R.G. – Era “cola”! Tem esse lado, primeira vez que eu me defrontei com essa situação de prova, de “cola”, o que é isso? Eu não sabia o que era isso naquela época.

I.S. – Então você sempre foi um bom aluno, foi desde o começo, depois no Ginásio.

R.G. – Sim, sim.

I.S. – Eu me lembro, tenho na memória que você era um excelente aluno, as pessoas comentavam, o “Gudwin” era uma referência, as pessoas falavam isso, não é?

R.G. – A gente ainda tinha as notas “em espelho”, não sei se continua isso. Você recebe o boletim e não aparece só a sua nota, aparecem as notas de todos.

I.S. – Isso!

R.G. - Então tinha uma espécie de uma competição ali. Cada um ficava brigando para ter as notas maiores ali, para ser o 1º da turma, não é?

I.S. – Acho que na Matemática você sempre se destacou no Notre Dame, não é?

R.G. – É! Eu acho que durante um tempo eu me lembro de ter sido o 1º, várias vezes. Eu não sei se era por ordem de nota, mas eu me lembro de que a gente fazia, se eles não fizessem, a gente fazia essa conta aí.

I.S. – No Ginásio então você vai passar a ter aula com os irmãos. Você tem alguma experiência de ter aulas com os irmãos, como é que era ter aula com os irmãos?

R.G. – Eu tive uma mudança que para mim foi de certa forma traumática, porque quando eu passei para o Ginásio foi na época que o meu pai faleceu. Então isso foi assim muito transtornante. Durante muito tempo eu me senti inferior aos meus colegas porque eu não tinha pai. Todo mundo tinha pai e eu não tinha pai! Isso sim também me traumatizou. Então eu até imagino que essa competição que eu montei para mim mesmo, de ser o 1º da turma, era uma forma de tentar compensar, entendeu? Se você for ver é até infantil isso. Mas é como eu equacionei... Eu de fato não me lembro no primário de ter essa preocupação, ficar me mensurando, até de me mensurar com relação aos outros. Não me lembro disso. Acho que no primário era mais um cara normal no meio dos outros, entendeu? Mas eu me lembro de claramente quando eu fui para o Ginásio, eu comecei a ter essa preocupação, de que eu queria ser o 1º.

I.S. – E você acha que é por causa do seu pai?

R.G. – Eu acho que sim, eu acho que sim. Era uma espécie de uma compensação que eu criei para mim mesmo, dizendo assim: “Olha, eu posso não ser bom naquilo ali, mas aqui na média geral eu estou bem”. E me trouxe pontos negativos também, não é? Porque aí eu comecei a ser classificado como “nerd”, como “cdf” (pessoa muito dedicada aos estudos).

I.S. – Era difícil.

R.G. – Eu nunca fui perseguido, nunca. Não me lembro, pelo menos. Era sempre assim, o cara estranho da turma. Era o cara que socializa menos com as pessoas, então...

I.S. – Você estudava muito em casa?

R.G. – Não, nunca estudei demais.

I.S. – Você prestava atenção na aula.

R.G. – Eu fazia o que tinha que fazer. E prestava muito a atenção na aula, sempre conseguia focar bem na aula.

I.S. – Eu me lembro de você, você era bem sério.

R.G. – Eu era muito tímido. Eu fui uma criança muito tímida. Dificuldade até de estar criando amizade, interação com o pessoal. Eu era o cara quieto que fazia o meu trabalho, não aborrecia ninguém, mas também não tinha muita socialização.

I.S. – Você acha que o Notre Dame nessa parte da socialização, como é que era isso?

R.G. – Eu acho que o Notre Dame até fomentava de alguma forma essa socialização, por exemplo, criando aquelas atividades que tinha como *baseball*...

I.S. – Você participou?

R.G. – Não, não. Eu não participei de nenhuma dessas atividades extras, mas os meus irmãos participaram. Então eu conhecia por causa disso, não é? Tinham os grupos também que faziam, como é que se chama? Primeira Comunhão, Crisma.

I.S. – Ah, sim.

R.G. – Essas coisas também se encontravam lá. Então também tinha, mas eu mesmo nunca usei desses recursos.

I.S. – O Colégio tinha a Associação dos Pais e Mestres (APM) sua mãe participava? Porque tinham pais que eram totalmente envolvidos, ou não, era só o básico?

R.G. – Na verdade assim, eu acho que ela não participava muito não. Ela ia às reuniões onde ela era chamada, mas eu me lembro de que nessas reuniões, normalmente eles chamavam mais os alunos que estavam com algum tipo de problema, com algum tipo de dificuldade, e eu dificilmente era chamado. Tinha uma época, não me lembro quando exatamente, talvez tenha sido na 5ª série, tinha um “tal” de quinto período. Então o 5º período, quem tinha já passado em tudo, não fazia o 5º período. E só os que precisavam de alguma coisa.

I.S. – (...).

R.G. – Não, não tinha nem aula. Assim, o ano acabava mais cedo. A gente ia embora para casa mais cedo porque já tinha fechado (as notas). E nunca minha mãe teve que ser chamada por alguma questão de indisciplina, alguma coisa assim, ou até mesmo, as reuniões de acompanhamento. Sempre tudo tranquilo, sempre... Acredito que ela não tinha envolvimento maior por conta disso.

I.S. – Por conta disso. E você sempre gostou mais de matemática, física? Como era humanas, você gostava? Tem alguma matéria que você diga: “Ah, eu não gosto!”. Tem alguma coisa assim?

R.G. – Olha, tem algumas coisas interessantes que determinam a vida da gente, não é? Quando exatamente o período... Será que eu consigo lembrar, em algum instante da minha infância, e eu vou dizer que talvez tenha sido entre a 1ª e a 4ª série, mas eu também não tenho muita certeza disso, o meu avô era uma pessoa muito interessante. Ele era uma pessoa extremamente culta. Era uma pessoa que tinha uma biblioteca na casa dele e aquilo me fascinava, aquela biblioteca. Você chegava e entrava naquela biblioteca dele, tinha aquelas paredes todas com vidro, tudo fechado assim, e os livros lá dentro.

I.S. – O que ele fazia?

R.G. - Ele era engenheiro civil, mas ele era uma pessoa muito preocupada com essa questão da cultura, fazia muita leitura, e ele teve um impacto muito grande sobre a minha formação, principalmente depois que o meu pai morreu, ele de certa forma ficou com a figura paterna que

substituiu o meu pai, não é? E ele como gostava muito de ler, ele transmitiu um pouco dessa preocupação. Então eu sempre gostei de ler, sempre gostava de conhecer coisas diferentes, não é? Então eu tinha uma preocupação e ele num determinado instante, ele me deu de presente, um “kit” do Engenheiro Elétrico, e eu era criança, sei lá, tinha sete ou oito anos, alguma coisa assim. Então era um “kit” que tinha sido dele, ele tinha comprado para ele há muito tempo atrás, e você montava pequenos circuitos naquele “kit”, e você “via” as coisas funcionando. Você montava um pequeno amplificador com microfone, você falava, saía. Criança adora essas coisas. Fazia acender a luzinha, apagar...

I.S. – Lembra-se daquele (kit) de Química?

R.G. – Lembro, lembro também, é. Então assim, esse “kit” do Engenheiro Eletrônico é que me levou um pouco para o lado das exatas.

I.S. – Entendi.

R.G. - Na minha cabeça eu queria fazer circuitos eletrônicos, queria montar coisas e eu acabei vindo fazer Engenharia Elétrica aqui na Unicamp, um pouco por conta dessa formação, não é? Então, desde que eu fui para o colegial que eu tinha posto na minha cabeça que eu queria fazer Engenharia Elétrica por conta desse “kit” que eu tinha ganhado do meu avô lá atrás (risos). São pequenos empurrões que você vai tendo que te levam para um caminho.

I.S. – Eu fui um pouco por conta do Ivan (Ivan Lotti Craveiro - professor de História). Eu adorava História. Foi um pouco por isso. Eu não sabia o que eu iria fazer... Não sei se você se lembra que eu tive um acidente, eu quebrei a perna.

R.G. – Eu me lembro de alguma coisa.

I.S. - Eu dançava. Então a minha vocação era a dança. Como interrompeu eu pensei: Nossa, e agora? Foi um desvio, mas até hoje eu danço, gosto. A vocação natural não deu para seguir. Bailarina quando quebra a perna! Não dá. Depois era História.

R.G. – É complicado. São coisas que nos marcam quando criança como adolescente, e a gente acaba seguindo depois. Mas eu sempre gostei de quase tudo que eu estudava. Eu nunca fui de dizer... Eu tinha esse pendor aí maior para as Exatas, mas eu sempre gostei de biologia, sempre gostei de história, de geografia, eu gostava de tudo! Para mim era tudo interessante. Só educação física que realmente não foi o meu forte (risos).

I.S. – (Risos). Aqui na verdade está perguntando dos livros, das cartilhas, você se lembra de algum material? Acho que você falou dessa cartilha... Por exemplo, eu lembro muito da coleção de insetos...

R.G. – Que (nós) fizemos com o irmão Guilherme, exatamente! Eu me lembro da gente fazer umas redes de filó, e nós fomos caçar insetos lá no fundo do Colégio, não sei em que situação, saiu o grupo inteiro para ficar caçando borboletas, um monte de coisas. Eu me lembro disso, eu achava muito legal! A gente nunca chegou a usar. Nós tínhamos um laboratório de biologia fantástico lá no Notre Dame, e não sei o porquê, nós nunca usamos!

I.S. – A gente não usava muito.

R.G. – Nunca usamos. Eu me lembro de visitar esse lugar, de ver aquelas bancadas, mas assim, era um lugar muito bonito e interessante e a gente sempre ficava imaginando, no Colegial a gente vai usar. Aí quando chegou ao colegial não usou nada daquilo, não é? Então não sei o porquê, mas me lembro da existência desse lugar. Um lugar, vamos dizer assim, que chamava a imaginação da gente de coisas que a gente deveria fazer.

I.S. – Eu tive aula com o irmão Roberto, de pintura, eu lembro que ele dava aulas de pintura e também os retiros.

R.G. – Sim.

I.S. – Você chegou a fazer alguma coisa extra?

R.G. – Não, eu fiz as matérias regulares, eu me lembro de que a gente fez artes, com o Sr. Levy (João Levy Júnior), e eu me lembro de algumas coisas que ele ensinou, que até hoje, eu ainda uso. Por exemplo, uma coisa que a gente fez na 5ª ou 6ª série, mais ou menos, tinha a ver com a distribuição dos objetos dentro de uma folha. Então você tinha vários polígonos e você tinha que distribuí-los na folha de uma maneira que fosse harmoniosa. Não podia concentrar tudo de um lado, tinha que ter certa distância entre... Então olhar aquilo de uma maneira artística. E eu percebo, por exemplo, que eu uso muito isso quando eu vou tirar fotos. Você vai “pegar” um ângulo, o ângulo tem que estar harmonizado, tem que ter uma distribuição que seja artística. É uma coisa que a gente aprendeu lá atrás e que a gente resgata para o dia-a-dia da gente, não é?

Tirar fotos. As fotos que eu tiro eu acho bacana porque elas são bem enquadradas. Ele falava assim: “Não coloque bem no centro, desloque um pouquinho para direita, um pouquinho para esquerda, para ter um ligeiro “desbalanço”, mas não totalmente para a direita, totalmente para a esquerda”. Então, você vai tirar foto da pessoa, você pôr a pessoa bem no centro, fica uma coisa muito quadrada, muito ruim. Colocar totalmente num canto, totalmente no outro, também não fica legal. O bom é pegar o centro, ou um pouquinho para a direita, ou um pouquinho para a esquerda, umas fotos fantásticas e fica bem artística a foto.

I.S. – Isso você acha que foi orientação...

R.G. – Com certeza. Foi orientação dele, com certeza. A gente aprendeu a fazer equilíbrio de objetos em cenas.

I.S. – Então isso que você está me dizendo, me falando, para você como a sua formação? Foi válida? Era forte? O que ficou faltando?

R.G. – Eu acho que sim, eu acho que sim. A minha formação educacional em termos de conteúdo ela é extremamente boa, principalmente no Colegial, matemática, física, os professores souberam me forçar no meu limite. Eu me lembro, por exemplo, que o Borges (Aparecido Cambraia Borges), que era professor de física, eu ficava importunando a vida dele porque eu achava os exercícios que ele fazia em classe muito fácil, e ele foi lá e me deu uns exercícios “cabeludíssimos”, daqueles... (risos).

I.S. – Risos.

R.G. – “Então tá, você quer, está aqui!” (Risos). Isso foi muito bom porque me ajudou a preparar até para o Vestibular. Eu comecei a ver que olha, não é tudo simples.

I.S. – Passou direto?

R.G. – Passei, eu passei direto.

I.S. – Prestou só Unicamp quando você passou?

R.G. – Não. Eu prestei Unicamp e prestei ITA (Instituto de Tecnologia Aeronáutica em São José dos Campos). O vestibular do ITA para mim foi uma das maiores frustrações porque eu não passei no ITA, não passei no ITA! E a prova do ITA era conhecida por ser uma das provas mais difíceis que existia no Brasil naquela época.

I.S. – Ainda é?

R.G. – Eu acho que ainda é! Ainda é! Mas eu fiquei frustradíssimo porque eu tinha certeza de que eu ia passar, tinha certeza! Eu quando eu fui prestar, como eu não passei aquilo foi um verdadeiro abalo, e foi até um momento complicado porque tinha 18, não, 17. Prestei vestibular tinha 17, 18 eu fiz no primeiro ano de faculdade. Eu me lembro, assim que ainda que prestar o vestibular da Unicamp, acabei fazendo aqui a graduação na Unicamp, e eu pegar e falar assim: “Não Ricardo, esquece esse fracasso da prova do ITA. Você vai passar na Unicamp”, sabe aquela coisa de você olhar no espelho e falar com você mesmo? Você vai debulhar essa prova da Unicamp... (risos).

I.S. – (Risos).

R.G. – “Você vai passar por cima...” Você sabe o que acontece? Essa prova do ITA que eu fiz, ela foi um pouco me superestimar... Eu me achava demais, entendeu? Quando eu fui fazer a prova e vi a dificuldade, eu levei um tombo mesmo, pela minha prepotência. Eu não me preparei adequadamente para ela. Eu fui fazer ela assim: “Ah tranquilo, eu sou o nº 1, vai tudo dar certo”. Não deu! Então foi um tombo. Mas aí para a prova da Unicamp eu me preparei e graças a Deus deu tudo certo.

I.S. – Não tentou o ITA novamente?

R.G. – Não, não. Quando eu passei aqui na Unicamp... Eu sempre quis a Unicamp na verdade, não é? Eu queria passar no ITA. Se eu tivesse passado no ITA e na Unicamp provavelmente eu continuaria na Unicamp. É aquela questão meio do orgulho, não é? Eu queria ter passado no ITA também.

I.S. – Legal você reconhecer isso, não é. Isso é muito interessante! Legal, refletindo sobre a sua trajetória. As atividades fora da sala de aula, grêmio, jornal, teatro, fanfarra, você participou de alguma coisa?

R.G. – Não, não. Nunca fiz nada.

I.S. – A gente fazia os desfiles cívicos. Você chegou a ir?

R.G. – Fui (no desfile de) “7 de Setembro”, a gente ia, eu me lembro de ter ido algumas vezes, mas não muitas, talvez umas duas ou três vezes, e uma vez até no centro da cidade. Também eu me lembro de ter desfilado na Avenida Júlio de Mesquita. O Colégio fez... Naquela época tinha as festividades de “7 de Setembro”.

I.S. – Eu me lembro de Sousas.

R.G. – É?

I.S. – No período que você estudou lá você se lembra de algum acontecimento da história, você estava no Colégio? Essa preocupação...

R.G. – Olha a única coisa que eu me lembro de política (acontecimento) não me lembro de nada... A única vez foi um episódio de uma ventania, não sei se você se lembra, isso daí...

I.S. – Não.

R.G. – Eu me lembro de que a gente estava lá na aula, nós estávamos na educação física, tínhamos descido lá para a educação física, e eu me lembro que de repente começou a chegar um monte de pai e mãe para buscar o filho no meio da aula! O pessoal levando embora, falava: “Mas o que está acontecendo?” Aí fomos buscar informação lá e tinha a história de que estava chegando uma ventania, um vendaval. Uma coisa que iria passar pela escola. E aí a gente começou a ficar naquela cerca que ficava ali na descida, e a gente conseguiu ver de longe o vendaval chegando!

I.S. – Nossa!

R.G. – E aí quando o vendaval estava quase chegando os professores falaram: “Vamos subir, vamos subir!” E todo mundo subiu correndo e nós entramos na classe e o vendaval, eu me lembro de passar, com poeira, com terra, alguma coisa assim. Também depois passou e acabou não é? Foi a única coisa que eu me lembro, de um acontecimento mais amplo que teria acontecido na época, mas que também não foi nada muito crítico não. Foi uma coisa que eu me lembro, desse evento.

I.S. – Como era os intervalos, o relacionamento, o tempo que vocês (alunos) tinham para ficar juntos? Você estudava de manhã ou à tarde?

R.G. – Eu sempre estudei à tarde. Tanto no Primário quanto no Ginásio, até a 8ª série. O 1º colegial ainda foi à tarde. Mas o 2º e o 3º não tinha colegial à tarde, só de manhã. Aí eu fui para o período da manhã. Mas eu sempre estudei à tarde.

I.S. – Você almoçava na sua casa e ia para escola?

R.G. – Na verdade era assim, o ônibus passava muito cedo em casa, então eu me lembro de almoçar às 10h30min da manhã...

I.S. – Nossa!

R.G. – O ônibus passava em casa 11h.

I.S. – Que horas você entrava no Colégio?

R.G. – E a gente entrava meio dia e meia, não, meio dia. A gente chegava meio dia no Colégio e o sinal batia meio e dia e meia. Então tinha meia hora que a gente ficava ali esperando para entrar, e a gente entrava meio dia e meia.

I.S. – Ficava até que horas?

R.G. – Ficava até as 16h30minhs. Ia para casa, chegava em casa às 17h30min, seis horas da tarde.

I.S. – Tinha algum dia que ficavam o dia inteiro?

R.G. – Não, não. Só no colegial, mas assim, não no colegial em si. Porque no último ano do colegial, os próprios professores do Colégio resolveram fazer uma espécie de um cursinho, que era o “Intergraus”. Na época tinha o Integral que era famoso e aí eles fizeram esse “Intergraus”. E aí eu fiz, eu fiz.

I.S. – Uma vez por semana ficava o dia todo?

R.G. – Não, todos os dias! Todos os dias ficavam à tarde também. Eu só não lembro se eu fiz isso durante seis meses ou se foi o ano inteiro junto com o 3º colegial.

I.S. – Já pensando no...

R.G. – Já pensando no Vestibular.

I.S. – Você acha que o Notre Dame “puxou” para o Vestibular?

R.G. – Então, não é como hoje. Porque hoje existe toda uma máquina preparada com exercícios, “bateladas” de exercícios para você fazer, que já são exercícios do próprio Vestibular. Realmente o Vestibular nunca foi algo que esteve na minha cabeça, a não ser nesses seis meses antes do final do 3º Colegial. Mas eu fui muito bem preparado, tive um bom desempenho, acho que não tive grandes problemas, mas não houve essa preparação específica para o Vestibular.

I.S. – Acho que hoje é muito mais.

R.G. – Ah sim, sim. Muito mais orientado, não é?

I.S. – Bom, para você qual o significado de ter estudado no Notre Dame?

R.G. – Eu acho que teve vários pontos positivos e alguns pontos negativos. Isso é algo inclusive que eu já coloquei no outro formulário, que eu já tinha preenchido, não é? Do ponto de vista positivo, eu acho que eu tive a oportunidade de estar tendo uma formação que foi muito sólida, que me deu uma base muito boa. Uma formação não só técnica, mas uma formação para a vida, e eu aproveitei bem o que o Colégio ofereceu para mim. Eu acho que talvez a única parte que eu não tenha aproveitado muito bem tenha sido no lado social. Como eu falei, eu era uma pessoa tímida, retraída, não tinha muita facilidade de fazer amigos, então não foi um período da minha



vida que eu vou dizer assim: “Olha, eu guardo com grande...”. Não, foi um período... Eu acho que tive períodos melhores depois de sair de lá, entendeu?

I.S. – Você tem amigos, hoje, do Colégio?

R.G. – Eu tenho esse relacionamento um pouco por conta até do *Facebook*. *Facebook* fez um pouco disso.

I.S. – Fez, fez.

R.G. – Não é? De você resgatar pessoas que você não via há muito tempo. Mas assim, não são pessoas que eu encontro cotidianamente. Então, tem essas festas que foram organizadas, no ano passado, no ano retrasado, que eu fui participar, não é? Mas não posso dizer que no meu dia-a-dia eu me interajo muito com essas pessoas. Pelo *Facebook* eu acho muito legal ver as fotos que as pessoas postam e as matérias que as pessoas colocam. E você de certa forma se identifica com essas pessoas por conta disso.

I.S. – Aquele vínculo não ficou.

R.G. – Não, não. Acho que talvez tenha sido a minha grande falha de aproveitamento, tenha sido no lado social. Porque eu sei que tem muitas pessoas que se encontram de maneira frequente e estão sempre juntas. E é uma coisa que eu gostaria de ter na minha vida, mas não tenho porque historicamente as coisas não foram bem aproveitadas.

I.S. – Os seus filhos estudaram lá?

R.G. – Não, estudaram na Comunitária (Escola Comunitária de Campinas) por conta de minha esposa ter estudado na Comunitária. Essas coisas a mulher ganha do homem (risos), a gente não briga (risos). A gente aceita para evitar problemas.

I.S. – Assim, olhando a educação que você teve. Você acha que mudou? O que foi legal e o que não foi legal?

R.G. – Uma coisa que eu gostei muito do Colégio foram as viagens que a gente foi fazer, no 2º e no 3º Colegial. Então no 2º Colegial a gente fez uma viagem para Ouro Preto (MG), com a Dona Maria (Maria Benedita Ayres Santoro). No 3º Colegial nós fomos para Porto Seguro (BA) e para várias cidades do Espírito Santo. Foi uma viagem também muito bacana que a gente fez. Essas viagens foram muito legais!

I.S. – Foram marcantes, não é?

R.G. – Marcantes! Eu gostei muito dessa oportunidade.

I.S. – Ainda mais com a Dona Maria! Nossa foi muito joia! Eu me esqueci de perguntar das festas! A Festa da Primavera! Você se lembra das gincanas?

R.G. – Lembro... Essa gincana foi muito legal. Foi bacana. Era uma gincana... Porque naquela época eu tinha alguns colegas, e nós montamos uma equipe, e a nossa equipe inclusive ganhou! Foi a equipe vencedora da Festa da Primavera daquele ano. Eu lembro que nós até ganhamos

um prêmio, um disco que podíamos pegar numa loja de discos depois. Cada membro da equipe ganhou um disco. E eu me lembro das escolhas malucas que tínhamos que fazer! Tinha um colega meu que dirigia naquela época e a gente saiu pela cidade caçando as coisas! Se a gente for parar para pensar é até uma coisa meio perigosa. Porque naquela época o meu amigo dirigia, mas ele não tinha carta (habilitação). Ele era menor de idade, quer dizer, um bando de gente saindo de carro (risos), na cidade, buscando coisas, não é? É até perigoso se você for pensar, não é? Mas foi divertido. Eu gostei.

I.S. – Em relação à disciplina? Como foi essa questão?

R.G. – Eu acho que tinha disciplina sim. Não me lembro de muitas pessoas aprontando em classe. Eu me lembro... Não lembro se foi o irmão Guilherme ou o irmão Ricardo. Tinha essa história do “1º aviso, 2º aviso...”, e aí no 3º aviso nunca ninguém chegou no 3º aviso (risos).

I.S. – (Risos).

R.G. – Isso eu me lembro, não é? Outro episódio também que eu me lembro, também para mim foi chocante, foi uma vez relacionado com drogas. Um colega, que teve uma crise alucinatória no meio da aula, ele levantou e começou a andar, estranho assim no meio da aula, todo mundo dando risada e, achando que ele estava fazendo alguma gozação, mas na verdade ele estava tendo uma crise alucinatória por drogas. Aí a professora, que era Dona Ruth, ela “sacou” na hora, levou ele para um canto e tirou ele da sala, e levou para o pessoal da disciplina, não sei exatamente.

I.S. – Para os orientadores?

R.G. – É para o orientador, ela deu uma bronca em todo mundo da sala: “Vocês precisam entender que isso é uma coisa extremamente séria! A pessoa perde o controle e não pode...”. Aí todo mundo caiu em si porque estava todo mundo levando aquilo como algo muito engraçado... E não tem nada de engraçado!

I.S. – Nada de engraçado!

R.G. – Não tem nada de engraçado. Mas foi uma das poucas vezes que eu tive esse contato com drogas lá dentro da escola. Não me lembro de nenhum outro episódio que tenha acontecido, ou que alguém tenha oferecido alguma coisa, nada.

I.S. – Nunca te ofereceram nada?

R.G. – Não, para mim nunca ninguém ofereceu, a não ser esse colega que certa vez falou que eu precisava ir até a casa dele tomar um chá de cogumelos com ele... (risos). “Mas não, obrigado, eu não quero!”

I.S. – (Risos).

R.G. – Não sei se ele falou isso brincando ou se ele de fato tinha alguma coisa!

I.S. – Pelo visto, ele tinha... (risos).

R.G. – É! Mas assim, não me lembro de nenhum episódio... A gente ouvia dizer... “fulano é drogado”, mas nunca algo concreto. Esse foi realmente o único episódio que realmente aconteceu, foi concreto, que eu testemunhei. Nunca vi ninguém usando droga, coisa assim.

I.S. – O pessoal fumava, não é? Fora da sala de aula?

R.G. – É, mas cigarro comum, não é? Cigarro comum. Por exemplo, hoje em dia você vê o pessoal fumando maconha, essas coisas... Na época as pessoas tinham um pouco mais de receio, eu acho. Não era tanta indisciplina, a disciplina funcionava! Eu acho que o pessoal da disciplina lá conseguia manter as coisas sob controle.

I.S. – Tinha o Baldino (José Baldino).

R.G. – O Baldino, o próprio pessoal da educação física, o Hernani (Hernani Godoy Júnior) também que na época tinha o pulso firme, segurava um pouco essas coisas. O irmão Jerônimo (Jerônimo Schwabe) também. Eles mantinham a situação sobre controle. Nunca vi nenhum tipo de descontrole mesmo.

I.S. – Eu me lembro de que a gente tinha medo dos professores. Pelo menos eu tinha.

R.G. – Agora, eu gostava muito daquele uniforme. Eu achava o “máximo” andar de uniforme, tem várias escolas hoje que liberaram. Eu achava legal ter aquela camisa de bolso com o escudo, entendeu? Aquelas meninas de saia xadrez, eu achava muito legal aquilo lá! Coisa que hoje já não tem, não é? Hoje mesmo lá no próprio Notre Dame o pessoal usa camiseta e não tem aquele uniforme de “gala”, vamos assim dizer como era na época. Eu achava muito legal!

I.S. – Eu gostava bastante. Hoje é mais liberal, mas eu acho que fazia parte... Tinha tudo a ver com o Colégio.

R.G. – É, e eu acho assim, até as premissas, não é, de você colocar todo mundo de uniforme, para você não ter diferença social, não é? Sujeito com roupa de “marca”, sujeito com roupa comum, entendeu? Todo mundo era igual! O máximo que acontecia era o sujeito dobrar a camisa, andar com a camisa aberta, encurtar a saia... Mas assim, não tinha tanta variação e isso eu acho que era bom, tirava um pouco essa distinção social entre as pessoas.

I.S. – Você acha que havia essa distinção?

R.G. – Tinha, tinha. Essa distinção aparecia talvez nos “extras”. Por exemplo, tinha alguns colegas que tinham uns “aparelhinhos” eletrônicos, umas engenhocas, uns joguinhos que eles levavam na aula. Então era ali que dava...

I.S. – Dava para sentir essa diferença.

R.G. – O relógio. Os meninos tinham muito esse negócio de relógio. Nas férias: “Ah, eu fui para Disney!” Isso causava certo desconforto.

I.S. – Eu me lembro disso. Às vezes era um feriado prolongado e o pessoal ia para o Caribe!

R.G. – É!

I.S. – (Risos). Aí dava para perceber como é que era!

R.G. – É! Exatamente!

I.S. – Você tem algum documento que você tenha guardado daquela época, que a gente pudesse reproduzir? Fotos, você tem alguma coisa?

R.G. – Então, foto não tem muitas... Aliás, acho que eu não tenho quase nada de fotos. Eu vou ter fotos só realmente dessas viagens que a gente fez... Nem para Ouro Preto eu não tenho... Fotos da viagem para a Bahia, para Porto Seguro. Essas eu tenho. E tenho também, eu teria que procurar lá, talvez algumas carteirinhas, daquelas de estudante.

I.S. – Se você encontrar e não for te dar trabalho, e também puder “escanear” para mim.

R.G. – Eu precisava procurar realmente. Eu tenho lá algumas coisas guardadas, mas não sei direito o que é que eu tenho. Se eu achar, eu mando!

I.S. – Sem problemas, tá joia. E ficou alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria de falar?

R.G. – Acho que eu consegui expressar aqui... Foi interessante “cavoucar” na cabeça as memórias do passado “aí”, coisas que a gente viveu. Às vezes assim, para complementar, algumas pessoas interessantes, como o Sr. Alcides que era o jardineiro lá. Eu me lembro de que era uma pessoa extremamente simpática e sempre cumprimentava você, sempre alegre, sempre feliz!

I.S. – O sorriso dele!

R.G. – E até a história dele que é uma história triste no final. Porque o pessoal tinha dó dele porque ele ia a pé para Sousas, onde ele morava, todo dia, e deram uma bicicleta para ele de presente para facilitar a vida dele, e ele acabou morrendo exatamente num acidente de bicicleta! E foi atropelado com a bicicleta. Deram a bicicleta para ajudar e no final das contas mataram o sujeito por conta disso, não é?

I.S. – Quem é que vai imaginar uma coisa dessas.

R.G. – Tem uma história... Essa história não é muito boa, mas eu vou contar, assim mesmo.

I.S. – Pode contar.

R.G. – É uma história pós-Notre Dame! Que é a seguinte: quando o meu filho estava pequenininho, cinco, seis, sete anos talvez... Tá com tempo ainda? (Perguntando do gravador).

I.S. – Tudo certo, tudo certo!

R.G. – Houve uma mostra de robótica lá no Notre Dame.

I.S. – Eles têm agora um departamento.

R.G. – Agora tem, mas naquela época foi uma mostra pública. Eles puseram no jornal convidando todo mundo para visitar e eu falei: “Ah, vou levar o Lucas para conhecer os robôs, vamos lá!”. Bom, aí fomos lá para o Notre Dame, fui entrando lá no estacionamento como eu sempre fiz quando era aluno, não é? E chegou lá e o segurança (disse):

- Pois não, o que o Senhor deseja?

- Eu vim aqui para a mostra de robótica.

- Ah, o seu filho é aluno aqui?

- Não, não. Não é aluno.

- Ah, o Senhor não pode entrar. O Senhor tem que parar o carro aqui do lado de fora e descer a pé.

- “Por quê? Tem um estacionamento enorme lá embaixo, não posso parar?” Aí eu falei: “Olha meu amigo, eu estudei durante 20 anos aqui nessa escola (nem estudei vinte anos), mas eu falei, estudei vinte anos aqui nessa escola, como não tem estacionamento?”.

- Ah, o Senhor estudou aqui?

- Sou, sou ex-aluno, estou querendo mostrar a escola que eu estudei para o meu filho.

- Ah, eu vou “quebrar o galho” para o Senhor, pode entrar!

Eu achei extremamente antipática essa atitude. Eles puseram no jornal, convidaram as pessoas para ir lá para ficar bloqueando na porta! Fui meio a contragosto. Mas falei “Bom, agora eu entrei”. Aí deu tudo certo, a exposição estava muito boa, interessante, só realmente ficou um pouco essa sensação de ser bloqueado ali na porta, que denuncia certo elitismo da própria escola, não é? Quer dizer, a escola se colocando, isolando estranhos. Aí quando detectaram que eu não era um estranho, aí eu pude entrar. Mas eu achei de mau gosto esse bloqueio que foi feito lá. É só uma história complementar aí.

I.S. – Bom, eu queria agradecer a entrevista, agradecer por você ter me recebido aqui, poxa, reservar sua tarde para a gente conversar, não é? Obrigada mesmo!

R.G. – Com maior prazer!

I.S. – Para mim é muito importante, não é? Porque além de ser o meu Doutorado, é a minha vida também! Está sendo...

R.G. – Um resgate aí do passado.

I.S. – Fascinante falar com as pessoas, saber da trajetória de vida, o que elas fizeram da vida delas, afinal de contas a gente ficou muito tempo ali dentro, que determinou muita coisa na nossa vida!

R.G. – Com certeza, com certeza!

I.S. – Não tudo, mas muita coisa.

R.G. – Pelo menos a formação. Os primeiros passos.

I.S. – Os valores, as referências. Agora eu vou transcrever e envio para você, aí você lê. E também em relação aos documentos, se você não encontrar, não tem problema. Eu este ano fico aqui, vou ter um tempo grande...

R.G. – Que daria para encontrar. Foi um prazer estar revivendo os momentos aqui.

I.S. – Obrigada!

R.G. – Posso tirar aqui o microfone?

I.S. – Pode. Foi muito legal mesmo.

**FIM DA ENTREVISTA.**